

O IMPOSSÍVEL É APENAS O COMEÇO

INSIGNIA

A ARMA SECRETA



S. J. KINCAID



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



O IMPOSSÍVEL É APENAS O COMEÇO

INSÍGNIA

A ARMA SECRETA



S. J. KINCAID



Editora: Flavia Lago
Editora assistente: Marcia Alves
Tradução: Augusto Calil
Preparação: Alessandra Miranda de Sá
Revisão: Bia Nunes de Sousa
Diagramação: Marcel Votre
Capa: Sammy Yuen (adaptada por Juliana Pellegrini)

Insígnia - A arma secreta

Título original: *Insignia*

Copyright © 2012 by S. J. Kincaid

Published by arrangement with Lennart Same Agency AB.

© 2013 Vergara & Riba Editoras S.A.

www.vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Capital Federal, 263

CEP 01259-010 – Bairro Sumaré – São Paulo – SP

Tel./Fax: (55 11) 4612-2866 • editoras@vreditoras.com.br

ISBN 978-85-7683-

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kincaid, S.J.

Insígnia [livro eletrônico]: A arma secreta / S.J. Kincaid; [traduzido por Augusto Calil]. – São Paulo: V&R Editoras, 2013. 3,9 Mb; ePUB.

Título original: Insignia

ISBN 978-85-7683-573-8

1. Ficção – Literatura juvenil I. Título.

13-09351 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Para meu pai e minha mãe,
por encorajarem meus sonhos e
me darem força suficiente para
não desistir deles.

COALIZÃO DE MULTINACIONAIS

ALIANÇA INDO-AMERICANA

Regiões aliadas: Bloco Euro-Australiano

Países da Oceania

Aliança Norte-Americana

América Central

MULTINACIONAIS ALIADAS:

Dominion Agra

MEMBROS DA COMCAM PATROCINADOS:

Karl "Exterminador" Marsters

Nobridis

MEMBROS DA COMCAM PATROCINADOS:

Elliot "Ares" Ramirez

Cadence "Vespa" Grey

Britt "Touro" Schmeiser

Wyndham Harks

MEMBROS DA COMCAM PATROCINADOS:

Heather "Enigma" Akron

Yosef "Vetor" Saide

Snowden "Novato" Gainey

Matchett-Reddy

MEMBROS DA COMCAM PATROCINADOS:

Lea "Tempestade" Styron

Mason "Espectro" Meekins

Epicenter Manufacturing

MEMBROS DA COMCAM PATROCINADOS:

Emefa "Polaris" Austerley

Alec "Condor" Tarsus

Ralph "Toureiro" Bates

Obsidian Corp.

MEMBROS DA COMCAM PATROCINADOS:

Nenhum

CORPORAÇÕES NACIONAIS

ALIANÇA RUSSO-CHINESA

Regiões aliadas: Federação Sul-Americana

Associação dos Países Africanos

Bloco Nórdico

MULTINACIONAIS ALIADAS:

Harbinger

Lexicon Mobile

LM Lymer Fleet

Kronus Portable

Stronghold Energy

Preeminent Communications

1 0 1 0 0 1 0 1 0 0 0 0 1 0 0 1 1 1 1 0 0 1 0 0 0 0 1 0 1 1 1 1 0 0 1 1 1
0 1 1 1 1 0 1 1 1 0 0 0 0 0 1 0 0 0 0 0 0 0 1 1 0 1 0 0 1 0 0 0 0 0 0 0 0
1 1 1 1 1 0 1 1 0 0 1 1 1 1 0 1 0 0 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 0
0 1 0 1 1 1 0 1 1 0 0 0 1 1 1 1 0 0 1 0 0 1 0 0 1 1 0 0 1 1 1 0 0 1 1 1 1 0
0 0 0 0 1 1 1 1 1 0 0 1 0 1 0 1 0 1 1 0 1 0 0 1 1 1 0 1 0 0 0 1 1 0 0 0 1
0 1 0 1 1 0 0 0 0 1 0 1 0 1 1 1 1 1 1 1 0 0 0 1 1 0 1 1 1 1 1 0 1 1 0 0 1
0 1 0 0 0 1 1 1 1 1 1 0 1 0 1 1 1 0 0 1 0 1 1 0 1 1 1 0 1 0 0 0 1 0 0 0 0
1 1 0 1 1 0 1 1 0 1 1 1 1 1 1 1 0 1 0 0 0 0 0 0 1 0 1 1 1 1 0 1 1 1 0 1 1
0 0 1 1 1 1 1 1 1 0 1 1 1 1 0 0 0 0 1 0 1 1 0 1 0 0 1 0 0 1 0 0 0 0 1 0 1
1 0 1 0 0 1 0 0 1 1 1 0 0 0 1 1 0 0 1 1 1 0 0 1 0 0 1 1 0 1 0 0 1 0 0 0 0

INSÍGNIA

A ARMA SECRETA



NOVA CIDADE, NOVO cassino – e o mesmo velho e bom plano. O cassino Dusty Squanto, no Arizona, facilitou as coisas para Tom Raines, já que ele não teve sequer de pagar para entrar no ambiente de RV, a Realidade Virtual. Mergulhou na sala, acomodou-se em um sofá no fundo e olhou ao redor para a multidão de jogadores, analisando-os um de cada vez. Seu olhar foi atraído para os dois homens no canto oposto e se deteve no alvo.

Aqueles dois, pensou Tom.

A dupla estava de pé com os visores de RV sobre a cabeça, gesticulando com as luvas presas a fios. O simulador de corrida era exibido em altíssima velocidade numa tela logo acima para quem quer que se interessasse em apostar no resultado. Mas ninguém escolheria *aquela* corrida para fazer apostas. Um dos participantes era um piloto habilidoso – percorria a pista virtual com a destreza de um jogador experiente –, e o outro chegava a dar pena de tão ruim. O para-choque do seu carro estava sempre em contato com a parede da arena, e o público de mentira gritava, tentando sair do caminho.

O piloto vencedor soltou uma gargalhada triunfal enquanto seu carro avançava rumo à linha de chegada. Voltou-se para o adversário, estufando o peito, todo vitorioso, e exigiu o pagamento.

No sofá, do seu lugar solitário, Tom sorriu. *Aproveite enquanto pode, amigão.*

Calculou o tempo com precisão, esperando até que o vencedor começasse a contar as notas, antes de se levantar e entrar

casualmente no campo de visão dele. Tom fez questão de tirar, um tanto desajeitado, um dos conjuntos de RV das caixas, passando a colocar as luvas propositalmente do jeito errado, até enfim ajustá-las de modo que o tecido e o revestimento de sensores envolvessem seus braços até a altura dos cotovelos. Com o canto do olho, percebeu que o vencedor da corrida o observava.

– Gosta de jogar, garoto? – perguntou-lhe o homem. – Quer ser o próximo na pista?

Tom devolveu-lhe o olhar esbugalhado e inocente que, ele sabia, tinha o efeito de fazê-lo parecer muito mais jovem do que de fato era. Ainda que tivesse catorze anos, o menino era baixinho e magrelo, o rosto tão coberto de espinhas que as pessoas tinham dificuldade em adivinhar sua verdadeira idade.

– Estou só olhando. Meu pai diz que não posso apostar.

O homem lambeu os beiços.

– Ora, não se preocupe; seu pai não precisa saber de nada. Basta entrar com uma aposta pequena e logo estaremos numa ótima corrida. Talvez você até vença. Quanto dinheiro trouxe?

– Só tenho cinquenta dólares.

Tom sabia que aquele era o máximo que podia dizer sem levantar suspeitas. Se mencionasse uma quantia maior, as pessoas iam querer ver a cor do dinheiro antes de aceitar a aposta. Na verdade, ele tinha apenas cerca de dois dólares no bolso.

– Cinquenta dólares? – repetiu o homem. – É o bastante. Vai ser apenas uma corrida. Sabe pilotar, não sabe? – Ele virou um volante invisível. – Não tem segredo. Pense nisso: se ganhar de mim, terá o dobro dos seus cinquenta.

– Sério?

– Isso mesmo, garoto. Vamos nessa? – Soltou uma gargalhada condescendente. – Prometo que vou pagar se você vencer.

– Mas é que, se eu perder... – Tom deixou a frase no ar, em tom de suspense. – É todo o dinheiro que tenho. Eu... não posso fazer isso. – Começou a se afastar, esperando pelas palavras mágicas.

– Tudo bem, garoto – rendeu-se o homem. – O dobro, ou nada.

Rá!, pensou Tom.

– Se eu vencer – disse o homem –, fico com os seus cinquenta. Se você ganhar, recebe de volta cem. É uma proposta irrecusável. Vale tentar a sorte.

Tom se voltou devagar, lutando contra a gargalhada que se formava em sua garganta. Aquele sujeito já devia estar sentindo o sabor dos fáceis cinquentinhas – havia caído rápido na encenação. A maioria dos cassinos tinha um ou dois jogadores que praticamente moravam nos ambientes de RV, que se consideravam deuses em meio aos pobres mortais e eram capazes de vencer qualquer panaca que tivesse o azar de entrar no território deles. Tom adorava a maneira como aquelas figuras o encaravam: um moleque magrelo e idiota que seria presa fácil diante das habilidades que possuíam. Gostava ainda mais de ver o sorriso deles desaparecer quando os deixava com uma mão na frente e outra atrás.

Por via das dúvidas, Tom decidiu manter a farsa. Fez questão de se atrapalhar todo na hora de colocar o visor de RV.

– Bem, pelo que vejo, acho que temos um apostador. – A voz do homem soou triunfante. – Valendo.

A corrida começou. Os carros ganharam vida com um rugido e passaram a rasgar com fúria o asfalto. Tom registrou na cabeça cada volta completada, dando mostras de inexperiência deliberadamente. Cometeu alguns erros propositais aqui e ali – nunca o bastante para perder muita velocidade, apenas o suficiente para se certificar de ficar atrás do adversário. O homem, empolgado com a confiança e a certeza da vitória, manuseava o volante com gestos amplos das luvas eletrônicas. Conforme a linha de chegada apareceu à distância

e o carro do oponente se posicionou no ângulo certo, Tom permitiu, enfim, que um sorriso se abrisse no rosto.

Bastou um gesto da luva. Ele acelerou o carro com toda a força e se chocou contra o para-choque traseiro do adversário, pisando fundo no pedal. O homem, incrédulo e furioso, berrou ao ver o carro sair da pista numa nuvem de faíscas.

O carro de Tom cruzou com tranquilidade a linha de chegada, enquanto o outro bateu e explodiu contra a lateral da arena.

– Mas o quê... Mas... – gaguejou o adversário.

Tom ergueu o visor.

– Ops. Acho que já joguei isso aqui antes. – Tirou as luvas. – Quer me passar meus cem dólares?

Ele observou, fascinado, enquanto uma veia começou a inchar e latejar na testa do homem.

– Ora, seu... Você não pode... Você acha que...

– Quer dizer que não vai me pagar, é? – Casualmente, Tom lançou um olhar na direção da recente vítima do adversário, agora sentada em um sofá próximo. O motorista nada habilidoso logo se interessou pela discussão entre os dois. Tom ergueu a voz para se certificar de que o outro pudesse entender cada palavra. – Pelo visto, ninguém aqui aposta dinheiro nas partidas... É isso mesmo?

O jogador seguiu o olhar de Tom na direção da vítima, compreendendo a implicação: se não pagasse Tom, o outro sujeito se irritaria por ter lhe dado o dinheiro da aposta.

O homem bufou, parecendo o motor do seu carro arruinado, mas em seguida tirou cem dólares de um monte de notas que tinha no bolso. Enfiou o dinheiro na mão de Tom, murmurando algo a respeito de uma revanche.

Tom ajeitou as notas, deliciando-se com a indignação do outro.

– Se quiser uma revanche, eu topo. O que acha de apostarmos o dobro ou nada outra vez? Bem que eu gostaria de embolsar mais

uns duzentos dólares.

O rosto do homem assumiu uma curiosa tonalidade escarlate; ele decidiu se dar por satisfeito com o prejuízo atual e deixou a sala. Quanto ao novato no sofá, este fez para Tom um grato sinal de positivo com o polegar. Tom devolveu o gesto, metendo depois as notas no bolso. Cem dólares. Em geral, era preciso aplicar o mesmo processo em um número maior de jogadores até ganhar dinheiro o bastante para pagar pela diária do hotel – afinal, as apostas nos simuladores de RV costumavam ser baixas –, mas, numa espelunca como o cassino Dusty Squanto, cem bastariam para um quarto.

A cabeça de Tom já rodopiava com as promessas da noite que tinha pela frente. Uma cama. Televisão. Ar-condicionado. Um chuveiro de verdade. Poderia até voltar para lá e jogar algumas partidas por *pura diversão*.

Mas se deu conta do detalhe fatídico justamente quando chegou à porta: estava num cassino com um ambiente de RV.

Não haveria nenhuma desculpa para perder as aulas naquela tarde.

TOM PERMANECEU no ambiente de RV e entrou no simulador do Reformatório Rosewood pela primeira vez em duas semanas. Nos quatro anos que já havia passado em Rosewood, nunca tinha se ausentado por um período tão longo e já havia perdido a maior parte das aulas daquele dia. Bastou ver a imagem do avatar da sra. Falmouth e sua lousa virtual para que todo resquício de satisfação decorrente de sua vitória acabasse.

Ela voltou de imediato a atenção para o garoto.

– Tom Raines – falou –, obrigada por nos agraciar com sua presença hoje.

– De nada – respondeu Tom. Sabia que aquilo só a irritaria mais, porém dificilmente faria com que a opinião que a professora tinha

dele ficasse ainda pior.

É verdade que ele perdia muita aula. Mas, na maioria das vezes, não fazia aquilo de propósito. Às vezes, faltava à escola por não ter acesso à internet. Tratava-se apenas de mais um dos problemas de ter um pai viciado em jogo.

O pai de Tom, Neil, costumava poupar dinheiro suficiente para terem um teto sobre a cabeça e um pouco de comida na lanchonete. Mas havia dias em que ele saía completamente liso das mesas de pôquer. Nos últimos anos, isso vinha acontecendo com mais frequência, conforme o restante da sorte o ia abandonando de vez. Enquanto Neil gastava todo o dinheiro, e Tom não conseguia encontrar alguém contra quem apostar nos ambientes de RV, os dois eram obrigados a abrir mão de certos luxos, como um quarto de hotel. Acabavam num parque ou terminal de ônibus, ou mesmo deitados nos bancos de uma estação de trem.

Agora, com a sra. Falmouth e o restante da classe o observando, Tom tentou pensar em uma desculpa que nunca houvesse usado para justificar a perda dos últimos dez dias de aula. Tinham sido tantos os dias de ausência, que havia se repetido algumas vezes por acidente. Já usara mentiras sobre o enterro de todos os avós, e até mesmo de alguns bisavós, e era difícil acreditar em tantas “quedas dentro do poço” ou nas várias vezes em que “ficara perdido na floresta”, ou ainda em que “fora atingido por algo na cabeça e ficara com amnésia”, sem que ele mesmo achasse que parecia um grande idiota falando.

Naquele dia, ele tentou se safar com esta:

– Houve um grande ataque cibernético contra todos os ambientes locais de RV. Hackers russo-chineses, sabe? O Departamento de Segurança Nacional interveio e começou a entrevistar todos num raio de quinze quilômetros. Não pude acessar a internet.

A sra. Falmouth se limitou a balançar a cabeça em discordância.

– Não desperdice seu fôlego, Tom.

Tom desabou numa cadeira, desapontadíssimo. Havia caprichado na história daquela vez.

Os avatares de todos os colegas de classe riram dele, como sempre faziam, caçoando do fracassado Tom, que nunca sabia quais eram os trabalhos solicitados, tampouco as datas de entrega; que jamais fazia a lição de casa; que em geral não conseguia sequer participar de uma aula on-line. Afastou os colegas da mente e se ocupou rodopiando um lápis nos dedos – algo surpreendentemente difícil de fazer na RV. Os sensores da maioria das luvas eletrônicas comuns apresentavam uma estranha lentidão no tempo de resposta, e Tom imaginou que aperfeiçoar sua destreza com o equipamento poderia ajudá-lo em partidas futuras. Ouviu um sussurro perto dele:

– *Eu gostei da desculpa.*

Tom lançou um olhar indiferente para a menina a seu lado. Ela devia ter entrado na turma em algum momento das últimas duas semanas. Seu avatar era uma linda morena de atraentes olhos castanho-claros.

– Obrigado. Belo avatar.

– Meu nome é Heather. – Ela sorriu para o garoto. – E isto não é um avatar.

Claro que não, pensou Tom. Ninguém tinha uma aparência daquelas na vida real, a não ser as celebridades. Mas fez que sim com a cabeça, como se tivesse acreditado.

– Meu nome é Tom. E, acredite se quiser, isto – ele indicou a si mesmo com um gesto, como se se orgulhasse da própria beleza – não é um avatar.

Heather riu, pois o avatar dele tinha a exata aparência do próprio Tom: espinhas, corpo magricela e tudo o mais. Com certeza não se tratava de uma imagem que alguém usaria para impressionar outra pessoa em um ambiente on-line.

A sra. Falmouth se voltou para os dois, encarando-os.

– Tom, Heather, já terminaram de me interromper ou ainda precisam de mais algum tempo para bater papo?

– Desculpe – disse Tom. – Já terminamos.

Tom havia tido problemas com a sra. Falmouth desde quando chegara para o primeiro dia de aula sob a forma de Lord Krull, do jogo Celtic Quest. Ela tinha berrado com ele na frente dos demais, chamando-o de insolente, como se tivesse feito aquilo como parte de um plano elaborado para caçar dela na frente da turma toda. Ele só gostava de Lord Krull e do Celtic Quest, apenas isso.

Desde então, Tom passara a frequentar as aulas como ele mesmo. Podendo evitar, jamais entrava na internet com a própria imagem. Tinha a sensação de ter esquecido a pele ao chegar a Rosewood como o Thomas Raines verdadeiro, loiro de olhos caídos, feioso e que estava sempre atrás do pai no mundo real. Nem era preciso dizer que não acreditava sequer por um segundo que a nova colega sentada ao lado se parecesse com aquela linda morena que usava como avatar, assim como achava que Serge Leon, sentado em um canto ao fundo, era arrogante e convencido demais para um jovem musculoso de um metro e oitenta. Era provável que, na vida real, não passasse de um gordinho de menos de um metro e meio.

Mas a sra. Falmouth não parecia se importar com os outros. Sempre que Tom estava por perto, o radar dela parecia se concentrar nele.

– Estamos falando sobre a guerra atual, Tom. Que tal contribuir para o debate. O que é um conflito extraplanetário?

Seus pensamentos se voltaram para as imagens que vira nos noticiários e na internet: naves combatendo no espaço, controladas por pilotos ultrassecretos identificados apenas pelos codinomes.

– Um conflito extraplanetário é uma guerra travada em algum lugar que não seja a Terra. Ocorre no espaço ou em outro planeta.

– E o céu é azul e o Sol nasce no leste. Precisa me dizer algo além do absolutamente óbvio.

Tom parou de rodopiar o lápis virtual e tentou se concentrar.

– As guerras modernas não são travadas entre pessoas. Quer dizer, as pessoas estão envolvidas, porque são elas que controlam remotamente os robôs mecanizados na Terra, mas são as máquinas que participam dos combates de verdade. Se as nossas não forem derrotadas pelas máquinas russo-chinesas, nosso país vence a batalha.

– E quem está envolvido no conflito atual, Tom?

– O mundo todo. É por isso que o chamamos de Terceira Guerra Mundial. – Ela parecia esperar por mais e, assim, Tom enumerou os principais envolvidos com seus dedos virtuais. – Índia e Estados Unidos são aliados, e o Bloco Euro-Australiano está alinhado conosco. Rússia e China são aliadas e recebem o apoio dos países africanos e da Federação Sul-Americana. A Coalizão de Multinacionais, as doze corporações mais poderosas do mundo, está dividida entre os dois lados. E... bem, acho que é isso.

Aquilo era quase tudo o que tinha escutado sobre a guerra. Tom não sabia ao certo o que mais ela queria ouvir. Não saberia relacionar todos os países aliados de um lado e do outro, mas duvidava de que alguém naquela sala soubesse responder aquilo. Havia um motivo para Rosewood ser um reformatório: a maioria dos alunos ali não era capaz de passar de ano nas escolas de verdade, físicas.

– Gostaria de nos explicar uma característica notável desse conflito extraplanetário que o distingue das guerras de eras anteriores?

– Eu... não? – respondeu ele em uma indagação, na esperança de se livrar da pergunta.

– Não estou realmente interessada na sua disposição em explicar. Agora, responda à pergunta.

Tom voltou a rodopiar o lápis. Era assim que a sra. Falmouth gostava de agir. Ela o interrogava até fazê-lo revelar tudo o que sabia, até que metesse os pés pelas mãos e parecesse um idiota. Desta vez, não cairia no truque.

– Não sei. Sinto muito.

A sra. Falmouth suspirou como se não esperasse nada diferente e passou à vítima seguinte.

– Heather, você parece fazer novas amizades com rapidez. Se é capaz de conversar durante a aula logo no primeiro dia, quem sabe também possa explicar a Tom uma característica notável do conflito atual.

Heather lançou a Tom um rápido olhar e depois respondeu:

– Ao travar guerras em outros planetas e evitar combates na Terra, solucionamos as disputas por meio da violência, mas evitamos a maioria das consequências das guerras tradicionais, como ferimentos debilitantes, morte de seres humanos, destruição da infraestrutura e contaminação ambiental. São quatro características notáveis. Quer que eu prossiga, sra. Falmouth?

A sra. Falmouth ficou em silêncio por vários segundos, talvez perplexa com a prontidão de Heather ao responder à pergunta.

– Acho que é o bastante, Heather. Muito... bem articulada a sua resposta. Os conflitos extraplanetários são práticos tanto do ponto de vista social quanto ecológico. – Ela avançou na direção da lousa.

– Gostaria que vocês pensassem em como a natureza do conflito alterou as consequências que enfrentamos...

Heather aproveitou a oportunidade para sussurrar a Tom:

– Desculpe, não queria metê-lo em encrenca.

Tom soltou uma risada e balançou a cabeça em negativa.

– Não foi culpa sua. Esse é o jeito de a sra. Falmouth me mostrar o quanto estava com saudades de mim.

As luvas dele vibraram, indicando que alguém mantivera contato físico com seu avatar. Tom olhou para baixo e viu a mão dela repousando em seu braço. A voz da garota parecia um murmúrio:

– Certeza?

Tom a encarou fixamente enquanto a voz da sra. Falmouth prosseguia:

– ...os conflitos em outros planetas servem a diferentes propósitos...

– Certeza – ele respondeu, tão consciente do toque da garota que era como se ela estivesse bem ali ao seu lado, na vida real, tocando-o de verdade.

A mão de Heather deslizou pelo braço dele e então se afastou. Ela se acomodou de novo atrás da mesa.

Tom se pegou imaginando como seria a aparência real dela. O avatar da garota não parecia ter a idade de uma aluna do nono ano: será que ela era mais velha?

– Com o armamento que usamos hoje em dia – explicou a sra. Falmouth, ainda perto da lousa –, poderíamos destruir a ionosfera, contaminar o planeta com irradiação, vaporizar os oceanos. Ao exportar as guerras e combater Rússia e China em Saturno, por exemplo, em vez de fazer isso na Terra, encontramos uma maneira de usar a força para resolver nossas diferenças com relação à distribuição de recursos sem incorrer nas consequências devastadoras da guerra tradicional, como Heather acaba de explicar. Apesar da célebre frase de Albert Einstein, “Não sei com que armas será travada a Terceira Guerra Mundial, mas sei que a Quarta Guerra Mundial será travada com pedras e paus”, estamos em plena Terceira Guerra Mundial, mas longe de pôr fim à civilização.

A sra. Falmouth fez um gesto com o dedo e a lousa se transformou numa tela.

– Agora, gostaria que nos concentrássemos nas atuais Forças Intrassolares. Quero que pensem nos adolescentes que estão lá decidindo o futuro do país. Vamos assistir a um breve vídeo.

Tom se endireitou na cadeira, observando enquanto a tela exibia uma imagem do exterior do Pentágono e da alta torre que se erguia no meio, a Agulha Pentagonal, mostrando a seguir a redação de um jornal no qual um adolescente de aparência conhecida estava sentado com um repórter.

Tratava-se de Elliot Ramirez.

Tom deixou o corpo afundar na cadeira. Atrás dele, Serge Leon chegou a emitir um lamento de frustração:

– Essa não, lá vem o Bestamirez!

Elliot Ramirez estava por toda parte. Todos o conheciam: o bonito, simpático e sorridente americano de dezessete anos que representava o futuro da supremacia indo-americana no sistema solar. Ele estava em comerciais e quadros de avisos, mostrando seu sorriso reluzente e piscando os olhos escuros em caixas de cereal, frascos de vitaminas, camisetas. Sempre que uma vitória indo-americana era anunciada no noticiário, Elliot era trazido às câmeras para dar uma entrevista e dizer o quanto já estava certo agora que os americanos sairiam vencedores! E, é claro, Elliot Ramirez era o protagonista dos comunicados de utilidade pública da Nobridis, empresa que o patrocinava. Ele era um dos jovens recrutas que controlavam as máquinas americanas no espaço sideral, um dos dedicados americanos envolvidos no combate contra a Aliança Russo-Chinesa, lutando para garantir que o sistema solar ficasse nas mãos dos aliados indo-americanos.

– De onde veio o codinome Ares? – perguntou o repórter a Elliot. – É o nome do deus grego da guerra, pelo que sei. Isso diz muito a respeito de suas habilidades no campo de batalha.

O sorriso de Elliot revelou os dentes brancos do rapaz.

– Não fui eu que escolhi esse codinome, mas creio que meus colegas de serviço militar pensaram que “Ares” era perfeito para mim. Insistiram para que eu o aceitasse. Não pude resistir ao apelo dos meus parceiros de batalha.

Tom riu. Não conseguiu evitar a reação. Vários avatares femininos vieram rodeá-lo, pedindo silêncio.

A imagem na tela mostrou uma cena breve de uma batalha no espaço; uma nave na qual se lia *Ares* voava em direção a um conjunto disperso de naves, com a legenda *Batalha de Titã* exibida na parte de baixo. A voz do repórter prosseguiu, acompanhando a imagem:

– ...atraiu muita atenção nesses últimos anos, sr. Ramirez. Como se sente em relação ao fascínio que o público demonstra sentir por você?

– Para ser sincero, não me vejo como um grande herói, sob essa imagem que muitos fazem de mim. São as máquinas que participam dos combates no espaço. Eu apenas as controlo. Poderíamos dizer que – e a imagem voltou a mostrar Elliot no exato instante em que lançava uma piscadela para a câmera – não passo de um jovem que gosta de brincar com robôs.

Tom se recordava da única entrevista com Elliot Ramirez que havia acompanhado antes daquela. Seu pai estava a seu lado no quarto de hotel, insistindo em ver a entrevista toda de novo e de novo, porque se convencera de que o famoso Elliot Ramirez não era uma pessoa de verdade. Recusara-se a mudar de canal até que Tom concordasse com ele.

– Não é um menino, é uma simulação feita no computador – declarara Neil.

– As pessoas já o viram ao vivo, pai.

– Nenhum ser humano se comporta dessa maneira! Repare como ele pisca a cada quinze segundos, infalivelmente. Cronometre o

intervalo entre as piscadas. E veja só: quando ele ergue as sobrancelhas, elas ficam sempre na mesma altura. O sorriso também. Sempre a mesma largura. É uma simulação de ser humano gerada por computador, eu garanto.

– E com quem a repórter está conversando?

– Ela também faz parte do plano. Quem é o dono da grande mídia? As grandes corporações, é claro.

– Certo. A marca de cereais matinais pôs um garoto de mentira estampado na caixa, e a Nobridis, empresa patrocinadora que Elliot menciona a cada entrevista concedida, também usa como garoto-propaganda um rapaz que seus executivos nunca viram. E quanto a cada senador e celebridade que aproveitam a chance de tirar uma foto ao lado dele? Aposto que fazem um tratamento de imagem para inseri-lo nas fotos, não é? Ah, não podemos esquecer também todas aquelas pessoas na internet que disseram ter conseguido o autógrafo dele... *Tudo* parte do esquema, certo?

Neil quase cuspiu ao responder, tamanha sua fúria.

– Tom, estou lhe dizendo: este tal de Elliot não é uma pessoa de verdade. É assim que a oligarquia corporativa funciona. Querem um rostinho bonito para fazer com que a pauta deles agrade às massas. Um ser humano real é imprevisível. Se criarem no computador uma simulação de ser humano para representar a organização, eles podem controlar cada aspecto dessa representação. Ele não é diferente de um logotipo, um boneco articulado, uma insígnia.

– E você é a única pessoa no mundo que percebeu isso.

– Por acaso você acha que o rebanho domesticado que é o povo americano vai questionar a oligarquia corporativa? Estão todos ocupados demais cumprindo seu dever patriótico, arrancando as vísceras do próprio país para financiar uma guerra cujo objetivo é definir qual diretor executivo da Coalizão vai ganhar o maior iate

este ano. Acorde, Tom! Não quero que meu filho acredite na propaganda do sistema.

– Não, eu não acredito em nada disso – protestara Tom.

Desejava que o pai tivesse razão. Desejava de verdade. Mesmo agora, estudava Elliot, tentando ver nele algo falso, algo que desmascarasse a simulação computadorizada, mas via apenas um rapaz tolo e deslumbrado consigo mesmo, tão apaixonado por si que ria demais das próprias piadas.

– Que mensagem você gostaria de deixar para os espectadores esta noite, sr. Ramirez?

– Quero que saibam que não somos nós, garotos da Agulha Pentagonal, que fazemos o grande sacrifício. Salvar o país é muito divertido! São vocês, contribuintes americanos, que fazem um enorme sacrifício para sustentar a luta pelo nosso país. E, graças à Nobridis, a Aliança Indo-Americana está mais...

– Salvar. O. País. – A sra. Falmouth desligou o vídeo quando Elliot começou a elogiar e promover a corporação Nobridis. – Da próxima vez que acharem que têm muito dever de casa para fazer, quero que pensem no fardo que pesa sobre os ombros deste jovem. Elliot Ramirez está lutando pelo futuro do país, garantindo para nós os recursos do sistema solar, e ninguém aqui o vê reclamando, certo?

O sinal soou no simulador. A sra. Falmouth não teve chance de dispensá-los. Os alunos começaram a deixar o ambiente.

Tom costumava estar entre os primeiros a sair do sistema. Mas não desta vez, pois, assim que ergueu a mão para tirar o visor de RV, Heather interveio.

– Já vai sair do sistema?

A voz dela indicava certo desapontamento. Tom afastou a mão do equipamento.

– Ainda não.

Ela arrastou a carteira para mais perto, fazendo com que ambos ficassem lado a lado. Perturbado, Tom sentiu as mãos suando dentro das luvas sensoras.

– Dá para acreditar nesse Elliot Ramirez? – perguntou Heather, afastando o cabelo dos olhos. – O ego dele quase explode para fora da tela, você viu? Por puro instinto, tenho vontade de me proteger sempre que o vejo.

– Não posso acreditar que você seja uma menina de verdade se não morre de amores por Elliot Ramirez – respondeu Tom, aprovando o senso crítico dela. Foi então que se deu conta: talvez ela não fosse realmente uma garota. Podia muito bem se tratar de um sujeito usando um modificador de voz que houvesse invadido o canal da escola.

– Digamos apenas que acredito saber o bastante a respeito de Elliot para não me deixar levar pela empolgação geral. – Havia algo na voz dela que fazia Tom se perguntar se não havia entendido algum tipo de piada direito.

– Mas você é *mesmo* uma garota? – Tom não pôde resistir à pergunta.

– Certeza.

– Bem, acho que só acredito vendo.

– Esse é seu jeito de me convidar para um bate-papo com vídeo?
– provocou Heather.

Tom não tinha pensado no convite. Recuperou-se prontamente da surpresa.

– Sim...

Heather enrolou um cacho do cabelo escuro nos dedos.

– Esta é mesmo uma escola on-line – disse, brincalhona. – Bate-papo com vídeo é a versão de um encontro aqui em Rosewood?

Tom abriu e fechou a boca. A voz dela não parecia indicar que detestaria a ideia.

– Quer que seja um encontro?

Heather sorriu.

– Em qual endereço de rede você vai estar amanhã, Tom?

APENAS METADE dele estava presente no momento em que deu a ela seu endereço de rede, prometendo que estaria exatamente no mesmo endereço no dia seguinte, quando então os dois se encontrariam. Tom não se importava com o fato de terem marcado um encontro quase de madrugada, duas horas antes do início das aulas. Heather lhe dissera que aquilo era por causa do fuso horário no qual se encontrava. Tom decidiu que ficaria acordado a noite inteira se fosse preciso. Seu cérebro parecia estar num turbilhão. Ele tinha um encontro... bem, mais ou menos. Com uma garota de verdade, real... Ao menos, era essa a esperança dele.

Depois que ela saiu do sistema, permaneceu perto da carteira, embora na verdade estivesse sentado imóvel no sofá do ambiente de RV, olhando fixamente para o espaço vazio onde ela estivera antes, a dimensão de ter convidado pela primeira vez uma garota para um encontro e ter recebido sim como resposta ainda lateja em seu cérebro. E pensar que havia achado que aquele dia seria como outro qualquer...

Alguém pigarreou.

De súbito, Tom reparou que ele e a sra. Falmouth eram os únicos que continuavam na sala de aula virtual.

– Estava prestes a sair do sistema – justificou-se Tom com rapidez, erguendo a mão no mundo real para tirar o visor do rosto.

– Ainda não, Tom – disse a sra. Falmouth. – Fique mais um pouco. Acho que precisamos conversar.

Ah...

Um peso se instalou no peito de Tom, porque ele praticamente já esperava por aquela conversa, que não seria nada boa.

– Vamos à minha sala. – A sra. Falmouth moveu os dedos para alterar o programa, e o cenário ao redor deles mudou para uma sala particular. Ela se acomodou a um dos lados da mesa imponente. Tom foi até a cadeira do lado oposto, aguardando alguma indicação do que ela esperava ouvir antes de deixá-lo em paz desta vez.

– Tom – disse ela, cruzando os dedos das mãos sobre a mesa –, estou preocupada com sua frequência nas aulas.

Tom deixou escapar um suspiro.

– Imaginei que estivesse.

– Você foi trazido a esta instituição porque, de alguma maneira, seu pai permitiu que chegasse aos onze anos de idade sem ter sido matriculado na escola. Trabalhamos muito para ajudá-lo a acompanhar o currículo, mas não me parece que esteja progredindo no mesmo ritmo que o restante da turma. Na verdade, se levarmos em consideração o fato de que você quase nunca comparece às aulas, toda essa situação está me parecendo bastante inaceitável.

– Talvez eu precise de uma escola alternativa – sugeriu Tom.

– Esta já é uma escola alternativa. É o fim da linha.

– Eu tento.

– Não, não tenta. E o pior é que seu pai também demonstra o mesmo desinteresse. Percebe que você perdeu duas provas e um trabalho de história na semana passada?

– Não havia nada que eu pudesse fazer.

– Hackers russo-chineses, não é? – ela falou. – Ou talvez tenha sido levado como refém por terroristas outra vez, ou pela correnteza do mar até uma ilha deserta sem acesso à internet?

– Não exatamente. – Mas ele adoraria usar uma desculpa daquelas em alguma ocasião no futuro.

– Tom, você não está levando nada disso a sério, e esse é o problema. Não estamos num jogo bobo: falamos do seu futuro, e você o está jogando pela janela com as duas mãos. Há um mês você

me prometeu que nunca mais faltaria às aulas. – O avatar da sra. Falmouth o encarou com intensidade nada natural, sem piscar. – Assinamos um contrato de ensino, lembra-se?

Tom não acrescentou que ela o fizera prometer que não faltaria mais às aulas. O que ela esperava que ele dissesse? A verdade? Teria sido melhor se ele admitisse logo de cara que era bem provável faltar à escola nos próximos dias? Ela gritaria com ele por “ser insolente” outra vez.

– A questão não sou eu – prosseguiu a sra. Falmouth. – Nem se trata do seu pai também: falamos de você, Tom. Quero que entenda que, sejam quais forem as medidas que eu adotar daqui para frente, elas serão para seu próprio bem. Não posso assistir passivamente e permitir que um rapaz de catorze anos tenha a vida inteira corrompida por um pai irresponsável que não se preocupa em lhe proporcionar um ensino adequado.

Tom endireitou o corpo e sentou com as costas retas, tanto no simulador quanto no ambiente de RV.

– O que quis dizer com *sejam quais forem as medidas que adotar daqui para frente?*

– Quis dizer que existe um mandado judicial exigindo que compareça às aulas, e você não está comparecendo. Na semana passada, relatei sua ausência ao Serviço de Proteção à Criança e ao Adolescente.

O corpo de Tom se encolheu, como se houvesse levado um soco no estômago. Aquilo não ia acabar bem. Talvez não estivesse alcançando grandes feitos nem progredindo de maneira vertiginosa sob os cuidados de Neil, mas sem dúvida a vida em um lar adotivo não seria uma existência de esperança e oportunidades.

E não podia sequer conceber a ideia de morar na casa da mãe.

De jeito nenhum, nem pensar mesmo.

Dalton, o namorado dela, a sustentava em um apartamento chique em Nova York. Tom a tinha visitado uma vez, uma única vez, e o conheceu na ocasião. Dalton Prestwick era um executivo rico, dono do próprio iate, que trabalhava para a Dominion Agra, uma das grandes multinacionais. Era encarregado de fazer respeitar os direitos autorais e de propriedade da empresa, ou algo do tipo.

Dalton o medira de cima a baixo como se Tom fosse algo nojento grudado na sola do seu sapato e dissera:

– Meus advogados documentaram tudo de valor que há nesta casa, moleque. Se alguma coisa sumir, você vai parar no lar para menores infratores.

Ah, a propósito, Dalton já tinha uma esposa. E outra namorada. Além da mãe de Tom.

– Não há nenhum outro lugar para onde eu possa ir, sra. Falmouth. Sei que a senhora acha que está me fazendo um favor, mas não está. Garanto que não.

– Você está com catorze anos, Tom. O que espera fazer da vida quando precisar se sustentar daqui a alguns anos? Espera viver de jogos de azar, sem endereço fixo, como seu pai?

– Não – respondeu ele de imediato.

– Viver de jogos eletrônicos?

Ele não sabia ao certo até que ponto a sra. Falmouth estava informada a respeito de suas atividades nos jogos, mas não respondeu nada. Se ela lhe perguntasse quem planejava ser, talvez fosse exatamente esta a resposta: anunciaria que um dia pretendia ganhar a vida exatamente como fazia agora.

Mas depois refletiu como seria viver assim para sempre, imaginando não chegar a lugar nenhum na vida... A ideia de ficar parecido com o pai...

De repente, aquilo tudo fez Tom se sentir zozinho, como se um nó se formasse dentro de si, provocando enorme náusea.

A sra. Falmouth se recostou na cadeira.

– Está competindo numa economia global, Tom. De cada três americanos, um está desempregado. Você precisa do ensino para se tornar um engenheiro, um programador, preencher qualquer outra posição que possa ajudar a indústria da defesa. Precisa do ensino para ser um contador ou um advogado, e precisa conhecer pessoas para arrumar trabalho no governo ou nas corporações. Quem você acha que contrataria um jovem como você, quando há tantos candidatos talentosos por aí necessitando desesperadamente de um emprego?

– Ainda faltam anos para isso.

– Finja que será amanhã. O que vai fazer da vida? Qual é seu talento?

– Meu talento é... São... – ele se calou.

– Qual é?

Tom não conseguiu responder nada diferente, portanto verbalizou o que estava em sua mente.

– São os jogos.

A palavra pairou no ar entre eles, e Tom teve a impressão de que ela soara um tanto deprimente.

– Podemos dizer o mesmo do seu pai, Tom. *Onde* ele está agora?

QUANDO Tom era pequeno, Neil parecia ser um verdadeiro deus aos olhos dele. Seu pai não tinha um emprego chato como os demais: era um jogador. Bebericava seu martíni como James Bond e ganhava no blefe o dinheiro dos outros. Tom cresceu ouvindo histórias de como o pai costumava ser levado de avião, com todas as despesas pagas, para participar de torneios para jogadores profissionais de pôquer, ficando nas maiores suítes nos andares mais altos dos melhores hotéis e dando às camareiras gorjetas de milhares de dólares. As mulheres sempre encontravam motivos para falar com ele, mas Neil as dispensava como se fossem invisíveis, pois era apaixonado pela mais linda de todas.

Ainda menino, Tom acreditara no sonho. Tinha certeza de que os dias de glória do pai voltariam. A qualquer momento, Neil se converteria de novo no vencedor que havia sido e permaneceria no mesmo endereço, e a mãe de Tom também voltaria, muito arrependida por tê-los abandonado.

Mas agora, aos catorze anos, Tom constatara que o pai não era mais convidado nem mesmo para os campeonatos cujas passagens de avião eram pagas pelos participantes, e a mãe continuava afastada. Eles nunca ficavam no mesmo lugar por mais de uma semana ou duas, e tal situação jamais mudaria. Tom não esperava que mudasse. Estava velho demais para acreditar em contos de fada.

Guardou as luvas sensoras no contêiner do ambiente de RV, com as próprias palavras ecoando na cabeça: *Meu talento são os jogos.*

Levou as mãos aos bolsos e ignorou o medo até que ele se tornasse apenas uma dor em suas entranhas.

Tentou focar seus pensamentos em outro acontecimento importante do dia: Heather. Seu cérebro zumbia com a lembrança das palavras dela, com o sorriso que ela lhe dera ao pensar que ele a havia convidado para sair. Ainda pensava nela mais tarde, à noite, ao pagar a diária de um quarto duplo na recepção, e estava tão elétrico à espera da madrugada seguinte que só conseguiu adormecer bem depois da meia-noite.

Foi então que o pai chegou ao quarto, cambaleante.

Neil acendeu as luzes e o brilho se derramava através das pálpebras de Tom. As molas rangeram quando ele sentou na outra cama.

– Conseguiu pagar pelo quarto outra vez, Tommy? Sempre posso contar com você. Bom menino... Você é um bom rapaz.

Tom abriu um pouco os olhos, apertando-os contra a luz forte para ver Neil afrouxar a gravata em gestos desajeitados.

– Pai, pode apagar as luzes?

– Vamos sair dessa um dia, não é, Tommy? – perguntou Neil, a voz arrastada. – Na próxima grande vitória, tudo isso vai ficar para trás. Já era.

Tom tomou coragem para sair de sob as cobertas e cruzou o quarto para apagar as luzes ele mesmo.

– Só preciso de uns cem mil – prosseguiu Neil. – Desta vez, não vou desperdiçar... perder tudo de novo. Vou alugar um apartamento. Maior que o buraco que o babaca do Dalton deu para sua mãe. Talvez te mande para uma escola de verdade, um dia. Num prédio de verdade, sabe? – Ele lançou um sorriso amarelo para Tom. Com o colarinho desabotoado, o cabelo desgrenhado, o rosto sujo e a barba por fazer, parecia um maluco.

Tom apagou a luz. Neil era sua família. E sabia que o pai sempre estaria presente para ele. Mas, desde a primeira vez que os assistentes sociais o haviam questionado por causa das ausências na escola, e Tom começara a reparar em como era a vida dos outros colegas, passara a refletir mais sobre sua situação.

A verdade é que, antes de Rosewood, tinha imaginado que viver dessa maneira fosse normal. Pensara que toda aquela história de lares, escolas e jantares à mesa não passava de uma fantasia. Neil sempre dizia que era “propaganda corporativa fabricada para promover a servidão vitalícia por meio do endividamento”.

Mas não era propaganda. Não era. É claro que muita gente vivia em condições piores. Muita. Havia famílias nas ruas, reunidas em favelas, morando em prédios condenados e fábricas abandonadas. Mas existiam também pessoas como Serge Leon, que moravam no mesmo lugar durante anos, e Serge sabia onde ia dormir na noite seguinte. Tom não era capaz de prever coisa alguma. Tudo o que sabia é que estaria com Neil em algum lugar. Como agora.

Como *agora*.

Uma sensação terrível e sombria se apoderou dele enquanto os roncos do pai invadiam o quarto de hotel. Mesmo com o ar-condicionado ligado no máximo, o som trovejava em suas orelhas. Revirou-se na cama, apertou o travesseiro contra a cabeça, tentando abafar o barulho, mas era como ignorar um furacão. O ruído só aumentava.

Enfim, Tom desistiu de dormir e afastou as cobertas do corpo.

Precisava atirar em alguma coisa.

O AMBIENTE DE RV estava vazio às cinco e meia da madrugada, uma solitária sala composta por sofás e telas escuras. Tom se acomodou no sofá do meio, pôs um visor na cabeça e procurou entre a lista de jogos um título que o agradasse, como *Die, Zombies, Die*. Duas

horas mais tarde, tinha avançado em meio a explosões, tiros e golpes, até chegar ao nível nove, conquistando uma bazuca. Estava ocupado abrindo um belo rombo no tronco da Rainha dos Zumbis quando a imagem do jogo oscilou e se apagou ao redor dele.

– Ei! – queixou-se Tom, colocando a mão no visor para tirá-lo do rosto, interrompendo o gesto quando este, de repente, passou a mostrar outra imagem.

As pequenas telas posicionadas diante de cada olho brilharam com uma luz vermelha que logo ganhou foco, como uma ampla paisagem marciana. Tom olhou ao redor, surpreso. Era como se houvesse, sem querer, ativado um novo jogo dentro do jogo.

Decidiu descobrir o que o esperava.

A primeira coisa em que reparou foi a roupa e o armamento com os quais seu personagem estava equipado. Usava uma roupa espacial. Jogava com um modelo humano, portanto. No horizonte, reparou em um tanque que avançava pela paisagem vermelho-sangue. Um balão informativo surgiu na tela dizendo-lhe que o inimigo estava num tanque movido a hidrogênio e que o objetivo era matar ou morrer.

O canhão cilíndrico apontou na direção dele, e seu coração disparou. Deu meia-volta, movendo-se tão rápido quanto seu personagem era capaz de fazer, e mergulhou numa trincheira segundos antes de um violento disparo lançar areia no ar por toda parte ao redor. Rastejou pela névoa até chegar ao abrigo de artilharia mais próximo. Outro disparo passou raspando, e ele se encolheu no abrigo improvisado.

Um estrondoso rangido ecoou pela atmosfera marciana enquanto o tanque avançava na direção dele, como um paquidérmico anjo da morte. Ondas de excitação e adrenalina percorriam o corpo de Tom. Não estava acostumado a entrar num simulador assim, às cegas. A pontaria do tanque se tornaria melhor conforme este se

aproximasse, e nem o abrigo de artilharia seria capaz de salvá-lo. Era preciso acabar com o inimigo antes disso.

Tom tentou compreender no que aquela situação implicava: numa incursão. Tratava-se de uma brincadeira que alguns jogadores faziam com outros ao invadir o sistema deles para desafiá-los num simulador. Ninguém havia feito uma incursão contra ele antes, e Tom não fazia incursões contra outros jogadores por não saber como.

Sentia-se quase radiante ao pensar na própria sorte. Torceu desesperadamente para que o adversário fosse de fato um jogador muito habilidoso, alguém espetacular. Uma pessoa que tivesse chances reais de vencê-lo. Tom seria capaz de matar em troca de um desafio de verdade.

Lançou um olhar ao redor. Estava preso num beco sem saída, em completa desvantagem. A única arma que tinha ao alcance era um rifle de dispersão ionossulfúrica deixado no solo avermelhado. Ao longe era possível avistar outros abrigos, cada qual com a lateral marcada por símbolos que revelavam o armamento contido em seu interior: um deles tinha granadas e o outro, canhões antitanque C29. De acordo com o balão informativo que surgiu no canto do visor, aquela munição era exatamente o necessário para abater o tanque, mas como seria possível chegar até lá sem ser atingido?

O chão estremeceu com outro disparo. Suas luvas tremeram com o estrondo. Tom aproveitou a cobertura proporcionada pela névoa avermelhada e saltou na direção da arma ionossulfúrica. Apanhou-a e se recolheu de novo no abrigo. Um rifle bastante fácil de manusear, ao menos de acordo com o balão informativo que logo surgiu na tela. Fraco demais para acabar com o tanque, mas seria o bastante para produzir alguns disparos, ocultar os arredores em uma película esbranquiçada e criar certa distração. Era preciso dar um disparo, usar a névoa como cobertura e chegar ao abrigo antitanque, mas e depois?

O ruído das esteiras do tanque estava cada vez mais próximo, e Tom percebeu a falha em seu plano: era provável que o adversário, quem quer que fosse, soubesse que o abrigo com o C29 seria o destino certo de Tom em busca da vitória. Se fosse ele dentro do tanque, não só já esperaria pela névoa sulfúrica, como contaria com ela. Obteria as coordenadas do abrigo antitanque com antecedência, aguardaria alguns segundos e então dispararia uma saraivada naquela direção, interceptando o caminho até a arma.

A estratégia de Tom não poderia ser tão óbvia. Teria de pensar em algo mais imprevisível.

Assim, fez questão de demonstrar que cometia um erro fatal. Disparou o rifle ionossulfúrico, envolvendo a atmosfera em torno do tanque em uma névoa branca.

Mas não avançou para o canhão antitanque.

Saltou para fora do abrigo e correu direto para o tanque, usando a posição mais recente e sua velocidade para calcular onde o veículo estaria, e desviou para o lado antes que o tanque saísse da nuvem esbranquiçada e o atropelasse. O estrondo que fez tremer tudo ao redor enquanto o tanque avançava lançou o personagem dele ao chão. Tom viu o vulto metálico emergindo da névoa branca e correu atrás dele.

Pulou sobre o gigante de metal e buscou algo em que pudesse se segurar, agarrando-se à parte traseira. Depois de alguns gestos com as luvas sensoras, o personagem de Tom estava sobre o tanque, bem acima da tranca da escotilha. *Aquilo* era algo que o rifle ionossulfúrico seria capaz de explodir. Apontou para a tranca, explodindo-a com um disparo, e a escotilha se abriu antes que o piloto do tanque percebesse que seu fim se aproximava, vindo do teto do veículo.

Com uma gargalhada triunfal, Tom entrou pela escotilha, caindo de pé na superfície da cabine. Avançou rumo ao corpo do piloto, que

se debatia. Ele não usava roupa espacial; não estava preparado para enfrentar a atmosfera. Os gases em seu interior tentavam escapar pela pele e se dissipar na atmosfera rarefeita de Marte.

– Bela tentativa, amigo – comentou Tom, golpeando o adversário na cabeça com a coronha do rifle, depois de novo e de novo, até ver o oponente imóvel.

Tom largou a arma e se acomodou ao lado do corpo inerte, esperando pelo próximo nível, torcendo para que o adversário responsável pela incursão não fugisse com o rabo entre as pernas.

Mas, então, o corpo mudou de forma. Tom se levantou diante da surpresa e observou, fascinado, o homem em traje de combate se transformar em uma mulher. Em uma menina.

Ela se sentou, endireitando o corpo, afastou o cabelo escuro dos olhos e lhe lançou um sorriso lento e encantador. Tom ficou de boca aberta, tão incrédulo que parecia ter sofrido uma pane mental.

– Heather. – Compreendeu que era *ela* a jogadora responsável pela incursão... Fora *ela* que o desafiara num simulador. Tom se perguntou se a sensação de espanto e excitação que lhe percorria o corpo seria aquilo que chamavam de paixão. – Você também é boa com jogos eletrônicos!

– Não exatamente, Tom. – Havia uma espécie de ar provocador na voz dela. – Parabéns. Você foi aprovado.

– Aprovado... no quê?

Mas ela desapareceu, e a simulação se apagou. Tom olhou para a escuridão, confuso, ouvindo em seguida um lento e constante som de aplauso encher seus ouvidos.

Seus ouvidos *reais*.

Tom ergueu o visor e se voltou para a outra pessoa que estava no ambiente de RV.

O recém-chegado era um homem mais velho, de cabelos grisalhos; rosto pálido e alongado; nariz redondo; trajava um

uniforme militar completo. Levantou-se do sofá, que ficava do outro lado da sala, e percebeu com certo desconforto que o sujeito deveria estar ali há algum tempo, observando-o.

– Bem – disse o homem –, você é tudo o que esperava que fosse, Raines. A maioria não consegue sequer chegar ao tanque na primeira tentativa. – Ele tocou a própria orelha e falou para alguém: – Confirmação visual positiva; é Raines. Pode sair do sistema. O endereço de rede confere. Bom trabalho, Heather.

Todo o processo de transição do Tom virtual para o Tom real sempre lhe dava uma sensação estranha; sentia-se tolo mesmo quando não era apanhado de surpresa por algum desconhecido que o havia observado enquanto jogava.

– Espere, você conhece Heather? Foram vocês que prepararam esse simulador?

– A srta. Akron me ajuda como uma espécie de investigadora – esclareceu o velho. – Estou procurando você há um mês, filho. Não é fácil rastreá-lo. Assim que ela obteve o endereço de rede no qual seria possível encontrá-lo hoje, embarquei num avião. Queria submetê-lo àquela situação pelo menos uma vez antes de tomar minha decisão, mas tinha certeza de que não me desapontaria. E não desapontou mesmo.

Os pensamentos de Tom voltaram às constantes afirmações do pai – *A Receita Federal adoraria pôr as mãos em mim* –, deixando-o apreensivo. Mas, pensando bem, aquilo poderia ter algo a ver com a ameaça que a sra. Falmouth fizera no dia anterior, mencionando ter chamado o Serviço de Proteção à Criança e ao Adolescente. Fosse como fosse...

– Por que andou procurando por mim?

– Digamos apenas que tenho procurado por jovens que se encaixem num determinado perfil, e você está no topo da minha lista. Um de meus oficiais o descobriu em uma rede de jogos

eletrônicos, mas você não parou de se mudar para novos locais, antes que pudéssemos fazer contato. Observei sua disputa contra um adversário aqui mesmo neste salão na noite passada. Foi uma jogada astuciosa naquela simulação de corrida.

Tom congelou.

– Ah, você viu aquilo?

– Também o assisti muitas outras vezes. No sul da Califórnia. No Novo México.

Tom fixou o olhar na ponta arredondada do nariz do homem, pensando rápido em alguma desculpa. Não tinha feito nada ilegal... Bem, nada ilegal *exceto* se envolver em apostas sendo menor de idade. Aquilo já não era suficientemente fora da lei? O que poderia dizer? Como explicar seus atos?

– Não o vi pessoalmente – garantiu o homem. – Recebi vídeos de algumas de suas partidas anteriores. Sei que este não é o primeiro cassino que frequenta. Você é um jogador experiente; estou impressionado.

Tom piscou algumas vezes com rapidez.

– Impressionado? – Não era o que esperava ouvir.

– Meu nome é general Terry Marsh. Como deve saber, o governo monitora o país em busca de alguns de nossos jovens mais promissores para recrutá-los como combatentes na guerra.

Tom não respondeu nada. As palavras não haviam entrado na cabeça dele ainda.

Marsh prosseguiu:

– Estou aqui porque precisamos de alguém como você na Agulha Pentagonal.

A Agulha Pentagonal.

A *Agulha Pentagonal*. Onde os Combatentes das Forças Intrassolares treinavam. Onde pessoas como Elliot Ramirez moravam.

Tom começou a entender o significado daquilo. Afastou-se do homem com uma gargalhada.

– Certo, quem foi que mandou você aqui para tirar esse sarro de mim? Não sou um paspalho. Não sei qual é a brincadeira, mas não vou cair nessa.

– É uma pena ouvir isso – comentou Marsh, o tom de voz seco. – A maioria dos adolescentes ficaria muito entusiasmada com a oportunidade de se juntar aos nossos combatentes.

Tom voltou a encará-lo, pois o velho parecia falar com seriedade e, além disso, usava um uniforme militar.

– Está brincando comigo, não é? Só pode estar.

Marsh fez um gesto indicando a ele que se sentasse.

– Sr. Raines, deve ter ouvido falar da situação atual da guerra. Estou certo de que ouviu.

Tom se manteve onde estava.

– Não moro em uma caverna.

– Vou interpretar isso como uma resposta afirmativa. Antes, confiávamos a programadores a missão de controlar as máquinas indo-americanas que combatem em todo o sistema solar. Eles criavam programas que determinavam as ações daquelas máquinas; ações que tinham como base a lógica. A Aliança Russo-Chinesa adotou a mesma estratégia e, com isso, o combate se tornou bastante previsível. O resultado era determinado de antemão e, muitas vezes, permanecia o impasse. Então, decidimos ser mais astutos. Inserimos o fator humano no comportamento das máquinas.

– Os combatentes.

– Não, primeiro usamos hackers. Eles interferiam no software russo-chinês. Mas a Rússia e a China passaram a usar também os próprios hackers, e voltamos ao impasse anterior. Porém, os militares russo-chineses deram um passo além, conferindo a seres

humanos o controle efetivo das máquinas de combate. Estrategistas. Pensadores que fugiam ao convencional, capazes de assumir riscos. Pessoas imprevisíveis. Jovens, em geral, pois adolescentes têm certos atributos fundamentais para esse tipo de combate. Por isso, agora também temos jovens nas linhas de frente, jovens que desempenham um papel crucial no nosso esforço de guerra.

– Jovens como Elliot Ramirez – ressaltou Tom.

Em outras palavras, jovens talentosos, promissores, do tipo que produziam resultados ambiciosos. Jovens que nada tinham a ver com ele.

– Isso mesmo – respondeu o general, sem perder o entusiasmo. – Elliot tem um conjunto especial de qualidades que contribuem com nossas forças. Carismático, charmoso e, além disso, muito habilidoso em patinação artística.

Tom deixou escapar uma risada. Não pôde se conter ao imaginar Elliot Ramirez vestindo um traje cheio de lantejoulas.

Os olhos de Marsh se estreitaram.

– Caçoe o quanto quiser, juvenzinho, mas aquele rapaz tem um DNA de ouro. Teria sido um sucesso espetacular, não importa o que tentasse fazer. Se não estivesse conosco, é bem provável que Ramirez competisse nos Jogos Olímpicos. Para nós, o que conta é o potencial. Procuramos pessoas promissoras, capazes de empregar estratégias eficazes contra os combatentes russo-chineses. Podemos treinar nossos recrutas, podemos torná-los melhores do que jamais imaginaram ser, mas... e quanto ao potencial? É a única qualidade que não somos capazes de criar. Ramirez trouxe algo único à corporação. E esperamos que você possa fazer o mesmo.

A sensação de incredulidade tomou conta de Tom. Era impossível que aquilo estivesse mesmo acontecendo.

– Precisa que eu lhe dê provas, Tom?

– Sim – respondeu Tom de imediato.

– E se eu lhe mostrar uma Moeda-Medalha? – Marsh tirou uma moeda do bolso. – Os membros da Força Aérea...

– Mostram isto uns aos outros para provar que fazem parte das forças armadas, eu sei. Já participei de um milhão de simuladores militares. – Tom apanhou a moeda e a virou nas mãos, reparando na insígnia da Força Aérea gravada no verso.

Marsh a pegou de volta e pressionou a ponta do dedo sobre o logotipo.

– General de Brigada Terry Marsh, Força Aérea americana – disse o velho. Uma luz verde piscou na superfície da moeda, confirmando de uma só vez voz, identidade, impressão digital e DNA.

Tom olhou para a rechonchuda ponta do dedo de Marsh, que apertava a moeda, tentando imaginar como alguém conseguiria falsificar a tecnologia da Força Aérea. A outra possibilidade, a ideia de que aquele tal general realmente estivesse ali procurando por ele, era tão incrível que parecia não entrar em sua mente de maneira alguma.

– Basta para dispersar suas dúvidas? – perguntou Marsh, acenando com a moeda entre os dedos.

Tom olhou fixamente para a moeda, em seguida desviou o olhar para Marsh.

– Está aqui por minha causa mesmo? Acha que eu poderia ser um combatente?

– É uma grande oportunidade, Tom. Damos aos recrutas aulas de teoria estratégica e, se demonstrarem talento, oferecemos a eles a chance de serem os combatentes que comandam nosso arsenal mecanizado intrassolar. Em casos como o seu, as habilidades cognitivas e os reflexos estimulados por esses jogos e simulações lhe conferem o preparo perfeito para operar máquinas de combate.

– É por isso que me escolheu? Porque sou bom com jogos eletrônicos?

– Exato. É por isso que o queremos.

Tom se lembrou da sra. Falmouth. As palavras dela ecoaram em seu cérebro: *O que vai fazer da vida? Qual é seu talento?*

Aparentemente, a resposta estava ali: salvar o país, como Elliot Ramirez.

– E essa vitória rápida no teste que fizemos – prosseguiu Marsh – é sua coroação máxima, por assim dizer. Você seria perfeito para nós.

Tom fechou os olhos e os abriu, esperando descobrir que tudo não passava de um sonho de glória. Mas Marsh continuava lá; o ambiente de RV era real.

Marsh fez um gesto afirmativo com a cabeça em resposta a algo que vira no rosto de Tom.

– Isso mesmo, filho. Seu país precisa de você na Agulha Pentagonal. A pergunta é: será que você é homem o bastante para ganhar uma guerra para nós?

– DE JEITO NENHUM – disse Neil.

Tom estava sentado na beirada da cama, no quarto do hotel. Neil bebericava um drinque, fazendo jus à sua filosofia de que um bom drinque era a única cura garantida para uma ressaca, como gostava de dizer. A simples menção do encontro de Tom com o general Marsh fez cada ruga de seu semblante saltar aos olhos.

– Pai, não posso perder essa oportunidade. – Tom folheava o formulário de consentimento familiar que Marsh tinha lhe entregado. – Vão me treinar e fazer de mim um combatente. E é pelo bem do nosso país...

– Não é pelo nosso país que você vai guerrear, Tom. – Um gesto brusco da mão de Neil fez o líquido laranja do drinque transbordar do copo. – Nossas Forças Armadas lutam para garantir o direito de exploração extraplanetário dos minerais para a Nobridis. Os russo-

chineses estão na disputa para defender os interesses da Stronghold Energy. As guerras não são mais entre países! As multinacionais usam exércitos pagos com o dinheiro do contribuinte para travar conflitos privados e vendem essa estratégia ao público vestindo-a com o manto do patriotismo. Tudo não passa de uma grande disputa entre os membros da Coalizão para ver quem será o diretor executivo mais rico do sistema solar!

Tom já tinha ouvido aquilo antes. Todo aquele papo contra os poderosos e a sociedade que Neil gostava de repetir. Vinha com o mesmo discurso sempre que alguém lhe perguntava por que nunca tinha se fixado num emprego de verdade (*Por que nunca entreguei minha vida à servidão corporativa, você quer dizer?*) ou pago impostos (*Tenho causas melhores para sustentar com meu dinheiro do que recheiar os cofres das multinacionais!*).

Assim, Tom se pôs a estudar o formulário de consentimento sem dar ouvidos ao pai.

– Sabe como os militares tratam as pessoas, Tom? Eles as mastigam e as cospem, é assim que fazem. Para eles, você não passa de um equipamento. E tudo isso para quê? Não é pelo país, e sim para encher a carteira de algum empresário que você jamais vai conhecer, que agora está sentado confortavelmente em uma suíte de luxo que você jamais verá!

Tom olhou para o pai, com seu drinque matinal, as roupas amassadas e o rosto sem barbear.

– Pai, é uma carreira para mim. Uma vida de verdade. Marsh disse que vou até receber um salário.

– Você já tem uma vida real. Não deixe esse generalzinho lhe dizer que...

– Não preciso dele para me convencer de nada – disparou Tom. – Estou cansado disso. É sempre a mesma coisa, de novo e de novo. Você perde todo o dinheiro, eu falto na escola e depois preciso lidar

com a sra. Falmouth. Aposto que foi por isso que... – Ele se deteve. Mas quase o dissera. Aquele pensamento sombrio, que nunca expressava em palavras.

Aposto que foi por isso que mamãe nos deixou.

Neil precisou de um momento antes de responder, como se houvesse escutado as palavras não ditas.

– Esta não é a única maneira de se viver. Se estiver cansado, podemos nos ajeitar em outro lugar. Não é necessário se juntar a eles. Só preciso de mais uma vitória, e depois tudo dará certo.

Tom fechou os olhos, sentindo o sangue pulsar na cabeça. Nunca haveria a tal *mais uma vitória*. E, mesmo que houvesse, não seria o bastante; a vitória seguinte seria desperdiçada no jogo tão rápido quanto todas as anteriores. Já havia escutado tudo aquilo antes. O pai nunca abandonaria aquela vida. A promessa não tinha valor nenhum. E Tom também perderia todo o valor se não escapasse enquanto ainda tivesse chance.

– Não preciso me juntar aos militares, pai. *Quero* me juntar a eles.

– Ele voltou a abrir os olhos e abordou a questão sob a perspectiva do pai. – O problema é o dinheiro? Meu salário ficará num fundo, mas receberei uma quantia para as despesas gerais. Posso mandar parte dela para você. Posso ajudá-lo.

Por que Neil o olhava como se Tom o tivesse esfaqueado ou algo do tipo? Os dois sabiam que era Tom quem vinha pagando pelos quartos de hotel nos últimos tempos.

Os dentes de Neil se cerraram.

– Está bem. Está bem, Tom. Assino qualquer porcaria de formulário que pedir. Quer desperdiçar sua vida? Quer jurar lealdade à máquina corporativa?

– Sim, pai, quero jurar lealdade à máquina corporativa. – A raiva na voz de Tom era crescente. – A escolha é minha.

– É um erro.

– Talvez. Mas é o *meu* erro.

Neil arrancou das mãos de Tom o formulário de consentimento.

– Não é assim que devia ser a rebeldia adolescente. Você devia me chocar ao fazer algo escandaloso, e não escolher ser parte das normas preestabelecidas pela sociedade.

– Essa é a coisa mais escandalosa que pretendo fazer, pai. Assine o formulário.

– Preferia que fizesse uma tatuagem.

Neil rabiscou uma assinatura no formulário e concedeu ao Exército americano a custódia de Tom.

NO FIM DA TARDE, o general Marsh voltou para recolher o papel.

– Sr. Raines, não precisa se preocupar com Tom enquanto estiver conosco. Vamos cuidar bem do seu garoto. – Marsh estendeu a mão para Neil à espera de um cumprimento.

Neil o encarou de volta com o mais genuíno ódio no olhar. Ignorou a mão de Marsh e, em vez disso, avançou na direção de Tom para lhe dar um abraço desajeitado de despedida.

– Tom – Neil passou a mão pelos cabelos do jovem –, aconteça o que acontecer, você precisa cuidar de si mesmo. Entendeu?

– Entendi.

Tom não pôde deixar de se inquietar com a expressão no rosto do pai quando partiu com Marsh. Neil o olhava como se tivesse certeza de que aquela era a última vez que veria o filho.

ENQUANTO O AVIÃO zumbia ao redor, Tom se imaginou como um combatente, salvando os Estados Unidos de alguma devastadora trama russo-chinesa. Talvez então a sra. Falmouth o visse na TV e ficasse embasbacada, percebendo que seu aluno menos querido havia acabado de salvar o país. Dessa maneira, todos em Rosewood ficariam sabendo também.

Sentiu uma vontade repentina de contar a ela aonde ia, uma estranha necessidade de ouvir o que ela teria a dizer. Mas, ao perguntar se poderia visitar Rosewood uma última vez, Marsh balançou a cabeça em negativa.

– Tudo que a sra. Falmouth sabe é que você foi transferido para um lar adotivo. Mantemos o maior sigilo possível em relação aos jovens recrutas, Tom. O único rosto que divulgamos publicamente é o de Elliot Ramirez. O restante de vocês é conhecido pelo público apenas por codinomes.

Partindo do Arizona, o voo pareceu durar uma eternidade. Quando sobrevoaram Arlington, na Virgínia, Tom enfim avistou o edifício pelo qual procurara desde a decolagem: a Agulha Pentagonal, quartel-general das Forças Intrassolares. A imensa Agulha se erguia a partir de uma base com cinco lados, subindo até culminar em uma ponta reluzente e cromada.

Marsh correu os roliços nós dos dedos contra a janela.

– Quando eu era jovem, Tom, este edifício era um imenso pentágono achatado. Está vendo o lugar em que a Agulha começa? Chamávamos de pátio do marco zero. O nome vem da época da

Guerra Fria, quando todos pensavam que este seria o primeiro lugar a ser atacado pelos soviéticos. Muitas pessoas ficaram frustradas quando o alto-comando decidiu construir a Agulha neste lugar histórico, mas nossa ideia era intensificar a concorrência com os chineses no espaço, e precisávamos de um trunfo. A Agulha não é apenas um edifício; é também o transmissor mais poderoso do Ocidente.

– O que vocês fazem no prédio antigo? – perguntou Tom, enquanto, do lado de fora da janela, os freios aerodinâmicos do avião se inclinavam para cima. Desaceleraram, e o avião híbrido entrou no modo helicóptero.

– Temos alguns militares tradicionais nos três anéis que restaram. Mas, hoje em dia, bem que poderíamos chamá-los de Batalhão de Engenharia. Não me entenda mal; temos companhias de combate para os casos de agitação civil ou o surgimento de algum país novo e hostil, mas nunca entrarão em ação de verdade. É uma pena, porque eu mesmo fui soldado em minha época, e fazíamos mais do que lutar. Ajudávamos a Interpol a rastrear criminosos, derrubávamos regimes corruptos e chegávamos a distribuir ajuda humanitária.

– Você é um veterano? – Tom nunca tinha conhecido pessoalmente um deles. Sentiu um frio na barriga enquanto a aeronave descia rumo ao teto do Antigo Pentágono. – Atirou em inimigos?

– Não sou esse tipo de veterano. Era piloto. Levava, de avião e helicóptero, os soldados, esses sim atiravam nos inimigos, transportando-os para lá e para cá no Oriente Médio à época em que havia combates na região, quando *ainda* havia uma região. Acredite se quiser, Tom, quando era jovem, a violência não ocorria em situações isoladas de pequena escala. Sempre havia várias guerras

em curso em alguma parte do mundo, com armas, bombas, rebeldes e tudo o mais sobre o qual você já leu a respeito.

O avião pousou no heliporto. Tom e o general Marsh soltaram o cinto de segurança e saíram da aeronave para o teto do prédio antigo, onde uma fileira de soldados tradicionais encontrava-se de prontidão. Marsh trocou saudações militares com o oficial comandante, manteve-se imóvel feito uma estátua para a checagem de retina e depois fez um gesto chamando Tom para segui-lo ao elevador. Desceram à superfície da construção e Tom se viu em um corredor que unia o Antigo Pentágono à Agulha Pentagonal.

Na passagem que levava à Agulha, uma mulher impecavelmente vestida, de olhos grandes e claros e pele escura, os aguardava. Avançou alguns passos conforme eles se aproximaram dela.

– Presumo que seja Thomas Raines, correto?

Tom olhou para o general Marsh e fez menção de imitar a saudação militar que o vira fazer momentos antes. O general Marsh balançou a cabeça em negativa.

– Sem continências, Tom. Esta é Olívia Ossare, uma civil.

A mulher o recebeu com expressão radiante.

– É um prazer conhecê-lo, Tom. Ele tem razão. Sou uma civil, como você. Quatro anos atrás, quando o exército começou a convocar adolescentes para as operações intrassolares de combate, a Comissão Parlamentar de Defesa, que supervisiona as operações daqui, preparou um documento conhecido como Acordo Público.

Tom a seguiu até a vasta recepção da Agulha Pentagonal, com o general Marsh atrás deles. A entrada da Agulha não era menos impressionante do que o reluzente exterior cromado: pé-direito alto e teto de mármore, com uma águia dourada de olhos voltados para os que adentravam as dependências. Ao lado da porta havia uma grande bandeira americana, ao redor da qual estavam as bandeiras

dos atuais aliados militares dos Estados Unidos: Índia, Canadá, Grã-Bretanha e vários países da Europa e da Oceania.

Os saltos altos de Olívia ecoavam no chão.

– Todos os recrutas são protegidos pelas leis que regulamentam o trabalho infantil. Embora esteja se juntando ao exército, você não servirá da mesma maneira que os soldados tradicionais, a não ser que opte pelo alistamento ao completar dezoito anos. Também não receberá uma patente formal. O exército pode ser responsável por você enquanto estiver aqui, mas, de acordo com a legislação federal, seu guardião legal ainda é seu pai. O exército não é seu proprietário.

O olhar de Tom se desviou para um grupo de soldados regulares uniformizados que passaram marchando, em formação. A mão de Olívia sobre seu ombro o convidou a prosseguir.

– Você, Tom, será uma espécie de funcionário terceirizado civil, como eu. Será um empregado do governo, mas dentro de um cronograma de trabalho limitado. Receberá o ensino tradicional...

Tom fez uma careta. Esperava não ter mais de pensar em escola.

– ...uma remuneração fixa, com um salário comum mantido em um fundo, e participará de atividades físicas, recebendo também o mínimo de vinte horas de tempo livre por semana. Terá vinte dias de férias por ano, alguns deles em feriados comuns, outros a serem determinados pelo general Marsh. Nos finais de semana, o tempo fica inteiramente à sua disposição. Terá liberdade de movimento, desde que se certifique de estar de volta à Agulha antes das dez da noite.

– E contanto que permaneça dentro de um raio de trinta quilômetros de distância desta instalação – interrompeu o general Marsh. – Esta é a Zona Designada, a ZD, sr. Raines, e não pode se afastar dela sem antes receber minha permissão. Se um recruta sai

da ZD, supomos que a Aliança Russo-Chinesa esteja envolvida e entramos em estado de emergência DEFCON-2.

– Estado de emergência DEFCON-2? – indagou Tom, perplexo.

– Isso mesmo. A perda de um recruta é uma emergência nacional. Mobilizamos os soldados tradicionais para uma operação de recuperação hostil. Isso ocorreu recentemente, e o recruta envolvido, um jovem que escapuliu para ver uma garota, não ficou feliz com as consequências que enfrentou quando o encontramos. Ele não tem mais liberdade de movimento. Tem sorte de ainda estar aqui, levando-se em consideração o trabalho que tivemos para manter a história longe da internet.

Chegaram a uma grande área circular repleta de mesas pretas e limpas.

– Este é o Salão Patton – informou Olívia. – É o refeitório dos jovens recrutas e dos oficiais que moram na instalação. – Ela conduziu Tom rumo aos elevadores. – O que nos leva – apontou para uma porta de vidro no fim do corredor, depois dos elevadores – à minha sala, Tom.

Tom estreitou os olhos e viu o texto escrito na porta: OLÍVIA OSSARE, ASLC-C.

– Como disse, não sou militar. Sou uma assistente social e estou aqui para ajudar vocês, os jovens. Pode falar comigo livremente se estiver com algum problema. Estou aqui para defendê-lo, mesmo que seu problema envolva os militares responsáveis por você.

O general Marsh assumiu o comando da visita de apresentação. Mostrou a Tom a Ala Médica Hart e a Sala Lafayette. Esta última era uma imensa câmara com fileiras de bancos e um palco elevado entre uma bandeira dos Estados Unidos e uma bandeira das seis corporações da Coalizão de Multinacionais que patrocinavam a Aliança Indo-Americana: Wyndham Harks, Dominion Agra, Nobridis, Obsidian Corp., Matchett-Reddy e Epicenter Manufacturing.

Marsh fez um gesto abrangente mostrando toda a sala.

– Os recrutas recebem as aulas principais aqui na Sala Lafayette, ministradas por instrutores civis. É uma sala que você logo conhecerá bem. Como recruta do primeiro ano, um plebeu, suas aulas serão divididas entre esta sala e o Salão MacArthur, no décimo quinto andar.

Tomaram o elevador até o sexto andar e saíram em uma sala muito limpa e sem janelas, com diversos sofás dispostos em colunas, consoles de jogos eletrônicos, uma mesa de hóquei pneumático, mesa de pingue-pongue, mesa de bilhar e altas estantes de livros. Em torno da sala havia portas de vidro. Uma delas tinha um machado gigante pintado nas duas metades, com as palavras DIVISÃO GÊNGIS. A seguinte tinha uma pena e as palavras DIVISÃO MAQUIAVEL. A próxima tinha uma catapulta e as palavras DIVISÃO ANÍBAL. Havia um mosquete com as palavras DIVISÃO NAPOLEÃO e, enfim, uma espada com as palavras DIVISÃO ALEXANDRE.

– Esta é a sala comum dos plebeus – anunciou Marsh. – Está vendo os símbolos? São as portas que levam aos cinco alojamentos dos recrutas, as divisões, todas batizadas em homenagem a figuras de destaque na história militar: quatro generais e um estrategista. Cinco lados num pentágono, cinco divisões... Tudo muito organizado. Agora acho que é hora de ver as salas de treinamento. Acho que está pronto. Concorda, srta. Ossare?

O rosto de Olívia se petrificou.

– Concordo, general, – disse ela brevemente. – Agora é o grande momento. – Ela acelerou o passo, ultrapassou Tom e apertou o botão do elevador.

Subiram até as salas de simulação de treinamento no décimo terceiro andar. Marsh olhou para as placas informativas ao lado de uma porta e pressionou um dedo contra os lábios.

– Entre aqui.

O general abriu a porta, mostrando uma câmara ampla e escura. Os olhos de Tom se adaptaram à pouca luz, e foi então que os viu: um grupo de cerca de doze adolescentes deitados em um círculo sobre colchonetes, de olhos fechados.

Tom ficou admirado com o silêncio, digno de zumbis, com a imobilidade dos corpos e os monitores de sinais vitais, cujas linhas angulosas registravam a atividade cerebral dos garotos. O que faziam ali, afinal? Marsh dissera que se tratava de uma simulação, mas não havia nenhum visor de RV nem luvas, sequer uma das antigas barras sensoras. Ninguém gesticulava nem acenava. Na verdade, nenhum deles fazia qualquer espécie de movimento. Mais pareciam um grupo de moribundos em uma ala médica para pessoas em coma.

O general Marsh fez um gesto, chamando-o para fora da sala.

– Estes são os plebeus – contou a Tom no corredor. – Participam de um exercício em grupo. Antes de passarem ao treinamento tático avançado, os plebeus fazem exercícios de trabalho em equipe. São também aclimatados aos processadores neurais no cérebro e à interação com algo diferente no próprio corpo.

Tom precisou de alguns segundos para compreender as palavras: *processadores neurais... no cérebro...*

Deteve-se.

– Espere aí. Como é que é? – Deu meia-volta e encarou os dois adultos. – Como assim, processadores no cérebro?

Nem Marsh nem Olívia reagiram. Era como se ambos já esperassem aquela reação.

Marsh respondeu:

– Para se tornar um de nossos recrutas, sr. Raines, é preciso ter um processador neural instalado em sua cabeça. Trata-se de um computador extremamente sofisticado que interage diretamente

com o cérebro. Você continua sendo humano depois do implante, mas ganha também algo a mais.

A mão de Olívia apertou seu ombro. Tom se afastou do toque dela.

– Ninguém falou nada a respeito de... – começou ele.

– O que achou que fosse, filho? – O general Marsh arqueou as sobrancelhas finas. – Os combatentes controlam máquinas e lutam contra máquinas. Veja o seu caso: você tem sinapses ágeis. Mas seu cérebro não é tão rápido quanto uma máquina. Ainda não. Está vendo aqueles jovens ali? O cérebro deles é ágil assim.

Tom entendeu a imobilidade assustadora daqueles meninos: tinham um computador dentro da própria cabeça. A simulação que usavam como treinamento rodava dentro dos computadores que havia no cérebro dos garotos.

– Todos os recrutas são submetidos a esse procedimento, Tom. Sabemos que é seguro. – Os olhos de Marsh se cravaram na testa de Tom. – O que vocês, adolescentes, têm de sobra e nós, adultos, não temos é elasticidade neural. O cérebro de vocês é adaptável. Adultos e processadores neurais não funcionam juntos. Já testamos essa possibilidade, e o resultado não foi nada agradável. Cérebros adultos não conseguiram se ajustar ao novo hardware. Por isso usamos adolescentes. Em virtude de sua juventude, seu cérebro está pronto para ser aprimorado. O fato é que é impossível controlar máquinas de combate indo-americanas no espaço se não puder formar uma interface com elas. Para se tornar um combatente, é preciso compensar em si mesmo a distância que separa humanos de um computador.

Tom o encarou de boca aberta.

– Quer dizer que todos os recrutas aqui, e aqueles que recebem codinomes nos sites de notícias, todos eles têm esses processadores neurais? Até *Elliot Ramirez* tem um computador no cérebro?

– Isso mesmo. Até Elliot tem um desses.

– E quanto aos russo-chineses?

– Eles também os possuem. Essa é uma informação ultrassecreta. O público não sabe disso, mas essa é a chave de tudo. É assim que a guerra está sendo travada. Os combatentes usam os processadores neurais para formar interfaces com os robôs de combate no espaço, para controlá-los e, por sua vez, enfrentar os robôs controlados pelos processadores neurais dos combatentes russo-chineses.

Tom desviou o olhar do general para a assistente social, oscilando-o entre um e outro. Lembrou-se da expressão no rosto de Olívia alguns minutos antes, quando Marsh falara em lhe mostrar a sala de treinamento, e seus pensamentos se detiveram naquilo. Ela esperava aquela reação. Os dois esperavam. *Aquele* era o grande porém. E ambos haviam decidido lhe preparar uma cilada com aquela informação.

Viu-se pensando em Neil e nos comentários que fazia sobre o fato de Elliot Ramirez não ser um humano de verdade. O pai estava certo. Elliot era parte computador.

– O implante altera as pessoas? – indagou Tom.

– Não – respondeu o general Marsh.

Olívia pigarreou.

– Um pouco – corrigiu Marsh. – Mas são mudanças mínimas, quase imperceptíveis. Você continua sendo você mesmo em todos os sentidos que importam de verdade. O lobo frontal, sistema límbico e hipocampo são mantidos intactos... – Diante do olhar vazio de Tom, ele traduziu: – Não alteramos seu processo de raciocínio, nem suas emoções ou memórias antigas. Não mudamos a essência de quem você é, o que seria, afinal, uma violação dos direitos humanos. Mas, depois de instalarmos o hardware em sua cabeça, você vai começar a raciocinar mais rápido. Será um dos humanos mais espertos do mundo.

– Se estiver em dúvida, Tom, você pode recusar – acrescentou Olívia.

Marsh confirmou com um rígido gesto da cabeça.

– Isso mesmo, filho. Basta dizer, e o levaremos de volta a seu pai no Dusty Squanto. Você assinou um acordo de confidencialidade no avião, e vamos exigir que mantenha em segredo tudo aquilo que viu aqui, mas não acho que será problema para você. O importante é que decida participar sabendo de todos os fatos.

Tom ficou um bom tempo sem conseguir falar. As palavras do pai ecoaram em sua cabeça, mesmo sem terem sido convidadas: *Sabe como os militares tratam as pessoas, Tom? Eles as mastigam e cospem, é assim que fazem. Para eles, você não passa de um equipamento.*

Equipamento. Um computador era apenas um equipamento. Ele *seria* um equipamento.

– E esse é o único jeito de participar? – disparou Tom.

– O único jeito. Sem o processador neural, você é inútil para nós.

E Marsh havia esperado até aquele momento, até aquele instante, depois de Tom ter se voltado contra o pai, pressionado-o a assinar o formulário de consentimento, voado até o outro lado do país e se empolgado com tudo a ponto de quase chegar à estratosfera, para jogar uma bomba em seu colo. Era pura manipulação. Tom não precisava de um computador na cabeça para perceber aquilo. Se havia algo que detestava, era ser enganado.

– Talvez esse tipo de coisa não seja para mim. – Tom observou o rosto de Marsh enquanto falava, deliciando-se com o choque que o velho semblante estampou. O general pensara que o havia fisgado. Devia ter imaginado que, àquela altura, Tom se sentiria sem poder de escolha. Foi tomado por uma onda de satisfação vingativa ao provar ao general que tinha se equivocado.

– Bem, filho... Não é o que esperava ouvir. Isto é, bem... – Marsh parecia não saber o que dizer.

– Tom tomou sua decisão – disse Olívia, a voz triunfante. – Leve-o para casa, Terry.

Aquelas palavras inundaram Tom de pânico, porque ele queria aquela vida na Agulha Pentagonal. Queria aquilo desesperadamente. Mas não poderia aceitar ser tratado como um idiota atraído para a isca. Jamais se perdoaria se agisse assim. Preferia arrancar os próprios olhos a deixar Marsh manipulá-lo.

Marsh o estudou por um longo e tenso momento. Então, disse:

– Vou lhe dizer uma coisa, Tom: o que acha de algum tempo para pensar no assunto?

Tom quase gargalhou. Havia blefado e vencido. Obrigara Marsh a ceder. A tensão se aliviou em seus músculos. Não tinha permitido que o general o iludisse totalmente.

– Está bem, vou pensar no assunto.

Marsh também pareceu relaxar. Entregou a Tom um cartão preto e reluzente, os olhos aquosos vasculhando o rosto do jovem na tentativa de descobrir até que ponto havia falado sério em resistir à ideia de entrar para o programa.

– Srta. Ossare, por que não acompanha Tom até o refeitório? Há alguns créditos neste cartão. Coma alguma coisa. Por minha conta. Quando tiver tomado sua decisão, clique no *pager*.

Tom olhou para o cartão, analisando-o.

– E se minha resposta for negativa, posso ir embora?

– Sim, Raines. – A voz de Marsh parecia cansada.

– A lei o obriga a permitir isso – acrescentou Olívia.

Tom ergueu os olhos para ela e devolveu o sorriso da moça com outro.

– Está bem. Espero que o cartão tenha vários créditos. Estou morto de fome.

A expressão irritada de Marsh o deixou ainda mais satisfeito.

No REFEITÓRIO, Tom se acomodou numa mesa imediatamente abaixo de uma fileira de telas desativadas e do grande retrato de um homem que, de acordo com a placa ao lado, seria George S. Patton, general do Exército americano na Segunda Guerra Mundial. Fitou o rosto austero no retrato, tendo diante de si uma bandeja vazia sobre a mesa. Na verdade, não tinha vontade de apanhá-la para buscar comida. Sua cabeça começou a doer. Viu-se desejando que o pai estivesse por perto.

Mas, pensando bem, se o pai estivesse ali, quando o general Marsh fingira se lembrar de modo casual da necessidade de implantar um computador na cabeça do filho, era bem provável que Neil tivesse explodido. Talvez até acertado um soco nele. E aquilo dificilmente ajudaria a melhorar as coisas.

Tom passou uma das mãos pelos cabelos. Qual era o problema com ele? Era impossível recusar a proposta. Não deveria levar aquilo para o lado pessoal. O mais provável é que Marsh seguisse algum manual padrão de recrutamento militar: afastar os jovens dos pais, trazê-los à Agulha, deixá-los empolgados, para só depois surpreendê-los com a história da cirurgia no cérebro.

Segurou o cartão nas mãos, virando-o de um lado para o outro, observando-o refletir sob a luz. Ter consciência de estar sendo manipulado não o fazia se sentir melhor em relação à situação.

– Se não vai usar esses créditos, será que eu posso?

A voz o surpreendeu. Tom ergueu a cabeça e se esforçou para recuperar o fôlego. Precisou de algum tempo para se lembrar de como falar e usar a boca para se comunicar.

– Então, não era mesmo um avatar.

– Não era. – Heather Akron era incrivelmente mais bonita ao vivo, com o cabelo castanho-escuro escapando do rabo de cavalo frouxo,

os olhos castanho-claros de uma tonalidade diferente de todas as outras cores naturais que já vira. Desta vez, ela usava uniforme militar: calça camuflada e uma túnica preta. Tinha a águia americana da insígnia das Forças Intrassolares na gola e, logo abaixo, havia quatro pontos triangulares dispostos um sobre o outro, como pontas de flecha apontadas para cima. – Posso dizer o mesmo de você: não é um avatar – provocou ela.

– Não. – Desta vez, não tinha tanta graça, sabendo que ela o via de perto.

– Posso? – ela indicou o cartão com um gesto.

– É do general. Faça bom proveito.

Os olhos de Heather piscaram enquanto ela o apanhava.

– Obrigado. Gastei toda a minha cota semanal de lanches em café com creme. É terrível, mas às vezes não consigo dizer não a mim mesma.

– Não precisa. Dizer não a si mesma, quero dizer... quanto ao café com leite. – Ele tropeçou nas palavras ao vê-la se aproximar. Ela havia chegado tão perto, que sentia sua respiração na pele.

– O que acha de o general Marsh pagar uma bebida para nós dois, Tom?

– Ótima ideia. – Se Heather dissesse o nome dele sorrindo daquele jeito, não hesitaria em concordar com a ideia genial de pular dentro de um reator nuclear.

Heather piscou.

– Perfeito! – E saiu em direção à máquina de café do outro lado do refeitório.

Tom observou o balanço dos quadris dela, tentando pensar em coisas inteligentes para dizer quando a moça voltasse, mesmo sabendo que, depois daquilo, ela iria embora. Garotas bonitas não perdiam tempo conversando com sujeitos baixinhos, feios e cheios de espinhas.

Por isso, ficou ainda mais impressionado alguns instantes depois, quando ela se sentou à mesa com ele e empurrou uma bebida em sua direção, os dedos escapando do que pareciam ser luvas de motoqueira, ou algo do tipo. Era possível ver a insígnia das Forças Intrassolares também na palma de sua mão. Saberia identificar aquela águia americana mesmo de olhos fechados. Já a tinha visto na internet, no noticiário... Jamais poderia ter sonhado antes com a possibilidade de usar uma. Tom sabia que era loucura hesitar diante daquela proposta.

– Sei que deveria me controlar – lamentou-se Heather, bebendo seu café –, mas sou *completamente* viciada em cafeína. Adoro a eletricidade que a bebida me dá.

– É – concordou Tom, sem saber exatamente com o que concordava, sorvendo depois um enorme gole da bebida que ela lhe trouxera. O líquido quente queimou sua língua.

– E então, Tom? Vai se tornar um plebeu agora?

Ele não sabia ao certo o que responder.

– Ora, eu vi como você lidou com aquela simulação do tanque – prosseguiu Heather. – Aposto que não seria um plebeu por muito tempo. As promoções ocorrem duas vezes ao ano, e tenho certeza de que logo você chegaria à Companhia Intermediária. Depois vem a Companhia Superior e, se conseguir entrar em contato com as pessoas certas e obter o patrocínio de uma corporação, vai se juntar ao grupo dos combatentes: a Companhia Camelot. Aqui somos chamados de ComCam.

Tom endireitou o corpo.

– *Somos?*

– Hã-hã. Faço parte da Companhia Camelot.

Ele a olhou admirado. Provavelmente já a tinha visto em ação. Talvez tivesse visto vídeos dela na internet.

– Qual é seu codinome? Será que já ouvi falar de você?

– Bem, sou uma combatente nova, mas talvez já tenha ouvido falar de mim. Meu codinome é Enigma.

Enigma. Ele a conhecia! Era patrocinada pela Wyndham Harks. Lembrava-se de certa ocasião em Io, uma das luas de Júpiter... Ah, e aquela vez em Titã, lua de Saturno, quando... Meia dúzia de batalhas dos últimos meses lhe passaram pela cabeça. Tom ficou encarando a menina, embasbacado.

– Não posso acreditar. Você é uma das melhores. Lembro daquela vez em que combatiam em Titã, quando você...

Heather sorriu e tocou a mão dele para interrompê-lo. O contato físico foi uma espécie de choque para Tom, por ser tão diferente da RV.

– Tom, você é um doce por dizer isso, mas a questão do momento não sou eu. É você. É a escolha que vai fazer hoje.

– Certo. Certo. – A atenção dele foi atraída pela maneira como ela pressionou o polegar sobre sua mão.

– Aposto que sei por que está hesitando. Ainda não aceitou a proposta porque achou tudo uma bizarrice, não foi? – Ela apontou para a própria têmpora, indicando o processador implantado.

– “Bizarrice” não é a palavra que eu usaria. Não acho bizarro.

A voz dela ficou mais suave, a mão ainda mantendo um leve contato com a pele dele.

– Tem certeza? Não tem problema se me disser. Posso responder quaisquer perguntas que quiser fazer.

E, de repente, ele compreendeu por que *ela* havia aparecido ali, entre todas as pessoas da Agulha Pentagonal. Compreendeu tudo.

Tom recolheu a mão e apanhou a bebida. Grandes porções de creme derretiam no líquido marrom. Podia enxergar a mão invisível de Marsh naquilo tudo. O velho tinha mandado Heather até lá: uma linda garota para convencer Tom a concordar em deixar lhe abrirem o crânio. Outra jogada de Marsh tentando fazê-lo de bobo.

– Sei o que deve estar pensando. – Heather fez uma pausa e mordeu o lábio inferior. Apesar das últimas descobertas, Tom olhou para a boca dela, sentindo a garganta secar. – Também fiquei preocupada com isso. Pensei que, depois de ter um processador na cabeça, a voz no meu cérebro poderia ser substituída pela de alguma espécie de robô, que diria “*Hasta la vista, baby*”.

Linda e, ainda por cima, fã de ficção científica. Ela era uma verdadeira fantasia de carne e osso.

– Mas não é nada disso, Tom. Ainda sou eu mesma. Sou apenas uma versão aprimorada de mim mesma.

– Ouça – Tom disse a ela, antes que Heather continuasse a vender seu peixe –, não é tanto o computador em si que me incomoda. Não estou preocupado sequer com a possibilidade de me tornar uma pessoa diferente. Mas é que... Sabe, Marsh não falou nada a respeito de cirurgias cerebrais até estar bem certo de que eu havia comprado a ideia toda. É a maneira como ele lidou com isso.

Os olhos cor de âmbar dela ganharam nova expressão.

– Sente-se manipulado?

– Sinto como se ele houvesse *tentado* me manipular. Quero dizer, será que você estaria aqui conversando comigo se ele não a tivesse enviado?

Heather pousou o queixo sobre a palma da mão.

– É claro que ele está tentando manipular você, Tom.

Tom piscou, surpreso ao vê-la admitir aquilo.

– O general Marsh me mandou vir aqui para convencê-lo a aceitar, exatamente como você imaginou. Pode culpá-lo por fazer isso? Ele não quer que você recuse a proposta depois de descobrir o grande segredo dos processadores neurais. – Ela tamborilou um dedo nos lábios, pensativa, enquanto o estudava. – Ainda bem que você não vai recusar.

– Não vou? – perguntou Tom, tentando entender aonde ela queria chegar.

– Hum... não. Não vai – disse Heather, confiante. – Sabe exatamente o que significa vir até aqui. Eles metem na sua cabeça um computador caríssimo, de milhões de dólares. Investem outras dezenas de milhões no seu treinamento. Depois o colocam no controle de máquinas militares de bilhões de dólares e lhe atribuem um papel fundamental no esforço de guerra do país. Você é valioso. Então, é claro que o exército tem um plano em se tratando de lidar com você. E o mesmo vale para o general Marsh. Mas é com esse tipo de coisa que você precisa conviver se quiser ser um de nós. A pergunta, Tom, é a seguinte: você quer ser um de nós? – Ela se aproximou de Tom, fixando seus olhos nos dele. – Quer ser alguém importante?

E ali estava a cartada certa.

O golpe definitivo.

Tom se recostou na cadeira e ergueu a bebida, propondo um brinde; não a Heather, e sim ao homem que não estava ali, mas que tinha acabado de vencer a partida. Belo golpe, general Marsh. Belo golpe.

Porque, mais do que qualquer outra coisa, Tom desejava realizar *algo*. Alguma coisa além de vagar de cassino em cassino, de se transformar no próprio pai.

Ele daria qualquer coisa para se tornar alguém importante.

DEPOIS DO QUE pareceu ser um período sem tempo, a *coisa* percebeu que havia algo diferente.

A *coisa* se manteve imóvel e tentou compreender o que ocorria.

De alguma maneira, o cérebro da *coisa* zumbia numa frequência diferente; seus pensamentos pareciam desprovidos de significado, mas, ainda assim, eram lógicos. A *coisa* piscou diante dos símbolos ao mesmo tempo estranhos e familiares que percorriam sua consciência (a tabela periódica dos elementos), e reconheceu em meio a um véu de neblina a configuração química do anestésico em seu sistema. *Proparacaína*.

Havia um rastro de uns e zeros, sinais de dados se movimentando por fios, e a *coisa* os seguiu até o que parecia ser um interminável labirinto de pulsos elétricos indo de lá para cá. A *coisa* se tornou uma câmera de segurança no Rio de Janeiro, observando a estátua do Cristo, que abria os braços sobre uma vasta cidade que preenchia o panorama. Sensores infravermelhos alertaram a câmera para a presença de seres orgânicos que se mexiam em torno da estátua. Os zeros e uns saíam de lá, e a *coisa* os seguiu até o sistema de orientação automática de um veículo que avançava por uma estrada de Bombaim. Bastava um *impulso* mínimo da vontade da *coisa* para jogar o carro para fora da estrada, mas ela jamais faria isso. O sistema de orientação automática tinha diretrizes e parâmetros rigorosos que ditavam suas ações quando a *coisa* era esse sistema.

Então *ela* seguiu o fluxo de dados seguinte e se acomodou no sistema de filtragem de um reservatório no norte da Califórnia. Por meio de um processo de difusão facilitada, a *coisa* absorvia o material orgânico em suspensão, ligando as partículas umas às outras na forma de um composto inativo. A água banhava e submergia os sensores de pressão osmótica. Embora aquilo não parecesse certo.

A *coisa* encontrou o Grand Canyon e conseguiu ficar ali, na rede de segurança, assustada por ter consciência de que não era aquilo que ela era. Permaneceu ali, como um fantasma sensorial analisando o perímetro, estabelecendo e cortando vínculos eletrônicos, como sinapses, com os sistemas de orientação automática dos carros dos visitantes. Vagou por sobrecarregados sensores térmicos logo acima do agente de segurança com as botas sobre a mesa, observando a criatura, analisando a temperatura daquele ser (36,7^o C). Era estranho reparar no mamífero humano com seu vasto emaranhado de processos químicos e o constante ritmo dos batimentos cardíacos (76 batimentos por minuto) e o...

Humano.

Era isso.

A *coisa* era humana.

A *coisa* era humana. Por que *ela* estava... Por que *ele* estava tão confuso? Por que estava perdido daquela maneira?

Ele. Ele era a *coisa*. A *coisa* era ele. Ele sabia quem "ele" era.

Tom Raines. Tom. Tom. Tom.

Tom se agarrou a essa súbita consciência de si, esperando que a realidade voltasse a assumir os moldes de uma existência que ele compreendesse. Lembrou-se de algumas coisas, por um breve momento: o sedativo que engolira. A sensação de tontura na sala de cirurgia. A cabeça sendo raspada e lavada. E alguém lhe dizendo que se tratava de uma "prática antisséptica para evitar infecções".

Heather tocando na parede de vidro da ala cirúrgica e acenando para ele. O sorriso que a presença dela lhe trouxera ao rosto, enquanto uma máscara era afixada sobre suas vias respiratórias...

O pensamento fez com que se conectasse ao próprio corpo, aos receptores sensoriais, e, por um instante aterrorizante, sentiu um torpor completo. A mão se mexeu sobre a mesa de metal, e ele ouviu uma voz dentro do tímpano, comentando o aumento súbito de sua atividade neural.

– ...centrado no córtex orbitofrontal. Ele está consciente de nossa presença?

– É impossível – disse uma voz diferente. – A instrumentação produz registros falsos ocasionalmente. Já solicitei que equipamentos mais novos sejam mandados de Denver. Lembra-se daquela garota, Lily?

Mas havia ali alguma outra coisa, algo dentro dele; algo que não era Tom.

*010001000111110010100101000010111011000110000100101111
1001010100...*

Um número que parecia se estender de maneira infinita. Tão estranho, tão alienígena, que tentou se afastar daquilo bruscamente. Mas então teve a sensação de ter sido apanhado por um tsunami, porque uma imensa onda desabou sobre ele e o engolfou de novo naquele oceano de máquinas trocando sinais...

Um senso de vastidão o envolveu. Tudo ao redor parecia zumbir em um emaranhado de complexidade infinita: a câmera de segurança no Rio e o Grand Canyon e o sistema de filtragem do reservatório e os sistemas de orientação automática de quatro bilhões de carros e centenas de bilhões de mensagens de texto e fragmentos perdidos de dados e computadores acionando conexões e jogos trocando sinais e máquinas enviando-os do espaço e satélites e sistemas de segurança de um bilhão de diferentes...

– Pare! Pare! – A voz de Tom não chegou a sair da boca. Aquele corpo permaneceu imóvel sobre a mesa, os lábios paralisados, os músculos feito chumbo, as mãos frias, a cabeça gelada porque havia sido raspada. Vozes seguiam conversando, sem reparar nele, e aquele computador no cérebro oferecia lógica e ordem, insistindo em reestruturá-lo cada vez mais profundamente... e aquela assustadora onda de sinais ameaçava lançá-lo de novo para dentro do próprio infinito...

TOM ABRIU OS OLHOS, vendo-se na enfermaria. Estava na seção 1C3 da Agulha Pentagonal. Sabia disso porque o número vermelho brilhou no canto direito inferior de sua visão por uma fração de segundo antes de desaparecer. Olhou para as lâmpadas tubulares e fluorescentes logo acima de si, e um rosto redondo e amigável apareceu bem acima do seu.

– Sente-se melhor hoje, sr. Raines?

Tom piscou algumas vezes, porque algo estranho havia acontecido. Viu o rosto do homem, mas também um texto, que rolou com rapidez em seu cérebro.

Nome: Jason Chang

Patente: Tenente, GCE

Nível: FAEUA 0-3, em atividade

Status de Segurança: Ultrassegredo LANDLOCK-6

Tom piscou outra vez e o teto sumiu, levando-o a se perguntar se havia apenas imaginado aquilo.

– Tom – disse Jason Chang, chamando a atenção dele de volta ao presente. – Pode me dizer seu nome completo?

– Thomas Raines.

O tenente Chang apontou uma lanterna médica para os olhos dele.

- Sabe onde está?
- Na Agulha Pentagonal.
- Isso mesmo. Sabe por que está aqui?
- Cirurgia. Para receber o implante de um processador neural.
- Responda: qual é o meu nome e minha designação de segurança?

Tom se lembrou das informações do perfil que tinha visto naquele breve segundo, cada palavra do texto.

– Jason Chang, GCE. – O tenente concordou com um gesto de cabeça, e Tom prosseguiu: – Sua designação de segurança é Ultrassecreto LANDLOCK-6... Como pude me lembrar disso?

– Agora você tem memória fotográfica, sr. Raines, e há em seu processador um diretório com o nome de todos. Verá uma lista de informações básicas sempre que olhar direto para o rosto do restante do pessoal aqui da Agulha pela primeira vez e, depois de vê-la, jamais esquecerá esses dados. Vamos testar agora seu cronômetro interno. Que horas são?

– Zero cinco e cinquenta e três – respondeu Tom de imediato. Em seguida percebeu, surpreso, que pensava no formato militar de horário.

– Muito bem.

Ele piscou três vezes. Observou enquanto o tenente ativava o comunicador ao lado da cama, tecendo 1-380-4198-4885. Chang disse:

– Dr. Gonzales, o sr. Raines está bem, vivo e consciente. Entendo. Vou submetê-lo ao teste padrão.

– Sinto-me estranho. – A voz de Tom ecoou em seu cérebro, mais baixa do que estava acostumado a ouvir.

– É normal. – O tenente Chang lançou-lhe um olhar sombrio com seus olhos oblíquos. – Seu cérebro precisa se ajustar ao software.

No começo será difícil acompanhar o fluxo de dados. Mas a sensação vai passar.

Tom olhou para uma lâmpada de setenta watts logo acima. Tinha olhado para aquela luz o dia todo. Estava acordado há algum tempo, piscando em intervalos de quinze segundos. Dezoito dias, quatro horas, nove minutos, vinte e seis, vinte e sete, vinte e oito segundos...

– Estive acordado – percebeu Tom. – Minha cirurgia foi há dezoito dias.

Chang tirou um medidor de pressão do braço de Tom.

– Sua cirurgia foi dezoito dias atrás, mas não, você não esteve acordado no sentido tradicional. Seu cérebro tem passado por um processo de reestruturação. Todos os recrutados que recebem implantes precisam de otimização. Você oscilou entre intervalos de consciência e inconsciência, mas não ficou ciente disso. Sua mente precisava se ajustar aos novos caminhos neurais forjados pelo hardware implantado em sua cabeça. Agora que está acordado, o cérebro vai recuperar a homeostase. Os detalhes adicionais vão desaparecer. Logo vai se sentir como antes. Na verdade, melhor do que antes.

Tom já se sentia voltando ao normal, mesmo naquele momento. Ergueu a mão para tocar no couro cabeludo. Havia apenas um resquício mínimo de cicatriz. Uma pequena incisão de 3,1 centímetros. O cabelo tinha crescido um pouco, estava com 0,7 centímetro. O tempo que passara deitado na cama havia bastado para que voltasse a crescer. A mão avançou até chegar a um ponto insensível na nuca, onde encontrou uma achatada entrada de conexão metálica. Uma porta de acesso neural. Simplesmente sabia o que era.

– Agora, plebeu, vou submetê-lo a alguns testes para ver se já podemos liberá-lo ou não.

– Tão cedo? – resmungou Tom. – Vão me mandar para o combate agora?

A gargalhada do tenente Chang ecoou pelo quarto vazio e frio.

– Ainda não. Vai precisar de anos de treinamento até se tornar um combatente.

– Certo. – Tom fechou os olhos, pois havia uma porção de dados exibindo a resposta em sua cabeça: *Rumo normal de progressão dentro das Forças Intrassolares na Agulha Pentagonal: treinamento inicial como plebeu, seguido por Companhia Intermediária, Companhia Superior e, nos casos em que o recruta demonstra habilidades incomuns, Companhia Camelot, o grupo dos Combatentes. Nos casos em que o recruta é considerado inadequado para o combate intrassolar, carreiras em outras agências do governo são levadas em consideração, como a ASN, a CIA, o Departamento de Estado, o...*

Tom desejou que o fluxo de informações cessasse, e este foi interrompido imediatamente. Muito estranho. Ele sabia que a informação vinha do processador neural, mas tivera a sensação de que era ele quem pensava aquilo, como se fosse uma reflexão comum que fizesse parte de sua cabeça.

A atenção se desviou quando Chang lhe aplicou uma avaliação básica, checando pupilas, tato, sua circulação. Em seguida, o tenente ativou uma gravação com várias notas musicais, pedindo a Tom que as identificasse.

– Não entendo nada de música... – Tom começou a protestar.

Mas soube que notas eram aquelas. Chocado, enumerou mi, dó, ré, lá.

O enfermeiro percebeu a expressão de surpresa do rapaz e deu-lhe um leve tapa no ombro. Depois fez um gesto, pedindo a Tom que se levantasse.

– Carregamos alguns gigabytes de informação para testá-lo, além de alguns dados passados em aula para que não comece atrás dos outros. Deve ter um banco de dados de referência para a primeira semana aqui, correto?

O cérebro de Tom acessou a informação.

– Sim. – Havia um gerenciador de arquivos em seu cérebro. No sistema constavam três arquivos: *Aulas civis*, *Exercícios físicos*, *Currículo específico do recruta*. Não podia dizer ao certo como já sabia o procedimento: bastava desejar para abri-los e inspecionar o conteúdo. Simplesmente sabia que podia fazer aquilo.

– E aonde você deve ir agora? – perguntou Chang.

– Encontrar Vikram Ashwan. Meu novo colega de quarto. – Tom fez uma pausa. Outra vez, era algo que sabia sem poder explicar como. – É estranho demais.

O enfermeiro confirmou com um gesto da cabeça.

– Você acaba se acostumando; é o que dizem. Está dispensado, plebeu.

Tom fez menção de abrir a boca para dizer que não sabia aonde ir, mas, daquela vez, foi a Agulha Pentagonal que respondeu – nome também dado ao computador central dotado de um preciso módulo de rastreamento que acompanhava os movimentos de cada recruta dentro das instalações, transferindo dados ao processador neural.

Desceu da cama. As pernas estavam firmes, e Tom não se sentiu sequer zozzo, mesmo após ter passado três semanas numa cama. Encaminhou-se para a porta.

– Ah, Raines... Não esqueça isto – chamou o tenente Chang, segurando algo na mão. – É sua agora.

Tom estendeu o braço e apanhou o objeto metálico. Aproximou-o do rosto e percebeu que era uma Moeda-Medalha semelhante à que pertencia ao general Marsh. A moeda trazia a inscrição FORÇAS

INTRASSOLARES DOS EUA. Uma luz verde piscou em resposta ao contato com seus dedos, como ocorrera com a moeda do general.

Uma sensação estranha e empolgante o percorreu em um arrepio ao olhar para a águia americana e se dar conta de que aquilo lhe pertencia.

Tom sentiu o olhar sombrio de Chang sobre si.

– Bem-vindo à Agulha Pentagonal, sr. Raines.

COM A MOEDA-MEDALHA no bolso, Tom seguiu o mapa que pairava em sua consciência como uma preocupação inquietante. A Agulha dizia que Vikram estava a 8,6 metros a noroeste de sua posição. Passou pela porta para chegar ao corredor do primeiro andar, e, de fato, Vikram estava a 8,6 metros de onde Tom partira. Seu processador neural indicava também a distância, cada vez menor, conforme se aproximava.

Quando pôs os olhos no rapaz indiano que o esperava, um novo texto surgiu em seu campo visual:

Nome: Vikram Ashwan

Patente: FIEUA, Plebeu Nível III, Divisão Alexandre

Origem: Nova Délhi, Índia

Méritos: Nota máxima na categoria Jovens Inovadores da Feira Internacional de Ciência e Engenharia, ganhador da Bolsa de Estudos Índia Empreendimentos

IP: 2053:db7:lj71::338:ll3:6e8

Status de segurança: Ultrassegredo LANDLOCK-3

Tom deve ter feito uma cara de extrema surpresa, porque o rapaz de pele escura, sobrancelhas grossas, testa alta e cabelo reluzente logo abriu um sorriso.

– Esquisito, não é?

– Bem esquisito – concordou Tom.

– O melhor é que você e eu não precisamos ser apresentados, Thomas.

– Pelo visto não, Vikram.

– Me chame de Vik. Não de Vikram.

– Tom. Nada de Thomas.

Vik o estudou enquanto os dois caminhavam rumo aos elevadores.

– Estranho. Seus méritos aparecem como N/D. *Não disponível?*

Tom percebeu que Vik devia ter visto seu perfil, exatamente como ele vira o de Vik.

– Está mais para *Nada a declarar* – respondeu ele com sinceridade.

Vik arqueou as sobrancelhas.

– Prepare-se. Todos aqui têm méritos. Vai ouvir essa pergunta mais alguns milhões de vezes.

– Entendi. Acho que não tenho como evitar.

Vik pensou no que ouvira.

– Na verdade, tem sim, se quiser. Há uma garota que pode inserir alguma informação nesse campo. Soube que ela fez ajustes nos perfis de certas pessoas antes da mais recente rodada de promoções. Vamos encontrá-la durante o café da manhã.

O horário da refeição matinal da Agulha apareceu instantaneamente no cérebro de Tom.

– Às zero sete e trinta.

– Exato, às zero sete e trinta, para que tenhamos tempo suficiente para vestir os uniformes.

À menção da palavra, uma nova leva de informações: *Uniformes. Túnicas pretas com a insígnia das Forças Intrassolares na gola, insígnias específicas de cada divisão na manga, calças camufladas, botas de combate, luvas, teclado portátil...*

Tom deve ter olhado por um bom tempo para as imagens súbitas que dançavam diante de seus olhos, porque Vik gesticulou perto do rosto dele, atraindo sua atenção, e logo em seguida segurou com o dedão a porta aberta do elevador: algo em que Tom não tinha sequer reparado. Tom entrou, e Vik apertou o botão do sexto andar.

– Esse fluxo constante de dados incomoda, não é? – Vik o olhou com certa cumplicidade. – Sabe, os processadores neurais são úteis porque não existe uma época específica do ano para a chegada de novos recrutas à Agulha, mas aqueles que chegam mais tarde precisam baixar muito mais material só para acompanhar os recrutas que já estão aqui há mais tempo. Isso torna ainda pior uma transição que já é difícil.

– Quando você chegou?

Vik deu de ombros.

– Uns dois meses atrás. Mas lembro como se fosse ontem. Estava sempre reparando em todos os detalhes idiotas de cada coisa, não conseguia me desligar daquilo, e o processador fazia questão de apresentar a definição de cada termo novo. Precisei de umas boas três horas para endireitar as ideias na cabeça.

Tom tocou a cicatriz no crânio.

– Não estou achando nada ruim, pelo menos até agora.

– É mesmo? – Vik arqueou as sobrancelhas grossas. – Está dizendo então que sabe lidar com um processador neural melhor do que eu?

Havia algo de desafiador na voz dele, que fez a boca de Tom se curvar em um sorriso.

– É, parece que sim.

Vik se voltou para ele com um brilho de insanidade no olhar.

– Então você não precisa de mais nenhuma *la-pi-da-ção si-náp-ti-ca*?

O termo atingiu Tom em cheio: *Lapidação sináptica: durante o desenvolvimento do cérebro infantil, conexões neurais excedentes são ignoradas e destruídas para que o mundo assuma uma representação lógica dentro da mente humana e...*

Tom precisou de vários instantes para se lembrar de si mesmo; para lembrar como deveria enviar um desejo a fim de que o fluxo de informações cessasse.

– Talvez você tenha uma notável *e-las-ti-ci-da-de neu-ra!*? – acrescentou Vik.

Mais um termo o atingiu: *Elasticidade neural: a elasticidade é a capacidade de adaptação do cérebro ao resultado de novas experiências, por meio do acréscimo ou remoção de conexões neurais. O cérebro é mais elástico durante os períodos da juventude que antecedem o...*

– Ou quem sabe você seja...

Tom empurrou o ombro de Vik antes que este pudesse disparar outro daqueles termos.

– Está bem, chega! – disse, rindo. – Você me pegou, admito.

Vik soltou uma risada que soou como a de uma criança.

– Você é um cara engraçado – comentou Tom.

– Tenho um ótimo senso de humor – concordou Vik. – Já o despreveram como brilhante.

As portas do elevador se abriram no sexto andar, revelando a sala comum dos plebeus que Marsh tinha lhe mostrado durante o passeio inicial.

Vik fez um gesto abrangente indicando a área ao redor.

– No seu primeiro passeio pelas instalações, devem ter dito a você que esta é a sala comum dos plebeus, certo? É isso mesmo. Ao menos tecnicamente falando, porque nós, plebeus, nunca a usamos. É a maior e mais bem equipada sala e, por isso, os recrutas de nível

mais alto gostam de passar o tempo livre aqui, e expulsam os plebeus que tentam permanecer no lugar.

– E vocês deixam?

– Claro – respondeu Vik em tom espirituoso. – Todos nós esperamos um dia ser recrutados de alto nível que expulsam plebeus da própria sala comum. Espero fazer isso no futuro, com certeza.

Os dois transpuseram a porta designada como Divisão Alexandre e chegaram a um corredor vazio, a partir do qual se estendiam três outros corredores.

– Esta é a Divisão Alexandre, que será seu lar enquanto estiver aqui. Poderíamos chamar isto de dormitório, mas acho que o mais tosco dos dormitórios é mais aconchegante que isto. Não há muito para se ver, não é? Venha, nosso lugar é por aqui.

No terceiro corredor, perto do extremo mais distante da Divisão, entraram num pequeno cômodo com duas camas, carpete cinzento e paredes de um branco fosco. Havia uma pequena janela, mais ou menos do tamanho da cabeça de Tom, que dava para o teto do Antigo Pentágono, no andar imediatamente abaixo.

– Chegamos – disse Vik. – Paredes vazias, e nem pense em cartazes, fotos nem nada do gênero: tudo isso é contra as regras. O privilégio de conferir ao alojamento um toque mais pessoal é conquistado conforme se avança pelas patentes.

– Perfeito – disse Tom, com toda a sinceridade, girando o corpo devagar para observar o quarto. Seu quarto. Nunca tivera um quarto seu antes, nem mesmo algo que fosse parcialmente semelhante.

– Fica satisfeito com pouco. Bom para você. Vai gostar daqui.

Tom reparou numa perna que brotava de trás de uma das camas. Aproximou-se mais e viu que ela pertencia a um rapaz de cabelo laranja, que vestia um uniforme e estava esparramado no chão.

– Sua cama é aquela – Vik explicou a Tom, indicando o outro lado do quarto.

– Tem um sujeito morto no chão – comentou Tom.

– Pois é, esse é o Beamer, nosso vizinho. – Vik se aproximou da cama de Tom, abrindo com o pé uma gaveta sob o colchão. Abaixou-se e tirou dela um punhado de roupas. – Aqui está seu uniforme.

– Tem um Beamer morto no chão – insistiu Tom.

Vik largou o uniforme sobre a cama de Tom.

– Não está morto. Beamer é assim mesmo.

O garoto de cabelo laranja se mexeu enquanto dormia, em uma clara evidência de que não estava morto, e sim em um sono pesado. O rosto redondo e sardento disparou um fluxo de informações na cabeça de Tom.

Nome: Stephen Beamer

Patente: FIEUA, Plebeu Nível III, Divisão Alexandre

Origem: Seattle, Washington

Méritos: Ganhador da Bolsa NFIB para Jovens Empreendedores, membro da Associação Nacional de Jovens Donos de Empresas

IP: 2053:db7:l71::342:ll3:6e8

Status de segurança: Ultrassegredo LANDLOCK-3

– Sabe – continuou Vik –, alguns meses atrás, Beamer cometeu o erro de escapular para fora da ZD, a Zona Designada, para se encontrar com a namorada de sua cidade natal...

– Marsh contou algo a respeito desse episódio – exclamou Tom. – O exército entrou em estado de emergência DEFCON-2, não foi?

– Pois é – Vik riu. – Cercaram a casa da namorada dele com helicópteros, tanques e veículos de combate, se não me engano, e quase mataram o pai dela do coração. Literalmente. Por isso, Beamer está até hoje tentando fazer a namorada esquecer o ocorrido. Ele passa a noite toda conversando com ela em vez de

baixar o dever de casa. Foi submetido à restrição de liberdades, um regime que limita a liberdade individual aqui dentro, e, na verdade, nem sei como ele consegue se comunicar com ela. Mas é algo que contradiz o propósito dos processadores neurais. Temos memória computadorizada. Podemos colocar na cabeça qualquer coisa que desejarmos, mas toda essa informação é inútil se não a processarmos. É preciso dar ao cérebro o tempo necessário para compreender e organizar o grande volume de dados que baixamos.

Tom passou por cima de Beamer e apanhou as roupas que Vik tinha colocado sobre a cama.

Vik cutucou a perna imóvel de Beamer com a bota, testando a profundidade do sono dele.

– A maioria de nós baixa a lição de casa enquanto dorme. Beamer faz o download em poucas horas e, por isso, não entende nada do que baixou. Depois ele entra aqui cambaleando logo cedo e desmaia no chão para se certificar de que eu tropece nele quando estiver saindo ou o arraste para o café da manhã.

Os olhos do garoto inerte de cabelo laranja se abriram subitamente. Beamer se sentou tão rápido que Tom recuou um passo, surpreso.

– Eu me oponho a esse debate – Beamer informou a Tom, uma expressão confusa tomando conta de seu rosto pálido, fazendo parecer que falava algo durante um sonho. – Vik está traçando conclusões precipitadas a respeito de minha personalidade. Processos catabólicos oxidam nutrientes que contêm carbono.

– Como é? – perguntou Tom, sem compreender.

Mas Beamer desabou no chão de novo e não disse mais nada. Tom demorou para perceber que ele estava inconsciente outra vez.

– Besta – Vik comentou carinhosamente, os olhos dançando. – Não processou nada, está vendo? O cérebro está cheio de

informações, mas elas ainda não foram encaixadas no devido contexto.

– Parece que não – murmurou Tom. Não era difícil se identificar com a situação de Beamer. O próprio Tom se sentia um pouco sobrecarregado de informações naquele momento.

– Agora vista logo o uniforme, antes que o Androide chegue e nos leve para o café da manhã.

– Um androide de verdade? – perguntou Tom. Não conseguia mais saber o que era real e o que era ficção científica.

– Não. Esse é o apelido que demos a Yuri, o colega de quarto de Beamer. Ele pratica corrida todas as manhãs, apesar de termos três sessões de exercícios físicos por semana, e está sempre de ótimo humor. Oferece ajuda com a lição de casa, dá uma mão a quem precisa mover objetos pesados e vive tentando fazer amizade com aquela menina estranha, Wyatt Enslow, porque sente pena dela. O sujeito mais simpático que você vai conhecer na vida. Beamer e eu concluímos que ele deve ser um androide. Um androide espião.

– Espião? – Tom vestiu sua túnica preta com a insígnia da águia na gola e um único ponto triangular abaixo dela. Havia também uma espada da Divisão Alexandre em seu braço. Colocou as luvas que pareciam de motoqueiro e então reparou no último item: um teclado.

Seu processador neural o avisou para prender o teclado nos espaços próprios da luva da mão menos habilidosa.

– Ponha a manga sobre o teclado – instruiu Vik. – Não vai precisar dele tão cedo.

Tom pressionou o teclado contra o antebraço, percebendo que era feito de um polímero flexível que se moldava, acompanhando a forma do braço. Encaixou as extremidades nos espaços equivalentes na luva da mão esquerda e, a seguir, puxou a manga para manter o teclado no lugar.

Vik prosseguiu:

– Como eu dizia, o colega de quarto de Beamer, Yuri, é russo, sabe? Além disso, vem de uma família muito bem relacionada. O pai dele conhece um sujeito que praticamente fundou as Forças Intrassolares. Foi ele quem trouxe Yuri para a Agulha, sem dar a mínima para a vontade do exército americano. Como Yuri nasceu e cresceu na Rússia, muitos acham que ele é espião. O exército deve pensar o mesmo, porque Yuri se tornou um plebeu três anos atrás... e continua sendo um plebeu até hoje. A maioria dos plebeus é promovida depois de um ano, mais ou menos. Todos os outros que começaram o programa na mesma época que ele já avançaram para a Companhia Superior ou estão em outra agência do governo a essa altura.

Tom calçou as botas de combate, amarrou os cadarços e pôs a barra da calça camuflada dentro do cano do calçado, imitando a maneira de Vik se vestir.

– Acha que ele é um espião?

– Não. Já disse, acho que ele é um androide.

As portas se abriram. Por elas entrou um enorme rapaz de cabelo ondulado, com quase dois metros de altura, o corpo parecendo uma massa compacta de músculos, estampando no rosto bonito um sorriso amistoso.

Nome: Yuri Sysevich

Patente: FIEUA, Plebeu Nível III, Divisão Alexandre

Origem: São Petersburgo, Rússia

Méritos: Prêmio Chris Canning de Excelência Acadêmica, Prêmio Elsevier Woods para Jovens Voluntários

IP: 2053:db7:lj71::236:ll3:6e8

Status de segurança: Confidencial LANDLOCK-1

Tom observou com atenção. Ele de fato tinha uma designação de segurança inferior à dos demais.

– Ora, olá, companheiros. Estão prontos para tomar o café da manhã? – O olhar de Yuri brilhou ao ver Tom. – Ah, você... É o novo plebeu. Timothy Rodale.

Tom abriu a boca para corrigi-lo, mas Vik chamou sua atenção discretamente e sussurrou:

– Não fale nada.

– Isso – respondeu Tom, perplexo.

Yuri soltou uma gargalhada ruidosa.

– É muito bom conhecê-lo. Sou Yuri... mas isso você já sabe. – Ele apontou para a própria têmpora.

– É, já sei – disse Tom.

– Não estou vendo a relação dos seus méritos.

– É algum erro. Estamos corrigindo esse detalhe – Vik disse a Yuri.

– Bem... é isso – concordou Tom.

Um aviso surgiu dentro da cabeça dele. *Refeição matinal começa em cinco minutos.* Tom foi apanhado de surpresa pelo súbito lembrete, atado a seu cérebro como um dos próprios pensamentos. Os demais meninos no quarto reagiram ao mesmo aviso. Todos se levantaram quase de uma vez, com exceção de Beamer, que se esforçou para ficar de pé, mas logo desabou novamente. Yuri o apanhou pouco antes de ele cair no chão.

– Pronto? – Vik perguntou a Tom.

Ignorando a ansiedade, que lhe dava a sensação de ter borboletas voando dentro de si, Tom fez um gesto afirmativo com a cabeça.

– Pronto.

Yuri levantou Beamer do chão e o colocou sobre um dos ombros largos, ajudando-o a percorrer o corredor que ligava a Divisão Alexandre ao elevador. Cantarolou feliz durante todo o caminho.

– Eu consigo andar – protestou Beamer com voz pastosa.

– Foi o que disse da última vez, antes de bater a cabeça – respondeu Yuri. – Não tem problema, Stefan.

Beamer ergueu a cabeça sonolenta e estreitou os olhos na direção de Tom.

– Humm. O novato não tem méritos.

Maldito perfil.

Vik se aproximou de Tom.

– Disse a você que ia virar uma chateação. Quer mudar o perfil ou não?

– Você disse que tem uma menina que consegue fazer isso, certo?

– Wyatt Enslow – respondeu Vik. – Não vai ser fácil, mas posso convencê-la a ajudar.

– Por que ele pensa que meu nome é Timothy Rodale? – Tom indicou com um gesto de cabeça as largas costas de Yuri.

Vik respondeu em um tom de voz normal, como se Yuri não pudesse ouvi-los.

– Bem, ainda não há uma explicação oficial, mas Yuri tem os sentidos meio confusos. Há algo errado com o software dele, e nenhum dos oficiais parece disposto a consertar o problema, o que nos leva a crer que ele tenha sido deliberadamente bagunçado. Concluímos que o exército pensa que Yuri é um espião, mas não puderam mantê-lo longe da Agulha porque a família dele é bem relacionada. Portanto, deixaram que ficasse aqui, mas em seguida inseriram um vírus no software do processador neural, impedindo-o de ouvir algo que seja confidencial.

Tom olhou para as costas largas de Yuri, mas este cantarolava, sem demonstrar o mínimo sinal de ter ouvido a conversa deles.

– O processador neural dele distorce as informações que ele ouve?

– Exatamente. Pelo que Beamer e eu pudemos entender, ele parece compreender o funcionamento básico da Agulha, mas não nossa identidade, IPs, estratégias ou qualquer outra coisa que possa

prejudicar o esforço de guerra. O processador dele foi configurado de modo a impedi-lo de ouvir nosso nome real quando alguém o menciona. O mesmo vale para informações confidenciais. Mostro para ele um código da aula de programação, por exemplo, e ele olha para aquilo e sabe do que se trata, mas, nas suas lembranças, fica tudo bagunçado. Está vendo como podemos falar essas coisas bem atrás dele? Aposto que o processador está interpretando as palavras como algo completamente diferente.

– Sério? – Tom estava impressionado e perturbado ao mesmo tempo. Ali estava algo em que jamais havia pensado. Devia ter imaginado que o fato de ter um computador no cérebro o tornava suscetível a erros de programação, tal como um computador.

– Vik, se eles bagunçaram o software de Yuri, como podemos ter certeza de que não fizeram nada com o nosso?

Vik lhe lançou um sorriso estranho e perturbador, os olhos reluzindo como os de um louco.

– Ora, Tom, não podemos.

– Puxa, isso me tranquiliza bastante. Obrigado.

– De nada, companheiro. É para isso que estou aqui.

O SALÃO PATTON já estava lotado. Bandejas estavam dispostas em cada um dos lugares nas mesas retangulares. Os recrutas formavam um oceano de cor negra e tons camuflados. Tom correu os olhos pela multidão, identificando as insígnias de cada divisão nos braços: uma pena indicava os membros da Maquiavel, um machado marcava os membros da Gêngis, uma espada assinalava os membros da Alexandre, um mosquete, os da Napoleão e uma catapulta, os da Aníbal.

Vik lhe deu uma leve cotovelada, indicando com um gesto de cabeça que o seguisse. Avançaram na direção daquilo que o processador neural de Tom identificou como mesa das plebeias da Divisão Aníbal. As meninas estavam todas sentadas de um dos lados da mesa, conversando entre si, e ignoravam uma garota alta e desajeitada de cabelos castanhos e lisos, que se sentara sozinha do outro lado, os ombros arqueados, os olhos passeando furtivamente pelas outras meninas e suas bandejas.

– Ei, Enslow! – chamou Vik.

A garota ergueu os olhos, as sobrancelhas muito próximas no solene rosto oval. O cérebro de Tom a identificou como

Nome: Wyatt Enslow

Patente: FIEUA, Plebeia Nível III, Divisão Aníbal

Origem: Darien, Connecticut

Méritos: Campeã Anual de Matemática, Colégio Riven; bicampeã do Prêmio Anual de Estudos Matemáticos; Medalha de Ouro na

Olimpíada Internacional de Matemática; primeiro lugar no Campeonato James Lowell Putnam

IP: 2053:db7:lj71::335:ll3:6e8

Status de segurança: Ultrassegredo LANDLOCK-3

– Ainda ajuda os outros a mexer nos perfis? – perguntou Vik.

Os lábios de Wyatt se apertaram.

– Fique à vontade para gritar mais alto, Vik. Acho que o tenente Blackburn ainda não o ouviu no andar dos oficiais. E não, não faço mais isso. Quase fui pega da última vez.

– Vamos lá, Enslow – insistiu Vik. – Dê uma força ao Tom. É o Yuri quem está pedindo.

– Então por que ele não veio aqui pessoalmente?

– Porque está ocupado carregando o Beamer.

– O que vocês querem alterar? – O olhar dela pousou em Tom. – Ah, isso.

– Pois é, isso – disse Vik. – Alguém esqueceu de inserir no programa todos os fantásticos méritos de Tom.

Tom olhou para ele, mal contendo o riso. Isso mesmo, seus incontáveis méritos notáveis. Era ótimo com video games e, certa vez, tinha conseguido comer duas pizzas num intervalo de cinco horas.

– Nosso amigo Tom está envergonhado de andar por aí parecendo tão incapaz – explicou Vik, cutucando Tom com o polegar.

– Deve ser mesmo constrangedor – disse Wyatt solenemente. – Podem pensar que você não fez nada para merecer seu lugar aqui. Bem, se é o Yuri quem está pedindo, vou fazer as alterações... mas você precisa me dar cobertura se Blackburn perceber. Prometa que vai me ajudar!

– Prometo que vou lhe dar cobertura – garantiu Tom.

Ela mordeu o lábio inferior, ergueu a manga e desnudou o teclado preso ao antebraço direito.

– Então, o que quer que eu escreva no perfil?

Vik arqueou uma das sobrancelhas, encarando Tom.

– E então?

Tom não sabia exatamente quais méritos deveria inventar para si mesmo.

– Campeão de boliche na grama? – sugeriu.

Wyatt fez uma careta.

– Boliche na grama?

– Isso mesmo – concordou Vik. – Se houvesse uma olimpíada de boliche na grama, Tom ganharia a medalha de ouro. Ele também é campeão nacional de soletração.

Wyatt fez um sinal seco de aprovação, obviamente considerando *aquela* um mérito respeitável.

– Muitos não sabem soletrar. É uma pena.

Na tentativa de chocá-la, Tom acrescentou:

– Sou também fundador e contribuinte da maior bola mundial de...

– ... lã? – sugeriu Vik.

– Nada disso, Vikram – respondeu Tom. – De cera de ouvido.

Wyatt abaixou um pouco o teclado.

– Por acaso está inventando tudo isso?

– Claro que não – falou Vik.

– Vou inserir o campeonato de soletração, mas não vou escrever nada sobre cera de ouvido no perfil. *Nem* sobre boliche na grama. Nunca ouvi falar disso.

– Nem todos são gênios da matemática. Não faça pouquinho dos grandes feitos do Tom – disse Vik.

– É, não foi nada gentil da sua parte – acrescentou Tom.

– Está bem, vou escrever sobre o boliche na grama, está bem? – Wyatt digitou com agilidade no teclado.

Tom se viu olhando fixamente para a mão esquerda dela enquanto os dedos bailavam sobre as teclas. Ela tinha palmas largas e dedos longos. Pareciam grandes demais em comparação com o resto do corpo.

– Pronto – anunciou Wyatt.

– Pronto? – indagou Tom, surpreso.

– Sim, está feito. – Ela o olhou sem muita paciência, como se Tom ignorasse algo muito óbvio. – E diga ao Yuri que esta é a última vez que faço isso. O tenente Blackburn ainda procura pela pessoa que invadiu o banco de dados do pessoal da Agulha na última rodada de promoções. Ele vai me matar.

– Enslow, ele não vai matar você – respondeu Vik. – Vai apenas denunciá-la ao general Marsh.

Os olhos de Wyatt se arregalaram.

– Obrigado – disse Tom apressadamente.

– Não precisa me agradecer – tornou Wyatt com seriedade apertando o braço contra o peito. – Basta ir embora e não falar mais comigo. Isso vale para os dois.

O estranho é que ela não dissera aquilo de maneira desagradável. Era como se não fizesse a mínima ideia do quanto estava sendo grosseira. Tom e Vik se afastaram, sem trocar mais nenhuma palavra com ela.

– Garota simpática – Tom comentou, enquanto ele e Vik abriam caminho em meio à multidão.

– Enslow é assim mesmo. Nome de homem, mãos de homem, nenhum senso de humor. Parece que falta a ela qualquer tipo de capacidade para se relacionar com outras pessoas. Há um motivo pelo qual Yuri é o único em toda a Agulha que tenta passar o tempo livre com ela... Acho que sente pena da garota. Mas sabe isso que ela fez com o seu perfil? Ela consegue fazer em trinta segundos

coisas que qualquer outra pessoa precisaria de horas para executar. É incrivelmente habilidosa.

Chegaram à mesa destinada aos rapazes da Divisão Alexandre, onde Beamer tentava se equilibrar na cadeira, e Yuri preenchia outra com seu corpo imenso. Ele cumprimentou Tom com um aceno amistoso de cabeça, os dentes brancos e alinhados, os cabelos castanhos formando ondas perfeitas, que emolduravam um rosto absolutamente simétrico. Por um instante, pareceu mesmo ser um androide.

– Yuri, nós nos aproveitamos de Wyatt Enslow. Dissemos a ela que foi você quem nos mandou procurá-la – informou Vik. – Acho que ela ficou chateada com você. É melhor ir se desculpar.

Yuri fechou os olhos e suspirou.

– Você não é muito legal com a Wanda, Viktor.

– Não tenho nada contra a Mãos de Homem – protestou Vik. – Mas ela nunca nos ajudaria se eu pedisse. Quer mesmo que o pobre Tom se sinta tão constrangido e embaraçado? – Ele fez um gesto indicando Tom.

– Não estava constrangido – protestou Tom. Ele estava apenas sem méritos.

Mas Yuri se ocupava agora com a leitura do perfil de Tom.

– Ah, campeão de soletração. Muito impressionante.

– Pois é, soletro palavras enquanto jogo boliche na grama – disse Tom. – Palavras como *boliche* e *grama*, sabe?

Ele fez menção de se sentar na cadeira, mas Vik, com um gesto, lhe pediu que levantasse.

– Não se sente ainda. Temos que ficar de prontidão até a major Cromwell nos dispensar. É uma chateação, mas só precisamos fazer isso no café da manhã e em jantares formais.

Um sinal ecoou no cérebro de Tom: *Início da refeição matinal.*

O silêncio tomou conta da sala, e cada um dos recrutas ali presentes endireitou o corpo e assumiu posição de sentido. Um grupo de recrutas entrou marchando no salão, em seguida desdobrou a bandeira americana e a hasteou num mastro, para marcar o início do dia. Depois, formaram duas filas ao lado da porta.

Tom olhou ao redor, conferindo se sua postura estava correta. O computador em seu cérebro o instruía a relaxar os ombros, estufar o peito, encolher a barriga, manter os braços estendidos ao lado do corpo e se certificar de que o conjunto todo estivesse em perfeito alinhamento.

Pela porta surgiu uma mulher magríssima, de aparência cansada, vestindo um uniforme grande demais. A mulher se deteve por um momento, inspecionando-os. Seu rosto era marcado por linhas de expressão, e os cabelos castanho-claros perdiam espaço para mechas acinzentadas. Os lábios se encontravam ligeiramente curvados para baixo. O processador neural de Tom exibiu estas informações:

Nome: Isabel Cromwell

Patente: Major

Filiação: CFNEUA 0-4, em atividade

Status de segurança: Ultrassegredo LANDLOCK-8

– Todos à vontade – disse com um tom de voz áspero.

Ao redor de Tom, os corpos relaxaram, e, depois que a major Cromwell assumiu sua cadeira solitária na mesa dos oficiais a um canto, os recrutas se acomodaram nas mesas como uma vasta onda negra.

Tom se sentou na cadeira. Próximo dele, os demais levantaram as tampas metálicas das bandejas, revelando um café da manhã

composto por ovos, torrada, bacon e suco de laranja. Tom os imitou, mas encontrou apenas dois chocolates repousando em seu prato.

Mastigando sua torrada, Vik reparou na expressão de perplexidade no rosto de Tom.

– Ah, é. Você precisa comer isto.

– Chocolate? No café da manhã?

– Na verdade, Tom, são barras energéticas. Vai ter de comer cerca de dez dessas por dia durante algum tempo. Quando fazem o implante do processador neural, seus hormônios enlouquecem. Você vai ter um pico na produção de HGH.

O processador neural de Tom identificou o termo imediatamente.

– Hormônio de crescimento humano?

– Isso. Em seguida, virá um grande estirão de crescimento. O processo vai ser interrompido naturalmente quando chegar ao fim do ciclo de crescimento normal. Vão lhe dar essas barras de nutrientes para ajudar no processo.

– Mas isso aqui é um chocolate. Como pode me ajudar a crescer?

– Isso é o que você está *vendo*. – Vik sorveu um grande gole de suco de laranja. – Seu processador neural foi configurado para lhe mostrar informações sensoriais de alimentos dos quais você gosta. Parece um chocolate, mas na verdade é uma barra de nutrientes de alta densidade energética. Quando olhar para as barras de nutrientes e enxergá-las como realmente são, saberá que o surto de produção do hormônio de crescimento chegou ao fim.

– E qual é a verdadeira aparência dessas barras, então?

– Parecem barras de nutrientes de alta densidade energética. acredite em mim, você não vai querer saber mais detalhes a respeito delas.

Tom abriu a embalagem da primeira barra e a devorou. Tinha sabor de chocolate. Era estranho pensar que seu cérebro o enganava. Os olhos pousaram no alimento de verdade que os outros

comiam. O bacon parecia tão saboroso que era quase capaz de sentir o gosto. Quando apanhou a segunda barra, percebeu, espantando, que ela se parecia agora com um suculento pedaço de bacon. Tom a mordeu, e o sabor do bacon explodiu em sua boca. Intrigado, decidiu pensar em uma banana, e, embora detestasse bananas, ao olhar para o prato... a barra de nutrientes se transformara em uma!

– É mesmo demais – murmurou para si.

Guardou um pedaço da banana/barra de nutrientes/chocolate para admirar no caminho até a aula de ginástica. Transformou-a num pastel, em espaguete, no prato francês de lesmas chamado escargô. Era difícil acreditar que seu cérebro pudesse ser manipulado com tamanha facilidade: que fosse possível olhar para algo e *ver uma coisa diferente* apenas porque o computador na cabeça lhe dizia que a aparência do alimento era esta e não aquela.

Vik o deixou a par do que o esperava na ginástica enquanto os dois se encaminhavam para a aula.

– A sessão de exercícios físicos é bem simples. Você malha e fica em forma. As primeiras vezes parecem muito intensas, mas você se acostuma.

– Ótimo – respondeu Tom, fingindo gostar do que tinha ouvido. Pôs na boca o último pedaço da barra de nutrientes e logo percebeu que se esquecera de transformar o escargô em alguma outra coisa antes de comer. Engasgou com o sabor, mas conseguiu engolir. – Devo admitir que não sou muito chegado em exercícios, sabe? E acabo de passar algumas semanas na cama, enquanto meu cérebro era operado. O que acontece se não conseguir acompanhar o ritmo?

– A adrenalina vai ajudá-lo a aguentar a série de exercícios, pode acreditar.

Tom o seguiu até um amplo salão, onde os demais plebeus das diferentes divisões já aguardavam. Quando viu a placa logo acima,

onde se lia Arena de Exercícios Físicos Stonewall, uma planta arquitetônica se desdobrou diante de seus olhos, mostrando-lhe que a vasta arena abrangia a parte interna do segundo, terceiro e quarto andares. Seus olhos repararam nos diferentes obstáculos que teriam de enfrentar: trincheiras sobre as quais deveriam saltar; conjuntos de escadas e paredes de pedra que teriam de escalar; caixas de areia e poços d'água; longos trechos de pista de corrida ladeados por uma grama sintética que se perdia à distância, acompanhando a circunferência da Agulha; escadas que davam em plataformas interligadas, que traziam ainda mais obstáculos.

Em seguida, a paisagem ao redor se transformou. Não estavam mais na arena, e sim em um amplo campo verdejante.

Tom piscou os olhos repetidas vezes. O campo continuava lá, claro como o dia.

– O que aconteceu?

– Você tem agora um processador neural – respondeu Vik. – Entendeu? O computador controla os sinais enviados ao seu nervo óptico.

Tom compreendeu: seu cérebro recebia uma imagem falsa, tal como ocorrera com as barras de nutrientes no café da manhã.

– Então... nada disso está mesmo aqui? – perguntou Tom, apertando o calcanhar da bota contra a grama. Era inacreditável: dava até para sentir o *cheiro* de mato!

– A arena que você viu é real. Mas este campo é apenas obra do processador, enganando seus sentidos. Os sons que está ouvindo, o vento... tudo isso é falso – esclareceu Vik. – Em poucas palavras, é uma tentativa de tornar a sessão mais instrutiva. A maioria das situações que envolvem exercícios tem como base batalhas reais. A gente acaba aprendendo coisas sobre história militar sem que precisem de fato nos ensinar nas aulas.

Uma brisa fresca acariciou o rosto de Tom, passando pelos cabelos. A sensação era muito real. A grama parecia macia sob as botas, e a leitosa luz do sol matinal ofuscava seus olhos. Tom passou a sentir o cheiro acre da fumaça que subia em nuvens escuras de algum lugar no distante horizonte. Conseguia até mesmo ouvir o som de vozes ao longe, vindas de outra parte do campo, e sentir o chão vibrar com a marcha de milhares de passos.

Estreitou os olhos, tentando enxergar a arena de verdade por trás da ilusão, mas era impossível.

– Se não podemos ver o mundo real, como vamos desviar dos objetos da arena?

– A ilusão se adapta à arena real – explicou Vik. – Um rio no lugar da piscina. Rochas em vez das paredes baixas, penhascos onde há paredes para escalar, esse tipo de coisa. Por sinal, é melhor começar a se alongar e se aquecer enquanto há tempo. A sessão de exercícios sempre começa pela parte aeróbica.

Tom olhou para os demais plebeus ao redor, que se afastavam uns dos outros, espalhando-se pelo campo. Todos se alongavam e olhavam ansiosos em torno de si. Tom dirigiu o olhar para o horizonte, tentando entender o motivo da apreensão geral.

– E agora, o que vai acontecer? – perguntou a Vik.

– Algum incentivo para começarmos a correr.

Tom se alongou, sentindo o vento nas bochechas e o coração acelerar dentro do peito. O ruído de vozes distantes foi se tornando cada vez mais alto. De repente, os plebeus interromperam os alongamentos e passaram a correr.

Gritos invadiram o ar. Tom olhou para as colinas atrás de si, perdendo o fôlego ao ver o “incentivo para começar a correr”. Milhares de homens vestindo saiotas desciam pela colina, bradando ferozes gritos de guerra e empunhando espadas reluzentes.

É mesmo demais, pensou Tom durante um breve instante de estupefação.

Uma lança passou rente ao seu rosto, e o instinto de sobrevivência assumiu o controle, lembrando-o de que estava desarmado diante de uma horda enfurecida de guerreiros da Escócia medieval. Tom começou a correr, os gritos atrás de si martelando-lhe os tímpanos. Outra lança passou bem perto dele, fincando-se no chão com um ruído ameaçador. Ele desviou da arma, o coração quase explodindo no peito, mas depois lembrou que aquilo não era real. Tudo não passava de uma ilusão.

Esqueceu logo esse pensamento ao ouvir um grito de agonia. Tom se voltou a tempo de ver que Beamer havia ficado para trás, caindo nas mãos dos guerreiros escoceses. Um deles havia cravado a espada no tronco do jovem.

– Aaah! – gritou Beamer, debatendo-se no chão. – Que dor. Que dor terrível!

– Céus, Beamer, não – lamentou-se Vik, aflito. Ele agarrou Tom pelo colarinho. – Pelo amor de Deus, corra mais rápido. Corra mais rápido, ou terá o mesmo destino!

A tranquilidade de Tom por saber que aquilo não era perigoso evaporou, dando lugar a um pavor real. Vik estava em pânico, e Beamer havia berrado como se houvesse sido assassinado de verdade. Haveria algo de errado com a simulação? O sentido de uma simulação não era transformar aquilo numa batalha real, com gente morrendo, era?

Estava sem fôlego quando foi obrigado a se deter diante de uma parede de rocha sólida. Então o cenário ao redor mudou, e Tom viu Beamer de novo, aos pés da parede, rindo sem poder se controlar.

– Vik, você viu a cara do novato? – caçoou Beamer.

Vik soltou uma risada e acertou um leve soco no ombro de Tom.

– Pobre Tom. Achou mesmo que ele tivesse ficado com as tripas para fora? Nada disso; Beamer desistiu de participar do exercício e deixou que o matassem. Ele é mesmo muito preguiçoso.

Com a cabeça, Beamer confirmou, orgulhoso.

Yuri havia ignorado as escadas e decidido escalar uma parede rochosa. Já estava na metade da subida, mas fez uma pausa para olhar para baixo, na direção deles, e balançou a cabeça em reprovação.

– Não foi legal tapear Tim dessa maneira.

Tom enfim compreendeu: o campo de batalha na verdade não passava de outra ilusão sensorial. Era impossível sentir algo numa ilusão. Beamer havia encenado aquela morte agonizante, e Vik tinha embarcado na brincadeira.

– Você continua sendo um cara engraçado – disse-lhe Tom.

Vik começou a escalar a parede.

– Agora vem a segunda etapa, um treinamento de transição. Vai morrer de novo, Beamer?

– Não quero nem pensar em subir isso aí – resmungou Beamer, correndo os olhos pela imensa parede de pedra.

– Vejo você na próxima encarnação... ou melhor, na próxima etapa de treinamento muscular. Vamos, Tom.

Ele seguiu Vik, deixando Beamer para trás, nas mãos dos escoceses furiosos. No mundo real, aquela era uma das paredes de escalada que vira antes. Mas, na simulação, parecia a muralha de algum castelo. Tom escalou a parede rochosa, usando um conjunto diferente de músculos, e viu-se cada vez mais perto de um batalhão de soldados ingleses medievais no topo da muralha, que esbravejavam contra eles, chamando-os de “miseráveis bárbaros invasores”.

Quando chegaram ao alto da muralha, outra parede se interpôs no caminho. Atrás de si, Tom ouviu novos gritos de guerra. Olhou por

sobre o ombro e notou que o imenso exército de guerreiros escoceses também escalava a muralha no encalço deles. Beamer foi – intencionalmente – dilacerado outra vez. Não se preocupou em fingir os berros de agonia. Desabou no chão e acenou preguiçosamente para Tom e Vik.

A perseguição prosseguiu por várias muralhas seguintes, até Tom ficar sem fôlego. Os escoceses não pareciam desistir nunca. Foi então que Tom se encontrou com os demais plebeus em uma sala de armas protegida por quatro paredes. Seguiu-os, apanhou uma espada de uma das paredes e quase a deixou cair. O peso o surpreendeu.

– Como esperam que lutemos com isto? – perguntou a Vik, erguendo a arma com as duas mãos.

– A ideia não é lutar com elas, e sim erguê-las. É assim que fazemos a etapa do treinamento muscular.

Gritos cortaram o ar. Tom se preparou para o que quer que estivesse à espera deles.

Ronins japoneses invadiram a sala.

Tom começou a rir. Não fazia nenhum sentido ver ronins japoneses num castelo medieval inglês sitiado por escoceses... mas a sensação era fantástica. Fez um esforço adicional e se colocou em posição de luta, empunhando a pesada espada. Ignorou o fato de que se defender dos golpes dos ronins se assemelhava, sem tirar nem pôr, ao exercício de erguer pesos numa academia de ginástica – a ilusão da luta tornava aquilo muito mais interessante. Observou Vik desviando de uma espada e reparou em Beamer a um canto, sendo estripado pela terceira vez. Yuri deu um salto adiante para vingar Beamer, lançando-se gloriosamente à batalha contra dois ronins ao mesmo tempo, empunhando uma espada em cada mão. Então, colocou-se, em um gesto heroico, entre Wyatt e o ronim que a enfrentava, combatendo três deles ao mesmo tempo.

– Yuri, pare de se exhibir! – queixou-se Wyatt, empurrando-o para longe e voltando a encarar o ronim.

Em um segundo, os ronins desapareceram, as paredes úmidas do castelo sumiram, e Tom se viu no meio da arena, ofegante, com um denso peso de ferro nas mãos. Yuri tinha um peso em cada uma, e os depositou no chão com um ruído abafado. Não parecia sequer ter transpirado.

Vik se voltou para Tom, o uniforme ensopado colado ao corpo.

– O que achou?

Ainda ofegante, Tom respondeu:

– Melhor... do que... correr em... círculos.

No VESTIÁRIO, Tom sentiu o corpo estremecer de exaustão enquanto se banhava na ducha quente, envolvido pelo vapor. Sua mente vagava pelas imagens dos escoceses furiosos, ronins armados com espadas e soldados ingleses. Era preciso lembrar a si mesmo que aquilo não fora sonho nem alucinação: aquela era a realidade dele agora. As mãos passaram pelo cabelo curto e espetado, depois pelo rosto....

Tom congelou no lugar, surpreso ao tocar a pele lisa.

Correu os dedos pelas bochechas, pela testa, pelo queixo. Nem sinal de acne. Era como se...

Apanhou a toalha do gancho, enrolou-a no tronco e correu para os espelhos do lado de fora do boxe. Usou a palma da mão para afastar as gotículas que cobriam a superfície e, pela primeira vez desde que tinha dez anos, olhou para o próprio rosto sem ver a pele desfigurada por cravos e espinhas.

Ficou observando seu rosto, uma sensação estranha crescendo dentro de si. Ali estava ele. Um sujeito que nem era tão feio. Não era um Elliot Ramirez, é claro, mas aquele sujeito poderia entrar numa escola de ensino médio (em um prédio de verdade, não em

um ambiente virtual) sem ter medo de as pessoas apontarem para ele, morrendo de rir.

Tom tinha dado como certo que sempre seria um menino de aparência desagradável. Sempre soubera que, por mais que a acne diminuísse um dia, as marcas deixadas seriam tantas que não faria mais diferença. Mas agora ele parecia um rapaz normal. Um adolescente normal cercado por outros adolescentes normais, com um futuro repleto de possibilidades à frente. Tinha até um perfil que o descrevia como campeão nacional de soletração, e não como um fracassado sem endereço fixo que não conseguia passar de ano nem mesmo em um reformatório. Seu cérebro latejava, mas em um sentido positivo. Havia dentro dele a sensação de que, pela primeira vez na vida, havia se tornado uma pessoa real.

– Espelho, espelho meu – disse Vik, emergindo do vapor atrás dele.

Tom deu um passo para trás.

– O que foi, hein? – Os olhos de Vik se dirigiram ao espelho. – Está se olhando aí faz uns vinte segundos. Se ao menos fosse bonito como eu, compreenderia o motivo de estar encantado com a própria beleza.

– Estava pensando numa coisa. Não sabia que eles mudavam outros aspectos da gente durante a cirurgia. Fisicamente, quero dizer.

– Ah, está se referindo ao fato de a barba não crescer mais? – Vik esfregou o queixo liso.

Tom fez um gesto afirmativo com a cabeça, como se fosse mesmo aquilo que quisesse dizer.

– Pois é, mais uma chateação, mas o processador praticamente desliga todas as funções do corpo que considera inúteis, como o funcionamento dos folículos capilares do rosto de quem precisa estar sempre de barba feita no exército. Além disso, tinha antes uma

cicatriz acima da sobrancelha que quase sumiu depois da cirurgia. É uma pena. Ela me dava um ar de durão.

– Não posso acreditar.

– É sério, eu tinha uma cicatriz mesmo. – Vik apontou para o supercílio.

– Sim, acredito, difícil é imaginar você com cara de durão.

Ele desviou da toalha de Vik antes de ser chicoteado com ela.

TOM ENCONTROU outras duas barras de nutrientes dentro do armário. Imaginou-as como bacon e devorou ambas enquanto se encaminhava para as demais aulas. Balões de informação brotaram dentro de sua cabeça. Examinou os dados e percebeu que se tratava da programação das aulas. Esperou que logo surgisse também aquilo que Vik chamava de compreensão dos dados, que acompanhavam a informação. Aquela programação parecia estranha.

Às segundas, quartas e sextas estavam previstas sessões de exercícios físicos das 0800 às 0930, seguidas por uma aula de matemática, que ia apenas das 1000 às 1020. Devia haver algum erro, não? Como poderia haver uma aula de matemática de apenas vinte minutos?

Mas as demais aulas pareciam ter também vinte minutos: inglês das 1025 às 1045, história das 1050 às 1110, ciências das 1115 às 1135, idiomas das 1140 às 1200. Depois, apenas o almoço e a tarde inteira dedicada às simulações aplicadas.

As aulas normais do ensino médio não figuravam na agenda às terças e quintas. Aula de programação das 0800 às 1130, e a tarde inteira dedicada a táticas nível I.

Tom seguiu os demais plebeus à Sala Lafayette, a sala de aulas que vira no passeio inicial, na companhia do general Marsh. Foi com Vik até um banco e se acomodou por lá. Já Yuri se separou deles,

sentando-se ao lado de Wyatt. À sua frente, os plebeus arregaçaram as mangas para expor os teclados afixados aos antebraços.

Um informe chegou ao cérebro de Tom: *Início da aula matinal*. Fez-se silêncio na sala, enquanto um homenzinho de cabelo grisalho assumiu o palco à frente. O cérebro de Tom exibiu seu perfil:

Nome: Isaac Lichtenstein

Afiliação: Universidade George Washington

Status de segurança: Confidencial LANDLOCK-2

– Bom dia, recrutas – disse o professor. – Por favor, guardem qualquer outro material que não precisar ser usado, para começarmos o exame.

– Exame? – perguntou Tom, nervoso, dirigindo-se a Vik.

– Isso mesmo – respondeu Vik. – Prova de matemática das mais difíceis. É melhor tirar uma nota boa, Tom, ou será expulso do programa.

Tom não achou que seria excluído do programa depois de o exército ter se dado o trabalho de instalar um processador na cabeça dele, mas aquelas palavras o deixaram apavorado.

Iniciou-se então uma sequência de exercícios. Uma pergunta brotou do nada diante dos olhos de Tom. Ele a leu: *Faça uma estimativa gráfica de todos os pontos máximos e mínimos de...*

Tom não fazia a menor ideia de como responder. Nunca tinha aprendido nada parecido. Mesmo assim, enquanto olhava para os números, uma coisa muito estranha aconteceu, uma série de pensamentos sequenciais e ordenados. Dentro da mente formou-se a imagem de um cubo entrecortado por planos, e os valores assumiram um novo formato em sua cabeça.

Algo tão difícil assim não deveria fazer tanto sentido, tampouco ser representado com tamanha perfeição... mas era exatamente o que estava ocorrendo. Tom começou a digitar no próprio teclado.

Solucionou o problema, vendo dentro do cérebro todos os cálculos necessários, como se ele próprio houvesse se convertido em uma calculadora. Entregou as respostas ao professor com um toque no teclado preso ao antebraço. O problema seguinte foi resolvido com a mesma simplicidade aparente, e o próximo também.

Após ter entregue todas as respostas do exame, no centro de sua visão, recebeu o resultado: *100%*. Ficou olhando para o número, incrédulo. Tinha resolvido dezoito questões de cálculo em sete minutos. Nunca havia tido uma aula de cálculo antes. Não tinha sequer sido aprovado em álgebra.

A seu lado, Vik, que tinha terminado tudo alguns minutos antes dele, observava-o com o canto dos olhos, mexendo as sobrancelhas parecidas com taturanas como se dissesse: *Há-há, te peguei de novo!*

Tom lutou contra a vontade de se entregar às gargalhadas, porque tudo aquilo era inacreditável. Que estranha aquela situação: jamais poderia pensar que algo que sempre lhe parecera tão frustrante quanto a matemática pudesse ser tão simples, uma vez que o cérebro recebia a ajuda de um computador.

A voz do dr. Lichtenstein ecoou lá na frente da sala outra vez.

– Excelente. – Ele olhava para os resultados na própria tela. – Vejo que a pontuação mais baixa foi 89%.

Beamer suspirou. Tom logo suspeitou que a nota pertencia a ele.

– E parece que a questão onze pegou muitos de vocês de surpresa. Talvez devesse ter esclarecido melhor os conceitos no material que baixaram como lição de casa. Já que ainda temos quatro minutos de aula, vamos repassar esse ponto.

Quatro minutos mais tarde, a aula de matemática chegou ao fim. O dr. Lichtenstein explicou a todos que o material designado para o exame de quarta-feira já estava disponível para download no sistema e despediu-se deles. Eram exatamente 1020. Tom observou

o professor partir. A programação não estava errada. A aula de matemática tinha mesmo apenas vinte minutos.

O restante das aulas daquela manhã prosseguiu da mesma maneira, com os plebeus sentados na sala e os professores mudando três vezes no intervalo de uma hora. Tom aprendera mais durante as semanas em que seu cérebro estava sendo sequenciado novamente do que nos quatro anos passados no Reformatório Rosewood. Na aula de inglês, sua gramática era impecável, e obteve 100% no exame de compreensão escrita. Em história, prontamente completou datas, nomes e implicações históricas dos principais acontecimentos políticos que envolviam a guerra franco-indiana. Em ciências, identificou com perfeição o entrelaçamento quântico como conceito central implícito na rede de comunicações intrassolares. Quando a professora de idiomas entrou na sala falando japonês, Tom a compreendeu antes mesmo de perceber que a compreendia. Falou ao microfone do computador durante o exame oral, e o processador registrou seus padrões vocais. O sotaque fora perfeito – mais parecia um nativo de Okinawa.

Ao meio-dia, saiu da sala com Vik a seu lado, sentindo o cérebro zumbir, como se houvesse acabado de receber uma descarga elétrica.

– Uau – disse Tom, em parte para si mesmo, tentando compreender o que acabara de fazer. – Eu falo japonês.

– Claro que fala.

– Quais outras línguas eu sei?

– Depende de quais línguas vão estar no exame de sexta-feira.

– E o que mais posso fazer? Montar uma arma nuclear? Construir uma nave espacial? Por acaso sei lutar *kung fu*?

Vik respondeu:

– Se *kung fu* for a matéria da aula de simulações aplicadas desta semana, os golpes estarão no material de lição de casa para serem

baixados.

Tom enfim entendeu: agora ele era capaz de fazer qualquer coisa. O mundo inteiro era seu.

NO REFEITÓRIO, uma hora depois, enquanto carregava a bandeja ao longo da esteira rolante, Tom começou a fantasiar: voltaria ao Reformatório Rosewood com seu japonês fluente para contar a todos sobre uma nave espacial que teria construído com uma mão só e usado para vencer a guerra. Nem reparou no garoto grandalhão com um machado de Gêngis no braço do uniforme, até o sujeito o empurrar com o cotovelo. Tom cambaleou para o lado, pego com a guarda baixa pela súbita explosão de impulsos musculares do processador em sua cabeça, que tentava lhe devolver o equilíbrio. A bebida escorregou da bandeja. Observou o copo voando em rota de colisão com a garota morena na frente dele...

Mas ela girou o corpo feito uma serpente na hora do bote e apanhou o copo antes que o líquido vazasse por sobre a borda do copo.

– Ótimos reflexos – comentou Tom, impressionado. Olhou para o rosto dela e, de imediato, perdeu o fôlego.

Nome: Heather Akron

Patente: FIEUA, Nível VI, Companhia Camelot, Divisão Maquiavel

Codinome: Enigma

Origem: Omaha, Nebraska

Méritos: Membro dos Jovens Inovadores Sociais, ganhadora da Bolsa de Estudos Raia Fearson, bicampeã do concurso de beleza Miss Nebraska Júnior

IP: 2053:db7:l71::212:ll3:6e8

Status de segurança: Ultrassegredo LANDLOCK-6

Heather devolveu o olhar por um instante, um pouco confusa, mas então os olhos castanho-claros se arregalaram.

– Ah, Tom, você está aqui!

Ela parecia tão feliz por vê-lo que o estômago dele gelou.

– Pois é, estou sim.

– Quase não o reconheci sem as... – ela deixou a frase incompleta, percorrendo o rosto dele com o olhar. Depois disse, animada: – Faz semanas que espero sua saída da ala cirúrgica. Pensei que tivesse mudado de ideia a respeito do assunto.

Observando o lindo rosto de uma garota que jamais imaginaria gastar tempo com ele, Tom não sabia o que responder.

Como aquele sujeito que havia sido antes de ficar esperto.

Quando ainda tinha a pele ruim.

Quando não tinha onde morar e tudo dava errado em sua vida.

Os pensamentos explodiram em seu cérebro todos de uma vez. Foi tomado pela sensação de ter renascido. Mal acreditou na própria ousadia quando se aproximou dela, olhando-a fixamente, e disse:

– Sinto muito. Se dependesse de mim, *jamais* deixaria você esperando.

Sua recompensa foi o sorriso de Heather.

– Ora, Tom, você continua uma gracinha.

Gracinha? Tom tentou entender o que ela queria dizer. Aquilo seria um elogio, ou algo indigno de um homem? Ambos caíram na gargalhada.

Um sujeito alto e bonito pôs a bandeja na esteira e, casualmente, apoiou o cotovelo no ombro de Heather.

– Vejo que a bomba H fez outra vítima.

Tom não precisava do processador neural para saber quem era aquele rapaz. Seria capaz de reconhecer Elliot Ramirez em qualquer lugar. Mesmo assim, o texto surgiu no centro de sua visão.

Nome: Elliot Ramirez

Codiname: Ares

Patente: FIEUA, Nível VI, Companhia Camelot, Divisão Napoleão

Origem: Los Angeles, Califórnia

Méritos: Ganhador do Prêmio Herói Adolescente Taco Bell, primeiro lugar no Campeonato Mundial Juvenil de Patinação Artística, fundador do Fórum de Inspiração Infantil em Busca de Estrelas, eleito Namorado dos Sonhos pelos leitores da *Teen People*, ganhador do Prêmio Latino-Americano de Talentos Especiais

IP: 2053:db7:lj71::209:ll3:6e8

Status de Segurança: Ultrassegredo LANDLOCK-6

O riso afetou a voz do garoto latino.

– Você é mesmo digna da reputação que tem, não, H? Vive brincando com os sentimentos dos pobres e inocentes plebeus.

Heather balançou o ombro, fazendo o braço de Elliot escorregar.

– Gosto de pobres e inocentes plebeus. E, se quer saber, fui eu que ajudei Marsh a encontrar o endereço de rede de Tom e também a trazer ele para a situação experimental de teste a pedido do general.

– E o que ganhou em troca de todo esse esforço? Por acaso a próxima vaga na Companhia Camelot foi reservada para alguém da Divisão Maquiavel?

– Não dê ouvidos a nada do que Elliot diz, Tom – alertou Heather, a expressão séria.

Elliot arqueou uma das sobrancelhas.

– Na verdade, Raines, você terá de dar ouvidos ao que eu digo. Você está no meu grupo de simulações aplicadas.

– Estou? – indagou Tom.

– Está – confirmou Elliot, os olhos negros lendo alguma informação que só ele podia ver, algum tipo de lista exibida por seu processador. – Thomas Raines, meu novato.

– Ah – exclamou Heather, desapontada. – Que pena. Pensei que o teria para mim, Tom.

Tom também desejaria com todas as forças fazer parte do grupo dela.

Elliot pôs a mão no ombro dele.

– Ei, teve sorte, garoto. – Ele lhe deu uma piscadela. – Acredite em mim: o pessoal de casa vai enlouquecer quando você contar a eles que eu serei o seu treinador.

Ele pensou na reação de Neil se algum dia descobrisse que o filho receberia ordens justamente de Elliot Ramirez.

– Pois é – concordou Tom. – Meu pai com certeza enlouqueceria.

VIK HAVIA DITO que as simulações aplicadas consistiam em grupos de seis plebeus que lutavam juntos contra inimigos simulados sob a liderança de membros da Companhia Camelot. Vik gostava muito do seu grupo, porque era liderado por Heather – aparentemente, ela gostava de pôr a mão na massa, ideia que deixou Tom morto de inveja. Yuri, por sua vez, não gostava do grupo do qual fazia parte. Sua turma era liderada por um combatente chamado Karl Marsters, que sempre escolhia para os plebeus as simulações mais sangrentas e violentas. Pelo que se via, Karl gostava de assumir o papel daquele que dava nome à sua divisão, Gêngis Khan, e ordenar aos comandados que empilhassem a cabeça dos aldeões.

Tom e Beamer entraram numa sala de treinamento do décimo terceiro andar. Era semelhante àquela que Marsh e Olívia tinham lhe mostrado da primeira vez: ampla e escura, com uma série de colchonetes dispostos em círculo e monitores eletroencefalográficos em uma das extremidades.

– Por acaso temos de usar eletrodos ou coisa do tipo? – Tom perguntou a Beamer, apontando para os monitores.

– Não. Há um fio neural sob o colchonete que se encaixa direto na porta de acesso do tronco nervoso.

A mão de Tom procurou a nuca, chegando à porta metálica que sentira antes.

– É assim que nos ligamos às simulações e recebemos os downloads – explicou Beamer. – Basta encaixar o fio, e o

processador neural se encarrega do resto.

Acomodaram-se nos colchonetes vazios. Tom viu Wyatt Enslow já agachada sobre um deles, as pernas compridas dobradas sob o corpo.

Tom disse:

– Olá.

Ela respondeu:

– Shh.

Também gostei de vê-la outra vez, pensou Tom.

Os plebeus não paravam de entrar, e então Elliot Ramirez se aproximou deles, acomodando-se no último colchonete vazio. O monitor eletroencefalográfico banhou seu cabelo preto em uma fraca luz esverdeada.

– É bom ver que estão todos aqui no horário. – Voltou os olhos para Tom. – Agora, quero dar as boas-vindas ao nosso mais novo membro, Tom.

Seguiu-se um instante desconfortável de aplausos. Por um estranho momento, Tom teve a sensação de ter entrado por engano em um grupo de autoajuda.

– Sabe, Tom – prosseguiu Elliot, – não gosto de jogar meus plebeus direto em uma simulação, como muitos outros instrutores preferem fazer. É importante que tenhamos a chance de conversar primeiro, expressar um pouco de nossas emoções, afastar as tensões do dia. Gosto que meu grupo pense em temas que levem à ampliação do poder pessoal. Hoje, vamos falar sobre algo muito importante. Algo que talvez seja o mais importante de todos os conceitos: a percepção de si mesmo.

Elliot fez silêncio para deixar as palavras elegantes reverberarem. Depois, passou a fazer uma longa descrição de algo chamado hierarquia de necessidades de Maslow. Associou tais necessidades a casos da própria vida e a comoventes histórias de vitória em

situações de adversidade que lera nas cartas enviadas pelos vários fãs dedicados. A seguir, lançou-se em um discurso sobre o triunfo do espírito humano.

Tom ficou tão inquieto com a conversa sobre a conquista do poder sobre si mesmo que quase tombou para fora do colchonete de tanto se mexer. Ele sabia – tinha certeza – que Heather, e até mesmo aquele sujeito da Divisão Gêngis, Karl Marsters, conduziam os respectivos grupos por fantásticas simulações há mais de meia hora, enquanto Elliot os mantinha naquela roda digna de uma classe pré-escolar, deleitando-se com o som da própria voz.

Depois do que pareceu uma eternidade, Elliot enfim se encontrava disposto a começar.

– Uau. Já se passaram trinta minutos? Como o tempo voa, não é?

Tom riu. Tentou abafar a risada com a mão e fingir que havia tossido. Elliot o olhou de esguelha, mas não pareceu duvidar da tosse. Wyatt lhe lançou um olhar feroz, e Beamer mostrou um sorriso cúmplice e nada discreto.

– Muito bem, turma, hora de começar a simulação – anunciou Elliot. – Podem se plugar.

A câmara se encheu com o ruído produzido pelo movimento dos plebeus ao apanhar os fios neurais sob os colchonetes, em seguida conectá-los às portas de acesso ao tronco nervoso e deitar nas superfícies macias. Tom ouviu cliques por todo o cômodo, enquanto se preparava para apanhar seu fio. De súbito, sentiu-se tão animado que as mãos tremeram ao desenrolá-lo.

– Só um minuto, apressadinho.

Foi só quando a mão de Elliot lhe tocou o ombro que Tom percebeu que o apressadinho era ele.

Elliot ergueu o indicador. Sentou-se ao pé do colchonete de Tom, esperando até que os demais se conectassem. Poucos momentos depois, era como se os dois estivessem sozinhos. O restante dos

plebeus se encontrava em silêncio, os corpos imóveis. Os monitores encefalográficos mostravam o padrão constante de atividade cerebral.

– Há algo errado? – disparou Tom.

– Tom, sei que não somos recrutas regulares do exército, mas sou seu superior, e você precisa se referir a mim como senhor.

– Certo.

Elliot ficou aguardando.

– Certo, senhor.

Elliot tirou o fio da mão de Tom e começou a desenrolá-lo com movimentos graciosos e fluidos das mãos.

– Bem, Tom, já sabe algo a respeito das simulações aplicadas?

– Sei o bastante – respondeu Tom. – Entramos numa simulação coletiva, trabalhamos em equipe, cumprimos certo objetivo. Tudo ocorre dentro do cérebro, como as sessões de exercícios físicos, mas sem a malhação.

– Não é bem isso, Tom. Como verá, nas sessões de atividade física, você recebe imagens falsas, mas mantém a consciência do próprio corpo. Nas simulações aplicadas, você recebe literalmente informações sensoriais direto do processador neural, de acordo com os parâmetros da simulação. As simulações aplicadas são projetadas para imitar a maneira como utilizamos processadores neurais para interagir com as máquinas em um combate. Quando nos plugamos, temos a sensação de estar dentro de outro corpo. Talvez você nem se lembre de si mesmo; talvez saiba apenas aquilo que seu personagem sabe, dependendo dos parâmetros do programa. Algumas pessoas ficam assustadas na primeira vez, porque se trata de uma experiência de imersão total. A ênfase está no trabalho em equipe.

– Parece ótimo.

– Você diz isso, mas aposto que está nervoso.

– Não, na verdade não.

– Certo, não está. – Elliot lhe lançou um olhar condescendente, o que irritou Tom. – Veja, Tom, a primeira vez em que nos plugamos pode ser apavorante. Gosto de estar ao lado de meus plebeus pessoalmente nesse momento difícil.

– Vou me virar bem. Senhor.

Mas Elliot deu a volta no colchonete até chegar ao outro lado.

– Incline o corpo para frente.

Tom apoiou as mãos na extremidade do colchonete e abaixou a cabeça. Uma mão apertou seu ombro para mantê-lo no lugar. O maxilar de Tom se retesou. Elliot estava tão perto de Tom que era possível sentir seu hálito quente na nuca.

– Pode me dizer se estiver se sentindo assustado ou desconfortável. É comum que...

– Pode deixar... – interrompeu Tom, acrescentando: – ... senhor.

O fio se ligou a seu tronco nervoso e o mundo se transformou em um túnel escuro. Todas as sensações se esvaziaram de seus membros de uma hora para outra, de maneira inquietante.

– Foi mais rápido do que eu... – a voz de Tom se perdeu no meio da frase.

A última coisa que viu com os próprios olhos foi o mundo se afastar dele enquanto o corpo desabava.

E ENTÃO, Tom deixou de ser Tom.

Havia uma alvura de cegar os olhos por todo lado. Uma tundra gelada esmagada sob um céu cinzento e opressivo. Um vento frio machucava seus olhos, sua pele, mas ao mesmo tempo o acolhia, em uma sensação de perfeito conforto.

Um sentimento estranho pulsou por seu corpo, músculos e tendões. Sangue, vigor e vida. Avançou correndo, as patas tocando a neve fria e dura, e os odores que rasgavam suas narinas o arrebataram. Seu sentido de visão se tornou inteiramente

secundário, enquanto ficava imóvel, deleitando-se com os sabores trazidos pelo vento.

O aroma de terra dos companheiros.

O gosto quente e forte da presa.

Aquilo o distraiu. Empinou o focinho contra o vento e inalou a provocante e sedutora fragrância que parecia chamá-lo. Mas havia algo mais.

Perigo.

Pôs o focinho contra o chão gelado para investigar melhor. Uma imagem lhe brotou na cabeça: o pelo branco e fosco de um predador, patas ensanguentadas, um rugido baixo.

O perigo fora embora há algum tempo. Grande predador. Caçando pela neve. Já partira.

Rastreou outros odores, como se preso a um transe. *Gelo... metal... sujeira... homem...*

Uivos.

O chamado dos companheiros cortou o ar. Correu na direção dos outros sem pensar, lançando-se pela planície de neve, impelido por uma necessidade insaciável de se juntar àquele som. O cheiro da família se tornou cada vez mais forte e próximo de suas narinas, e logo se viu entre os outros lobos da alcateia, jogando a cabeça para trás, deixando o som vir do fundo da garganta. O uivo pareceu rasgar o céu acima deles, ecoando pelo vale, um senso de união como jamais havia visto despontar dentro dele antes.

O lobo maior e mais forte avançou para o centro. Os demais lobos abaixaram a cauda em submissão. Uivos ferozes do alfa, e depois seu avanço rumo ao vento, a fragrância doce da presa com seu sangue pulsante e sua carne fresca. A alcateia se tornou então uma massa cinzenta cortando a planície, as caudas retesadas, todos seguindo o líder.

O odor quente e marcante da presa cresceu no ar, a única medida de tempo sendo seu poder em fazê-los avançar. Orientavam-se pelo sentido do vento, cujos golpes gelados lhes traziam o odor e, ao mesmo tempo, ocultavam do alvo a aproximação da alcateia.

Chegaram à presa. O alce ergueu a cabeça grande. Sabia que estavam cada vez mais perto dele. Inclinou-se para frente e tentou correr, mas o alfa rosnou e se interpôs na rota de fuga. A presa sabia que não poderia ser mais veloz que eles. Enquanto o alfa corria em alta velocidade, aproximando-se do animal, este se voltou e abaixou os chifres imensos, pronto para rasgá-lo. Por instinto, o alfa desviou.

O restante da alcateia envolveu a criatura, saltando em sua direção, mordendo e mostrando-lhe os dentes. Latidos e rosnados encheram o ar, acompanhados do lamento da imensa criatura. Os cascos desceram com violência, e o cheiro de sangue do primeiro lobo morto – *Beamer* – estimulou algo de humano em Tom.

Outros dois foram abatidos pelos grandes chifres, mas o alfa continuava a circular a presa, infligindo a ela pequenos ferimentos, embora a criatura fosse poderosa demais para ser derrubada por ataques tão insignificantes.

Assim, Tom esperou, afastado.

Ignorou o chamado do instinto, que exigia dele se juntar ao ataque fadado ao fracasso; ignorou a programação, que o obrigava a agir de acordo com o plano do alfa. Em vez disso, observou, como o menino Tom costumava fazer nos ambientes de RV, e por isso notou uma brecha. Então saltou para o combate, sobre as cabeças dos demais, e, mais ágil do que qualquer humano era capaz de ser, mergulhou contra a garganta do alce, rasgando-a com os dentes. Com um único movimento, abriu a cartilagem e a carne, ao mesmo tempo em que ganhava impulso para se afastar. O sangue quente

escorreu sobre ele, que já estava fora do alcance antes que os cascos mortíferos pudessem esmagar seu cérebro.

Tinha acabado. A criatura cambaleou, o sangue escuro jorrou do grande ferimento no pescoço. Caiu de joelhos e, em seguida, tentou se levantar, mas os outros lobos atacavam-lhe os tendões, as patas traseiras, a barriga macia e vulnerável. Tom lambeu o sangue fresco dos lábios, sentindo-se tão vivo e perigoso naquele instante, a ponto de desejar que a simulação jamais chegasse ao fim.

Só então ouviu um rosnado baixo. O odor do perigo envolveu o ar gélido.

Tom percebeu a aproximação ameaçadora de Elliot, as patas rijas, a cauda enrolada para frente, as orelhas inclinadas e os dentes afiados à mostra. Devia responder à desobediência. Uma sensação instintiva de alerta percorreu o corpo de Tom, e ele soube exatamente o que Elliot tentava fazer com aqueles olhos estreitos fixos nele, o pelo todo eriçado. Tom não se moveu. Um latido feroz nasceu da garganta de Elliot.

Tom entendeu a ordem. O instinto e os parâmetros em seu cérebro insistiam para que obedecesse ao alfa, mas o sangue era doce em seus lábios e, nas profundezas de seu ser, rebelou-se contra a sugestão de se deitar de costas e mostrar a barriga, oferecendo a garganta, e aceitar a posição de subserviência ao outro, mesmo que significasse ser dilacerado por causa disso. O poder e a percepção de uma possibilidade diferente fizeram seu corpo se retesar. Teve certeza de que poderia derrotar o alfa. Reivindicar para si a alcateia. Sentiu um arrepio enquanto o pelo se eriçava também, os lábios se afastando para mostrar os próprios dentes, o rosnado cada vez mais forte.

O outro lobo se ergueu sobre as patas traseiras e ergueu uma das dianteiras sobre a cabeça, em um gesto completamente humano. Com isso, Elliot encerrou a simulação.

TOM ABRIU os olhos e viu a linha verde do monitor eletroencefalográfico, que seguia um ritmo constante. Tornou-se consciente do vazio dolorido dentro de si enquanto o senso de união, de pertencimento ao grupo, desaparecia gradualmente. Sentou-se tão rápido que sentiu a vista escurecer por um instante.

Ao redor dele, todos se levantavam. Exceto aqueles que já estavam mortos. Beamer já se sentara e apoiava os cotovelos nos joelhos. Deu de ombros.

– Morto por um alce.

Dentro da cabeça de Tom, o processador neural indicava que mais de duas horas haviam se passado. O tempo tinha um significado muito diferente para um lobo.

– Uau – sussurrou Tom, estupefato.

Elliot também se levantou, guardando o fio sob o colchonete, e pediu a todos que se reunissem para discutir o que ocorrera. Soltou um suspiro alto, concentrando a atenção em Tom, e cruzou os braços sobre o peito.

– Então, Tom, diga-me o que fez de errado.

– Como é?

– Diga-me o que fez de errado.

Tom olhou para os semblantes ao redor, que mantinham uma cuidadosa aparência de neutralidade, depois voltou a encarar Elliot.

– Eu fiz algo de errado?

– A ideia da simulação aplicada – falou Elliot, apontando para a própria nuca – não é apenas acostumar os recrutas à sensação de se desligar do próprio corpo e interagir com um universo diferente ao usar o processador neural. O objetivo é praticar o trabalho em equipe.

– Eu sei. Você já tinha dito isso.

– Não, obviamente você não sabe. A situação envolvia sintonia emocional: uma alcateia trabalhando como uma única entidade na

caça de um alce. Você devia ter ajudado a alcateia a abater a presa. Em vez disso, afastou-se da equipe e trabalhou sozinho. Depois, tentou desafiar minha liderança. Para mim, Tom, isso mostra que você não gosta de trabalhar em equipe. Não quis aceitar a estratégia do grupo. O que me preocupa.

– Mas a estratégia do grupo era péssima. Três de nós já tinham morrido.

– Então, Tom, diga-me qual é o nome que damos ao lobo solitário que não trabalha com os outros.

Tom pensou naquilo, um pouco confuso. Era uma pergunta capciosa, certo?

– Hum... Damos o nome de lobo solitário...?

A boca de Elliot se abriu, sem emitir nenhum som, e depois se fechou, como se houvesse sido pego de surpresa por não ter pensado naquilo. Em seguida, balançou a cabeça em reprovação.

– Não, Tom. Nós o chamamos de coiote.

O silêncio pairou na sala.

Wyatt levantou a mão e esperou até que Elliot lhe desse a palavra, como se estivessem mesmo em uma sala de aula. Quando ele deu a Wyatt o direito de falar com um gesto gracioso, ela expressou exatamente o que estava na cabeça de Tom.

– Os coiotes não são um tipo de lobo. Coiotes e lobos são duas espécies completamente diferentes.

Mas, se Elliot percebeu com aquele comentário que havia dito algo absolutamente idiota, não demonstrou. Em vez disso, fez um gesto de cabeça em concordância, como se Wyatt tivesse complementado sua explicação.

– Exatamente, Wyatt. Exato. – Voltou-se mais uma vez para Tom.

– Pense no que ela disse, Tom. Lobos e coiotes são duas espécies completamente diferentes. Pense bem nisso.

NO DIA SEGUINTE, Tom abriu os olhos, totalmente desperto, quando o processador neural informou: *Consciência iniciada. Horário atual: 0630.*

Vik se sentou na cama na mesma hora, dizendo que ia verificar se Beamer estava “em condições de se mexer hoje” ou se tinha baixado toda a lição de casa de uma só vez depois de passar outra longa noite se comunicando com a namorada.

Tom afastou as cobertas e se espreguiçou. Os músculos e tendões doloridos protestaram por todo o corpo. Não estava acostumado a se exercitar.

E não estava acostumado a crescer 2,18 centímetros no decorrer de uma noite.

Tom constatou a mudança da altura com um choque. O processador neural o informara da novidade. Ficou de pé e reparou que os olhos estavam, sem dúvida, mais distantes do chão do que no dia anterior.

Vik não estava brincando quando lhe dissera no café da manhã para que serviam as barras de nutrientes. Tom se encontrava em um impressionante estirão de crescimento.

Adorava ser uma pseudomáquina.

A AULA DE programação também ocorria na Sala Lafayette, mas, desta vez, reuniam-se ali plebeus, intermediários, superiores e membros da ComCam. Era a única aula partilhada por todos os níveis da Agulha. Vik tinha lhe contado que era assim porque a aula de

programação era a mais difícil do currículo, e quase todos iam mal nessa matéria de modo geral.

Tom se acomodou ao lado de Vik, Yuri e Beamer, no mesmo banco em que se sentara no dia anterior, durante as aulas civis.

– Quer dizer que programação é tão ruim assim?

– É uma maneira de descrever essa aula, sem dúvida – Vik pôs as botas sobre o banco da frente. – Não temos permissão para usar o processador neural e deixar que ele faça o trabalho por nós. O processador faz algumas coisas, como memorizar as regras de sintática e semântica para você, mas nós é que temos de nos concentrar nos problemas e encontrar a solução. É preciso usar o cérebro e escrever o código sem ajuda. Um exercício entediante e árduo.

– Fale por si mesmo, Viktor. Fico feliz em usar meu... – O corpo de Yuri amoleceu e ele desabou ao lado de Tom.

Vik lançou a Tom um olhar de quem segurava o riso, enquanto lutava para tirar do caminho aquele peso morto.

– A linguagem de computação Zorten II é usada exclusivamente pelos processadores neurais indo-americanos, sendo, portanto, confidencial; por isso, o processador neural de Yuri faz com que ele apague.

Com a ajuda de Tom e Beamer, Vik conseguiu ajeitar Yuri no banco, de modo a impedir que o peso dele os esmagasse.

– Quais são as lembranças que ele guarda da aula de programação? – Tom indagou a Vik.

– Uma vez perguntei a ele o que achava dessa aula, e ele começou a discorrer sobre *mushkins* e *fractais*. Acho que o sistema dele fica tão bagunçado que nem percebe depois o que houve.

A porta da sala de aula se abriu, e o burburinho que ainda restava cessou por completo. Tom ergueu o olhar e deu com a figura imponente de um homem de cabelo castanho e curto, com traços

que lembravam uma ave de rapina, aproximando-se do púlpito. As informações do seu perfil o identificavam como:

Nome: James Blackburn

Patente: Tenente

Nível: 0-3, FAEUA, em atividade

IP: 2053:db7:lj71::008:ll3:6e8

Status de segurança: Ultrassegredo LANDLOCK-10

Ele os cumprimentou dizendo:

– Bem, turma, confesso que ri bastante com o trote de vocês.

Então um aviso surgiu no cérebro de Tom: *Início da aula matinal.*

– Tive que rever os programas de firewall para me certificar. – Blackburn apoiou os cotovelos no púlpito, os ombros largos esticando o uniforme. – No começo, juro que pensei que eram programas de verdade. Mas depois percebi: não pode ser, estamos falando dos melhores e mais brilhantes jovens dos Estados Unidos, mesmo sem contar os processadores neurais. Não podem esperar que eu leve a sério um código digno de gargalhadas e tão mal escrito. Por isso, parabéns: vocês me enganaram, recrutas. E então, onde estão os programas de verdade? Sintam-se à vontade para entregá-los agora.

Blackburn tamborilava os dedos no púlpito, esperando. Apesar das palavras agradáveis, havia em sua expressão algo de sombrio, quase furioso. Tom percorreu a sala com o olhar, na tentativa de entender o que estava ocorrendo. Todos os rostos que observava demonstravam diferentes graus de expectativa ansiosa, como se soubessem que a amabilidade das palavras do professor fosse falsa.

Depois de algum tempo, Blackburn olhou para um ponto acima perdido no vazio.

– Engraçado. Não recebi nada. Por acaso querem me dizer que aqueles eram os programas de verdade? Se for esse o caso, acho que precisamos rever alguns pontos fundamentais, crianças. Na verdade, vamos começar com o mais fundamental de todos os princípios. Estão prestando atenção? Aqui vai: há um computador no cérebro de vocês.

Ele deixou as palavras pairando no ar por alguns instantes.

– Será que preciso repetir? – Desta vez, apontou as próprias têmporas com o dedo acompanhando cada palavra. – Há um *computador* no cérebro de *vocês*. Sabem por que gasto meu fôlego aqui tentando ensiná-los a programar? Não é por gostar de admirar este mar de rostinhos felizes e alegres. A ideia é fazer com que aprendam a *controlar* os próprios processadores neurais. – O tom ameno sumiu de sua voz, dando lugar à crescente irritação. – Dominar a programação equivale a dominar a si mesmos, e, se não puderem levar isso a sério, serão piada nesta sala. O que foi, srta. Akron?

Heather abaixou a mão. A voz dela ecoou:

– Se é mesmo tão importante aprendermos isto, senhor, não faria mais sentido incluir todo o conteúdo que precisamos saber nos downloads de lição de casa?

Blackburn encheu as bochechas de ar e o soltou bem lentamente.

– Já disse isso antes – respondeu – e vou repetir: esses processadores neurais não podem manipular a linguagem de computador da maneira que manipulam a linguagem humana, e o motivo é muito simples: trata-se de algo ilegal. Temos leis neste país. Uma dessas leis proíbe a existência de computadores capazes de programar a si mesmos. Sendo computadores, os processadores neurais se enquadram nessa lei. Sendo uma parte do crânio, o cérebro de vocês não se enquadra na lei. Se acham isso ruim, falem com os simpáticos representantes da Obsidian Corp., que

influenciaram os congressistas para que aprovassem essa lei. Como sabem, são eles que constroem os processadores neurais e, por isso, é *deles* o interesse em manter o exército dependente de seus programadores. É também por isso que vocês têm muita sorte por eu estar aqui, e eu, ao contrário de vocês, entendi a importância de aprender a controlar o computador em meu cérebro, mesmo que significasse aprender por conta própria a linguagem de programação Zorten II do jeito mais difícil.

Tom olhava fixamente para Blackburn, impressionado com suas palavras. *O computador em meu cérebro...* Como era possível que Blackburn tivesse um processador neural? Ele parecia ter quarenta anos, no mínimo. O general Marsh dissera que os adultos não conseguiam se adaptar aos processadores neurais. Mas ele se lembrava de ter visto um endereço IP no perfil de Blackburn, que deveria mesmo pertencer ao professor.

– Mas, senhor – insistiu Heather –, alguns de nós são combatentes. Estamos envolvidos em uma guerra. O senhor teve mais tempo para aprender à moda antiga, já que estava apenas... – Ela deixou a frase incompleta.

Como não parecia interessada em concluir o raciocínio, Blackburn deu uma risada seca e ríspida, completando:

– ...estava apenas... trancado num hospital psiquiátrico?
– Ele esteve num hospital psiquiátrico? – Tom sussurrou para Vik.
– O primeiro grupo de teste foi há dezesseis anos – respondeu Vik em voz baixa. – Trezentos soldados adultos. O exército ainda não conhecia o efeito dos processadores neurais no cérebro de um adulto.

– *Todos* eles ficaram loucos?

– Apenas os que tiveram sorte. O restante morreu.

Tom precisou de um instante para digerir a informação, enquanto Blackburn prosseguia:

– Não há necessidade de meias palavras ao se referir à minha doença, srta. Akron. Nunca tentei esconder essa informação de vocês. Se quiserem um exemplo monstruoso do potencial destrutivo do processador neural, eis aqui, bem diante de vocês. O computador em um cérebro é uma arma, que pode não ser usada apenas *por* vocês; essa arma pode ser usada *contra* vocês.

– Ele não parece ser tão louco assim – comentou Tom.

– Blackburn aprendeu sozinho a reprogramar o processador neural e consertou o próprio cérebro – respondeu Vik.

– Há um comportamento – dizia Blackburn – que observo nos recrutas a toda hora. Nos primeiros meses, após receberem o processador neural, todos ficam impressionados com as novas capacidades. Mas, pouco depois, começam a considerá-las algo garantido. Não ajam dessa maneira. Jamais deem como certo que terão os processadores para ajudá-los. Assim, embora a srta. Akron tenha razão ao comentar o pouco tempo disponível a vocês, ela também deixa de perceber o problema maior. É verdade que eu sofria de esquizofrenia paranoide e não tinha nada melhor para fazer além de aprender a programar, mas *vocês*, sendo os verdadeiros combatentes nessa guerra, têm motivos muito mais importantes para aprender a programar em benefício próprio. Começemos pelo principal: vocês estão em uma guerra. Qual é a definição básica de guerra? Não preciso de nada muito profundo, apenas uma resposta rápida e concisa.

Silêncio. Então, uma recruta da Companhia Intermediária, que o processador de Tom identificou como Lisa Sanchez, respondeu:

– A guerra é um conflito violento para resolver uma disputa.

– Isso mesmo, srta. Sanchez. Essa guerra emana de uma disputa que envolve a propriedade do sistema solar. Cada lado se declarou dono dele, e cada qual tenta fazer valer seu direito de exploração

por meio do emprego da violência. Segundo ponto: por que acham que a identidade de vocês é mantida em segredo? Alguém sabe?

Uma combatente da Divisão Alexandre, que o processador de Tom identificou como Emefa Austerley, levantou a mão morena.

– Segurança, senhor.

– Por quê?

– Para nos proteger.

– Do quê?

Nenhuma resposta dessa vez. Tom olhou ao redor, refletindo. Não parecia provável que corressem risco de vida se a própria identidade fosse revelada. Esse tipo de coisa não acontecia mais.

– Para protegê-los da violência – concluiu Blackburn. – Sei o que estão pensando: ninguém mata nesta guerra. Evoluímos e superamos isso, certo? Mesmo vocês, combatentes, não colocam a vida em jogo ao lutar: o combate se dá a milhares de quilômetros... Portanto, por que protegê-los da violência? Nigel Harrison, você parece ter algo a acrescentar.

Um rapaz magro de cabelos negros respondeu:

– A guerra evolui com o tempo. Seria mais correto dizer: “Ninguém mata nesta guerra ainda”.

Blackburn estalou os dedos e apontou para ele.

– Aí está, o garoto merece uma estrelinha dourada. Ninguém mata nesta guerra *ainda*. A violência ainda não chegou a vocês. Pensem um pouco: por que russos e chineses tentariam matá-los? Eles sabem que, se matarem um de nossos combatentes, responderemos matando um dos deles também. Com isso, ambas as empresas patrocinadoras dos combatentes em questão terão desperdiçado um monte de dinheiro em dois garotos mortos. Quantos combatentes há no mundo? Pouco mais de quarenta? Vocês são valiosos. Do ponto de vista financeiro, não vale a pena envolver a morte nisso tudo... Mas como será daqui a alguns anos, quando processadores neurais

mais baratos chegarem ao mercado e houver quatrocentos de vocês? Ou quatro mil? Aí vai uma dica, recrutas: o valor de vocês diminuirá. Vocês se tornarão sacrificáveis.

Na fileira da frente, Elliot Ramirez murmurou algo baixo demais para que Tom ouvisse. Blackburn deu uma brusca meia-volta para encará-lo.

– Como é, Ramirez? Fale mais alto.

– Disse que essa é uma opinião fria, senhor – falou Elliot.

Blackburn soltou uma risada seca. Aproximou da beirada do palco, encostando-se, as pernas abertas e os olhos cravados em Elliot.

– Sabia que, na década de 1950, na época dos primórdios da tecnologia nuclear, o exército posicionou soldados perto de um campo de testes atômicos? Os soldados receberam imensas doses de radiação. O mesmo ocorreu com a população civil que morava perto do campo de testes. Acha que isso ocorreu por ignorância? Claro que não, sr. Ramirez, foi intencional: para que pudéssemos aprender a respeito do envenenamento por radiação. O mesmo foi feito com o gás mostarda, a dioxina, o PCP, o gás paralisante, o LSD... São muitos os exemplos em que um grupo desavisado de pessoas insignificantes foi usado como cobaia porque algum figurão os considerou sacrificáveis. O mesmo ocorreu comigo: um dos trezentos soldados que receberam processadores neurais dezesseis anos atrás, todos agora mortos ou loucos. As pessoas são sacrificáveis. Ponto-final. A única diferença entre os anos 1950 e os dias atuais é o fato de hoje haver bilhões de seres humanos sacrificáveis a mais. Se acha que tem algum valor real além do seu impacto no balanço comercial de alguém, é melhor acordar do seu mundinho de sonhos.

Um silêncio pesado pairou no ar. Blackburn deixou as palavras ecoarem por um longo intervalo e, por fim, desencostou-se, pondo-se de pé outra vez.

– Sei que, desde que nasceram, foram ensinados a confiar em alguma outra coisa: instituições, leis, sistemas. Mas estou aqui para lhes dizer: a única pessoa em que se pode confiar é em si mesmo. Ninguém mais vai protegê-los. É responsabilidade de vocês se defenderem com todas as armas do arsenal, e uma delas é o conhecimento: o conhecimento da programação. Se decidirem deliberadamente rejeitar esse conhecimento, não terei pena quando acordarem numa mesa cirúrgica com um médico inimigo prestes a abrir a cabeça de vocês para extrair o processador neural, vendo-se impossibilitados de mover um músculo porque ele os terá atacado com um programa de paralisia contra o qual não terão defesa. Eu os alertei, e vocês optaram por se iludir com a ideia de que alguém viria salvá-los. Ser indefeso é algo que só podemos desculpar em crianças e tolos. Vocês abriram mão do direito de serem crianças no dia em que chegaram aqui, e a última coisa que esse mundo precisa é proteger os tolos que habitam nele.

Tom o olhou fixamente, surpreso com suas palavras. Até o momento, tudo o mais na Agulha havia encorajado a camaradagem, o trabalho em equipe, o respeito às regras do local. As palavras de Blackburn mais pareciam...

Bem, soavam como algo que Neil poderia ter dito.

Talvez Blackburn tivesse percebido que havia ido longe demais com aquela lição, porque soltou um suspiro de cansaço.

– Pois bem, podem apanhar o queixo do chão e fazer uma pausa de cinco minutos. Ninguém vai abrir a cabeça de vocês hoje. Quando voltarem, vou chamar alguém para testar o firewall de vocês. – Vendo que ninguém reagia, ficou impaciente. – Quatro minutos e cinquenta e nove segundos, cinquenta e oito, cinquenta e sete... Vão! – Voltou a atenção para o teclado no antebraço. A um toque de seu dedo, uma tela desceu no palco.

A massa humana diante de Tom reagiu. Muitos recrutados procuraram os teclados no braço e começaram a trabalhar freneticamente em algo. Talvez fizessem ajustes de última hora para melhorar o firewall. Outros, como Vik, entregaram-se à possibilidade de enfrentar Blackburn com um firewall precário, levantando-se.

– Quer pegar algo no refeitório? – Vik perguntou a Tom.

– Claro – respondeu Tom, pensando em transformar a barra de nutrientes em seu bolso num hambúrguer. Fez menção de se levantar para seguir Vik e sair da sala, mas, de repente, uma mensagem surgiu diante de seus olhos.

Sr. Raines, aproxime-se do palco.

Ele se voltou, confuso, e viu Blackburn chamando-o ao palco com certa impaciência. A apreensão o invadiu.

– Vik, tenho que... – fez um gesto na direção do professor.

O olhar de Vik oscilou entre Tom e Blackburn.

– Não deve ser nada de mais – garantiu ao amigo.

– Não, claro que não.

Pelo menos, era o que Tom esperava. Avançou para o palco, onde Blackburn o aguardava, o cotovelo apoiado no púlpito. Ao se aproximar, Tom reparou nas rugas de expressão no rosto do professor, além do par de discretas cicatrizes nas bochechas.

– Senhor, não tenho um firewall – disparou Tom.

– É claro que não, Raines. É seu primeiro dia aqui – disse Blackburn, ajoelhando-se na beirada do palco. – Talvez você precise de semanas, ou até meses, para conseguir acompanhar esta aula. Não espero isso de você. Mas há algo que espero de você: uma explicação. – Os olhos estavam cravados em Tom, cinzentos e ansiosos. – Ontem, alguém invadiu um dos bancos de dados confidenciais da Agulha. Pode adivinhar qual foi o perfil alterado durante a invasão?

Tom sentiu o coração afundar dentro do peito. Ah. Ah. A questão era o favor que Wyatt tinha feito a ele.

– Pois é, de repente você se tornou campeão nacional de soletração – destacou o professor. – Não me importo com o passado que queira inventar para si, Raines, embora deva dizer que, pessoalmente, teria escolhido algo capaz de inspirar mais respeito.

– Minha ideia era ser fundador e contribuinte da maior bola mundial de cera de ouvido – admitiu Tom.

– É, algo assim – respondeu Blackburn, parecendo se divertir. – Como já disse, não é problema meu. O motivo de tê-lo chamado aqui é o fato de esse hacker ter invadido nosso sistema de segurança, e isso é algo que preciso resolver. Quero que me diga o nome dele.

Tom respirou fundo, sentindo um peso sobre o peito. Havia feito uma promessa a Wyatt. Não podia trair a própria palavra.

Blackburn o estudou.

– Deve ser a primeira vez que fica longe de casa, não é? Acredite, você não quer começar sua vida aqui conquistando minha inimizade. Ninguém vai se ver em maus lençóis se me disser quem foi o responsável. Quero apenas falar com esse hacker.

Tom já tinha tapeado tanta gente nos ambientes de RV que sabia identificar uma ameaça ao ouvi-la. E não acreditou nem por um segundo que Blackburn se interessasse apenas por uma simples conversa amigável com um hacker responsável por invadir bancos de dados ultrasseguros. Olhou fixamente o professor, sentindo o coração acelerar.

– Esqueci quem foi, senhor.

– Não esqueceu, não. Você só não quer me dizer o nome do responsável. Está bem, Raines. Se não quer falar, vai me ajudar de outra maneira: você será o objeto da demonstração de hoje.

Inquieto, Tom olhou para a tela, que exibia agora algumas linhas de código.

– O que é que eu preciso fazer?

Blackburn balançou a cabeça em negação.

– Não precisa fazer nada, apenas ficar aqui no palco e receber os vírus de computador que usarei para infectar seu processador. O código vai manipular seu cérebro.

Tom sentiu o estômago revirar.

– Hum... o que quer dizer com manipular?

– Essa parte é surpresa. Vamos, suba aqui.

Tom subiu pelos degraus na lateral do palco, sentindo as pernas subitamente bambas.

Assim que todos voltaram à sala, Blackburn fez um gesto com a cabeça convocando o inquieto Tom, que continuava perto dos degraus, e pedindo que se aproximasse. O professor anunciou à turma:

– O assunto agora são os vírus de computador. O processo de infecção de um processador neural não é diferente do que ocorre com um computador doméstico. Se nosso amigo Raines estivesse fisicamente conectado a um computador via cabo neural, poderia infectá-lo com um vírus proveniente de qualquer lugar, desde que tivesse conexão com a internet e capacidade de superar o firewall de proteção dele. Mas ele não está fisicamente conectado à internet; está conectado ao servidor da Agulha por meio de seu transmissor interno. Assim sendo, vou infectá-lo com um vírus usando o meu transmissor e o dele.

O professor começou a digitar no teclado preso ao antebraço. Tom olhou para trás e viu o código de Blackburn sendo exibido na imensa tela, permitindo a todos os recrutas que vissem o que digitava.

– Um vírus desse tipo invade o sistema ao pegar carona em um programa existente entre os aplicativos ativos no alvo. O último

passo consiste em inserir uma linha com o endereço IP do meu alvo. Pode-se usar como alvo mais de um IP; vocês decidem. Como podem ver – ele digitou mais alguns dados –, estou programando a sequência de inicialização. O programa mal-intencionado vai entrar em ação assim que estiver no processador dele. E, agora, a sequência de autoencerramento: o programa vai parar de agir após cinco minutos. E depois... – ele pôs a mão pesada no ombro de Tom. – Está pronto, Raines?

– Faz diferença se eu responder que não?

– Não, estou apenas sendo gentil. Outra gentileza: pode escolher a parte do cérebro que quer que eu manipule primeiro.

Tom sentiu a tensão se espalhando pelo corpo.

– Que tal nenhuma?

– Sem preferências? Está bem. Primeiro alvo: hipotálamo. – Blackburn começou a digitar e, em seguida, uma mensagem surgiu diante dos olhos de Tom: *Dados recebidos: iniciando programa **Apetite Insaciável***.

Tom fez uma careta, esperando algo horrível. Mas nada aconteceu. Nada, a não ser...

A não ser...

Sua barriga roncou. Subitamente, Tom percebeu que estava com fome; morrendo de fome. A intensa dor nas tripas parecia consumi-lo. O cérebro fora dominado por inteiro pelo pensamento em comida, alguma comida deliciosa. Seria capaz de matar em troca de fritas. Poderia comer um cavalo. Poderia comer uma centena de barras de nutrientes. Então, lembrou-se: tinha uma barra de nutrientes!

Meteu a mão no bolso, desesperado, tão afoito que nem se importou com o fato de os demais estarem assistindo. Havia se esquecido totalmente do motivo que o tinha levado ao palco, por sinal. Abriu com os dentes a embalagem da barra de nutrientes.

Devorou metade dela numa só mordida, sem sequer se preocupar em formar a imagem mental de algum alimento de que gostasse.

– Os neurônios do cérebro de vocês se comunicam por meio de uma série de sinais elétricos – Blackburn explicou à turma. – O processador neural imita e interpreta esses sinais. Posso estimular praticamente qualquer parte do cérebro se usar o programa correto. A mente é tudo. Ao manipulá-la, podemos manipular o universo da pessoa em questão. É assim que funcionam as aulas de simulação aplicada; é exatamente isto que fazem para convencê-los de que são animais, para fazê-los acreditar que estão em determinada paisagem, quando ela é artificial.

Uma mensagem passou pela visão de Tom quando o programa chegou ao fim. Reparou pela primeira vez na aparência esverdeada e gosmenta da barra de nutrientes, deixando-a cair, enojado. Na ausência de uma imagem mental de algo que lhe parecesse apetitoso, a barra revelou seu aspecto real: lembrava algo que houvesse sido digerido e, depois, vomitado.

Enquanto isso, Blackburn chamava ao palco o jovem chamado Karl Marsters. Quem subia as escadas era um rapaz forte, de queixo quadrado, com o machado dos Gêngis na manga. Blackburn lhe disse algo em voz baixa, em seguida digitou no teclado preso ao antebraço. Outra mensagem passou diante dos olhos de Tom: *Dados recebidos: iniciando programa Lutar ou Fugir.*

De repente, Tom sentiu que estava no fim de suas forças. Não pretendia ficar por perto para conferir o que Blackburn havia preparado para ele. Tentou fugir da sala, mas Karl Marsters já esperava por aquilo e o apanhou. A fúria explodiu no corpo de Tom. Ele tinha de *matar aquele sujeito!* Acertou um forte soco no queixo de Karl, que soltou um berro, erguendo o imenso punho para devolver o golpe... até que Blackburn intercedeu, contendo seu braço.

– Controle-se – falou o professor, afastando Karl. Em seguida, com alguns comandos no teclado, encerrou o programa.

Karl lançou um olhar ameaçador para Tom, esfregando o maxilar.

Mais programas se seguiram. Seu córtex límbico foi manipulado, e Tom ficou completamente apaixonado pelo púlpito de Blackburn. Enquanto lhe declarava seu amor eterno, Blackburn manipulou seu hipocampo. Tom se afastou do púlpito, perplexo. Havia se esquecido de todos os acontecimentos do último ano. Começou a exigir explicações, indagando por que estava naquela sala estranha repleta de desconhecidos e perguntando onde estava o pai. Um programa que afetava as amídalas fez com que ele reagisse ao púlpito mais uma vez... mas, naquele instante, o objeto inspirou nele um pânico mortal. Karl o agarrou e tentou obrigá-lo a se aproximar do púlpito, e, por isso, Tom lhe desferiu uma cotovelada na barriga, fazendo-o dobrar o corpo. Karl rosnou e fez menção de atacá-lo, mas Blackburn o deteve outra vez.

Naquele momento, o professor deve ter desligado o vírus também, porque Tom sentiu os pensamentos clarearem. Viu-se olhando para um púlpito que nada tinha de ameaçador, com o coração acelerado, o peito ofegante. Deu meia-volta e deparou com Blackburn repreendendo Karl:

– Controle-se, Marsters.

O rosto de Karl estava vermelho, e o jovem tinha os punhos cerrados e bufava.

– Mas, senhor, ele...

– Tem metade do seu tamanho e está sob a influência de programas mal-intencionados, embora, mesmo assim, tenha levado a melhor sobre você. Duas vezes. Isso é problema *seu*, não dele. É hora de se sentar.

Karl fuzilou Tom com o olhar ao descer do palco.

Blackburn se voltou para Tom, estudando-o. O rapaz tentava entender o que havia acontecido.

– Tudo bem aí, Raines?

Tom olhou para o público, vendo que alguns recrutas tentavam abafar o riso. Sentiu as bochechas arderem. Aproximou-se de propósito do púlpito, apenas para mostrar que não tinha medo – mas sem chegar perto demais, porque, afinal, não estava apaixonado por ele...

– Sinto-me ótimo, senhor. – Ele não tinha intenção de implorar pelo fim da demonstração, se era o que Blackburn esperava.

– Bom garoto. – Blackburn se voltou para a turma e voltou a digitar. – Bem, vamos ao último exemplo de vírus. Este afeta o córtex cerebral: as altas funções cognitivas e nossa autoimagem. – O programa o atingiu. *Dados recebidos: iniciando programa Cão Agitado.*

Tom passou os cinco minutos finais da aula convencido de que era um cão. Latiu e rosnou, andando no palco sobre as quatro patas. Diante de todos. Com 137 recrutas rindo dele. A inabalável crença de que era um cachorro permaneceu com ele mesmo depois do fim da aula, quando alguns dos recrutas mais velhos pensavam no que fazer com ele.

– Blackburn disse que serão apenas mais alguns minutos. Temos tempo para esperar o efeito passar. Tente coçar atrás das orelhas dele. Meu cachorro, Buckley, sempre gostou disso – sugeriu Elliot Ramirez.

De repente, Tom recuperou a consciência de si: estava sentado no chão entre Elliot e Heather, e Elliot afagava sua cabeça. Levantou-se de um salto, sentindo o rosto corar.

– Duas patas de novo? – observou Elliot. – Está se sentindo melhor, ou esse é o seu jeito de pedir um biscoito? – Rolou de rir da própria piada.

Tom se sentiu envergonhadíssimo. Percebeu que Heather também ria e se sentiu muito ferido em seu orgulho masculino. Para piorar, ela se levantou, estendeu o braço e fez um carinho no ombro dele.

– Isso, bom menino.

– Obrigado – respondeu ele, com tom de voz seco. – Muito obrigado, Heather.

– Não fique assim, Tom – disse Heather, a voz doce, enquanto Elliot não parava de rir atrás dela. – Você foi mesmo um cãozinho adorável. – Ela se aproximou um pouco mais. – E acho melhor ficar longe de Karl por alguns dias, se puder.

O rosto de Tom continuava corado ao avançar pelo corredor. E, ao chegar à porta, deu de cara com Blackburn, que voltava à sala. O tenente desacelerou os passos, olhando-o de cima a baixo.

– Tudo bem mesmo?

– Tudo, senhor, por que não estaria? – disse Tom, sem esticar o assunto.

– Bela demonstração de coragem. – Blackburn pensou com cuidado no que diria a seguir. – Sabe, Raines, se um hacker desconhecido consegue invadir nosso sistema de segurança sem ser apanhado e fazer pequenas alterações, é preciso questionar se não estamos vulneráveis a um ataque de maiores proporções. Da mesma maneira, se um plebeu consegue esconder de mim a identidade desse hacker, é possível que ele se sinta estimulado a seguir desafiando minha autoridade no futuro.

– Entendi o que quer dizer.

– Espero que sim. Bem, Raines, ainda que esteja errado, respeito sua determinação em proteger um colega. Para isso é preciso ter caráter. Agora, xô! Suma daqui.

TOM QUASE se comoveu com as palavras de despedida de Blackburn; ao menos até chegar ao refeitório e ser recebido com gargalhadas.

Nesse instante, passou a amaldiçoar o professor com todas as suas forças. Karl lhe estendeu uma fatia de bacon.

– Aqui, Lassie – falou o grandalhão, o olhar ameaçador de quem apenas esperava por um pretexto para socá-lo.

Agora que Tom enfim tinha chance de encará-lo sem estar infectado, o perfil de Karl apareceu diante de seus olhos:

Nome: Karl Marsters

Codinome: Exterminador

Patente: FIEUA, Nível VI, Companhia Camelot, Divisão Gêngis

Origem: Chicago, Illinois

Méritos: Bicampeão do título de peso-pesado de Luta Greco-Romana de Illinois, ganhador do Prêmio John Schultz de Excelência de Luta Livre categoria peso-pesado, finalista do título mundial do Campeonato Exterminador de Luta

IP: 2053:db7:lj71::231:ll3:6e8

Status de segurança: Ultrassecreto LANDLOCK-6

Pelo menos tive a oportunidade de esmurrá-lo, pensou Tom, enfurecido, obrigando-se a seguir adiante em vez de enfiar o bacon na goela de Karl. Chegou à mesa dos rapazes da Divisão Alexandre e viu Yuri ao lado de Wyatt, tentando convencê-la a se sentar com eles.

– Você sempre se senta sozinha – disse Yuri. – Não precisa ser assim. Junte-se a nós.

Ela balançou a cabeça em negativa, os braços cruzados sobre o peito.

– Minha mesa não é esta. Tenho que me sentar com minhas colegas de divisão.

– Por quê? – perguntou Vik, a boca cheia de comida. – Ninguém da Divisão Aníbal fala com você.

Wyatt lançou um olhar de descaso às costas dele.

Yuri foi mais diplomático.

– Não estamos na refeição matinal. Ninguém liga para a designação específica de cada mesa.

Wyatt nem se esforçou para baixar o tom de voz.

– Mas, Yuri, o *Vik* está com vocês. Não gosto do *Vik*.

– Ei – protestou *Vik*, olhando por sobre o ombro –, o *Vik* está a meio metro de você.

– Você me chama de Mãos de Homem.

– Apenas destaco os fatos óbvios, como a aparência masculina de suas mãos e o fato de ninguém na sua divisão... – *Vik* deixou a frase incompleta ao ver Tom, que se aproximava com a bandeja. Os olhos escuros de Wyatt também se voltaram para ele, arregalando-se. Ela fechou a boca de imediato, como se tivesse interrompido algo que estava para falar.

– Timothy – disse Yuri, amistoso –, você parece preocupado.

– Sério? Por que será? – devolveu Tom, áspero. – Quem sabe não tenha algo a ver com a aula de programação. – Foi só depois de se sentar que se deu conta de que Yuri não poderia saber o que tinha ocorrido; ele já olhava para o vazio, a expressão vaga.

Um desconfortável silêncio pairou no ar. Então, Wyatt disparou:

– O que achou de ser um cachorro?

Tom fez uma careta.

– Foi ótimo, Wyatt. Realmente demais. Adoro fazer papel de idiota na frente de centenas de pessoas.

Vik e Wyatt o observaram, o semblante grave. Mas depois os lábios de *Vik* se retorceram. E continuaram se retorcendo cada vez mais.

– Não posso nem imaginar por que ele insistiu em me programar para ficar obcecado por aquele púlpito – prosseguiu Tom. – Talvez *e/le* tenha uma fixação pelo púlpito.

Todo o rosto de Vik estremeceu.

– Aliás, obrigado por me deixarem lá, amigos. Acordei do transe com Elliot Ramirez me fazendo carinho nos cabelos! Sabem o que eu gostaria mesmo de ver ao acordar do transe! Caramba! Qualquer coisa que não fosse um infeliz me acariciando o cabelo.

– Pense no lado positivo – disse Vik, a voz engasgada. – Ao menos Blackburn não acrescentou um algoritmo que fizesse você agarrar a perna de alguém... ou o púlpito. – Talvez Vik estivesse tentando dizer algo reconfortante, mas bastaram aquelas palavras para acabar com seu autocontrole. Ele não pôde mais resistir e caiu na gargalhada.

Wyatt também pôs as mãos sobre a boca.

– Fico feliz por terem achado graça – disse Tom.

Vik segurava a barriga de tanto rir, e os ombros de Wyatt tremiam com o acesso de riso. No instante seguinte, o mau humor de Tom foi embora, e ele se viu abrindo um sorriso. Percebeu que também achava muita graça do episódio.

Afinal, por mais que estivessem rindo dele, estavam também rindo *com* ele.

Tom nunca havia ficado no mesmo lugar a ponto de fazer amigos. Porém, agora compreendia para que serviam as amizades: para lembrar que as coisas não eram assim tão más. Para lembrar que deveríamos rir de nós mesmos. Por um instante, havia chegado a pensar que voltaria a ser aquele Tom fracassado, mas não foi o que aconteceu. Aquele lugar jamais seria como Rosewood.

A AULA DE TÁTICAS era muito diferente da aula de programação. Localizado no alto da Agulha, o Salão MacArthur era um vasto planetário. Uma tela se curvava sobre os recrutas, e os diagramas na cabeça de Tom o informavam de que o teto e a tela eram retráteis. Era ali que a ComCam se reunia após as missões para analisar as batalhas travadas e rever os pontos que haviam dado errado.

Era também ali que os plebeus tinham a oportunidade de analisar as batalhas anteriores da ComCam.

Aquele era o lugar onde aprendiam sobre guerra de verdade.

Tom observou a major Cromwell assumir o púlpito na parte dianteira da sala.

– Sentem-se.

A voz rouca dela preencheu a sala sem que precisasse falar alto. Os últimos a chegar já estavam em seus lugares antes de receberem a mensagem: *Início da aula da tarde.*

– Vocês já baixaram essa informação – esclareceu Cromwell, indo direto ao ponto –, portanto, vamos nos certificar de que a compreenderam. Temos examinado a evolução do combate, das armas e das táticas. A história nos ensinou um fato simples: os seres humanos são seres humanos. Ponto final. Nem todo o progresso e tecnologia do mundo podem mudar as características fundamentais da natureza humana. A guerra continuará a existir enquanto os humanos forem capazes de sentir inveja, ódio e medo.

Cromwell digitou algo em um teclado afixado ao seu púlpito. A imagem de uma pintura a óleo retratando uma batalha sangrenta foi projetada na imensa tela.

– O combate em si assumiu diferentes formas no decorrer do tempo – a major prosseguiu. – Na Antiguidade, exércitos inteiros se lançavam contra nações, lutando em nome de reis e de religiões. Com o passar do tempo, o alcance da violência se estreitou. A tecnologia melhorou a precisão dos ataques a ponto de podermos destruir indivíduos específicos e não comunidades inteiras, por meio de ataques aéreos em vez de usar exércitos em terra.

Tom ouviu um ruído a seu lado. Virou a cabeça e viu Beamer largado na cadeira. Uma luz esverdeada refletiu em seu rosto pálido, e Tom voltou a atenção para a imagem granulada na tela: um alvo focado na parte inferior de um edifício chato e retangular.

– As guerras foram travadas em nome do petróleo, do território. Mais recentemente, o último conflito ocorrido na Terra, trinta e três anos atrás, foi a ocasião em que pessoas foram exterminadas, embora os edifícios e a infraestrutura houvessem sido mantidos intactos, tudo em nome de empresas privadas, em nome das patentes. A geração de vocês vê com naturalidade o fato de países se envolverem em guerras para defender interesses privados em vez de públicos, mas houve um tempo em que esse não era considerado um pretexto aceitável para o conflito violento. Vamos analisar as mudanças que levaram a tal situação.

– Que tal se não analisarmos nada? – murmurou Beamer. – Odeio história.

Vik lhe deu uma cotovelada, sem desviar os olhos escuros da tela.

– No início do século – disse ela –, a globalização unia países e superava as antigas fronteiras naturais da cultura, da linguagem e dos costumes. As linhas divisórias que antes os separavam se tornaram virtualmente obsoletas. Como resultado, assistimos ao

surgimento de uma classe corporativa formada por executivos que não se identificavam com uma nacionalidade, e sim com interesses comerciais que ligavam uma empresa à outra. Sem se manter leais a nenhuma pátria específica, as grandes empresas transferiam os empregos de país a país, procurando sempre a mão de obra mais barata, o que ocasionou uma depressão global dos salários. A maioria dos empreendimentos comerciais se viu carente de uma base consumidora, gerando assim o Grande Colapso Global. As empresas que sobreviveram foram as que mantinham sob controle os recursos vitais. Há dois exemplos de maior destaque. O primeiro é a Dominion Agra.

Tom sentiu o corpo ficar tenso. Dominion. Era onde trabalhava Dalton, o namorado de sua mãe.

– Como sabem, quando uma empresa cria uma forma de vida, ela se torna proprietária da patente correspondente. No decorrer do último século, plantas e animais criados pela engenharia genética da Dominion Agra se misturaram ao suprimento natural do planeta, criando uma massa de descendentes híbridos. Hoje não existe mais nenhum alimento consumível que não apresente algum resquício do material genético patenteado pela Dominion. O caráter dominante das variações genéticas desenvolvidas pela empresa fez com que ela se tornasse proprietária absoluta dos alimentos que consumimos. Isso nos leva a outro monopólio do qual vocês já ouviram falar: o caso da Harbinger, dona da patente do nobriateno, um subproduto industrial que, com o tempo, se misturou às fontes de água pelo mundo afora. Trata-se de uma substância inofensiva; não provoca nenhuma reação no corpo humano, mas, até hoje, ninguém foi capaz de desenvolver um método eficaz para filtrá-la. Ao beber, utilizar e irrigar plantações com água, valemo-nos do material químico patenteado pela empresa. É por isso que, além da conta de água, as famílias hoje em dia pagam à Harbinger uma taxa

anual pelo uso de seu produto. Não importa qual seja a situação mundial, os elementos básicos de subsistência estão sempre em demanda. A Dominion e a Harbinger prosperaram neste mundo pós-Colapso.

Tom já tinha ouvido tudo isso da boca de Neil. Por mais que estivessem em lados opostos no conflito da Terceira Guerra Mundial, a Dominion Agra defendia a patente da Harbinger, e a Harbinger defendia a patente da Dominion Agra. Nada mais natural, explicara seu pai. A Dominion Agra podia fazer pouco-caso das críticas ao seu monopólio sobre o alimento quando apontava para a outra culpada: a empresa que detinha o monopólio sobre a água. Uma justificava a existência da outra. Além disso, ninguém no mundo que ocupasse um cargo de poder tinha interesse em romper com esses monopólios. Todos os políticos esperavam conseguir trabalho em uma empresa da Coalizão após concluir a carreira pública.

– E isso – prosseguiu Cromwell – nos leva ao que ocorreu no Oriente Médio há trinta e três anos. Trata-se de um conflito que já era esperado há muito tempo. Foi a última demonstração de resistência maciça contra a centralização da autoridade global. No restante do mundo, conforme o poder e a influência se tornavam cada vez mais concentrados nas mãos de uma comunidade empresarial global, no Oriente Médio ocorria o contrário. Líderes autoritários tradicionais eram substituídos por governos representativos. Essas sociedades resistiram à ideia de respeitar as patentes da Dominion Agra e da Harbinger. Como a resistência, uma recusa da sociedade em seguir as mesmas regras aceitas pelo restante do mundo, ocorria nas ruas, foi tomada a decisão de se lidar com o problema também nas ruas. Com bombas de nêutrons.

Tom conhecia o resto da história. Fora a última vez em que os exércitos americano e chinês haviam trabalhado juntos com objetivos em comum. Tinham desencadeado uma campanha de

bombardeio maciço sobre a maior parte do Oriente Médio usando bombas de nêutrons, armas de destruição em massa que matavam pessoas, mas deixavam os edifícios intactos. Todos os recursos da região foram mantidos intocados e disponíveis, prontos para serem adquiridos pelas forças do livre mercado... desde que alguém se dispusesse a dar um jeito no 1,3 bilhão de mortos espalhados pelo local. Segundo os rumores, a Dominion Agra e a Harbinger haviam sido as primeiras a abrir novos escritórios na região.

Houve protestos, contara Neil, mas tinham sido ignorados ou neutralizados à força. E a maioria das pessoas reagira ao genocídio com uma indignação imparcial que logo se converteu em apatia e acusações mútuas. Uns culpavam aos outros. Os poucos políticos que ousaram sugerir que Dominion Agra e Harbinger tinham levado os Estados Unidos a cometerem um crime contra a humanidade foram silenciosamente substituídos por políticos financiados com recursos mais generosos, dispostos a olhar para o outro lado.

Foi mais uma situação que deveria ter enfurecido as pessoas; no entanto, ninguém ergueu um dedo para protestar. Seu pai costumava tocar no assunto durante os discursos indignados que fazia em meio à população rumo ao trabalho pela manhã, em geral enquanto apertavam o passo na tentativa de evitá-lo. Tom se perguntou onde o pai teria passado aquele último mês; se havia conseguido ganhar algumas partidas nas últimas semanas. Pela primeira vez, deu-se conta de que não tinha como descobrir aquilo.

– Não estamos aqui para debater questões éticas – prosseguiu a major Cromwell. – Não é o nosso trabalho; trata-se de uma tarefa que cabe aos filósofos. Debateremos aqui as questões táticas, e peço que examinem a campanha de bombardeio em termos puramente táticos: a resistência vinha das pessoas comuns, e as bombas de nêutrons afetavam as pessoas comuns. As armas eram adequadas à natureza do conflito e deixaram intacta a infraestrutura, permitindo

assim o repovoamento da região. Um dos objetivos que resultaram na fundação da Coalizão de Multinacionais era reavivar a região do Oriente Médio.

Tom relaxou na cadeira. A única coisa que sabia era que a Coalizão de Multinacionais (as doze corporações mais poderosas do planeta, entre elas, Dominion Agra e Harbinger) tinha reunido forças após a campanha de bombardeio com bombas de nêutron. Tal iniciativa tinha a intenção de que funcionassem como uma versão “privatizada” da ONU e evitassem novos incidentes semelhantes ao das bombas de nêutron; ao menos, foi o que alegaram. Mas Neil sempre dissera que haviam agido assim porque tinham acabado de escapar impunemente de um ato tão hediondo que se convenceram de que poderiam fazer qualquer coisa que bem entendessem sem enfrentar oposição, desde que se unissem e mantivessem sua influência econômica sobre os maiores governos do mundo. Juntas, as doze multinacionais possuíam dinheiro e influência suficientes para fazer exatamente isso. Juntas, podiam comprar e vender cada país do planeta.

– Depois do bombardeio, a Coalizão assumiu o papel de protagonista no governo global – explicou Cromwell –, situação que perdurou até a famosa ruptura da aliança. Uma das consequências herdadas do Colapso Global foi a desvalorização da moeda no mundo todo. O preço dos metais preciosos aumentou de maneira vertiginosa, e as reservas desses materiais na Terra haviam sido mineradas até quase a exaustão. A Nobridis foi a primeira empresa a voltar os olhos para o espaço. Desejavam a aprovação oficial do governo para que pudessem receber apoio logístico da Nasa; por isso, solicitaram ao Congresso que lhes licitasse o território. Esse pedido foi interpretado como um insulto pelos chineses, que afirmavam não ter os Estados Unidos autoridade para conceder direitos de exploração a um território no espaço. Quando nosso

Congresso atendeu ao pedido da Nobridis, a China concedeu o direito de exploração do mesmo território à Stronghold Energy como retaliação. Foi um gesto simbólico, mas o começo de tudo.

Ela exibiu na tela uma imagem do cinturão de asteroides entre Júpiter e Marte. Ficava relativamente próximo à Terra e era uma das áreas com maior potencial de exploração mineral do sistema solar, sendo, portanto, extremamente disputada. Tom já havia visto nos noticiários tantos vídeos de batalhas no cinturão de asteroides que todos pareciam iguais.

– Várias empresas da Coalizão se aliaram à Nobridis e aos Estados Unidos, enquanto outras se uniram à Stronghold e à China. Logo a Coalizão foi dividida ao meio, cada uma das empresas escolhendo um dos lados do conflito entre Nobridis e Stronghold. Se antes os conglomerados multinacionais distribuía sua influência pelo mundo afora, uma nova tendência havia surgido: passaram a exercer influência financeira sobre certos governos, ao mesmo tempo negligenciando outros. Nossas multinacionais aliadas pararam de investir seus recursos na China e na Rússia, concentrando-os, em vez disso, na Índia e nos Estados Unidos. A outra metade da Coalizão fez o contrário. Dessa maneira, a disputa entre Nobridis e Stronghold se tornou primeiro uma disputa entre duas facções da mesma Coalizão para, em seguida, transformar-se em uma nova corrida espacial entre as Alianças Indo-Americana e Russo-Chinesa e, depois, na Terceira Guerra Mundial.

Em seguida, a major mostrou a imagem de uma estação espacial.

– Em questão de uma década, territórios foram reivindicados em todo o sistema solar sempre que um dos dois lados estabelecia sua presença física: uma instalação mineradora, uma base espacial, às vezes um simples satélite. Mas o conflito se intensificou quando os chineses tomaram uma mina de platina relacionada aos indo-americanos no cinturão de asteroides. Depois disso, o conflito

evoluiu para uma guerra de verdade. Não uma guerra no sentido clássico, é claro. Não há baixas civis, nada de bombas nem mortes. Nem mesmo a autoridade sobre o planeta está em disputa; as empresas da Coalizão que participam do conflito continuam trabalhando juntas a fim de moldar a pauta global para o restante de nós. Mas, no espaço, vale tudo.

Foi exibida então a imagem de um piloto tradicional entrando em um caça.

– Os primeiros combatentes eram pilotos da força aérea, que controlavam remotamente as naves no espaço. Não eram capazes de acompanhar a velocidade das manobras pré-programadas das máquinas russo-chinesas e, por isso, foram aposentados. Muitos acreditavam que o combate houvesse evoluído a ponto de prescindir da participação de soldados humanos. Ambos os lados passaram a empregar frotas de ataque totalmente automatizadas. Esses arsenais mecanizados se encarregaram da guerra até surgirem os primeiros Combatentes das Forças Intrassolares no lado dos russo-chineses. Com o advento dos processadores neurais, os seres humanos enfim foram capazes de enfrentar as forças mecanizadas. A presença de combatentes humanos trouxe outro benefício: fora adicionado à guerra um elemento pessoal, exatamente o que o público americano precisava para continuar comprometido com a luta.

Tom pensou em todas as caixas de cereal com o rosto de Elliot e em todas as garotas de Rosewood, que pareciam tão atraídas por ele. Era difícil saber se aquelas meninas apoiavam a luta; aos olhos dele, pareciam apenas apoiar Elliot.

– Para a maior parte do público – prosseguiu Cromwell –, esta guerra é um esporte televisionado. O americano comum sabe que está ajudando a financiar a guerra, mas sabe também que não está recebendo o lucro do investimento. A única coisa que ele ganha em

troca é o entretenimento proporcionado pelos combates aos quais assiste, e, nos últimos três anos, com o envolvimento dos combatentes na luta, somou-se a isso uma dose de orgulho americano sempre que um compatriota conquista novos territórios. É importante nunca dar por garantido o apoio do público. Existe um motivo pelo qual sempre mandamos Elliot Ramirez para a frente das câmeras. Ele dá um rosto à guerra. Se o excesso de exposição não fosse um problema, todos os combatentes seriam figuras públicas como ele. Um combatente é um trunfo para as relações públicas, uma maneira de tornar a guerra mais pessoal para o público geral, mesmo que o combatente seja conhecido apenas por um codinome. Uma das funções mais importantes de um combatente é manter o público do nosso lado. Mas esse não é o mais importante de seus deveres.

Tom se endireitou na cadeira, imaginando que ela estivesse prestes a falar dos combates em si.

– Os Estados Unidos têm Combatentes das Forças Intrassolares atuando no campo de batalha há apenas três anos. Significa que aqueles de vocês aqui presentes que estão destinados a fazer parte da Companhia Camelot podem ser os pioneiros táticos dessa nova era. Cada época testemunhou uma transformação na imagem do soldado ideal. Basil Liddell Hart afirmou: “O fator que decide o resultado de guerras, batalhas e até de pequenos combates é a perda da esperança, e não a perda da vida”. E o que é que destrói a esperança de um inimigo? Em tempos antigos, o poderoso Aquiles era o guerreiro mais temido do mundo. Bastava sua presença para fazer exércitos inteiros tremerem. Em eras posteriores, a glória coube a generais famosos. E agora? Qual é o nome que destrói a esperança em nossa época? Quem é o grande Combatente das Forças Intrassolares? Quem é o Aquiles de nossos dias?

Tom se preparou para ouvir as palavras *Elliot Ramirez*. Mas Cromwell digitou algo no teclado preso ao púlpito, voltando-se em seguida para a tela curva. Os olhos de Tom imitaram os dela. Uma cena da imensidão escura do espaço ganhou vida ao redor dele. A imagem se concentrou no planeta Vênus e, em seguida, Cromwell aproximou o foco de um combatente russo-chinês cujo codinome Tom já havia escutado muitas vezes nos noticiários.

Já tinha ouvido falar daquele combatente. Não muito, porque se tratava de um combatente patrocinado pelo próprio governo da China e, sem uma empresa patrocinadora, era difícil ter o nome anunciado nas transmissões. Mas, na internet, rumores afirmavam ser aquele o melhor de todos os guerreiros. Aquele combatente jamais perdia.

– Hoje em dia – continuou Cromwell –, o guerreiro absoluto é chamado de Medusa.

Um silêncio profundo invadiu o ar enquanto cada plebeu assistia à batalha, vendo as naves russo-chinesas controladas por Medusa dançarem ao redor das Forças Indo-Americanas, manobrando até eliminá-las do espaço.

Um calafrio percorreu a espinha de Tom. Já tinha visto trechos de batalhas na internet, mas haviam sido editados, mostrando ao público apenas o que os militares desejavam revelar do esforço de guerra. Os trechos favoráveis aos combatentes russo-chineses eram vetados pela censura, e imaginava que o mesmo ocorresse nos países inimigos, só que ao contrário. Assim, Tom nunca tinha visto um combate inteiro; nunca tivera a chance de perceber como o tal Medusa era habilidoso.

A voz da major Cromwell ecoou pela escuridão:

– Nos últimos seis meses, este combatente alterou, sozinho, o curso da guerra contra nós. Como sabemos que Medusa faz isso sozinho? Observem. Um estudioso atento de táticas pode identificar

um oponente apenas vendo-o em ação. Ao observá-lo, começamos a reconhecer a mente no comando das manobras.

E, quando Cromwell exibiu uma gravação de um combate ocorrido em Io, uma das luas de Júpiter, Tom soube identificar quais das máquinas russo-chinesas eram controladas por Medusa. Simplesmente soube quais eram. Máquinas que antecipavam os movimentos dos oponentes. Que atiravam mísseis no espaço vazio momentos antes de os oponentes avançarem rumo aos projéteis. Que reagiam a perigos nos quais as demais máquinas não pareciam reparar.

– Um Combatente das Forças Intrassolares é capaz de fazer isto – explicou Cromwell. – Esta é a primeira vez na história em que um único guerreiro tem a capacidade de mudar o rumo de batalhas inteiras.

Em seguida, a tela exibiu uma batalha em Mercúrio, na qual naves indo-americanas tinham sido postas fora de combate quando a astúcia de Medusa as fizera escapar da órbita do planeta e serem tragadas pela gravidade do Sol. Depois a tela mostrou uma intensa luta no cinturão de asteroides, com naves indo-americanas sendo trituradas pelos asteroides que Medusa utilizava como mísseis virtuais. A última batalha que viram tinha sido em Titã, lua de Saturno. Medusa abriu um buraco nas camadas de gelo, fazendo o metano líquido escapar em direção ao espaço e atingir as naves indo-americanas, que caíram inertes na superfície do satélite.

Era isso, pensou Tom. Era por isso que estava ali. Sentiu a pele arrepiar enquanto assistia aos trechos exibidos, fixando sempre o olhar nas máquinas comandadas por Medusa. Medusa. Medusa. Ali estava um rei. Ali estava um deus.

Não havia nada na vida que desejasse mais do que enfrentar Medusa.

Se pudesse ser a pessoa que enfim derrotaria aquele gigante em meio aos guerreiros, *aí sim* seria alguém importante.

Quando as luzes se acenderam, e Medusa sumiu das telas acima, Cromwell os dispensou da aula. E Tom foi o único a sair da sala com uma sensação de atordoamento, como se estivesse dentro de um sonho estranho, os lábios se curvando em um sorriso que se estendeu de orelha a orelha.

Medusa.

NO DIA SEGUINTE, na sessão de exercícios físicos, Medusa não saía da cabeça de Tom. Não conseguia afastar os pensamentos do combatente russo-chinês, mesmo com a Batalha de Stalingrado se desenrolando a seu redor.

– Pesquisei na internet sobre o mito de Medusa – disse Tom, sem fôlego. Corria ao lado de Vik pelas ruas cheias de escombros, fugindo dos disparos de soldados nazistas e soviéticos. Sua pesquisa revelara que se tratava do mito grego de uma mulher de aparência tão horripilante que, ao vê-la, os homens eram transformados em pedra. – Acha que Medusa pode ser uma garota?

Vik desviou dos estilhaços. A poeira irritava os olhos deles.

– Imagine! – berrou ele em meio ao barulho do tiroteio. – Medusa é apenas um codinome. É impossível dizer se lutamos contra um inimigo ou uma inimiga apenas pelo codinome, principalmente quando se trata de adversários russos. Pense um pouco: por lá, Sasha é nome de homem, entende? O pessoal provavelmente escolheu Medusa porque, se enfrentá-la cara a cara, bum! Vai acabar morto. Você viu Medusa em combate. O nome parece bem adequado, não?

– Sem dúvida – concordou Tom, o semblante expressando perplexidade. Seguiu Vik e entrou num prédio em demolição, sentindo nos ossos o choque das explosões. Ouvira que os

combatentes russo-chineses adotavam codinomes pelos mesmos motivos dos indo-americanos. Eles eram escolhidos no momento da promoção ao grau de combatentes ativos. Aquela estratégia era voltada para o público em geral. Tom já tinha ouvido nos noticiários os codinomes Enigma, Tempestade, Exterminador, Condor e todos os outros da Companhia Camelot. Agora, é claro, conhecia as pessoas que haviam adotado aqueles codinomes: Heather Akron, Lea Styron, da Divisão Aníbal, Karl Marsters e Alec Tarsus, da Divisão Alexandre.

O prédio estremeceu, e eles desviaram do gesso que caía do alto enquanto entravam em um depósito de armas, onde encontraram uma parede repleta de *nunchakus*. Tom apanhou um par deles.

– E agora, o que vem a seguir? Ronins de novo?

– Não seja ridículo. Não há ronins em Stalingrado. – Vik conduziu Tom por uma porta, chegando ao pátio central do edifício, onde alguns plebeus já se encontravam em meio a uma luta enfurecida contra ninjas nazistas.

Tom se empenhou por cinco minutos na sessão de treinamento muscular. Fez uma breve pausa para limpar um pouco do suor do rosto, e foi quando um ninja nazista avançou em sua direção e lhe enfiou a espada bem na barriga. Uma mensagem de texto foi exibida diante de seus olhos: *Sessão encerrada. Iniciando sequência de imobilidade*. Todas as sensações se esvaíram de seu corpo do tórax para baixo, e ele desabou no chão, a espada ainda cravada nas tripas.

– Foi morto, é? – perguntou Vik, que ainda lutava contra um ninja nazista ali perto.

– Parece que sim. – Tom tentou se sentar, mas, por mais que ainda pudesse mexer os braços, não tinha mais forças para se erguer.

– Nem adianta tentar se sentar – esclareceu Vik, percebendo os esforços do colega. – Temos de ficar no lugar em que fomos mortos

até que comece a etapa seguinte do exercício. Você pode mover o tronco, mas não vai conseguir suportar o próprio peso nem se arrastar para lugar nenhum.

Tom desistiu de se mover e cruzou as mãos atrás da cabeça.

– Por que ninguém mais aceita ser morto se o único castigo é o descanso? – perguntou ele, despreocupado.

– Ora – respondeu Vik, ofegante, lançando-lhe um sorriso antes de retornar ao duelo em que se encontrava –, é tudo questão de orgulho.

Orgulho.

Tom decidiu que não se deixaria matar outra vez. Mas, por enquanto, contentou-se em relaxar sob o céu esfumaçado de Stalingrado, os ouvidos tomados pelo ranger de espadas, ricochetear de balas e trovoar de explosões.

DEPOIS DO ALMOÇO, Tom ainda sentia os músculos doloridos por causa dos exercícios, mas seu humor estava cada vez melhor, pois havia se saído bem, pela segunda vez na vida, em todas as questões propostas nas aulas regulares. Elliot gastou os primeiros vinte minutos da aula de simulações aplicadas fazendo um discurso sobre o poder do pensamento positivo. Por fim, todos entraram no programa designado para aquela tarde.

Tom se viu na pele de Gawain, um dos cavaleiros da Távola Redonda, parte da lenda do rei Artur. Um castelo se materializou ao redor deles. Elliot assumiu o trono, fazendo o papel de rei Artur, e anunciou que o primeiro passo da simulação seria um ritual de juramento de lealdade.

Tom observou os demais plebeus, que haviam recebido papéis dos diferentes cavaleiros da Távola Redonda, enquanto estes se ajoelhavam diante de Elliot, beijavam-lhe a mão e, em seguida, recebiam o toque de sua espada nos ombros. Tom, no entanto,

sentiu um arrepio de nojo percorrer toda a sua pele. Aquilo não passava de um ritual de babação.

Elliot estendeu a mão à espera do beijo de Tom, mas este não se aproximou. Não haveria maneira de fazê-lo se ajoelhar e beijar a mão de Elliot. Jamais se subordinaria àquela situação.

– Não vai jurar lealdade a mim, Tom? – perguntou Elliot.

– Se quiser minha lealdade, pode contar com ela. Só não espere que eu me ajoelhe e beije sua mão. Senhor.

– Este é um ritual que fortalece a união do grupo.

– É que eu não quero me ajoelhar, entende? Isso me parece antiamericano. Sinto muito.

Elliot suspirou.

– Sou eu quem sente muito. Vejo que não compreendeu ainda o valor do trabalho com os demais. Mas, se não quer participar como os outros, acho que posso lhe dar um outro papel na simulação que não seja o de Gawain.

Tom se encheu de esperança. Talvez Elliot o designasse como bárbaro saxão. Ele adoraria aquele papel.

Elliot ergueu a mão, modificando os parâmetros da simulação.

O corpo de Tom se transformou no de Guinevere.

Ele se petrificou no lugar, paralisado e boquiaberto com o vestido que usava, tão comprido que tocava o chão, com o cabelo ondulado e castanho-escuro que chegava à cintura e... bem, com seus *seios*. Ainda se sentia embasbacado com a forma que o corpo assumira quando o grupo de cavaleiros cavalgou pelo pátio e saiu em direção ao portão para combater os saxões. Tentando segui-los, Tom tropeçou na barra do vestido, confuso com o equilíbrio do próprio corpo, agora apoiado sobre pernas mais oblíquas.

– Esperem – chamou. Sua voz saiu tão aguda, tão feminina, que ele deu um salto de puro susto. Precisou de algum tempo para se

recuperar do choque e lembrar do que pretendia dizer. – Minha armadura desapareceu!

– Não; foi a armadura de Gawain que desapareceu – retrucou Elliot. – Como minha amada esposa, Guinevere não combate na simulação. Ela oferece apoio moral. Apenas acena para os cavaleiros de partida e aguarda o retorno deles.

– Quer dizer que não vou participar da luta? – questionou Tom.

– Só lutam os que juram lealdade.

Elliot arqueou uma das sobrancelhas, aguardando a reação dele. Tom sabia o que Elliot queria: um pedido de desculpas rastejante e um beijo na mão. Mas não havia como fazer isso. Tom não era do tipo que rastejava nem cedia aos caprichos alheios, e muito menos do tipo que beijava mãos.

– Certo.

– Certo. – Havia na voz de Elliot um riso abafado. – Quando voltarmos, contaremos a você como foi a batalha.

Tom ficou parado no pátio, ouvindo o ruído dos cascos, cada vez mais distante. Então, sentiu um toque na manga do vestido. Uma das damas de companhia da rainha falou:

– Alteza, estávamos bordando. Gostaria de se juntar a nós?

As instruções para bordado surgiram no cérebro dele. Guinevere gostava de bordar. Como Tom era Guinevere, ele também sentia que apreciava aquela atividade. Balançou a cabeça, confuso.

– Não quero bordar! – esbravejou, afastando-se com pressa da dama virtual.

Sua cabeça foi tomada por ideias selvagens de como ocupar as próximas três horas e vinte e oito minutos da simulação. Decidiu partir, mesmo que fosse a pé, e lutar como Guinevere. Mas, como logo descobriu, não podia sequer cruzar a ponte levadiça. A simulação o informou: *Não há parâmetros de programação para esta ação.*

A personagem Guinevere tinha os movimentos limitados ao interior do castelo. E seus dedos pareciam ansiosos por agulhas de bordado. Tom ficou horrorizado diante daquelas circunstâncias. Recusava-se a deixar que Elliot voltasse de alguma batalha emocionante para encontrá-lo bordando.

Sendo assim, decidiu ser proativo. Empunhou velas e desafiou guardas para duelar com ele. Os guardas balançaram a cabeça, negando-se a fazer algo tão pouco cavalheiresco quanto lutar contra uma dama, o que quase o levou à loucura. Tom decidiu golpeá-los na cabeça com as velas, insistente, ao que responderam dizendo que a rainha enlouquecera. Mesmo assim, nenhum deles ousava erguer a espada contra a soberana psicótica.

Aquilo lhe deu uma ideia brilhante. Deu algumas ordens à guarda do castelo e enviou um mensageiro. Depois, restou-lhe apenas esperar. Tom evitou as damas bordadeiras ao explorar os corredores do castelo. Encontrou uma pesada espada cerimonial que a personagem Guinevere mal conseguia erguer, mas que sem dúvida era melhor do que nada. O metal raspou contra o chão de pedra enquanto se esforçava para carregar a lâmina corredores afora, iluminados pela inconstante chama das tochas, procurando por uma posição defensável.

Chegou a uma ampla biblioteca, onde avistou um cavaleiro de armadura próximo a uma pilha de pergaminhos. Perfeito. Bastava matar aquele sujeito e depois roubar sua armadura e sua espada.

– Prepara-te, imprestável! – berrou Tom, entrando no clima da personagem e erguendo a espada cerimonial. – Vais agora encontrar teu criador!

O cavaleiro suspirou, deu meia-volta e cruzou os braços diante do peito largo.

Era Lancelote, o personagem de Wyatt.

– Estamos na Inglaterra medieval, Tom. – A voz tinha o habitual tom de reprovação, agora em versão masculina. – Não há rainhas guerreiras por aqui.

– Maldição – praguejou Tom, abaixando a espada, cuja ponta fez um ruído metálico ao bater no chão. – Mas o que está fazendo aqui, afinal? Pensei que Lancelote estivesse sempre ao lado do rei, combatendo os saxões.

– Disse a Elliot que queria defender o castelo, no caso de os inimigos os despistarem e aparecerem por aqui, e ele gostou da ideia.

– Excelente estratégia defensiva – comentou Tom, indicando os pergaminhos com um gesto da cabeça. – Está lendo?

– Estou fazendo o papel de um Lancelote mais erudito, que prefere se sentar aqui e defender o castelo com o poder da mente.

– Lancelote não pode defender nada com o poder da mente. Não é o Yoda; é Lancelote, um cavaleiro da Távola Redonda. Ele luta contra bárbaros. É divertido!

– Sinta-se à vontade para lutar com eles. Não pense que vou detê-lo.

– A simulação não permite. Estou preso dentro do castelo.

– Nesse caso, sinta-se à vontade para ir a qualquer outra parte do castelo, então.

Tom a ignorou e subiu na mesa; não foi fácil, pois não estava acostumado ao corpo de Guinevere, a manter o equilíbrio com quadris femininos como aquele, nem à distribuição da massa corporal, tão diferente da do Tom original.

– Ouça, Wyatt, Blackburn me usou como cobaia de todos aqueles vírus na aula porque me recusei a contar a ele quem tinha sido o responsável por alterar os dados do meu perfil. O mínimo que você poderia fazer é tolerar minha presença por um instante.

A mão de Wyatt tapou sua boca aberta, um gesto feminino demais no corpo de Lancelote.

– Blackburn perguntou a você a meu respeito?

– Isso mesmo, perguntou sobre o responsável por alterar os perfis. Mas eu não disse nada a ele, não precisa se preocupar. – Ele mexia o corpo, inquieto, sem saber que posição assumir. – Nossa, esse negócio de ser mulher está me deixando desconcertado. – Acomodou-se, sentando de pernas abertas. A resposta foi um olhar escandalizado de Wyatt, mas a posição era confortável e foi assim que permaneceu. – Um lobo tem o corpo totalmente diferente e, por isso, esperamos que os movimentos sejam todos diferentes, mas uma mulher é parecida o bastante para que eu tenha o instinto de me mover naturalmente.

– Nem vai reparar mais nisso depois de algumas simulações.

Tom se distraiu com a imagem dos próprios seios, agarrando um deles. Wyatt respondeu com um pigarrear constrangido.

– O que foi? – disse Tom na defensiva. – São meus, não são?

– Está mesmo pensando em ficar aí se apalpando na minha frente? Que falta de educação.

Tom endireitou o corpo, um pouco envergonhado.

– Ora, qual é o problema? Você também recebeu equipamentos novos. Não está curiosa?

A armadura de Wyatt rangeu quando ela mudou de posição na cadeira.

– Não é a primeira vez que recebo um papel masculino numa simulação.

– Entendi. – Tom lhe lançou um sorriso. – Quer dizer que já cansou de explorar...

– Não foi o que eu quis dizer – protestou ela. A menina-cavaleiro ficou tão corada que Tom passou a se divertir de verdade com aquilo.

– Aposto que imaginou como seria...

– Recuso-me a participar desse diálogo! – Ela apanhou o pergaminho que lia e, determinada, dirigiu-se a outra mesa na biblioteca vazia.

Mas Tom tinha apenas começado. Desceu da mesa para segui-la, na esperança de irritar a colega um pouco mais, quando um barulho distante se fez ouvir. Gritos chegaram à janela aberta da biblioteca, e ele pôde imaginar o que ocorria do lado de fora.

Finalmente. Tom correu para a porta, tomado por uma felicidade triunfante.

– Espere aí – chamou Wyatt. – O que está havendo?

Tom se voltou para ela, lembrando-se de que Wyatt tinha uma espada esquecida na bainha. Aproximou-se e sacou a arma antes que ela se desse conta do que ele pretendia fazer.

– Ouça, Wyatt, se quiser ser um Lancelote estudioso, tudo bem. Tranque a porta da biblioteca. Pensando bem, pode travá-la com uma mesa, para que não se abra. Mas, se não vai lutar, vou ficar com a espada.

– E o que vai fazer com ela? Você disse que Guinevere não pode deixar o castelo.

– Pois é, não pode. Mas Guinevere, a *rainha*, pode ordenar que a ponte seja abaixada e também que os sentinelas abandonem suas posições. E foi isso que a rainha Guinevere fez há uns dez minutos. Ah, ela pode também enviar um mensageiro ao rei saxão para avisá-lo de que Camelot está indefesa.

Boquiaberta, Wyatt o encarou.

– Aquele ruído todo do lado de fora... é o exército saxão, não é?

– Yuri tem razão. Você é mesmo esperta. – Tom ouviu gritos bem próximos, e correu na direção daquele som tão rápido quanto pôde.

– Tom! – Ele se deteve antes de passar pela porta, observando Wyatt tamborilar os dedos na mesa. – Obrigada por não dizer nada

a Blackburn. Sinto muito por ele ter transformado você num cachorro.

– Ei, eu virei um cachorro para protegê-la, e agora você me emprestou este glorioso e mortal instrumento – disse ele, brandindo a espada. – Sendo assim, diria que estamos quites.

NA MANHÃ de sábado, Tom acordou e, de imediato, arrependeu-se de ter despertado. Tudo doía. Tudo. As juntas, os ossos, o cérebro. Ele apertou o rosto contra o travesseiro e se deixou ficar onde estava, apenas deitado. Os pensamentos voltaram ao dia anterior, quando a aula de simulações aplicadas chegara ao fim. Elliot tinha voltado ao castelo depois que o rei Artur e seus cavaleiros haviam percebido que os saxões não iam aparecer no campo de batalha. Correria para a sala do trono e deparara com Tom, sentado tranquilo no trono do rei, o vestido empapado de sangue: a cabeça do rei saxão estava espetada numa lança a seu lado.

Ele a oferecera a Elliot como sinal de lealdade, mas ele não havia aceitado. Apenas lançara a Tom um olhar sério de quem diz *Você me desapontou, jovem*, e encerrou a simulação logo em seguida.

Mas, daquela vez, nem se preocupara em submeter Tom a um longo discurso sobre a importância do trabalho em equipe.

– Vamos, levante-se – insistiu Vik. – Vamos ao Galinheiro Todderly e, quem sabe, passear no centro da cidade.

– Galinheiro Todderly? – resmungou Tom das profundezas do seu travesseiro.

– O cardápio tem muitas opções além de frango. É bem melhor do que o nome sugere.

– Tem que ser. Escute, é muito cedo ainda.

– Vamos lá. Pessoas com processadores neurais não precisam dormir até tarde.

– Eu preciso – respondeu Tom, por mais que, em termos técnicos, aquilo não fosse verdade. Estava totalmente desperto... Só sentia muita dor. A cada respiração, sentia pontadas por toda a extensão do tronco; cada movimento descarregava uma corrente elétrica em seus membros, com se alguém lhe desse choques nas juntas.

Cerrou o maxilar e colocou o travesseiro sobre a cabeça. Tentaria dormir mais, para ver se a sensação terrível melhorava. Será que havia sido espancado por alguém e, de tanto levar pancadas, provavelmente no crânio, se esquecera da surra? Não. Organizando as lembranças da noite anterior, percebeu que não faltava nada. Prestativo, o processador neural tinha até gravado nas memórias mais recentes o horário em que cada detalhe ocorrera, o que lhe dava a certeza de não estar sofrendo os efeitos de uma surra seguida de amnésia.

Quando um novo movimento enviou uma onda de dor pelo seu corpo, o processador neural deu início a um procedimento de varredura.

– Hein? – murmurou ele em meio ao travesseiro.

Uma série de dados foram exibidos dentro do cérebro: *pH, CO₂, HCO₃, WBC, RBC, RDW, HR, RR...* Tom apertou o travesseiro sobre a cabeça, torcendo para que aquilo interrompesse a varredura.

Então, surgiu diante de seus olhos um número que o deixou absolutamente chocado.

Tinha crescido 10,7 centímetros desde quarta-feira.

Tom virou o corpo, ficando de barriga para cima, o que resultou em uma onda de dor que o percorreu da cabeça aos pés. Ignorou a sensação e olhou para as próprias pernas. De fato, pareciam mais compridas. Mexeu os dedos dos pés na tentativa de se certificar de que aquele corpo era mesmo o seu. Até os dedos pareciam mais longos. Os pés estavam maiores.

Pôs as mãos diante do rosto, abrindo e cerrando os punhos, e as mãos lhe pareceram maiores também.

– Mãos de homem... – murmurou.

– Enslow? O que é que tem ela? – perguntou Vik, do outro lado do quarto.

– Não estou falando dela; estou falando de mim.

Tom jogou a cabeça para trás e decidiu que não havia problema em sentir dores no corpo todo. Afinal, se possuía agora grandes mãos de homem, aquilo não podia ser tão mau assim.

FICOU MAIS DIFÍCIL ignorar a dor depois que Vik, Yuri e Bea-mer saíram. No começo, restringir-se a movimentos lentos era o bastante para mantê-la sob controle. Mas logo Tom se viu sentado na cama, usando o teclado no antebraço, a visão concentrada no monitor, enquanto navegava pela internet... trincando os dentes em razão das juntas doloridas, que pareciam conter vidro moído.

A única coisa que parecia capaz de afastar sua mente do desconforto físico era pensar em Medusa, o combatente russo-chinês. Tom havia baixado os vídeos das lutas de Medusa contra as Forças Indo-Americanas. Na noite anterior, passara duas horas com os olhos fechados, acessando os vídeos com o processador neural e reproduzindo-os dentro do cérebro.

Decidiu assistir a mais alguns: Medusa disparando entre os anéis de Saturno e alterando a trajetória de um cometa para desviá-lo na direção de uma plataforma de perfuração indo-americana na superfície de Titã. Em outra batalha, Medusa escapara de uma armadilha preparada pelos indo-americanos, que havia apanhado com sucesso os demais russo-chineses: uma expulsão de massa da coroa solar que dera cabo da maioria das naves inimigas. Em seguida, Medusa desviara de uma dúzia de naves incendiadas, todas com as armas apontadas para ele, conseguindo ainda assim atrair as

Forças Indo-Americanas até Vênus. Lá, Medusa conduziu sua nave para uma corrente de ar que o levara de volta à estratosfera, enquanto os indo-americanos que o seguiam eram empurrados para a superfície, tendo a fuselagem derretida e, por fim, esmagada.

Tom se concentrou tanto naquelas imagens que nem percebeu alguém batendo à porta. Assustou-se quando ela se abriu. Uma voz feminina ressoou no quarto:

– Você é surdo, por acaso? Não me ouviu bater na porta?

Tom arregalou os olhos e deu com Wyatt encostada no batente, com as habituais falta de jeito e expressão de enfado.

– Muito simpático da sua parte ir abrindo a porta dessa forma. Não passou pela sua cabeça que eu pudesse estar ignorando você de propósito?

As sobrancelhas dela se franziram.

– Se não me quer aqui, é só me mandar embora.

Ele teve a sensação de ter maltratado um filhotinho.

– Estava concentrado em outra coisa, senão teria aberto a porta pra você. – Deu um comando mental para que os vídeos parassem, e as imagens da nave de Medusa sumiram de seu campo de visão. – O que está fazendo na Agulha em pleno sábado? Não quis sair com Vik e os outros?

– Yuri não me convidou dessa vez. Ele é o único que me chama para fazer alguma coisa.

Tom refletiu sobre aquelas palavras.

– Lembra-se de quando me disse para ir embora e nunca mais falar com você? Por acaso você costuma dizer coisas desse tipo para os outros? As pessoas têm a impressão de que você quer mesmo ser deixada em paz, sabia?

A expressão de Wyatt se tornou pensativa.

– Ah, é?

– Pense nisso.

– Bem, vim perguntar se foi tudo bem ontem. Por acaso Elliot brigou com você por causa daquela história dos saxões?

– Brigar não faz o estilo dele. Elliot acredita no poder de reprovação do olhar desapontado. – Soltou um profundo suspiro e balançou a cabeça, fazendo uma engraçada demonstração de contrariedade, que imitava o comportamento de Elliot.

Os lábios de Wyatt esboçaram um breve sorriso. Ela continuava à porta, inquieta, como se não conhecesse o código de conduta e comportamento que envolve o direito de entrar no quarto de alguém.

– Pode entrar – convidou Tom.

Ela avançou com passos tímidos. Depois de suportar por vários segundos o olhar direto dela, sem saber o que dizer, Tom procurou uma distração.

– E então, gosta de jogos?

Mas logo se arrependeu de ter dito aquilo. Agora era possível que ela permanecesse lá por mais tempo, o que levaria a mais momentos de constrangimento mútuo.

No entanto, Wyatt respondeu com uma careta, como se não tivesse entendido direito.

– Jogos?

– Jogos de RV – acrescentou Tom, exasperado. – Jogos de estratégia, jogos de tiro, jogos de RPG... sabe?

– Não gosto de lutas.

– Que tal os de estratégia? – Na verdade, o próprio Tom gostava dos desse gênero. Não era preciso se mexer muito para jogar a maioria dos jogos de estratégia, e seria fácil escolher um que exigisse apenas os teclados que os dois tinham presos ao antebraço. Pesquisou o acervo de títulos da Agulha e encontrou Mercadores Navais. Era um jogo de negociação e comércio. Não era um de seus

favoritos, mas parecia voltado para os tipos mais intelectuais, e Tom imaginou que Wyatt fosse gostar.

De fato, ela gostou. As negociações não eram o forte dela, mas a garota demonstrava um talento nato para traçar rotas comerciais.

– Você é boa nisso – comentou ele, vendo Wyatt chegar primeiro que ele à Polinésia.

– É tudo uma questão de matemática.

– Certo. Matemática é seu forte, não é? Foi por isso que foi recrutada?

Ela estava sentada no chão, as costas apoiadas na cama de Vik, os braços cruzados envolvendo os joelhos, enquanto digitava com despreocupação no teclado preso ao antebraço. – Sempre fui boa nisso. Meus pais viviam me inscrevendo em competições e, se quisesse, podia ter entrado logo na faculdade. Mas, como todos aqui têm processadores neurais, o talento para a matemática não tem mais nenhuma importância substancial, não é? – Os olhos dela pousaram significativamente em Tom. – Imagino que sinta o mesmo com a soletração. Agora que têm processadores neurais, todos conseguem soletrar com a mesma rapidez.

Tom sentiu o riso chegar à garganta. Era difícil contê-lo.

– Pois é, nem imagina o quanto me chateia ver que todos sabem soletrar corretamente agora. Sinto que meu talento foi desperdiçado.

– Bem... – Wyatt ajeitou o cabelo atrás da orelha –, pelo menos descobri outro interesse. Não vejo por que a maioria dos colegas tem dificuldade com programação. Parece que ninguém mais por aqui sabe dar duro. Estão todos acostumados a baixar conhecimentos novos e entender tudo logo, por isso acham que é esforço demais ligar os pontos e escrever um programa.

– Blackburn concorda com isso – disse Tom, lembrando-se do que o professor dissera a Heather durante a aula. – Pena que ele está

caçando você. Imagino que entre vocês haveria um fantástico encontro de mentes geniais.

Wyatt apertou os lábios.

– Não?

– Alterei os perfis de alguns colegas logo na minha primeira semana na Agulha. Eram pessoas que queriam ser promovidas logo

– contou Wyatt, direta. – Foi uma estupidez, e, desde então, incluo erros propositais nos programas que entrego ao professor para que Blackburn não perceba que fui eu a responsável. E o pior é que as pessoas que me pediram para fazer isso nunca mais falaram comigo.

– Não fez isso só para ganhar amigos, fez?

Ela não respondeu.

– Ouça, Wyatt, esse pessoal é um bando de babacas. Por que tanta preocupação com as promoções? Os méritos listados nos perfis são coisa do passado.

– As empresas da Coalizão demonstram mais interesse em patrocinar aqueles que têm currículos promissores. Uma das pessoas cujo perfil eu alterei foi aceita na Companhia Camelot no mês seguinte. Imagino que ela teria sido promovida de qualquer jeito, mas o novo perfil que preparei a ajudou a conseguir o apoio da empresa que desejava.

– De quem estamos falando?

– Não importa – insistiu Wyatt, concentrando-se de novo no jogo.

– O que está feito está feito.

No DOMINGO, Tom estava quinze centímetros mais alto do que quando chegara à Agulha, e algo estranho ocorria com ele. Seu processador neural estava ocupado com uma varredura atrás da outra. Uma mensagem começou a piscar no centro de sua visão: *CA 7.3 (8.9-10.3)*.

– Vik – disse Tom ao colega de quarto, esparramado na outra cama, que brincava com um jogo cujas luvas sensoras haviam sido trazidas por ele clandestinamente do ambiente de RV do piso térreo.

– O que significa CA sete ponto três?

– CA... Califórnia?

– Acho que não. – Depois de alguns instantes, Tom confessou: – Meus ossos estão me matando, na verdade. Tenho dificuldade para me movimentar. – Seus dedos e lábios formigavam, como se houvesse insetos rastejando sob a pele.

Vik o estudou.

– Não acho que isso seja normal.

– É mesmo?

– Melhor visitar a enfermaria.

Tom praguejou para si mesmo. A enfermaria ficava longe, no térreo.

Mas, pensando bem, talvez devesse mesmo ir até lá para ver se havia algo de errado com ele. Já tinha comentado com Wyatt os sintomas que sentia, e ela listara cerca de vinte doenças fatais que ele poderia ter, algo que não ajudou muito a tranquilizá-lo. As palavras de Vik enfim o convenceram a suportar a dor de cada passo e enfrentar a viagem corredores afora.

Conseguiu chegar até a sala comum dos plebeus. Lá, deparou com um grupo de membros da Divisão Gêngis que jogavam bilhar. Reconheceu a voz que ecoou próximo à mesa.

– Vejam, é Lassie!

Tom suspirou. Era Karl Marsters. O corpulento garoto Gêngis de maxilar quadrado endireitou o corpo depois de dar sua tacada, retesando os músculos do pescoço e abrindo um sorriso.

– O que você quer? – perguntou Tom.

Karl avançou um passo e se interpôs no caminho dele até o elevador.

– Vejo que o cãozinho não foi bem treinado. Vai ficar sem osso se não se comportar, ouviu?

Tom tentou afastá-lo com um empurrão, mas o golpe de uma mão carnuda o jogou longe. Ele colidiu contra a parede e depois endireitou o corpo, o coração cada vez mais acelerado.

– Fiquei sabendo que está dificultando as coisas para o meu parceiro, Elliot – disse Karl.

– *Seu* parceiro, Elliot? O que *você* tem a ver com isso?

Karl olhou para os amigos, três sujeitos ombrudos e uma garota loira e magra, cujos traços lembravam os de um roedor.

– Você é campeão de soletração, não é? Como se soletra *Preciso aprender a tratar meus superiores com respeito se não quiser levar uma surra?*

Tom riu, incapaz de resistir:

– Essa é fácil: K-A-R-L.

Num piscar de olhos, o punho de Karl alcançou o rosto dele. Tom se esquivou bem a tempo. A mão dele cortou o ar e se chocou contra a parede. Karl soltou um grito, e Tom não precisou de nenhum aviso do processador neural para entender que estava numa enrascada. Saiu correndo para longe do grandalhão e se encaminhou para o elevador. Mas este nunca chegaria a tempo ao andar dele, por isso Tom mudou o caminho, torcendo para que pudesse buscar abrigo em uma das outras divisões.

A sorte parecia estar a seu lado. A primeira porta que encontrou logo se abriu. Tom entrou cambaleando, trancando-a atrás de si. Ouviu batidas à porta, sentindo as pancadas daqueles que o perseguiam e que estavam agora do outro lado.

Tom riu, sem fôlego e satisfeito, tendo esquecido por completo a dor nas juntas, graças à adrenalina. Ouviu passos leves atrás de si e, em seguida, uma voz conhecida:

– Entrou pela porta errada?

Deu um salto. Girou o corpo e deparou com um par de olhos inconfundível.

– Heather.

Ela se recostou na parede, o cabelo escuro solto e caindo nos ombros.

– Sabe que está na Divisão Maquiavel, não sabe?

Era possível ouvir punhos esmurrando a porta atrás dele. Tom apontou a porta.

– Acha que posso me refugiar aqui? Estou sendo perseguido.

– Perseguido? Por quem?

– Membros da Divisão Gêngis. Enormes e furiosos.

Heather apoiou uma das mãos no quadril e estalou a língua em sinal de reprovação. Os olhos lhe deram uma piscadela brincalhona.

– O que andou aprontando, Tom?

– Nada, eu juro. Nem conheço direito o tal Karl Marsters. Ele resolveu implicar comigo por causa de alguma história que envolve o Elliot.

– Ah, claro. – Heather inclinou o corpo para frente e entrelaçou o braço com o de Tom, conduzindo-o pelo corredor até uma área de convivência onde havia cadeiras dispostas em um círculo. – É porque Elliot faz parte da Divisão Napoleão. Gêngis e Napoleão são divisões aliadas. Estão sempre se defendendo. Era melhor ter se escondido na Divisão Aníbal. Eles são aliados da Divisão Alexandre e o protegeriam.

O corpo de Tom estava próximo do dela, e ele conseguia sentir o calor que emanava de Heather.

– Hum... – disse ele, tentando não se distrair com a proximidade da garota –, engraçado. Não pensei que a história das divisões tivesse tanta importância.

– Por enquanto, elas não passam de dormitórios para você. As divisões só ganham importância quando surge a questão do

patrocínio corporativo. O pessoal das Divisões Aníbal e Alexandre vai apresentar você aos representantes corporativos, funcionários das empresas da Coalizão que escolhem os combatentes a serem patrocinados. Eles pagam pela exposição nos noticiários, pelas naves que comandamos em combate e, de maneira geral, cuidam da viabilidade financeira desses equipamentos nas batalhas travadas pelo exército.

– Quer dizer que não basta ser habilidoso para entrar na ComCam?

– Ser habilidoso ajuda. Mas não é um sistema que considera puramente o mérito. Também é preciso conhecer as pessoas certas.

– Pensei que o funcionamento das coisas por aqui fosse voltado à guerra de modo exclusivo. Não imaginei que houvesse politicagem também.

Ela o empurrou com o quadril.

– Ora, Tom, por acaso nunca ouviu a expressão: *Política é apenas a guerra travada por outros meios?*

– E quanto à Divisão Maquiavel? – indagou Tom, o olhar se desviando para a pena no ombro dela. – Quem são seus aliados?

– Nós, da Divisão Maquiavel, não gostamos de alianças permanentes. Somos agentes livres.

– Liberdade é uma maravilha. Adoro liberdade. – Ele adorava também sentir o toque das mãos de Heather.

Ela o puxou pelo braço, em seguida empurrando o peito dele. Tom recuou, cedendo à pressão da mão dela, até sentir as pernas contra o estofamento de uma cadeira. Sentou-se.

– Bem – falou Heather, sentando-se também e cruzando as pernas –, a liberdade tem suas desvantagens. Sou a única da Divisão Maquiavel que chegou à ComCam, porque os aliados se ajudam mutuamente na hora de apresentar combatentes promissores aos patrocinadores. As Divisões Alexandre e Aníbal indicam uma à outra,

e o mesmo ocorre com as Divisões Napoleão e Gêngis. É tudo uma questão de influência. Quando há mais membros de uma divisão na ComCam, é mais fácil ainda incluir outros colegas. É por isso que enfrentei tantas dificuldades para chegar lá.

– Dificuldades? Você? – perguntou Tom, incrédulo. Era difícil acreditar que alguém capaz de pilotar como ela, e com aquela aparência, não tivesse uma verdadeira fila de empresas querendo patrociná-la.

– Cheguei à Agulha apenas por mérito. Não contei com um tio rico que pudesse me garantir o apoio da Matchett-Reddy, como Lea Styron, nem com um pai que fosse executivo da Dominion Agra, como Karl Marsters. – Ela tamborilou os dedos no braço da cadeira. – Na verdade, é por isso que vim visitar o andar dos plebeus. É aqui que fica a maior parte das áreas comuns, e tenho pensado numa maneira de levar outro membro da Divisão Maquiavel à ComCam. O general Marsh concordou em conversar com a Comissão de Defesa e indicar um superior da nossa divisão, por isso preciso agora encontrar uma maneira de conseguir uma empresa para apoiá-lo.

– Por que não usa seu patrocinador?

– Já tentei, mas não consigo convencer a Wyndham Harks. Tenho de encontrar outra maneira e solicitar ajuda de alguém de outra divisão.

Tom pensou nos outros dois membros da Companhia Camelot patrocinados pela Wyndham Harks: Yosef Saide, da Divisão Gêngis, e Snowden Gainey, da Divisão Napoleão. Ambos eram sujeitos bem-apegoados de rosto simétrico e sorriso fácil. A julgar pelos dois e por Heather, Tom imaginou se o principal critério de seleção da Wyndham Harks não seria a boa aparência.

– Quem é o candidato de vocês? – perguntou Tom.

Com um gesto da cabeça, Heather indicou alguém atrás dele, no corredor.

– Nigel.

Virando o corpo, Tom avistou um garoto magricela que perambulava pelo corredor. Tinha a pele clara e delicada, lábios carnudos, nariz pequeno e um rosto quase feminino.

Nome: Nigel Harrison

Patente: FIEUA, Nível V Superior, Divisão Maquiavel

Origem: Cambridge, Inglaterra

Méritos: Vencedor da Olimpíada Internacional de Linguística, membro da Associação Britânica de Linguística Computacional

IP: 2053:db7:lj71::262:ll3:6e8

Status de segurança: Ultrassegredo LANDLOCK-5

– Pelo visto, você estava ouvindo nossa conversa. Viu a situação em que Tom se encontra? – perguntou Heather.

– Sim. É o pessoal da Divisão Gêngis que está tentando entrar aqui? – A voz de Nigel tinha um acentuado sotaque britânico. Cada traço do jovem demonstrava elegância, do penteado com gel à maneira de andar, tão leve que Tom mal conseguia ouvir seus passos. Ele parecia ter um constante tique nervoso no rosto: um espasmo leve e intermitente perto do olho direito, que ele parecia incapaz de controlar.

– Pois é – disse Tom, tentando ignorar o tique. – Peço desculpas pela porta.

– Tudo bem. Mas isto me faz pensar... E você? – Nigel olhou para Heather.

A garota apoiou o queixo na mão.

– Quem sabe...

– Isso mesmo – respondeu Nigel, a voz tão baixa que Tom quase não pôde ouvi-lo.

– Está bem – concordou Heather.

Tom se perguntou se boa parte daquela conversa não estaria ocorrendo por alguma espécie de telepatia.

– Tom – disse Heather de modo abrupto –, importa-se de esperar numa das camas enquanto Nigel e eu damos um fim nisto? Logo virei encontrá-lo, e pensaremos numa maneira de tirar você daqui. É claro que – ela lhe lançou uma piscadela –, se não se importar de esperar, posso lhe fazer companhia depois.

Minha. Nossa. O sorriso dela era capaz de provocar um grave acidente.

– Certo... tudo bem. Espero por você. – Ele procurou a cama vazia mais próxima com tanta afobação, que trombou com o batente da porta.

Ao chegar à cama vazia, Tom soltou uma gargalhada. Aquela garota fazia seu processador neural derreter.

Fez uma careta por causa da dor nos joelhos, enquanto se acomodava na beirada da cama vazia, os dedos tamborilando na coxa em um ritmo ansioso. Conforme o tempo foi passando, ele fechou os olhos e passou a explorar uma planta baixa da Agulha, tentando encontrar uma maneira de escapar do pessoal da Divisão Gêngis que estava à sua espera. Aquela indicação de CA continuava a piscar no centro de sua visão, mostrando um número cada vez menor. Reparando melhor agora, tinha voltado a sentir um formigamento na ponta dos dedos e nos lábios.

A porta se abriu. Passos pesados marcharam em sua direção.

Pesados demais para serem os de Nigel e Heather.

Tom abriu os olhos e foi tomado por uma onda de pânico.

Karl Marsters estava bem a seu lado, ferido e ensanguentado. Seu punho desceu com toda a força contra o rosto de Tom.

ELE TENTAVA SE desvencilhar, enquanto Karl o arrastava para o corredor da Divisão Maquiavel, Nigel e Heather o observando também,

embora a certa distância. Tom engasgou com o sangue que escorria do nariz enquanto tentava se desvencilhar do imenso braço que apertava seu pescoço, sem conseguir, entretanto, se livrar do adversário.

– Obrigado. Obrigado, pessoal – Karl dizia aos dois.

– Você bateu nele? – protestou Heather. – Não foi isso que combinamos, Karl.

– Sinto muito, não pude resistir. Sei que o combinado era não machucá-lo enquanto estivéssemos na Divisão Maquiavel. Ops.

Tom tentava se livrar daquele brutamonte. Agora havia entendido: Heather não estava flertando com ele quando o mandara ao dormitório. Apenas queria tirá-lo do caminho para poder vendê-lo ao inimigo. A consciência da armação deixou um gosto amargo em sua garganta enquanto Karl o arrastava para fora, obrigando-o a andar, apesar de sua relutância.

Nigel se aproximou, os olhos brilhando.

– Lembre-se dos termos do combinado. Você assinou um contrato conosco. Comprometeu-se a cumprir sua parte.

– Eu sei, eu sei, podem ficar tranquilos. – Karl arrastou Tom mais alguns passos adiante. – Em troca desse verme, vou levá-los para uma reunião com meus contatos na Dominion Agra quando Marsh indicar seu nome à Comissão de Defesa. Assim, você vai conseguir um patrocinador.

Heather sorriu para Tom como se ainda pudesse seduzi-lo, mesmo enquanto um membro da Divisão Gêngis praticamente o enforcava graças à traição dela. Aquilo o fez se sentir um perfeito idiota: fora capturado devido à sua manipulação.

– Sinto muito, Tom, mas preciso que entenda: temos de colocar mais membros da Divisão Maquiavel na ComCam. É uma questão de honra para nós.

Tom esperneou, em uma nova tentativa de se livrar das mãos de Karl, mas não tinha sido por acaso que o brutamontes havia se tornado campeão de luta na categoria peso-pesado. Uma imensa mão prendeu os punhos de Tom atrás de suas costas e os torceu com força suficiente para fazê-lo cair de joelhos, evitando assim que os braços fossem deslocados.

Karl agarrou a cabeça de Tom, apertando-a e obrigando o rapaz a andar naquela posição indigna.

– Isso mesmo. Vamos andando, Lassie.

Tom não soube como resistir à marcha forçada até a sala comum, onde uma multidão de membros da Divisão Gêngis encontrava-se reunida. Sentiu o rosto latejar. Agora sim havia se metido em uma encrenca séria.

A voz de Karl ecoou pela sala comum:

– Como sabem, senhoras e senhores, de tempos em tempos surge um plebeu que precisa aprender uma lição de humildade.

Tom fez nova tentativa de se desvencilhar, mas Karl apertou ainda mais os braços dele, e a dor se tornou muito mais aguda, dando a sensação de que seus braços estavam prestes a ser quebrados. Caiu de joelhos outra vez, sem ser capaz de resistir ao grandalhão, obrigado a encarar o próprio sangue, que gotejava do rosto ao chão.

– Quer pedir desculpas, Totó? – Com a mão sobre a cabeça de Tom, Karl o obrigou a fazer um gesto afirmativo. – Aposto que sim. Fale em alto e bom som, para que todos possam ouvi-lo implorar.

Tom trincou os dentes.

– Não.

Karl forçou os braços de Tom contra os ombros, provocando nele uma dor insuportável.

– A sensação é ruim, não é? – A mão poderosa de Karl obrigava Tom a mexer a cabeça para frente e para trás. – Aposto que não

está gostando nada disso. Quer que eu pare? Então mostre que sabe latir, Rex. Vamos, um latido.

Tom não conseguiu conter o gemido de dor que escapou de sua boca quando Karl ergueu ainda mais seus braços atrás das costas. Mas jamais latiria. Não importava o quanto doesse. Preferia arrancar as próprias tripas em vez de ceder a uma ordem de Karl.

– Quero ouvi-lo latir neste instante, senão arranco seus braços agora mesmo, Lassie.

– Vamos! Faça o pior que puder, porque eu não vou latir!

– Pois bem. Pensa que estou blefando? Agora você vai descobrir se é um blefe ou não!

Tom gritou ao sentir os braços sendo forçados para além do limite, mas, bem naquele momento, um estranho ruído invadiu a sala. Soava como uma multidão cacarejando. Ele ouviu Karl exclamar:

– Mas que droga está...

De repente, o brutamontes o soltou, dando alguns passos para trás e ajoelhando-se no chão.

– Có, có – disse Karl.

Tom se afastou dele, cambaleante, e usou a manga para limpar o sangue do nariz machucado.

– Quê?

– Có, có – foi a resposta de Karl, que em seguida passou a bicar o chão com o nariz. – Có, có, có.

Tom apertou a manga contra o rosto, perplexo. Olhou para o restante da Divisão Gêngis e viu todos ajoelhados, dando bicadas ritmadas, o nariz grudado no chão, todos cacarejando.

– Bem, eu diria que funcionou.

A voz de Wyatt Enslow o pegou de surpresa. Ele se voltou e a viu chegar do elevador, a manga erguida revelando o teclado preso ao antebraço.

– O que está havendo? – perguntou-lhe Tom, sem saber o que pensar. – O que eles estão fazendo?

– São galinhas – respondeu Wyatt.

E, ao observá-los com mais atenção, Tom reparou que de fato ciscavam e cacarejavam como galináceos.

– Usei como exemplo o programa de Blackburn que o transformou num cachorro – Wyatt esclareceu. – Vi que estava numa enrascada, por isso imaginei que fosse o momento ideal para testar minha versão.

Tom a encarou, vendo-a agora com novos olhos.

– Wyatt, você acaba de salvar minha pele. Obrigado, te devo uma.

– Só queria testar o programa. Não pense que vim aqui apenas para salvá-lo.

Tom soltou uma gargalhada e apertou a manga contra o rosto com um pouco mais de força.

– Essa é a deixa para você dizer *de nada*. Não há problema em aceitar o crédito por algo que fez.

O rosto dela corou.

– Ah. Entendi.

– E também pode dar um soco no ar e fazer algum comentário a respeito do quanto você é demais. É assim que funciona.

– Mas isso não seria se exhibir?

– Claro que sim. Mas quando fazemos algo incrível, a gente ganha o direito de se exhibir. – Tom se calou, pois viu a porta da Divisão Maquiavel se abrir e, em seguida, Heather se aproximar de onde estavam. Ela se deteve, observando a situação, e soltou uma risada.

– Ah, que ótimo. Vejo que não preciso chamar seus amigos para virem salvá-lo.

Tom cravou os olhos nela, consciente do sangue que secava em seu rosto. Ela não parecia se sentir nem um pouco culpada, tampouco se lamentou pelo que tinha acabado de fazer.

– Está me dizendo que pretendia chamá-los? – ele perguntou, a ironia evidente em seu tom de voz. – Isso não contradiz o propósito de me vender ao pessoal da Divisão Gêngis?

Ela jogou uma mecha de cabelo para trás dos ombros.

– Não foi bem assim, Tom. Pensou mesmo que eu deixaria Karl machucá-lo? Karl e eu fizemos um acordo: permiti que ele tirasse você da Divisão Maquiavel e, em troca, ele assinou um acordo, um contrato, afirmando que nos ajudaria a levar Nigel para a Companhia Camelot. – Em seus olhos reluzia um brilho frio e calculista. – Concordei apenas em deixar que ele o arrastasse para fora da nossa ala. Jamais afirmei que não buscaria ajuda pra você. Tanto que vim aqui para saber o que estava havendo.

Tom desejava acreditar nela. Deu um passo à frente, ponderando os fatos.

– Você bem que podia ter me avisado antes.

Ela mordeu o lábio inferior.

– Ah, mas era preciso que você se mostrasse magoado e traído para que Karl confiasse em mim. Não sabia se você seria ou não um bom ator.

Quando ela o olhava daquela maneira, os olhos arregalados, como quem implora pela confiança do ouvinte, era difícil se lembrar dos motivos que o haviam deixado furioso. Ela não queria que ele apanhasse de verdade. Tinha mesmo motivos para odiá-la?

Foi então que Wyatt intercedeu.

– É fácil falar agora, quando o problema já foi resolvido. Se fosse mesmo chamar os amigos de Tom para avisar que ele precisava de ajuda, por que não fez isso logo depois de ter falado com Karl, para que viessem logo salvá-lo? Você nem sabe se eles estão aqui na Agulha hoje.

Heather piscou ao voltar sua atenção para Wyatt, como se ainda não houvesse se dado conta da presença dela.

– Desculpe, mas não sei se a conheço... Wyatt, é isso?

– Estranho. Você lembrava bem o meu nome alguns meses atrás, quando me pediu ajuda para alterar seu perfil – retrucou Wyatt, o tom de voz seco.

Tom encarou Heather, surpreso. *Então tinha sido ela?*

Heather abriu e fechou a boca, sem saber o que dizer. Mas logo se recuperou do choque.

– Bem, Wyatt, ainda assim, acho que está sendo um pouco arrogante em dizer o que eu deveria ter feito sem conhecer a situação direito.

Wyatt cruzou os braços.

– Pensei que estivesse apenas comentando o óbvio.

– Tom está bem e, por isto, esta conversa é inútil. – Heather não parecia tão bonita quando seu rosto perdia a cor, e havia um toque de frieza e crueldade em sua expressão, como se considerasse Wyatt uma inimiga.

– Pois eu acho que estou tocando num ponto bem interessante, e sua resposta não...

– Tudo bem, Wyatt – interrompeu Tom, interpondo-se na troca de farpas entre as duas.

Wyatt fez uma cara feia para ele e, em seguida, murmurou:

– Que seja. Para *mim*, não faz diferença.

Ela deu alguns passos desajeitados para a porta da Divisão Aníbal e, depois, girou o corpo, erguendo os braços num gesto estranho.

Perplexo, Tom a observou, imaginando por que ela estaria imitando um monstro com garras.

– Sou demais – ela comentou.

Então Tom riu, percebendo que ela se exibia, exatamente como ele havia sugerido. Wyatt fez um gesto afirmativo com a cabeça e, logo em seguida, se encaminhou para fora da sala.

Heather a observava, admirada, como se tivesse acabado de ver um alienígena.

– É verdade o que dizem. Ela não faz a menor ideia de como se relacionar com os outros.

– Ela é bem direta – concordou Tom.

Se Heather entendeu que ele lhe dizia que Wyatt era dolorosamente sincera, não deu nenhuma demonstração nesse sentido.

– Você me ouviu pedindo ao Karl que promettesse não machucá-lo enquanto estivesse na Divisão Maquiavel, não ouviu?

Tom apertou várias vezes o botão do elevador.

– Claro, eu me lembro de ter ouvido você dizer isso. Olhe... preciso ir à enfermaria.

Teve um vislumbre de como Heather e Nigel haviam se entreolhado na Divisão Maquiavel quando contara aos dois que estava sendo perseguido por Karl e também de como Heather tinha dado um jeito de afastá-lo para que os dois pudessem conversar a sós, aproveitando a oportunidade para oferecê-lo de bandeja a Karl.

A mão de Heather alcançou seu braço, deslizando até o ombro. Tom sentiu a pele arrepiar. Ela sussurrou em seu ouvido:

– Mais tarde passo para ver você. Quero ter certeza de que está bem.

Ela costumava provocar nele a sensação de estar com o cérebro prestes a se dissolver, mas algo nele parecia envolto em algum tipo de névoa, que possuía o efeito de isolá-lo das propriedades sedutoras da garota. Quem sabe aquilo não fosse consequência da dor em seu rosto, que latejava demais após o soco para que ela pudesse exercer o poder habitual.

Mudou sutilmente de posição, o suficiente para fazer a mão dela escorregar, entrando logo em seguida no elevador.

– Nem se preocupe com isso – respondeu. – Estou ótimo. – Então, antes que ela pudesse dizer qualquer outra palavra, as portas se fecharam, separando ambos.

TOM CHEGOU À enfermaria quase meia hora depois de ter saído da Divisão Alexandre. Depois que o enfermeiro Chang encheu seu nariz de gaze, Tom lhe contou sobre o aviso de “CA”, que de imediato acendeu um alarme na expressão do homem.

– O que foi? – perguntou Tom, surpreso. – Qual é o problema?

– Nada, nada – respondeu o enfermeiro, enviando com rapidez uma mensagem ao dr. Gonzales. – Vamos dar uma olhada nesses ombros.

As juntas de Tom já estavam doloridas antes mesmo que Karl empregasse sua “delicadeza” para quase deslocar os braços dele. Quando Chang testou o alcance dos movimentos, Tom mal conseguia levantar os braços da altura do ombro. O enfermeiro lhe deu uma dose de Percocet, que ajudou a aliviar a dor. Minutos mais tarde, Tom praticamente já tinha se esquecido do motivo que o levara à enfermaria, deitado em uma máquina cônica que media a densidade de seus ossos. Havia acabado de tirar a gaze ensanguentada do nariz quando foi surpreendido pela voz de Olívia Ossare.

– Como está se sentindo, Tom?

Tom a fitou, um pouco surpreso. Não sabia que ela trabalhava nos finais de semana. Seu processador neural mostrou:

Nome: Olívia Ossare

Afiliação: Serviço Social dos Estados Unidos

Status de segurança: Confidencial LANDLOCK-3

Não havia mais falado com Olívia desde seu primeiro dia na Agulha, mas tinha ouvido os outros recrutas comentarem a respeito

dela. A moça dissera que estava lá para ajudar os garotos, que seria o apoio moral deles e coisas do tipo, mas, pelo que Tom soubera, ninguém a procurava de fato. Talvez aqueles que o fizessem não estivessem dispostos a falar a respeito. Parecia mais uma piada entre os recrutas, uma maneira de ridicularizar os que demonstravam fraqueza. *Não está gostando daqui, plebeu? Por que não vai choramingar para a assistente social?*

Ele se sentiu constrangido ao vê-la ali, o semblante dela denotando preocupação. Fez uma bola com a gaze nas mãos e olhou para a porta, torcendo para que ninguém passasse e pensasse que Olívia estava lá porque ele a havia chamado.

– Tudo bem. Parece que estou com um problema de densidade óssea, mas não parece ser nada grave.

As sobrancelhas escuras dela se aproximaram uma da outra.

– O enfermeiro me disse que você rompeu alguns ligamentos. E seu rosto... Bem, o que houve?

– Ah, pois é. Tropecei e caí. Não foi nada, é sério.

– O processador neural deveria ajudá-lo a manter o equilíbrio.

– Bem, desta vez não ajudou.

Ele torceu para que aquelas palavras pusessem fim à conversa, mas ela insistiu:

– Como tem sido viver na Agulha, tudo bem?

– Tudo ótimo – respondeu Tom.

– Nada disso – interrompeu uma voz. O dr. Gonzales se aproximou dele, estudando os prontuários médicos.

Nome: Alberto Gonzales

Patente: Tenente, Oficial Médico

Nível: FAEUA 0-3, em atividade

Status de segurança: Ultrassegredo LANDLOCK-8

Tom piscou para fazer o texto desaparecer enquanto o doutor o informava:

– Você apresenta sinais de desgaste nas juntas e baixa densidade óssea. O nível de cálcio no seu sangue também está baixo... Imagino que sinta um formigamento nas extremidades do corpo. Este estirão de crescimento está exigindo demais do seu corpo.

Tom respondeu com frieza:

– Já disse que levei um tombo. Foi assim que me machuquei.

O dr. Gonzales balançou a cabeça em negativa.

– Seus ferimentos são um fator secundário em relação ao desgaste geral do corpo. É um resultado, e não uma causa. Seu sistema não dispõe de recursos suficientes para dar conta de tal nível de expansão óssea. Terei de acessar seu processador neural e desligar o estímulo à produção adicional de HGH.

– Mas é possível ativá-lo novamente depois, não é? Quando eu tiver mais... recursos, certo?

– Não haveria motivo para fazer isso.

– Não haveria? Como assim?

Mas o dr. Gonzales deixou a sala sem responder. Tom se sentou, rangendo os dentes graças à dor horrível nas juntas.

– *Não haveria motivo?* O que ele quis dizer? – perguntou ao enfermeiro Chang, que digitava algo no computador.

Chang se aproximou e juntou-se a Olívia ao lado da cama dele.

– Tom, o processador neural assume o controle de algumas funções naturais do cérebro humano. O cérebro é um órgão cujas capacidades, se não forem usadas, perdem-se para sempre. As áreas que se tornam desnecessárias começam a atrofiar. Entre elas, estão algumas que regulam o crescimento. É por isso que fazemos os processadores ativarem um surto de produção de HGH logo que os recrutas chegam aqui: para garantir que vocês não percam os

estirões de crescimento que teriam naturalmente no decorrer dos próximos cinco anos.

– Então, se eu não ficar mais alto agora, será tarde demais – concluiu Tom. – Está bem, compreendo que precisem desligar essa parte... Mas será que não podemos esperar alguns dias? Até que eu chegue a um metro e oitenta, ou quem sabe um metro e noventa?

O dr. Gonzales voltou à sala e foi até o computador, sem ao menos relancear o olhar para Tom.

– Não, não podemos esperar nem mesmo uma hora. Você deveria ter nos procurado logo que sentiu as primeiras dores. Seu corpo tem uma quantidade finita de recursos para sustentar o crescimento ósseo. Tentamos auxiliar o processo por meio de suplementos alimentares, mas nada pode compensar catorze anos de maus hábitos alimentares. Pelo acúmulo de células de gordura nas artérias, por exemplo, posso deduzir que você foi criado à base de uma dieta constante de porcarias e nunca deve ter visto legumes nem verduras na vida.

– Não é verdade. – Ele sempre comia batatas. Fritas, é claro.

– Faça o favor de conectar este fio – disse o dr. Gonzales, oferecendo a ele um fio neural.

Tom não aceitou.

– Prefiro esperar.

– Claro, sr. Raines, como desejar – respondeu o dr. Gonzales, áspero.– Depois que tiver perdido todo o cálcio dos ossos e apresentar um quadro de osteoporose antes de completar quarenta anos, aproveite para me processar por erro médico.

Antes de completar quarenta anos? Ele tinha *décadas* pela frente.

– Não vou processá-lo. Prometo. Posso assinar um... – Como foi mesmo que Heather selou o acordo com Karl? – ...um contrato, se quiser.

O dr. Gonzales não demonstrou interesse.

– Essa decisão não cabe a você. Conecte-o, tenente Chang.

O enfermeiro Chang conectou o fio. Tom desabou na cama, sentido o torpor que acompanha a conexão neural em uma onda que lhe percorreu os músculos.

– Não entendo como pode caber a vocês decidir a respeito desse assunto. O corpo é meu. Sou eu quem vai desenvolver osteoporose. O exército não é meu dono.

– Pode ser que não, mas o exército é dono do processador neural que regula a glândula pituitária dentro da sua cabeça.

Tom sentiu a mão de Olívia em seu pulso.

– Um dia você vai agradecer a ele por isso.

O ressentimento consumiu Tom enquanto ouvia o dr. Gonzales digitar no teclado, ajustando as configurações e desativando a produção do hormônio de crescimento. Jamais se sentiria grato por aquilo. Jamais. Seria um baixinho pelo resto da vida.

Bem, era verdade que não era tão baixo quanto antes. Mas, ainda assim, não seria tão alto quanto sonhara ser. Alguém enorme, com quem Karl Marsters nunca pensaria em mexer. Não entendia por que uma outra pessoa tinha o direito de tomar essa decisão em seu nome. É verdade que o processador pertencia aos militares, mas o cérebro ainda era dele.

Fechou os olhos e tentou esquecer a voz do pai, que ecoava em sua mente: *Para eles, você não passa de um equipamento...*

AVIDA NA Agulha Pentagonal trouxe algo novo na vida de Tom. Algo que ele nunca tinha experimentado antes. Uma rotina.

Havia em seu processador neural um código de conduta, informando a ele aquilo que podia ou não fazer. Ele sabia que tinha de estar de volta à Agulha antes das 2000 nos dias úteis e antes das 2300 nos finais de semana. Sabia que um sinal de GPS rastreava seus movimentos para se certificar de que ele se mantivesse dentro da Zona Designada, num raio de trinta quilômetros ao redor da Agulha. Mesmo a planta interna da Agulha era cuidadosa e facilmente previsível. Cada andar era dividido em cinco seções, designadas pelas letras A, B, C, D e E, e cada sala era numerada a partir dos elevadores localizados no centro.

Nas manhãs dos dias úteis, o café começava às 0700. Duas vezes ao mês, os jovens plebeus da Divisão Alexandre recebiam a tarefa de se levantar meia hora mais cedo que os demais, assumindo suas posições perto da porta do refeitório, para anunciar o horário em intervalos de cinco minutos até o início da refeição matinal. As noites eram horas desprovidas de sonhos, preenchidas com o download de todo o material exigido para as aulas do dia seguinte.

O único tempo livre era no fim do dia, momentos que ele passava na companhia de Vik, Yuri, Beamer e, cada vez com mais frequência, Wyatt Enslow.

Quando os ombros de Tom ficaram bons, ele voltou a jogar simuladores de RV. Mas, com o passar do tempo, dedicava cada vez

menos horas aos jogos. O universo da Agulha consumia muito da atenção dele, com simulações e tiroteios que um dia seriam reais e vitórias que teriam significado verdadeiro. Uma nova atividade favorita começou a ocupar seu tempo livre: assistir de novo e de novo às batalhas de Medusa.

Não importava que já tivesse praticamente decorado cada truque do guerreiro russo-chinês. Tom ainda ficava admirado ao assistir novamente a cada um dos arquivos que tinha baixado com o processador neural, boquiaberto com o combatente absoluto em ação, como se visse pela primeira vez o Aquiles da era moderna. Quando se entediava com as aulas regulares dos professores civis, aproveitava para assistir aos vídeos de Medusa. E, quando Elliot fazia seus longos discursos, não precisava fingir que prestava atenção, pois estava ligado em Medusa. Tinha certeza de que, se pudesse sonhar, veria aquelas batalhas enquanto dormia.

O restante de sua vida na Agulha também vinha se tornando cada vez melhor. Durante algum tempo após o caso das galinhas da Divisão Gêngis, a ameaça de Karl rondara Tom, mas o brutamontes nunca mais agira contra ele, quase como se temesse o risco de outra humilhação.

Elliot Ramirez nunca havia feito nada contra Tom abertamente, por mais que sempre demonstrasse um ar de reprovação ao falar com ele. Tom imaginou se Elliot teria pedido a Karl que fosse atrás dele, mas logo abandonou a ideia. Elliot não era do tipo vingativo. O pior que Elliot parecia capaz de fazer eram os comentários a respeito de *certas pessoas* que se recusavam a trabalhar em equipe.

Quanto a Wyatt Enslow, ela tinha acessado o circuito interno de vídeo da Agulha e excluído as imagens que indicavam seu envolvimento no caso das galinhas, temendo que alguém da Divisão Gêngis contasse a Blackburn a respeito do misterioso vírus de computador que os tinha afetado. Mas não pôde resistir à tentação

de copiar um breve trecho que mostrava as galinhas da Divisão Gêngis, devidamente editado para não mostrar ninguém além dos galináceos em questão. Ela havia mostrado as imagens a Vik e Yuri, dando ao primeiro a brilhante ideia de incluir entre os arquivos da lição de casa uma amostra dos melhores momentos da carreira de Karl.

Wyatt ficara tão brava que tinha passado uma semana inteira sem falar com Vik. Ele havia contado a Tom que aquela fora a melhor semana de sua vida, mas Tom não pôde deixar de reparar em como Vik parecia determinado a incomodar Wyatt, tentando provocá-la a falar com ele. E o rapaz pareceu estar de ótimo humor depois de enfim tê-la perturbado tanto a ponto de conseguir uma resposta da parte dela.

Mas não demorou para que Wyatt tivesse motivos mais graves para se preocupar, pois o vídeo chegou às mãos de Blackburn. Ele surpreendeu a turma ao exibi-lo durante a aula em uma terça-feira.

– O que temos aqui é um excelente programa. – Ele aplaudiu, percorrendo a sala de aula com o olhar, fingindo não prestar atenção à reação dos recrutas. Apenas a intensidade de sua voz traiu a aparência despreocupada quando o professor perguntou: – Quem deseja receber o crédito pela obra? Não sejam tímidos.

Tom percebeu que Wyatt não se convencera pelo comportamento amistoso do professor. Ao contrário, encolheu-se ainda mais na cadeira. Naquele dia, esconder-se parecia mais difícil do que o habitual. As fileiras de bancos à frente dela estavam mais vazias que o normal, por mais que na Sala Lafayette faltassem apenas os doze Combatentes da Companhia Camelot.

Tom tinha se perguntado qual seria o motivo da ausência deles durante o café da manhã. Mas depois eles receberam uma mensagem explicando o que ocorrera: Forças Russo-Chinesas tinham lançado um ataque-surpresa contra as bases indo-

americanas perto de Netuno. Se fossem destruídas, a Aliança Indo-Americana sofreria um grande revés. Demorava muito para levar equipamentos às partes mais distantes do sistema solar e mais ainda para estabelecer bases na região. Além disso, aquele arsenal fazia parte do corredor de acesso ao Cinturão de Kuiper, rico em minérios. Os membros da ComCam tinham sido chamados à Hélice, a área localizada entre o nono e o décimo andares, equipada com interfaces neurais que controlavam diretamente as naves no espaço. Conforme os minutos se arrastavam na aula de programação, Tom pensava cada vez mais no fato de que naquele exato momento uma batalha épica ocorria no espaço, e não havia como descobrir quem estava vencendo.

Se Blackburn sabia algo da batalha, não demonstrou em nenhum momento. Estava ocupado demais estudando o código do programa de Wyatt e disparando perguntas aos amigos de Karl, os membros da Divisão Gêngis que haviam sido transformados em galinhas.

– Onde o hacker estava posicionado? Ouviram a voz dele? O que fizeram depois de recuperar o controle do próprio corpo?

Lyla Mortenson, uma loira musculosa que fazia parte do grupo, se cansou daquilo.

– Já disse, senhor, não sabemos quem foi o responsável. Não podemos ajudá-lo.

Os lábios de Blackburn se abriram em um sorriso irônico.

– É claro que podem me ajudar, srta. Mortenson. Se não tiverem um nome para mim, vou pensar numa outra maneira de me ajudarem ainda hoje.

Todos sabiam o que aquilo significava: seriam os escolhidos para a próxima demonstração do professor.

Lyla se desesperou.

– Pergunte ao Tom Raines!

Oh, não. Tom afundou na cadeira.

– Ele também estava lá. Viu tudo. Aposto que ele sabe!

Os olhos de Blackburn lentamente se voltaram na direção de Tom.

– É mesmo, sr. Raines?

– Não, eu não vi nada – respondeu ele com rapidez.

– Mas estava lá, correto?

– Não, eu... – Tom olhou para Lyla e os demais membros da Divisão Gêngis que tinha visto ciscar e cacarejar. Todos iriam desmenti-lo. Soltou um suspiro. – Sim, eu estava lá.

– E imagino que não tenha um nome para mim.

– Não, senhor – disse Tom, sabendo que Blackburn não poderia deixá-lo escapar impune, principalmente com os demais recrutas assistindo.

– Raines, *você* vai ser o voluntário de hoje. Suba aqui.

Tom bateu continência para Vik e Beamer em um gesto irônico e em seguida se levantou, arrastando-se corredor afora. Seu olhar logo reparou no aparelho que Blackburn havia trazido para a aula: um instrumento metálico que lembrava uma garra. Torceu para que não fosse tão terrível o destino que o aguardava.

– Hoje – anunciou o professor – falaremos da Klondike. Assim como a Zorten II, a Klondike é uma linguagem de programação específica dos processadores neurais. É usada em duas áreas: ajuda o processador neural a se comunicar com as tecnologias do arsenal intrassolar e faz ajustes em aspectos do cérebro que a Zorten II não é capaz de alterar, em particular no que se refere às memórias armazenadas.

Tom subiu ao palco. Blackburn gesticulou, solicitando que se aproximasse, e depois apontou o indicador para uma tela sobre o palco.

– Concentre-se naquilo, Raines.

Tom ouviu algumas risadinhas ao fundo enquanto se aproximava do púlpito – os colegas pareciam se lembrar de quando havia se

apaixonado pela estrutura. Sentiu o rosto corar e tentou se concentrar na tela, mas era difícil. Blackburn preparava o aparelho em forma de garra, posicionando-o sobre a cabeça dele. Apertando um botão, o professor fez com que raios de uma luz azul saíssem das pontas da garra, incidindo sobre as têmporas de Tom. Ele estremeceu por puro reflexo, mas não sentiu nada além de uma leve coceira na pele.

– Não vai doer – garantiu Blackburn, digitando algo no teclado do antebraço. – Preciso apenas que fique olhando para a tela.

Tom se concentrou na linha sinuosa que a tela mostrava. Ela oscilava. Aquilo o fazia se lembrar de uma serpente, uma aranha ou algo do tipo. Sentiu a apreensão tomar conta de seu corpo, enquanto ouvia Blackburn digitar incessantemente no teclado preso ao antebraço, mas procurou manter o olhar pregado na tela. Uma lembrança percorreu sua mente: *aquele final de semana que Neil havia passado no hospital e Tom tivera de ficar na casa de seu amigo Eddie. Tinha aberto um armário e deparara com um monte de escorpiões. Eddie havia gritado, mas Tom rira e os pisoteara, e...*

– Pronto, aí está – disse Blackburn, triunfante.

Tom deu um salto, surpreso com a memória.

Blackburn fez um gesto com os dedos, indicando a ele que olhasse para a turma.

– Este aparelho é chamado de dispositivo de varredura. Para as pessoas presentes nesta sala, que em sua maioria jamais poderão compreender como se usa algo desse tipo, ele não passa de um objeto de grandes dimensões, reluzente e admirável. Para os poucos que talvez possam um dia dominar as linguagens Zorten II e Klondike, ele pode ser uma poderosa arma psicológica. Seu processador neural indexa todas as lembranças, sejam elas recentes ou antigas. Esse dispositivo é capaz de acessar tais memórias. E,

quando podemos acessar lembranças, é vasta a utilidade que elas têm. Vou demonstrar uma delas agora.

Seguiu digitando enquanto falava.

Tom manteve os olhos fixos na linha oscilante, que começou a se transformar em um escorpião, algo que o fez recordar *de quando abrira aquele armário e os escorpiões saíram rastejando. Haviam subido por sua calça e picado suas pernas. Ele tinha gritado de dor e ido parar no pronto-socorro. Ficara internado. Lembrava-se até hoje do cheiro de antisséptico do hospital, da dor e do veneno, que ardia como se as panturrilhas estivessem em chamas...*

A voz de Blackburn afastou a lembrança de Tom:

– Agora, Raines, estenda a mão.

Tom o encarou.

– Por quê?

– Vamos.

Tom ergueu a mão esquerda.

– Bom menino. Agora, vire a palma para baixo.

Tom virou a mão, e Blackburn pôs algo sobre sua pele.

Antes de ver o que era, foi acometido por uma sensação familiar – a sensação de pequenas pernas pontudas caminhando sobre ele, de um exoesqueleto roçando sua pele. No mesmo instante, sentiu o rosto empalidecer, uma náusea irrefreável, a vertigem tomar seus membros trêmulos. Ouviu o coração bater cada vez mais rápido, a pulsação nos tímpanos, e teve a impressão de que sufocava, sentindo dificuldade para respirar. Seu olhar horrorizado se concentrou no escorpião que caminhava sobre o dorso de sua mão.

– Não se mexa – Blackburn observava com atenção o rosto de Tom.

– O que... Mas...

– Fique absolutamente imóvel, ou ele pode picar.

Tom estava sem ar, sentindo gotículas de suor frio brotarem em sua pele. Não podia se mexer. Não podia. Tinha certeza de que seria picado como da outra vez, quando os escorpiões tinham saído do armário, e lembrou-se de ter sentido um calafrio. Apesar de ser apenas um garotinho naquela época, sentiu o mesmo pânico tomando conta de si agora. A cabeça começou a girar, e a vista escureceu. Era impossível suportar aquilo. Tinha que gritar. Era muito pior do que o medo que sentira com aquele vírus em relação ao púlpito. *Estava bem ali, na mão dele!* Ia ter um ataque em plena sala, diante de todos; desmaiaria ou algo pior, e se tornaria motivo de piada durante muito tempo.

– Por que não diz à turma como se sente, Raines? – sugeriu Blackburn. – Seja sincero.

Tom olhou para Blackburn, sentindo uma fúria cada vez maior. Sabia muito bem o que o professor queria. Bem, ele se recusava a fazer o papel de fracote patético diante de todos os amigos. Jamais aceitaria aquilo. Era preferível arrancar os próprios olhos.

Por isso, Tom agarrou o escorpião com a mão direita, espremeu o corpo dele com toda a força entre os dedos, levou-o à boca e arrancou a cabeça do bicho com os dentes. O gosto amargo da vitória encheu seu paladar. Cuspiu a cabeça e, chocado, percebeu que não fora picado.

Blackburn o olhava fixamente, sem dizer uma palavra. Por fim, comentou:

– Sr. Raines, se isto fosse um escorpião de verdade, e não uma barra de nutrientes interpretada como um escorpião pelo seu processador neural, você estaria envenenado a essa altura. Percebe o que fez?

Tom olhou para os restos do escorpião entre seus dedos, percebendo que aquilo de fato não passava de uma maçaroca

cinzenta com pedaços esverdeados. Uma barra de nutrientes. Tinha arrancado a cabeça de uma barra de nutrientes.

– Não pensei direito no que fazia – admitiu Tom.

Blackburn passou a mão sobre a boca, os olhos ainda fixos em Tom, e em seguida tirou dele o restante da barra de nutrientes, jogando tudo numa lata de lixo ao lado do púlpito.

– Nem sei o que pensar desta cena. – Ele digitou algo no teclado.
– Volte a seu lugar, plebeu.

Tom voltou ao assento habitual, sentindo o corpo inteiro tremer e o uniforme colado à pele devido ao suor. Viu-se pensando de novo em escorpiões, em como tinham saído tão rápido do armário. Fora no mesmo final de semana que Neil tinha ido parar no pronto-socorro, e não ele. Tom jamais havia sido picado por um escorpião, e muito menos por uma porção deles ao mesmo tempo. De alguma maneira, Blackburn tinha alterado suas lembranças.

Blackburn falou:

– Expus Raines a um gatilho programado para imitar uma pequena criatura rastejante. Isso evocou uma lembrança associada a algo desse tipo no cérebro dele. O dispositivo de varredura recuperou a imagem e permitiu que eu visse a recordação dos escorpiões. Usando a linguagem de programação Klondike, reescrevi a lembrança e a devolvi ao cérebro dele. Essa nova versão da lembrança criou uma fobia e, se tivesse escolhido outro plebeu para esta demonstração, teriam assistido a uma reação natural de pânico. Em vez disso, todos vimos o sr. Raines tentando nos mostrar o quanto ele é durão.

Tom relaxou o corpo no banco, ignorando os risos ao redor.

O olhar de Blackburn se voltou para os recrutas da Divisão Gêngis, que riam mais alto que os demais.

– Creio que outra demonstração se faz necessária. Lyla Mortenson, venha até aqui para que possamos fazer isso da maneira apropriada.

Lyla parou de rir. Depois que Blackburn alterou as lembranças dela, transformando a memória de ter esmagado uma viúva-negra na lembrança de ter sido picada por uma, o professor conseguiu provocar nela a reação desejada: a jovem gritou em desespero e saiu correndo da sala. Blackburn encerrou a aula mais cedo e foi atrás dela, para reverter os efeitos do programa.

Assim que Tom saiu da sala, Vik comentou:

– Você foi ótimo. Ele queria que pirasse, mas você virou um animal selvagem... Grrr! – Ele fingiu morder algo como se fosse uma fera.

Beamer riu e deu sua contribuição:

– Deu para ver como ele ficou frustrado por não ter conseguido fazer você ter um treco no palco.

Tom enfiou as mãos nos bolsos, animado. Reparou em Wyatt Enslow no meio da multidão, e ela lhe lançou um rápido sorriso de gratidão ao vê-lo, sabendo que Tom a tinha protegido outra vez. Ao lado dela, Yuri exibia uma expressão confusa, a mesma que sempre apresentava após a aula de programação, mas fez para Tom um aceno amistoso. Uma sensação agradável inundou seu peito, e Tom sentiu em cada fibra do seu corpo que tudo estava no devido lugar, como se, pela primeira vez na vida, tivesse um lar ao qual pertencesse.

Mas Vik disse algo que dissipou de imediato aquela sensação.

– Seus pais virão para a visita no final de semana?

Tom balançou a cabeça em negativa. Ficara sabendo que haveria na Agulha um Final de Semana dos Pais, porém não tinha se dado conta de que a data estava tão próxima.

– Meus pais? Não, não.

Ao menos, esperava que não. Torcia para que não viessem. Neil na Agulha Pentagonal? Seria como misturar duas substâncias altamente voláteis e esperar pelo resultado explosivo. Nada de bom poderia sair daquela mistura.

– Os meus vêm – disse Beamer. – Minha irmã também. E os seus, Vik?

– Minha mãe está vindo da Índia. – Vik passou a palma da mão pelo cabelo, despenteado e grande demais. – Da última vez em que conversamos por vídeo, ela ameaçou vir até aqui só para me obrigar a cortar o cabelo. Disse que agora eu pareço ter um bicho peludo morando na cabeça.

Beamer riu da piada e começou a divagar a respeito de qual seria o animal mais parecido com o cabelo de Vik. Tom riu com eles, embora não prestasse atenção de verdade à conversa. Ainda estava preocupado com aquilo que o pai seria capaz de fazer se fosse até lá. De uma coisa ele tinha certeza: Neil não entraria na fortaleza daquilo que chamava de “cartel da guerra” só para levar o filho ao barbeiro.

MAIS TARDE naquela noite, os membros da ComCam voltaram ao refeitório para jantar, os ombros caídos e o cansaço estampado no rosto. A notícia da mais recente derrota deles logo se espalhou. Os Combatentes Russo-Chineses tinham acabado com as bases e todas as naves que a ComCam enviara contra eles, principalmente graças a Medusa, que havia encontrado uma maneira de identificar os satélites ocultos dos indo-americanos, destruindo-os e cegando os adversários quando a batalha estava ainda na metade. Os membros da ComCam foram obrigados, portanto, a usar os limitados sensores das próprias naves. Sem a ajuda dos satélites, tiveram praticamente que lutar às cegas: alvos fáceis para o inimigo.

– A situação seria muito diferente se não fosse por Medusa – comentou Vik, enquanto se encaminhavam para a Sala Lafayette.

– É verdade – concordou Tom –, completamente diferente. – Mas não seria tão emocionante. Ele mal podia esperar para baixar as imagens da batalha e ver um pouco mais das estratégias de Medusa.

Todos foram convocados para ouvir um discurso do general Marsh. Ele não participava diretamente das atividades cotidianas da Agulha, mas sempre fazia uma visita após as batalhas da ComCam para fazer um informe estratégico posterior à missão. Pelo visto, decidira cuidar de dois assuntos de uma só vez, falando também sobre o Final de Semana dos Pais que se aproximava. Os recrutas se acomodaram nos assentos. Então, o general Marsh subiu ao palco e explicou a eles o tipo de informação que poderiam compartilhar com os pais e quais deveriam ser mantidas em segredo (como se eles não pudessem baixar uma lista completa das regras de visitação), quais áreas da Agulha podiam ser mostradas e quais eram de acesso restrito.

Tom piscou para ocultar o perfil do general Marsh quando este apareceu diante de seus olhos.

Nome: Terry Marsh

Patente: General de Brigada

Nível: FAEUA 0-7, em atividade

Status de segurança: Ultrassegredo LANDLOCK-16

– Eles deverão usar crachás de identificação enquanto estiverem na Agulha – esclareceu Marsh –, e vocês devem acompanhá-los sempre. Não devem revelar o nome dos colegas, não importa quantas vezes eles perguntem a respeito de amigos. Não respondam. Se alguém trazer uma câmera para cá, cabe a vocês confiscar o equipamento. Vocês serão responsáveis por quaisquer atos de espionagem ou sabotagem que seus pais venham a cometer enquanto estiverem aqui. – Marsh não pareceu contente com os risos provocados por essa afirmação. – Já houve países que foram traídos por atitudes como esta! Vocês têm sorte de ter um Final de Semana dos Pais. Se dependesse de mim, e não da Comissão

Parlamentar de Defesa, viveriam trancados aqui. E, com isso, teríamos muito menos problemas de segurança.

Tom não foi capaz de rir da preocupação de Marsh com a possibilidade de espionagem por parte de pais e mães. Ao contrário, era difícil ter certeza de que Neil não fosse capaz de algo do tipo. Em se tratando do pai, era quase impossível prever seu comportamento.

Depois da palestra de Marsh, Olívia o procurou no corredor.

– Tom, estive preparando uma lista dos pais que virão visitar a Agulha no final de semana. Não consegui entrar em contato com seu pai para lhe mandar um convite.

Tom relaxou os ombros, sentindo um profundo alívio. Além de uma inesperada ponta de frustração.

– Nem adianta tentar. Ele viaja muito. Não tem telefone nem usa terminais de RV. É impossível achá-lo.

– Tem alguma ideia de como...

– É perda de tempo procurar por ele. Além disso, duvido que quisesse vir.

QUANDO ENFIM chegou o dia da visita, Tom se acomodou na cama, preparando-se para uma longa tarde de vídeos das batalhas de Medusa e, quem sabe, algumas partidas de jogos eletrônicos. Por isso, quando estava prestes a rever Medusa em ação em Titã, ficou surpreso ao receber uma mensagem: *Apresente-se à recepção para acompanhar visitante.*

Tom se deixou ficar largado na cama, olhando para o teto, totalmente perplexo. Era impossível. Totalmente impossível. Será que Neil tinha descoberto uma maneira de achá-lo? Teria ido até lá? Como?

Apresente-se à recepção para acompanhar visitante, insistiu outra mensagem.

Tom saltou da cama, ajeitou o cabelo e se dirigiu aos elevadores. Será que Neil tinha vindo mesmo? Passou a mão pelos cabelos outra vez, sentindo cada um dos nervos pulsar.

Enquanto o elevador o conduzia para baixo, ocorreu a Tom que talvez o visitante não fosse seu pai.

Talvez fosse sua mãe.

Não. Impossível. Ela nunca faria algo assim. Tom a tinha visitado naquela ocasião em que Neil fora condenado a sessenta dias de prisão. Ela ficara observando o filho fixamente, boquiaberta, como se não pudesse acreditar que uma criatura tão feia houvesse saído dela. Ela não o abraçara, nem ele o fizera. Talvez não tivessem trocado mais que três palavras entre si.

E logo em seguida chegara o namorado dela, Dalton, acompanhado por um segurança que trazia um leitor de retina, como quem chega para um interrogatório.

– Você está bem, Delilah? – Como se Tom tivesse atravessado o país apenas para magoar a mãe.

Mesmo depois de o leitor ter confirmado a identidade de Tom, Dalton ficou plantado no apartamento feito um vigilante, atento a cada gesto de Tom, como se suspeitasse de que o único motivo da visita fosse encontrar uma oportunidade para atear fogo ao prédio. A mãe havia pedido à empregada que alugasse um aparelho de RV para o filho e, em seguida, saía com Dalton, sem voltar para vê-lo. Tom não perdera tempo esperando por ela depois que Neil obtivera liberdade antecipada. Tinha deixado um bilhete e voltado para a única família de verdade que conhecia: o pai.

Ao sair do elevador, teve a sensação de estar num estranho sonho enquanto caminhava em meio à multidão de pais e mães. Viu Vik, que escoltava a mãe, vestida com um sari, e diminuiu o ritmo até se deter, lutando contra o impulso absurdo de pedir ajuda. Reparou depois que a mãe de Vik alisava o uniforme dele e dizia em hindi:

– ...ainda não entendo por que quis viajar para cá se poderia ter recebido seu treinamento em Bombaim.

– Já expliquei centenas de vezes – respondeu Vik. – A chance de me tornar um combatente é muito maior se eu treinar nos Estados Unidos. Há muito mais dinheiro e patrocinadores por aqui.

– Estão lhe dando comida suficiente, Vikram? Está tão magro! – Ela passou a falar com um sotaque pesado. – Devia ter trazido uma bela refeição caseira para você. Ainda está com dores de barriga?

– Mãe! – protestou Vik.

– Eu só quero que... Aquele rapaz está rindo de nós?

Tom tentou abafar o riso. Os olhos de Vik se estreitaram.

– Claro que não. Ele não fala hindi, não pode nos entender.

Tom se divertia muito com o tormento de Vik. Quando a mãe dele não estava prestando atenção, Vik gesticulou como se o estrangulasse e, lendo seus lábios, Tom percebeu que o amigo dizia: *Você me paga*. Tom apalpou o ventre e, nos seus lábios, Vik pôde ler: *Dor de barriga!* em resposta. Em seguida, ele desapareceu na multidão, antes que a mãe de Vik pudesse voltar a reparar nele.

Passou por Beamer, que estava com os pais e a irmã, uma ruiva tagarela.

– Mostre algumas armas para nós, Stephen!

– Não podemos, Crissy, já disse...

Viu também Yuri em um canto mais afastado, conversando com um homem de pele clara e sobrancelhas tão loiras que quase sumiam em sua testa. Tom imaginou que aquele fosse o pai do rapaz. Os dois quase não se mexiam, mantendo sempre uma cuidadosa distância um do outro, falando numa voz tão baixa que nada chegava aos ouvidos de Tom.

Em outro canto, logo abaixo das asas da águia, Tom passou por Wyatt, sentada com o corpo tenso, os braços cruzados à frente do tronco. A mãe dela, magra feito um palito de dente, com longos

cachos escuros, olhava a filha à distância de poucos metros, como se ela fosse uma obra de arte que não tivesse interesse em comprar.

– ...não consigo me conformar com o quanto você esta alta agora. Pensei que já tivesse parado de crescer. Olhe para ela! Está mais alta que você, George.

O marido, um baixinho corpulento que relaxava numa cadeira próxima, olhou para as duas e soltou uma gargalhada.

– À primeira vista, Wyatt, pensei se não seria melhor chamá-la de “filho”. Como ficou tão musculosa? – Ele agarrou o braço da menina e o balançou, uma expressão divertida no rosto. – Pelo visto, você veio aqui para se tornar uma versão feminina do Rambo.

Wyatt encolheu o braço, trazendo-o para perto do peito.

– A boa forma física faz parte do treinamento. Não posso evitar os músculos, fazemos muito exercício.

E, logo depois dos pais de Wyatt, Tom reparou num homem sozinho que olhava para cima, na direção da águia. Foi então que tudo fez sentido. Era aquele o seu visitante.

Claro. *É claro*. Quem mais ele esperava que fosse?

Tom sorriu, sentindo-se um idiota. Aproximou-se com rapidez, ansioso para encerrar logo a visita.

– Este evento é apenas para parentes. O que veio fazer aqui, Dalton?

Como na última vez que o vira, Dalton Prestwick tinha o cabelo penteado com gel, um sorriso calculado e um terno impecável. Observou Tom e inclinou um pouco o queixo para cima, obrigando o garoto a levantar o olhar para encontrar seus olhos. Tudo que Tom queria era ter chegado a um metro e oitenta, para que aquele sujeito nunca mais pudesse olhá-lo de cima para baixo.

– Estava por perto, e sua mãe assinou um documento me autorizando a vir visitá-lo no lugar dela – informou Dalton. – Belo lugar vocês têm aqui. Como tem passado, garotão?

Tom cerrou os punhos em uma reação instintiva. Sentiu-se tentado a rir de si mesmo por ter chegado a pensar que algum de seus pais pudesse vir visitá-lo.

– Diga logo o que quer.

Os olhos de Dalton se estreitaram, desfazendo a máscara de falsa cordialidade.

– Isso não é jeito de se dirigir a mim, moleque.

Pronto. Aquele era o Dalton de verdade. O homem suspirou e seu olhar se virou para outra direção.

– Estou aqui com alguns colegas meus. Joseph Vengerov, bem ali.

– Com um gesto de cabeça, ele indicou o sujeito que conversava com Yuri. *Não* era o pai dele, portanto. – Trabalhava para ele antes. O outro está em algum lugar na multidão. Mike Marsters. Trabalhava conosco antes de se aposentar. O filho dele também está aqui. Seu nome é Karl.

Tom soltou uma risada. Não conseguiu evitar. Nada mais previsível do que imaginar que alguém tão simpático quanto Karl fosse filho de um ex-colega de Dalton.

– Eles vinham para cá, e pensei em aproveitar a viagem para ver como você está. Fiquei muito surpreso ao saber que estava aqui. Nunca pensei que pudesse ser alguém na vida.

– Já entendi. Está sendo simpático comigo para poder dar uma boa olhada na Agulha. Se acha que vou levá-lo lá para dentro, pode esquecer. – Tom deu meia-volta, pronto para ir embora.

– Nada disso.

Uma mão agarrou o ombro dele. Tom a afastou e girou o corpo outra vez.

– O que é?

A voz de Dalton se tornou um sussurro mordaz.

– Escute aqui, moleque. Acho que você não entende o funcionamento das engrenagens políticas deste lugar. Quem você

acha que tem chance de se dar bem aqui? De entrar para a Companhia Camelot?

Tom olhou para ele com atenção, imaginando se Dalton saberia algo que ele ignorasse.

– Você precisa de patrocinadores. Empresas que custeiem sua candidatura.

– Sei disso.

– E quem você acha que acabou com as chances daquele garoto, Nigel Harrison, de entrar para a Companhia Camelot? Fui eu, em nome da Dominion Agra.

– *Você* excluiu Nigel?

O pior é que fazia sentido. Dalton devia mesmo ter sido o responsável. O processo de promoção à ComCam era confidencial. Não havia como Dalton saber que Nigel tinha sido indicado para a Companhia Camelot e, poucos dias depois, recusado, tão logo se tornara evidente que ele jamais conseguiria algum patrocinador da Coalizão para defender sua candidatura. Havia rumores de que representantes de diferentes empresas haviam escrito à Comissão de Defesa descrevendo-o como “nada inspirador, sem graça nem charme”. Nenhuma empresa queria ser associada à imagem dele.

Dalton endireitou o corpo, tirando algum fiapo invisível do seu terno de grife.

– É claro que fui eu. Trabalho para a Dominion Agra, uma das principais financiadoras do esforço de guerra. Poderia nomear meia dúzia de membros da Companhia Camelot com os quais conversamos. Patrocinamos Karl, a quem designamos como combatente eleito em determinados conflitos e a quem fornecemos máquinas de combate. É assim que funciona o patrocínio. Não se trata apenas de dar mais tempo a certos combatentes nos noticiários. A ideia é prestar auxílio financeiro ao exército em nome

daquele combatente; é assim que se conquista poder de influência por aqui.

Desta vez, quando Dalton se aproximou, Tom não se afastou.

– Mas precisamos de mais, Tom. Mais combatentes que representem a Dominion. As pessoas certas. Você sempre foi inútil para mim, mas, agora, pode se tornar alguém aqui. Você e eu podemos nos ajudar mutuamente a longo prazo. Se a Dominion patrociná-lo, essa iniciativa pode lhe garantir um lugar na ComCam.

– E o que você tem a ganhar com isso?

– A curto prazo? Daqui a dois anos, você será um combatente, e teremos outro codinome associado à Dominion.

A longo prazo? Vocês, garotos, não parecem perceber que Elliot Ramirez não é a única marca ambulante por aqui. O público quer saber mais a respeito dos demais combatentes: Enigma, Toureiro, Tempestade, Vespa... Todos eles têm fãs que os acompanham, blogues dedicados à sua participação nos combates. Carisma. Um mercado. Algum dia, se depender de nós, a identidade de todos os combatentes será divulgada ao público, e vocês serão tão valiosos quanto Ramirez. E os patrocinadores ligados a vocês também vão lucrar com isso. Um dia, Tom, você pode ser o representante da Dominion. É sempre bom ter um jovem simpático e bem-apegoado ligado à nossa imagem.

– Bem-apegoado? – repetiu Tom.

– Fico feliz em ver que se livrou daquele monte de espinhas na cara, o que ajuda muito. Você não é um garoto feio. Com certeza é melhor do que aquele bocudo do Nigel McTique Nervoso.

Tom pensou em Nigel, atormentado por aquele incessante cacoete, e sentiu um gosto amargo na boca. Ele sabia que, se um dia ajudasse Dalton Prestwick com alguma coisa, estaria traindo o pai. E a *si mesmo*. Não havia nada que desejasse mais do que rir na cara de Dalton e ver aquele olhar de arrogância e superioridade

desaparecer. Mas não podia tratar Dalton como se ele não significasse nada. Não se quisesse chegar a algum lugar na Agulha.

Não se quisesse fazer parte da Companhia Camelot um dia.

– É, mas, mesmo que eu chegue um dia à ComCam, ainda há um longo caminho a ser percorrido – respondeu Tom. – Não estou fazendo planos agora para algo tão distante.

– Bem, é melhor começar a fazê-los. – Dalton apontou para as têmporas logo abaixo do cabelo empastado de gel. – Prove ao mundo que é mais esperto que seu pai.

Tom enfiou os punhos cerrados nos bolsos. Caso contrário, acabaria metendo-os no rosto de Dalton.

Não muito longe, reparou que o tal Vengerov tinha se afastado de Yuri e caminhava na direção deles. Vengerov estalou os dedos para Dalton quando passou pelos dois. Dalton endireitou o corpo e ajeitou a gravata.

– Tenho que ir, Tom, mas pense no que eu disse. Logo terá notícias minhas.

Tom ficou ali parado, como se houvesse criado raízes, respirando fundo seguidas vezes enquanto os passos de Dalton ecoavam pelo corredor, cada vez mais distantes. Os punhos latejavam com o esforço de mantê-los nos bolsos.

Não conseguiu relaxar até ter certeza de que Dalton Prestwick havia ido embora. Se ele fizesse mais algum comentário a respeito de Neil, qualquer que fosse...

Bem, as chances de entrar para a ComCam estariam acabadas se Tom acertasse um soco na cara de um executivo da Dominion Agra.

NUMA SEXTA-FEIRA, durante as simulações aplicadas, Elliot conduziu a turma por um exercício de meditação no qual todos visualizaram uma luz branca interagindo com aquilo que ele chamou de chacras. Depois ele convidou o grupo a se sentar, formando um círculo.

– Bem, nas últimas simulações, mantivemos o foco na parte ofensiva. Lobos famintos que atacavam um alce. Deuses gregos que atacavam deuses nórdicos. Exterminadores caçando predadores. Mas hoje mudaremos de objetivo. As mais difíceis batalhas espaciais não ocorrem quando estamos na ofensiva. Atualmente, nosso objetivo mais importante é manter o controle das áreas do sistema solar que já nos pertencem. Há plataformas de mineração que precisam ser defendidas, núcleos de satélites a serem protegidos e bases que temos de patrulhar... Vamos treinar o trabalho em equipe voltado para a parte defensiva. Assim sendo, quero que se preparem. Vocês serão atacados, vão ser o alvo de uma agressão.

A simulação ganhou vida ao redor deles, e Tom se viu empunhando uma espada e um escudo, defendendo uma imensa cidade murada. As informações exibidas pelo processador neural explicaram a situação: aquela era a cidade de Troia, e eles eram soldados na Guerra de Troia, defendendo-se do exército grego – um vasto grupo de soldados espalhados pelo solo arenoso além dos muros da cidade, estendendo-se como formigas até as praias distantes.

O primeiro impulso de Tom foi descer as muralhas e atacá-los fora do perímetro de defesa, mas Elliot adivinhou o que ele tinha em mente, pois já o conhecia àquela altura.

– Tom. Defesa, lembra-se?

Os olhos de Tom percorreram o mar de capacetes reluzentes, espadas afiadas e armaduras, posicionados a uma cuidadosa distância.

– Mas eles não estão atacando. Como podemos treinar manobras defensivas se não há manobras ofensivas?

– A guerra durou nove anos – respondeu Elliot. – Troianos e gregos não batalharam todos os dias da guerra.

– Então ficaremos aqui parados por três horas?

– Encare isto como um exercício de paciência.

Elliot havia designado a si mesmo o papel de Heitor, o maior dos guerreiros troianos, um príncipe que podia circular livremente pela cidade. A Tom tinha atribuído o papel de sentinela, obrigando-o assim a permanecer junto às muralhas. Beamer também era um sentinela na simulação.

Tom imaginou que aquilo fosse uma vingança pelo que tinha ocorrido na simulação de quarta-feira. Havia sido transformados num cardume de piranhas. Beamer decidira atrair um crocodilo que passava por perto. Tinha agitado as nadadeiras na esperança de ser devorado (*Nunca fui morto por um crocodilo antes*, confessara a Tom posteriormente). Tom vira Beamer ser devorado e decidira morder os olhos vulneráveis do réptil, atraindo-o com isso na direção de Elliot. O líder fora abocanhado em uma só mordida.

Já Tom havia conseguido arrancar um dos olhos do crocodilo antes de ser devorado, como os demais.

Devagar, Beamer se aproximou de Tom, seu personagem empapado de suor.

– Céus, que tédio. – Deixou o pesado escudo de bronze cair, com um alto baque metálico. – Quer cometer suicídio comigo? Podemos matar um ao outro quando eu contar até três.

– Deixe para lá. Essa história de suicídio mútuo é coisa de *Romeu e Julieta*. Vou esperar até que Elliot se distraia para descer a muralha e lutar com os gregos. – Tom olhou por cima do ombro, mas Elliot (ou Heitor) os observava como um falcão, sentado numa cadeira à sombra.

Logo abaixo, o exército grego mudou de formação. Tom se inclinou para ver melhor, intrigado, e percebeu um pequeno destacamento de soldados se afastando do grupo principal. Correram para a base da muralha, desviando de flechas e lanças, enquanto empilhavam sacos perto de muro, junto ao chão. Ele cutucou Beamer com o cotovelo.

– Veja, estão fazendo algo lá embaixo. Acho que vão atacar.

Beamer os observou, demonstrando pouco interesse, e sacou a espada.

– Nada disso, parece que estão preparando um piquenique na sombra. Vou dar cabo de mim mesmo.

– Não faça isso. *Por favor*. A vida ainda lhe reserva tantas emoções – lamentou Tom em tom dramático.

– É preciso! Diga à minha namorada... que eu a amo! – Beamer entrou na brincadeira. Ergueu a espada, cuja lâmina afiada refletia à luz do sol. – A gente se vê mais tarde.

Beamer enfiou a espada nas próprias tripas. Seu rosto mudou. Ganhou uma palidez mórbida, os olhos escancarados, e de sua boca saiu um grito atormentado.

Tom observou a interpretação dramática com um sorriso. As simulações não eram como os exercícios físicos: doía morrer numa simulação. Mas apenas um pouco, não mais do que uma dor de cabeça comum, apenas o bastante para incentivá-los a evitar a

morte. Aquilo, contudo, não impedia Beamer de morrer sempre que tinha oportunidade. Com certeza, não doía a ponto de ele fazer *tamanho* escândalo.

– Céus... SOCORRO – gritou Beamer, caindo no chão em um espasmo. – SOCORRO! Está doendo!

– Sei – disse Tom, despreocupado. – Não espere que eu caia nessa, Beamer.

– Socorro, Tom, socorro! Está doendo! É terrível!

– Não acha que está exagerando, companheiro?

Mas Beamer era vítima de convulsões, e o sangue jorrava do ferimento em seu tronco.

– Tom, socorro, me ajude! – Ele chorava de verdade. – Me ajude! Faça a dor parar, é terrível!

O sorriso sumiu do rosto de Tom ao ver as lágrimas de Beamer. Ele sentiu um calafrio de apreensão ao se dar conta de que Beamer não fingia aquela reação. Um ferimento mortal fazia com que a vítima fosse instantaneamente tirada da simulação. Instantaneamente. Ninguém ficava agonizando. Ou o ferimento cicatrizava, ou a pessoa era excluída da atividade.

– Ei, Beamer, tudo bem aí?

Tom sabia que aquela era uma pergunta idiota, mas não soube o que dizer quando se abaixou ao lado do companheiro. O sangue escuro começou a formar uma poça em meio às pedras ao lado de suas pernas, e os olhos desesperados de Beamer encontraram os dele. O garoto ferido tentou falar, pedir ajuda, mas foi tomado por uma tosse convulsiva. O sangue escorria de sua boca.

Tom ficou ali ajoelhado, imóvel, sentido o coração galopar dentro do peito. Parecia incapaz de se mover, como se mãos de aço o mantivesse no lugar. Ouviu passos se aproximando, e um par de mãos firmes e bronzeadas segurou o corpo de Beamer, que não parava de tremer.

– O que houve? – indagou Elliot, assumindo o controle da situação.

– Não sei... Não sabemos – gaguejou Tom.

– Beamer? – chamou Elliot, segurando o rapaz pelos ombros. – Beamer? Stephen?

Tom sentiu o sangue de Beamer secar em suas mãos, e viu Elliot perguntar ao garoto qual era o problema, como se não fosse óbvio. Ouvia Beamer gemer e engasgar com o próprio sangue, contorcendo o corpo para todos os lados, na tentativa de escapar da dor e das mãos que o seguravam.

Então Elliot ergueu a mão enluvada e gesticulou com o braço, seguindo uma sequência específica de movimentos: para cima e para baixo, para cima e para baixo, esquerda e direita, para cima e para baixo. Tratava-se de uma sequência de impulsos musculares projetada para indicar ao processador neural que encerrasse todas as simulações em andamento. Elliot franziu o cenho, tentando de novo com o outro braço. Em seguida, deixou ambos os braços penderem ao lado do corpo, perplexo.

– Não consigo desativar a simulação.

Beamer gritava sem parar, e o olhar de Tom oscilava de Elliot para Beamer, e dele para Elliot. Este agitava agora os dois braços, como se se concentrasse nos passos de uma dança surreal, e Beamer engasgava com o próprio sangue, aos berros, e a simulação não chegava ao fim.

– Já sei – disse Tom, num lampejo de lucidez. É claro! Aquilo levaria Beamer diretamente para fora da simulação. Desembainhou a espada e cortou a cabeça de Beamer.

Elliot se levantou num salto, vendo o sangue escuro espirrar nas pedras ao redor deles.

– Pronto – disse Tom, satisfeito com a própria agilidade de raciocínio.

Elliot olhava para ele, perplexo.

O olhar do líder e a estranheza do momento fizeram Tom ser invadido pelo horror. De súbito, lembrou-se de um filme que vira no qual as pessoas morriam num videogame e, em consequência, morriam também na vida real... exatamente como acabara de ocorrer. Ele havia acabado de matar Beamer naquela simulação problemática e passou a se perguntar se o problema no programa não teria feito com que o amigo estivesse agora morto na sala de treinamento.

– Céus, ele estava mesmo sentindo muita dor – lamentou Tom, percebendo pouco a pouco a extensão do erro que cometera. – Não acha que ele morreu de verdade, acha?

– Não – respondeu Elliot prontamente.

– Eu o matei. Eu matei Beamer!

– Tom, às vezes o programa apresenta defeitos. Já vi isso acontecer mais de dez vezes. Ninguém morre por causa de uma simulação.

Tom ficou imóvel, sem fôlego sob o quente sol troiano, olhando para o corpo decapitado do amigo, sem parar de pensar no tal filme. Não conseguia se lembrar do título. Não sabia por que aquilo parecia tão importante naquele momento, mas não conseguia deixar de pensar em qual seria o nome do filme. Tremia dos pés à cabeça.

Elliot pôs a mão em seu ombro.

– Está tudo bem. Beamer saiu da simulação e está bem. Você fez a coisa certa. Tenho certeza de que não o matou. Vou interromper a simulação, e você vai comprovar o que estou dizendo. – Agitou o braço mais uma vez, tentando desativar o programa, desta vez com uma expressão preocupada.

– Tem mesmo certeza de que ele está bem lá fora? – insistiu Tom.

– Garanto a você que sim – disse Elliot com um sorriso. – Claro que ele está bem.

Tom olhou para o céu azul acima de sua cabeça, sentindo o vento lhe agitar os cabelos. Uma onda de alívio percorreu seu corpo. Ele se viu gargalhando.

– Uau. Sabe, por um segundo, fiquei mesmo apavorado com essa situação – confessou a Elliot, ainda que o colega estivesse preocupado por não ter feito a simulação responder ao comando de desligamento. – Juro, pensei que fosse algo sério. Achei que tinha matado Beam...

E, naquele momento, o mundo explodiu ao redor deles.

Tom teve a sensação de ser arremessado pelo espaço, livre da gravidade. Não conseguia ouvir o próprio grito em meio ao estrondo nos tímpanos. As mãos se esfolavam nas pedras enquanto tentava se agarrar em alguma coisa, ralando os dedos até conseguir deter a própria queda. Uma poeira escura encobriu o céu, queimando seus pulmões. Por entre a névoa, podia ver o rombo na muralha da cidade e Elliot tossindo, agarrado a uma parte da parede logo acima dele.

Sentiu os braços doerem enquanto escorregava mais um pouco e, ao olhar para baixo, percebeu que as pernas estavam suspensas no ar, caindo em direção à planície metros abaixo. Uma mão firme agarrou seu pulso, e soube de imediato que se tratava de Elliot.

– Vamos!

Tom agarrou o braço de Elliot, conseguindo se erguer até o topo do que restava da muralha. Gritos vinham de toda parte. Abaixo deles, o exército grego avançava para se aproveitar do novo buraco aberto nas muralhas e, com isto, conquistar Troia.

Elliot olhou para a cena, incrédulo.

– Não é isso que deveria acontecer. A cidade foi invadida com o Cavalo de Troia, não com uma explosão nas muralhas.

Foi então que os dois receberam uma mensagem no cérebro: *Programa invadido por ataque externo.*

De uma só vez, tudo fez sentido para Elliot.

– É uma incursão.

Uma incursão!

Subitamente, todas as peças se encaixaram.

De repente, o medo desapareceu. Tom olhou para baixo, em meio à névoa, piscando os olhos para livrá-los da poeira que feria suas pupilas, sentindo o cérebro ser tomado por uma onda de euforia. Uma *incursão!*

Já tinha ouvido falar a respeito do tipo de incursão que ocorria contra a Agulha. Eram mais comuns três anos atrás, quando a primeira turma de recrutas viera se juntar às Forças Intrassolares. Os hackers russo-chineses não conseguiam penetrar muito fundo nos sistemas da Agulha, mas eram capazes de invadir áreas mais superficiais, menos seguras, como os programas de simulação aplicada. Às vezes, os combatentes entravam no canal americano de simulações aplicadas e pregavam peças neles ao fazer o papel de inimigos, chegando mesmo a ativar os receptores de dor dos indo-americanos, porque este era, afinal, o pior estrago que eram capazes de fazer.

No primeiro ano do programa, aquilo parecia ocorrer de tempos em tempos, com intervalos de alguns meses. Nenhum dos recrutas indo-americanos sabia como invadir sistemas inimigos e, portanto, não havia como dar o troco, e os consultores de software da Obsidian Corp. não podiam criar programas para revidar os ataques devido a acordos particulares de negócios com a LM Lymer Fleet, fabricante dos processadores neurais russo-chineses. Essa tinha sido uma das coisas que mudaram com a chegada de Blackburn. Na primeira vez em que tentaram uma incursão durante sua supervisão, ele lhes mandara algo em troca; ninguém sabia ao certo o que tinha sido. Blackburn também reforçara a barreira eletrônica que protegia os sistemas da Agulha. As incursões tinham cessado... até agora.

Talvez a vitória dos russo-chineses em Netuno os tivesse encorajado a tentar outra vez.

– Tem de haver uma maneira de encerrar este programa – insistiu Elliot, ainda agitando o braço para ativar o comando de desligamento.

Mas Tom não queria que aquilo acabasse. Seu olhar cruzou o campo de batalha, consciente de que aqueles não eram oponentes virtuais. Eram inimigos de verdade. Inimigos que tinham alterado o programa para torná-lo o mais real possível. Que tinham ativado a sensação de dor. Que tinham bloqueado as rotas de fuga.

Se os combatentes russo-chineses estavam ali...

Talvez *Medusa* estivesse entre eles.

O maior guerreiro do mundo poderia estar na mesma simulação em que Tom se encontrava. Bem ao alcance dele. E lá estava Tom, abobalhado, um mero sentinela distante da batalha.

– Agora sim! Consegui fazer a opção de saída aparecer! – Elliot riu, aliviado. Voltou-se para Tom. – Consegue ativar a sequência de saída ou quer que eu o tire do programa depois que sair?

– Espere. – Tom o encarou, eletrizado pela determinação interior. – Fique mais um pouco. Vamos enfrentá-los, Elliot. Vamos lá, você e eu. O grande Heitor e... e um sentinela qualquer. Vamos enfrentar os gregos. Vamos enfrentar os russos e os chineses!

– Quer ficar? – O olhar de Elliot se desviou para ele. Era óbvio que não tinha considerado aquela possibilidade. – Os receptores de dor estão ligados na potência máxima, Tom. Viu o que aconteceu com Stephen. Ser atingido por uma espada aqui dói tanto quanto ser atingido por uma espada na vida real.

– Quero correr o risco! Vamos, Elliot. Pode ser uma oportunidade incrível! Mostraremos a eles que os americanos não são covardes!

Abaixo dos dois, o povo da cidade gritava enquanto era atacado pelo exército invasor.

– Vamos, Elliot – disse Tom. – Esta é minha única chance. Você luta contra essas pessoas o tempo todo. Talvez eu nunca chegue a fazer parte da ComCam. Talvez jamais tenha a oportunidade de lutar contra eles na vida real.

– Isso é tão importante assim para você?

– Sim, Elliot, por favor. Faço qualquer coisa. Sou capaz até de... Já sei: quer um juramento de lealdade? Pois terá mais lealdade do que será capaz de suportar. Tudo que peço é que me deixe na simulação!

Elliot balançou a cabeça, exasperado, e Tom poderia jurar que o colega se divertia com sua empolgação.

– Tom, você nasceu na época errada. Deveria ter sido um guerreiro bárbaro. Está bem, vou mantê-lo na simulação. Mas enfrente-os como um personagem mais digno. – E, com um gesto da mão dele, o corpo de Tom se transformou.

Estava prestes a matar Elliot por tê-lo transformado de novo em uma mulher quando percebeu que a personagem feminina era na verdade a melhor guerreira ainda disponível na simulação: Pentesileia, Rainha das Amazonas.

Elliot o cumprimentou com uma continência.

– Não envergonhe seu país, plebeu.

– Não, senhor!

– Nem precisei arrancar de você o “senhor” desta vez... Excelente demonstração de lealdade – disse Elliot, com um sorriso, antes de sumir da simulação.

E assim coube a Tom, o solitário e não virtual defensor de Troia, enfrentar todo o exército grego. Deu um rodopio em volta de si mesmo, sendo tomado pela grandeza do momento. Nem se importava de ser morto de maneira violenta como Beamer, seu provável destino. Não estava preocupado com o fato de se machucar ou não. Aquele era o seu momento de glória.

Observou os oponentes e esperou por um adversário específico. Aquele que seria capaz de reconhecer em qualquer lugar.

E, quando enfim o viu avançando em meio ao imenso exército, às nuvens de poeira e ao calor incessante, Tom o identificou de imediato.

Medusa encarnava o personagem Aquiles. O maior guerreiro do mundo atual lutava como o mais temível guerreiro do mundo antigo.

Tudo se encaixava tão bem que Tom quase comemorou.

Mas, em vez disso, reparou num cavalo desgarrado que galopava sem cavaleiro pela poeira logo abaixo, em pânico diante do combate ao redor. Tom calculou o momento do salto e aterrissou direto sobre o animal. Não foi difícil, usando o corpo treinado de Pentesileia. Utilizando suas poderosas pernas também, Tom comandou o corpo forte do cavalo, avançando em direção à batalha. Manuseou o estribo e levou ambos para o centro da carnificina.

Tom ignorou os guerreiros furiosos ao redor. Não passavam de obstáculos em seu caminho até Medusa. Precisava atrair a atenção do oponente e, para tanto, buscou identificar os demais Combatentes Russo-Chineses em meio aos soldados virtuais.

Logo reconheceu Rusalka, codinome de Svetlana Moriakova, a resposta russa a Elliot Ramirez e a única entre os Combatentes Russo-Chineses que possuía identidade real conhecida pelo público. Ela fazia o papel de Agamenon, e Tom a identificou ao reparar que ela tentava evitar o combate direto, preferindo deixar que os demais suportassem o lado mais violento do combate. Já havia visto tantas batalhas anteriores da ComCam, que foi capaz de reconhecer imediatamente sua tática. Tom ergueu seu arco, chamando a atenção dela, e lhe lançou uma piscadela. Enquanto ela esboçava uma expressão de surpresa, uma flecha furou-lhe a garganta.

Em seguida, ele deparou com Terror Vermelho, que fazia o papel de Odisseu, revelando involuntariamente sua identidade real pela

maneira com que ia atrás dos soldados mais fracos, distantes da massa de guerreiros, indefesos. Era exatamente assim que Terror Vermelho lutava no espaço: sempre atacava primeiro o ponto mais fraco. Tom segurou o arco com a mão esquerda e, com a direita, sacou a espada, decepando a cabeça de Terror Vermelho ao passar galopando por ele em alta velocidade.

Em seguida avistou o combatente Kalashnikov, que fazia o papel de Pátroclo e podia ser facilmente reconhecido por seus truques sujos; ele matou sem demora o cavalo de Tom. Pentesileia saltou do animal ferido, pôs-se de pé e cravou a espada entre os olhos de Kalashnikov.

Foi então que Medusa voltou sua atenção para Tom.

Em seu carro de guerra, Medusa avançou em meio aos soldados. Demonstrando habilidade com o manejo das rédeas, fez o carro se deter a poucos metros de Tom, levantando uma densa nuvem de poeira que envolveu sua armadura reluzente.

Tom se manteve imóvel, a espada na mão, um imenso sorriso nos lábios. Olhou fixamente para Medusa, que o encarava em resposta. Nesse momento de realização de seu sonho, Tom só conseguiu pensar em uma coisa para dizer.

– Oi, tudo bem?

Assim que disse essas palavras, arrependeu-se, pensando no quanto haviam soado idiotas.

Os olhos de Medusa o mediram de cima a baixo.

– Você não fugiu com os outros.

– Jamais fugiria de você.

– Talvez você seja corajoso – disse Medusa –, mas suspeito de que seja apenas burrice.

Tom riu, sentindo-se eufórico por estar realmente vivendo aquele instante.

– Adivinhou na primeira tentativa... Medusa.

Medusa se mostrou surpreso.

– Você me conhece.

– Eu o reconheceria em qualquer lugar – confessou Tom. – Penso em você o tempo todo. – Ele percebeu o quanto aquilo devia ter soado estranho, mas não se importou.

– Você parece ser alguém bastante desequilibrado – comentou Medusa.

Tom deu de ombros.

– Não me importo.

Em seguida, Medusa o atacou.

Tom sabia que não tinha chance em campo aberto. Correu para o meio da massa de soldados com o objetivo de ganhar algum tempo. Olhou ao redor, procurando algo que pudesse lhe oferecer certa vantagem, e foi então que reparou no escudo côncavo de um grego morto, sempre consciente do avanço de Medusa, que abria caminho em meio ao exército troiano, procurando por ele como se fosse um implacável anjo da morte. Quando o som das rodas do carro de guerra encheu seus ouvidos e a sombra do guerreiro encobriu o sol sobre sua cabeça, Tom girou o corpo e ergueu o escudo num ângulo que refletiu a luz do sol diretamente nos olhos de Medusa, erguendo a espada para aproveitar a cegueira temporária do inimigo.

Por puro reflexo, Medusa arremessou sua lança assim que a visão se ofuscou. Mesmo às cegas, a ponta passou rente à orelha de Tom.

Ele empurrou o escudo contra Medusa, desequilibrando o adversário. Deu um salto adiante e, com a espada, cortou o pescoço de um dos cavalos que puxavam o carro de guerra. Kalashnikov não era o único que sabia como usar truques sujos numa luta.

O cavalo desabou no chão com um lamento. Ficou se debatendo em meio à poeira, fazendo o segundo cavalo tropeçar, e o carro de guerra tombou por completo. Tom saltou, afastando-se para evitar o impacto do veículo, e viu Medusa imitá-lo, afastando-se do carro

caído. Animado pela sensação do triunfo, Tom disparou em perseguição ao guerreiro inimigo, na esperança de rasgar Medusa ao meio antes que ele pudesse recuperar sua espada.

Medusa recorreu à única arma que tinha a seu alcance: um punhado de areia, que atingiu Tom em cheio nos olhos, cegando-o no momento do golpe fatal. A espada de Tom foi ao chão, e o chute recebido na barriga o derrubou, deixando-o sem fôlego.

E então Medusa se pôs de pé, trazendo a espada reluzente na direção da cabeça de Tom. Ele rolou e saiu do caminho, grato pela agilidade de Penteseleia. Levantou-se e defendeu com a espada o golpe seguinte de Medusa. E também o próximo. Medusa prosseguia na investida, implacável, e a força bruta de Aquiles se mostrava demais para Penteseleia. Os braços de Tom cederam sob o clangor violento das espadas, e ele desviou da lâmina no último segundo. Quando Medusa desferiu o golpe seguinte, Tom deixou os braços se dobrarem sob o peso da força do inimigo, usando o impulso para girar o corpo. Abriu um corte nas costas de Medusa, saltando para longe antes que a espada do oponente o ferisse.

Eles ficaram de frente um para o outro, ofegantes. E então Medusa se afastou. Quando Tom começou a persegui-la, Medusa deu meia volta e arremessou algo no ar. Tom sentiu cócegas nas pernas, e olhou para baixo, vendo as rédeas do carro de guerra formarem um laço em torno de seus membros inferiores.

Ele tentou cortar o laço improvisado com a espada, mas era tarde demais. Medusa puxou as rédeas para apertar as amarras, derrubando Tom no chão. Então, com um salto, Medusa montou no cavalo que sobrara e o esporeou, fazendo-o galopar, enquanto as rédeas arrastavam Tom atrás de si. A areia arranhava suas costas. Um golpe da espada às cegas finalmente conseguiu romper a corda, e ele rolou pelo chão, sem fôlego.

Medusa galopou certa distância e depois deu meia-volta, a luz do sol refletida pelo aço de seu capacete e pela armadura.

Tom se colocou em pé, as pernas trêmulas, libertando-se das rédeas e dos arreios com a espada em riste, à espera. Aguardando. Suas forças se esvaíam, o fôlego lhe faltava, sentia o corpo em chamas nos pontos em que a pele fora rasgada pelo atrito com o chão. A luta não podia se alongar por muito mais tempo.

Então Medusa avançou na direção dele. O cavalo galopava cada vez mais rápido, bufando conforme ganhava velocidade. Tom se preparou para o ataque final, enquanto o barulho dos cascos contra o solo enchia seus ouvidos e a poeira lhe encobria a visão. No momento final, Medusa saltou do cavalo, deixando que o animal corresse para Tom numa explosão de músculos e cascos. Um choque contra suas costelas e seu tronco – sentiu uma ardência corrosiva, como queimadura provocada por ácido, indicando que algo dentro dele se romperia.

Tom se levantou com grande esforço. Algo queimava dentro do seu corpo, e cada inspiração trazia a dor de uma punhalada. Um de seus pulmões havia se rompido. A respiração ofegante declinava em engasgos, enquanto a sombra de Aquiles avançava em sua direção. Vislumbrou o vulto da espada se erguer e, após desenhar uma elipse no ar, fincar-se em seu corpo.

No começo não houve dor. No começo. Mas depois Medusa puxou a lâmina ensanguentada, derrubando-o com um chute e se inclinando sobre o inimigo caído, uma silhueta escura emoldurada pelo brilho do sol. Dentro de Tom parecia haver um derretimento nuclear. Seu grito soou como um som gorgolejante, e uma agonia líquida o consumia, espalhando-se pelos membros e se fazendo sentir em cada nervo do corpo. Era impossível respirar, impossível...

Medusa se ajoelhou ao lado dele.

– Aposto que agora está arrependido de não ter fugido com os outros.

A visão de Tom começou a escurecer, enquanto o corpo se entregava aos espasmos de dor provocados pela luta vã em busca de oxigênio, e a pluma presa ao capacete de Medusa se tornou cada vez maior e mais escura conforme o oponente se aproximava para acompanhar de perto a morte do inimigo. Tom se sentia ainda parcialmente consciente da mão de Medusa erguendo sua cabeça pela nuca, tirando-lhe o capacete para ver o rosto da moribunda Pentesileia. E, ao sentir a consciência se esvaír de vez, pensou ter visto os lábios de Medusa esboçarem um lento sorriso, ao qual respondeu com o próprio sorriso ensanguentado, apesar da agonia.

Você é exatamente como eu sonhei.

A última coisa que sentiu foram as mãos de Medusa em sua cabeça, embalando-o até que desaparecesse na escuridão.

OS OLHOS DE Tom se arregalaram na sala de simulação.

Elliot estava sentado na extremidade de seu colchonete, os braços cruzados. O restante do grupo que participara da simulação estava reunido atrás dele, todos encarando Tom como se ele fosse algum projeto bizarro em uma feira de ciências. Quando fez menção de se sentar, uma porção de mãos vieram ajudá-lo.

Tocou a cabeça, sentindo-a dolorida. Elliot se agachou, aproximando-se dele e arqueando as sobrancelhas escuras.

– Seu ritmo cardíaco disparou perto do fim da simulação. Ficamos preocupados. E então, como foi?

– Dei cabo de Kalashnikov, Terror Vermelho e Rusalka.

Elliot riu.

– Rusalka, vencida por um plebeu. Não posso esquecer de esfregar isso na cara de Svetlana na próxima vez que a encontrar num evento de relações públicas.

– Depois disso, Medusa me pegou.

Elliot o surpreendeu ao colocar a mão em seu ombro.

– Bom trabalho, Tom.

Ele se viu sorrindo em resposta. Elliot lhe permitira continuar na simulação, dando-lhe a chance de enfrentar Medusa. Tom ficara impressionado. A partir daquele momento, seria difícil pensar em Elliot como Bestamirez.

A multidão ao redor dele abriu caminho enquanto todos recolhiam os fios de conexão neural na sala de simulações. Tom não tinha pressa. Parecia estar ainda sob o efeito eletrizante da emoção provocada por tudo que acabara de ocorrer. Quando enfim se mexeu, atravessou a sala para se aproximar de Beamer, sentado em seu colchonete, os joelhos encolhidos próximos ao peito. O garoto estava mais pálido que o habitual, e as sardas formavam um forte contraste contra a pele branca.

Tom agitou a mão diante dos olhos dele. Beamer se afastou bruscamente e correu para longe do colchonete, ofegante.

– Fique longe de mim!

– Tom, deixe-o em paz – disse Elliot, mais como sugestão do que como ordem, observando-os por sobre o ombro de Tom.

– Somos amigos.

Com a mão firme, Elliot o afastou do garoto lentamente.

– Pense um pouco: você acaba de matá-lo.

– Ora, vamos. – Incrédulo, Tom se voltou para Beamer. – Eu não o matei de verdade. Veja só, eu também morri. Tive uma espada cravada nas tripas. – Levou as mãos à barriga e imitou os próprios engasgos de minutos antes, caindo no chão em uma interpretação teatral. Mas, quando se ergueu de novo, Beamer não o observava mais.

Tom se sentiu inconformado. Beamer morria o tempo todo. É verdade que aquela morte não havia sido como as outras, mas tudo

estava bem agora. Tom também tinha morrido na simulação, mas jamais se sentira tão vivo e empolgado antes.

– Qual é, Beamer! Cortei sua cabeça pelo seu próprio bem.

Beamer o encarou, os olhos vazios, como se não o enxergasse. Elliot se interpôs entre os dois, atraindo aquele olhar perdido para si.

– Stephen, quer que eu chame a assistente social?

– Ótima ideia, vai ajudar muito – ironizou Tom. – Chame-o de fracote.

Os olhos de Beamer encontraram os de Tom por sobre o ombro de Elliot. Ele o encarou durante bastante tempo e, por fim, saiu em disparada para fora da sala.

Elliot suspirou e se voltou para Tom.

– Acho que, em algum momento, precisamos ter uma conversa séria sobre como demonstrar mais sensibilidade.

Tom voltou ao próprio colchonete, ainda perplexo com a reação do amigo. Guardou o fio no local apropriado e se levantou, só então notando a presença de Wyatt, bem ao lado dele, aguardando-o.

– Acho que você demonstra sensibilidade, Tom.

Tom encontrou o olhar ansioso dela.

– Obrigado, Wyatt.

Ela acenou com a cabeça, desajeitada como sempre, mas satisfeita com a sensação de dever cumprido, deixando-o sozinho.

Tom a acompanhou com os olhos, sem saber o que pensar. O comentário dela fora simpático, mas, pensando bem, Wyatt não era nenhuma especialista em demonstração de sensibilidade.

A INCURSÃO PROVOCOU na Agulha uma reação que Tom considerou ridícula e exagerada. Cada membro do grupo de simulações de Elliot foi conduzido ao porão até celas de segurança, ao lado da Sala de Varredura – a câmara de acesso restrito que abrigava o dispositivo de varredura. Um a um, Blackburn os ligou ao dispositivo para extrair lembranças do incidente. Marsh, Cromwell e Blackburn assistiram juntos às imagens do incidente.

Sendo o único que permanecera na simulação, Tom teve de esperar até que todos os demais fossem examinados. Sentou-se ao lado do dispositivo de varredura, os raios de luz incidindo sobre suas têmporas e as lembranças sendo exibidas nas telas acima.

– Foi mesmo genial a ideia de continuar na simulação, Raines – comentou Blackburn. – Achou mesmo que poderia vencer a batalha sozinho?

O corpo de Tom ficou tenso.

– Pensei que valia a pena tentar.

– Temos regras e diretrizes de combate, sr. Raines – disse o general Marsh. – Elas estão no seu processador neural. Você sabia que tinha de sair da simulação com os outros.

Apesar das palavras do velho, Tom não podia afastar a suspeita de que Marsh aprovara a decisão dele.

E o mesmo parecia valer para a major Cromwell. Ela olhava para Tom como quem blefa num jogo.

– Comparamos os IPs dos Combatentes Russo-Chineses com os IPs que invadiram nossos servidores. Você identificou corretamente

os combatentes em meio aos personagens virtuais.

– Bastou observá-los um pouco.

– Chegou a determinar os codinomes também? – perguntou Cromwell, gesticulando na direção da tela. – Algum palpite?

– Não acho que agora seja o momento de... – começou Blackburn.

– Vamos, Raines, arrisque um palpite – insistiu Cromwell, fazendo Blackburn se calar ao simplesmente ignorá-lo. Ela exibiu os combatentes que Tom enfrentara, um por um.

Tom os identificou.

– Rusalka, Terror Vermelho, Kalashnikov...

Os lábios de Cromwell esboçaram uma expressão satisfeita, e Tom percebeu que o palpite dela era igual ao seu.

– E Medusa – completou ela, pausando a imagem em Aquiles.

E Medusa. Aquela tinha sido a melhor parte.

Depois que Cromwell foi embora, Tom respondeu a mais algumas perguntas. Depois mergulhou de novo nas lembranças da luta, repassando cada movimento dentro da cabeça, enquanto Marsh e Blackburn começavam a discutir sobre a falha de segurança.

– ...obviamente já se esqueceram do que ocorreu da última vez. Vou preparar algo para revidar...

– Não vai, não – interrompeu Marsh, impaciente. – No momento, nosso foco deve ser o seu firewall, tenente, e não uma resposta de retaliação. Faz meses que a Obsidian Corp. diz à Comissão de Defesa que uma pessoa não pode, sozinha, ser responsável por toda esta instalação, e depois do que acaba de ocorrer...

– Engraçado o senhor falar da Obsidian Corp. Estava mesmo pensando neles. Por acaso algum dos consultores deles fez uma visita à Agulha recentemente, senhor? – Blackburn deve ter lido a resposta na expressão do general, porque em seguida soltou uma sonora gargalhada. – Eles vieram, não foi?

– O senador Bixby solicitou uma visita e trouxe consigo alguns convidados da empresa. Não havia como eu recusar...

– Então, com todo o respeito, general, só fico surpreso de isto não ter ocorrido antes. Bastaria que um deles estivesse dez ou vinte segundos longe do grupo. Seria o bastante para instalar algo nocivo dentro do sistema.

– Essa é uma acusação muito séria, tenente – alertou Marsh. – Sugiro que guarde-a para si. Já será difícil o bastante explicar a situação à Comissão de Defesa. Eles vão me pressionar para que arrume a você uma equipe de apoio...

– Já jogamos esse jogo antes, general, e o senhor sabe que sempre perdemos. Vão dar uma boa olhada no meu software e, logo em seguida, serão contratados por Joseph Vengerov.

– Então, arrume um recruta. Você disse que aquele rapaz, Harrison, parece promissor...

– Mas não é digno de confiança. Preciso de... Há um... – Blackburn girou o corpo e viu que Tom continuava lá. – E você, Raines? Está esperando o quê? Dê o fora daqui.

– Dispensado – corrigiu Marsh, o olhar fixo em Blackburn.

Tom ficou feliz em deixar que os dois resolvessem a questão entre si. Levantou-se da cadeira e saiu da sala, ainda reprisando na cabeça o lento sorriso que se abria no rosto de Medusa enquanto ele morria. Lembrou-se daquelas mãos embalando-o e se pegou imaginando novamente se Medusa não poderia ser uma garota. Não conseguia se convencer de que um homem fosse capaz de tal gesto, ainda que sua personagem fosse uma mulher. Ele enfrentaria Medusa de novo e descobriria a resposta. E, na próxima vez, Tom seria o vencedor. Tinha chegado tão perto da vitória... fora o cavalo que o surpreendera. Mas, na próxima vez... na próxima vez...

Tinha de haver uma próxima vez.

Tom continuava pensando no assunto às 1800, quando todos os recrutas foram convocados à Sala Lafayette para conversar sobre a incursão. A maioria dos plebeus chegou junto com os colegas de grupo das simulações aplicadas e, por isso, Tom se acomodou ao lado de Wyatt.

Tinham alguns minutos antes de Marsh assumir o palco e, sendo assim, Tom resolveu arriscar. Ele a cutucou e, em seguida, disparou a pergunta:

– Existe alguma maneira de usar o próprio computador para entrar em contato com o computador de outra pessoa?

– Existe sim. Trata-se de algo fantástico chamado e-mail – respondeu Wyatt.

– Não é isso. Quero dizer, se soubermos apenas o IP da outra pessoa – disse Tom, pensando naquilo que Cromwell dissera a respeito da Agulha, que teria registrado os IPs russo-chineses –, seria possível mandar uma mensagem diretamente para o computador dela, mesmo que não tenhamos antes acesso ao computador?

– Está pensando em alguém dentro da Agulha? Nesse caso, você pode mandar uma mensagem usando a rede interna. – Ela ficou quieta durante um instante, digitando no teclado. Então:

Está vendo?

Tom deu um salto. A palavra brotara diante de seus olhos.

Precisou de alguns minutos para tentar descobrir como ela fizera aquilo, enquanto Wyatt o instruía, até que Tom digitou no próprio teclado. *Desse jeito?*, perguntou.

Isso mesmo. Até que você é esperto!

Tom riu.

– Obrigado. Imagino que essa seja uma grande surpresa. – Digitou as palavras seguintes, enviando-as para o processador dela. *Por que é que os outros não fazem isso?*

Porque são preguiçosos. Não se preocupam em aprender coisas que exigem certa dose de tempo, esforço e dedicação... como as funções completas do processador neural. Ela fez um gesto rápido com a cabeça, no rosto uma expressão de reprovação.

Tom deu de ombros. Imaginou se não deveria ficar ofendido em nome de todos os preguiçosos, mas não era assim que se sentia. *Essas mensagens são seguras?*, digitou ele.

Ela respondeu pelo teclado: *Criptografei esta conversa. Posso lhe ensinar como fazer, se achar que é capaz de aprender.*

De vez em quando consigo aprender uma coisa ou outra. Bem, tenho outra pergunta rápida a fazer: e se quisermos mandar algo desse tipo para o IP de um computador que não esteja na Agulha?

Com o olhar, ela tentou investigar as intenções dele.

Tom evitou os olhos de Wyatt. Desejava entrar em contato com Medusa, quem sabe descobrir se o sujeito (ou a moça) aceitaria enfrentá-lo na rede em algum momento. Mas alguém que não soubesse da história toda poderia achar aquilo suspeito. Afinal, Medusa fazia parte do grupo dos inimigos.

– Estou perguntando porque pensei que Beamer poderia tentar algo do tipo – respondeu Tom. – Está vendo que ele nem veio para cá?

Wyatt percorreu o local com o olhar.

– Acho que ele voltou para o quarto.

– Parece que sim. – Tom começou a cutucar uma farpa que se soltava do encosto do banco à frente. – Ele estava mesmo com uma cara péssima. Talvez se anime um pouco se encontrar uma maneira de falar com a namorada... sem ter de ir escondido aonde quer que ele vá durante a noite.

– Ele se arrisca demais.

Tom ficou imóvel no banco.

– Sabe aonde Beamer vai para conversar com ela?

Décimo primeiro andar, foi a resposta de Wyatt, via mensagem. *Ele se esconde na sala dos oficiais, ou então no escritório de Blackburn.*

– Sério? – disse Tom, impressionado com a ousadia de Beamer.

É besteira arriscar-se assim. Não sei como ele conseguiu ficar tanto tempo sem ser pego. Beamer me pede para ocultar o sinal do GPS dele. Configuro um roteador: o GPS dele manda o sinal para o roteador, que então o repassa ao sistema interno de rastreamento, onde a localização do roteador é registrada como sendo a localização dele. Dá a impressão de que Beamer apenas passa horas a fio no banheiro.

Tom riu alto.

– O que será que o dr. Gonzales pensa disso?

– Posso saber qual é o assunto da conversa dos dois? – interrompeu Vik, sentado várias fileiras na frente deles, apoiado no encosto do banco e olhando para trás.

Odeio Vik, comentou Wyatt via mensagem.

– Wyatt odeia você – Tom anunciou a Vik.

Vik soltou uma gargalhada.

– É tênue a linha que separa o amor do ódio, Enslow. – Ele aproximou o indicador do polegar para ilustrar o que dizia. – Muito, muito tênue.

Ela fez uma careta em resposta à risada de Vik quando este se virou de novo para o palco. Em seguida, lançou um olhar furioso para Tom.

– Era um comentário particular.

– Mas todos sabem que você odeia Vik.

– A questão não é essa.

– Bem, voltando ao Beamer – insistiu Tom. – Por acaso ele consegue usar o IP para enviar uma mensagem direto ao computador da namorada?

– Depende. Deve haver milhares de computadores com o mesmo endereço de IP. Seria necessário mais que isso. É preciso ter o endereço de rede. E, depois que tivermos essa informação, o contato ainda depende do quanto é resistente o firewall do servidor dela, a não ser que a garota soubesse antes que ele tentaria contatá-la.

– Então, Beamer teria de invadir o firewall dela.

– Basicamente, sim.

– Ótimo. – Tom desabou no assento, frustrado. Talvez a Agulha tivesse registrado o IP de Medusa, mas seria um IP na Fortaleza Sun Tzu, na Cidade Proibida, China, um lugar protegido por um dos firewalls mais seguros de todo o sistema solar. Invadir aquele sistema seria impossível para Tom.

Na parte frontal da Sala Lafayette, Marsh assumiu o palco. O silêncio baixou entre eles. O general passou os olhos por todos, o ar solene.

– Como talvez já saibam, houve hoje uma gravíssima falha em nosso sistema de segurança. Alguns Combatentes Russo-Chineses conseguiram invadir nosso firewall e entrar numa simulação. O único objetivo era provocar o caos entre um grupo de plebeus, mas isto representa um severo ataque contra nossos mecanismos internos de segurança. Não apenas por terem sido capazes de superar nosso firewall, nem pelo fato de nossos plebeus terem deixado de seguir a regulamentação prevista ao não se afastar imediatamente do conflito...

Tom se afundou ainda mais no banco quando os olhos do general pousaram nele. Que injustiça. Ele havia se defendido. Era o que as pessoas deveriam fazer se não fossem covardes completas.

– ...mas também porque, como conjunto, vocês não apresentaram as habilidades ofensivas e defensivas de programação para responder a esse ataque cibernético. Vejo agora que será preciso

insistir para que façam mais progresso na área da programação, intensificando os esforços de todos. Incluirei nos arquivos do download de amanhã um pacote de informações complementares a respeito das regras de combate; uma nova lista de penalidades para aqueles que não cumprirem o regulamento; e, é claro, estou aceitando uma das solicitações do tenente Blackburn acerca de novas medidas de treinamento.

Tom reparou no olhar satisfeito que Blackburn trazia no rosto, algo que não poderia ser bom sinal.

Marsh se inclinou sobre o púlpito.

– Recrutas, combatentes, é hora de colocarmos em prática alguns jogos de guerra.

BLACKBURN EXPÔS as regras durante a aula na manhã seguinte.

– Nos próximos cinco dias faremos uma disputa interna envolvendo todos os níveis da Agulha, uma luta travada inteiramente no âmbito da programação, o que significa que a maioria de vocês vai se dar mal a não ser que consigam produzir algum resultado satisfatório. Podem usar a linguagem Zorten II ou até a Klondike, se forem capazes. Programem um vírus, usem-no para infectar quem quiserem e apreciem a carnificina. De minha parte, sei que vou me divertir.

Pela sala, a inquietação foi visível. Tom mal conseguia ficar sentado no lugar. Detestava a aula de programação, mas a ideia de uma luta livre entre todos eles o enchia de entusiasmo. Talvez fosse capaz de trabalhar com afinco e aprender alguns programas letais apenas para se divertir no conflito.

– É evidente que o general Marsh quer que vocês se divirtam com isto, portanto, vamos fazer da disputa uma competição entre as cinco divisões. O grupo que conseguir levar a cabo o maior número de ataques bem-sucedidos será declarado o vencedor oficial. Quero

deixar registrado que os membros de uma mesma Divisão não podem usar duas vezes um mesmo vírus. Se estiverem pensando em distribuir entre si um único conjunto de programas para acumular pontos, é melhor criar outra estratégia. Mas, se alguém de uma divisão rival usar um vírus contra você, sintá-se à vontade para roubá-lo sem pudores e usá-lo contra outro adversário. Essa medida será considerada justa.

Heather levantou a mão.

– O que ganharemos se vencermos, senhor?

– Nada – respondeu Blackburn.

Houve um instante de silêncio. Depois, Heather levantou a mão outra vez.

– Então, por que devemos lutar uns contra os outros se não vamos receber nada por sairmos vencedores? O que temos a ganhar com isto, senhor?

Blackburn riu.

– É mesmo uma mercenária nata, não é, srta. Akron? Que engano o meu, pensando que estava diante de centenas de adolescentes que apenas moram juntos. Qual é o problema? Por acaso são tão amigos que não conseguem sequer conceber a ideia de um conflito como este? – Ele olhou ao redor. – Será possível que não haja entre vocês nenhuma animosidade, rusga, rivalidade, inimizade, ou mesmo a boa e velha necessidade básica de provar aos demais quem é o melhor por aqui? Bem, eis a oportunidade de dar vazão a esses sentimentos. Não se enganem, sei muito bem o que alguns de vocês estão pensando: *Vou me manter fora da briga e ninguém vai me atacar*. Adivinhem só. – Ele aproximou da boca uma das mãos e fingiu sussurrar para o microfone. – Não é assim que o mundo funciona, e a Agulha não é diferente. Se tentarem ficar de fora, posso garantir que alguém de outra divisão vai considerá-los alvos fáceis.

Tom se deu conta de que encarava Karl, que lhe devolvia o olhar. Karl passou o indicador pelo pescoço. Tom usou os dedos para simular um revólver atirando.

Hora de jogar, pensou Tom, empolgado.

– Há certas regras a serem seguidas, claro. Sempre que lançarem um programa contra um rival, terão de mandar para mim uma cópia do código imediatamente. Se for um programa ridículo que só mostre frases como *Bom dia, mundo* no centro da visão do adversário, não vão ganhar ponto nenhum. Aliás, perderão pontos se me fizerem perder tempo. Se quiserem pontuar, o programa terá de ser bom; do nível do das galinhas da Divisão Gêngis, por exemplo.

Tom ouviu o riso se espalhar pela sala, e notou que apenas Karl e seus amigos se mantinham sérios. Usou o sistema interno de mensagens e perguntou a Wyatt: *O que acha de ser considerada o padrão de qualidade a ser vencido?*

Ela lhe lançou um rápido olhar e respondeu com outra mensagem: *Que diferença faz? Não posso assumir o crédito pelo episódio.*

Lá na frente, Alec Tarsus levantou a mão.

– Mas, senhor, isso parece um pouco arbitrário. O senhor vai apenas escolher quem merece marcar pontos?

– Muito perspicaz, sr. Tarsus. Já entendeu como a coisa funciona. É assim que eu gosto, e serei mesmo o deus desse conflito. É minha opinião que atribui ou subtrai os pontos. Eis aqui mais algumas regras: todos os programas que prepararem precisam parar de funcionar após uma hora. O código não pode provocar modificações permanentes no processador neural da vítima. Nada de estragos profundos, nem no corpo físico, nem no software. Nenhum ataque envolvendo funções fisiológicas que possam fazer de nós, e de vocês, alvos de um processo por traumas psicológicos. Usem o bom-senso. Espero não estar sonhando muito alto ao supor que tenham

bom-

-senso. Quero deixar bem claro: não desejo ver nem um único vírus que estrague fisicamente um processador neural. Um processador desses é mais valioso que todos vocês juntos.

Os ombros de Karl desabaram. Ele parecia muito desapontado por saber que não poderia ferir ninguém permanentemente. Tom imaginou que algo assim pudesse assustá-lo, mas, em vez disso, sentiu-se apenas mais ansioso para começar.

Vik o cutucou com o cotovelo.

– Eu e você, Tom.

– Você e eu – concordou Tom.

– A Dupla Destruidora.

Tom cerrou o punho diante de si.

– Os Distribuidores da Detonação.

– Os Doutores do Destino.

Tom pensou um pouco nessa última sugestão.

– Já existe um Doutor Destino, não é?

– Não, você está falando de um vilão de quadrinhos. No nosso caso usamos o plural, e também o “do” no meio. Doutores do Destino.

Tom pensou mais um pouco e sussurrou:

– Está bem, eu topo. Temos diplomas de doutorado na arte do Destino.

– Não, não. O que temos é um diploma de medicina. Se tivermos doutorado, teremos que dar aulas na universidade como atividade complementar. Se for um diploma de medicina, podemos ser doutores praticantes.

– Por que os Doutores do Destino precisam ser praticantes da medicina?

– Sei lá – disse Vik. – Fique com seu doutorado e eu fico com a medicina. Assim, seremos ambos “Doutores”.

– Do DESTINO! – completou Tom, exagerando no volume.

Os dois se assustaram de repente, dando um salto como se tivessem levado um choque. Uma mensagem de texto surgiu na visão de ambos: *Dados recebidos: iniciando programa Calem-se para que Possamos Ouvir.*

Wyatt Enslow encarava a dupla, com o teclado erguido.

Vik gesticulou como se quisesse estrangulá-la, e Tom apontou para a garota sua arma falsa.

– Sabe do que ela é capaz – Tom comentou com Vik, as palavras sussurradas pelo canto dos lábios. – Será mesmo que a queremos entre nossos inimigos?

– É bem provável que ela tente se conter na participação. Ela não pode mostrar aos outros como é talentosa.

– É mesmo. – Os dois estavam livres para provocá-la o quanto quisessem.

Com o fim da aula, alguém perguntou a Blackburn quando os jogos teriam início. Ele fez uma pausa antes de se afastar do púlpito.

– Boa pergunta. Quando começamos? Bem, diria que todos serão alvo legítimos assim que chegarem ao corredor.

Um silêncio de surpresa foi a reação coletiva.

O riso desagradável de Blackburn o acompanhou enquanto saía da Sala Lafayette. Ele deixou a classe inteira ali sentada, numa frenética erupção de sussurros. Tom viu um mar de cabeças assustadas, e os diversos membros das Divisões pensando numa rota de fuga.

– Aposto dez pratas que Blackburn está assistindo a tudo isso pelas câmeras de segurança e morrendo de rir – murmurou Tom para Vik.

– Deve estar mesmo.

Tom esperou. Ninguém parecia ter coragem de se levantar. Todos aguardavam para saber o que aconteceria com o primeiro que

tentasse sair da sala: se a pessoa seria atacada, se alguém entre eles já teria preparado um programa.

– Quer se jogar dentro da armadilha, Doutor? – Ele lançou um olhar para Vik, tão ansioso que parecia prestes a sair correndo do banco.

Vik respondeu com um aceno positivo.

– É o que devemos fazer, Doutor. Um, dois...

– Três! – A dupla se levantou de uma só vez.

Todos os olhares da sala convergiram para os dois. Tom os ignorou e abriu caminho rumo ao corredor. O silêncio parecia ecoar em seus ouvidos, envolvendo-os enquanto avançavam para a porta. Aquilo parecia durar uma eternidade.

Vik começou a rir. Deu socos triunfantes no ar e continuou a andar, desafiando alguém a ser o primeiro a atacá-los. Tom sorriu diante do comportamento do companheiro, mas o sorriso murchou ao perceber, com o canto dos olhos, que alguém se movimentava.

Karl Marsters tinha se levantado.

Tom deu com a palma da mão nas costas de Vik.

– Vamos!

Nem foi preciso falar duas vezes. Vik deu um salto para frente, disparando em direção à entrada, seguido de perto por Tom.

A última coisa que Tom viu na sala foi Karl cercado por outros colegas da Divisão Gêngis, todos abrindo caminho aos empurrões para persegui-los.

CORRERAM TÃO RÁPIDO que não demorou para estarem sem fôlego. Era como uma sessão turbinada de exercícios físicos. Chegaram ao refeitório vazio antes mesmo de perceberem que aquele seria provavelmente um dos lugares em que ficariam mais vulneráveis a um ataque de Karl. Espaço aberto, várias vias de entrada...

– Vamos, temos de encontrar um lugar onde possamos nos defender! – Tom vislumbrou com rapidez os jogos eletrônicos que já tinha jogado e encontrou uma referência apropriada. – Este é o nosso Álamo.

– Não foi no Álamo que Davy Crockett morreu?

– Está bem, somos os ciborgues que o atacam.

– Não havia ciborgues no Álamo.

– É claro que havia, Vik.

– Não estou entendendo nada. Está falando de algum jogo ou do fato histórico?

– Como assim? O Álamo é um fato histórico?

Vik deu um tapa na nuca de Tom.

– Nem sou do seu país, mas até eu sei disso.

Passaram correndo pelo quadro do general Patton e se trancaram em uma das salas de reunião particulares do refeitório. Tom se sentou no chão, com as costas contra a parede, e ergueu o braço para digitar algo na linguagem Zorten II, preparando um vírus de ataque para o momento inevitável em que os membros da Divisão Gêngis os alcançassem.

Vik ficou olhando para ele.

– O que está fazendo?

– Vírus.

– Mas, Tom... você é um péssimo programador.

– Programe você, então.

– Pode deixar. – Vik se sentou ao lado dele e começou a digitar no teclado preso ao próprio antebraço.

– E eu, o que devo fazer? – perguntou-lhe Tom.

– Impeça os outros de chegarem perto de mim até que eu termine de escrever o código.

– Quer que eu seja um *escudo humano*?

– Aposto que você vai conseguir, Tom. Tenho fé em você.

– Não estou duvidando da minha capacidade de ser um escudo humano, mas é que...

Em um instante, as trancas da sala foram destravadas e as portas se abriram. Karl passou pelo vão. Vik soltou um gritinho pouco digno de um Doutor do Destino, e Tom sentiu o corpo ser percorrido por uma onda de terror.

Karl lançou para os dois um olhar de ódio. Em seguida, ergueu o antebraço e começou a digitar no teclado, o cenho franzido, apertando as teclas com os dedos grossos.

Em seguida veio o anticlímax: vários colegas da Divisão Gêngis entraram na sala e passaram a disputar entre si o controle do antebraço de Karl, tentando usar o teclado dele.

– Não é assim que se faz – disse Tom, vendo que Vik digitava errado um trecho de código que ele se lembrava de ter visto antes. Agarrou o braço de Vik e assumiu o controle.

Vik retrucou:

– Pelo que sei, você entende menos do assunto do que eu. Volte ao seu posto, escudo humano! – Afastou o braço de Tom com um tranco e lhe indicou a posição que deveria assumir, entre o amigo e o pessoal da Divisão Gêngis.

Nervoso, Tom relanceava o olhar para os membros da Gêngis, esperando ser atacado por um vírus criado por Karl e seus colegas a qualquer instante. Estes, enquanto isso, pareciam não chegar a um acordo a respeito de como usar a linguagem Zorten II.

– Sua besta, nada disso está funcionando – rosnou Karl para um dos parceiros.

– Espere um minuto, como fazemos para usar aquele programa que procura por erros?

– Por que esta variável é inválida? O que significa isso?

– Devolvam o meu braço! *Inválida* significa que não está funcionando, idiota!

Tom se recostou na parede, enquanto a sala se enchia com o som de dedos digitando teclas. A sensação de ameaça e excitação diminuía a cada segundo, enquanto Vik praguejava sozinho ao estragar o programa várias vezes seguidas... E Karl e seus colegas não paravam de discutir, até o ponto em que Karl passou a ameaçá-los com golpes de teclado em vez de deixar que os parceiros o usassem para programar algo.

Depois de algum tempo, Wyatt entrou na sala e olhou para os dois grupos, incrédula.

– Faz vinte minutos que estão aqui. Ainda não conseguiram programar nada? – observou ela. – Patético, não acham?

– Pare de me distrair, Mãos de Homem – ordenou Vik. – Não estou vendo sua lista de vitórias e triunfos.

Wyatt corou.

– Mãos de Homem – repetiu Karl, rindo do outro lado da sala enquanto digitava no próprio teclado. – Ouviram essa? – falou a um dos amigos. – Mãos de Homem!

Wyatt fuzilou Vik com o olhar.

– Obrigado por divulgar esse apelido detestável. Sabe de uma coisa? Torço para que Karl comece por você. – Dizendo isto, saiu da sala pisando duro.

Outros cinco minutos se arrastaram. Tom já tinha desistido de ser um escudo humano. Agora ele já tinha certeza de que tal função não seria necessária.

– Karl, Vik... pessoal, parem! – gritou ele.

Para sua surpresa, todos atenderam ao pedido.

– Tudo isso é uma idiotice – exclamou Tom. – Somos péssimos programadores.

Os membros da Divisão Gêngis trocaram olhares contrariados entre si. Era verdade.

– Faz meia hora que estamos tentando, e nenhum de nós conseguiu programar nada ainda.

– O que sugere que façamos, plebeu? – Karl cruzou os braços musculosos.

– Cada um segue seu caminho, tentar programar algo no próprio ritmo, criar alguns ataques decentes e, em seguida, enfrentar um ao outro quando estivermos prontos.

Os olhos de Karl se estreitaram.

– Como um duelo.

– É, como um duelo. Amanhã à noite. Na sala comum dos plebeus. Karl coçou o queixo, como se houvesse ali uma barba invisível.

– Está bem, eu topo. Mas só se o encontro for na outra noite.

– Na outra noite?

– Algum problema? Tem que ser depois de amanhã, pois amanhã marquei de ir ao barbeiro. Não posso desmarcar o horário com menos de vinte e quatro horas de antecedência.

– Então, fica para depois de amanhã, à noite. – Tom não via problema naquilo. Haveria mais tempo para programar.

Satisfeito, Karl fez um aceno positivo com a cabeça.

– Seja como for, não conheço ninguém que seja capaz de programar algo decente às pressas.

Então, as portas se abriram, e Tom lançou na direção delas um olhar casual, reparando que Wyatt estava por perto, desta vez mexendo no próprio teclado.

– Se veio assistir à surra que Karl ia nos dar, perdeu seu tempo – informou Vik.

– Não é por isso que estou aqui – respondeu Wyatt. – Decidi que não vou ficar fora dessa disputa.

Vik piscou algumas vezes, incrédulo.

– Não vai?

– Você me fez mudar de ideia, Vik. – Ela digitou algo no teclado e, quase de imediato, Karl e os recrutas da Divisão Gêngis se puseram de joelhos e começaram a balir.

Tom girou o corpo na direção dos adversários, observando-os meter o nariz no carpete, imitando o balido de ovelhas.

– Tem certeza de que quer fazer isto? – perguntou a ela.

– Absoluta.

– Hum – disse Vik. – Bem, acho que podemos ser um trio de Doutores do Destino.

Mas Wyatt ainda estava com o teclado erguido, exibindo um olhar implacável no rosto.

– Ora, Vik, não se esqueça de que pertencemos a Divisões diferentes.

Os olhos de Vik se arregalaram.

– Escudo humano, salve-me! – gritou ele, agarrando Tom pelos ombros.

– Não se preocupe – completou Wyatt, sorrindo. – Tenho o bastante para os dois.

Com um comando no teclado, ela inseriu no sistema o endereço IP de ambos e fez com que uma mensagem de texto surgisse no centro da visão de Tom: *Dados recebidos: iniciando programa Ovelhas Balindo.*

QUANDO VOLTOU a si, Tom mastigava algo no jardim interno atrás do refeitório. E não era o único. Longe disso. Wyatt havia feito um tremendo estrago em todo o primeiro andar: alguns recrutas eram ovelhas, entre eles Vik. Outros estavam reunidos e falando sem parar, mas sem compreender uns aos outros, pois cada um se comunicava num idioma, todos incapazes de se lembrar da própria língua, e outros ainda tropeçavam sem parar nas próprias pernas,

como se tivessem desaprendido a andar. Ela tinha aniquilado quase trinta pessoas que tiveram o azar de cruzar seu caminho.

– Eca. – Tom usou a manga para limpar a boca, tentando se livrar do gosto do tomateiro, ignorando os incessantes balidos das pessoas com quem cruzava, todas apoiadas nos joelhos, agindo como ovelhas.

Tom encontrou Vik e o cutucou com o pé, ignorando seus balidos de protesto, até que Vik despertou do transe.

– O que... Como...

Tom estendeu os braços e ajudou o amigo a se levantar.

– Wyatt promoveu um massacre. Os Doutores do Destino não podem deixar tamanho insulto sem resposta.

NAQUELA NOITE, Tom e Vik decidiram falar com Yuri e saber se ele estava disposto a juntar forças com os colegas da Divisão Alexandre, na tentativa de derrubar Wyatt Enslow. As perguntas que fizeram durante o jantar os convenceram de que o colega entendia apenas o suficiente para ser útil, a não ser que planejasse uma traição das mais bem planejadas Mas Yuri não estava em sua cama.

Beamer é que estava.

Vik entrou no alojamento.

– Ei, parceiro, viu o Androide por aí?

Beamer permaneceu imóvel na cama, sem dizer uma palavra. Tom e Vik trocaram entre si um olhar inquieto. Beamer não tinha assistido às aulas naquele dia. Parecia ter passado o tempo todo na cama.

– O que é que você tem, Beamer? – perguntou Vik. – Por que está agindo assim hoje?

Era pior do que Tom pensava. Ele apontou a porta para os dois. Vik levantou os braços, rendendo-se, e o deixou em paz.

Tom assumiu o lugar dele ao lado de Beamer, e percebeu que não fazia ideia do que dizer ao colega.

– Ouça, sinto muito, peço desculpas por tê-lo decapitado, está bem?

Beamer abriu os olhos.

– Nossa, Tom, como você é egoísta! Isso não tem nada a ver com você.

– O que é, então? Não consigo entender. O que foi? Quer que eu chame a assistente social?

Beamer balançou a cabeça, olhando fixamente para o teto.

– Não pense que estou caçoando de você. Posso pedir a ela que venha aqui. – Preparou-se para propor a ele o maior sacrifício que seria capaz de fazer. – Se quiser, digo a ela que a visita é para mim, assim você não fica constrangido.

Por favor, recuse a oferta, acrescentou Tom mentalmente.

– Não precisa – disse Beamer.

Os ombros de Tom relaxaram de alívio.

– Não percebe, Tom? Não consegue ver qual é o problema?

– Ora, você pensou que houvesse algo de errado com o programa e ficou com medo de morrer. Foi por isso que pirou.

– Não. Quero dizer, sim, mas não foi só isso. Depois do que aconteceu, fiquei pensando. Pensei muito. Em tudo. – Ele apontou para a própria cabeça com um dedo pálido. – Em tudo o que fiz. Pensei que seria divertido, Tom. Vir para a Agulha, brincar com máquinas sofisticadas... Mas não pensei nas consequências. Não pensei se era isso mesmo que queria para mim. E se eu morrer?

– Não acho que vá morrer tão cedo. Você tem catorze anos.

– Como pode ter certeza? – Beamer se sentou na cama, com as bochechas sardentas. – Nem sabemos ao certo o que é isso que instalaram na nossa cabeça. Existe algum idoso andando por aí com um processador neural?

– Essa tecnologia não existia antes. Mas veja o caso de Blackburn. Ele ganhou seu implante há dezesseis anos. Fora o surto psicótico, ele está bem.

Beamer revirou os olhos e desabou na cama novamente. Tom tinha de reconhecer que *fora o surto psicótico* fora um comentário infeliz, mas não entendia o motivo de Beamer se mostrar tão sensível aos detalhes agora.

– A questão nem é essa, Tom. Será que não percebe? Nunca poderemos tirar isso da cabeça. Nunca. Aceitamos passar alguns anos na Agulha, mas esse processador na nossa cabeça nos liga ao exército para o resto da vida. Já se deu conta disso? O computador pertence a eles. *Nós* pertencemos a eles.

Tom pensou naquela noite passada na enfermaria, quando o dr. Gonzales tinha tomado a decisão final a respeito da sua produção de hormônio do crescimento, independentemente da sua própria opinião. Mas comentou apenas:

– Que diferença faz? Eles precisam de nós. Não farão nada que nos prejudique.

– Sempre estaremos na linha de frente. O exército vai nos controlar pelo resto da vida, independentemente do ramo que sigamos depois... Não percebe isso? Caso contrário, quem vai consertar nossos processadores quando estes quebrarem? E o que vai acontecer se os russo-chineses criarem algum novo vírus poderosíssimo capaz de vaporizar nosso cérebro? Se Rússia e China um dia tiverem a oportunidade de derrotar os Estados Unidos, somos os primeiros que eles vão matar!

Tom não conseguiu conter o riso. Parecia tão ridículo.

– Imagine, ninguém mais mata numa guerra.

– É guerra, Tom. Guerra. Antigamente, isso significava situações como a Batalha de Stalingrado, percebe? E é possível que um dia as coisas voltem a ser assim. Talvez alguém se lembre disso um dia.

Alguém pode se lembrar que esta é a Terceira Guerra Mundial. Blackburn disse isso... Não se lembra? Ele disse que os inimigos querem abrir nossa cabeça e dar uma olhada na programação que temos no cérebro!

– Blackburn só estava tentando nos assustar. Escute, eu entendo, Beamer. Antes de receber o processador neural, também costumava me preocupar com esse tipo de coisa.

– *Você?* Preocupado?

Tom deu de ombros, tentando se lembrar da conversa que tivera com Heather quando ainda estava decidindo se alistar. Era engraçado perceber como suas lembranças mais antigas pareciam obscuras antes da instalação do processador: não tinham horário nem data registrados, nem eram perfeitamente detalhadas. Era como se fossem a experiência de uma pessoa diferente.

– É, eu me preocupava. Com o fato de a cirurgia neural ser uma surpresa e com o fato de o exército ser... bem, eram mais ou menos as preocupações que você mencionou. Mas pense bem. Vamos lá, Beamer. Olhe ao seu redor. Quem mais tem a oportunidade de fazer o que fazemos? Quem mais tem a chance de ser aquilo que somos? Somos importantes. Podemos aprender qualquer habilidade ao baixar um arquivo. Podemos falar o idioma que quisermos. Somos mais rápidos e mais espertos que as pessoas normais. Podemos fazer qualquer coisa agora.

Beamer se deitou e olhou para o teto.

– Antes, eu era capaz de fazer qualquer coisa desde que me esforçasse. Sabia que eu tinha criado um negócio? Aprendi a fazer certas coisas e, com isso, passei a vender filtros de água e grelhas em favelas. Já foi a um desses lugares? Os moradores não são completamente pobres. Muitos deles têm empregos, mas não podem pagar por uma casa de verdade.

– É, já vi algumas delas. – Neil sempre apontava tais lugares para ele. Dizia que eram a única alternativa a se mudarem constantemente de cassino para cassino.

– Bem, as pessoas compravam meus produtos lá. Ganhei dinheiro. Minha vida não era ruim antes do processador neural. Você também seria capaz de fazer o que quisesse antes do processador, Tom. Era um campeão de soletração, lembra? Deve ter trabalhado duro para chegar tão longe.

Tom não respondeu. Sabia que nunca tinha se sagrado campeão de soletração, tampouco tinha contribuído para a maior bola de cera de ouvido do mundo. O antigo Tom Raines não conseguia sequer tirar notas medianas num reformatório.

– Vejo você e Vik... e até Yuri, que não tem a menor chance aqui e *com certeza* sabe disso – disse Beamer. – Vocês são dedicados ao trabalho na Agulha. E eu vim para cá, e quis que as coisas fossem bem, mas agora simplesmente não me importo mais. Desde que aconteceu aquela história com a minha namorada e minhas liberdades foram restringidas, é como se tudo tivesse se encaixado numa perspectiva maior. Estou sempre me perguntando o motivo de ainda estar aqui. Não quero fazer parte da Companhia Camelot. Detesto este lugar. Não paro de pensar no ensino médio e em todos os filmes que vi, e me pergunto se não estou desperdiçando minha vida. Quero crescer e ir para a faculdade. E comprar uma casa. E ter filhos, me casar com uma mulher e fazer churrasco no quintal.

– Beamer – Tom se ateuve a essa última ideia –, se quiser, eu e você podemos preparar um churrasco agora mesmo, não podemos? Esqueça a restrição às liberdades. Vamos desviar o sinal do seu GPS para o banheiro e, em seguida, iremos lá fora fazer o maior churrasco da sua vida.

Beamer deixou escapar um suspiro sofrido.

– Você não entende, Tom. Não consegue entender. – Ele se voltou para a parede, enterrando a cabeça nas cobertas.

Foi então que Tom percebeu: ele não entendia mesmo. Não conseguia entender. Beamer queria ser normal. Tom não conseguia imaginar como alguém poderia desejar ser um ninguém.

Tom jamais abriria mão daquilo que tinha na Agulha. Ele jamais desistiria voluntariamente do processador neural, da vida tão cheia de possibilidades.

Não suportaria voltar a ser um zero à esquerda. Preferia morrer.

A MAIORIA DOS vírus do segundo dia dos jogos de guerra foi cortesia de Wyatt, mas houve algumas exceções. Franco Holbein, da Divisão Aníbal, programou um vírus chamado Noite Gelada que atingiu alguns membros da Divisão Maquiavel quando se conectaram às portas de acesso neural no alojamento. Passaram o almoço inteiro abraçados, os dentes batendo, exigindo aos gritos que alguém aumentasse a temperatura da calefação da Agulha. Então Nigel Harrison apresentou um vírus chamado Cara de Comida que fez todos no refeitório enfiarem a própria cara nas bandejas com o alimento. No fim do dia, Britt Schmeiser, da Divisão Napoleão, tinha contra-atacado com um vírus estilo Cavalo de Troia chamado Nigel Harrison que entrava em ação sempre que a pessoa infectada via Nigel Harrison por perto.

O cavalo de Troia se infiltrou nos arquivos da lição de casa que deveriam ser baixados durante a noite e, com isso, infectou quase todos na Agulha. No terceiro dia dos jogos de guerra, Nigel entrou no refeitório na hora do almoço e, com isso, o vírus foi ativado em quase uma centena de recrutas ao mesmo tempo. Um mar de rostos começou a mostrar aquele tique nervoso que o garoto não conseguia esconder.

Nigel olhou para todos no imenso salão, tendo a impressão de que tinha entrado num pesadelo surreal, e então perdeu o controle.

– Parem com isso – gritou ele. – Parem!

Mas o nervosismo só fez com que seu tique ficasse ainda mais forte, e os movimentos involuntários em seu rosto fizeram com que

a multidão também começasse a sofrer tiques cada vez mais intensos, e a situação quase fugiu ao controle quando ele ameaçou bater nos demais com sua bandeja. Enfim, saiu do refeitório chorando, furioso, perseguido por risos e gritos de *Vá se lamentar para a assistente social!*

Tom e Vik perderam a cena, embora ambos tivessem cruzado com Nigel Harrison do lado de fora da Sala Lafayette e, com isso viram-se acometidos por contínuos tiques nervosos no rosto durante toda a hora seguinte. Eles deixaram o almoço de lado, ocupados demais com a preparação de seu programa para o duelo com Karl. O vírus era uma maravilha. Eles o batizaram de Peidos Frequentes e Barulhentos.

– Está pronto, Doutor? – Vik perguntou a Tom.

– Estou pronto, Doutor. Vamos nessa.

Eles marcharam até a sala comum dos plebeus às 2000 para enfrentar Karl. A julgar pelo prazer cruel que emanava do rosto quadrado de Karl, emoldurado pelo novo corte de cabelo, ele também tinha preparado algo terrível.

– Vamos contar até três. – Os olhos de Vik estavam cravados na companheira de Karl, Lyla Mortenson. Era a primeira vez que Tom a via de perto, e o perfil da garota apareceu diante de seus olhos.

Nome: Lyla Mortenson

Patente: FIEUA, Nível IV Intermediário, Divisão Gêngis

Origem: West Palm Beach, Flórida

Méritos: Campeã da categoria amadora peso-mosca de seis Competições Mundiais e Nacionais de Boxe

IP: 053:db7:lj71::275:ll3:6e8

Status de segurança: Ultrassegredo LANDLOCK-4

– Um, dois, três – gritou Lyla, de uma só vez, e Tom ficou surpreso demais para reagir prontamente.

Karl exclamou:

– Rá! – e deu o primeiro golpe.

Nada aconteceu. *Dados recebidos: iniciando programa Fido Raivoso. Variável inválida*, foi a mensagem que apareceu diante dos olhos de Tom.

– Bela tentativa, espertinho. – Tom lançou seu Peidos Frequentes e Barulhentos.

Karl esperou. E esperou. Depois riu.

– Variável inválida, plebeu.

– Ataque secreto do ninja indiano! – Vik ergueu o teclado portátil que tinha escondido nas costas e lançou o programa alternativo deles, supersecreto e superexperimental.

– Pimba! – exclamou Tom, triunfante.

Karl e Lyla encararam os dois, sem entender nada.

Lyla coçou o nariz.

– Meu nariz está coçando. Por acaso está sentindo o mesmo? – perguntou ela a Karl.

O grandalhão balançou a cabeça.

– Não.

– O ataque secreto do ninja indiano não faz o nariz coçar – disse Vik.

– Certo – comentou ela. – Não sinto mais nada de estranho. Só o nariz coçando.

– Outra variável inválida, plebeus – anunciou Karl.

Passaram algum tempo trocando olhares. Karl deu um murro na palma da mão, visivelmente ansioso por uma oportunidade de esmurrá-los à moda antiga. Então cada qual seguiu seu caminho.

– Foi sem dúvida o pior duelo de todos os tempos – declarou Tom.

– Credo, Tom – disse Vik enquanto se acomodavam nas camas –, somos tão fracos nisso que chega a ser deprimente.

INFELIZMENTE, BLACKBURN concordou com eles. No dia seguinte, o professor exibiu o duelo nas telas da sala de aula, e até o carrancudo tenente teve de disfarçar o riso com a palma da mão sobre a boca.

Tom chegou à conclusão de que detestava o dispositivo de varredura. Depois de terem transmitido a Blackburn o código original de seus programas, ele ordenou que os quatro fossem até a sala que continha o aparelho para investigar as próprias lembranças: e o resultado era aquilo. Blackburn mostrou a todos uma série de fracassos humilhantes de programação para o entretenimento geral, culminando a sequência com o duelo épico entre Karl e Tom.

– Os três últimos dias confirmaram minhas suspeitas – disse Blackburn. – Sem querer ofender, a imensa maioria de vocês é patética. A Divisão Aníbal está ganhando, e a Maquiavel está em segundo lugar, mas com resultado bem distante. Parece ser o resultado dos esforços de Nigel Harrison e, para minha completa surpresa, de Wyatt Enslow.

As comemorações dos demais membros das Divisões Aníbal e Maquiavel ecoaram pela Sala Lafayette. Tom olhou ao redor e viu que o rosto de Wyatt estava coradíssimo. Ela não estava acostumada a ser o centro das atenções e, certamente, não estava acostumada a ser festejada pelos colegas de divisão que, em geral, costumavam ignorá-la.

– Qual é o seu segredo, Enslow? – indagou Blackburn, apoiado no púlpito, os olhos cinzentos fixos nela. – Como é que você se tornou um prodígio da programação de uma hora para outra?

Tom viu Wyatt se encolhendo no lugar, deixando o cabelo escuro cair sobre seu rosto.

– Só quis atacar os outros antes que eles me atacassem, senhor.

Blackburn não quis pressioná-la além daquilo, mas Tom reparou que o professor continuava relanceando o olhar para a garota de tempos em tempos, mesmo enquanto prosseguia com a aula.

– Bem, fiquei sabendo de alguns ataques contra o sr. Ramirez. O general Marsh não quer que ele participe deste desafio e...

Elliot ficou de pé.

– Senhor, não me incomode se...

– Sr. Ramirez, você tem uma reunião de cúpula no Capitólio marcada para daqui a poucos dias. Como você vai *aparentar* ser o representante indo-americano, ninguém quer correr o risco de o seu software ser prejudicado. Além disso, sendo bem franco, você está longe de ser um gênio da programação cuja ausência terá um impacto devastador neste conflito, não é?

Tom podia jurar que Elliot parecia envergonhado ao voltar a se sentar.

– Ouçam, todos: Ramirez está fora. Quanto ao resto de vocês... – Blackburn desenhou um círculo no ar com o dedo, indicando todos os presentes na sala –... vocês têm mais um dia. Sei que é pedir muito, mas tentem parar de envergonhar a si mesmos.

ENQUANTO VIK E TOM subiam pelo elevador até o sexto andar, Tom perguntou:

– O que Blackburn quis dizer quando falou que Elliot ia aparentar ser o representante indo-americano?

– Bem, você sabe qual é o *verdadeiro* propósito da reunião de cúpula no Capitólio – disse Vik. – A Dominion Agra é aliada da Índia e dos Estados Unidos e controla as patentes de todos os alimentos. A Harbinger é aliada da Rússia e da China e controla a patente de toda a água. Assim sendo, este é o momento do ano em que a Coalizão das Multinacionais se reúne para concordar que, apesar de

haver uma guerra no espaço, elas ainda defendem o respeito às patentes uma da outra aqui na Terra. É também um grande espetáculo para o público com o objetivo de mantê-lo envolvido na guerra. Nosso melhor combatente enfrenta o melhor Combatente Russo-Chinês.

– Mas é o Elliot quem nos representa no evento – destacou Tom. – E ele não é o melhor da ComCam.

As portas se abriram e os dois entraram na sala comum dos plebeus, avançando para a Divisão Alexandre.

– Mas nós dizemos que ele é o melhor entre nós. E, para quem é de fora, vai parecer que são Elliot e Svetlana lutando entre si, pois são os rostinhos bonitos que ficam mais à vontade no palco. Assim, eles cuidam de toda a parte das câmeras enquanto, nos bastidores, outros combatentes se encarregam da luta de verdade. Elliot com certeza faz esse papel, e todos imaginam que o mesmo ocorra com Svetlana.

Tom deixou escapar uma risada.

– Espere aí: ele vai até lá e finge que está lutando?

– Isso mesmo – respondeu Vik. – É até engraçado: o público nem mesmo sabe dos processadores neurais e, por isso, Elliot e Svetlana têm até um manche, pedais e controles para dar a impressão de que estão de fato pilotando naves no espaço, enquanto os Combatentes de verdade conectam seus processadores neurais e de fato comandam as naves.

– Quem é o combatente que defende nosso lado?

– No ano passado foi Alec Tarsus. Mas, como é quase certeza que desta vez Svetlana vai servir de fachada para Medusa, que sempre derrota Alec no espaço, não sei ao certo quem será o escolhido. Imagino que seja Heather Akron ou aquele Yosef Saide, da Divisão Gêngis. Quem sabe? Ele não vai ganhar de Medusa, mas você já o

viu em ação: sabe como provocar destruição em massa. Talvez ele tire da manga alguma manobra insana que dê cabo dos dois.

Passaram por Beamer, que saíra da cama para ir ao banheiro.

– Ei – Tom chamou a atenção do rapaz –, quem você acha que vai...

Mas Beamer passou por eles como se não estivessem lá. Foi como se Tom houvesse recebido um soco no estômago, e apenas quando Vik o puxou pelo ombro foi que ele voltou a caminhar.

Depois de chegarem às camas, Vik acessou o processador interno da Agulha e fez uma busca geral por vírus na tentativa de localizar outros ataques eletrônicos infiltrados nas interfaces neurais. Ele se afastou, surpreso, ao ver o resultado da varredura, mostrando a Tom o que tinha ocorrido: Wyatt Enslow tinha sabotado tudo. *Tudo*. Ela tinha inserido ataques nos arquivos da lição de casa, nos bancos de dados. Tinha até criado firewalls que impediam os vírus desenvolvidos pelos outros de se infiltrarem no sistema.

Vik se acomodou de cócoras, perplexo.

– Doutor, a Mãos de Homem trucidou todo mundo.

– Ela precisa de um codinome digno de uma supervilã. Mãos de Homem não tem o efeito que ela merece.

– Tem razão. Que tal Bruxa Maligna das Profundezas mais Sombrias de Mordor?

– Muito complicado.

– Fiquemos com Bruxa Maligna. Ouça, eu me recuso a admitir a derrota para ela.

– Todo vilão tem um ponto fraco. Qual será o dela?

Vik coçou o queixo e franziu o cenho enquanto olhava para a parede. Tom desabou na cama e apoiou a cabeça na mão, concentrando-se no carpete.

Wyatt não gostava de jogos. Não adiantava colocar um vírus numa simulação de RV. Ela gostava de ler, mas Tom não conseguia pensar

numa maneira de infectá-la com um Cavalo de Troia usando um livro. Ela nunca lia versões eletrônicas, deixando que o processador memorizasse o texto. Preferia ler os livros palavra por palavra, como faziam as pessoas normais.

– Interfaces neurais da sala de treinamento?

– Como saber qual colchonete ela vai escolher? – questionou Vik.

– Teremos de colocar algum tipo de vírus em cada um deles.

– Você também será infectado.

Tom pareceu não se importar.

– Aceitaria esta consequência desde que conseguíssemos marcar um ponto em cima dela.

– Mas o Elliot também seria contaminado.

– Ih. – Tom desistiu do plano. Não podiam correr o risco de atingir Elliot. – Bem, deve haver alguma outra forma de... – De repente, veio à sua mente o ponto fraco de Wyatt. – Vik, e quanto ao Yuri?

Os olhos de Vik brilharam com a sugestão.

– O Androide. É claro. Ele é o melhor amigo dela desde que ela chegou aqui. Wyatt confia nele.

– Temos de fazer com que ele a infecte com um vírus – propôs Tom. – Ele nem precisa entender o que vai acontecer... Basta pedir a ele que mostre algo para Wyatt; que envie um arquivo.

Vik sorriu.

– Ela vai ficar curiosa e abrir!

Era perfeito. Mas havia um único problema: Yuri ficou horrorizado diante da ideia de ajudá-los a derrubar Wyatt.

– Não posso fazer isso.

– Você não precisa fazer quase nada – protestou Vik. – Basta pedir a ela que dê uma olhadinha num programa seu, deixar que ela se conecte...

– E pimba. Ela será infectada – concluiu Tom.

– É uma traição grande demais – disse Yuri.

Vik não podia acreditar.

– Vamos lá. Onde está sua lealdade? Pelo amor de Deus, você é membro da Divisão Alexandre!

– Mas não gosto da ideia de atacar Wanda.

– A Bruxa Maligna não vai largar de você para ficar com outros amigos...

– Não quero perder a confiança dela.

– Já entendemos que você sente pena dela ou coisa assim – começou Tom.

Yuri se levantou.

– Por que deveria ter pena dela? Wanda é uma garota incrível. Tão inteligente, sincera e... – ele se deteve, talvez por ver Tom e Vik o encarando como se fosse um lunático, ou quem sabe por perceber o quanto havia ficado ruborizado.

Foi como se Tom fosse atingido por um raio. Voltou-se para Vik, totalmente assombrado.

– Ele gosta da Wyatt.

– Não, Yuri, não! – disse Vik.

Yuri ficou ainda mais vermelho, confirmando o temor deles.

– Ah, Yuri, vamos lá, rapaz – lamentou Tom.

Yuri deu de ombros, como se não pudesse fazer nada.

– Divisões não podem dividir corações humanos.

– Minha nossa – exclamou Vik, colocando as mãos sobre as orelhas. – Agora ele vai começar com as frases cafonas. Detenha-o, Tom!

– Não posso – respondeu Tom. – Meus ouvidos... Estão sangrando. Sangrando!

– É uma hemorragia cerebral! Ele nos matou! – falou Vik.

– Assassino! – gritou Tom, fingindo desmaiar no chão.

Yuri balançou a cabeça.

– Não é uma grande demonstração de maturidade.

Mas os dois estavam no chão agora, fingindo agonizar devido à hemorragia cerebral. Yuri suspirou e passou por cima deles a caminho da porta.

NAQUELA NOITE, Vik se dedicou a ficar acordado e preparar o programa definitivo para acabar com Wyatt. Tom não pretendia dormir enquanto o parceiro se ocupava da maior parte do trabalho de programação e, por isso, ficou acordado em demonstração de solidariedade, fazendo sugestões ocasionais. Já de madrugada, teve uma ideia. Levantou-se com um salto e compartilhou sua inspiração.

– Ei, Vik, e se usarmos um transmissor externo?

– Quê? Estou tentando me concentrar, Tom.

– Ouça. Talvez não precisemos de um vírus complicado. Talvez baste atacá-la de um lugar inesperado. Sabemos o IP dela. E temos a autorização que nos permite passar pelo firewall da Agulha. Assim, podemos encontrar um transmissor poderoso o bastante para enviar o vírus de um distância maior, invadimos esse transmissor e o usamos para atingir Wyatt com alguma coisa.

– Em que tipo de transmissor está pensando?

Tom se inclinou para frente, ansioso, pois era neste ponto que ele acreditava estar sua originalidade.

– Um satélite.

– E como poderemos usar um satélite? Nem imagino o que fazer para controlar uma coisa dessas.

– Basta nos plugarmos a um deles. Assim como os satélites se plugam às naves no espaço, nós nos plugamos ao satélite.

– As naves no espaço foram projetadas para funcionar com interfaces neurais – informou Vik. – Os satélites, não.

Tom coçou a cabeça, recuperando fragmentos antigos da memória, do dia em que o processador neural fora instalado.

– Podemos fazer isso. Juro que é possível. Lembra-se de quando instalaram seu processador neural, enquanto eram feitas as

configurações para a internet? Lembro de quando eu acessei vários lugares aleatórios diferentes, um após o outro... e um deles era um satélite. Foi exatamente como uma interface neural. Eu estava dentro dele. Tudo que precisamos fazer é repetir esse procedimento intencionalmente.

Vik olhou para o amigo como se este tivesse perdido o juízo.

– Qual é, não se lembra da instalação? – exigiu Tom, recordando a imensa sequência de zeros e uns, a sensação de ter o cérebro atraído para um número infinito de direções. – Primeiro o cérebro entra na rede e começa a quicar por aí durante algum tempo...

Vik tentou entender o que o amigo queria dizer, tamborilando os dedos no canto do teclado preso ao antebraço.

– Tom, não quero dizer que isso nunca ocorreu, mas... Vou me concentrar nisto aqui. Neste programa. Se tiver outra ideia de algo que possa funcionar, pode tentar, mas eu não contaria com isso, companheiro. O que está sugerindo é impossível. Não existe no mundo um processador neural capaz de formar uma interface com qualquer máquina ao seu bel-prazer. As máquinas precisam ser feitas para interagir com um processador neural, caso contrário a conexão não funciona. Isso que você descreveu deve ter sido um sonho. A anestesia às vezes tem esse efeito nas pessoas. Meu pai é médico, sei do que estou falando.

Tom tinha certeza de que não tinha imaginado aquilo.

– Vou me conectar a uma interface neural e mostrar a você o que quero dizer, Vik. Espere só.

– Se entrar na internet, será infectado por um dos vírus de Wyatt – alertou Vik. – Ela transformou cada porta de acesso numa armadilha.

– Não pretendo usar o servidor dos recrutas.

Assim que Tom chegou ao décimo primeiro andar, um alerta piscou dentro de sua cabeça: *Área restrita*. Ignorou o aviso. Seguiu pelo

corredor vazio, encontrou a sala dos oficiais e se acomodou numa cadeira.

Havia uma porta de acesso neural no meio da mesa, pronta para ser usada por Blackburn. Tom puxou o fio de acesso, conectou-o à porta e ligou a outra extremidade à entrada na nuca.

O servidor de internet dos oficiais surgiu diante de seus olhos, e Tom navegou por ele durante algum tempo, sem rumo, acostumando-se à sensação de usar apenas o cérebro para ativar os links. As imagens brotavam diante de seus olhos, muito mais limpas e abrangentes do que pareciam ser quando usava um visor de RV.

Não sabia ao certo como tinha feito para se conectar com o satélite imediatamente depois da instalação do seu processador neural, mas sabia que o processo tinha algo a ver com a ideia de passar de uma conexão à seguinte.

Tentou se concentrar no processador neural. Agora ele mal reparava no computador ligado ao seu cérebro, mas sim do quanto estivera consciente dele logo após o implante. Era algo que parecia tão estranho, tão alienígena antes. Se conseguisse se concentrar o bastante, ainda era capaz de detectá-lo, de sentir a máquina zumbindo em seu cérebro como uma entidade distinta, enviando impulsos elétricos a outro sistema, a interface central da Agulha.

E então, como se tivesse recebido uma descarga elétrica, Tom se viu, de uma hora para outra, arrancado do próprio corpo. Seus membros pareceram frios e distantes e seu cérebro se misturou à Agulha, uma grande e única fonte de energia, um edifício que servia também como transmissor dotado de um núcleo de fissão/fusão, enviando ao espaço sinais que...

O sinal arrastou Tom para cada vez mais longe de si mesmo, arremessando-o em direção aos satélites que orbitavam a Terra com seus impulsos elétricos de transmissão de dados, uma vasta sequência de zeros e uns que parecia não fazer sentido quando

inundava o cérebro dele daquela maneira. De repente, sentiu-se como uma coisa outra vez, singrando pelos sensores eletromagnéticos até...

Outro fluxo de dados o arrebatou, e ele se viu conectado às naves próximas à parte escura de Mercúrio, cuja superfície era registrada pelos sensores infravermelhos dos autômatos russo-chineses, flutuando na órbita, trocando sinais com as minas de paládio da Stronghold Energy que se conectava ao...

Servidor central da Fortaleza Sun Tzu, na Cidade Proibida, com duzentos e setenta processadores neurais registrados em sua rede interna, IPs que piscavam no cérebro de Tom...

Caiu de novo no próprio processador neural, retornando de modo tão abrupto ao corpo, que parecia ter sido golpeado por uma imensa mão cósmica. Ficou ali sentado, olhos fechados, a mão apertando a mesa, a respiração ofegante. Nada daquilo tinha sido fruto de sua imaginação, tampouco da primeira vez. Tinha mesmo enxergado com o *olhar* dos satélites. Mas as afirmações que fizera a Vik pareceram dignas de uma gargalhada. Não tinha apenas visto os satélites: havia olhado o interior do servidor da Fortaleza Sun Tzu... onde os Combatentes Chineses treinavam. Aquilo era... algo mais importante do que pensara. Não sabia ao certo o que pensar, para falar a verdade. Será que alguém já tinha pensado nessa possibilidade?

Voltou ao alojamento, ainda chocado com o que ocorrera. Vik ergueu os olhos do teclado.

– E aí?

Tom hesitou, sem saber o que dizer por um longo instante, lembrando-se das palavras de Vik: *Não existe no mundo um processador neural capaz de formar uma interface com qualquer máquina ao seu bel-prazer.*

Só que era exatamente isso o que tinha feito. Agora tinha certeza de que fora capaz de fazer aquilo.

Mas fosse o que fosse que tivesse acabado de fazer... era algo que ia muito além de uma disputa interna na Agulha. Nem sabia ao certo o que tinha feito, nem como.

Tom balançou a cabeça em negativa.

– Tem razão. Devo ter imaginado coisas.

TOM E VIK baixaram de uma só vez todos os arquivos da lição de casa durante a noite e, em seguida, tentaram sair pela porta do quarto. Nenhum dos dois conseguiu. Tom só se levantou quando Vik gritou:

– Acorde! Perdemos a sessão de exercícios físicos!

Tom ficou de pé num salto, sentindo-se estúpido e estranho. Ficou para trás quando Vik saiu correndo para a aula de matemática. Trechos da lição de casa da véspera não paravam de surpreendê-lo, aparecendo bem diante de seus olhos, confundindo-o, atraindo sua atenção para fatos irrelevantes que seu processador ainda não tinha organizado. Precisou de um minuto inteiro para lembrar que era necessário apertar o botão para chamar o elevador.

Quando enfim conseguiu entrar, deu de cara com Karl Marsters, que já estava lá dentro. Os dois congelaram por um segundo, chocados.

De repente, o cérebro de Tom pareceu pegar no tranco. Afastou a manga para mexer no teclado preso ao antebraço, digitando freneticamente. Percebeu que Karl fazia o mesmo.

Tom lançou seu vírus Andar Somente para a Direita enquanto Karl lançou o Exorcista.

O vírus Exorcista estava disponível para todos desde quando Alec Tarsus o tinha programado e, por isso, Tom abriu a boca para provocá-lo:

– Não foi capaz de criar o próprio vírus? – embora tivesse sido Vik quem houvesse recriado praticamente todo o código do Andar

Somente para a Direita. Só que, em vez disso, de seus lábios saíram apenas assustadoras palavras em latim.

– Peguei você – comemorou Karl, mas a alegria durou pouco. Quando tentou sair do elevador, virou à direita. Quando tentou ir para a esquerda, foi para a direita. Ele gritou e tentou mudar de direção, virando de novo para a direita.

Tom tinha planejado dizer *Cuidado para não ficar tonto*, em comemoração a seu sucesso, mas, em vez disso, ouviu-se falando com uma voz demoníaca:

– Vou cuspir no seu túmulo! – Cobriu a boca e deixou Karl prescrevendo direitas intermináveis no elevador.

Chegou à Sala Lafayette vários minutos atrasado. Vik ergueu os olhos na direção dele enquanto Tom se acomodava no banco ao lado de Vik.

– Já conseguiu endireitar as ideias?

– *Oladae holovii inuladus* – respondeu Tom.

– Credo. Foi exorcizado, é?

Por força do hábito, Tom tentou responder que sim. Em vez disso, a voz demoníaca voltou:

– Devorarei sua alma!

Lá na frente da sala, o dr. Lichtenstein pareceu se surpreender com o barulho. Vik abafou o riso enquanto Tom cobriu a boca com a mão para impedi-la de proferir novos versos em latim e promessas homicidas.

– Terminei de compilar o programa. Tudo certo para atacar a Bruxa Maligna esta noite? – perguntou Vik em voz baixa.

Tom acenou positivamente com a cabeça, mantendo a mão sobre a boca.

– Tem certeza? Esse aceno me pareceu um pouco relutante. Eu me sentiria melhor se ouvisse a resposta de sua boca, sim ou não. Por favor, responda em voz alta.

Tom olhou para o amigo com cara de quem não achava graça, consciente de que ele queria apenas exorcizá-lo um pouco mais, e respondeu com um gesto. Bastou um dedo.

VEIO A NOITE E, com ela, Tom e Vik deram o primeiro passo de seu plano: tapearam Yuri e o trancaram na Sala de Varredura, para que não pudesse impedi-los. Em seguida, os dois começaram a perseguir Wyatt feito dois caçadores furtivos. A Bruxa Maligna se acomodou no jardim interno, provavelmente para ler, como às vezes fazia. Esperaram até os últimos cinco minutos dos jogos de guerra para usar a armadilha, para que assim ela não tivesse chance de contra-atacar.

Às 1855, Tom fez para Vik um sinal de positivo.

– Chegou a hora. Vou atacar, Doutor.

Tom serviria como distração. Em menos de um minuto, Vik sairia das sombras e usaria o devastador programa da dupla, uma mistura de Exorcista, Nigel Harrison, Andar Somente para a Direita, Ataque Secreto do Ninja Indiano e, é claro, Peidos Frequentes e Barulhentos.

– Boa sorte, Doutor.

– Para você também, Doutor. – Ele esperou até que Vik se escondesse e, em seguida, começou a assoviar, caminhando na direção de Wyatt. Fez questão de soltar um gritinho de surpresa e horror quando a viu, sentada ao lado de uma planta, lendo um livro. Ela fechou o romance e ergueu o teclado.

– Espere, espere. – Tom levantou as mãos, agachando-se atrás de uma das plantas. – Nem sabia que você estava aqui.

Wyatt se manteve distante enquanto ele emergia de trás da folhagem.

– Não sabia?

– Juro que não. Vim aqui apenas para me esconder durante os minutos finais dos jogos de guerra. – Tom meteu as mãos nos bolsos. – Será que podemos manter a calma?

Wyatt abaixou o braço com o teclado.

– Cansou de lutar o tempo todo?

– Ah, sim. Estou farto de ficar o tempo todo em alerta à espera de um ataque... É muito cansativo. – Tom viu Vik se esgueirar por trás dela e lutou para conter o riso.

Wyatt franziu o cenho.

– Posso lhe fazer uma pergunta, Tom? É importante.

Tom hesitou e esperou um pouco antes de sinalizar a Vik que poderia entrar em ação.

– O que foi?

– É que eu queria saber... você acha que sou muito ou pouco burra?

– Hein? Como assim?

– Muito burra ou pouco burra? Pode me dizer. Numa escala de um a dez.

– Dez significa muito inteligente ou muito burra?

– Você adora lutar. Se pudesse, lutaria o tempo todo. Se eu tivesse de arriscar um palpite, diria que está apenas me distraíndo para que Vik possa se aproximar sorrateiramente e me enviar um vírus.

Atrás dela, Vik congelou onde estava. Tom teve um mau pressentimento. Haviam bloqueado o sinal do GPS de Vik para enganar o sistema de rastreamento da Agulha. Mas, era evidente, aquilo não fora suficiente.

– Mas é claro que – Wyatt pôs o livro de lado – nenhum dos dois percebeu que eu os atraí até aqui para um duelo final.

Enquanto Vik tentava entender a situação, Tom repetiu as últimas palavras:

– Um duelo final?

As coisas não estavam saindo como o planejado. Aquela deveria ser uma emboscada para ela, e não um plano dela para pegar os dois.

Com uma expressão sombria, Wyatt fez um sinal de positivo com a cabeça.

– Sabe, Tom, quando vocês caíram na minha armadilha, sabia que você tentaria me distrair se aproximando de mim. Contava com isso. Na verdade, praticamente ajeitei as circunstâncias para atraí-los. Sei que devem estar se perguntando como eu fiz isso e, portanto, vou explicar em detalhes. Primeiro, eu...

São 1900. Os jogos de guerra estão encerrados.

Tom não acreditou na mensagem que recebera em seu cérebro. Ficou imóvel, em estado de choque.

Vik deu alguns passos vacilantes para frente.

– Mas o quê... Como...

Quando Tom voltou a olhar para Wyatt, percebeu que ela sorria de orelha a orelha.

– Peguei vocês dois.

– Claro que não – protestou Vik. – Você estava prestes a nos prender numa armadilha diabólica. Você mesma disse. Só que o seu tempo acabou.

– Pensei mesmo que eu os tivesse atraído para cá? Uau. Claro que não. Yuri me enviou uma mensagem particular avisando que vocês o tinham prendido na Sala de Varredura e, com isso, concluí que em seguida viriam atrás de mim. Não tenho nenhum programa decente pronto para o ataque e, por isso, decidi que o melhor seria distraí-los com uma conversa até que o tempo se esgotasse.

– Espere um pouco, como assim? – perguntou Tom. – Desperdiçamos a chance de usar nosso programa mortal?

– Exatamente. Sabe o que isso pede? – Wyatt ergueu os braços e pôs as mãos ao lado da cabeça, com os dedos tensos como se

fossem garras monstruosas.

– Um ataque de urso? – Vik tentou adivinhar.

Wyatt deixou as mãos penderem.

– Estou me exibindo.

– Parece mais uma imitação de urso. – Vik olhou para Tom, na esperança de que ele entrasse na brincadeira.

– É melhor fechar as mãos e erguê-las acima da cabeça da próxima vez – explicou Tom. – Só depois você diz uma daquelas frases do tipo *Ei, sou a melhor*. É assim que se faz uma comemoração de verdade.

– E o que acham disto? – disse Wyatt. Ela pôs as mãos na cintura, pigarreou e disse: – Preciso perguntar algo a vocês, algo muito importante. – As palavras dela soavam pouco naturais, como se fossem uma cena que ela tinha ensaiado muitas vezes na frente do espelho.

Vik pôs uma das mãos sobre os olhos.

– Será que precisamos mesmo nos sujeitar a tamanha vergonha, Doutor?

– Ela venceu, cara – disse Tom.

Com um suspiro, Vik deixou a mão cair, voltou-se para Wyatt e decidiu cooperar.

– Qual é a pergunta, Wyatt?

– Como é o gosto da derrota? – disse Wyatt, deliciando-se. – É amargo? Sabem, estou curiosa porque não tenho experiência nessa área, mas vocês têm... – Ela deixou a frase pairar no ar, e Tom fez uma careta.

– Está bem, isso é se exibir com estilo. O nome mais apropriado é *esfregar na cara*.

Vik balançou a cabeça, frustrado.

– Eu a declaro a vencedora do dia, Bruxa Maligna.

Então, foram surpreendidos por uma voz.

– Estou desapontado.

Tom deu um salto tão alto que quase caiu de costas num tomateiro. Vik soltou um gritinho. Wyatt congelou, como um animal pego pelos faróis de um carro ao atravessar a estrada, olhando para o tenente Blackburn enquanto ele saía do seu esconderijo.

– Estava aqui torcendo – falou Blackburn, esfregando as mãos –, esperando pelo programa terrível que você usaria contra eles, mas o fim foi frustrante em vez de bombástico. Bem, há um consolo, ao menos agora posso anunciar o vencedor da competição.

Vik deixou os ombros caírem.

– A Divisão Aníbal, certo?

– Errado, sr. Ashwan. – Ele tinha um sorriso descontraído no rosto. Apontou os dois polegares para o próprio peito. – Eu. *Eu* venci. Havia um motivo bastante simples para desejar esses jogos de guerra: queria que a minha hacker misteriosa se revelasse.

Wyatt congelou.

– E você não me desapontou, srta. Enslow. Depois de todo esse tempo sendo tão cuidadosa... O que foi que a fez mudar de ideia? Foi contagiada pelo espírito competitivo? Ou talvez estimulada por seus colegas? Era o que eu esperava que ocorresse.

– Não foi ela que... – tentou Tom.

– Tudo bem, Tom – falou Wyatt. Ela deu de ombros, resignada. – Já estava cansada disso, está bem? O senhor tem razão. Fui eu desde o começo... E agora, o que vai acontecer?

– Bem, vejamos. – Ele cruzou os braços e pareceu pensar na resposta. – Invasão de um banco de dados confidencial, para não falar em alteração de conteúdo... Tenho quase certeza de que algo assim é ilegal. Posso informar o general Marsh para que ele possa preparar as acusações formais. É claro que ele terá de remover seu processador neural se for condenada: não há lugar na Agulha para criminosos. Você já tem o processador há bastante tempo; a

remoção dele pode prejudicar algumas de suas faculdades mentais, mas estou certo de que as recuperará com o tempo. Posso afirmar que a sentença não deve ser de muitos anos na prisão, levando-se em consideração sua idade. Você apenas mexeu onde não devia, sem cometer nenhum ato de traição e, por isso, duvido de que seja condenada a ir para uma das piores prisões. E sua ficha será limpa quando completar dezoito anos.

Wyatt estava agora totalmente pálida, os olhos arregalados. Tom tinha a sensação de ter algo queimando dentro do peito. Lutou contra a vontade de sair correndo e acertar um murro no rosto de Blackburn.

– Mas há uma saída – disse Blackburn. – Podemos tirá-la da aula de programação, que por sinal não está avançando no ritmo acelerado de que você necessita, e incumbi-la de fazer pequenas atualizações no sistema da Agulha, conforme minha orientação.

A boca de Wyatt se moveu, sem emitir nenhum som. Ela parecia ter desaprendido a falar.

– A escolha é sua, srta. Enslow – acrescentou Blackburn.

– Bem, fico com a segunda opção – falou ela, animada. – É o que eu teria feito, mesmo sem a primeira opção.

– Claro – disse ele –, e eu também teria feito essa proposta antes, se, digamos, *alguém* tivesse me revelado sua identidade logo no primeiro dia em que chegou à Agulha. – O olhar dele se voltou para Tom. – Detesto ver tamanho talento ser desperdiçado.

Tom não conseguia tirar os olhos dele. Não se conformava em ter se esforçado tanto para proteger Wyatt de Blackburn... *sem* nenhum motivo.

– Vá para a minha sala, Enslow. Vamos preparar um cronograma.

– Claro. Tudo bem. Claro. – Wyatt passou por ele, apressada. Logo passou a correr em direção à porta.

Blackburn esperou até que ela tivesse saído do jardim interno para se voltar para Tom e Vik. Os dois permaneciam petrificados no lugar. Vik lançou um olhar comprido na direção de Wyatt, como se quisesse fugir atrás dela, sem contudo poder se mexer.

– Sr. Raines, se eu fosse menos nobre, esfregaria este momento na sua cara. – Ele fez uma breve pausa. – Na verdade, não sou tão nobre assim. Esta deve ser uma conclusão bastante amarga para você: perceber que poderia ter evitado todo aquele episódio constrangedor no primeiro dia. Não é mesmo, sr. Ashwan?

Vik assumiu prontamente a posição de sentido.

– Sim, senhor!

Tom olhou para Vik, boquiaberto. Traidor.

– Bom menino, Ashwan. – Blackburn se inclinou na direção de Tom e apontou para Vik. – Eis aqui um rapaz esperto que vai progredir na vida. Aprenda com ele. – Com essas palavras, Blackburn deu meia-volta e deixou os dois no jardim interno.

Assim que o professor saiu, Tom meteu as mãos nos bolsos e se voltou para Vik.

– *Sim, senhor?* – ele imitou as palavras do amigo. – Por que não aproveitou para se oferecer para fazer uma faxina na sala dele?

Vik deu de ombros, sem nenhum constrangimento.

– No fim das contas, ele é nosso oficial superior, e eu quero um dia me tornar um dos combatentes. Admita, Tom, é o que você também deseja. – Ele estendeu o braço e pôs a mão sobre o ombro do colega. – Acabou. Ele venceu. Pense um pouco: não precisa mais proteger a Wyatt. As coisas vão ser mais fáceis agora.

TOM PASSOU os dias seguintes muito desconfiado de que Blackburn estava dando a Wyatt uma sensação de falsa segurança, antes de surpreendê-la com alguma novidade desagradável. Mas logo tornou-

se evidente que todas as dificuldades que ele tinha enfrentado para proteger o segredo dela haviam sido mesmo desnecessárias.

Wyatt começou a passar três dias por semana trabalhando no escritório de Blackburn, formatando processadores neurais antigos e depois explicando a eles cada detalhe dessas tediosas operações durante o jantar.

– É interessante poder usar a linguagem Zorten II num processador – ela contou enquanto jantavam. – Vejo como seria extremamente trabalhoso formatar cada processador neural individualmente. Os processadores são projetados de maneira que seria preciso formatar cada um dos seus diretórios para apagar as informações que eles contêm...

– Como assim, formatar processadores neurais antigos? – interrompeu Vik, entre as garfadas de sua torta de frango.

– São os processadores de todos aqueles adultos do primeiro grupo de testes, aqueles que morreram. Depois da morte deles, os processadores foram extraídos da cabeça... – Vik começou a engasgar com a comida – ... e, agora, o equipamento é reformatado para ser inserido na nossa.

– Eles nos equipam com processadores neurais reaproveitados? – indagou Vi, perplexo.

– Sim – respondeu ela, piscando com naturalidade, como se não conseguisse entender o motivo da surpresa dele. Wyatt apanhou o copo d'água e o segurou nas mãos, pensativa. – Não há problema nisso, eu garanto. Os processadores têm a memória interna completamente apagada. Imagine como seria se a memória continuasse intacta! Receberíamos um processador neural que teria armazenada dentro de si a personalidade de outra pessoa.

Tom parou de comer o bolo de carne e olhou para ela.

– Algo desse tipo pode acontecer?

Wyatt acenou com a cabeça, confirmando.

– Quando recebemos o processador, nossas lembranças passam a ser armazenadas na memória dele, e não mais no cérebro. Eu diria que uma parte de nós é de fato armazenada no processador neural. Blackburn me disse que é assim que conseguem embaralhar os pensamentos de Yuri. – Ela lançou um olhar rápido para Yuri, que parecia não ouvir nada daquela conversa enquanto comia sua salada. – Instalaram nele um programa malicioso que baixa fragmentos de lembranças armazenadas em outros processadores, misturando tudo àquilo que ele ouve. É por isso que, às vezes, ele entende algumas coisas, mas em outras, não.

Tom olhou para Yuri, que tinha o olhar levemente vazio, e sentiu-se um pouco perturbado ao pensar no que estava ocorrendo dentro da cabeça do colega.

– Blackburn me mostrou também um dos cérebros – prosseguiu a garota. – Pertencia a um dos adultos, que conseguiu sobreviver por quase três anos à base de remédios para tratamento de epilepsia. Olhando atrás do lobo frontal e do córtex límbico, dá para ver que o restante do cérebro se atrofiou. Parece mais uma casca enrugada.

A expressão horrorizada de Vik foi tão intensa que Tom começou a rir.

– Wyatt, estamos comendo – disse Vik, indicando o prato diante de si na tentativa de fazer com que ela mudasse de assunto até ele terminar a refeição.

– Está com dor de barriga? – perguntou Tom.

– Desejo a você uma morte lenta, Tom. – Vik lhe lançou um olhar de ódio enquanto punha na boca outra garfada de torta.

Wyatt esperou até que Vik começasse a mastigar.

– Não era bem uma casca enrugada. Parecia mais um monte de cogumelos moídos.

Vik engasgou outra vez.

– Na verdade – acrescentou Wyatt –, acho que o cérebro pertencia à pessoa que tinha o *seu* processador, Vik.

Vik cuspiu a comida.

Wyatt sorriu.

– Brincadeirinha.

– Você se torna uma Bruxa cada vez mais Maligna a cada dia que passa – acusou Vik, jogando o guardanapo sobre o prato e desistindo de terminar a refeição.

Yuri saiu do transe com o comentário de Vik.

– Isso é verdade – concordou, encantado.

Desde que tinha admitido gostar de Wyatt, Yuri começara a tentar descobrir se a garota também sentia o mesmo por ele, dando dicas seguidas do quanto estava interessado nela. Tom e Vik achavam aquilo tudo cômico e fascinante, vendo Yuri fingir um bocejo e, discretamente, tentar pôr o braço ao redor dela na sala de aula... ao que ela respondia, sem nada perceber, com o comentário de que ele estava invadindo o espaço dela. Yuri a convidava para ir ao cinema, mas ela retrucava que o filme escolhido era péssimo.

Demorou uma semana para que Yuri obtivesse uma vitória: havia conseguido convencê-la a ir ao museu. Infelizmente, Wyatt pareceu não entender que se tratava de um encontro a dois, pois perguntou a ele se Tom e Vik iriam acompanhá-los.

– Claro, é claro que vamos – disse-lhe Tom, rindo sem nenhum constrangimento do olhar de alerta de Vik. Tinham apostado entre si para ver se Yuri conseguiria algo com Wyatt, e Tom perderia a aposta se os dois comessem a namorar tão cedo.

Assim, quando chegou o sábado seguinte, os dois ficaram poucos passos atrás de Yuri e Wyatt na visita ao Smithsonian.

– Não vale sabotar o relacionamento – Vik informou Tom, enquanto passavam pela exposição dos homens das cavernas.

– Qual é. Eles dois são os maiores sabotadores desse relacionamento.

– Ah! Lá vai ele – alertou Vik, segurando Tom pelo braço para detê-lo.

Eles se agacharam atrás de um falso tigre-dentes-de-sabre, fora da vista dos dois. Wyatt olhava fixamente para o esqueleto de um mamute, e Yuri olhava fixamente para ela. A determinação inundou seu rosto. O garoto se inclinou para baixo, pronto para tomá-la nos braços, mas Wyatt se virou no mesmo instante, batendo a testa contra a dele.

Tom não conseguiu conter o riso. Vik pôs a mão sobre a boca dele para abafar o barulho.

A voz de Wyatt ecoou pela sala.

– Ai! Que ideia foi essa de me dar uma cabeçada?

– Mas eu... Eu só estava...

Tom caiu no chão, rindo tanto que ficou à beira da asfixia. Não era capaz nem de se levantar. Era impossível. Parecia prestes a morrer, ali mesmo, engasgado com o próprio riso. Vik o arrastou para fora da sala e deixou que o amigo desabasse no chão outra vez. Depois se afastou um pouco, gesticulando para que Tom parasse de rir... mas também foi vencido.

– Essa foi... – engasgou Vik, tentando dizer algo – ...foi a coisa mais... mais *Enslow* que já vi.

Tom pôs as mãos nas costelas, que já doíam.

– É melhor pagar a aposta, Vik. Preserve sua dignidade.

O público do museu começava a reparar nos dois. Vik se pôs de pé. Tom também fez esforço para levantar, a barriga protestando com dor.

– Não vou desistir, Raines. Yuri é capaz de tentar outra vez. O dobro ou nada: aposto que o Androide consegue beijar a Mãos de Homem ainda esta noite.

– Quer mesmo me pagar o dobro? A única coisa que Yuri vai conseguir é... – Tom parou de falar antes de completar a frase.

Wyatt estava bem à porta, encarando-os com o rosto pálido. O riso sumiu da boca de Vik e, de repente, Tom teve a sensação de ser o maior babaca do mundo.

Ela lançou um olhar frio para onde Yuri estava e, em seguida, voltou a encará-los.

– Entendi – disse ela. – Desconfiei de que houvesse algo errado quando começaram a me convidar para ir com vocês nos passeios e sentar perto no refeitório. Agora entendi tudo. Imagino que seja uma piada engraçadíssima, não?

Tom piscou algumas vezes. Espere um pouco, por acaso Wyatt pensava que os *três* estavam brincando com ela?

Yuri apareceu à porta, logo atrás dela.

– O que acham de...

Wyatt girou o corpo e o empurrou para longe.

– Suma daqui!

O rosto de Yuri se encheu de mágoa.

– Procure outra pessoa para ser o alvo das brincadeiras dos seus amigos! – Ela deu meia-volta e saiu da sala, pisando duro.

Tom ficou parado por um instante, congelado onde estava, e Yuri esfregou a mão na testa, olhando para ela sem saber o que fazer. Vik olhou para Tom e, bem baixinho, perguntou:

– Você?

Tom suspirou.

– Pode deixar comigo. – Deu meia-volta também e foi atrás de Enslow.

ELE ALCANÇOU Wyatt fora do museu, já na calçada, limpando o rosto com a manga da blusa Tom nunca tinha pensado que ela seria do

tipo que chorava, e estava mesmo se sentindo como se fosse a pior pessoa da face da Terra.

– Ora, Wyatt, vamos. Não chore.

Ela deu um salto.

– Não estou chorando! É uma reação alérgica. – Ela partiu em direção à estação de metrô, e Tom a seguiu.

– Você não pode ir embora desse jeito.

– Não sou burra. – Ela se virou para encará-lo, furiosa. – Sei que as pessoas não gostam de mim. Mas pensei que Yuri... Pensei que *você* fosse diferente.

– Yuri é diferente. Ele é um bom sujeito. E eu... bem, eu não... Ora, vamos! Vik e eu somos apenas uns de idiotas. Essa história de aposta não foi nada. Era só uma brincadeira. Yuri nem sabia disso. Não queremos chateá-la. É impossível que não tenha percebido ainda que ele gosta de você.

– De mim – ela falou, com expressão de descrença.

– Isso mesmo. Não acredito que ainda não tenha percebido. Ele nem ajudou a gente quando resolvemos atacá-la durante os jogos de guerra.

– Mas Vik me chama de Mãos de Homem.

– Isso é algo que nós, seres humanos, chamamos de tirar sarro. Vik inventa apelidos para quase todo mundo. Vou repetir: Vik e eu, dois idiotas, entendeu? Não quer dizer que todos os rapazes do mundo pensam a mesma coisa. E a ideia é que você contra-ataque, entende? Sei lá, diga ao Vik que ele acha isso porque tem mãos delicadas, de menininha. É assim que funciona. Além disso, nunca ouvi Yuri chamar você assim. Aposto que ele acha suas mãos adoráveis. Já viu as mãos dele? – Tom ergueu as palmas. – Parecem capazes de envolver a cabeça toda de uma pessoa.

Ela parou de andar, aparentemente refletindo sobre o que Tom dissera.

– E o que devo fazer agora?

– Ora, volte lá e... Sei lá, converse com Yuri. E... não brigue com ele. Algo assim.

– Mas e a sua aposta?

Tom coçou a nuca.

– Você gosta do Yuri? Se a resposta for não, é melhor avisá-lo logo. Se for sim... Paciência, eu perco trinta pratas. Não será um grande problema.

Ela passou a oscilar o peso do corpo entre uma perna e outra, respirando fundo algumas vezes, como se se preparasse para dizer algo. Então seus olhos escuros se encontraram com os de Tom.

– E você, acha que eu deveria ficar com ele?

– Não posso responder.

– Claro que pode. Acha que ele é mesmo o rapaz com quem eu deveria sair? Você apostou que não ficaríamos juntos. Teve algum motivo para isso? – Ela o encarava com uma intensidade estranha. Tom devolveu o olhar, sem entender, enquanto o rosto de Wyatt corava. – Não quero cometer um erro, é só isso – murmurou a garota, olhando para o chão. – Não quero fazer algo errado, sabe?

– Wyatt – disse Tom, rindo e estendendo a mão para cutucá-la no ombro. – Não é um pedido de casamento.

Ela ficou vermelhíssima, e se afastou dele.

– Certo. Certo. Vou até lá dizer a ele que sim. Está bem?

Tom a observou se afastar, imaginando qual seria o motivo de tanta irritação diante do fato de um sujeito querer chamá-la para sair. Se Tom um dia descobrisse uma garota interessada nele, não perderia a oportunidade.

TOM NÃO VOLTOU para o museu. Pensou que seria melhor dar a Wyatt e Yuri uma oportunidade para fazer o que quer que fossem fazer. Conhecendo Vik, imaginou que ele ficaria por perto apenas o suficiente para ter a certeza de que tinha ganho a aposta e, em seguida, viria atrás de Tom para esfregar sua vitória na cara dele.

Assim, Tom se acomodou no meio-fio, apoiando o queixo nas mãos e os cotovelos nas coxas, esperando por Vik. Foi pego de surpresa quando uma limousine se aproximou, diminuindo de velocidade até parar. De dentro, uma voz familiar o chamou:

– Tom! Tom Raines. Olá, rapaz!

Argh. Ele conhecia bem aquela voz.

Tom levantou a cabeça.

– O que está fazendo aqui, Dalton?

– Soube que tinha vindo para cá. Estava à sua espera. Entre aqui.

– Dalton fez um gesto chamando Tom para dentro da limusine.

– Estou ocupado.

– Não está, não. Já faz muito tempo que estou esperando. Vamos.

– O que você quer?

– Não seja grosseiro. Tive de pedir a Karl Marsters que rastreasse a localização do sinal do seu GPS – respondeu Dalton. – Queria muito uma oportunidade para falar com você. Entre.

O motorista deu a volta no veículo para abrir a porta. Tom se lembrou de que Dalton trabalhava para a Dominion Agra. Não poderia simplesmente mandá-lo passear.

Olhou para o museu: nenhum sinal de Vik ainda. Então, sentou-se no banco de trás e relaxou, sem tirar as mãos dos bolsos.

– Não posso ir muito longe.

– Sem problema – Dalton acenou para o motorista, e logo cruzavam as movimentadas ruas de Washington, DC. Ele se serviu de um líquido escuro e, em seguida, ofereceu a garrafa a Tom.

– Uísque?

Tom balançou a cabeça.

– Proibido.

– Acha que o expulsariam da Agulha por causa disso? Sei que eles têm regras, mas basta um recado meu para que olhem para o outro lado.

– Não gosto de bebidas alcoólicas. – Bastava o cheiro para lhe causar enjoo.

Dalton o encarou, compreendendo tudo.

– Faz você lembrar do seu velho, não é?

Os punhos de Tom se cerraram com tanta força que ele sentiu os dedos latejando. Imaginou quebrar aquele copo na cabeça de Dalton.

– Bem – disse Dalton, gesticulando com as mãos como se quisesse mudar de assunto –, já tivemos a oportunidade de conversar, Tom, a respeito da possibilidade de receber o patrocínio da Dominion Agra no futuro.

– É mesmo, mas continuo sem entender – interrompeu Tom. – Sou apenas um plebeu. Não estou nem no nível intermediário. Estou longe de chegar ao nível da ComCam.

– Esse tipo de coisa começa mais cedo do que você pensa. A Dominion já desperdiçou a chance de cortejar combatentes antes e se arrependeu quando viu as rivais disputando-os. Decidimos que é melhor começar a formar os laços de lealdade o quanto antes.

Tom logo entendeu. Soltou uma risada.

– Deixe-me ver se é mesmo o que estou pensando: quando alguém chega perto de se tornar um combatente e precisa escolher um patrocinador, vocês não costumam ser os escolhidos, certo? Humm. O que será que afasta os candidatos de vocês, Dalton? O fato de ser você o representante da Dominion, ou toda aquela história do genocídio?

A mão de Dalton apertou o copo com força.

– Acredite, Tom: se quiséssemos, teríamos muito mais combatentes amanhã mesmo. Mas queremos os *melhores*. Aqueles que nos impressionam. Se começássemos a trabalhar com alguém desde a fase de plebeu, por exemplo – ele proferiu as últimas palavras com ênfase –, teríamos tempo mais do que suficiente para prepará-lo e fazer dele o combatente refinado e habilidoso que procuramos.

– Refinado e habilidoso. Como Karl Marsters.

Dalton fez uma careta.

– Karl é uma questão completamente diferente. E, quanto à *acusação* que você fez...

– Está falando da história do genocídio?

– O que houve no Oriente Médio está longe de ter sido um genocídio.

– Que eu saiba, assassinar um bilhão de pessoas é genocídio.

– Genocídio é a destruição sistemática de um grupo de pessoas por causa de sua nacionalidade ou raça. Algo intencionalmente maligno. O que nós fizemos não foi maligno. A região inteira estava envolvida no roubo deliberado e repetido de nossa propriedade... Afinal, gostando ou não, tudo aquilo que se come é nossa propriedade, e os agricultores daqueles países jamais concordariam em nos pagar a taxa de licenciamento. Se uma região do mundo puder nos roubar e continuar impune, não vai demorar para que todos pensem que podem fazer o mesmo e, em seguida, nossa

empresa irá à falência. Não houve nada de intencionalmente maligno no que fizemos. Foi apenas uma decisão de negócios para manter a Dominion Agra viável em termos econômicos.

– Tenho certeza de que as vítimas estão felizes por não terem sido mortas de maneira intencionalmente maligna.

– Veja bem, nós até admitimos que aquilo foi uma tragédia terrível. Lamentamos até hoje que tenham nos obrigado a dar tal solução. Mas pense no resultado: aquela região estava envolvida em tantos conflitos que o planeta jamais teria paz se não fosse por aquelas bombas. Nenhuma vida foi perdida na guerra desde que neutralizamos a área. Aquelas bombas de nêutrons tornaram possível o mundo de hoje.

– Ora, é claro que ninguém mais morre na guerra – exclamou Tom. – Não existe alternativa se a Coalizão é dona de todos os governantes. E ninguém vai atacá-los se a alternativa é ser varrido da face do planeta.

– Parece um dos discursos do seu pai.

– Não é nada disso. Sou eu que estou dizendo – Tom se deu conta. – Sou eu mesmo que estou dizendo não. Nunca. Jamais ajudaria a Dominion Agra. Nem que fosse minha única chance de entrar para a ComCam, eu jamais faria isso. – Ele olhou para a cidade do lado de fora da janela, percebendo que havia algo muito errado. Notou também que estavam mais longe do museu do que ele pensava. – Quero descer, Dalton. A resposta é não, e é definitiva. Nossa conversa acabou.

– Não seja ridículo, Tom. Não estou aqui para pedir que decida hoje.

– Pode ser, mas eu decidi hoje.

– Está bem. – Dalton levantou o copo na direção dele. – Você decidiu hoje. Mas este encontro não é para tratar daquilo que você pode fazer por nós. É sobre aquilo que nós podemos fazer por você.

– Não há absolutamente nada que você possa fazer que seja capaz de mudar minha opinião.

– É claro. Claro. Quero apenas que veja algo. É tudo que estou pedindo.

A limusine parou e Dalton esperou até que o motorista abrisse a porta, como se abrir a porta de um carro fosse uma tarefa indigna para ele. Tom abriu a sua e desceu. Dalton saiu em seguida, deixando a porta aberta para que o motorista a fechasse. Estavam numa rua sombreada, onde o ar úmido envolvia as árvores ao redor. Tom viu a redoma do Capitólio a certa distância.

Havia uma porta em uma construção abandonada, com uma placa presa a ela: SEGURANÇA PARTICULAR.

– Vamos, Tom. – Dalton apontou para a placa. – Isso quer dizer que estão abertos hoje. Quando a placa diz CUIDADO COM O CÃO, significa que estão fechados. O que acha do ambiente suburbano de classe média? É nossa ironia mais engraçada.

Argh. Já bastava. Tom queria dar o fora dali naquele instante.

Dalton desceu a escada em espiral e seus passos ecoaram. Tom olhou para a rua, mas não viu nenhuma estação de metrô nem ponto de táxi. Suspirou e desceu devagar as escadas atrás dele. Daria uma rápida olhada no que quer que Dalton quisesse lhe mostrar e, em seguida, pegaria uma carona de volta para onde estavam seus amigos.

Quanto mais desciam rumo ao interior da construção, mais portas transpunham e mais elegantes as escadas se tornavam. Foram de madeira velha até mármore, e as portas, de compensado de madeira no começo, logo se tornaram de carvalho entalhado. No fim da escadaria, Dalton aproximou o olho de um leitor de retina. O revestimento da parede se acendeu, e uma grade de aço se abriu para permitir a entrada dele na sala seguinte.

Viram-se em um salão amplo com um bar de vidro polido, uma imensa tela no teto e paredes que projetavam a imagem de uma interminável paisagem verde, com mesas separadas umas das outras por divisórias, em torno das quais vultos humanos conversavam.

Dalton indicou tudo aquilo com um gesto abrangente dos braços.

– Este, Tom, é o Beringer Club. É aqui que a elite vem relaxar em Washington, DC. A classe política, os membros da Coalizão que estiverem na cidade, embaixadores estrangeiros e as figuras poderosas mais importantes do mundo das quais talvez você não tenha nem mesmo ouvido falar. Em essência, falamos do um por cento mais importante. E agora você será bem-vindo aqui. Como recruta da Agulha, você tem uma Moeda-Medalha, não?

Tom pôs a mão nos bolsos e sacou a medalha estampada com a insígnia das Forças Intrassolares dos EUA.

Dalton apalpou o objeto com seu dedo elegante.

– Esta é a sua chave para entrar aqui, Tom. Sempre que quiser vir, sinta-se à vontade. Tudo que quiser aqui dentro, pode pedir sem se preocupar com o preço. Eu cuidarei da conta. Considere esta a primeira de muitas chances de se misturar às pessoas certas.

– Na verdade, sou mais do tipo que prefere as pessoas erradas – comentou Tom, olhando ao redor. Havia placas indicando onde ficavam os diversos luxos oferecidos pelo lugar: sauna, quadras de tênis, banheiras de hidromassagem, além de várias outras coisas que não despertavam o mínimo interesse em Tom.

Ele se virou para dizer isso a Dalton, mas então viu o painel de RV numa parede distante.

Dalton riu.

– Ah, temos aquilo também. São para os filhos dos congressistas. Às vezes recebemos aqui gente vinda da Agulha. É por isso que

temos salas particulares com acesso a ambientes de RV. E até portas de acesso neural.

– Como é? Quer dizer que posso me conectar aqui?

– Há membros da Companhia Camelot que vêm aqui o tempo todo, Tom. Eles gostam de privacidade. Todas as transmissões da Agulha são monitoradas. Algo que atrapalha um pouco quando se está, por exemplo, num encontro com a namorada ou explorando determinadas simulações. – Ele se aproximou, rindo. – Afinal, eu me lembro de como é ser adolescente.

Tom entendeu o que aquele comentário implicava e não gostou nem um pouco do sorriso asqueroso que Dalton tinha no rosto. *Este é o sujeito que namora minha mãe*, pensou, enojado.

– E você está me abrindo as portas para tudo isso apenas porque tem um coração generoso?

– Isso mesmo – respondeu Dalton. – Gosto de pensar que um gesto de generosidade leva a outro gesto recíproco.

Em outras palavras, ele queria que Tom fosse até lá, acumulasse uma dívida e se sentisse obrigado a pagá-la, provavelmente com juros. Tom voltou a olhar para a sala que continha as portas de acesso. Imaginou que poderia ser útil contar com uma maneira de acessar a internet livre do monitoramento, mas estava em dúvida. Havia algo naquele lugar que lhe dava arrepios. A ausência de janelas, os vultos conversando em voz baixa em mesas protegidas por biombos e as barras de aço do portão davam-lhe a impressão de que aquilo era algo muito pior do que um clube para ricos.

– Está bem, obrigado por me mostrar. Agora vou voltar lá para cima.

Mas Dalton fez um gesto para um dos funcionários do lugar, um sujeito de cabelo à escovinha de pescoço largo.

– Hayden, pode mostrar ao sr. Raines a sala particular de acesso neural? Depois disso, leve-o de volta ao Pentágono.

O tal Hayden acenou com a cabeça, confirmando.

Irritado, Tom seguiu o homenzarrão.

– Não precisa me levar de volta. Consigo encontrar uma estação de metrô.

O gigante se afastou para que Tom pudesse entrar no ambiente particular de acesso neural. Tom correu os olhos por aquele espaço. Era mesmo bacana. Melhor do que o da Agulha, com aqueles colchonetes improvisados: ali havia poltronas de encosto móvel que, ao que lhe parecia, deveriam custar o salário de um ano de uma pessoa comum.

– É mesmo fantástico. Agora, é melhor eu...

Mas Hayden avançou na direção dele, e a massa de seu corpo foi o bastante para fazer Tom entrar na sala. O sujeito mais parecia uma parede ambulante. E, quando Tom tentou se afastar, viu-se agarrado pelo homem, que o levava para perto da poltrona.

– Espere, espere aí – gritou Tom, lutando contra as mãos fortes. – O que está fazendo? Me solte!

Dalton apareceu à porta, por trás do ombro da parede humana.

– Precisa de mais um par de braços, Hayden? Posso chamar mais alguém.

– Tudo bem, já o apanhei. – Hayden esmagou Tom contra a poltrona com tanta força que o garoto ficou sem fôlego. Depois, uma enorme mão o agarrou pelo queixo antes que Tom pudesse afastar a cabeça. Ele tentou chutar Hayden – a sensação era a mesma de chutar uma parede, sem surtir nenhum efeito – e sentiu algo familiar cutucando sua nuca. Foi então que o fio chegou ao tronco encefálico.

Tom sentiu a visão escurecer e toda a sensação se esvaír de seus membros. Era como se conectar durante as sessões de simulação aplicada, mas Tom não mergulhou num mundo diferente. Não havia simulação da qual pudesse participar. Apenas a familiar sensação de

ter os membros paralisados e os sentidos entorpecidos. Hayden o virou de costas. Tom sentiu o terror crescendo dentro do peito. O que queriam com ele?

Hayden o soltou. Tom se esforçou para abrir as pálpebras.

– O que... o que...

– Devo começar, senhor? – A voz de Hayden era grave.

– Deixe tudo pronto – disse Dalton. – O garoto não está cooperando, portanto é melhor começarmos por essa parte. Algumas modificações comportamentais para facilitar as coisas. – Aproximou-se para ver o que Hayden digitava. – Isso mesmo, o pacote de preparação. Esse mesmo. Quanto tempo deve levar, umas quatro horas?

– Aproximadamente. Não recomendo instalar outros pacotes hoje. Não queremos que ele desapareça por muito tempo.

– Certo. Podemos instalar mais pacotes depois que ele voltar à Agulha. Tenho alguém lá que pode nos ajudar. E não se esqueça de implantar a compulsão de voltar aqui na próxima semana para que possamos prosseguir com as instalações.

Tom sentiu uma pontada de pânico e tentou se mexer, querendo se desvencilhar. Era impossível.

– Dalton, o que está fazendo comigo?

Dalton tirou um charuto do bolso.

– Você sempre me chama de “Dalton”. Isso revela certa falta de respeito, Tom. De agora em diante, vai me chamar de “sr. Prestwick”.

– Solte-me, *Dalton*, ou eu juro que vou matar você!

Dalton acendeu o charuto, cuja brasa cortou a escuridão. Tom ouviu o som de rodas se aproximando, alguém trazendo uma cadeira para Dalton. Ele se acomodou ao lado de Tom e cruzou as pernas.

– Não tenha medo, Tom. Não vai doer. – Ele deu de ombros, pouco se importando. – Ao menos, é o que me dizem.

– Por que está fazendo isso? – Tom se esforçou para ver Hayden, que digitava alguma coisa num teclado. Alguma coisa que ia acabar dentro do cérebro dele. Tal pensamento o deixou transtornado. O que é que iam instalar nele?

Dalton riu. O odor de charuto preencheu o ar.

– Ora, garoto. Pensou mesmo que estivesse lhe apresentando uma escolha? Pensou? Será que é tão ingênuo assim?

Tom sentiu a fúria crescendo dentro do corpo. Ele ia matar Dalton. Ia mesmo. Assim que pudesse se mexer.

– Solte-me, ou juro que vou enfiar esse charuto na sua garganta!

– Vamos soltá-lo, Tom. Vamos soltá-lo muito em breve. E então você será um menino muito mais comportado. Há muito que precisamos mudar em você antes que possa trabalhar para nós.

– Não vou trabalhar para vocês!

– Silêncio, Tom. Garanto a você que vai, sim. É muita sorte sua se tornar um ativo valioso da nossa empresa. E sei que há alguém na Agulha cuidando dos seus interesses, porque o general Marsh já apresentou seu nome à Comissão de Defesa, dizendo que você é um recruta promissor no qual vale a pena prestar atenção.

Por um instante, Tom ficou surpreso demais para lembrar que estava com medo.

– Ora, jamais pediríamos a você que representasse a Dominion Agra enquanto tivesse reservas em relação à nossa empresa. – Dalton tocou na testa de Tom. – Por isso, Hayden vai instalar alguns dados para corrigir certas opiniões equivocadas que parece ter a nosso respeito, herdadas do seu pai. Depois que tudo isso terminar, eu e você seremos grandes amigos.

– Não seremos, não.

– Seremos sim. E pense nisto. – Deu um soco leve no braço dele, provocando-o. – Se o patrocinarmos, é certeza que vai acabar na Companhia Camelot, e vamos dar um jeito para que isso ocorra

logo. Vai ter a chance de se tornar um herói de verdade. Pense nas garotas, Tom. Nunca teve uma namorada, certo? Elas vão ficar desesperadas atrás de você.

– Cale a boca. Cale a boca!

– O primeiro pacote está pronto, sr. Prestwick – disse Hayden.

Não, pensou Tom, sentindo um terror palpável dentro de si. *Não, não, não...*

Dalton riu.

– Pode dar ao nosso garoto sua lição.

Então, a informação inundou o cérebro de Tom. Dalton relaxou na poltrona, fumando seu charuto, observando o rosto de Tom enquanto a programação era registrada pelo processador neural, em seguida implantando dados em seu cérebro. Tentou resistir. Cerrou os dentes e lutou contra a absorção, rejeitando-a com todas as suas forças. No começo. No começo.

Depois, não soube mais o que é que deveria estar ali e o que não deveria estar. E não conseguiu mais identificar o que fazia parte dele e o que havia sido implantado. O terror sumiu no horizonte, e sua resistência perdeu força. Seu olhar avançou devagar para o teto, sentindo o corpo ser percorrido por leves ondas de código, até que ele não pudesse mais se lembrar o motivo de ter ficado tão assustado pouco antes. Ficou deitado, calmo, enquanto sentia o cérebro ser reprogramado.

Dalton observava tudo, esquadrinhando o rosto de Tom, que parecia se transformar no de alguém completamente diferente.

Depois de uma hora, Hayden disse:

– Primeira etapa concluída.

Dalton se levantou.

– É mesmo? Bom trabalho. E parabéns a você também, Tom. Logo seremos bons amigos, não é? Não é?

Tom respondeu:

- Eu... Sim. – Estava confuso quanto aos últimos acontecimentos, mas tinha certeza de que Dalton estava certo.
- Meu nome é sr. Prestwick.
- Sr. Prestwick.
- Bom garoto. – O sr. Prestwick deu tapinhas na bochecha de Tom.
- Nós nos veremos no próximo sábado.

TOM NÃO SABIA ao certo por que Hayden tinha lhe mostrado a porta de acesso neural. Ele ficou ali sozinho, no meio da sala vazia no Beringer Club, olhando fixamente para a porta de acesso. Havia algo que ele parecia não perceber; algo que não conseguia saber exatamente o que era.

– Sr. Raines? Senhor? – Hayden pôs a cabeça dentro da sala. – Seu carro está esperando do lado de fora; partiremos quando o senhor quiser.

– Ah. Certo. – Tom se sentia abobalhado. Não sabia nem mesmo para onde tinha ido o sr. Prestwick. Devia ter ido embora depois de pedir a Hayden que lhe mostrasse o lugar. E o relógio interno em sua cabeça dizia que eram 1700. Será mesmo que já havia se passado tanto tempo assim? Por quê... Como é que... Ou... Ou será que ele...?

Alguma coisa dentro dele bloqueou o raciocínio.

Acesso restrito.

O pensamento ecoou em seu cérebro, fora do alcance.

Acesso restrito. Acesso restrito.

Um vazio se formou em seu peito à medida que os pensamentos iam de encontro àquela frase, percebendo que era impedido de acessar parte do próprio cérebro. Mas, mesmo enquanto tentava encontrar uma maneira de desviar do bloqueio, sua memória de curto prazo começou a se desvanecer, e não pôde mais se lembrar do que havia causado aquela sensação de frio no peito.

Emergiu da escadaria na ofuscante luz do sol e viu-se pensando de novo no sr. Prestwick enquanto entrava no carro. Talvez Tom não o tivesse tratado de maneira justa durante todo aquele tempo. Ele o havia odiado cegamente, mas Tom não conseguia pensar no motivo daquilo.

Lembrou-se do cheiro do charuto do sr. Prestwick...

Acesso restrito.

Como? As palavras eram como uma descarga elétrica, algo estranho dentro do próprio cérebro. Ele olhou para dentro de si, perplexo. O que é que... O quê...?

Os temores de Tom sumiram gradualmente, assim como a lembrança, e seu cérebro foi novamente envolvido por um pensamento inofensivo. Neil sempre falava de como a Dominion Agra havia se dedicado a destruir todas as colheitas naturais com seus organismos geneticamente modificados, que destruíam a si mesmos. Mas não era verdade. Fora tudo um acidente. Aquilo ocorrera porque as variedades agrícolas da Dominion Agra eram melhores. Tinha sido por acidente que a empresa se tornara dona de todo o suprimento alimentar da humanidade. Um simples caso de polinização cruzada. É claro que a Dominion havia participado do caso das bombas de nêutrons, mas não salvaram bilhões de pessoas todos os dias ao alimentá-las? E era verdade que todos eram obrigados a pagar uma taxa anual de licenciamento pelo uso dos produtos agrícolas e sementes, mas isso era apenas uma prática comercial legítima, não era?

Tom ficou satisfeito com sua súbita compreensão de tantas coisas que antes ele odiara no mundo, acomodando-se no carro de vidros fumê. O Beringer Club era mesmo algo especial. O motorista já sabia que ele voltaria na semana seguinte, como se o sujeito tivesse poderes telepáticos ou algo do tipo, e Tom viu-se concordando em ser apanhado na Agulha no sábado seguinte às 1100.

Recostou-se no confortável banco de couro e passou o caminho todo de volta à Agulha pensando que, talvez, quem sabe, Dalton Prestwick fosse na verdade um ótimo sujeito.

QUANDO TOM voltou à Divisão Alexandre, descobriu que Vik já tinha passado no alojamento e deixado um bilhete em sua cama: *Parece que fugiu para evitar o constrangimento da derrota, mas vai ter que pagar a aposta, perdedor! O desfile da vitória será no andar de baixo.*

Tom se preparou para as provocações de que estava prestes a ser alvo. Foi ao quarto de Beamer a fim de tirá-lo da cama para que fossem jantar.

– Ei, Beamer, o que acha de... – Tom interrompeu a frase no meio.

A cama de Beamer tinha sido desfeita. Naquele momento, Olívia Ossare arrumava as coisas dele numa mala: algumas revistas, uma foto da namorada, peças de roupa.

– Cadê o Beamer? – disparou Tom.

– Olá, Tom.

– Onde está ele?

Olívia cruzou os dedos das mãos e se acomodou na extremidade da cama de Beamer.

– Não quer se sentar?

– Não. – Tom ficou onde estava. Aquilo é que era mudança. Tinha acabado de se acostumar à ideia de que as coisas poderiam permanecer as mesmas durante semanas, mas agora tudo parecia prestes a se embaralhar outra vez. Deu-se conta, para o próprio espanto, de que não gostava de mudanças.

– Stephen está passando por um momento difícil agora. Será avaliado durante alguns dias para sabermos se ele precisa de ajuda.

– Então, por que está arrumando as coisas dele numa mala?

Os olhos dela piscaram enquanto o encarava.

– Provavelmente, serão mais do que alguns dias.

– Por acaso ele ficou louco, como Blackburn?

Olívia emitiu um ruído, como se fosse rir, mas conteve-se bem a tempo.

– Não. Stephen está sofrendo de ansiedade. Demos a ele algum tempo, mas parece que seu quadro só está piorando. Chegou a hora de ele sair um pouco daqui e receber ajuda de verdade.

– E o que vai acontecer? Será que não podem desenvolver mais massa cinzenta e consertar o cérebro dele? Isso não resolveria tudo? Li a respeito desse assunto em algum lugar.

Olívia fechou o zíper da mala.

– Tom, os enxertos neurais são usados apenas em casos raros, quando, por algum motivo, existe uma deficiência no lobo frontal já no nascimento. É algo destinado a sociopatas, psicopatas, pessoas com danos cerebrais. Beamer não precisa disso. – Ela levantou a mala. – Não posso garantir que ele voltará para cá, Tom, mas não acho que você precise se preocupar com ele. Não faz muito tempo que ele tem o processador neural. Na pior das hipóteses, vamos submetê-lo a uma remoção gradual para que ele possa retomar sua antiga vida.

Tom se afastou, voltando ao corredor da Divisão Alexandre, com a sensação de que um buraco havia sido escavado dentro de si. Mesmo lá, mesmo naquele lugar onde ele tinha pensado ter encontrado algo permanente, tudo podia mudar de um dia para o outro. Com incrível rapidez, tudo podia se perder.

Ele encontrou Vik, Yuri e Wyatt no andar de baixo, e contou a notícia aos colegas.

Yuri estava tão concentrado em segurar a mão de Wyatt, e ela tão concentrada em suportar as mãos dadas, que nenhum dos dois

pareceu pensar no destino de Beamer. Apenas Vik deu a impressão de registrar a bomba que Tom trouxera. Ele acenou com a cabeça, sem se surpreender.

– Acho que era inevitável. O que pensou que fosse acontecer quando ele começou a faltar às aulas? – ressaltou Vik. – Não se pode fazer isso sem ter alguma punição.

– Vik, não é um castigo. Eles pensam que Beamer enlouqueceu.

– Ouça, Tom – Vik passou a mão pelos cabelos –, Beamer é um ótimo sujeito. É sim. Divertido, relaxado... mas, às vezes, isso pode ser um problema. Ele veio para cá, mas o que foi que ele fez? Muita gente ofereceria o próprio braço para chegar aqui. Literalmente, cortariam o próprio braço para ter a chance de fazer aquilo que fazemos. E o que foi que Beamer fez com essa chance? Entrou na rede para conversar com a namorada. Baixou todos os arquivos da lição de casa de uma só vez. Sempre tentava morrer o mais rápido possível nas simulações e nas sessões de exercícios físicos.

Tom olhou para Vik como se não o conhecesse.

– Você fala como se ele merecesse o que aconteceu.

– Só estou dizendo que, talvez, aqui não fosse o lugar dele. Talvez Beamer nunca tenha se adaptado direito. Lembra-se de todos os testes psicotécnicos que tivemos de fazer antes de chegar aqui? Todas aquelas avaliações?

Tom olhou para Vik, Yuri e Wyatt. Testes? Por que todos acenavam que sim com a cabeça, como se soubessem a quais testes Vik se referia?

– Beamer devia ter percebido durante os testes que o assunto aqui era sério – prosseguiu Vik. – Talvez ele tenha enxergado isso agora.

As palavras não ajudaram Tom a se sentir melhor.

Uma estranha sensação incomodou Tom nos dias seguintes, como se houvesse algo errado. Ele não sabia ao certo qual era o problema, mas algo parecia fora do lugar. Às vezes, alguma coisa

trazia de volta uma lembrança do Beringer Club: uma nuvem de fumaça nas simulações aplicadas, o vapor dos chuveiros do vestiário... Mas, em todas as vezes, surgiam diante de seus olhos aquelas mesmas palavras: *Acesso restrito*, seguidas pela dissolução da lembrança em sua consciência.

Mas a sensação de que havia algo faltando não passava. Ele se viu passando cada vez mais tempo na cama, assistindo ao desempenho de Medusa nas mais recentes batalhas da guerra. Aquilo parecia ser a única coisa capaz de afastar a impressão de estranhamento. Pensava com frequência na luta perto das muralhas de Troia e no estranho sorriso de Medusa enquanto Tom morria. Tentava imaginar o que ocorreria na próxima vez que os dois se encontrassem.

Anos poderiam se passar até que ele se tornasse parte da Companhia Camelot, se é que um dia chegaria tão longe. Talvez tivesse de esperar anos até poder enfrentar Medusa em uma luta de verdade.

Tom decidiu: não poderia esperar tanto.

Assim, foi secretamente ao andar dos oficiais. Usou sua astúcia para conseguir isso. Durante o almoço, Wyatt dissera a todos que iria com Blackburn ao porão naquela noite para mexer no processador principal da Agulha, configurando os processadores neurais reformatados para serem usados na rede local.

– E isso demora muito? – perguntou Tom, tentando fazer aquilo soar como um interesse casual.

– Três horas. Talvez quatro.

Três horas era tempo mais que suficiente para Tom fazer o que pretendia. Quando Wyatt se dirigiu ao porão com Blackburn, Tom configurou o roteador que obtivera com Wyatt para redirecionar o sinal do seu GPS, deixando-o no banheiro, e depois foi ao andar de cima, para o espaço exclusivo dos oficiais. Desta vez, não foi à sala

dos funcionários – alguém poderia entrar lá e surpreendê-lo a qualquer momento.

Só havia uma pessoa que poderia flagrá-lo na sala de Blackburn, e ele já sabia onde essa pessoa estaria durante as próximas horas.

Plugou-se à porta de acesso neural na mesa de Blackburn e tentou ignorar o ritmo frenético do próprio coração, que parecia galopar no peito. Tom era capaz de fazer aquilo: já o tinha feito duas vezes.

Concentrou-se no processador neural, no zumbido do cérebro, na conexão com a Agulha... e aconteceu de novo. Viu-se arrancado do próprio corpo, fundido à rede da Agulha. Deixou-se flutuar com o fluxo dos dados, sentindo o cérebro se misturar primeiro aos satélites e, em seguida, às naves perto de Mercúrio, e depois às minas de paládio da Stronghold Energy. No caminho de volta, pegou uma carona no fluxo de dados que o levava à Fortaleza Sun Tzu, na Cidade Proibida.

Em sua consciência, viu os IPs dos processadores neurais ligados àquela rede piscarem. Navegou pelos diretórios, aceitando deliberadamente o volume de informações, lembrando a si mesmo em intervalos curtos de que era *alguém*, e não *algo*, uma pessoa, e não uma daquelas imensas sequências de zeros e uns que chegavam até ele por todos os lados...

Enfim, encontrou o IP que procurava, o mesmo que o banco de dados da Agulha tinha registrado como pertencente ao Combatente Medusa: 2049:st9:i71f::088:201:4e1.

Alternou entre o próprio corpo, aquela massa orgânica fria e distante largada numa cadeira, e sua consciência na rede clandestina. A função de envio direto de mensagem do seu processador neural foi ativada com um pensamento, e Tom inseriu o endereço IP de Medusa ao vê-lo zumbindo em sua consciência. Foi então que ele assumiu o maior risco de sua vida: *Você me arrastou pelo chão e me matou. Quero uma oportunidade para me vingar.*

Assinado: Pessoa Desequilibrada. Ele incluiu a URL do seu site favorito de duelos de RV e depositou a mensagem diretamente no processador neural de Medusa.

Com um pensamento, Tom voltou a si mesmo, sentindo o corpo formigar com o choque diante daquilo que ousara fazer. As mãos estavam molhadas de suor, e o coração ainda batia acelerado em seu peito. Será que tinha funcionado? Será que a mensagem tinha chegado ao destinatário?

Só havia uma maneira de saber.

Ele entrou na internet e foi até o site combinado, preparando-se para aquilo que poderia ser uma longa e infrutífera espera. Sua visão se alterou. Muros de pedra ganharam vida ao redor dele, nas quais estavam fincadas tochas acesas. Alguém já tinha deixado tudo configurado para um duelo, o que significava que Medusa estava lá.

Tom começou a rir, deixando-se levar pela empolgação.

Aquilo estava mesmo acontecendo.

Ele se transformou, surpreendendo-se com os novos músculos rijos sob a pele. O processador neural estava lendo os parâmetros comuns do jogo eletrônico e interpretando-os em terceira dimensão para ele. Tom olhou para o próprio corpo. Um balão informativo apresentou a identidade do seu personagem: *Siegfried, herói lendário de força insuperável.*

– Acho que você tem uma pergunta a responder.

A voz feminina era profunda, ecoando pelo ambiente. Tom girou o corpo para vê-la. A loira alta e musculosa estava do outro lado da arena de pedra, no meio da qual havia uma pira acesa. Seu rosto pálido era iluminado pela luz inconstante da chama, e um balão informativo a identificou para Tom: *Brunhilde, lendária valquíria expulsa de Valhalla. Foi rainha da Islândia e a mais poderosa guerreira do mundo, atrás apenas de Siegfried, seu grande amor e também o único guerreiro capaz de vencê-la.*

Tom riu. Não conseguiu evitar, pois sabia que nenhum garoto escolheria este par de personagens.

– Eu sabia que, na vida real, você era uma garota. Tinha certeza disso.

Ela não mordeu a isca.

– Como conseguiu deixar uma mensagem no meu processador neural? – interrogou ela, avançando na direção do oponente.

– Usei a função de envio direto. Seu processador também tem essa função, caso contrário não teria recebido o recado. É um recurso bem interessante. Basta digitar ou só *pensar* em uma mensagem e enviá-la direto ao destinatário. Mas é bem mais fácil digitar. – Ele tinha tentado usar a interface de pensamento para mandar uma mensagem a Vik, mas uma série de ideias completamente diferentes passara por sua cabeça, produzindo um resultado incompreensível. Não quisera correr aquele risco com Medusa.

Ela refletiu sobre as palavras dele.

– Então, você acessou esse programa no meu processador neural. Isso não responde minha pergunta seguinte. Como fez para atravessar nosso firewall?

– Talvez eu seja incrivelmente habilidoso – sugeriu Tom.

– Isso não é resposta.

– Vou morrer antes de revelar esse segredo. – Ele torceu para que isso a deixasse no clima de uma boa briga.

E foi isso que ocorreu.

– É, vai morrer mesmo – concordou Medusa. – De novo.

Tom soltou uma risada triunfante, preparou a lança de seu personagem e atacou. Siegfried era forte o bastante para saltar por sobre as chamas da pira. Lançou-se em direção à guerreira loira. Assim que sua lança se chocou contra a espada dela, as duas armas se acenderam, convertendo-se em feixes de fogo.

Tom deu um passo para trás, erguendo a lança para admirá-la.

– Armas de fogo. Impressionante.

– Uso bastante este site. Fui eu que programei esse recurso adicional.

– Genial.

– Obrigado. – Medusa tentou cortar a garganta dele.

A situação era o oposto da luta anterior: ele era mais forte, e ela, mais ágil. Com um golpe, Tom conseguiu tirar a espada da mão dela, mas a força usada no golpe tirou seu equilíbrio, e a inimiga se apoiou no ombro dele, usando-o para saltar até o outro lado da pira.

– Boa jogada, Medusa. – Tom chutou a pira na direção dela, derrubando as brasas aos seus pés.

Para sua alegria, as brasas puseram fogo numa tapeçaria na parede, que Medusa apanhou e jogou na direção dele enquanto Tom se aproximava de novo. A dor o fez perder o fôlego, e logo a lâmina de um punhal avançou para suas costelas. Ele deteve o golpe antes que a oponente pudesse escapar e a agarrou pelo pescoço, tentando quebrá-lo. Viu as mãos dela tatearem a mesa do castelo, atrás da parede em chamas, apanhando enfim um candelabro. Tom tentou partir o pescoço dela outra vez, enquanto a guerreira usava uma vela para acertá-lo com toda a força entre as pernas.

A dor era insuportável. Tom dobrou o corpo, engasgando. Tinha a sensação de que tudo aquilo era real. Subitamente, perguntou-se se a decisão de chamá-la para um duelo não tinha sido um erro, afinal.

Medusa dançou fora do alcance dele enquanto Tom caía de joelhos.

Sua voz saiu entrecortada.

– Você... é... uma garota.

A espada dela refletiu a luz das chamas. Ele podia ouvir o som de sua gargalhada.

– Só pode ser uma garota. Nenhum rapaz recorreria a um golpe desses! – acrescentou Tom.

– Eu nunca disse que não era. – O vulto de Medusa parecia ter como moldura as chamas que ardiam na parede logo atrás dela. O ardor começou a incomodar a garganta dele. Ofegante, Tom tentava respirar enquanto buscava sua lança, mas ela chutou a arma para longe, apertando a própria espada contra sua garganta.

– Por que me mandou a mensagem? – perguntou Medusa, observando-o por cima da lâmina.

– Para ter esta oportunidade.

– Só para que eu pudesse matá-lo outra vez?

Tom respondeu com um lento sorriso.

– Não, para que eu pudesse matá-la. – Ele aplicou uma rasteira nas pernas da guerreira, segurando o braço que empunhava a espada... e foi surpreendido por uma adaga em seu pescoço.

– Da próxima vez que quiser morrer, não mexa no meu processador – disse Medusa. – Alguém pode rastrear seus movimentos.

– Não me incomode de correr esse risco – revelou ele.

– Eu, sim. Vou lhe passar a URL de um fórum de mensagens pessoais. É mais seguro assim. Vou ficar de olho nos recados. Assim, se você postar algo lá, ficarei feliz em vir matá-lo.

Tom imaginou como seria o recado. *Pessoa Desequilibrada procura guerreira temível?*

– Tente *Monstro Horripilante* – concluiu ela.

Tom a olhou por cima da ponta da adaga, desejando conhecer seu rosto verdadeiro, querendo saber se ela falava mesmo a sério.

– Promete que vai ficar de olho?

– Pode deixar – garantiu ela. Em seguida, cortou-lhe a garganta.

TOM ABRIU OS OLHOS e viu-se na sala de Blackburn, totalmente fora de si. Ela tinha concordado em se encontrar novamente com ele. Ela tinha mesmo dito que sim. Tom passou a mão no pescoço, onde a pele ainda parecia doer com a lembrança do corte feito pela lâmina dela.

Ele percebeu algo piscando em seu processador neural, e sentiu o sangue congelar.

Tinha configurado o alarme para rastrear o sinal do GPS de Blackburn dentro da Agulha, que dispararia se o professor voltasse ao décimo primeiro andar. Havia se concentrado tanto na luta que não percebera o alerta. O coração pareceu subir até a garganta, porque Blackburn saía do elevador naquele exato momento, e Tom não teria mais tempo de fugir.

Ele se jogou sob a mesa exatamente quando a porta se abriu.

– ...e o melhor é testar os programas novos num processador neural virtual. – Os pesados passos de Blackburn cruzaram a sala, seguidos pelos passos mais leves de Wyatt, e a porta se fechou atrás deles. Tom sentiu a testa molhada de suor. Encolheu-se o máximo que pôde sob a mesa, sentindo o coração martelar dentro do peito. Aquilo não era nada bom. Era péssimo, na verdade.

Blackburn deu a volta na mesa, e Tom viu as botas dele a menos de um metro de distância. A mesa estremeceu quando uma gaveta foi aberta. Se Blackburn recuasse um passo, ou inclinasse o corpo para inspecionar o conteúdo de outra gaveta, ele veria Tom.

Ouviu Blackburn mexendo na gaveta aberta. Depois de alguns instantes, o professor deve ter encontrado o que procurava, pois a mesa estremeceu novamente quando a gaveta foi fechada.

– Tome, Enslow, pode usar este aqui. Inicie um programa como faria normalmente. Vou lhe passar todas as informações necessárias a respeito de como o processador e a fisiologia de uma pessoa reagiriam à sua programação. É uma maneira segura de fazer

experimentos para que não tenhamos de usar outros recrutados como cobaias. Ah, eis aqui outra coisa que pode ajudá-la.

Ouviu-se um forte ruído na mesa, como se algo tivesse sido jogado sobre ela. Tom deu um salto. Olhou para cima, imaginando o que estaria acontecendo.

– Um manual de *ciência cognitiva*? – a voz de Wyatt se manifestou.

– Eu sei, eu sei que é muito trabalho ter de ler as páginas uma por uma...

– Não me incomoda com isso.

– Não se incomoda, não é? – Havia algo de amistoso na voz dele.

– Bem, o exército não vê motivo para incluir isto no acervo de obras digitalizadas disponíveis para download, por mais que eu tente convencê-los da necessidade de pessoas com computadores no cérebro aprenderem algo, afinal, sobre o próprio cérebro, e não apenas sobre computadores. Parte das pesquisas do livro já foi superada e, por isso, risquei alguns trechos. Mas leia o restante. Foi com este livro que comecei. É uma introdução clara e fácil de compreender. Se quiser aprender a programar como eu, precisa começar pelo entendimento de como funciona o cérebro humano.

Blackburn se acomodou na cadeira, com os joelhos bem diante da cabeça de Tom. O garoto se encolheu no fundo da mesa, apertando as pernas contra o peito para não ser chutado pelas botas de Blackburn. O silêncio foi rompido pelo som das páginas do antigo manual sendo viradas.

– Hipótese da esquizofrenia associada à dopamina – Wyatt leu em voz alta. Ela ficou quieta por um segundo e, em seguida, tentou se defender. – O livro abriu sozinho nessa página. Não fui eu que procurei esse trecho.

– Ele abriu nesse capítulo porque passei um ano inteiro estudando essa parte. Foi aí que comecei. Quando re programei meu

processador pela primeira vez, tentava controlar a produção e recepção da dopamina. Logo descobri que teria de fazer muito mais que isso, mas foi o primeiro passo.

– O senhor fez experiências com o próprio cérebro?

– Não tinha nada a perder. Minha mente não existia mais, nem minha carreira, e minha esposa... – A frase sofreu uma interrupção abrupta.

O silêncio preencheu o ar. Tom podia praticamente adivinhar que Wyatt estava se preparando para fazer uma pergunta; já a conhecia bem o bastante àquela altura.

– Como é ser louco? – disparou Wyatt.

Não, Wyatt, não, pensou Tom, fazendo uma careta, certo de que Blackburn faria a garota se arrepende de ter falado aquilo.

Blackburn ficou em silêncio por um longo instante. Tom ouviu os dedos dele tamborilando na mesa.

– Depende, Enslow. Como é ser totalmente desajeitada, inadequada e desprovida de tato?

A pergunta pareceu surpreender Wyatt.

– Humm... Oh! Desculpe, não quis... – Os passos dela fizeram menção de se afastar, vacilantes, e um ruído agudo indicou que ela havia se sentado na outra cadeira. Tom torceu para que os dois não estivessem se preparando para uma longa conversa. – Não quis ser indelicada – justificou-se ela. – Minha mãe veio até aqui em um verão com uma consultora de etiqueta para que ela me ensinasse a conversar direito com as pessoas. No fim, ela me aconselhou a ficar quieta quando houvesse outras pessoas presentes.

Blackburn deixou escapar uma gargalhada.

– Boa resposta. – Ele estendeu as pernas, e a bota ficou a poucos centímetros do quadril de Tom. O garoto se inclinou para o lado, tentando se afastar. – Como é ser louco? Bem, é como se... Na

época, eu tinha a sensação de estar num longo momento de clareza mental.

– Como a sensação que temos logo depois da instalação do processador neural, quando simplesmente *sabemos* de coisas que não sabíamos antes?

– Muito mais forte que isso. A sensação era de que meus pensamentos podiam atravessar as camadas da realidade e enxergar como as coisas eram realmente interligadas. Na época, pensei que aquele era o efeito do processador, que me ajudava a entender o mundo. Tentei dividir com os outros essa nova perspectiva, mas eles me ignoraram. Era totalmente frustrante. Comecei a suspeitar de que todos se mantinham ignorantes de propósito. Depois me convenci de que todos tramavam contra mim. Eu delirava, mas acreditava ser a única pessoa sã num mundo enlouquecido. Comecei a enxergar tudo aquilo em que um dia acreditei “sob um prisma sombrio”, como se diz. E, mesmo hoje, mesmo depois de tanto tempo, há coisas que, depois de vê-las com novos olhos, não podem mais ser vistas como antes.

Um silêncio pesado invadiu a sala.

– Há mais alguma pergunta desagradável que você queira me fazer? – indagou Blackburn. – É melhor resolvermos isso agora. Já disse que minha exigência mais importante é a confiança: se confiar em mim, prometo confiar em você. É melhor me perguntar o que quiser agora do que perguntar a outra pessoa mais tarde.

– É... Bem, o seu rosto... Dizem que você tentou arrancá-lo quando estava louco.

Ele riu.

– Imaginei que não seria esse o motivo de suas cicatrizes – prosseguiu Wyatt.

– Foi apenas uma despedida da minha ex-mulher. Com as unhas.

– Ah.

– Algo mais? – A voz dele estava tensa. Depois de um breve silêncio: – Ótimo. Com isso, Enslow, encerramos oficialmente a sessão de compartilhamento sentimental. – Ele se levantou da cadeira, e Tom pôde enfim relaxar os joelhos, que mantivera o tempo todo próximos do peito. Ouviu o barulho da cadeira de Wyatt, que também se levantava.

– Na verdade, sei que o ideal é não fazer esse tipo de pergunta – disparou Wyatt.

Avançaram para a porta. Tom relaxou a cabeça contra a madeira atrás de si, tomado pelo alívio. Pelo visto, conseguiria sair de lá sem ser descoberto.

– Bem, talvez ainda haja esperança para o seu caso. Agora, vamos. Esses processadores não vão se configurar sozinhos. – A porta abriu e fechou outra vez.

Tom esperou um minuto antes de sair de sob a mesa, até ter certeza de que o sinal do GPS de Blackburn havia voltado ao porão. Em seguida, deixou o escritório em segurança e voltou ao elevador.

CONSCIÊNCIA INICIADA. Agora é 0000.

Tom tinha dormido duas horas antes de seus olhos se abrirem. Isso nunca tinha acontecido antes. Jamais havia acordado no meio da noite.

Confuso, olhou para a escuridão, imaginando por que teria despertado. Ouviu a respiração pesada de Vik do outro lado do quarto. Tirou as cobertas de si e se levantou da cama sem saber ao certo por que fazia aquilo. Seu cérebro pulsava com a necessidade de sair, de chegar ao corredor.

Tom seguiu aquele instinto, mas, ao chegar ao corredor, a sensação não passou. Tinha de sair da Divisão Alexandre, algo proibido depois das 2300, mas o fez mesmo assim. Viu-se na sala comum, onde permaneceu imóvel em meio à escuridão.

O que estou fazendo? Por que estou aqui?, perguntou-se.

A porta de outra Divisão se abriu. Karl Marsters apareceu na entrada do corredor que levava à Divisão Gêngis.

– Vamos – disse ele, sem esperar que Tom se aproximasse antes de voltar pelo corredor.

Tom se apressou para segui-lo antes que a porta se fechasse às suas costas, ainda que seu cérebro estivesse surpreso, sem acreditar nos próprios atos. O que estava fazendo? O que os dois iriam fazer?

Karl subiu as escadas até chegar aos andares superiores da Divisão Gêngis. Abriu a porta de um quarto desocupado, e Tom o seguiu.

– Certo, vamos acabar logo com isso, Fido. – Karl abriu uma caixa e tirou dela um chip de memória portátil preso a um fio de conexão neural.

Tom olhou ao redor.

– Não sei por que estou aqui.

– Certo, já entendi. Deite-se. De bruços.

O coração de Tom começou a bater cada vez mais forte. Ele se deitou com a barriga para baixo, ainda que seus instintos lutassem contra a ideia de obedecer. Karl poderia espancá-lo se quisesse, e Tom não teria como explicar sua presença nos andares superiores da Divisão Gêngis depois do horário do toque de recolher.

– Fiquei bastante furioso quando me disseram que seria justamente você o novo garoto da Dominion – comentou Karl. – Essa é a minha função, certo? Mas confesso que morri de rir quando soube que você recusou a proposta. Vou adorar assistir enquanto castram você, Fido. Você se acha tão durão, não é mesmo? Bem, veremos o quanto é durão depois que enchermos seu cérebro com esses programas. Em poucas semanas, não vai passar de um vegetal.

Estendido no colchão, Tom trincou os dentes. Nunca tinha odiado Karl tanto quanto naquele momento.

– Não quero nada disso – protestou Tom quando Karl se aproximou com o fio.

– É uma pena. Bons sonhos, Lassie. – Karl ligou o fio ao tronco encefálico dele.

NA MANHÃ DE SÁBADO, o carro chegou às 1100 e levou Tom ao Beringer Club. A placa indicava SEGURANÇA PARTICULAR. Tom desceu as escadas, pressionou a Moeda-Medalha contra o leitor de retina e entrou.

O grandalhão da outra vez, Hayden, estava lá. Ele conduziu Tom até uma mesa onde Dal... onde o *sr. Prestwick* já o esperava bebendo um uísque. O homem o olhou de cima a baixo, indicando com um gesto a cadeira em que deveria se sentar.

– Aproveite para pedir um prato e almoçar, Tom. Vamos nos reunir com outros representantes da empresa.

Os olhos de Tom tinham dificuldade para ler o cardápio. Não conseguia se concentrar.

– Karl instalou em você a atualização? – perguntou o *sr. Prestwick*.

– Ah, claro que instalei. – Karl se acomodou na cadeira do lado oposto da mesa, apoiando os cotovelos na toalha. – Vai nos pagar um almoço, Dalton? Fiquei surpreso por não ser convidado. Tive de pagar meu próprio táxi. Acho que você me deve uma.

O *sr. Prestwick* olhou para o recém-chegado com algo que Tom identificou como desprezo.

– Pretendo apresentar Tom a alguns de nossos colegas. Creio que nossas modificações de comportamento fizeram uma bela diferença.

– Com certeza! – Karl riu e estalou os dedos diante do rosto de Tom. O garoto saltou, mas nada veio aos seus lábios. – Parece que não tem nenhum comentário a fazer agora, não é, Caninos Brancos?

A exasperação era palpável na voz do *sr. Prestwick*.

– Karl, por favor.

– Está bem, sinto muito – Karl respondeu com um sorriso mal-educado. – Só estou dizendo que gosto do que está enfiando na cabeça dele, seja lá o que for.

– Tentamos cultivar uma máscara pública adequada para os combatentes que patrocinamos. Algo que demonstre dignidade, respeito, educação. – O sr. Prestwick enfatizou essas palavras, mas, a julgar pelo sorriso abobalhado de Karl, o garoto musculoso não tinha percebido que o executivo também se referia a ele. – *Tom* parece estar respondendo bem à reprogramação.

Reprogramação. Eles o estavam reprogramando. A vaga e estranha sensação de algo errado que o acompanhara nos últimos dias começou a tomar forma em sua mente, passando a fazer sentido. Tom se deu conta do que ocorria, mas, mesmo assim, parecia incapaz de traduzir os pensamentos em atos. Viu-se olhando fixamente para o portão de aço, as barras metálicas que podiam travar no chão como uma jaula. Poderia se levantar e fechar aquilo atrás de si. Eles não conseguiriam alcançá-lo. Era preciso usar seus braços e pernas para executar aquilo. E o cérebro também tinha que concordar. Ele podia escapar e contar a alguém que...

O cérebro o deteve com um pensamento totalmente alheio: *Não seria boa ideia. O sr. Prestwick foi generoso em me conceder seu tempo e sua atenção. Que motivo eu teria para ir embora?*

E Tom não pôde escapar. Nem pôde se mexer. O sr. Prestwick sorriu para ele, e Tom lhe devolveu o sorriso. Mas os dois impulsos, fugir e obedecer, travavam uma guerra em sua cabeça. Ele ainda não tinha conseguido afastar o cérebro desse conflito o suficiente para ler o cardápio antes de o garçom vir à mesa e, por isso, o sr. Prestwick fez o pedido em seu nome. Salmão.

Karl apontou o dedo para Tom.

– Ele sofre de um grave problema de respeito à autoridade. É por isso que não obedeceu quando você mandou que fizesse um pedido.

O sr. Prestwick fez pouco-caso do comentário.

– Tudo bem, Karl. Está tudo sob controle.

Depois do almoço, o sr. Prestwick acompanhou Tom em um passeio pela sala, apresentando-o aos demais executivos da Dominion Agra e das outras empresas como “nossa mais nova aquisição”. E Tom trocou apertos de mão, respondendo àqueles que falavam com ele, pois não parecia ser capaz de ignorar o impulso de se comportar de maneira que beneficiasse aqueles que se dedicavam a investir nele.

Tom reconheceu um daqueles homens, o mesmo que visitara Yuri na Agulha. O sr. Prestwick o deteve brevemente com a mão no ombro, sussurrando com pressa no ouvido dele:

– Aquele é Joseph Vengerov, fundador e acionista majoritário da Obsidian Corp. Isso faz dele uma pessoa importantíssima. Demonstre por ele o máximo respeito.

Se pudesse, Tom teria feito de tudo para desrespeitar Vengerov, apenas para irritar Dal... o sr. Prestwick. Mas, em vez disso, permaneceu em silêncio enquanto o homem de cabelos ralos e sobrancelhas claras o analisava, comentando num sotaque que parecia uma mistura de britânico proveniente da nobreza com alguma outra origem desconhecida:

– E como anda este projeto?

– Muito bem – garantiu o sr. Prestwick. – O software está funcionando bem. É exatamente como o senhor disse que seria. Creio que teremos mais negócios a fazer num futuro próximo. Tenho certeza de que encontraremos outros recrutas que atendam a nossos propósitos.

– Desde que você faça sua lição de casa. E este aqui? Tem certeza de que avaliou atentamente seu passado antes da instalação? Avisei

que haverá uma mudança considerável de personalidade, e prefiro evitar um processo público nos tribunais.

O sr. Prestwick deu de ombros, despreocupado.

– Karl me garante que o contato de Raines com a maioria dos oficiais é tão limitado que praticamente não existe. Ninguém vai notar. Quanto àquele sujeito que trabalha com o software deles...

– Sim, James Blackburn.

– É seu adversário direto.

Vengerov balançou a cabeça em negativa.

– Blackburn nunca me preocupou. Ele é bem fácil de neutralizar, se apertarmos os botões certos... e o garoto está programado para fazer exatamente isto, caso necessário. O que me interessa é sua situação familiar. Naturalmente, já sei sobre a mãe dele. E quanto ao pai? Será que ele pode criar algum caso por causa disso?

O Sr. Prestwick riu.

– Que horas são na Costa Oeste? A essa altura, o pai dele ainda deve estar boiando numa poça do próprio vômito em algum lugar... Não é mesmo, filho? – Ele deu um tapinha nas costas de Tom.

Tom o encarou. Seu cérebro elaborou uma cena mental na qual arrancava os olhos do sr. Prestwick, mas logo uma voz repressora ecoou em sua cabeça: *O sr. Prestwick é meu amigo. O sr. Prestwick sempre está certo. Demonstrações públicas de rebeldia não fazem bem à minha imagem.*

A mão do sr. Prestwick apertou o ombro dele.

– Não é mesmo?

Concorde com o sr. Prestwick.

Tom engasgou com as palavras que queriam sair de sua boca. Nunca. Ele *já* as diria.

– Bem, antes ele... – começou o sr. Prestwick.

Vengerov ergueu um dedo, observando Tom com os olhos de um falcão.

– Este é um teste importantíssimo para o software. Faça ele concordar com você.

O sr. Prestwick se voltou para Tom e agarrou de novo o ombro dele.

– Não é mesmo, Tom?

Tom cerrou os dentes com tanta força, que sentiu o maxilar doer. Vengerov e o sr. Prestwick o observavam com atenção, e a voz em sua mente ordenava: *Concorde com o sr. Prestwick*. Teve a sensação de que havia algo apertando seu crânio, quase a ponto de esmagá-lo.

– Não é mesmo? – repetiu o sr. Prestwick, numa entonação rígida.
CONCORDE COM O SR. PRESTWICK.

– Sim, é provável que sim – respondeu Tom. Em seguida, sentiu um imenso alívio, como se a cabeça tivesse se livrado de uma prensa.

Vengerov acenou, ríspido, e em seguida apertou a mão do sr. Prestwick.

– Meu pessoal vai telefonar para o seu para tratar da conta.

– É sempre um prazer fazer negócios com o senhor.

Pouco depois, Tom foi mandado de novo à sala com interface neural privada para receber o próximo pacote de programas. Passou bem perto do portão, e pareceu não conseguir tirar os olhos das barras de aço enquanto se encaminhava para a outra sala. Então se conectou para receber mais e mais programas no cérebro.

Nas vezes seguintes em que Tom se encontrou com Medusa, ele usou o tempo livre e procurou um ambiente de RV no shopping mais próximo ao Pentágono. Não se permitiu subir ao escritório de Blackburn nem à sala dos oficiais outra vez, pois, por algum motivo, havia uma voz em sua cabeça alertando-o: *Não chame atenção para si. Não chame a atenção de Blackburn. Não infrinja as regras.*

Era uma voz alheia, alienígena, e às vezes se sentia mal ao ouvi-la, mas parecia impossível ignorá-la sem ter aquela sensação de que a cabeça estava prestes a ser esmagada. E, logo que pensava em outra coisa, não conseguia sequer se lembrar de que a voz estivera lá.

Assim, ele não usou conexões diretas. Simplesmente procurava um ambiente de RV a partir do qual pudesse acessar a internet e, de lá, enfrentava-a em jogos eletrônicos comuns, sentindo falta da experiência completa de uma luta. Mas ele parou de se importar conforme os dois se enfrentavam em seguidos simuladores. Ela sempre o vencia. E a disputa era sempre acirrada, mas sempre havia um golpe dela que ele não acompanhava, um momento em que ela se mostrava mais rápida do que ele.

Medusa não era de conversar muito, e Tom preferia lutar em vez de conversar. Por isso, os dois nem usaram muito as vozes computadorizadas nas primeiras vezes. Mas, depois de algum tempo, começaram a usar o bate-papo de voz, e foi nessa ocasião que as provocações tiveram início. Tom nunca vencia as partidas e, por isso, começou a esfregar na cara da oponente seus pequenos triunfos. (*Puxa, que pena: você pensou que ia me acertar. Mas, pelo menos, conseguiu atirar naquele aldeão assustado.*) E ela começou a esfregar na cara dele seus grandes triunfos. (*Ei, onde foi parar sua cabeça? Será que ela se cansou de nunca ser usada e foi embora?*) Às vezes, os dois permaneciam conectados após as batalhas, falando sobre o que havia acontecido. (*Se tivesse me abaixado, teria pego você. Eu tinha um machado de matar dragões.*) (*Claro que não: esperava que você se abaixasse, e tinha uma adaga prontinha.*) E, às vezes, a conversa envolvia as batalhas reais que Medusa tinha enfrentado.

A certa altura, quando Tom começou a comentar a vitória de Medusa em Titã, ela lhe perguntou se por acaso ele a estivera

observando.

– Sim – admitiu Tom. Confessou até que havia assistido às batalhas dela 394 vezes.

Por estranho que fosse, a sinceridade dele ao admitir a própria obsessão com a inimiga só a fez gostar ainda mais de Tom, a ponto de baixar a guarda. Começou a usar a própria voz no bate-papo, e ele, a responder também com sua voz.

E, com isso, ficou comprovado: Medusa era uma garota, sem dúvida nenhuma.

– Que horas são aí? – perguntou ele numa manhã de sábado, apenas para ouvir novamente a voz dela.

– Cinco da madrugada, é óbvio.

Tom sabia que a pergunta tinha sido boba. Os dois conheciam o fuso horário um do outro. Mas não importava.

– Quando é que você dorme?

– Quando não estou acabando com você e com seu país.

Tom riu. De repente, teve a certeza de que ela era a pessoa mais incrível que ele já conhecera.

– Antes de conhecê-la, eu tinha seis anos de vitórias consecutivas.

– Ele ajustou o microfone para que ela pudesse ouvi-lo em meio ao burburinho do ambiente de RV público. Seu avatar era um musculoso ogro azul que tinha uma espada de samurai fazendo as vezes de arma de raios laser.

O avatar de Medusa era uma deusa egípcia com asas curtas, semelhantes às de um morcego, e olhos que cuspiam fogo.

– Eu tinha oito anos de vitórias consecutivas quando o conheci. E ainda não fui derrotada!

Os personagens de ambos gastavam tempo na fase exploratória do RPG em que se encontravam. Ela o provocava, pedindo que inventasse um codinome melhor, já que o nome do seu avatar,

Murgatroid, a fazia rir. Assim como o apelido que ele sugerira: "Troid".

– Já sei – falou Tom. – Merlin.

Medusa não aprovou. Sua rainha egípcia se transformou num grande morcego que passou a bater as asas, como se fosse sair da sala. O ogro de Tom saltou para impedi-la de sair pela janela. Ela produziu um efeito sonoro semelhante a uma vaia de reprovação, os olhos cuspidando fogo.

O ogro de Tom levantou os braços musculosos para proteger o rosto.

– O que há de errado com Merlin?

– Parece algo da Companhia Camelot. Você disse que não faz parte da Companhia Camelot.

– Espere um pouco, quer que eu crie um nome que soe como algo contrário à Companhia? Isso me cheira a traição! Seria uma traição escolher um nome anti-Camelot.

O morcego flutuou ao redor da cabeça dele.

– E isso que estamos fazendo agora, não é um tipo de traição? Você está se encontrando com o inimigo.

– Mas não estou lhe passando informações confidenciais nem nada do tipo. Além disso, não sou o único que costuma se encontrar com o inimigo por aqui.

– Ah, não é tão grave assim. Não vamos nos enfrentar na vida real amanhã...

– Por que não escolhe meu codinome de brincadeira, então? Não faz tanta diferença.

Medusa repetiu o efeito sonoro da vaia.

– Quero que você crie um codinome.

– Já sei, tive uma ótima ideia. Lorde JOOSTMEISTER – brincou ele.

– Tudo em letras maiúsculas.

Jatos de fogo saíram dos olhos de Medusa. Ela não aprovava.

Tom se recostou na cadeira para escapar das chamas.

– Que tal Sir Roostag, o Livre e Poderoso?

Ela pensou por um segundo e, em seguida, repetiu o som de vaia.

– Está bem, está bem. Uma tentativa séria. Exabelldon.

Medusa chamuscou o ogro com as chamas de seus olhos. O ogro dele gritou, e Tom riu.

– Agora você está pensando nos piores nomes imagináveis – respondeu Medusa.

– Está bem, está bem. – Tom estava mesmo tentando pensar nos piores nomes. – O que acha de... Mordred? Ele destruiu a Camelot de verdade.

Aplausos foram a resposta. Com uma nuvem de fumaça, Medusa se transformou de novo em uma rainha egípcia e parou de tentar fugir pela janela e chamuscá-lo com as labaredas dos olhos.

– Certo – disse Tom. – Vamos de Mordred.

A rainha egípcia piscou com os longos cílios escuros.

– Mordred é um nome sexy.

As bochechas de Tom esquentaram, como se houvesse de fato uma garota naquela sala, provocando-o.

– Acha mesmo?

– Com certeza.

Tom ainda pensava nas palavras de Medusa quando voltou à Agulha naquela noite. Ela havia dito que ele era sexy. Sentia-se como um idiota, de pé no meio do refeitório, sorrindo por causa de algo dito por uma garota cujo nome verdadeiro ele nem mesmo sabia. De súbito, reparou em Karl, que o olhava fixamente. O grandalhão da Divisão Gêngis indicou o elevador com um gesto da cabeça.

Karl sumiu atrás das portas, usando a mão para mantê-las abertas. Tom o seguiu sem sequer pensar no que fazia. Uma sensação de agonia o invadiu enquanto percorria aqueles poucos

passos até o elevador. Por mais que soubesse haver algo muito errado naquela situação, não conseguia impedir a si mesmo de entrar e seguir Karl até o quarto vazio na Divisão Gêngis.

– Já fizemos isso antes – Tom percebeu quando a porta se fechou atrás deles.

– Claro que sim. Mais de uma vez. Está vendo isso aqui? – Karl lhe mostrou um chip neural, em um gesto de provocação. – Esta é sua última atualização de personalidade, Fido.

– E depois?

– Depois, parte dos programas que já foram instalados será ativada, e pronto: você já era, Lassie. O moleque insolente que eu conhecia e tanto detestava vai sumir para sempre. O melhor de tudo é que caberá a mim a honra de apagá-lo. Devo muito ao Dalton por essa oportunidade.

Tom ficou imóvel no meio da cama, observando Karl preparar uma câmera de vídeo, enquanto sentia o estômago revirar. Nunca desejou tanto que Vik, Wyatt ou Yuri estivessem por perto – qualquer um que pudesse salvá-lo. Aceitaria até mesmo Blackburn.

Karl ligou a câmera, ajustou o foco em Tom, depois se acomodou numa cadeira.

– Tem alguma declaração final a fazer, cachorrinho?

Tom sentiu o sangue latejar nos ouvidos.

– Morra, Karl.

– Isso me ofende. Está ferindo meus sentimentos, Raines. O que acha de me compensar por isso? Já sei. Você pode se apoiar nas quatro patas, feito um cãozinho obediente, e latir.

Tom fechou os olhos. *Obedeça a Karl e receba a atualização* estava em conflito com *Acabe com ele. Acabe com ele agora mesmo*. A prensa que esmagava sua cabeça havia retornado, porque Karl lhe dava ordens e ele se esforçava para recusá-las.

– Morra, Karl. Morra – ele falou com grande dificuldade, lutando contra todas as forças internas que tentavam silenciá-lo.

– Nada disso; apoie-se nas quatro patas e lata. Agora, Raines. Quero filmar você latindo. – Karl se aproximou dele com a câmera, o maxilar quadrado formando uma sombra à luz da iluminação artificial. – Acha que não sei como você é? Quer se sentir no controle. Quer ser o líder da matilha. Mas não é você quem vai liderar. Sou *eu*. E vai me obedecer agora, antes que eu acabe com você de uma vez por todas.

– Odeio você. – Os membros de Tom tremiam com o esforço conflitante de tentar se obrigar a sair pela porta enquanto um instinto contrário o forçava a tomar posição sobre quatro patas.

– Também odeio você – disse Karl. – Agora, no chão. Apoie--se nas mãos e nos joelhos. E lata. É uma ordem.

Alguma coisa naquelas palavras foi demais para ele, e Tom se viu no chão, latindo, enquanto o riso de Karl invadia o ambiente. Quando o fio acessou seu tronco encefálico, a segunda voz dentro de sua cabeça já havia se calado, dominada pelo horror da situação.

—O que há com você?

— Como assim? — Tom perguntou a Vik. Ele se olhava no espelho do quarto, concentrado no gel que passava no cabelo antes da hora do café da manhã. Os fios já tinham crescido o bastante para que pudesse fazer um penteado. O sr. Prestwick havia lhe dado um cartão de crédito e também instruções para dar um trato na própria aparência, começando por um frasco de gel para cabelo de duzentos dólares para que ele abandonasse o estilo de moleque desleixado.

Tom se esforçava para ignorar o olhar estupefato de Vik, que o observava como se o colega tivesse entrado nu no refeitório.

— Percebe que já faz meia hora que está se embonecando na frente do espelho?

Tom franziu o cenho, mas logo o semblante relaxou, sabendo que a tensão nos músculos faciais levava ao aparecimento de rugas, consciente da importância de preservar sua juventude e boa aparência.

— Você já me disse dúzias de vezes que espera um dia fazer parte da Companhia Camelot. Bem, Vik, detesto ser o portador de más notícias, mas sugiro que dê mais importância à aparência se quiser avançar na vida.

— Nossa, Tom, desculpe a minha falha. Por acaso você perdeu seu cromossomo Y por aí? Espero que não tenha ficado no chão, pois alguém pode pisar nele. — Vik fingiu procurar algo.

– É uma pena que você não compreenda a importância de se apresentar da melhor maneira possível. – Tom ficou triste pelas limitações do amigo.

Semanas atrás, ele responderia a quem quer que perguntasse que Vik era seu melhor amigo. Mas, a cada dia que passava, Vik se tornava mais estranho. Ele insistia em tratar Tom como se ele fosse algum tipo de maluco. Dava risada quando Tom começava a se exercitar de manhã antes das aulas, ou era o primeiro a levantar a mão quando os professores civis faziam perguntas, ou ainda quando se oferecia como voluntário para acompanhar os senadores e líderes do setor empresarial que visitavam a Agulha.

Tom não conseguia entender qual era o problema de Vik. Era assim que as pessoas avançavam na vida. Estabelecendo relações com as pessoas certas, comportando-se de maneira exemplar e causando boa impressão, cuidando da aparência e aproveitando as oportunidades que surgiam. Era isso que dizia o sr. Prestwick, e tudo que o sr. Prestwick dizia era verdade.

– NÃO CONSIGO MAIS entendê-lo, sr. Prestwick – disse Tom na noite de quarta-feira, quando o sr. Prestwick o levou ao alfaiate para encomendar um terno italiano de onze mil dólares. Os executivos da Dominion Agra estariam presentes num jantar no sábado seguinte no Beringer Club e, após um mês de downloads especialmente preparados pelos técnicos da empresa, Tom estava pronto para ser apresentado a todos.

O alfaiate saiu do provador e o sr. Prestwick se ocupou com o mostrador de gravatas de grife.

– Talvez tenha chegado a hora de você ter novos amigos, Tom. Seus colegas não parecem ser o tipo de gente com o qual gostaríamos que se envolvesse.

– Gosto dos meus amigos.

– Vamos ver se continua a gostar deles depois de mais um ou dois downloads.

– Não quero me afastar deles.

O sr. Prestwick se aproximou dele.

– Ora, Tom, tudo o que fazemos é para o seu bem.

– Eu sei. – Tom não sabia ao certo por que tinha tanta certeza disso, mas o fato é que tinha. Uma estranha e superficial alegria percorreu seu corpo com aquela certeza.

– Sabe que não é bom questionar minhas orientações. Prove isto.

Tom apanhou a gravata das mãos dele. Olhou-a atentamente. Seria capaz de encontrar informações referentes a sessenta tipos de nós, mas não havia no seu processador nenhuma informação a respeito de como dar o nó em uma gravata.

– Ah, sim. Imagino que nunca tenha comprado um terno com seu pai. Observe como se faz. – O sr. Prestwick laçou a gravata em torno do pescoço e em seguida deu o nó, posicionando-se de maneira a permitir que Tom acompanhasse seus movimentos no espelho. Recuou um passo e analisou o resultado. – Pronto. Acho que esse modelo lhe cai bem. Dá a impressão de que você vale alguma coisa. Pague com seu cartão de crédito.

Seus colegas não parecem ser o tipo de gente com o qual gostaríamos que se envolvesse...

As palavras ecoaram na cabeça dele mais tarde, quando recebeu do sr. Prestwick uma caixa de couro que continha a próxima atualização do seu software. Tom permaneceu sentado com a caixa fechada no refeitório, perplexo diante da estranha repulsa em instalar aquilo em seu cérebro. Já fazia duas semanas que vinha instalando aquelas atualizações. As mais recentes eram pequenas: bons modos, etiqueta, sugestões de aprimoramento pessoal. Sabia que era um privilégio receber do sr. Prestwick o direito de participar

da própria reeducação. Seria um abuso da confiança dele se decidisse não baixar aquele material.

Mas...

Observou Vik e Yuri, que conversavam animados com Wyatt perto da entrada do refeitório. Ele confiava no sr. Prestwick. O sr. Prestwick estava sempre certo. Mas ele sentia o estômago embrulhar ao pensar na possibilidade de, ao instalar o conteúdo da caixa, acabar para sempre com tudo aquilo que lhe parecera tão importante um mês atrás. Os primeiros amigos de verdade que havia tido na vida. Sentia-se fisicamente mal só de pensar em perdê-los, embora o sr. Prestwick houvesse praticamente lhe dito que era aquilo o que estava prestes a ocorrer.

Passos pesados às costas dele. Uma mão se apoderou de sua nuca, e alguém se aproximou, sussurrando em seu ouvido:

– Suba e use a caixa, Fido.

Tom suspirou.

– Sim, senhor.

Karl se afastou. Tom fechou a caixa com todo o cuidado, depois se levantou para obedecer à ordem. Dois pares de mãos o agarram pelos ombros, empurrando-o de volta à cadeira. Yuri e Vik se acomodaram no banco ao lado dele, e Wyatt se sentou bem à sua frente.

– O que foi isso? – interrogou Vik.

Tom franziu o cenho.

– O que foi o quê?

– Você chamou o Karl de senhor!

– E daí?

– Thomas Raines – falou Wyatt, cruzando as mãos sobre a mesa, um ar solene no rosto. – Parece-nos de suma importância debater com você sua conduta recente.

– Ora, vamos, Bruxa Maligna – interrompeu Vik –, isso é uma intervenção, e não um pretexto para começar a falar feito um robô.

– Bem, qual é o pretexto para você ter mãos tão pequenas e delicadas? – devolveu Wyatt, encarando Vik.

– O quê? – perguntou Vik, confuso. – Qual é o problema das minhas... – Resolveu deixar o assunto de lado. – Escute, Tom, conversamos muito sobre isso e chegamos à conclusão de que, nas últimas semanas, você se transformou em um constrangimento para a masculinidade.

– Não apenas para a masculinidade – disse Wyatt. – Também me sinto constrangida por causa do seu comportamento.

– Está bem, eu não... – disse Tom, afastando a mão de Vik. Ele tentou se levantar, mas Yuri o impediu, empurrando-o de volta ao banco.

– Sinto muito, Tim – disse Yuri, a voz carregada de arrependimento. – Normalmente eu não o empurraria, mas isso se tornou necessário, pois você se transformou numa florzinha.

– Florzinha? – protestou Tom.

– O Tom Raines que conheço – prosseguiu Vik – jamais passaria meia hora de sua vida ajeitando o cabelo. Não imagino por que tenha chamado Karl Marsters de senhor. E percebo que já faz tempo que não provoca Elliot nas sessões de simulações aplicadas. Ele mesmo veio me procurar hoje, perguntando se por acaso você não está deprimido e se não seria o caso de entrar em contato com a assistente social. Qual é, Tom. Até o *Elliot* veio comentar comigo que você anda se comportando como um panaca!

– Elliot não entende o que está ocorrendo, nem vocês... Ei! – Ele viu Yuri examinando a caixa de couro que continha o chip neural e a arrancou das mãos do russo. – Isso é meu. Vocês precisam aprender a respeitar a propriedade alheia! E, quanto ao Karl... – ele se voltou para Vik – ... talvez você não tenha reparado, Vik, mas ele é

membro da ComCam. Sua patente é superior à nossa. Ele merece nosso respeito. É por isso que eu o chamo de senhor. Se não estou enganado, você mesmo falou sobre isso no último dia dos jogos de guerra.

– Eu me referia ao tenente Blackburn, e não ao Karl! – retrucou Vik.

– Está prestando atenção no que está dizendo, Tom? – disse Wyatt. – Você está agindo de maneira estranha e muito assustadora.

– Não estou agindo de maneira estranha nem assustadora. E *você* não pode falar nada a respeito de agir de maneira estranha e assustadora!

Yuri agarrou a nuca de Tom com tamanha rapidez que ele até engasgou.

– Não fale assim com ela – alertou Yuri, e Tom tomou consciência do quanto o russo era maior do que ele.

– Tudo bem, Yuri – contemporizou Wyatt.

Yuri o soltou.

Tom esfregou a nuca, tentando avaliar as chances de escapar.

– Acho que o tenente Blackburn deveria fazer uma análise interna do seu sistema – sugeriu Wyatt. – Pode haver algum vírus no seu processador que esteja deixando sua personalidade confusa.

Tom atraiu a caixa para mais perto de si.

– Inverossímil. Absolutamente inverossímil.

Inverossímil não era uma palavra que ele costumava usar, mas estava entre as onze respostas possíveis que seu cérebro havia indicado para a possível sugestão de alguma interferência externa no cérebro. A medida seguinte sugerida pelo processador era a fuga; afastar-se com rapidez daquela situação.

Tom se levantou justamente para seguir tal sugestão.

– Acho que já ouvi o bastante... – fez menção de protestar, mas Yuri o empurrou de volta para o banco, murmurando um pedido de

desculpas que tinha a ver com a história de ele ser agora uma florzinha. – O que há de errado com vocês? Não podem me manter aqui contra a minha vontade. Isso é uma agressão! Se não acreditam em mim, basta consultar o regulamento no processador neural de vocês...

– Já chega – anunciou Vik. – É hora de tentar uma abordagem diferente.

Ele deu um tapa atrás da cabeça de Tom com tanta força que ele sentiu a visão estremecer.

– Ei! – gritou Tom, levando a mão à cabeça. – O que pensa que está fazendo?

Vik acenou com a cabeça.

– Acho que você precisa de outro. – Ele ergueu a mão para lhe dar outro tapa.

Yuri agarrou o braço de Vik.

– Não gosto dessa abordagem.

– Ele precisa de uns cascudos! – Vik se desvencilhou de Yuri com um safanão. – Talvez assim ele desperte do transe!

– Talvez você é que... – Tom se calou antes de completar a ameaça: “precise de uns cascudos”. Afinal, demonstrações públicas de agressividade não lhe caíam bem.

– Talvez eu o quê? Talvez eu o quê? – Vik abriu os braços, uma expressão enlouquecida e um sorriso desafiador.

Tom olhou ao redor, reparando nos demais recrutas presentes no refeitório.

– Talvez você precise se acalmar. Está chamando muita atenção para nós.

Vik soltou um grunhido.

– Credo. Que patético, Tom.

Tom olhou para os dois sujeitos que o cercavam, e também para a garota sentada à frente, percebendo exatamente por que o sr.

Prestwick os considerava má influência. De fato, eram o tipo errado de companhia. Totalmente errado. Não entendiam que não havia nada de estranho com ele. Estava aprendendo, só isso. Estava se *aprimorando*.

E, se não eram capazes de compreender isso, o sr. Prestwick realmente tinha razão a respeito do assunto. Tinha que se afastar deles de uma vez por todas.

TOM FICOU ressabiado por bastante tempo após aquela intervenção. Abriu e fechou muitas vezes a caixa contendo o chip neural, consciente de que aquele pequeno objeto poderia conter a solução do seu problema, impedindo que ele voltasse a se preocupar com o que os amigos pensavam a seu respeito. Mas, sempre que olhava para o chip, uma estranha sensação brotava no interior dele: uma náusea incômoda e profunda. A caixa parecia arder em suas mãos e, durante um breve e absurdo instante, teve a impressão de que desejava apenas destruí-la.

Tom a observava mais uma vez quando alguém destrancou a trava na porta do quarto.

Vik! Tom escondeu o chip neural sob o travesseiro e se pôs de pé, pronto para um novo confronto. A porta se abriu.

Era Wyatt.

– Como você... – começou Tom, perguntando a si mesmo como ela teria sido capaz de destrancar a trava. Mas ele engasgou com a própria voz, pois o tenente Blackburn apareceu à porta, logo atrás da garota.

– Sr. Raines – ele anunciou, puxando do bolso um fio de conexão neural –, hoje é seu dia de sorte. A srta. Enslow aqui quer aprender como se faz uma varredura completa de sistema e sugeriu você para ser a cobaia.

O olhar de Tom se fixou em Wyatt. Ela mordeu o lábio, obviamente sentindo-se um pouco culpada por trazer Blackburn para tal tarefa. Tom sabia muito bem quais eram as intenções dela. A ideia era usar Blackburn para procurar no processador dele algum traço do vírus que ela acreditava tê-lo contaminado.

– Sente-se, Raines. Não vai demorar. Para começar uma varredura, Enslow, primeiro é preciso abrir o...

Tom o interrompeu.

– Senhor, não quero ser a cobaia. Prefiro que escolha outra pessoa.

Blackburn deixou escapar um breve risinho.

– É estranho você pensar que suas preferências têm importância nessa situação. Agora, seja uma boa cobaia e pare de falar. – Ele plugou o fio na porta de acesso na parede, a mesma a partir da qual Tom baixava os arquivos da lição de casa, e em seguida gesticulou pedindo a Wyatt que se aproximasse para ver o que ele digitava no teclado. – Comece com o programa que eu lhe enviei...

Uma mensagem de alerta piscou repetidas vezes diante dos olhos de Tom enquanto os dois conversavam. Aquilo era uma emergência. Era um desastre. Evitar Blackburn e fazer de tudo para não chamar a atenção dele era uma de suas principais preocupações. Tom tinha de encontrar uma maneira de escapar.

– ...e, em seguida, escolhemos os diretórios que serão incluídos na...

– Espere! – protestou Tom, interrompendo Blackburn mais uma vez. – Vocês precisam escolher outra pessoa como cobaia. Tenho um compromisso urgente agora.

– E qual seria esse compromisso? – perguntou Blackburn.

Tom tentou pensar em algum compromisso que soasse urgente e inadiável, mas, aparentemente, não conseguiu inventar uma desculpa apropriada.

– É, estou vendo que é muito importante mesmo – comentou Blackburn sarcasticamente diante do silêncio de Tom. – Bem, tenho certeza de que não haverá problema se você esperar mais vinte minutos. Quanto mais você resistir, mais o procedimento vai demorar.

– Não estou resistindo, senhor.

– É exatamente o que está fazendo. Pare. Imediatamente.

Tom se deu conta: seria impossível vencer. Não haveria como evitar a varredura.

Mas, ao perceber isso, algo dentro dele pareceu se ativar, algo enterrado nas profundezas de seu cérebro. Um algoritmo de segurança desenvolvido especificamente para aquela situação.

Fechou os olhos e percebeu que não havia onze respostas possíveis para aquele problema, diferente do que ocorrera durante o almoço. Uma única palavra ocupou seu cérebro. Era apenas uma, mas Tom sabia, simplesmente sabia, que aquela seria a única arma necessária para escapar.

Ele abriu os olhos de novo, armado e pronto para disparar.

– Não estou resistindo, senhor – respondeu Tom às costas de Blackburn, esperando até que o tenente, irritado, se virasse de novo para ele. – Sabe, se eu estivesse mesmo tentando resistir ao senhor, creio que já saberia. E provavelmente recorreria a algo como, por exemplo... *Roanoke?*

Pronto. A palavra pairou no ar entre eles, provocando um estranho efeito em Blackburn. O rosto dele empalideceu, a expressão se tornou dura feito granito, como se tivesse sido esculpida em pedra.

Tom esperou, sentindo o coração galopar, sem saber ao certo o que tinha feito. Reparou na tensão cada vez maior no rosto de Wyatt.

Blackburn se aproximou com tanta rapidez que Tom teve certeza de que o tenente iria golpeá-lo. Pôs as mãos sobre o rosto e se

afastou até dar de costas contra a parede. Quando abriu os olhos, Blackburn estava a poucos centímetros de distância, com o olhar em chamas: sua fúria era tamanha que o rosto nem parecia mais o de um ser humano. Ele ficou com os punhos trêmulos na parede, logo acima da cabeça de Tom.

– Andou bisbilhotando nos meus arquivos pessoais, Raines? *Foi você, Raines?*

Tom olhou para aquele rosto tão transformado pela fúria que estava quase irreconhecível. Conseguiu responder:

– Não, eu não.

Blackburn entendeu de imediato a mensagem implícita. Seus olhos se arregalaram, e a ideia pareceu expulsar de vez toda a cor de seu semblante. Tom se manteve acuado contra a parede enquanto Blackburn se afastava com lentos passos para trás. Ele se voltou para Wyatt.

– *Você* – bufou o tenente. – Foi você, então.

Wyatt não demorou para montar as peças do quebra-cabeça.

– O quê? Não! Nunca olhei seus arquivos pessoais!

– Você já admitiu ter invadido esse mesmo banco de dados – disse Blackburn em um tom de voz um pouco mais baixo. – Duas vezes.

– Mas...

– E então, achou divertida a leitura? Aposto que sim, já que espalhou tudo entre os demais recrutas.

– Nunca faria...

– Então, como ele sabe a respeito de Roanoke? Imagino que tenha invadido os arquivos sozinho... – sua voz voltou a se encher de fúria

– ... *com as fantásticas habilidades de hacker que ele tem!*

– Por favor, não tenho ideia de onde ele tirou isso – insistiu Wyatt. – Nem mesmo sei a que o senhor se refere.

– Eu avisei, Enslow, confiança é tudo. No dia em que começar a mentir, vou lhe dar as costas e nunca mais olhar para trás.

– Não estou mentindo! Por favor, senhor, não estou mentindo.

Blackburn olhou fixamente para ela durante um longo momento. A fúria sumiu de seu rosto, substituída por um olhar estranho e resignado, como se fechasse uma porta na cara dela. Ele os deixou sem dizer nenhuma outra palavra.

Wyatt o observou partir, em estado de choque. Seus braços envolviam seu corpo num abraço e, do outro lado do quarto, Tom pôde ver que ela tremia. Uma onda avassaladora de alívio percorreu seu corpo. Estivera à beira de um desastre, graças à colega.

Tom se voltou para o espelho e ajustou o uniforme, cheio da certeza de que tinha evitado algo terrível, ainda que não compreendesse o que era.

– Por que ele reagiu daquela maneira, Tom? – perguntou Wyatt, a voz trêmula. – O que significa Roanoke?

Tom não sabia a resposta. Mas não importava.

– Diria que significa que você nunca deveria ter se metido comigo – respondeu com frieza, olhando para o reflexo dela no espelho. – Agora, saia do meu quarto.

Às 0532 da manhã seguinte, Tom se aquecia para os exercícios matinais quando Yuri bateu na porta.

Tom saiu, tomando cuidado para não acordar Vik, especialmente porque, nos últimos tempos, bastava olhar para Vik para que se sentisse invadido por um estranho desprezo. Não que ele gostasse mais de Yuri.

Olhou ressabiado para o grandalhão. Depois do incidente da noite anterior e do seu mais recente download, Tom parecia ter naquela manhã uma considerável dificuldade em se lembrar do motivo que o tinha feito suportar aquelas pessoas por tanto tempo.

– Ah, excelente, vejo que está acordado, Tim – disse Yuri, animado, como se nem tivesse reparado na expressão desgostosa no rosto dele. – Reparei que, ultimamente, você anda bastante preocupado em manter a boa forma.

– Pessoas responsáveis cuidam de seu corpo – Tom informou a ele.

– Exatamente. Sempre acreditei nisso. Bem, estou aqui para sugerir que saíamos para correr juntos.

Tom suspeitou da proposta. Não confiava nem um pouco em Yuri.

– Não, obrigado, prefiro correr sozinho.

Yuri acenou, compreensivo.

– Ah, entendo. Está preocupado com a dificuldade em acompanhar meu ritmo. – Deu meia-volta e saiu trotando.

A indignação explodiu dentro de Tom. Dificuldade em acompanhar o ritmo dele? Tom saiu correndo atrás de Yuri, alcançando-o e

mantendo o mesmo ritmo do russo.

Yuri possuía um condicionamento físico melhor. Fazia anos que corria todas as manhãs, coisa que Tom só começara a fazer nas últimas semanas. Mas Tom cerrava os dentes sempre que começava a ficar para trás, disparando às costas de Yuri pelos corredores e escadarias da Agulha. Yuri correu pela arena de exercícios físicos e abriu a porta que dava para a sala seguinte, onde ficavam os halteres. Rumou diretamente para o banco. Tom prometeu a si mesmo que levantaria a mesma carga que o colega.

– Eu começo contando suas séries – disse Yuri.

– Não, sou eu que vou contar suas séries – rosnou Tom.

– Está bem. Se está cansado demais para ser o primeiro nos halteres, terei prazer em começar os exercícios.

– Não estou cansado. – Tom se acomodou no banco.

Yuri começou a carregar os pesos na barra. Tom observou enquanto o colega acrescentava cada vez mais discos.

– Bem...

– O que foi, Tim? Estava colocando minha carga habitual, mas talvez isso seja pesado demais para você.

Tom cerrou os dentes.

– Nada disso. Pode pôr mais do que costuma usar. – Ele se arrependeu de ter dito isso quando viu Yuri acenar positivamente com a cabeça.

– É o que vou fazer. – O russo pôs ainda mais pesos em cada lado da barra.

Nervoso, Tom mordeu o interior da bochecha. Mas estava determinado a levantar aqueles pesos. Talvez arrebetasse algumas juntas, mas levantaria aquela barra.

Depois que Yuri o ajudou a erguer a barra dos suportes onde descansava, soltando-a para que Tom a levantasse, os braços deste cederam sob o peso, sendo necessária toda a sua força para evitar

que o metal esmagasse seu peito. Seus braços tremeram enquanto a barra descia, acomodando-se contra as costelas.

– Está bem, talvez tenhamos exagerado. – Tom mal conseguia falar, usando toda a força possível para impedir a barra de esmagá-lo e lutando para conseguir respirar. – Yuri, pode me ajudar aqui?

– Vai ter de esperar um pouco nessa posição, Tom.

Yuri sumiu do campo de visão dele, e foi então que Tom percebeu que fora enganado.

– Yuri... Yuri! – Ele começou a lutar para tirar a barra de cima do corpo, para escapar de seu peso, mas estava preso ali, sem poder sair do banco.

O som de passos diferentes invadiu a sala.

– Ele está preso?

Wyatt.

– O quê... O que vocês... – Tom gaguejou.

– Está preso. – O rosto de Yuri apareceu acima dele, pensativo. Ou melhor: sua expressão era a de quem executava um plano.

– Viu só? Disse que ele seria burro o bastante para tentar erguer a barra – disse Wyatt.

– O que estão fazendo? – Tom rosnou para os dois. – Já disse para não...

– Para não nos metermos com você, não é? – Wyatt se agachou, aproximando-se. – Achou mesmo que eu ia deixá-lo em paz depois do que aprontou ontem à noite?

– Me soltem!

– Nem pensar. Sabe, percebemos que agora lidamos com o Novo Tom – ela respondeu. – E nós o odiamos.

Desesperado, ele tentou afastar a cabeça da colega, mas Yuri agarrou as laterais de sua cabeça com as mãos, mantendo-o imóvel.

Tom reparou que ela tinha nas mãos um fio de acesso neural.

– O que pretende fazer com isso? O que é?

– Esperava que o tenente Blackburn corrigisse seus defeitos, mas você o impediu. Por isso, tive de terminar meu programa com antecedência. É um tipo de firewall.

– O maior firewall de todos os tempos – declarou Yuri, a voz repleta de admiração. – Foi ela mesma que programou.

– Foi tudo codificado em linguagem Klondike – explicou Wyatt. – Programei algumas funções de antivírus: busca por rotinas maliciosas executadas durante a inicialização e recursos de remoção de programas indesejados. A maior parte foi programada por mim. Talvez haja problemas no código que ainda não pude detectar. Peço desculpas se ocorrer algum efeito imprevisto, Tom, mas você não vai escapar disso.

– Não! – Tom não estava autorizado a instalar programas sem a aprovação da Dominion Agra. Uma mensagem de alerta piscou na cabeça dele de novo e de novo, como descargas elétricas desesperadas alertando-o para evitar aquilo a todo custo. – Parem!

– Rápido, Wyatt – insistiu Yuri.

– Vai nos agradecer por isso mais tarde – garantiu ela, ligando o fio ao tronco encefálico dele.

TOM ESTAVA parcialmente consciente das mãos de Yuri afastando a barra que apertava seu peito. O cérebro parecia zumbir com o fluxo do código que buscava cada traço deixado pelos programas e as modificações comportamentais instalados pela Dominion Agra. Todos os dados implantados naqueles trinta e um dias foram neutralizados, removidos e substituídos por subprogramas de segurança. O procedimento durou quarenta e sete minutos. Tom precisou de muito mais tempo para se dar conta do que ocorria, ou melhor, do que havia ocorrido.

Limpeza completa, foi a mensagem exibida em seu córtex visual quando Tom abriu os olhos. Yuri e Wyatt endireitaram o corpo, os

murmúrios que trocavam entre si desapareceram de vez. Os dois ficaram imóveis, à espera da reação dele.

– Tom? – arriscou Wyatt, a voz baixa.

– Sou eu. – Ele se sentou. – O antigo eu.

– Sabia que tinha algo errado no software da sua cabeça – comentou ela, animada. – O que houve?

– Dominion Agra. – A voz dele estava trêmula de tanta fúria. – Vou matar Dalton Prestwick.

O rosto de Wyatt revelou que ela compreendia tudo.

– É o sujeito que veio vê-lo no Final de Semana dos Pais, certo? Seu padrasto?

– Ele não é casado com a minha mãe. – Tom passou a mão no peito, a pele avermelhada por causa do peso da barra. – Ele trabalha para a Dominion Agra. Eles estavam... Eles fizeram alguma coisa comigo. – Era como ter uma fornalha acesa dentro de si, e a raiva fervilhava, cada vez mais quente. O pesadelo do último mês passou diante de seus olhos.

Latir a pedido de Karl... Provar ternos para Dalton... Sorrir para os executivos da Dominion Agra, tratando-os bem... Concordar que o pai deveria estar desmaiado no próprio vômito em algum lugar...

Tom se levantou de um salto e arremessou um haltere, que se espatifou contra outros equipamentos. Yuri levou um susto quando tudo desabou com um grande estrondo. Wyatt permaneceu petrificada no banco usado para o levantamento de pesos.

Yuri estava boquiaberto.

– Sente-se melhor, Tom?

– Não! – Era impossível sentir-se melhor. Talvez depois que ele aniquilasse todos aqueles executivos. Depois que arrancasse os olhos de Dalton e arrancasse as tripas de Karl.

Tom cerrou os dedos ao redor da barra de aço que fazia parte da estrutura do banco, com a sensação de que poderia parti-la com as

próprias mãos. A fúria parecia pulsar dentro dele, e apertou os dedos até senti-los doer. Estava tão furioso que começou a se sentir mal. Tão furioso que... parecia estar se esquecendo de algo. Mas logo se lembrou do que era. Percebeu o que havia de diferente.

Relaxou os dedos que apertavam o aço, chocado pelo clarão mental. Olhou para Yuri.

– Você me chamou de Tom. Disse o meu nome. Agora mesmo. Disse o meu nome corretamente. Você... – A implicação inundou o cérebro dele.

O maior firewall de todos os tempos...

– Wyatt – Tom respirou fundo.

Yuri também suspirou e se voltou para Wyatt. Ela respondeu com um aceno da cabeça.

– Também tenho este firewall, Tom – disse Yuri.

– Usei o mesmo programa nele ontem à noite. – Ela cruzou os braços. – Queria saber se o software seria capaz de neutralizar programas maliciosos tão sofisticados quanto os de Yuri, para me certificar de que funcionaria em você. E, depois disso... Bem, não quis desfazer as mudanças nele.

– Você o desembaralhou – disse Tom, ainda em choque.

– Ele não é um espião – respondeu Wyatt, um pouco exaltada.

– Não sou, Tom – Yuri respondeu com sinceridade.

Ele deve ter percebido o olhar de apreensão no rosto de Tom, pois seu corpo de ombros largos se inquietou sobre o banco dos halteres.

– É verdade que nasci na Rússia, mas já faz muitos anos que moro aqui. Sempre quis ser um astronauta, mas ninguém mais vai ao espaço hoje em dia. Assim, quando meu pai veio conosco para cá, tentei entrar para as Forças Intrassolares dos EUA na esperança de, um dia, isso mudar. O amigo de meu pai ficou sabendo de minha ambição e me ajudou a vir para cá...

– Vengerov. – Tom proferiu o nome entredentes, lembrando-se do homem que encontrara no Beringer Club.

Yuri acenou com a cabeça, confirmando.

– Ele é muito influente. Quando meu país começou a fazer experimentos com processadores neurais, Vengerov fugiu para a América, trazendo consigo essa tecnologia. Ele ajudou a desenvolver o programa e, graças à amizade dele com o meu pai, consegui entrar aqui. Sempre tentei ser um bom recruta. Mesmo depois de não conseguir uma promoção após dois anos de trabalho, permaneci na Agulha e me esforcei ainda mais. Que motivo teria para ser um espião? Isto até faria sentido se eu lutasse pela Rússia e, vocês, pelos Estados Unidos. Mas meus pais dizem que esta guerra não é assim. As guerras não envolvem mais os países.

Tom logo pensou naquilo que seu pai sempre dissera.

– Envolvem as empresas.

– Exatamente – concordou Yuri. – Então, o que me importa qual delas será a vencedora? Nunca me preocupei com isso.

Tom esfregou a testa latejante. Não sabia ao certo o que pensar de tudo isso. Tinha dificuldade para esclarecer as ideias.

Yuri tomou a mão de Wyatt, que deu um salto, sobressaltada, como se, por um momento, tivesse esquecido que ele estava lá.

– Ao menos agora sei o seu nome – ele disse à garota.

Havia na voz dele certo pesar, algo que fez Tom se sentir uma pessoa terrível. Pela primeira vez, Yuri via tudo claramente... e percebia que seus amigos haviam participado de toda a farsa.

– Escute, sinto muito, companheiro. Desculpe.

– Para ser bem sincero... – Yuri baixou os olhos, dirigindo-os para os dedos, cruzados com os de Wyatt – ... quase preferia ter ficado daquela maneira. Foi muito estranho perceber que não sabia o nome dos meus amigos.

Wyatt manteve-se imóvel por alguns instantes e em seguida estendeu o braço para dar uns tapinhas no ombro de Yuri. Tom se deu conta de que ela não tentava socá-lo; desejava apenas confortá-lo.

– Não pode contar a ninguém, Tom – disse Wyatt, a expressão muito séria. – Yuri e eu seríamos acusados de traição.

– Pode confiar em mim. Estou em dívida com vocês.

– Thomas não dirá nada a ninguém. – Yuri se inclinou, fixando os olhos nos de Tom. – Sei que ele vai guardar nosso segredo.

– Eu morreria antes de contar a alguém. – E sentia que defenderia aquele segredo com cada fibra do seu ser.

QUANDO TOM subiu na cama, faltavam vinte minutos para o horário do café da manhã, e seu cérebro ainda estava uma bagunça. Não conseguia parar de pensar no vídeo que Karl enviara, no qual ele aparecia apoiado nas quatro patas, latindo feito um cão obediente.

Tom se acomodou na cama, sentindo as imagens de Karl rindo dele por trás da câmera e da fumaça do charuto de Dalton arderem no seu cérebro.

Vik estava bem ao lado, vestindo-se. Lançou um olhar magoado na direção de Tom e depois lhe deu as costas.

– O que foi? Não vai se embonecar e encher o cabelo de gel hoje?

– Não. – O peito de Tom parecia prestes a explodir. Amassou os lençóis com os punhos cerrados, tentando raciocinar, apesar da fúria cega que não parava de se transformar em confusão e infelicidade profunda.

– Te vejo mais tarde, Desgraça Covarde da Raça Humana.

Tom observou Vik se encaminhar para a porta, prestes a desaparecer no corredor. O desespero tomou conta dele, como se fosse uma força viva e independente. Rapidamente, disparou uma palavra:

– *Doutor!*

Vik parou onde estava, os ombros se enrijecendo como um predador em estado de alerta. Ele girou o corpo, um estranho brilho se refletindo nos olhos escuros.

– Doutor?

– Doutor – confirmou Tom.

O rosto de Vik foi tomado pela esperança.

– Sério? Sério mesmo, Tom?

Tom respondeu com um gesto positivo da cabeça, engolindo em seco.

– Parece que um pessoal da Dominion Agra andou implantando programas no meu cérebro para fazer de mim um bom menino. Preciso me vingar. Uma vingança sangrenta, humilhante, estilo olho por olho, dente por dente.

Vik deixou escapar uma súbita gargalhada. Para a surpresa de Tom, o colega de quarto saltou na sua direção e o esmagou num abraço de urso antes de jogá-lo de novo na cama.

– Como é bom tê-lo de volta! – Ele se sentou a seu lado. – Vingança, é?

Tom fitava a parede do quarto com uma expressão sombria.

– Vik, devo me encontrar de novo com o pessoal da Dominion Agra no sábado. Tenho até sábado para bolar alguma coisa. Alguma... E estou tão... No momento, não consigo pensar numa vingança que não me faça passar os próximos quarenta anos na prisão.

– É por isso que há dois Doutores do Destino, amigão. Não consegue pensar em nada? Vou pensar em alguma coisa pra você.

– Certo, está bem. – Tom passou as mãos pelos cabelos repetidas vezes. Levantou-se, mexendo na gaveta à procura do uniforme.

– Esqueça isso. – Vik fechou a gaveta de Tom com o calcanhar. – Vamos deixar para lá o café da manhã. Conte-me o que aconteceu. E, depois, vamos planejar uma vingança gloriosa.

NOS DIAS QUE antecederam o jantar da Dominion Agra, Tom e Vik se divertiram como nunca. A primeira coisa que fizeram foi descobrir o

limite do cartão de crédito que Dalton tinha lhe dado: cinquenta mil dólares.

O comportado Tom Zumbi era absolutamente digno de confiança e jamais abusaria daquele valor.

O Tom de sempre adoraria cometer um abuso.

Ele convenceu Wyatt a invadir o sistema da administradora do cartão e alterar as informações de contato de Dalton, evitando assim que ele descobrisse o que Tom estava fazendo a tempo de detê-lo. Ela não estava disposta a participar de nenhuma fraude contra cartões de crédito e, por isso, Tom gastou cinquenta mil dólares sem a sua ajuda.

Num gesto de nobreza, Vik se ofereceu para ajudar.

Tom depositou dez mil dólares para o pai, que encontraria o dinheiro da próxima vez que se hospedasse no cassino Dusty Squanto. Então, Tom e Vik decidiram se divertir um pouco.

Passaram a noite no shopping center mais próximo, onde conheceram um grupo de garotas que não pareceram muito impressionadas com a dupla, até Tom começar a pagar por cada compra que elas tinham feito nas lojas mais caras. Depois disso, as garotas passaram a gostar muito dos dois. Eles as convidaram para jantar no restaurante indiano de Chris Majal, onde Tom deixou para o garçom sua primeira gorjeta de mil dólares. Também se ofereceu para pagar pelo jantar de todos os presentes.

Mas então as garotas descobriram que eles tinham catorze e quinze anos, e nem mesmo todo o dinheiro do mundo seria capaz de convencê-las a sair de novo com a dupla depois daquilo. Porém, Tom e Vik nem se importaram. Havia outras coisas fantásticas que podiam fazer com aquela quantia absurda, e o tempo era curto. Compraram ternos para os moradores de rua que ficavam perto de Dupont Circle. Jogaram os mais caros simuladores de RV, nos quais cada partida custava algumas centenas de dólares. Na noite de

sexta, alugaram equipamentos para organizar a primeira festa da história da Agulha, que terminou trinta minutos antes das 2300, o horário do toque de recolher nos finais de semana.

Tom mostrou aos seguranças contratados uma imagem digital de Karl.

– Se virem este sujeito, tenho instruções especiais. Antes de mais nada, levem-no à chapelaria.

– E depois?

– Não precisam ser delicados – instruiu Tom, deliciando-se com cada palavra. – Em seguida, venham me procurar.

O segurança de fato não foi nada delicado. Chamou Tom e indicou o corpo inconsciente de Karl largado no chão. Tom deu a ele mil dólares de gorjeta, tamanha sua satisfação. Depois, sacou seu chip portátil e o fio de conexão neural e começou a trabalhar em Karl.

Ninguém sabia quem estava por trás daquela festa-surpresa. Tom, Vik, Yuri e Wyatt se sentaram à mesma mesa, observando o restante da balada.

– Quanto já conseguiram gastar? – perguntou Yuri, analisando a opulência da decoração contratada.

– Estamos na marca de quarenta e sete mil, novecentos e doze dólares – informou Tom. – Se tiver mais alguma ideia para me ajudar a gastar dois mil ainda esta noite, é só avisar.

– Ainda não suspeitaram de fraude? – indagou Wyatt.

Vik riu.

– Pois é. A administradora do cartão já me ligou três vezes, mas a leitura de retina e o registro vocal dele conferem, e é o nome dele que está no cartão. Não há nada que Dalton Prestwick possa fazer a não ser...

– Pagar a conta – concluiu Tom, deliciando-se.

Era mesmo uma pena que Dalton não fizesse a menor ideia do que ocorria com o seu cartão, e a conta só chegaria dali a semanas.

Foi uma pena que Karl não ficasse sabendo quem tinha sido o responsável pela festa na Agulha antes de embarcar na limusine ao lado de Tom, às 1800, para irem ao Beringer Club.

Tom riu ao ver o grandalhão enquanto este se acomodava no banco ao lado. Era impossível evitar. Dava para ver manchas alaranjadas na pele esfolada de Karl, nos pontos em que tentara usar maquiagem para cobrir os hematomas do rosto.

– Olá, Karl! – cumprimentou Tom, felicíssimo. – Uau, é maquiagem o que está usando? Ficou ótima em você.

– Cale a boca, Fido – murmurou Karl.

Tom tinha passado gel no cabelo antes de mandar o resto do frasco pela descarga. Vestia-se com o terno que Dalton lhe dera, usava gravata, e até onde Karl sabia, ainda era um obediente zumbi. Tom imaginou que seria difícil manter a fachada, comportando-se bem e fazendo o papel de empregado respeitoso de Karl, mas não era um desafio tão grande assim. Sentia o corpo estremecer de ansiedade pelo que viria a seguir. Sabia o que iria acontecer.

Quando entraram juntos no Beringer Club, Dalton pôs os olhos neles e protestou:

– Karl, por acaso está usando maquiagem?

Tom se esforçou para não rir e estragar o disfarce.

– Vá lavar o rosto – ordenou Dalton.

Karl enrubesceu.

– Mas...

– Ande! Antes que alguém o veja!

Karl saiu correndo.

O olhar de Dalton pousou em Tom. Analisou o garoto dos pés à cabeça, como quem avalia uma propriedade. Tom deu prosseguimento à farsa, sentindo a malícia ferver dentro do corpo e mantendo o rosto tão calmo quanto possível.

– Tom, você sabe que tudo aquilo que fizer aqui terá impacto na minha imagem – falou Dalton.

– Claro que sei, sr. Prestwick. – Tom contava com aquilo.

– Infelizmente, o mesmo vale para Karl, embora eu nunca o tenha escolhido como um de nossos membros da ComCam. – A mão dele pousou no ombro de Tom. – Tente mantê-lo na linha, está bem?

Era difícil conter o riso ao pensar em qual seria a reação de Karl ao ouvir aquilo. Tom mordeu o interior da bochecha na tentativa de disfarçar.

– Claro, sr. Prestwick, vou me esforçar para impedir Karl de lhe causar constrangimentos.

Dalton acenou com a cabeça, satisfeito, procurando o olhar de Tom com seus olhos castanhos.

– Ótimo. Você é um bom garoto, Tom. Me deixou orgulhoso. Tornou-se um jovem educado e muito respeitoso.

Tom sentiu as unhas ferirem a palma das mãos. Era difícil não vomitar diante do comentário.

– Já Karl, por outro lado... – Dalton suspirou. – O pai dele foi um de nossos executivos. Tivemos de aceitá-lo entre os nossos. Era amigo de Elliot e, por isso, esperávamos que ele pudesse nos aproximar do rapaz. Mas não adiantou. A Nobridis logo fechou um acordo de patrocínio com Ramirez. Assim, ficamos com Karl nas mãos, sem alternativa. Quer dizer, até encontrar você. E que grande progresso você está fazendo, hein? Creio que terei uma oportunidade de ouro para você num futuro não muito distante.

Ele deu tapinhas na bochecha de Tom. Tom sentiu vontade de morder alguns daqueles dedos.

– É uma pena que o sr. Vengerov tenha ficado impossibilitado de vir – lamentou Dalton. – Ele ficaria impressionado ao ver o resultado final do seu software. Creio que, depois que a identidade de todos vocês se tornar pública, talvez seja necessário incluir algumas

modificações comportamentais nos arquivos de Karl também. Mas esse é... – ele lhe deu uma piscadela – ...um segredinho nosso, certo, garotão?

Tom devolveu a piscadela.

– Totalmente entre nós, sr. Prestwick. Pena que o sr. Vengerov não esteja conosco.

Era *mesmo* uma pena. Tom adoraria pegar aquele figurão também.

– Bem, preparei algumas instruções de etiqueta de última hora e também um guia para identificar cada um dos presentes no jantar. Está tudo na cabine de acesso neural; vá até lá baixar os arquivos. – Dalton fez uma pausa, dando outra boa olhada no garoto e parabenizando a si mesmo por ter destruído o antigo Tom, substituindo-o por aquela nova versão.

Tom lutou para manter a expressão serena ao se encaminhar para a cabine. Se cedesse aos próprios sentimentos, acabaria saltando sobre Dalton e desfigurando seu rosto feito um gorila.

Fechou-se na sala privada de acesso neural. Sentiu o suor se formar na testa ao ver a porta de acesso neural, mas sabia que não haveria problema dessa vez. Não haveria problema.

Wyatt tinha configurado seu firewall para resistir a qualquer coisa que tentassem implantar nele naquela noite. Mesmo assim, Tom sentiu uma onda de apreensão ao olhar para a porta de acesso. Era difícil erguer as pernas, obrigar-se a se acomodar na poltrona. Sua mão tremia tanto ao tentar se conectar ao fio que ele não conseguia acertar a porta de acesso ao tronco encefálico.

Tom fechou os olhos, respirou fundo e tentou controlar o tremor nas mãos. Céus, agia mesmo como uma florzinha. Se continuasse assim, precisaria de outra intervenção de Vik.

– Vai logo. Plugue o fio na cabeça, seu covarde – rosnou Tom.

Ele meteu o fio na porta de acesso.

A conexão fez seu corpo amolecer, os membros relaxados e os sentidos amortecidos, enquanto as linhas de código avançavam em sua direção, algo que quase o fez entrar em pânico, até senti-las sendo rejeitadas pelo firewall de Wyatt. Concentrou-se nesse processo, pois observar o firewall em funcionamento fez com que se sentisse melhor ao ver cada linha sendo apagada antes de ser registrada, os muitos zeros e uns adicionais sendo neutralizados pela nova barreira de segurança. Relaxou. O suor havia feito seu terno caro grudar no corpo.

O tempo passou lentamente enquanto Tom esperava pelo momento de poder arrancar o fio de si.

E foi então que aconteceu.

Uma mensagem de texto surgiu no centro de sua visão.

Você não voltou para duelar comigo, Mordred. Será que percebeu, afinal, que nunca poderá me derrotar?

Tom ficou olhando para a mensagem, chocado. Medusa. Ela usara o recurso de envio direto. Encontrara uma maneira de invadir o sistema e deixar um recado no processador neural dele, exatamente como Tom fizera.

Nas últimas duas semanas, havia deixado de visitar o fórum de mensagens que os dois usavam para combinar seus encontros. Não parecia ser algo digno do tempo dele, de acordo com os programas da Dominion Agra instalados em sua cabeça. Passara a ver aquilo como um risco desnecessário e sem sentido.

Agora ele se sentia mal, percebendo o quanto estivera próximo de romper o elo entre os dois.

Tom arregaçou a manga, feliz por ter trazido o teclado, e respondeu com rapidez, enviando outra mensagem: *Bem que você gostaria de ver seu sonho se tornar realidade, não? Nunca vou me render. Como conseguiu invadir meu firewall?*

Vou matá-lo antes de revelar o segredo, retrucou ela.

Aquilo fez Tom rir. *Vou sobreviver, para que possamos duelar outro dia... mas estou sem tempo agora. Tenho um elaborado plano de vingança para pôr em prática. Todos os aliados da Dominion Agra estão prestes a vivenciar uma noite inesquecível.*

A resposta demorou um pouco para chegar. Ele se perguntava como ela fizera para acessar seu processador.

Quais são as coordenadas do seu GPS?, perguntou ela por fim.

Por quê?

Porque gosto de planos de vingança. Posso ajudar.

Tom começou a rir. Era impossível evitar. *Sim, Medusa, acho que você pode ajudar.*

QUANDO A INSTALAÇÃO de etiqueta chegou ao fim, inteiramente neutralizada pelo firewall de Wyatt, Tom soube que tinha chegado a hora. Começou a pôr em prática o plano elaborado que criara graças a uma ideia de Vik. A aula de programação havia produzido seu primeiro resultado útil: conseguira invadir o sistema que controlava a central de esgoto da cidade.

– Quando estava no primário, em Délhi, fizemos uma brincadeira – contara-lhe Vik, e Tom tinha achado a história simplesmente genial.

O primeiro passo era isolar o sistema de esgoto do Beringer Club. Depois de conseguir, fez uma pausa. Vik tinha lhe passado uma complicada sequência de códigos de programação, mas Tom não conseguia nem mesmo reconhecer aquele sistema. Era diferente da planta técnica que Vik tinha mostrado, representando uma fossa séptica.

Ficou frustrado, desanimado diante da inesperada dificuldade. Então, decidiu fazer aquilo que só *ele* sabia fazer. Da mesma maneira que havia se ligado à Agulha, aos satélites, às câmeras de segurança...

Tom cerrou os dentes. Concentrou-se. Sentiu a conexão, sentiu o elaborado sistema de códigos e comandos e algoritmos que controlava a máquina. Os impulsos elétricos no seu cérebro faiscaram...

E ele viu que não estava mais totalmente dentro do próprio cérebro. Seu corpo orgânico pareceu cada vez mais distante, algo

frio e entorpecido, diferente do córtex que controlava o fluxo do esgoto do Beringer Club.

Naquele estado abstrato, o pânico ameaçou tomar conta dele, pois era tão grande o volume de dados, tantos fluxos de código puxando-o em todas as direções a ponto de ele não saber ao certo o que ele era...

Tom Raines. Meu nome é Tom Raines.

E este pensamento o salvou. Pelos menos o bastante para começar a usar aquilo que ele tinha e que faltava a todas as máquinas. A força de vontade. Ele tinha força de vontade, e a máquina tinha apenas um programa único que ditava suas funções. Os códigos que ele forneceu começaram a alterar sua função... Tudo se encaixou.

TOM ENTROU no clube para a primeira parte do show. Caminhou por entre os bem-vestidos executivos, seus congressistas de estimação e suas esposas decorativas. Viu Dalton e Karl conversando com o sr. Carolac, diretor-executivo da Dominion Agra, e avançou na direção deles.

Dalton incluiu Tom na conversa.

– Aqui está ele, sr. Carolac. Nossa mais nova aquisição. Thomas Raines.

O sr. Carolac era um homem de aparência doente, com grandes olheiras e pele acinzentada. Apertou a mão de Tom, olhando para o garoto como se ele fosse um equipamento.

– Ouvi muito a seu respeito, Tom.

– É um prazer, sr. Carolac. Também ouvi muito a respeito do senhor. – Tom sorriu, sabendo que o vírus que tinha plantado em Karl quando o grandalhão estivera inconsciente na noite passada estava para ser ativado a qualquer momento... como *agora*.

– Você e Karl estão nos dando muito...

Karl peidou.

O sr. Carolac voltou os olhos aquosos para Karl, chocado.

Karl ficou completamente vermelho.

– Eu... Eu...

Peidou mais uma vez, um peido alto que reverberou pela sala.

Os olhos de Karl se arregalaram e foram de encontro a Tom, pois com certeza Peidos Frequentes e Barulhentos deveria estar piscando no centro de sua visão, e só agora ele entendia o que estava havendo.

– Você! – Karl apontou um dedo acusador para Tom. – A programação dele não está funcionando!

Tom franziu o cenho numa caricata demonstração de reprovação, enquanto Karl peidava outra vez.

– Não sei do que está falando, Karl. Não tenho nada a ver com a sua necessidade de mudança nos hábitos alimentares.

Karl deu passos ameaçadores na direção dele, peidando a cada movimento. O fedor começou a se espalhar pelo ar.

Dalton o agarrou pelo braço.

– Karl, pelo amor de Deus, vá ao banheiro.

– Não é culpa minha. Foi Raines! Estou dizendo, ele não...

– VÁ!

Karl saiu correndo em meio à multidão silenciosa de convidados para o jantar. Todos puseram a mão sobre o nariz, reagindo ao fedor insuportável que logo contaminou o ar.

Logo perceberam que aquele fedor não viera de Karl.

Era a fossa séptica que Tom tinha reprogramado. Litros e mais litros de esgoto eram bombeados no sentido contrário, enchendo pias e privadas e, em seguida, espalhando-se pelo chão.

Tom pigarreou.

– Ora, que cena mais patética. – Emitiu uma risada artificial, olhando para os adultos ao redor. – Vou trazer alguns drinques para

os senhores e vamos tentar esquecer o que acaba de ocorrer.

O sr. Carolac parecia mais calmo.

– Vejo que, ao menos, acertou com um deles, Dalton.

– Preciso me desculpar por causa de Karl, senhor... – dizia Dalton enquanto Tom se afastava.

Mas Tom não foi para o bar. Saiu pela porta e já tinha passado pelo portão de aço quando Karl começou a gritar do banheiro, alertando a respeito do esgoto. Com um gesto rápido, Tom fechou o portão, alterando a senha padrão para uma combinação de trinta números que nem ele seria capaz de lembrar mais tarde.

Os gritos de Karl foram seguidos pelos de Dalton e, logo depois, pelos dos demais presentes. O odor era tão forte que Tom teve de lutar para não vomitar. Acomodou-se nos degraus e, por entre as barras, observou os executivos da Dominion Agra. Escutou as exclamações de nojo enquanto o esgoto que subia pelas latrinas se acumulava, saindo dos banheiros e espalhando-se pelo chão do clube.

O sr. Carolac gritou para que todos saíssem dali e, ao ver que ninguém conseguia abrir o portão automático, ordenou aos berros que alguém chamasse um técnico. Tom começou a rir. Riu cada vez mais alto ao ver todos se queixando de que os celulares não funcionavam. Aquele deve ter sido o toque especial de Medusa. Por um momento, Tom ficou impressionado com as habilidades dela. A adversária tinha invadido satélites e os desligado. Satélites! Talvez nem mesmo Wyatt fosse capaz de algo assim.

Obrigado, Medusa, pensou ele com um sorriso.

Mas, aparentemente, ela não tinha encerrado sua participação. Uma música altíssima começou a tocar nos telefones. Não parecia música, na verdade, e sim o irritante som de metal raspando contra o metal, um barulho tão doloroso que era capaz de furar os

tímpanos. Punhos começaram a esmurrar as saídas enquanto mãos tentavam mover o portão.

Dalton apareceu entre as barras; tinha chegado a sua vez de tentar abri-lo à força. Tom surgiu diante dos olhos dele. Ao vê-lo, Dalton pareceu aliviado.

– Tom. Tom! Ainda bem que é você. Já que não ficou preso conosco, vá chamar ajuda lá fora.

Tom pôs as mãos nos bolsos e deu uma boa olhada na situação de Dalton, sem demonstrar nenhuma pressa.

– Humm. Não, acho que não vou chamar ninguém.

O esgoto chegou aos sapatos de couro de Dalton. Tom se divertia com a expressão chocada no rosto dele.

– Tom! – ele esmurrou o portão. – *Vá buscar ajuda imediatamente!*

Tom balançou a cabeça, o olhar cravado nos olhos de Dalton. Desceu até o começo da escada, encharcando os sapatos no esgoto que se espalhava cada vez mais pelo chão.

– Talvez eu abra o portão, Dalton. – Tom se aproximou das barras, tomando o cuidado de se manter fora do alcance de quem estava do outro lado. – Posso ajudá-lo, mas você vai ter que ficar de joelhos e implorar.

– ABRA O PORTÃO IMEDIATAMENTE, TOM!

Tom balançou a cabeça, consciente de que sorria feito um lunático. A impotente indignação de Dalton era tão deliciosa de assistir que ele não pôde evitar o riso.

– Nem pensar, Dalton. Ajoelhe-se e implore. Implore para que eu o solte. Caso contrário, pode passar a noite inteira chafurdando no esgoto. Você e seu chefe. – Ele coçou a cabeça, debochando da situação. – Céus, o que será que ele vai pensar desta noite? Primeiro os problemas com Karl e, agora, isso... Tudo que fizermos terá impacto na sua imagem, certo?

Dalton olhou para ele, boquiaberto, como se não pudesse acreditar que o obediente e domesticado Tom pudesse se voltar contra ele.

– A escolha é sua, Dalton. Bem, mesmo que não me implore por ajuda, o esgoto vai parar de refluir em cerca de meia hora e, por isso, ninguém vai se afogar. Mas terão de suportar o cheiro até que alguém perceba que vocês precisam ser salvos. Mas tente pensar no lado positivo! – Tom piscou para Dalton, imitando a piscadela que ele lhe dera antes, como se os dois partilhassem de uma piada particular. – Ao menos vocês têm um bar para se distrair.

– Não ouse nos deixar aqui!

– Resposta errada. – Tom deu meia-volta e partiu na direção das escadas.

– Espere, espere! Tom, por favor. – A voz de Dalton indicava um toque de desespero.

Tom lançou um olhar despreocupado por cima do ombro, mas não retornou.

– Você não está de joelhos, Dalton. Esse é um requisito inegociável. Imagino que, depois de passar um mês bajulando você, o mínimo que pode fazer é se ajoelhar para mim.

– É um terno de vinte mil dólares.

– Não é problema meu.

Dalton olhou para ele, a música altíssima no fundo, o fedor do esgoto enchendo suas narinas. Então, ajoelhou-se no líquido nojento.

– Por favor, abra o portão. – Seu rosto estava vincado por rugas de fúria, e na voz era possível ouvir a raiva misturada ao orgulho ferido.

– Por favor, deixe-nos sair, Tom.

Tom olhou para Dalton e pensou na fumaça do charuto, na câmera e no quanto ele estivera próximo de ser completamente destruído para sempre.

– Não – Tom dirigiu-se para as escadas.

Os gritos o seguiram:

– EU VOU MATÁ-LO POR ISSO, RAINES! VOCÊ ESTÁ MORTO, MOLEQUE, ESTÁ ME OUVINDO? VOU MATÁ-LO! VOCÊ ESTÁ MORTO! VOU FAZER COM QUE SE ARREPENDA DE TER NASCIDO, VOU...

Mas Tom chegou ao topo da escada, deixando a voz de Dalton à distância. Quando se viu na rua, aproveitou para trancar a porta atrás de si, mudando a placa para a posição CUIDADO COM O CÃO, impedindo assim que alguém entrasse no clube particular e encontrasse os executivos da Dominion presos ali.

Tom pôs as mãos nos bolsos, tirou os sapatos de couro imundos e caminhou pelas ruas de Washington, DC, na direção do Capitólio. Estavam naquela época do ano em que as cerejeiras em flor decoravam o concreto com a exuberância de suas cores. Quando Tom chegou a uma fonte e mergulhou a cabeça na água, pétalas rosadas rodopiaram sob o impacto do líquido, que lavou o gel de seus cabelos. Viu um vendedor ambulante oferecendo lembrancinhas da capital aos turistas. Trocou o terno de onze mil dólares por uma imensa camiseta estampada com a frase "Made in USA", calças estampadas com a bandeira americana e os tênis do próprio ambulante.

Depois tomou o metrô, deixando para trás a Dominion Agra e o Beringer Club.

APESAR DO RELATO que Tom fizera do que tinha ocorrido e do olhar assassino que Karl lançou para ele no dia seguinte ao voltar para a Agulha, seus amigos estavam em alerta, esperando algum sinal de ressurgimento do Tom Zumbi. Mas o problema não era o Tom Zumbi. A cada dia que passava, o velho Tom se tornava cada vez mais deprimido, como se houvesse uma nuvem cinzenta sobre si, da qual não conseguia se afastar. Tentou agir normalmente, rindo,

brincando e participando de simulações, mas nada disso parecia mudar o sentimento que o incomodava.

Certo dia, nas simulações aplicadas, não avançou com as legiões romanas para enfrentar a rainha Boadiceia. Wyatt procurou por ele e o encontrou encostado em uma árvore, as sandálias enterradas na lama.

– Você não voltou a ser o Novo Tom, certo?

– Não.

Wyatt oscilou o peso do corpo entre uma perna e outra.

– Mas todos estão lutando, enquanto você está aqui. Você adora lutar.

– Estou apenas pensando, ok? Posso pensar?

– Não é o tipo de coisa que você costuma fazer. – Ela se acomodou a seu lado, tomando cuidado para evitar a lama.

Tom a observou com uma expressão vazia. Fazia algum tempo que ela também agia de maneira um pouco estranha, e Tom tinha certeza de que o motivo era aquilo que havia ocorrido com Blackburn. No dia em que estivera escondido na sala do tenente, ele ouvira o bastante para perceber que os dois tinham desenvolvido um certo tipo de amizade. E ele destruíra para sempre os laços entre os dois. Esfregou a testa.

– Por acaso já me desculpei? Por fazer Blackburn pensar que...

– Já disse, não foi você. – Ela abraçou os joelhos. – Ainda não sei o que Roanoke significa. Quer dizer, além do óbvio: aquela colônia nos primórdios da história da América.

– Vengerov sabe a resposta – murmurou Tom. – Eu o ouvi falar disso. Ele sabia exatamente como cutucar a fera com vara curta. Foi ele quem colocou aquilo na minha cabeça. – Afastou o pensamento. – Ouça, Wyatt, vou contar a ele o que houve e...

– Não! Por favor, não fale mais nisso. Tenho certeza de que um dia o tenente Blackburn vai voltar a falar comigo se deixarmos esse

episódio para trás. Ele precisa falar comigo, não precisa?

Tom não tinha uma resposta para aquela pergunta. Por isso, apenas levantou as mãos.

– Está bem. Você é quem sabe.

– É isso que está te incomodando?

– Não há nada me incomodando.

– Alguma coisa está incomodando você. É por isso que estou aqui: para que possamos falar dos seus sentimentos.

Tom riu, incrédulo.

– Falar dos meus sentimentos?

Ela oscilou de novo o peso do corpo entre uma perna e outra, quase gritando de constrangimento.

– Elliot me explicou como demonstrar mais sensibilidade emocional. É bem simples. Se quiser tentar, pode formar frases usando “eu me sinto”, e vou ouvi-lo calmamente, sem julgá-lo.

Tom bufou.

– Ele me disse também que posso conduzir essa conversa usando comentários empáticos do tipo: “Sinto que você está triste, Tom”. – Ela acenou positivamente com a cabeça. – Está se sentindo triste, Tom?

– Não – rosnou Tom, tomado por uma súbita fúria. – Não estou *triste*. Estou furioso, ok? Quer que eu forme frases usando “eu sinto”? Eu sinto vontade de matar alguém. Não paro de pensar no quanto fui enrolado por aquela situação toda e sinto que deveria ter incendiado aquele clube com Dalton Prestwick lá dentro, está bem? Sequer consegui perceber que havia algo de errado comigo! Passei semanas enchendo o cabelo de gel, puxando o saco de Karl e nem mesmo percebi que havia algo de diferente!

– O programa tinha um componente oculto. Foi feito para não ser detectado por você.

– Não é esse o problema. Devia ter percebido que havia algo errado porque simplesmente comecei a confiar em Dalton. Em ninguém menos do que *Dalton Prestwick*. Odeio esse sujeito, entende? Ele trata minha mãe como lixo. É por causa dele que não tenho família! E, de repente, basta instalar um programa na minha cabeça para me fazer pensar que ele é o sujeito mais bacana do mundo? Quero dizer, pensei mesmo que ele estava fazendo tudo aquilo pelo meu bem! Acreditei nisso, sem nem mesmo desconfiar de nada!

– Mas isso era um efeito do programa, Tom. Foi feito para fazê-lo pensar assim.

– Essas coisas não acontecem comigo, entende? Sempre sei quando alguém está tentando me enrolar. Eu... bem, não sou do tipo que aceita uma devoção cega. Jamais confiei em alguém dessa maneira, nem mesmo no meu pai!

Wyatt olhou para ele com intensidade e, em seguida, mordeu o lábio: até ela era capaz de perceber que não deveria fazer perguntas sobre nada daquilo.

Tom olhou para o horizonte, sentindo-se péssimo com a situação. Não parava de pensar em Dalton o ensinando a dar o nó numa gravata. Sua vontade era poder voltar no tempo e estrangulá-lo. Tinha a sensação de ter feito algo terrível, como se houvesse cometido uma traição imperdoável contra o pai, pois ainda conseguia se lembrar da sensação de confiar absolutamente em alguém, de acreditar sem um pinga de dúvida que tudo aquilo que Dalton fazia era para o seu bem...

E o pior é que ele sentia tanta falta daquela confiança que parecia agora haver um vazio dentro de si.

Tom se levantou de uma vez e sacou a espada.

– Isso é idiotice. – Ele precisava lutar. Um pouco de violência virtual contra inimigos virtuais o curaria da depressão. – Esqueça

tudo isso.

– Então acabaram as frases usando “eu me sinto”?

Tom riu alto e partiu para a batalha.

– Wyatt, sem querer ofender, mas você é uma péssima terapeuta. O que acha de voltar a ser você mesma, de eu voltar a ser eu mesmo, e aí esquecermos que tudo isso ocorreu? Mas agradeço por suas palavras.

22

UMA SEMANA MAIS tarde, Wyatt continuava sem receber de Blackburn nenhum indício de perdão. O tenente mandou para ela uma brevíssima mensagem, designando-lhe uma sala na qual pudesse trabalhar sozinha no porão, formatando um número tão grande de processadores que ela tinha de encerrar o jantar mais cedo todas as noites para poder avançar um pouco nas tarefas tediosas.

Tom sabia que seria o próximo alvo da vingança dele.

Os primeiros dias da aula de programação após o incidente foram cheios de apreensão, pois Tom sabia que havia algo terrível esperando por ele. Blackburn confirmou esse pressentimento ao afastar o tema das aulas dos compiladores previstos no currículo, apresentando a eles um novo repertório de vírus agressivos, que Tom estudou com crescente ansiedade.

Então, chegou o dia.

– Na aula de hoje vamos colocar em prática aquilo que aprendemos na semana passada. – Os olhos dele encontraram os de Tom, expressando uma promessa de sofrimento. – Esse exercício

pode ser considerado uma caça à raposa, mas, se quiserem um nome formal, vou chamá-lo de Meter-se com a Pessoa Errada Faz Mal à Saúde.

Um burburinho confuso encheu a sala, enquanto os colegas se entreolhavam, tentando descobrir quem seria o alvo daqueles comentários. Tom desabou no assento. Logo saberiam a resposta.

– Todos vocês terão de caçar uma presa – prosseguiu Blackburn –, uma raposa. Podem usar os programas que quiserem para derrubá-la. Espero que isso ensine à raposa uma lição valiosa.

Em outras palavras, Blackburn anunciava que estava aberta a temporada de caça a Tom Raines.

– Tom Raines – anunciou ele –, você terá um papel animador a desempenhar hoje. Você é a raposa.

– Estou surpreso – disse Tom, a voz carregada de sarcasmo.

– Se conseguir escapar dos demais recrutas até o fim desta aula, será considerado o vencedor – informou Blackburn. – Pode usar todas as formas de fuga que quiser. O restante de vocês vai disputar para ver quem será o primeiro a acabar com a raposa. O vencedor poderá faltar a uma aula.

Todos se endireitaram nos lugares. Até Vik, bem ao lado de Tom.

– Traidor! – protestou Tom.

– Pode me chamar de Brutus – respondeu Vik.

Tom esperou para ver se o processador neural esclareceria aquela referência da história do Império Romano.

– Qual é o seu problema, Júlio César? – perguntou Vik.

– Escute, Vik, você é meu amigo. Pode me destruir antes dos outros.

– É para isso que servem os amigos – concordou Vik.

– E então, sr. Raines? – perguntou Blackburn, os cotovelos apoiados no púlpito. – Não vai fugir? O exercício não tem graça se você tornar tudo fácil demais.

Tom deu de ombros e permaneceu ao lado de Vik, feliz em permitir que o amigo usasse um vírus para acabar com ele antes dos demais.

– Nem adianta, senhor. É impossível vencer. Quase todos os recrutas da Agulha estão aqui. Não vou nem tentar.

Blackburn pensou um pouco nas palavras dele e, em seguida, acenou com a cabeça.

– Faz sentido. Vamos aumentar suas chances. Um programador habilidoso no seu time. Sr. Harrison? Você é a raposa número dois.

Nigel Harrison, mais próximo do púlpito, deu um salto no lugar em que estava, horrorizado.

– Mas que injustiça!

– Injustiça? – comentou Blackburn, áspero. – Não o vi protestar quando escolhi Raines. *Agora* você está indignado?

O garoto de cabelos negros lançou para o tenente um olhar de desprezo.

– Podem ir, os dois – disse Blackburn. – Dou a vocês cinco minutos de vantagem.

Tom não se mexeu. Nem Nigel. Cinco minutos não era nada. Nada. Blackburn voltou a cravar os olhos em Tom.

– Ou será que o desafio é demais para vocês?

O sangue subiu à cabeça de Tom. Ah, então era assim.

– Não caia nessa – alertou Vik em voz baixa.

Ele sabia perfeitamente que Blackburn o provocava. Mas a acusação de que Tom estaria se recusando a participar porque estava com medo era algo que não poderia aceitar. Tom tinha de mostrar que Blackburn estava errado. Iria mostrar a todos eles.

Levantou-se de um salto, ignorando o sorriso feroz de Blackburn, e rumou para a porta.

– Vamos, Nigel, vamos cair fora daqui.

O rosto de Nigel Harrison não parava de se retorcer.

– Dez minutos, senhor, ou então não participaremos.

Blackburn fez um gesto brando com a mão.

– Dou-lhe quinze, até. – Seu tom de voz dizia: *Não fará diferença nenhuma.*

Tom sabia que aquilo era verdade, mas saiu correndo na direção da porta. Desta vez, Nigel o seguiu.

TOM CORREU pelo corredor na direção do elevador.

– Bem, Nigel, pensei que o melhor é... Nigel!

Ele percebeu que estava sozinho. O garoto magro de cabelos escuros o estava seguindo num ritmo muito lento, com o rosto pálido sem esboçar nenhuma expressão. Tom correu até ele, acompanhando seus passos.

– Pensei no seguinte. – Tom quase saltava no lugar, lutando contra a vontade de sair correndo, sabendo que precisava da cooperação do outro garoto para que tivessem uma chance de vencer aquela parada. – Precisamos escolher um local seguro, onde possamos controlar quem entra e quem sai, como a Sala de Varredura. É lá que nos defenderemos. Vamos, Nigel. Podemos ganhar de todos eles.

– Não podemos, não – disse Nigel.

– Seremos como aqueles trezentos espartanos, entende? Esse é o nosso momento de glória, vamos enfrentar uma força muito superior e vencer. Nunca jogou aquele jogo, Sparta 300? – ele se esforçava para não agarrar o braço de Nigel e erguê-lo sobre o ombro para fazer com que se mexesse mais rápido.

– Você não passa de uma criança – resmungou Nigel. – Você e o panaca do seu amigo, Vik. A vida não é como um jogo idiota. Ainda não percebeu isso? Falando sério, quem poderia escolher um nome como Doutor Destino? Vocês roubaram essa ideia dos quadrinhos.

Tom apertava com insistência o botão do elevador.

– Em primeiro lugar, somos os Doutores do Destino: tem esse *do* no meio, e usamos a palavra no plural. Em segundo lugar, isso não tem nada a ver com o aqui e o agora.

As portas do elevador se abriram. Nigel se encostou na parede, desperdiçando um tempo precioso que Tom sabia que eles não podiam perder se quisessem ter uma chance de sobreviver até o fim do horário da aula.

– Vamos. Vamos, Nigel, temos de ir para algum lugar onde possamos nos defender.

Nigel olhou para ele com as pupilas frias e azuis.

– É verdade que você explodiu o Beringer Club?

– Ficou sabendo disso? – perguntou Tom, surpreso.

– A Dominion Agra fez o mesmo comigo – disse Nigel. – Agiram como se fossem me patrocinar, disseram que eu poderia entrar no clube quando quisesse, mas logo vetaram minha nomeação para a Companhia Camelot e me proibiram de ir lá. E então, foi você?

– Não explodi o Beringer Club. Apenas inundei o lugar de esgoto. Com os executivos da Dominion lá dentro.

Nigel o estudou e, em seguida, sua boca se curvou levemente. Ele passou por Tom, entrou no elevador e apertou o botão S, que levava ao subsolo.

– Vamos trabalhar juntos. Sei como podemos vencer.

– Vamos nessa, cara. – Tom ergueu a mão espalmada, esperando o cumprimento dele, mas Nigel apenas lançou um olhar frio para aquela mão, que Tom logo recolheu.

Saíram do elevador. Tom começou a avançar para a Sala de Varredura, mas Nigel não o seguiu. Tom encontrou o garoto franzino diante do processador principal da Agulha, um chip de computador do tamanho de uma geladeira envolto por fios e isolado em ambos os lados por um sistema de resfriamento.

– Primeiro, vamos desligar o sistema de rastreamento para que ninguém possa localizar o sinal do nosso GPS e... – Uma ideia brotou no cérebro de Tom. – Espere. Deixe o sistema ligado. O sinal interno do GPS é a primeira coisa que vão acessar quando começarem a procurar por nós, certo?

Nigel olhou para ele, compreendendo o plano.

– Por isso, é nele que vamos plantar um vírus.

– Exatamente.

Nigel correu para um computador preso à parede e começou a digitar no teclado.

– Tenho aqui o vírus perfeito. – Um brilho estranho surgiu nos olhos dele. – É algo que eu mesmo criei. Acidente Vascular Cerebral.

– Está brincando, certo? – perguntou Tom. Mas Nigel apenas continuou a digitar. Tom agarrou o braço fino de Nigel antes que ele pudesse executar o comando final. – Não pode infectá-los com um vírus desses. Esse é um problema de saúde seriíssimo.

– E daí?

– Tem gente que morre depois de um AVC. Você pode matar alguém assim.

O sorriso de Nigel era terrível.

– Eu sei. – Voltou a mexer no teclado.

Desta vez, Tom o empurrou para longe do terminal. Nigel colidiu com a parede. Ele se endireitou, olhando para Tom como se o colega o houvesse traído.

– Qual é o seu problema? – berrou Tom. – Acha que Marsh vai deixar a gente fazer algo desse tipo?

– Não vou usar o vírus contra os membros da ComCam. Marsh só se importa com isso. – Os olhos azuis de Nigel exibiam um brilho doentio. – Vou usá-lo apenas nos demais, no peso morto, e deixar que Blackburn conserte tudo depois. Aposto que ele vai pensar duas vezes antes de se meter com a gente, assim como o restante deles.

– A voz dele tremia de ódio. – Não percebe? Nenhum de nós tem chance de entrar para a Companhia Camelot agora. A Dominion Agra vai sabotá-lo para sempre depois do que fez, e eu fui rejeitado por causa desse processador neural defeituoso.

– Defeituoso?

– Eu não tinha esse tique nervoso antes – disparou Nigel. – É um problema de hardware do meu processador neural. Seria preciso abrir minha cabeça de novo para corrigir o defeito e, por isso, o general Marsh decidiu que não vale a pena correr esse risco, por mais que *eu* esteja disposto a tentar a cirurgia corretiva. Isso estragou tudo! Nunca poderei entrar para a ComCam, porque as empresas patrocinadoras acham que fico mal diante das câmeras. E Marsh não vê problema nenhum nisso. Ele até me disse: “Filho, você pode ajudar o exército de outras maneiras. Nem todos têm aquilo que é necessário para ser um combatente”. Mas eu não quero ajudar de outra maneira. E, agora, você está na mesma situação: nunca poderá fazer parte da ComCam. Por isso, temos que demonstrar outras qualidades.

– Em qual qualidade está pensando? Na qualidade de eliminar a concorrência?

– Não; mostraremos a Marsh que somos implacáveis. – Os dedos de Nigel agarraram algo no ar, alguma coisa que só ele era capaz de ver. – Não percebe? Veja o caso dos Combatentes Russo-Chineses. Medusa não tem uma empresa patrocinadora, mas é um combatente mesmo assim, pois é habilidoso demais. Podemos ser iguais a ele. O comando procura pessoas diferentes, que não sejam medíocres como os demais. Vamos mostrar a eles que somos tão letais que o exército *precisa* nos incluir na ComCam, ainda que a gente não tenha patrocinadores!

– Não desse jeito. – Tom se posicionou entre Nigel e o teclado do terminal. – Tenho amigos aqui.

O rosto de Nigel se retorceu, uma expressão que lembrava uma nuvem em tempo de tempestade.

– Bom para você.

– Não estou dizendo que você não...

– Eu não tenho – rosnou Nigel. – Não tenho amigos aqui.

Nossa, nem imagino por quê, pensou Tom, mas disse apenas:

– Está bem; talvez você não tenha amigos, mas isso não significa que vou deixar você ferir os meus.

– Em que mundo você vive? – Nigel cuspiu enquanto falava. – Em poucos minutos, seus supostos amigos vão começar a caçá-lo. Seus amigos o ajudaram a entrar na lista de inimigos de toda a comissão executiva da Dominion Agra. Falamos de uma das principais empresas da Coalizão de Multinacionais, não percebe? São algumas das pessoas mais poderosas do mundo, e você as mergulhou no esgoto! Se tivesse amigos *de verdade*, eles teriam lhe dito que você é um idiota por pensar em fazer uma coisa dessas!

Indignado, Tom se rebelou:

– Meus amigos dizem que sou um idiota. O tempo todo!

– Está bem, Raines. Faça como achar melhor.

Tom não confiava nele. Voltou-se ele mesmo para o terminal, tomando o cuidado de impedir Nigel de chegar ao teclado, tentando encontrar uma versão de Peidos Frequentes e Barulhentos. A ideia era plantar o vírus no sistema de rastreamento e, quem sabe, os demais recrutas da Agulha desistissem de procurá-los com tamanho ímpeto se alguns deles fossem acometidos por uma crise de flatulência de grandes proporções.

– Seu firewall é mesmo impressionante – comentou Nigel às costas dele. – Foi Enslow quem o preparou para você?

Tom o ignorou. Estava concentrado na digitação para inserir o código-fonte correto.

– Impressionante – prosseguiu Nigel –, mas imperfeito. Não devia ter se aliado a mim. Talvez você tivesse uma chance.

Tom girou o corpo e viu o colega erguer o teclado preso ao antebraço. Saltou para frente, mas não a tempo. O vírus foi ativado, jogando sua cabeça bruscamente para trás e fazendo-o bater em algo duro. A visão dele escureceu, até se apagar de vez.

TOM ACORDOU deitado no palco da Sala Lafayette, sentindo muita dor atrás dos olhos. Viu as fileiras vazias de bancos, sem conseguir manter o foco nelas.

Tentou se levantar, mas viu que os pulsos estavam presos junto ao peito.

– Ei! – gritou ele, lutando para se libertar. Sentia algo atrás da nuca, pressionando sua cabeça, e uma parte do que quer que aquilo fosse caiu sobre seu rosto, cegando-o.

Blackburn afastou do rosto dele a túnica do uniforme.

– Acalme-se – ordenou o professor.

– Me soltem! – gritou Tom.

– Estou afrouxando as amarras agora mesmo. Fique calmo.

Ele pôs as mãos atrás de Tom e mexeu em alguma coisa: aquilo que o pressionava se soltou um pouco. Foi então que o garoto viu que havia sido amarrado com partes de uniformes.

– Você estava tendo convulsões – explicou Blackburn.

Tom se pôs de pé. O movimento fez seu estômago embrulhar.

– O que houve? – Ele engoliu em seco, tentando afastar a dor em sua garganta. – Quem venceu?

– Já faz algum tempo que estou desmontando o programa do sr. Harrison. Parece que ele deu cabo de você antes mesmo que os outros pudessem tentar pegá-lo. Você era uma das duas raposas e, por isso, ele venceu.

Aquele maldito traiçoeiro... Tom jamais pensaria em atacar Nigel e vencer daquela maneira.

– O que foi que ele usou contra mim? – Tom esfregou a cabeça. – Acidente Vascular Cerebral?

– Não. Quem inventaria um programa desses? Ele o atacou com uma versão especialmente nociva do vírus Nigel Harrison. Seu tique nervoso virou uma convulsão contínua, e parece que você bateu a cabeça e desmaiou.

Tom riu, sentindo a cabeça girar. Havia uma sensação engraçada em suas pernas.

– Só pode estar brincando. Quer dizer que Nigel Harrison me infectou com um Nigel Harrison?

– Isso mesmo. – Blackburn parecia contrariado. – E se ele tivesse programado uma sequência de desligamento, eu teria lhe dado um dia de folga. Como tive de desfazer o estrago, decidi não premiá-lo.

Os olhos de Tom se depararam com uma mancha de sangue no palco logo abaixo de si. Ele levou uma mão trêmula à lateral da cabeça, tocando no galo dolorido.

– Não mexa no ferimento – alertou Blackburn, afastando a mão de Tom.

Certo, como se ele estivesse preocupado. Tom se libertou das mãos dele e pulou do palco. O chão pareceu sumir de baixo dele, que caiu sentado, desorientado.

– Bela aterrissagem. – Botas se aproximaram por trás dele, e mãos fortes o agarraram pelo uniforme, colocando-o de pé.

– Me solte. Fique longe de mim!

Blackburn o conduziu desajeitadamente pelo corredor.

– Você sofreu uma pancada na cabeça, Raines. Vai para a enfermaria agora.

– Estou bem. Estou ótimo. Me deixa!

Ele girou o corpo de Tom e o agarrou pelos ombros.

– Você ficou inconsciente por quinze minutos, Raines. Suas pupilas continuam assimétricas. Precisa passar no médico.

Tom se sentia estranho, vendo-o tão perto e falando daquele jeito mais suave. Desviou os olhos do tenente, contrariado.

– E então, conseguiu o que queria? Viu como fez mal à minha saúde?

Blackburn pensou nas palavras dele.

– Isso foi longe demais. Vamos.

Tom parou de tentar se afastar do professor, e Blackburn permaneceu em silêncio durante o resto do caminho até a enfermaria.

Tom ainda se sentia zozzo quando Blackburn o entregou às mãos do enfermeiro Chang, que o conduziu a um dos leitos disponíveis e apontou uma lanterna para seus olhos. Tom apertou a bochecha contra a maca, que pareceu sólida e tranquilizadora naquele momento em que a cabeça parecia tão atordoada. Logo se sentiu feliz por estar ali. A ideia de dar a Karl motivos para comemorar ao vomitar sobre si mesmo no meio do refeitório não o atraía de maneira alguma.

– Mantenha-se acordado, sr. Raines – ordenou o enfermeiro Chang.

Tom obrigou os olhos a se manterem abertos, vendo a lateral da cama perder o foco e quase sumir. Sentia-se péssimo. As luzes eram fortes demais. Não gostava do fato de Blackburn ainda estar lá, perto dele. Tentou ignorar o som da voz do tenente, que perguntava:

– Quanto tempo acha que ele vai ficar por aqui? Preciso informar o general Marsh.

– Vou responder depois de fazer uma tomografia nele, mas o rapaz é jovem. Um trauma físico capaz de me derrubar, ou você, por algumas semanas pode ser superado por ele em poucos dias.

– Nem precisa me dizer. Tive dois meninos com um ano de diferença entre eles. Não foram poucas as viagens até o... – Ficou

quieto por um longo período. – Apenas me mantenha informado.

Tom ouviu passos pesados, seguidos pelo deslizar de uma porta, primeiro se abrindo, depois se fechando. Como se uma tempestade houvesse se dissolvido, Tom pôde enfim relaxar, certo de que Blackburn tinha partido.

DEPOIS DE DOIS dias, Tom recebeu permissão para deixar a enfermaria, mas teve de permanecer de repouso na cama. Foi por isso que o sinal do seu GPS indicou que estava em seu quarto, quando na verdade estava no ambiente de RV do shopping center mais próximo.

Passou toda a manhã de sábado lutando contra Medusa no jogo Pirate Wars. Tom era o líder da frota pirata Bandeira Negra, e ela era Ching Shih, a rainha pirata da China que liderava a frota da Bandeira Vermelha. Apesar da fraca dor de cabeça que insistia em incomodar, último vestígio da concussão, Tom combateu com valentia e conseguiu abordar o navio dela. Enquanto massacrava a tripulação da rainha, viu a cabeça escura de Medusa boiando na água perto do navio, um imenso sorriso que transbordava de expectativa.

Ela acenou, contente. Foi o único alerta que ele recebeu.

O navio dela explodiu, levando consigo Tom, o navio dele e a maior parte da frota da Bandeira Negra.

Eles se encontraram novamente no salão virtual do RPG, e Tom se transformou mais uma vez no avatar do ogro. A rainha egípcia de Medusa dava uma série de cambalhotas no sofá, celebrando a vitória.

– Ainda comemorando? – perguntou ele.

Medusa riu e se voltou para ele.

– Você se exibiria muito mais se conseguisse me vencer um dia.

Tom riu.

– Cem vezes mais, no mínimo. – O ogro deu alguns passos adiante, e os dois começaram a dar voltas, olhando um para o outro, ensaiando um novo duelo. – Me conte uma coisa. – Ele fixou seu olhar no avatar dela, como se alguns megapixels pudessem revelar algo da aparência da pessoa de verdade por trás daquela imagem. – Aprendeu a falar mandarim na infância?

– Cantonês.

Tom se congratulou por ter conseguido descobrir a nacionalidade dela. Ela já havia admitido ser uma garota, já que tinha voz feminina, e ele imaginava que fosse chinesa, mas queria ter certeza. Agora, Tom formava em sua cabeça um retrato imaginário de Medusa: cabelo escuro e reluzente, olhos negros e vibrantes. Baixinha, pensou ele.

– Imaginei que não fosse russa.

– Os russos só treinam na Cidade Proibida durante duas semanas do ano, e nós vamos à instalação subterrânea que eles têm sob o Kremlin.

– Só por duas semanas? Alguns dos indianos treinam conosco o tempo todo. E o mesmo vale para os... – Tom se calou, antes de contar a ela a respeito dos poucos recrutas do Bloco Euro-Australiano presentes na Agulha.

Medusa ficou quieta por um instante. Sempre tinham que trilhar um caminho estreito entre a estranha amizade e as acusações de traição que teriam de enfrentar se dividissem segredos militares entre si.

– Imagino que isso não seja lá muito confidencial – disse Tom, pensando melhor.

– Todos sabem a respeito da instalação subterrânea russa – falou Medusa, parecendo pouco à vontade. – É como a instalação de Bombaim para os indianos.

– E quanto aos sul-americanos, os africanos e os habitantes do Norte?

– Em geral, eles vão morar em Moscou, e não conosco. É preciso se alistar no nosso exército para fazer parte do programa de treinamento chinês.

– Sério? Aqui, não fazemos parte do exército. Não até completarmos dezoito anos. – O ogro de Tom saltou no sofá. Seu imenso peso fez o móvel tombar e, com uma leve gargalhada, o avatar de Medusa saiu voando, deixando o sofá virar e cair sobre o avatar de Tom. – E os russos, são parte do exército? – perguntou ele.

– Sim, mas eles não levam isso a sério. Podem deixar as forças armadas quando quiserem. Eles enfrentam um problema sério por lá, pois muitas famílias ricas da Rússia compram um lugar para seus filhos no programa militar apenas para conseguir o implante do processador neural, mas esses jovens abandonam o exército logo em seguida. – Ela aproveitou que o ogro de Tom estava preso sob o sofá para pisotear a cabeça dele. – Na maioria das vezes, nem se dão o trabalho de tirar o processador neural dos recrutas que abandonam o programa, mesmo que ainda haja tempo para isso.

– Golpe inteligente. Então, os pais mandam os filhos para o exército, para que sejam transformados instantaneamente em gênios, é isso?

– Bem, é o que deveríamos supor. Mas, certa vez, uma família foi investigada por ter feito algo assim, e logo se descobriu que a garota que recebeu o processador neural não era nem mesmo filha do casal, e sim uma moça qualquer que foi paga para fazer o papel de filha. E, quando o exército percebeu isso, eles já tinham aberto a cabeça da garota e vendido o processador no mercado negro.

– Uau.

– Temos uma abordagem diferente da deles. É por isso que os russos ficam tão incomodados quando vêm nos visitar. Este ano, eles não paravam de reclamar, pois queriam dormir todas as noites.

Tom parou de lutar para se livrar do sofá que o prendia, enquanto a bota dela descia repetidas vezes sobre seu rosto.

– Espere aí. Vocês não dormem todas as noites?

– Por acaso você dorme?

– Dormir é bom, Medusa. Dormir faz bem.

– Temos períodos programados de sono leve. Mas, com o processador, não é necessário dormir todos os dias.

Tom agitou as luvas e voltou a se debater contra o sofá.

– Mas e durante o tempo de sono?

– Aproveitamos melhor esse tempo. – Ela se abaixou para provocá-lo com um sorriso bem próximo do rosto dele, deixando o cabelo escuro envolver seu rosto dentro do visor. – Talvez seja por isso que estamos ganhando.

Tom riu.

– Talvez seja por isso que os combatentes estrangeiros preferam morar na Rússia! – Ele jogou o sofá de lado, levantando-se num salto e dando um soco nela.

– Você é do Texas? – perguntou-lhe Medusa, do nada, devolvendo o soco.

– Texas? Por quê? Por acaso pareço um texano?

– Texas e Nova York são os únicos lugares dos Estados Unidos dos quais já ouvi falar. Ah, e da Califórnia também.

– Não sou do Texas, mas conheço um sujeito que é de lá. Seu nome é Eddie.

– Ele morava num rancho?

– Não. Ele não é um vaqueiro. Acho que é médico. Meu pai e ele brigaram certa vez e, em seguida, tomaram uma cerveja juntos.

Ainda são amigos. Imagino que seja assim que eles fazem amizade por lá.

– E não foi assim que ficamos amigos? Brigando? – Ela o jogou longe, fazendo-o atravessar a parede.

Tom se pôs de pé, voltou correndo à sala e a derrubou.

– É, mas brigar não é tudo que fazemos. Acabamos juntos com o Beringer Club. Além disso, costumo morrer de maneiras horríveis nas suas mãos. Assassinatos violentos sempre formam a base de uma linda amizade.

Ela riu, e sua rainha egípcia aplicou um chute no ogro, fazendo-o atravessar a sala e chocar-se contra a parede, que desabou sobre ele. O ogro de Tom foi soterrado, e ele não conseguia afastar do pensamento a imagem de uma bela chinesa que adorava jogos eletrônicos, soltava chispas pelos olhos e lutava contra ele. Ah, e era também a maior guerreira do mundo, por sinal.

Ficou feliz pelo fato de Medusa não poder vê-lo naquele momento, somente seu avatar, aquele ogro que empunhava um machado, soterrado pelas pedras, pois ficaria envergonhado se ela visse o imenso sorriso estampado em seu rosto.

NAQUELA TERÇA FEIRA, Tom recebeu uma mensagem assim que a aula de táticas chegou ao fim: *Apresentar-se a Elliot Ramirez para avaliação semestral.*

– Ih. Que ótimo. – Tom já sabia como seria aquilo.

Os plebeus eram todos avaliados para determinar se poderiam ser promovidos à Companhia Intermediária, um passo pequeno e importante na progressão das patentes. A decisão cabia a Marsh, mas a opinião dos instrutores das simulações aplicadas também contava. Tom vinha evitando Elliot na tentativa de escapar da inevitável crítica à sua dificuldade em trabalhar em grupo, sua incapacidade de cooperar com os demais, além de outros pontos,

como a falta de percepção de si mesmo. Mas, obviamente, Elliot já estava cansado de esperar que Tom o procurasse no momento que julgasse mais oportuno.

Nunca tinha estado no décimo quarto andar, que era onde moravam os Combatentes da Companhia Camelot. Já tinha ouvido boatos, como todos os demais: aparentemente, os membros da ComCam não possuíam quartos individuais, e todos dormiam num único alojamento. Tinham também uma piscina, colchões de penas, uma banheira quente na qual as garotas da ComCam ensaboavam os corpos nus, um bar particular e uma massagista. Quando as portas se abriram e revelaram uma sala comum idêntica à dos outros andares e alojamentos particulares iguais aos dos demais pisos, Tom ficou um pouco desapontado. Pisou no carpete macio com os olhos fixos na janela inclinada que dava para a vastidão verde de Arlington, catorze andares abaixo. Girou o corpo devagar, olhando para as portas.

– Tom.

A voz de Elliot o fez dar um salto. O garoto de cabelos escuros estava na entrada do próprio quarto e, com um gesto, indicou a Tom que entrasse.

Tom o seguiu até o quarto. Elliot era o único ocupante. Nada mal.

Elliot devia estar relaxando na cama, porque logo se deitou novamente e cruzou as pernas sobre os lençóis, enquanto uma tela muda exibia imagens no teto logo acima: a batalha em Mercúrio travada meses antes.

– Então, é hora de sua primeira avaliação – disse Elliot, sem tirar os olhos do teto.

Tom oscilou o peso do corpo entre uma perna e outra.

– Pois é.

– Sente-se.

Tom se acomodou na confortável cadeira de couro de Elliot.

– Peço desculpas por antecipar este momento, Tom, mas estive ocupado tentando me preparar para a reunião de cúpula no Capitólio. O general Marsh não para de me mandar mensagens da Índia pedindo que eu faça a ComCam se apressar na escolha do combatente que vai lutar no meu lugar. E eu pensando que, talvez, pudesse cuidar sozinho da disputa este ano.

Tom olhou para a tela no alto, pois não sabia o que responder. De todos os membros da ComCam, Elliot tinha o estilo de luta mais fraco e previsível. Marsh possuía bons motivos para nunca deixá-lo ser o verdadeiro representante da Aliança naquela batalha.

Elliot observava a imagem na tela.

– Diga-me uma coisa, Tom: o que acha que fiz de errado nessa situação? – Elliot moveu o dedo e exibiu de novo um trecho no qual sua nave passou raspando na de Medusa, desviando no último segundo e sendo atingida por um míssil que ela disparara em sua direção. A nave explodiu, uma grande massa em chamas desabando na superfície de Mercúrio.

– Bem, você foi atingido pelo míssil.

– Sim, é óbvio. Mas por quê? Onde foi que eu errei?

– Está me pedindo para ser o técnico de arquibancada?

– Exatamente, Tom. Seja meu técnico de arquibancada.

Tom se mexeu na cadeira. Ele adoraria explicar a Elliot seus erros, mas aquele não parecia ser o momento certo para mostrar ao garoto o que ele fazia de errado. Além disso, desde quando Elliot o deixara lutar contra Medusa em Troia, Tom não sentia mais necessidade de agir assim.

– Bem, você teria sido atingido de qualquer maneira. Mesmo que tivesse feito tudo certo nessa situação.

– Mas eu poderia ter derrubado Medusa comigo se tivesse usado uma estratégia melhor. O que eu deveria ter feito?

– Você fez tudo como mandam os manuais. Sabe disso melhor do que eu. Está num nível muito mais avançado do que o meu na aula de táticas.

– Mas...?

– Você devia tê-la atacado no estilo kamikaze – disparou Tom. – Você teve a chance de fazer isso. Se derrubasse Medusa, o restante dos inimigos ficaria chocado. Então, não seria difícil abatê-los um a um.

– Tê-la atacado?

Tom fez uma careta ao perceber o deslize.

– Não sei por quê, mas acho que Medusa é uma garota.

– Eu também. Engraçado. Para ser sincero, nem pensei em chocar minha nave contra a dela naquela batalha. Mas você teria pensado nisso, não? – Elliot o observou com uma expressão reflexiva, esfregando o polegar contra o queixo. – Há algo diferente em você, Tom. Já reparei várias vezes; você avança direto para a jugular. Tem um instinto assassino. Eu não tenho esse instinto. Não tenho presas nem garras, nem o apetite do predador, ao que parece.

– Você quer dizer que não tem a mesma sede de sangue que eu.

– Imagino que essa seja uma maneira de descrever. Sabe por que eu quis que você jurasse lealdade?

Naquela época, Tom havia pensado em algumas hipóteses. Certa necessidade de poder, uma profunda mania de inflar o próprio ego. Mas não lhe parecia justo fazer comentários daquele tipo agora.

Elliot respondeu à própria pergunta:

– Porque isso é tão importante para avançar aqui quanto seu desempenho nas batalhas. Todo o instinto assassino do mundo não adiantará nada se você não estiver disposto a fazer o jogo social. Não existe na história ninguém que tenha alcançado a grandeza sem ter de engolir o próprio orgulho em algum momento, sem ter de

sorrir para alguém que considerava desprezível, sem, isso mesmo, sem jogar conforme as regras, por mais que detestasse a ideia.

– Já entendi. Não sei trabalhar em equipe.

– Mas pode aprender. – Elliot se inclinou na direção dele. – Você pode trabalhar em equipe. Pode se tornar um membro valioso e importante de uma equipe. Exatamente do tipo que leva uma equipe à vitória. Mas também precisa aceitar aquele outro jogo. Precisa aprender a...

– Puxar o saco do superior? – disse Tom, antes que pudesse conter as palavras.

– Isso mesmo. Puxar o saco.

Tom o encarou, surpreso, vendo as naves dançando na tela acima dele.

– Pode pensar o que quiser, Tom, mas nunca vai chegar a lugar nenhum a não ser que aprenda, de vez em quando, a agir como um puxa-saco patético. Como eu faço.

Tom não sabia o que responder. Nunca havia lhe ocorrido que Elliot tivesse total consciência da imagem que projetava.

Elliot prosseguiu.

– Admiro sua integridade. Admiro sua teimosia em defender o próprio território. Mas também gostaria de vê-lo conquistar novos territórios, e não apenas defender o seu. Gostaria de ver alguém com a sua criatividade, sua determinação, chegar a algum lugar na vida. Você não vai longe a não ser que aprenda a ser flexível.

Durante um instante, Tom ficou surpreso demais para responder. Depois se lembrou que nada daquilo importava. Não faria diferença.

– Seja como for, não vou chegar longe.

– Está se referindo aos executivos da Dominion Agra no Beringer Club?

Tom fez menção de se explicar, mas Elliot sorriu.

– Fiquei sabendo de uns boatos. Sua má reputação recém-adquirida é um obstáculo na tentativa de obter um patrocinador. É verdade. – Ele se levantou. – Mas, Tom, há na Coalizão outras quatro empresas que patrocinam Combatentes Indo-Americanos. A Dominion Agra não é sua única opção. Não desista tão cedo.

Tom se levantou, confuso. A conversa não tinha sido como ele esperava.

– Obrigado pelos conselhos.

– De nada. – Elliot parou perto da porta. – Tom, vou indicá-lo para a promoção à Companhia Intermediária. Mas quero que pense no que eu disse. – Ele lhe deu uma piscadela. – E boa sorte.

Perplexo, perguntando a si mesmo se algum dia havia chegado a compreender o colega, Tom apertou a mão que Elliot estendeu. Ainda estava em choque ao sair do quarto de Elliot e se dirigir de novo ao elevador. E foi por isso que não reparou em Karl, sentado no sofá, baixando os arquivos da lição de casa.

Karl arrancou da cabeça o fio de conexão neural e se levantou.

– Lassie.

Tom não estava com paciência para nada daquilo. Apertou o botão do elevador, torcendo para que chegasse logo ao andar em que estavam.

– O que foi, está me ignorando? Essa atitude de superioridade não faz seu estilo. – Ouviu o ritmo lento e constante dos passos de Karl chegando atrás dele e deu as costas ao elevador.

Mas Karl não o atacou. Manteve certa distância, deixando Tom ainda mais inquieto, os lábios dele congelados num sorriso estranho.

– O que foi? – disparou Tom.

– Estou dando uma última olhada em você.

– Você vai embora? Acho que vou dar uma festa.

– Não, não. Sabe, dias atrás, Dalton recebeu a conta do cartão de crédito com as despesas da sua última festa.

Tom riu alto. Não conseguiu conter a alegria.

– Agradeceria pelo olho roxo – disse Karl –, mas acho que nem preciso. Digamos que você já está morto, Fido.

– Sei, sei. Você vive dizendo isso, mas continuo bem aqui.

– Não por muito tempo. Logo, logo você vai sumir. Por isso, quis apenas desfrutar o momento. É como ver alguém que você odeia prestes a despencar de um penhasco.

Tom se sentiu um pouco ameaçado com o alerta velado, mas obrigou a si mesmo a sorrir.

– Bem, o sentimento é mútuo. Sempre que olho para você, Karl, penso no quanto estou animado com aquilo que Dalton vai fazer com você.

– Você não me assusta.

– Não me importo com isso. Já fico satisfeito em saber o que o aguarda. E em saber que você nem faz ideia do que o espera.

Um leve traço de incerteza brotou no rosto de Karl.

– O que é, Rex?

– Dalton me contou a respeito das diretrizes de comportamento que serão incluídas no seu pacote de atualizações. Me pergunto se ele o fará passar gel no cabelo. – Tom o observou um pouco e, em seguida, balançou a cabeça. – Não. Pensando bem, ele não tentaria o mesmo truque. Eu sou bem mais bonito do que você.

O rosto de Karl estremeceu, como se tentasse esboçar um sorriso, sem sucesso.

– Ele não faria uma coisa dessas comigo.

– Você não faz a menor ideia, não é? – disse Tom. – Dalton disse que o único motivo de a empresa tê-lo aceitado era a esperança de que você pudesse levá-los a Elliot, coisa que não aconteceu. Por isso, agora eles vão... qual foi mesmo a palavra que você usou? Ah,

sim: *castrar* você. Não acredita em mim? Posso ir ao dispositivo de varredura e mandar para você uma lembrança da conversa.

Karl não respondeu.

A porta do elevador se abriu.

– Prefere viver na incerteza? Azar o seu. – Tom se voltou para o elevador, sentindo o corpo latejar com o triunfo, mas Karl o agarrou pelo colarinho e o puxou para trás.

– Está mentindo! – Karl lançou um punho na direção dele. Tom se agachou e riu com os gritos de Karl quando os nós dos dedos se chocaram contra a parede.

– Não acredito que você caiu nessa de nov...

O segundo punho o acertou enquanto o afrontava abertamente, expulsando o ar dos pulmões. Tom dobrou o corpo, vendo pontos pretos diante dos olhos e sentindo as pernas tremerem com o próprio peso.

– Admita que está mentindo – rosnou Karl.

– Como assim? Quer que eu... minta... sobre estar... mentindo? – perguntou Tom, quase sem ar.

– Karl? O que está fazendo?

Tom nunca tinha ficado tão feliz ao ouvir a voz de Elliot. Karl o arremessou contra o carpete tão rápido, que a cabeça de Tom começou a girar. Levantou-se, cambaleante, ouvindo Karl se defender:

– Não é assunto seu, Elliot. Ele está me provocando. Está dizendo que...

Tom lutou para endireitar o corpo, ofegante. Elliot estava no meio do corredor, os olhos escuros e firmes fixos nos de Karl.

– Que motivo você poderia ter para bater num garoto de catorze anos?

– Mas, Elliot...

– Tom é um dos meus plebeus. Quero que o deixe em paz daqui para frente.

O rosto de Karl ficou vermelho.

– Você não pode me dizer o que fazer.

– Na verdade, Karl, posso sim – explicou Elliot em tom tranquilo. – Se quer conservar algum poder de influência na Companhia Camelot, vai me obedecer quando eu disser que deve deixar Tom em paz. Entendeu?

A expressão de Karl parecia a de um cão raivoso. Apesar de tudo o que tinha dito a Tom, afirmando estar numa posição de comando, ele logo pareceu uma criancinha contrariada.

– Entendeu? – A voz aveludada de Elliot tinha uma força que lembrava a resistência do aço.

Tom observou, fascinado, enquanto as bochechas de Karl ficavam cada vez mais vermelhas. Karl produziu um aceno positivo da cabeça.

– Posso entender isso como um “sim”? – perguntou Elliot.

– Sim. – Karl tinha os dentes cerrados.

– Obrigado, Karl. Agora, vá.

Tom assistia a tudo surpreso, enquanto Karl ia embora. O grandalhão parecia um dobermann feroz repreendido pelo dono. Tom jamais havia imaginado que Karl pudesse dar ouvidos a alguém; que Karl pudesse respeitar alguém a ponto de fazer o que lhe mandavam.

Tom olhou para Elliot, compreendendo pela primeira vez aquilo que o outro tentara lhe explicar. Havia pessoas que não precisavam lutar para defender o próprio território, para ter sua vontade respeitada. Havia outros jogos para jogar, outras competições a vencer.

– Você está bem, Tom? – disse Elliot.

– Sim... Sim, obrigado.

Ouviu a porta do elevador se abrir às suas costas. Antes que Elliot pudesse desaparecer no próprio quarto, Tom o chamou:

– Espere.

Elliot voltou a olhar para ele.

Sentindo-se tolo, Tom pousou o olhar em uma das janelas

– Elliot, talvez você não tenha sede de sangue porque não seja louco o bastante. – Relanceou o olhar para Elliot, reparando naquele rosto calmo e pensativo. – Talvez você seja... – ele tentou pensar num termo digno de Elliot Ramirez – ... *consciente demais de si mesmo* para agir feito um selvagem.

Elliot sorriu.

– Acha mesmo?

– Pois é. Bem, isso é tudo. – Tom acenou e entrou no elevador, torcendo para que Elliot percebesse que aquilo era o mais próximo que Tom chegaria de um pedido de desculpas por nunca ter lhe dado uma única chance.

NÃO HAVIA REGRAS que proibissem a confraternização. Afinal, não eram membros regulares do exército, e Marsh era realista, sabendo o que poderia ocorrer quando um grande grupo de adolescentes morava junto num mesmo lugar. Mas não havia nada para incentivar os relacionamentos. Não havia bailes como num colégio normal. Se alguns deles quisessem sair juntos, teriam de esperar o final de semana e ir a Washington, DC, ou se contentar com a atmosfera romântica da praça de alimentação do shopping center mais próximo.

Mas, durante o verão, a Agulha promovia algumas Noites Abertas, quando o teto do planetário se abria para revelar o céu estrelado logo acima. Oficialmente, as Noites Abertas serviam para ajudar os recrutas mais velhos que estudavam astrofísica, mas, na verdade, eram ocasiões que proporcionavam uma bela vista, atraindo os casais, ou prováveis casais, sempre que possível. Naquela noite, Yuri e Wyatt tinham combinado de ir, e Vik planejava acompanhá-los na tentativa de arrumar um lugar perto de Jenny Nguyen, da Divisão Maquiavel. Ele dizia que a garota andava “olhando” para ele nas sessões de simulação aplicada e decidira tentar a sorte. Tinha até mesmo pensado na cantada perfeita.

- E qual é a cantada? – perguntou Tom.
- Não posso revelar. Dá azar.
- É tão ruim assim?
- O segredo está na maneira de aplicá-la, Tom!

O colega de quarto passou meia hora tirando fiapos das calças e trocando de camisas enquanto Tom caçoava dele.

– Agora é você que parece ter perdido o cromossomo Y.

– Não enche, Tom. Meu caso é diferente.

– Claro que é, parceiro. Não deixe a Jenny pensar que você é fácil, senão ela não vai respeitá-lo amanhã de manhã.

Vik estendeu o braço para lhe dar um soco, mas sorria, o mesmo olhar enlouquecido de sempre.

– Estou lindão.

Tom pôs a mão no coração, numa demonstração de sinceridade.

– Parece um doidão.

– Ela é que vai ficar doidinha. Por mim – disse Vik.

– Tente se convencer disso, Vik.

– Espero que tenha uma morte lenta, Tom.

Tom esperou até que Vik partisse para viver grandes constrangimentos e depois começou a brincar com os jogos eletrônicos. Mas havia algo o incomodando e, ao escolher um título que oferecia a opção de dois jogadores, percebeu qual era o problema: preferia quando jogava contra Medusa.

O incômodo vazio do quarto e o silêncio que reinava na Divisão Alexandre pareciam oprimir Tom. Ele não conseguia deixar de pensar que Medusa poderia ser uma garota que morasse bem ali no fim do corredor. Alguém que pudesse convidar para uma partida sempre que quisesse. Talvez até alguém que pudesse convidar para ir ao planetário numa daquelas noites... se tivesse coragem de fazê-lo.

Vik voltou ao quarto com um olho roxo e se recusou a dizer a Tom o que tinha ocorrido com Jenny. Assim, Tom começou a inventar as hipóteses mais mirabolantes para aquele olho roxo, cada vez mais absurdas, até que Vik plugou seu fio de conexão neural para escapar

das gracinhas do colega. Sorrindo, Tom também plugou o seu para encerrar o dia e foi dormir.

Bem cedo na manhã seguinte, ele enfrentou a escuridão da madrugada no metrô. O shopping ainda não estava aberto e, por isso, ele foi a outro ambiente de RV em Arlington. Teria uma hora para se encontrar com Medusa até que ela tivesse de se desconectar.

– Quer ouvir uma coisa idiota? – Tom lhe perguntou.

Lutavam como Siegfried e Brunhilde novamente, pois Tom já tinha explorado aquela simulação até descobrir uma maneira de vencê-la. Infelizmente, Medusa tinha incluído no programa outro complemento que ela usou para obter vantagens táticas: sempre que os dois pisavam em determinadas pedras, um anel de fogo os envolvia.

Ela andava em círculos ao redor dele na sala ardente.

– O que foi?

Tom se concentrou na espada dela, e não no avatar.

– Na Agulha, temos ocasiões em que podemos olhar as estrelas. É um pretexto que os casais usam para namorar. Pensei numa ideia estranha: gostaria que você morasse na Agulha para que eu pudesse convidá-la para ir comigo.

Ele lançou um rápido olhar na direção de Medusa. O sorriso tinha sumido do rosto dela.

– Besteira, não acha? – disse Tom, forçando o riso.

Ela não respondeu. Tom a atacou com o machado, torcendo para que ela esquecesse o assunto. Medusa se defendeu dos golpes dele e, numa violenta investida, estripou-o. Chutou o corpo dele para uma das pedras que se acendiam, ateando fogo nele.

Medusa não disse mais nada até voltar com uma tigela, despejando água no corpo dele, em chamas.

– Duvido de que gostasse de mim na vida real. Aposto que gosta de garotas bonitas.

– As garotas sempre dizem que não são bonitas quando, na verdade, são. Aposto que você é uma delas. – Tom tinha certeza daquilo.

Medusa o observou por um longo momento. Depois, fez algo inesperado: aproximou-se dele e beijou seus lábios, um pouco desajeitada.

Tom não estava conectado via processador neural. Não sentiu aquele toque. Era apenas RV: uma ilusão gerada pelo visor, mostrando o rosto da linda Brunhilde a poucos centímetros do seu, os olhos fechados e os lábios pressionados contra o ponto onde os dele deveriam estar. As luvas sensoras vibraram com o contato quando ele pressionou as mãos contra o ponto onde os braços virtuais dela estavam. Mas, quando Medusa se afastou, ele agarrou o avatar dela, sentindo arrepios pelo corpo, como se houvesse mesmo beijado uma garota pela primeira vez.

– Mais devagar. – Ele a atraiu para si, pressionando os lábios virtuais contra os dela para retribuir seu beijo.

Medusa riu e se debateu para se livrar dos braços dele.

– Ei, estou ligada via processador neural. Seus dentes acabam de se chocar contra os meus.

– Desculpe. – Tom nem se importava com o fato de estar num ambiente público de RV. Pela fina cortina que o separava do salão, os demais frequentadores provavelmente podiam ver que ele beijava alguém. Raios percorriam seu corpo.

– Por acaso isso significa que estamos namorando?

– Não sabemos sequer o nome um do outro.

– É, mas já matamos um ao outro tantas vezes que já ficamos um pouco íntimos. Além disso, er... – Tom respirou fundo e, em seguida, decidiu arriscar. – Quer ver minha aparência real?

Medusa olhou para ele pelos brilhantes olhos azuis de Brunhilde.

– Podemos fazer isso, os dois. Basta deixar de lado os avatares. – As palavras saíram com certa resistência, pois aquilo era algo que ele sempre procurava evitar. Jamais mostrava a aparência real numa arena de RV. Mas ele queria vê-la, ainda que isso significasse ela vê-lo também, e sabia, simplesmente sabia, que Medusa não mostraria o retrato dele a mais ninguém. – Isso não vai revelar nossa identidade. Prometo não mostrar a ninguém se você também prometer.

Medusa recuou, e seu avatar ficou cada vez mais distante na simulação.

– Se está preocupado com sua identidade, eu jamais mostraria seu retrato a ninguém – prometeu Tom, percebendo que ela se afastava. – Jamais faria isso.

Medusa o encarou sob a luz oscilante das tochas.

– Há algo que você precisa saber. A reunião de cúpula no Capitólio está se aproximando.

– Sei... Sei disso – disse Tom. Afinal, estava nos noticiários.

– Elliot Ramirez vai representar vocês no combate, mas todos sabem que há outra pessoa lutando no lugar dele.

– Sim, e o mesmo ocorre com Svetlana.

– Alguém como Alec Tarsus.

O coração de Tom congelou. Como ela sabia aquele nome?

As palavras seguintes fizeram o sangue sumir do rosto dele.

– Ou Heather Akron. Ou Cadence Grey. Ou Karl Marsters.

Eram todos membros da Companhia Camelot. A identidade deles era confidencial. Medusa não tinha como conhecê-las. Era impossível. A não ser que...

A não ser que a informação tivesse vazado.

Um vazamento muito sério.

– Já sei o nome de todos os membros da Companhia Camelot. Tenho também o IP deles. Tudo isso vi aparecer no noticiário na

segunda-feira. Acho melhor você ir. – Ela o olhou com intensidade. – É mais seguro para você.

Tom a compreendeu. Engoliu em seco.

– É, é melhor eu ir.

Ele tirou o visor de RV. As vozes ao redor não eram tranquilizadoras nem lhe transmitiam segurança. Tom viu a tela apagada na parede, a boca seca, consciente de que não existia privacidade de verdade na internet, mesmo com todo o seu planejamento cuidadoso, mesmo com todo o seu esforço para encontrá-la apenas fora da Agulha.

A identidade dos membros da ComCam tinha vazado. Algo assim só podia ser chamado de chocante.

Ele sabia, tinha certeza, de que as consequências seriam péssimas.

A NOTÍCIA SE ESPALHOU enquanto ele voltava para a Agulha. Tom ouviu os passageiros no metrô comentando partes daqueles nomes. Nomes que a população em geral não deveria conhecer. Heather... Alec... Ralph... Emefa... Já tinha ouvido todos quando chegou ao Pentágono. A identidade de todos os Combatentes da ComCam tinha vazado.

E, ao entrar na Agulha, as consequências eram tão cataclísmicas quanto ele temia. O lugar estava num estado de caos com a notícia, recrutas reunidos em torno das mesas no refeitório, a sala em um burburinho frenético. As telas nas paredes, normalmente desligadas, estavam todas iluminadas, exibindo o noticiário.

Tom passou por alguns membros da ComCam. Snowden Gainey, da Divisão Napoleão, quase pulava, sem sair do lugar, ao conversar animado com Mason Meekins, da Divisão Aníbal, que olhava para a tela mais próxima com uma expressão de horror. Quando Tom entrou no elevador, viu o noticiário passando na tela reservada para emergências, que em geral ficava apagada. O repórter falava enquanto a imagem exibia fotografias dos membros recém-identificados da ComCam, tiradas dos registros escolares, da internet e de outros lugares. A foto escolar de uma garota dentuça, de óculos e franja espessa, o surpreendeu. A legenda dizia que aquela era Heather Akron.

Quando Tom chegou ao quarto, Vik o informou de tudo que as pessoas haviam comentado na última hora: o noticiário estatal chinês tinha levado ao ar a identidade de todos os membros da

ComCam, afirmando até ter rastreado os “endereços de IP de seus computadores pessoais”. Os militares que sabiam a respeito dos processadores neurais entenderam o verdadeiro significado da afirmação: agora poderiam descobrir o nome verdadeiro dos Combatentes da ComCam apenas ao usar os endereços de IP.

– Elliot Ramirez deve estar arrasado – comentou Vik. – Ele não vai ser mais o único rosto famoso daqui.

A cabeça de Tom parecia latejar.

– Isso é péssimo.

Vik se acomodou na cama, repousando as botas no colchão.

– Pois é, principalmente para Blackburn. Alguém deve ter invadido o sistema da Agulha e obtido as identidades.

– Acha mesmo? – Tom sabia que não deveria soar esperançoso. Se fosse tudo culpa de Blackburn, talvez não houvesse investigação.

– Se a resposta não for essa, alguém foi o responsável pelo vazamento dessa informação.

Alguém foi o responsável. Tom sentiu o sangue gelar. Se Blackburn não fosse o culpado, ele investigaria obsessivamente até descobrir quem seria o responsável pelo vazamento das informações. Isso seria mil vezes pior do que a caça à pessoa que invadiu o banco de dados que continha os perfis de todos. Era um caso de traição. Tom foi até a janela e, desolado, olhou para o telhado do Antigo Pentágono. Estava numa situação difícilíssima. Os encontros com Medusa seriam quase impossíveis de explicar.

Vik pôs a mão no ombro dele, fazendo-o dar um salto.

– Anime-se. Pense na reunião de cúpula.

– Como assim?

Vik parecia contente.

– O serviço de espionagem russo-chinês sabe os nomes e os IPs da ComCam. Não percebe? Agora que eles têm essa informação, será impossível fazer alguém lutar no lugar de Elliot. Se outra pessoa

participar do combate no lugar dele na reunião de cúpula no Capitólio, os inimigos vão poder mostrar no noticiário a foto e a identidade do verdadeiro envolvido. Das duas, uma: passaremos por um grande constrangimento nessa reunião, ou então Elliot terá de chamar alguém cuja identidade não tenha sido revelada. Um de nós, que não somos membros da ComCam. Haverá um rearranjo das patentes por aqui.

– Não seremos nós, Vik. Somos plebeus. O escolhido deve ser Nigel Harrison, pois ele é o próximo na fila à espera de uma promoção para a ComCam.

– Mesmo assim, será uma promoção. Faz séculos que ninguém é chamado para fazer parte da ComCam. – Vik se deitou na cama, uma expressão encantada no rosto. – Imagine só. Sua primeira luta no espaço... contra Medusa. Imagine como seria lutar contra Medusa.

Tom precisou de todo o seu poder de autocontrole para não contar tudo a ele.

PESSOAS EQUIPADAS com processadores neurais não sonhavam. Elas abriam os olhos num horário pré-programado, totalmente despertas. Mas, quando Tom abriu os olhos às 0513, soube logo que era cedo demais e que havia algo errado.

Levantou-se com rapidez e percebeu qual era o problema: o tenente Blackburn estava bem a seu lado, completamente uniformizado, segurando o fio que acabara de desconectar do tronco encefálico de Tom. Um par de soldados armados esperava atrás dele na porta aberta.

Tom sentiu a boca secar. Tinha pensado em confessar os encontros com Medusa antes que alguém os descobrisse, mas, pelo visto, não teria a chance de fazê-lo.

– Sr. Raines, sabe por que tive de sair da cama e vir aqui neste horário obsceno? – perguntou Blackburn. – Um estabelecimento

chamado Beringer Club ficou sabendo do vazamento de ontem, e o responsável acreditou que seria seu dever patriótico me acordar para informar que você esteve lá recentemente. Alega que se comunicou com alguém na rede enquanto esteve lá. Alguém na China.

Então, tudo fez sentido.

Dalton. É claro. Tudo aquilo era obra dele.

Tom devia ter dito algo em sua defesa. Provavelmente devia ter feito qualquer outra coisa que não fosse rir, mas foi exatamente isso que fez.

– Está achando graça? – perguntou Blackburn.

Ele pôs a mão sobre boca, surpreso com a própria reação.

– Não, senhor. – A voz saiu abafada. Mas o cérebro dele não parava de ligar os pontos, e aquele horrível impulso que o levou às gargalhadas não parecia querer deixá-lo.

Dalton, que praticamente o havia avisado meses antes de que os membros da ComCam logo seriam conhecidos pelo público.

Dalton, que tinha usado Karl para alertá-lo de que a vingança estava a caminho.

Agora Dalton fazia seu “dever patriótico” e preparava uma cilada para Tom. O Beringer Club devia ter alguma maneira de detectar a mensagem que Medusa enviara ao processador dele. As identidades tinham vazado, e também informações capazes de incriminar Tom. Tudo aquilo era a *cara* de Dalton.

– Faz a mais remota ideia de como esta situação é grave, sr. Raines? Quem quer que tenha vazados aqueles nomes cometeu traição. Há uma sentença mínima de dez anos de prisão para traidores.

A palavra “prisão” teve efeito imediato. A terrível vontade de rir desapareceu. Tom ergueu os olhos para encontrar os de Blackburn.

– Ouça, tenho mesmo um conhecido on-line na China, mas não...
– Ele hesitou, sabendo que aquilo só faria a situação parecer ainda pior, mas a sinceridade era a única coisa que podia oferecer. – Senhor, estava me encontrando com Medusa. Mas posso explicar. Juro que não revelei nenhuma informação.

– Medusa. – Blackburn pôs a mão sobre a boca. – Medusa, o Combatente Russo-Chinês... Nem mesmo você seria tão burro, Raines.

– Apenas passávamos algum tempo juntos jogando. – As palavras saíram todas de uma vez. – Estava curioso para conhecê-la. Mas nunca revelei nenhuma informação confidencial. Não fui eu.

Blackburn se ajoelhou para que os dois ficassem cara a cara. A voz dele parecia mais calma.

– E ela nunca lhe mandou um link para um site externo? Nunca o mandou para algum ambiente on-line para o qual fosse necessário executar um script? Raines, tem certeza de que ela não poderia ter infectado seu processador com um vírus capaz de abrir uma porta de acesso para o nosso sistema?

– Ela não faria isso. – Não poderia ter sido ela. Dalton tinha que ser o responsável.

Mas...

Involuntariamente, o cérebro dele pensou em quando Medusa lhe enviara uma mensagem direta no Beringer Club. Ela conseguira penetrar as defesas dele e deixar uma mensagem bem diante de seus olhos, assim como ele fizera.

Tom sabia como ele tinha feito aquilo. Usara aquele truque de se conectar aos satélites, flutuando através das defesas eletrônicas da Fortaleza Sun Tzu. Era algo que ele podia fazer. Mas, pensando bem, ainda não tinha esclarecido como ela fizera o mesmo. Tom não sabia como ela tinha penetrado no firewall e chegado até ele.

Não. Balançou a cabeça. Não, Medusa não faria algo assim. Ela o tinha beijado. Não poderia ser ela a responsável.

– Ela gosta de mim. Não somos... Somos... – ele se calou, as bochechas em chamas.

Já tinha dito o bastante. Blackburn se levantou de novo com um grande suspiro.

– A sedução é o truque mais antigo do manual de espionagem, sr. Raines. Rostinhos bonitos já conquistaram presidentes e generais, e não me parece impossível que um adolescente seja vulnerável ao mesmo expediente. Você precisa se vestir e me acompanhar.

Tom se levantou da cama e apanhou o uniforme, pensando em cada encontro que tivera com Medusa, tentando detectar algum indício de que ela o estaria manipulando. Mas não parecia haver nada. O vazamento não poderia ter sido culpa dele... ou poderia?

Vik continuava roncando na cama ao lado quando Tom seguiu Blackburn e saiu do quarto. Naquele momento, ele daria qualquer coisa para estar dormindo também.

Quando saiu da Divisão Alexandre e chegou à sala comum dos plebeus, deparou com soldados armados à sua espera. As armas logo ficaram de prontidão assim que ele apareceu pela porta, e o sangue de Tom congelou. Enfim, começou a se dar conta da gravidade da situação. Seu coração começou a acelerar. Parecia impossível dar outro passo. Ele não conseguia se mexer.

Dez anos de prisão...

– Podem abaixar as armas, todos vocês – ordenou Blackburn, a expressão carrancuda. – Não ligue para eles, Raines. Vamos descer para conversar.

A garganta de Tom estava totalmente seca. Ele parecia enraizado onde estava.

– Não sou um espião.

– Acredito em você – falou Blackburn. – Estou totalmente convencido de que, se os russos ou os chineses quisessem enviar um agente duplo à Agulha, não seria você o escolhido. Por isso, ignore as armas e concentre-se em mim. – Ele apontou dois dedos para os próprios olhos, e Tom se concentrou neles. – Tenho certeza de que não fez nada intencionalmente. Não será preso por ser um tolo. Mas precisamos ir lá embaixo, e tenho que dar uma olhada no seu processador para ver se não foi infectado com algum programa malicioso. Eles podem estar acessando o sistema da Agulha agora mesmo.

– Agora?

– É, Raines. Por isso, vamos fazer uma varredura e ver o resultado. Em seguida, usaremos o dispositivo de varredura para dar uma olhada nesses seus encontros e, assim, terei provas de que você não fez nada de intencional. Entendido?

Tom engoliu em seco, e engoliu mais uma vez. Tinha a sensação de haver algo imenso preso na garganta.

– Si... sim, senhor. – Mexeu as pernas, que pareciam pesar uma tonelada, e seguiu Blackburn até o elevador.

NA ENFERMARIA, o dr. Gonzales, com a expressão cansada, prendeu um medidor de pressão ao braço de Tom para fazer um exame médico antes do que Blackburn tinha anunciado como uma extração neural feita com o dispositivo de varredura.

– Uma extração neural não é muito diferente de uma varredura comum de memórias – explicou Blackburn. O tenente estava perto de um computador conectado à porta de acesso do tronco encefálico de Tom por um fio neural. A tela exibia uma série de dados, indicando que a varredura de Tom estava em andamento.

Tom observava a tela de longe, sentindo a pele arrepiar de ansiedade enquanto esperava o resultado do exame de segurança

de Blackburn.

– O dispositivo de varredura vai analisar as lembranças indexadas pelo seu processador usando um algoritmo de busca alternativo – prosseguiu Blackburn, sem desgrudar os olhos da tela. – Desta vez não é você que determina a direção seguida pelo aparelho. Ele procura sozinho as lembranças e imagens mentais que você tenta esconder... *Aí está!*

A exclamação dele fez Tom dar um salto. Ele viu o tenente digitando apressadamente no teclado.

– Deve ser isso. – Havia algo de triunfante na voz dele. – Este deve ser o programa malicioso. Com certeza não programei isso aqui.

O coração de Tom afundou. Ele se levantou e correu para ver do que se tratava, pois tinha de ver com os próprios olhos a artimanha de Medusa. O dr. Gonzales praguejou, e Tom percebeu que ainda estava preso ao medidor de pressão – seu movimento tinha arrastado o equipamento médico, derrubando uma caixa de suprimentos.

Mas ele não podia pensar naquilo agora. Agarrou o encosto da cadeira de Blackburn e olhou por cima de seu ombro, analisando freneticamente os dados exibidos na tela. O alívio percorreu seu corpo quando percebeu qual era o nome do arquivo suspeito. Tom balançou a cabeça.

– Não é um programa malicioso, senhor.

– Raines, o que temos aqui é um software sofisticado. Não imagino que seja capaz de...

– Estou dizendo, não é um vírus. Foi a Wyatt que programou. – Pensou com rapidez num motivo para ter algo do tipo em seu processador. – Pedi à Wyatt que criasse um firewall para mim depois dos jogos de guerra. Porque, como sabe, meus programas são péssimos.

– São mesmo – respondeu Blackburn, sem prestar muita atenção, concentrado no programa.

– Foi tudo que o senhor encontrou? – perguntou Tom, esperançoso. – Não há mais nada?

O tenente desligou a tela.

– Não, isso é tudo.

Tom quase saltou para celebrar essa vitória. Nada de sedução. Nada de truques. Medusa não o havia usado para espionar a Agulha. Não era culpa dele. Saltou de volta à mesa de exame, com a sensação de que poderia flutuar até a estratosfera, tamanho seu alívio. O dr. Gonzales retomou o exame médico.

– Então, é só fazer a tal extração neural e pronto, estou liberado? – perguntou a Blackburn, enquanto o dr. Gonzales o examinava com o estetoscópio.

– Vamos botá-lo no dispositivo de varredura e, em seguida, será liberado.

Tom percebeu que sorria. Não conseguia evitar. Era a melhor notícia que poderiam lhe dar. Sem dúvida nenhuma.

Os olhos de Blackburn se estreitaram.

– Mas, se acha que vai escapar sem ter no mínimo suas liberdades limitadas por um período colossal por agir feito um idiota completo, acho que vai se surpreender.

Tom deu de ombros. Liberdades limitadas não eram nada se comparadas a dez anos de prisão.

O dr. Gonzales se levantou e tirou dele o medidor de pressão arterial.

– O paciente está em boas condições físicas, tenente. Vou assinar os formulários de autorização.

– Formulários de autorização? – repetiu Tom.

Blackburn se virou, apanhando uma pilha de papéis.

– Uma extração neural requer consentimento de um médico.

– Vai precisar de mais alguma coisa? – perguntou o dr. Gonzales, assinando um por um os numerosos formulários. Era uma papelada impressionante, e Tom se perguntou qual seria a necessidade de tantas assinaturas para aquele procedimento. – Devo mandar alguém trazer fraldas geriátricas?

Tom olhou para Blackburn, surpreso.

– Fraldas geriátricas?

Blackburn balançou a cabeça em negativa.

– Não creio que seja necessário.

– Fraldas geriátricas? Pensei que o senhor tinha dito que seria uma visualização comum!

Blackburn olhou com calma para Tom.

– É isso mesmo, Raines. Não havendo resistência da sua parte, é exatamente como uma visualização comum. Mas, às vezes, especialmente no começo da extração, as pessoas apresentam a tendência de resistir ao dispositivo. A extração neural é invasiva. Evoca lembranças que talvez você não queira partilhar, lembranças das quais talvez se recorde apenas de modo parcial. Também traz à tona imagens mentais privadas.

– Imagens mentais privadas – repetiu Tom, compreendendo do que se tratava. – Como... devaneios?

– Sim.

– E coisas do tipo.

– Sim – disse Blackburn, impaciente.

– E você vai ver tudo isso – repetiu Tom.

– Sim, Raines, e, se você não puder suportar essa ideia, acabarei vendo muito disso. Pelo bem de nós dois, não tenha tanto pudor.

Tom balançou a cabeça.

– E para que as fraldas geriátricas?

– A resistência prolongada leva a uma extração prolongada – explicou Blackburn. – O dispositivo foi projetado para procurar as

lembranças que você tenta esconder de propósito. Se resistir, o aparelho começa a evocar outras lembranças, não relacionadas, na tentativa de neutralizar sua capacidade de resistir. Ele vence seus mecanismos psicológicos de defesa num procedimento sistemático. Em tese, pode até apagar sua mente. Mas não teremos problema com isso. Se não cometeu traição, não terá nada que valha a pena esconder de mim, e tudo vai acabar rapidamente.

Mas havia algo incomodando Tom. E ele não percebeu o que era até os dois terem saído da enfermaria, caminhando pelo corredor em direção ao elevador. Blackburn dispensou mais uma vez os soldados armados, resmungando algo a respeito de serem um exagero, e os soldados abaixaram as armas e os seguiram de longe.

Na metade do corredor, Tom parou onde estava.

Ele se lembrou de algo: correr por aqueles mesmos corredores com Yuri.

Com *Yuri*.

Yuri, que tinha um novo firewall.

A vaga preocupação de Tom se transformou num terror verdadeiro. Ele conhecia o segredo de Yuri, o segredo de Wyatt. Não havia cometido traição, mas *os dois*, sim. Se ele sabia daquilo, Blackburn logo saberia também. A extração neural encontraria aquela informação em seu cérebro.

– Espere aí. Não quero fazer isso.

Blackburn se voltou para ele.

– Recusar não é uma opção nesse caso, Raines. – Ele o estudou por um momento. – Compreendo que esteja com medo de...

– Não tenho medo – protestou Tom.

– Ótimo. Não há nada para temer. Vamos logo acabar com esse assunto.

– Senhor, não quero ser submetido a uma extração neural!

– A escolha não é sua – Blackburn falou lentamente, como se explicasse algo a uma criança pequena. – Você não tem o direito de recusar quando a questão envolve segurança nacional.

Tom conseguia ouvir o próprio coração. Não estava com o teclado preso ao antebraço e, por isso, correu o olhar pelas paredes à procura de um terminal. Talvez pudesse enviar uma mensagem a Wyatt e alertá-la. Ela poderia reverter a situação com Yuri e apagar as provas, ou algo do tipo.

– Posso falar com uma pessoa antes?

Os olhos de Blackburn se estreitaram.

– Quem?

Tom não podia responder.

– Está começando a se comportar de maneira bastante suspeita, sr. Raines. Percebe isso?

Tom respirava pesado. Olhou para os soldados, em seguida para Blackburn, com o pressentimento cada vez mais forte de uma tragédia iminente.

– Está bem, vamos – disse Tom. Começou a seguir o tenente, esperando até que Blackburn acreditasse na sua cooperação e lhe desse as costas. Então, Tom girou o corpo e saiu correndo pelo corredor na direção oposta.

Gritos ecoaram atrás dele:

– *Peguem ele!*

TOM NÃO ERA BURRO a ponto de pensar que conseguiria escapar sozinho do Pentágono. Havia uma pessoa capaz de interceder por ele naquele momento e evitar um desastre; uma pessoa que nem mesmo o general Marsh poderia vencer. Tom apenas torcia para que ela estivesse lá. Ele se jogou contra a porta de vidro do escritório de Olívia Ossare, esmurrando-a com as mãos fechadas. Ouviu botas marchando em sua direção.

Imbecil, imbecil, imbecil, repetia Tom dentro da cabeça. *Não são nem 0700, é claro que ela ainda não chegou...*

Então ela se levantou de trás da escrivaninha, pois estava agachada, organizando as gavetas. O alívio percorreu o corpo de Tom. Assim que ela abriu a porta de vidro, ele entrou correndo, lutando contra o impulso de abraçá-la e dançar com ela ou algo do tipo.

– Você está aqui para o caso de termos um problema com nossos responsáveis militares, certo? – disse Tom, tão rápido que foi difícil entender. – Bem, estou com um *problemão* envolvendo meus responsáveis militares.

Ela franziu o cenho.

– O que houve?

– Você tem que me ajudar. *Precisa* me ajudar. – Tom ouviu batidas à porta e saltou, assustado, tropeçando na mesa dela na tentativa de se afastar daquele barulho.

Do lado de fora, os soldados de Blackburn olhavam para os dois. Tom se sentiu enjoado ao pensar na gravidade do que ocorria ao seu redor.

– O que foi? – Olívia deu um passo na direção da porta.

– Não! – Tom agarrou o braço dela. – Não abra!

Mas ela pegou na mão dele e, com gentileza, fez com que Tom a soltasse.

– Tom, sente-se. Vou pedir a eles que esperem.

– E se eles não lhe derem ouvidos?

Ela apertou a mão dele e, em seguida, a soltou.

– Ele vão me ouvir. – A voz dela tinha uma nota de firmeza incontestável. – Agora, sente-se.

Tom não conseguia se acalmar. Mas a voz dela parecia segura e confiante, e isso fez com que ele acreditasse nas suas palavras.

Quando ela se voltou para os soldados, Tom agarrou o computador da assistente, ativou o envio direto de mensagens e começou a digitar um recado endereçado a Wyatt. Mas logo se deu conta. De nada adiantaria aquilo. Blackburn poderia rastrear a comunicação. Apagou a mensagem. Sua cabeça era um branco total; não conseguia pensar em nada que pudesse fazer. Não havia maneira de se salvar.

Seus olhos se voltaram na direção dos soldados atrás do vidro, que discutiam com Olívia. A assistente insistia com a voz calma e, surpreendentemente, como por um milagre, eles recuaram. Tom nunca teria imaginado que aqueles sujeitos armados lhe dariam ouvidos. Olívia fechou a porta e se acomodou atrás da escrivaninha.

– Quer me contar o que está havendo, Tom? – perguntou ela.

Tom fechou os olhos, tentando organizar os fatos. Sabia que tinha sido um erro fugir de Blackburn. Mas não sabia o que mais poderia ter feito.

– Blackburn acha que fui eu a origem do vazamento e quer usar o dispositivo de varredura em mim. – As palavras passaram a brotar em ritmo galopante. – Não fui eu que deixei vaziar os nomes dos combatentes, eu juro. Não fui eu. E não é uma visualização comum de lembranças. Ele quer arrancar memórias da minha cabeça. Blackburn disse que a mente pode ser apagada se o dispositivo for usado por muito tempo. O dr. Gonzales disse que eu precisaria de fraldas. Não quero usar fraldas, está bem? Não quero!

A expressão no rosto de Olívia indicava que ela refletia nas palavras dele.

– Eles não têm o direito de obrigá-lo a se submeter a isso, Tom. Vou falar com o tenente Blackburn.

– Ele não vai ouvi-la. Escute, não existe algum recurso civil que possa me ajudar? Qualquer coisa? Porque realmente não sei o que fazer.

– Vou falar com o general Marsh.

– Ele está na Índia, reunido com outros militares para tratar da reunião de cúpula no Capitólio.

Então, o próprio Blackburn se aproximou da porta, conversando com os soldados. Tom cerrou os dedos em volta da mesa, assistindo com um nó na garganta de tanto medo, enquanto o tenente erguia o teclado preso ao antebraço, digitava algo e...

A porta se abriu. Blackburn entrou a passos largos.

Olívia se pôs de pé.

– O que pensa que está fazendo? – gritou ela, apressando-se para dar a volta na mesa e se colocar entre Tom e o tenente. – Este é o meu escritório. Você não tem o direito de entrar aqui assim!

– E aquele é um dos meus recrutas.

– Não pode fazer isso. – Quando Blackburn avançou na direção de Tom, Olívia se interpôs no caminho dele. – Sou a representante legal deste garoto, e não vou permitir que o leve à força nem que o submeta à sua máquina. Ele é um civil, e você não tem autoridade para tal. Está infringindo a lei, tenente!

Ele não pareceu comovido.

– A lei é apenas um texto no papel, a não ser que haja alguém disposto a usar a força para fazer com que seja cumprida. Vamos consultar o pessoal armado, o que me diz? Estou infringindo a lei. Alguém quer me prender? – Ele ofereceu as mãos a quem quer que quisesse algemá-lo, olhando para os soldados, que se mantinham em silêncio. – Ninguém? Bem, aí está a sua resposta. Afaste-se, srta. Ossare.

Ele voltou a avançar, mas ela o deteve com as mãos no peito do tenente.

– Como ousa? – A raiva fazia a voz dela tremer. – Está abusando de sua autoridade e extrapolando sua jurisdição. A lei garante a ele o direito de...

– Antes de me falar em direitos civis, por favor, me explique como é possível que você esteja aqui há três anos e ainda não tenha entendido como as coisas funcionam. Ele não está num acampamento de verão. O garoto pertence ao exército. Os direitos dele começam e terminam com o processador que ele tem no cérebro, e isso é mais do que a maioria dos soldados pode dispor. E, quanto à jurisdição, tenho a força bruta ao meu lado. Você tem apenas palavras. Uma coisa vence a outra. Permita-me demonstrar qual delas é mais poderosa. – Ele tirou as mãos dela do peito, girou o corpo da assistente e a afastou com um empurrão.

Olívia partiu para cima dele, mas um dos homens de Blackburn a agarrou pela cintura. Tom se levantou, pois a assistente parecia disposta a lutar contra todos eles, e ele não podia deixar que ela se ferisse. Tinha feito tudo o que podia ao vir até ali para saber se havia recursos civis capazes de salvá-lo. Não havia. Estava tudo acabado, e a situação só ia piorar se ele não parasse de resistir naquele instante.

– Não, srta. Ossare! Tudo bem. Eu vou com eles.

– Bom menino, Raines – disse Blackburn, aproximando-se e agarrando-o pelo braço. Dessa vez, ele não disse aos soldados que abaixassem as armas. Arrastou Tom para fora da sala segurando-o firme.

Olívia correu atrás deles assim que a soltaram. Ela estendeu o braço e pôs a mão sobre a de Tom.

– Tom, vou tirá-lo dessa – prometeu ela. – Juro que vou.

– Obrigado – disse Tom, antes de Blackburn o empurrar para frente, fora do alcance da assistente. Mas ele não achava que Olívia seria mesmo capaz de ajudá-lo. Tom sabia que agora nada poderia salvá-lo do dispositivo de varredura.

Naquele dia a arena de exercícios físicos tinha assumido a forma de uma ilha tropical. Tom avançou, mais rápido e mais forte do que todos os outros presentes na simulação. Numa enseada calma e banhada pelo sol, ele esperava para ajudar Heather a passar por uma palmeira caída. Ela saltou por cima do tronco, mas tropeçou e deu um gritinho de surpresa. Seu uniforme tinha caído!

Ela ergueu os lindos olhos até encontrar os dele.

– Oh, não, o que faço agora, Tom? Estou com tanto frio sem minhas roupas. E há zumbis me atacando!

Um bando de zumbis começou a atacá-la. Tom derrubou todos com golpes de seus poderosos punhos. Heather parecia sem fôlego, primeiro por medo dos zumbis e, em seguida, por admiração diante da virilidade de Tom.

Ele deu meia-volta e continuou a avançar, quase uma cabeça mais alto do que ela, com ombros tão largos quanto os de Siegfried. Os lindos olhos dela se fartavam diante do seu abdômen perfeitamente talhado, revelado por um rasgo que os zumbis tinham feito em seu uniforme.

– Oh, Tom, você é tão musculoso e corajoso. É dez vezes mais homem do que Elliot Ramirez.

Wyatt passou por eles e disse:

– É verdade, ele é mesmo! – E seguiu seu caminho.

Tom agarrou Heather em seus braços musculosos.

– Não se preocupe. Você não precisa de roupas. Não quando está ao lado de Tom Raines.

Outro gritinho feminino.

Era Ching Shih, a pirata chinesa que Medusa escolhia como personagem no jogo Pirate Wars. Ela tinha tropeçado na mesma palmeira e perdido o uniforme também. Mas não era de fato Ching Shih: era uma versão mais jovem e muito mais bonita. Era como Tom imaginava que Medusa fosse.

– Oh, não, Tom – disse Medusa. – Agora também estou com frio!

– Ora, ora – riu Tom. – Sorte que eu tenho dois braços. – Ele lhe estendeu a mão, e Medusa veio se juntar aos dois.

Heather se queixou.

– Tom, não quero dividi-lo.

– Talvez eu não queira dividir Tom com você, Heather. – Medusa pressionou o corpo contra o peito musculoso de Tom.

Tom sorriu para as duas garotas em seus braços.

– Não briguem por minha causa, garotas. O Tonzão tem amor suficiente para as duas.

Elas coraram, murmurando sobre como ele era bonito e charmoso, e então olharam uma para a outra, avaliando-se dos pés à cabeça.

– TODAS AS SUAS fantasias são iguais – queixou-se Blackburn. Ele estava sentado ao lado do dispositivo de varredura, segurando um café e assistindo às imagens mentais de Tom numa tela logo acima.

– Não se cansa disso?

– Fique à vontade para parar de vê-las! – gritou Tom.

– Acalme-se... Tonzão. Você está ficando histérico.

Tom fechou os olhos. Preferia ser fuzilado naquele momento. Mas, primeiro, queria ver Blackburn sendo morto. Estripado, para ser mais específico.

Estava sentado sob o dispositivo de varredura, os braços presos para que não tentasse fugir de novo, e os pontos luminosos incidiam sobre suas têmporas, emitidos pelas pontas da estrutura do aparelho, semelhante a uma garra com os dedos para baixo. Torcia

para que um meteoro atingisse a Agulha e destruísse tudo ao seu redor. Qualquer coisa, qualquer coisa para acabar com aquilo.

Com a fantasia seguindo o rumo natural, Blackburn deixou escapar um suspiro exasperado e disse:

– Já chega. – Pôs-se de pé, ergueu a mão e desligou o dispositivo de varredura.

– Terminamos? – perguntou Tom, esperançoso.

– Nem começamos, Raines. Você e eu desperdiçamos três horas com essas suas fantasias bobas. Quando é que vai meter na cabeça que não pode esconder nada de mim enquanto estiver sentado nessa cadeira? Se já está resistindo para revelar coisas tão levemente constrangedoras quanto essas... – teve dificuldade para encontrar a expressão correta – ...esses encontros implausíveis e imaginários envolvendo diferentes recrutas, teremos pela frente uma provação longuíssima.

Tom olhou para a tela, os punhos cerrados contra os braços da cadeira.

Blackburn estalou os dedos para chamar a atenção dele de volta para si.

– Tente o seguinte, Raines. Não pense num elefante.

– Quê?

– Não pense num elefante. NÃO... repito, NÃO... pense num elefante. – Ele deixou as palavras pairando no ar por um momento. Depois, falou: – Está pensando num elefante, certo?

– Sim, agora estou pensando no maldito elefante! Por quê?

– É assim que o procedimento funciona – esclareceu Black-burn, apontando para a tela. – Você está tentando não pensar num elefante, o que o torna muito consciente do elefante. O dispositivo de varredura sente essa consciência. Sabe que está escondendo algo. E não para de vasculhar o restante das suas lembranças até sentir que você parou de esconder o elefante do aparelho.

– Está dizendo que se eu não parar de me importar com o fato de você ver tudo o que há no meu cérebro, você vai ver tudo o que há no meu cérebro, é isso?

– Sim, é isso: então, é melhor parar logo de se importar. Se resistir por muito tempo, garanto que não restará muito do seu cérebro depois que terminarmos. É impossível resistir a um dispositivo de varredura.

Tom sentiu uma dor no peito enquanto Blackburn ligava o aparelho de novo. Tentou abaixar a cabeça, mas sabia que de nada adiantaria: os feixes de luz o seguiram, encontrando suas têmporas outra vez. Foi tomado por uma sensação de indiferença. Já estava tão cansado daquilo. Queria apenas voltar para a cama.

– Progresso – destacou Blackburn. – Ótimo.

Tom ergueu a cabeça e viu que as fantasias tinham finalmente desaparecido. Imaginou que tivesse deixado de se importar com a ideia de serem vistas por Blackburn. Mas a imagem seguinte evocada pelo dispositivo de varredura não era nada melhor.

Era o primeiro dia de Tom na escola. Tinha onze anos e olhava para as garras do seu avatar, Lorde Krull, enquanto a sra. Falmouth gritava com ele por ser insolente. Então ela lhe pediu que lesse algo escrito na lousa. Tom desconversou e inventou desculpas, mas ela o pressionou sem dar trégua, encurralando-o. Tom conhecia um pouco as letras e, por isso, tentou:

– Lie... in... co... le... in... – Olhava para o texto, que dizia "Lincoln". A sala se encheu de risos quando os colegas perceberam que ele não sabia ler.

Seu rosto pareceu se incendiar.

– Isso nunca aconteceu. – Ele não conseguia evitar o tremor nos lábios, criando a mentira urgente, pois preferia arrancar as próprias tripas a mostrar aquilo a Blackburn. – Isso foi tão real quanto as minhas fantasias.

– Sinceramente, Raines... não me importo. – Blackburn deu um gole no café, parecendo entediado.

Tom relaxou um pouco, percebendo que o tenente falava sério, e as lembranças de Rosewood sumiram. A cena exibida na tela mudou outra vez.

Neil.

Não, não o pai dele. Não diante de Blackburn. Por favor, tudo menos o pai.

E Tom tentou lutar contra a lembrança, fazendo o dispositivo de leitura se fixar naquele tema. *Era aquela noite em que Tom ainda era pequeno e dois sujeitos invadiram o quarto deles. Gritaram com Neil alguma coisa a respeito de dinheiro, bateram nele. Levaram o relógio de Neil, pois era tudo que lhe restava. Tom ficou tão assustado, escondido embaixo da cama, que fez xixi nas calças. Neil tentava convencê-lo a sair dali, dizendo que estava tudo bem, que os homens já tinham ido embora, mas Tom queria a mãe e pôs as mãos sobre os ouvidos quando Neil explicou mais uma vez que ela não viria, que ela nunca mais estaria com eles...*

Cada músculo de Tom estava tensionado, e os dentes rangiam. Fazia muitos e muitos anos que não pensava naquela noite. Quase se esquecera totalmente daquilo, e agora a cena estava bem ali, como se tivesse ocorrido momentos antes.

Blackburn girou a cadeira e o estudou por trás da xícara de café.

– Eu avisei que o dispositivo de varredura desenterra lembranças escondidas e desmonta suas defesas psíquicas. Isso vai ficar cada vez pior se você não mostrar logo aquilo que está escondendo.

Os pensamentos de Tom se dirigiram para Yuri e Wyatt, e ele os afastou da dupla com rapidez.

– Não estou escondendo nada.

– Se fosse verdade, tudo já teria acabado, e estaríamos os dois tomando o café da manhã.

O dispositivo de varredura continuou investigando, evocando cada vez mais lembranças... um interminável catálogo delas. Tom concluiu que odiava aquele aparelho, odiava tanto que tinha até a sensação de estar se asfixiando. Sua vontade era torrar aquele equipamento. Entrar nele como fizera com o sistema da fossa séptica do Beringer Club, fazendo-o explodir...

E então a extração neural começou a recuperar aquela lembrança. Ela surgiu na tela: *O conjunto de fios, a eletricidade, a consciência de Tom mergulhando no sistema de esgoto do Beringer Club e interagindo com ele. O esgoto subindo pelos canos enquanto as bombas funcionavam ao contrário...*

No começo, Blackburn olhou casualmente para a imagem. Mas, em seguida, endireitou o corpo, e, quando a tela mostrou o esgoto inundando o chão do Beringer Club, ele já estava de pé, boquiaberto.

– O que foi isso, Raines? – Ele se voltou para o garoto, os olhos faiscando na luz projetada pela tela. – O que foi que eu acabei de ver?

A cabeça de Tom pareceu pulsar. Ótimo. Agora Blackburn sabia o que ele tinha feito com os executivos da Dominion Agra e certamente contaria a Marsh.

– Olha, sei que eles investem rios de dinheiro na guerra, mas esse pessoal da Dominion estava pedindo por uma...

– Não estou me referindo a isso. A máquina. O que foi isso?

Tom piscou, percebendo que ele não estava interessado no lugar que ele tinha inundado.

– Reprogramei uma fossa séptica.

– Isso não foi programação. Você formou uma *interface* com ela!

– Ah. É, mais ou menos.

Blackburn estendeu a mão e mexeu nos controles do dispositivo de varredura. Os feixes luminosos que incidiam sobre as têmporas

de Tom sumiram, e ele se sentiu como um elástico tensionado até o limite para, enfim, ser solto. Uma imensa sensação de alívio inundou seu corpo.

Blackburn assistiu novamente à lembrança da fossa séptica, de novo e de novo.

– Como é possível? A fossa não foi projetada para receber sinais de uma interface neural. Terá sido uma falha bizarra de hardware?

Tom percebeu: ele estava muito mais interessado naquilo do que em saber se Tom era ou não um traidor.

A esperança retornou ao seu coração. Era possível se aproveitar daquela situação, tinha certeza. Se conseguisse manter Blackburn interessado no assunto, Yuri e Wyatt nunca viriam à tona.

– Isso só pode ser algum tipo de manipulação – murmurava Blackburn para si mesmo. – Não pode ser uma lembrança verdadeira.

– Na verdade, pode sim – manifestou-se Tom. – É uma lembrança. Usei meu processador para controlar a fossa séptica.

Blackburn voltou a olhar para ele, a expressão chocada.

– Já fez isso mais de uma vez?

– Algumas vezes.

Ele respirou fundo.

– Voluntariamente?

– Mais ou menos.

Blackburn passou bastante tempo observando-o, boquiaberto. Após alguns instantes, o tenente pareceu ter recuperado a fala.

– Mostre-me as outras vezes.

– Pare a extração.

– Raines...

– Não sou eu o traidor. O senhor sabe disso. Prometa que vai parar a extração, e lhe mostrarei tudo o que o senhor quiser.

O sorriso de Blackburn foi irônico.

– Percebe que está ameaçando guardar um segredo de mim enquanto está preso a um dispositivo de varredura?

– Por que perder tempo arrancando isso do meu cérebro se estou me dispondo a mostrar tudo voluntariamente?

Blackburn refletiu.

– Está bem, Raines. Mostre-me as lembranças, e abrirei uma exceção, interrompendo a extração. Negócio fechado.

– Preciso de uma garantia.

– Não há garantias. Posso lhe dar apenas minha palavra.

– Ao menos, tire de mim essas amarras!

Blackburn se aproximou e afrouxou as amarras.

– Não fuja.

O estômago de Tom estava completamente embrulhado. Não havia como fazer o tenente respeitar o acordo; mas, se ele não mostrasse as lembranças voluntariamente, Blackburn venceria de qualquer jeito. Bastava retomar a extração e encontrá-las à força. Tudo que Tom podia fazer era ceder e torcer para que Blackburn mantivesse a palavra.

O tenente apertou um botão na garra e reativou o dispositivo de varredura, mas, desta vez, a máquina não extraía memórias da cabeça de Tom contra a vontade dele. O próprio Tom as cedeu: a vez em que procurara os satélites durante os jogos de guerra, e também uma outra, em que fora atrás de Medusa, e até mesmo aquela primeira conexão feita com a internet, quando ainda estava inconsciente após a cirurgia. *As imagens do Rio de Janeiro, do Grand Canyon, do reservatório, da estrada de Bombaim...*

– Veja só isso – murmurou Blackburn, vendo novamente a lembrança do satélite. – Passou pelos sistemas eletrônicos de defesa da Fortaleza como se nem existissem. Não existe no mundo uma tecnologia capaz de fazer isso.

– Não sei ao certo como funciona – admitiu Tom. – Foi assim que enviei a primeira mensagem a Medusa. Acho que passei pelo firewall e enviei uma mensagem diretamente para o processador neural dela.

Blackburn insistia em ver aquilo mais detalhadamente e, por isso, Tom voltou à lembrança. Depois, Blackburn assistiu mais uma vez a todas elas, de novo e de novo. O café esfriava na xícara. Horas se passaram enquanto ele via as lembranças. Tom começou a se perguntar se não havia sido esquecido por completo. A garganta já estava totalmente seca. O estômago roncava como se fosse digerir a si mesmo.

Depois de exibir todas as memórias mais uma vez, a tela se apagou.

Blackburn permaneceu sentado na semiescuridão, olhando para a tela vazia. Falou pela primeira vez depois de horas de silêncio.

– Quem mais sabe disso?

– Vik... mais ou menos. Contei a ele, mas ele não acreditou em mim.

Blackburn o observou com imensa curiosidade.

– Você não percebe o significado disso, não é? Não tem a menor ideia da importância do que acaba de me mostrar. Você fez algo que não deveria ser possível.

– Claro que sei que formar interfaces com outras tecnologias significa... bem, significa algo. Mas não pensei muito no assunto... nem passei muito tempo pensando no que isso deveria ser exatamente.

O olhar acinzentado de Blackburn ia de Tom para o dispositivo de varredura.

– Estava disposto a falar sobre isso... Não eram estas as lembranças que você estava escondendo. Então, o que é que estava ocultando da extração?

– Apenas assuntos particulares, certo?

Mas Blackburn coçava o queixo, encarando-o, pensativo.

– Dei uma olhada nos seus registros, Raines. Você nunca passou por um exame psicotécnico antes de vir para cá. Esse é um procedimento-padrão, sabia?

– Não... nunca tinha ouvido falar nisso.

– Um recruta que foi trazido para cá mesmo sem ter um currículo relevante – murmurou Blackburn consigo mesmo, voltando-se de novo para a tela. – Um recruta sem histórico escolar, sem testes de admissão, sem registros médicos...

– Meu pai sempre mudava de endereço, e nunca fiquei doente a ponto de precisar de internação! É por isso que nunca estive num hospital desde que nasci.

– E agora, isto. Como será que essas peças se encaixam?

– Uma coincidência estranhíssima, senhor. Já terminamos?

Blackburn se voltou para ele com um movimento abrupto.

– Já se envolveu alguma vez com a Obsidian Corp.? Ou com um homem chamado Joseph Vengerov?

O cérebro de Tom pensou imediatamente no Beringer Club.

– Vejo que sim – afirmou Blackburn, vendo a expressão dele. Um brilho se acendeu em seus olhos. – *Quando?*

– Não teve nada a ver com isso.

– Mostre-me – exigiu o tenente, ligando mais uma vez o dispositivo de varredura.

Tom começou a mostrar a lembrança. Vengerov e Dalton apareceram na tela, e Vengerov olhava para Tom, dizendo: *E como anda este projeto?*

Mas foi então que percebeu: falavam da reprogramação dele. Blackburn nunca deixaria de investigar aquilo a fundo: exigiria saber da história completa de como uma empresa da Coalizão interferira no processador neural de um recruta.

O que o levaria a Wyatt e seu firewall.

Que o levaria ao firewall de Yuri... e à traição dos dois.

O resultado seria Wyatt presa no lugar dele, amarrada à cadeira para ser submetida a uma extração neural. Em seguida, a mente de Yuri seria feita em pedaços naquela mesma cadeira. Os dois poderiam ser presos, e provavelmente Tom também, pois os tinha acobertado.

Não podia permitir aquilo. Forçou-se a pensar em outra coisa.

– O que está fazendo? – exigiu Blackburn quando a imagem congelou.

Tom estava sentado na cadeira, os olhos totalmente fechados, dando-se conta de que não havia maneira de aceitar aquilo. Pensou em Wyatt novamente, imaginando como tudo aquilo seria pior para ela... Depois de ter confiado em Blackburn, depois de Blackburn ter se voltado contra ela...

– Não, essa eu não posso mostrar.

– Como é?

– Eu disse não. – Tom abriu os olhos, determinado. – Tínhamos um acordo: depois que eu mostrasse as outras lembranças, seria o fim. Bem, eu lhe mostrei todas elas. Acabou.

– Primeiro, Vengerov.

– Não.

– Eu quero o restante, Raines.

– Não!

Blackburn se aproximou dele, parecendo um psicopata saído de um filme de terror iluminado pelo brilho do dispositivo de varredura.

– Vai me mostrar essa lembrança, Raines!

– *NÃO VOU!* Essa lembrança não tem nada a ver com o assunto!

Quando Blackburn se aproximou para amarrá-lo de novo, Tom perdeu completamente o controle. Esperneou e chutou o tenente. O punho de Blackburn voou na direção do seu rosto, um golpe

atordoante acertou o queixo de Tom, que caiu de volta na cadeira. Ele se recuperou quando as amarras já apertavam seus pulsos outra vez, e tentou desesperadamente escapar, mas estava preso à cadeira.

Blackburn se afastou dele.

– Preste atenção, Raines. Vou lhe dar uma escolha. – A imagem projetada de Vengerov iluminava o rosto dele como se fosse uma espécie de espelho distorcido. – Ou você me mostra o restante da imagem voluntariamente, ou vou extraí-la de você. Juro que vou vê-la, nem que tenha de fazer sua mente em pedaços para chegar a essa memória.

Tom cerrou os dentes, sentindo o rosto dormente por causa do soco.

– Vamos, tenente, por que não está me dando ouvidos? A lembrança não tem nada a ver com esse episódio!

– Como preferir.

A voz dele parecia a de quem proclama uma sentença de morte. Ativou o procedimento de extração e ajustou-o para a potência máxima. As luzes penetraram nas têmporas de Tom, erradicando o mundo ao redor.

Tom bateu a cabeça contra o encosto com tanta força que a dor chegou ao seu pescoço, e as amarras no pulso feriram sua pele. As lembranças passaram em rápida sucessão, coisas terríveis que davam a sensação de serem órgãos arrancados do seu corpo.

As horas foram passando enquanto as lembranças avançavam de um assunto para o seguinte. Às vezes, uma memória especialmente traumática o atingia como se ele tivesse alguma fratura da qual não houvesse se recuperado. Retomou a consciência quando Blackburn começou a pressionar um copo contra seus lábios perto das 2000.

– Deve estar com sede.

Na tela: *Tom tinha nove anos e tentava dormir no banco de um terminal de ônibus, mas Neil estava bem no meio da multidão que saía pela manhã, ainda meio bêbado da noite anterior, fazendo comentários estúpidos às pessoas que passavam por ele:*

– Vai votar em Milgram hoje? Ele representa a Obsidian. Ou em Wantube? Ele pertence à Dominion!

Ele não queria nada de Blackburn. Tentou virar a cabeça, mas Blackburn agarrou-o pelo maxilar e derramou o líquido em sua boca... e, assim que a água tocou sua língua, Tom percebeu que estava morrendo de sede. Engoliu um gole imenso enquanto... *Seu pai continuava a se queixar às pessoas que passavam por ele, apressadas.*

– Rá! De qualquer maneira, estarão votando na coalizão! Será que não percebem? Ninguém está escolhendo nada! Será que ninguém mais vê isso?

Blackburn pôs o copo na mesa enquanto o policial se aproximava. *Neil protestou:*

– Como assim, perturbando a paz? Por acaso a liberdade de expressão se tornou perturbação da paz agora? – Tom se sentou no banco, percebendo aonde aquilo ia chegar...

– Isso é desnecessário, Raines. Por que está lutando contra mim?

Tom olhou para o uniforme do tenente, iluminado pela luz da imagem projetada que mostrava agora Neil lutando com o policial. Fechou os olhos para não ver o pai ser atingido pela arma de eletrochoque, como ocorrera na última vez.

– Qual é o poder de influência que Vengerov exerce sobre você? – perguntou Blackburn, agachando-se ao lado da cadeira de Tom, próximo demais. – Dinheiro? Ameaças? Chantagem? Pode me contar. Tem de haver algo.

Tom podia ouvir o pai rosnando, furioso... sem parar de resistir. Ele ficou com a respiração ofegante, com a sensação de estar se

afogando, vendo o pai gritando na tela e Blackburn o pressionando incessantemente.

– Esta habilidade especial que você tem... É esse o projeto ao qual ele se referia? É óbvio que Vengerov está envolvido. É este o próximo grande experimento da Obsidian Corp.? Foi por isso que ele o trouxe para cá sem fazê-lo passar pelo procedimento padrão de avaliação e teste? – A raiva era cada vez maior em sua voz. – Conte logo, Raines. Um trilionário não precisa da proteção de um garoto de catorze anos!

– Já lhe disse – retrucou Tom.

– Não disse, não! Você mentiu!

NÃO ESTOU protegendo ninguém!, Tom teve vontade de gritar. *NÃO ME IMPORTO com Vengerov!* Mas seria como gritar contra um vendaval: inútil. Totalmente inútil.

– Vengerov não é bom sujeito. Ele não vale esse sofrimento. – Blackburn se aproximou ainda mais, com a voz bem no ouvido de Tom. – Não pode confiar nele. É ele o responsável por... por tantas mortes. Não apenas os soldados do meu grupo de teste. Outros.

Os gritos do pai de Tom e do policial estavam cada vez mais distantes, e ele sabia que, na tela, veria a si mesmo sozinho *em pleno terminal de ônibus, observando o pai ser levado algemado. Fez menção de segui-los, mas logo parou, percebendo qual seria seu destino se o fizesse: algum lar adotivo. O pai não teria aprovado que ele os seguisse.* E Tom ainda se lembrava da sensação de estar irremediavelmente perdido no meio de uma imensa multidão, imaginando o que deveria fazer naquele momento, aonde deveria ir, a sensação de estar afundando em um poço profundo. Precisou de um momento para perceber que não estava apenas se lembrando: sentia tudo aquilo de novo.

– Não fomos as primeiras vítimas que ele massacrou – prosseguiu Blackburn. – Mil russos foram os primeiros, na época em que

Vengerov ainda era o diretor da LM Lymer Fleet. Ele herdou a empresa do pai e imaginou que criaria a própria fama dando um passo ousado: jogando com a vida dos outros. A maioria morreu, como ocorreu aqui. A diferença é que os russos mataram os sobreviventes perturbados para enterrar o projeto inteiro. Foi por isso que Vengerov teve de vir para cá. Jamais permitiram que ele tentasse outra vez, e ele precisava de cobaias vivas, adultos. Disse ao nosso exército que bastariam algumas centenas. Sem dúvida um punhado deles sobreviveria ao implante dos processadores neurais, e isto era tudo de que ele precisava. Assim, escolheram algumas centenas de nós para participar do grande experimento.

Tom viu-se olhando para uma nova imagem na tela, uma loira sorridente. *Sua mãe, ainda tão jovem, quando ele ainda era tão pequeno que tinha se esquecido daquilo. Ela olhava para ele e sorria, o cabelo sobre os ombros. Tom estava agarrado a ela, preso às suas costas, enquanto os dois caminhavam por uma rua escura...*

Blackburn deve ter reparado em algo no rosto dele. Ele parou de falar e seus olhos seguiram os de Tom até a tela.

Ela rodopiou com o menino, e as luzes nos postes descreviam círculos ao seu redor.

– E então, o que vamos preparar para o jantar?

– Sorvete, mamãe!

A mãe girou um pouco mais e parou, rindo enquanto recuperava o equilíbrio.

– Vamos comprar um pote de sorvete maior do que a sua cabeça, Tommy. E calda quente também. – O cabelo dela roçava no rosto dele e...

A lembrança latejava em sua cabeça. Tom tinha consciência dos feixes luminosos que reviravam seu cérebro, mas não conseguia parar de olhar para a tela porque nem se lembrava de quando morava com a mãe. Não se lembrava de nenhum momento em que

a mãe o tivesse... amado. Não se lembrava dela assim. Não conseguia suportar aquela imagem.

– É mesmo tão difícil vê-la? – comentou Blackburn, olhando-o de novo. – Bem, posso garantir que vai vê-la *muito mais* nas próximas horas se não me der...

Foi então que algo ocorreu.

Tom via através dos próprios olhos, mas também fora deles: via chamas e, em seguida, o dispositivo de varredura parecia fundido ao seu cérebro, e faíscas brotaram dos controles. Com uma pontada de fúria, Tom disparou uma descarga elétrica da garra metálica.

Blackburn gritou e desabou no chão.

Tom voltou a si, o cheiro da fumaça nas narinas, o coração batendo forte dentro do peito. Blackburn estava caído no chão, atordoado e com a respiração ofegante, incapaz de se levantar por longos momentos. Então ele se levantou, segurando inutilmente a lateral do corpo com uma das mãos.

Ele olhou para o dispositivo de varredura com o olhar perplexo. Uma fumaça escura subia em espiral do aparelho. Subitamente, a expressão em seu rosto indicou que havia compreendido o que ocorrera.

– Foi você, não foi? – Os olhos dele se voltaram para Tom. – Você formou uma interface com o dispositivo.

Tom não sabia a resposta. Não sabia nada naquele momento, a não ser que estava cansado daquilo e desejava tê-lo matado.

– Vou fritá-lo outra vez se voltar a ligar o aparelho!

Blackburn deu uma volta no dispositivo de varredura, segurando o braço ferido perto do tronco.

– Você queimou uma das extremidades para me deter. – Fez uma pausa, um estranho sorriso nos lábios, enquanto absorvia aquela ideia. – Quem diria que você seria capaz de fazer algo assim? Bom menino, Raines.

– Vou fazer de novo, eu juro! – gritou Tom.

Blackburn parecia apenas intrigado. Levantou o braço intacto e agarrou uma das extremidades que ainda funcionavam.

– Vamos lá. Estou tocando no aparelho. Não há como errar, Tom. Faça de novo.

– Não estou blefando! Vou eletrocutá-lo!

– Vamos, aguardo com ansiedade. – Não havia sarcasmo na voz de Blackburn. – Vamos, Raines.

Mas Tom não conseguia. Sentia um aperto no peito. Tinha dificuldade de encher o pulmão com ar suficiente. A sensação era de estar prestes a perder o juízo e preferia ser esfolado vivo a deixar Blackburn vê-lo assim.

– Você é louco.

– Pois é, já ouvi essa antes. – Blackburn soltou o aparelho e acomodou o braço junto do corpo. – E percebo que você não é capaz de fazer isso deliberadamente. Uma informação muito útil para amanhã de manhã.

TOM ACORDOU ainda preso à cadeira, o cérebro doendo dentro do crânio, e a cabeça inchada como se pudesse estourar a qualquer momento. Os pensamentos estavam dispersos, e lhe pareciam estranhos após horas de extração neural. Lançou um olhar apático para Olívia Ossare, que estava bem diante dele, mexendo nas amarras que prendiam seus pulsos, murmurando para si mesma:

– Que selvageria... é apenas uma criança.

A voz dele saiu fraca.

– Você veio.

– Tom! – A mão quente dela o segurou pelo queixo. – Você está bem?

A cabeça dele latejava. Tom fechou os olhos, o que parecia mais fácil do que responder à pergunta. Ela o ajudou a se levantar e sair da cadeira, apoiando-se em pernas bambas.

– Acabou? – perguntou ele.

Ela apertou sua mão.

– Estou trabalhando nisso, Tom. No momento, é impossível discutir com o tenente Blackburn. Precisei de todo esse tempo apenas para poder vê-lo.

A visão de Tom escureceu, e ele perdeu o equilíbrio. Ela o ajudou a se abaixar. Devagar, ele se acomodou no chão, a cabeça apoiada no braço dela, vendo o teto acima rodopiar.

Sentiu os dedos dela passando por seu cabelo. A lembrança da mãe, tão próxima da superfície, se acendeu enquanto ela mexia no

cabelo dele. Tom manteve os olhos fechados, sentindo um nó cada vez mais apertado na garganta.

– Por favor, acabe logo com isso.

Ele nem percebeu que tinha dito aquilo em voz alta até ela responder:

– Estou me esforçando. Tentei fazer contato com o seu pai.

– Meu pai não pode me ajudar.

– Pode sim, Tom. Ele pode processar o exército para recuperar sua custódia.

Os olhos de Tom se abriram de súbito. Ele se levantou tão rápido que a visão escureceu.

– Custódia?

– O exército não pode mantê-lo sob custódia sem o consentimento do seu pai.

A cabeça de Tom doía. Tinha vontade de vomitar.

– Tenho que desistir de tudo para sair dessa situação? – O sangue zumbia em seus ouvidos. – Mas o processador neural não pode ser retirado. É permanente.

– Seu cérebro se torna dependente dele no longo prazo, mas você só recebeu o processador há cinco meses. Falei com o dr. Gonzales, e ele disse que ainda é cedo o bastante para que façamos uma remoção gradual. Estão fazendo algo semelhante com seu amigo Stephen.

Não. *Não*. Ele não podia voltar ao passado. O Tom Fracassado que se mudava de cassino para cassino sem futuro nenhum, nem passado, nem nada, absolutamente nada...

Mas, se ficasse, Blackburn continuaria com a extração neural...

E ele ficaria louco. Não podia mais suportar aquilo. Ficaria louco e revelaria o segredo de Wyatt e Yuri.

A frustração, ardente, cresceu dentro dele. Tom cerrou um dos punhos e esmurrou o chão. O mundo ao redor começou a entrar em

foco com violência. Outro murro, e mais um. Então, Olívia segurou sua mão.

– Tom, pare com isso. Vai acabar se machucando.

Ele não se importava. A dor parecia distante na sua consciência enquanto a fúria sobrepujava tudo o mais. Impossibilitado de esmurrar o rosto de Blackburn de novo e de novo, aquela era a única coisa que o ajudava a sentir-se melhor. Ele tentou se libertar das mãos dela, mas estava cansado demais para insistir muito naquilo.

– Não quero chamar meu pai – disse Tom. – Preciso de uma opção C.

– Não existe opção C, Tom. Preciso do seu pai ao seu lado para poder tirá-lo dessa situação.

O olhar de Tom chegou ao dispositivo de varredura queimado, uma silenciosa ameaça acima da cadeira e das amarras.

– Opção C ou nada.

NA MANHÃ SEGUINTE, Blackburn trouxe soldados para prender Tom à cadeira, acima da qual havia um dispositivo de varredura totalmente reparado. Tom puxou as amarras, olhando desanimado para a garra metálica. A cabeça continuava confusa após o merecido descanso. Viu Blackburn entrar na sala, o braço enfaixado e amparado por uma tipoia. Tal imagem o encheu de uma alegria venenosa.

– Seu braço dói? – perguntou ele a Blackburn, enquanto este preparava o aparelho.

– Nem um pouco – foi a resposta.

Enquanto Blackburn passava perto dele, Tom mexeu a bota e quase acertou o braço ferido. Blackburn praguejou e se afastou bem a tempo.

Tom sorriu para ele, cheio de malícia, extraindo daquele momento um prazer horrível e delicioso.

– Dói.

– Não tanto quanto isto. – Blackburn ligou o dispositivo de varredura, a pior resposta que poderia dar. Os intensos feixes de luz perfuraram as têmporas de Tom, revirando seu cérebro cada vez mais fundo, abrindo suas lembranças, analisando-as uma a uma, descartando aquelas que não interessavam como se fossem lixo, à procura de Vengerov.

Neil... a mãe dele... Karl... a mãe dele... Dalton... a mãe dele...
Poucos minutos tinham se passado dessa vez quando um pesado barulho metálico desligou o aparelho.

O cérebro confuso de Tom precisou de alguns momentos para se concentrar na voz do general Marsh.

– O que pensa estar fazendo, tenente?

Tom se endireitou na cadeira, tão feliz que sentiu as ideias clarearem. Viu Marsh e Blackburn se enfrentando, a tela entre os dois.

– Estou investigando o vazamento, senhor. De acordo com suas ordens.

– Não disse que você podia amarrar Raines ao dispositivo de varredura. Tire-o dessa cadeira. Imediatamente!

Blackburn nem se mexeu.

– Não, senhor.

– Como é?

– Ele não vai a lugar nenhum.

– Estou lhe dando uma ordem!

– E eu a estou ignorando, senhor.

Marsh praguejou e avançou na direção de Tom. Seu rosto enrugado estava retorcido de raiva, e Tom se recostou na cadeira, tão aliviado que teve vontade de abraçar o general.

Blackburn o seguiu com passos lentos e determinados.

– Antes de soltá-lo, senhor, há algo que quero deixar claro.

– O que é? – Marsh girou o corpo para encará-lo, os punhos cerrados ao lado do corpo.

– Se o tirar dessa cadeira – disse Blackburn –, eu vou embora. Deixo o exército.

Marsh ficou quieto por um longo instante.

– Está me ameaçando?

– Sim, senhor, é exatamente o que estou fazendo. Mas não vou apenas deixar o exército. Vou preparar para esse lugar um presente de despedida que nem todos os técnicos da Obsidian Corp. serão capazes de consertar.

Tom não podia acreditar que Blackburn, um tenente, podia ameaçar um *general*. Não era assim que as coisas funcionavam. O ódio e a ansiedade encheram seu coração. Marsh ia fazê-lo pagar por aquelas palavras!

– James, você não faria uma coisa dessas – disse Marsh, no que pareceu ser uma leve súplica. – Sei que esse vazamento fere seu orgulho, mas isso está indo longe demais.

– Quer apostar? – perguntou Blackburn.

Incrédulo, Tom olhava para as costas de Marsh. Por que ele não mandava os soldados prenderem Blackburn? Ou fazerem qualquer coisa mais digna de um general contra um tenente que ousasse falar assim com ele?

Blackburn saiu da sala e os deixou a sós, como se tivesse tanta confiança na própria ameaça que nem precisasse ficar ali para lembrá-los das consequências.

– General! – disse Tom, desesperado. – General, por favor...

Marsh suspirou profundamente e deu meia-volta.

– Você acaba de ver minhas mãos sendo atadas, Tom.

Tom o olhou, incrédulo. Marsh saiu da sala, deixando Tom ali, preso à cadeira. Os minutos se arrastaram enquanto Tom olhava para o vazio da sala, sentindo-se sozinho e dessensibilizado.

Ouviu os passos lentos e determinados de Blackburn e fechou os olhos, pois não suportava mais vê-lo. Blackburn não voltou a ligar o dispositivo de varredura imediatamente. Primeiro, soltou um dos braços de Tom e deu-lhe água, mas o garoto tremia tanto que não conseguia segurar o copo. Depois, Blackburn prendeu seu braço e segurou o copo para ele.

Uma ideia mirabolante ocorreu a Tom. Quanto mais tempo ele passasse bebendo água, mais demoraria para que a extração recomeçasse. Então ele pediu mais, e mais e mais. Mesmo quando sua barriga parecia prestes a estourar, ele pediu mais um pouco.

– Chega. Desse jeito você vai se sentir mal – disse Blackburn, recusando-se a dar outro copo a ele.

Aquelas palavras o tiraram do sério. *Vai se sentir mal...* De repente, aquela foi a coisa mais hilária que Tom já tinha ouvido. Tom começou a rir... uma gargalhada louca e histérica que sacudiu todo o seu corpo. Riu até a barriga doer, até as lágrimas escorrerem dos olhos, até realmente começar a se sentir mal, e continuou a rir até que os feixes luminosos voltassem a escavar suas têmporas.

Blackburn ficou observando, esfregando a mão sobre a boca e despedaçando a mente de Tom.

TOM SE VIU trancado numa pequena cela que dava para o dispositivo de varredura. Ficou no meio do cômodo, estimulado além do limite pelo zumbido da iluminação elétrica vinda de cima, pelo intenso brilho dos raios, pelo martelar na cabeça, imagens flutuando feito fantasmas diante de seus olhos. Recorreu à única coisa que parecia capaz de manter seu cérebro coeso: o punho se chocando contra a parede de novo e de novo, até que a dor explodindo nos dedos crescesse na sua consciência e o sangue espalhado pelas paredes o fizesse se conectar de novo à própria visão.

Então, alguém entrou pela porta, e uma mão gentil e ao mesmo tempo firme tomou seu punho. Olívia Ossare agarrou seu braço e o fez sentar-se na cama, oferecendo a ele um copo d'água. Tom bebeu tudo de uma vez, mal reparando em Olívia, que analisava os ferimentos nos nós dos seus dedos. Sentia-se tão estranho, tão estranho, como se estivesse prestes a explodir e sair de si mesmo.

Nem percebeu que tinha se recostado na parede de granito, mas voltou a si quando sentiu os dedos dela correndo pelo seu cabelo novamente. Tom fechou os olhos com força, pois ainda que não compreendesse por que o toque dela parecia tão tranquilizador, ele suspeitava que, se abrisse os olhos, a sensação o deixaria.

– Acho – confessou Tom, quando enfim pôde falar, sentindo-se vazio e distante – que estou disposto a aceitar a opção B. – Não poderia suportar aquilo por muito mais tempo. – Por favor, encontre meu pai. Me tire daqui, por favor.

– Tom – sussurrou ela –, eu já o encontrei.

BLACKBURN NÃO PODIA mais encostar nem um dedo nele e muito menos submetê-lo a dispositivos agora que o pai de Tom estava processando o exército para tirar o filho da Agulha. Quando Olívia chegou acompanhada da polícia militar, Blackburn se manteve imóvel no centro da escura Sala de Varredura, seguindo Tom com o olhar enquanto o jovem era conduzido para fora do cômodo. Em seguida, Tom descansou no escritório de Olívia, escutando enquanto ela debatia os detalhes legais com o general Marsh e um advogado do exército. As palavras entravam por um ouvido e saíam pelo outro. Ele não tinha interesse em participar daquilo.

Tinha consciência do significado de tudo. Uma remoção gradual do processador neural. O afastamento da Agulha. Voltar a morar com Neil.

Daquela maneira ele jamais trairia Yuri nem Wyatt. Blackburn nunca mais poderia aniquilar sua mente com o dispositivo de varredura. Ele manteria a própria sanidade.

Talvez.

Talvez.

Havia uma parte de Tom que queria bater a cabeça contra a mesa que havia diante dele. Era impossível suportar a ideia de retomar sua antiga vida. Principalmente depois de tudo aquilo. Depois do que fizera na Agulha. E o pior era pensar que, com aquele desfecho, Dalton venceria. As jogadas de Dalton teriam, afinal, resultado na saída de Tom da Agulha. Era difícilimo ter conhecido aquela vida para em seguida tê-la tirada de si. Melhor teria sido se ele nunca tivesse vindo parar ali.

– Posso falar com ele a sós? – Marsh perguntou a Olívia.

A assistente olhou para Tom.

– A decisão é sua.

Tom deu de ombros. Foi somente depois que o advogado e a srta. Ossare saíram da sala que ele levantou os olhos para o general Marsh, com uma expressão de puro desprezo. O sujeito que tinha as mãos amarradas.

– Por que não me submeteu a testes psicotécnicos e avaliações como fez com todos os demais? – A voz de Tom estava trêmula de fúria. – Blackburn pensa que faço parte de alguma conspiração porque não passei pelos testes como os outros! Por que não me aplicou os testes e impediu que algo assim acontecesse comigo?

– Para ser sincero, filho, não o submeti ao psicotécnico porque achei que você não passaria.

– *EU NÃO SOU PERTURBADO!* – gritou Tom, sabendo o quanto aquilo o fazia parecer perturbado.

– Calma, Tom. – Marsh se levantou e deu a volta na mesa de Olívia, examinando uma mancha de tinta emoldurada na parede

dela. – A verdade é que não o procurei por meio dos canais oficiais. Você era um projeto paralelo meu. Afinal, não costumo me envolver pessoalmente na busca por recrutas.

Tom lançou um olhar duro para a imagem de Marsh refletida no vidro que fazia parte da moldura da mancha de tinta.

– Eu procurava por algo diferente. Você viu a Companhia Camelot em ação. Aqueles garotos são o melhor que o país tem a oferecer. Talentosos, equilibrados, brilhantes e de boa personalidade.

– Como Karl Marsters?

– Bem, a maioria deles é. – Marsh deixou a cabeça cair, admitindo aquilo. – São os melhores da América, aqueles que vão chegar longe na vida. É esse tipo de gente que recrutamos. É esse o tipo de jovem que costumamos atrair.

– Diferentes de mim.

E ali estava novamente: a questão a respeito da qual Tom se indagara desde o início. Ele sabia como era estranho o fato de Marsh tê-lo recrutado em meio a todos os outros candidatos do país. Tinha ignorado o quanto aquilo parecia errado. E era somente agora, com tudo prestes a implodir, que Marsh lhe dava uma resposta. Por tudo isso, Tom queria parti-lo em pedaços.

– Diferentes de você – concordou Marsh. – Lembra-se da simulação com o tanque, Tom? Aquela que eu lhe apresentei no Dusty Squanto? Há várias etapas envolvidas. O candidato precisa primeiro decidir avançar para o tanque, e não para os canhões antitanque. Em seguida vem o próximo passo, o mais importante, aquele no qual a maioria dos recrutas na Agulha fracassa.

– E qual seria? – perguntou Tom, infeliz.

– Eles conseguem abrir a escotilha e entram no tanque. É aí que erram. Entram no blindado e encontram o piloto morrendo em decorrência da exposição à atmosfera marciana.

– E matam o sujeito.

Marsh balançou a cabeça.

– Não é isso que a maioria dos recrutas faz. Seria fácil se pudessem apenas atirar nele, mas é impossível fazer isso com um rifle iônico-sulfúrico num espaço fechado. Por isso, contam com o fato de o sujeito morrer sozinho. Não levam em consideração o sistema de suporte vital do tanque: a escotilha de fechamento automático, o sistema de pressurização e a arma oculta do piloto. Ele se recupera e mata o candidato. O único na Agulha a passar dessa fase foi você.

– Nem sabia dos sistemas de suporte vital.

– Você o golpeou antes que isso se tornasse um problema. Você venceu a simulação. Espancou um homem moribundo até a morte. Fez algo que os outros não foram capazes de fazer.

– Mas era apenas um jogo.

– A questão é o instinto assassino que você demonstrou. Era isso que eu procurava.

– Não vai me dizer que Karl Marsters teve medo de espancar um moribundo.

– Karl Marsters não pensou em avançar para o tanque. Esse foi o problema. Apliquei essa simulação a milhares de adolescentes. Encontrei vários que seriam capazes de atacar o piloto, muitos que tinham o instinto assassino, mas, sempre, deixaram de avançar para o tanque porque não tinham sido capazes de pensar em qual seria a melhor jogada do ponto de vista do inimigo. Aqueles cruéis o bastante para espancar o piloto moribundo nunca demonstraram a capacidade de prever a jogada que o piloto faria. Além de passar no teste, você o fez na primeira tentativa. Exatamente como imaginei que fosse ocorrer. Foi por isso que o procurei.

Ali estava o motivo de Marsh não tê-lo ajudado. O pensamento era doloroso. O general tinha expectativas elevadas, e Tom não havia correspondido a elas.

– Devo tê-lo deixado muito desapontado.

– Ao contrário. Você tem dificuldade em controlar os impulsos, e é arrogante demais. Mas está também se tornando exatamente aquilo que eu queria encontrar. Exatamente o tipo de combatente que nos faz falta.

Tom se lembrou de algo que Elliot dissera, algo que Nigel dissera. Algo a respeito de procurarem alguém diferente. Alguém...

– Você quer alguém com sede de sangue.

– É, Tom. – Marsh se inclinou na direção dele, com o olhar intenso.
– Com sede de sangue. Implacável... mas apenas quando a situação exige. Alguém que ataca quando sabe que vai machucar. Alguém que desfere o golpe fatal. O tipo de pessoa que vence uma guerra. O tipo que vence as Medusas desse mundo. Pense em Aquiles: ele não foi derrotado por um guerreiro mais forte do que ele, nem mais rápido, nem mais habilidoso. Foi derrubado por uma flecha que o atingiu em seu ponto fraco. Você sabe enxergar esses pontos fracos, o que pode fazer diferença numa batalha. Derrubar o mais forte do lado do inimigo. Estava disposto a correr o risco de recrutá-lo fora dos canais oficiais. E se fosse mesmo tão habilidoso quanto eu esperava...

– Seria como a cereja no bolo? – caçoou Tom.

– Não seja insolente. Sou seu oficial superior até o dia em que sair da Agulha, plebeu.

– Quer dizer que agora as patentes são importantes? – A fúria se acendeu dentro do seu peito. – Não eram importantes na Sala de Varredura! O tenente Blackburn o ameaçou e nada aconteceu a ele!

– Essa já é uma questão bem diferente.

– Diferente como?

– Ele sabe que não posso me dar o luxo de perdê-lo. Ele faz algo que não tem preço aqui, e o faz por uma quantia irrisória.

Tom piscou.

– A programação?

– Foi a Obsidian Corp. que fabricou seus processadores, Tom. Eles também eram responsáveis pelo software. Como eram os únicos capazes de usar a linguagem Zorten II, nos cobravam valores exorbitantes pelo serviço. Tentamos cortar custos por meio do treinamento de nossos próprios programadores, mas a Obsidian Corp. sempre acabava contratando-os. Tentamos obrigar os oficiais a concluir o período de serviço, mas logo começamos a receber telefonemas de senadores furiosos falando em nome da Obsidian, exigindo que permitíssemos que os programadores rescindissem o contrato conosco. Para piorar, Joseph Vengerov sempre tentava nos oferecer nossos próprios ex-programadores como consultores. Não era um sistema financeiramente viável. O tenente Blackburn, ao contrário, é sustentável.

– Então é tudo uma questão de dinheiro.

– É sempre uma questão de dinheiro, filho. A guerra é cara. Cortamos custos sempre que possível. É por isso que todas as estações de abastecimento das naves ficam no espaço. É por isso que os combatentes precisam de patrocinadores. O fato é que as únicas pessoas neste país ricas o bastante para pagar os impostos que sustentam o exército são as mesmas que são poderosas o bastante para escapar da cobrança de impostos. E os recursos que conquistamos no espaço? Teremos sorte se virmos um tostão do valor deles. Nem consolidamos ainda o poder sobre Mercúrio, e o senador Bixby já prometeu os direitos de exploração à Nobridis. É por isso que precisamos do tenente Blackburn. Ele faz tudo o que a Obsidian fazia, e o faz em troca do salário de um oficial. Como se não bastasse, ele é melhor do que os técnicos da Obsidian. E o melhor de tudo é que Joseph Vengerov poderia oferecer a ele uma fortuna, mas nem assim Blackburn aceitaria um emprego na Obsidian Corp., pois foram eles os responsáveis pelos processadores neurais. Na verdade, o tenente Blackburn só apresentou uma

condição quando veio para a Agulha: queria ensinar os recrutas a programarem usando a linguagem Zorten II.

– Ele veio aqui só para isso?

– É a única coisa que ele quer. É por isso que corri grandes riscos para tê-lo na minha equipe. Se ele for embora ou, pior, cumprir a ameaça, todas as garantias que dei à Comissão de Defesa serão desacreditadas, e eu também.

– Não acredito nessa história. – A voz de Tom mostrava certo abalo. Blackburn tinha de ter outra motivação. Ele era cruel, doentio e...

– É verdade, Tom. – Marsh ergueu a mão espalmada no ar. – Ele quer que vocês aprendam. Veja o que ocorreu com ele e seu próprio processador.

– É, soube que ele enlouqueceu.

– Foi pior do que isso. Os três adultos que sobreviveram ao implante dos processadores neurais reagiram de maneiras diferentes. Os outros dois tiveram problemas sérios, mas permaneceram lúcidos ou semilúcidos durante a maior parte do tempo. O major Blackburn nunca ficou lúcido.

– Major... – repetiu Tom.

– Ele foi major do exército americano. Foi o primeiro da turma na academia militar de West Point, por sinal. Depois que recebeu o processador, teve um surto psicótico, mas recusou-se a aceitar que estava doente e não respondia aos medicamentos. A Obsidian Corp. intercedeu, oferecendo-se para assumir a custódia dos sobreviventes. O projeto era deles e, por isso, mostraram-se dispostos a assumir as despesas do tratamento, empregando a própria terapia. Os outros dois sobreviventes aceitaram voluntariamente. O major Blackburn, não. Ele escapou da custódia deles e sumiu do mapa, algo que é bastante difícil na era da vigilância universal. Ele até buscou a família.

Tom abriu e fechou a boca.

– O tenente Blackburn tem uma família.

– O major Blackburn tinha – corrigiu Marsh – uma esposa, dois filhos e uma lar em Wyoming. Enviamos soldados até a casa dele, esperando até que aparecesse, mas mesmo assim Blackburn conseguiu tirá-los de lá bem debaixo do nosso nariz. Passamos anos sem ter notícia dele, até que, um dia, do nada, sua mulher entrou em contato conosco. Ela tinha percebido que o marido perdera o juízo. Estava paranoico e se comportava de maneira bizarra, e a mulher estava com medo dele. Disse que ele tinha levado a família para um complexo reforçado nos arredores de Roanoke, Texas.

Roanoke. A palavra fez um arrepio descer pela espinha de Tom.

– E o que houve?

Marsh tamborilou os dedos na mesa.

– Ele estava armado até os dentes. A mulher sabia que, quando chegássemos para recuperar o processador neural, o major Blackburn poderia transformar tudo num banho de sangue. Estava disposta a ficar perto dele durante o cerco para nos manter informados dos seus movimentos, desde que concordássemos em tirar as crianças de lá antes que o tiroteio começasse. No dia da operação, ela conseguiu tirar as crianças pela porta dos fundos, onde tínhamos uma equipe pronta para transportá-las de carro para longe do perigo. Quando a equipe os tirava dali, descobrimos do pior jeito que Blackburn tinha espalhado minas terrestres pelos arredores.

Tom ficou tão surpreso que se calou, compreendendo o que ocorrera. Só voltou a falar muitos segundos depois.

– Os filhos dele estavam no carro?

– Estavam.

– Ele explodiu os próprios filhos.

– É, Tom.

O garoto não conseguia entender aquilo.

– Quando enfim invadimos o complexo, o major Blackburn não ofereceu resistência – disse Marsh. – Mesmo completamente sem juízo, até ele compreendeu o que ocorrera. Depois de ter consertado o próprio processador neural, anos se passaram até que recebesse a mínima liberdade de movimento; ele já tinha demonstrado que aquilo poderia ser perigoso no seu caso. Então, espero que perceba agora o quanto tive de arriscar para trazê-lo aqui. O exército jamais o aceitaria de volta. Eram os recrutas do exército que dirigiam o carro que explodiu com a mina terrestre. Por isso, James Blackburn está agora no meu setor e é minha responsabilidade. Se ele causar problemas, serei considerado o responsável, e ele sabe disso.

A cabeça de Tom parecia latejar.

– Então, perdi. – As implicações de tudo aquilo afundaram como chumbo em suas entranhas. – Ele sabe que tem o senhor no bolso e, se eu ficar, Blackburn vai me enlouquecer com o dispositivo de varredura, e não há nada que o senhor possa fazer para detê-lo. Tenho que partir.

– Existe outra solução. Pessoalmente, não posso fazer nada, mas, se ele recebesse uma ordem direta dos senadores da Comissão de Defesa exigindo que o deixasse em paz, ele teria de obedecer. Se quer que intercedam em seu nome, Tom, você precisa se tornar valioso demais, imprescindível. E precisa fazer isso numa arena pública, onde possa impressioná-los.

Tom se endireitou na cadeira, sentindo um nó no estômago, além de muita apreensão. A esperança começou a brotar das profundezas para onde ele a tinha banido. A palma das mãos e a testa ficaram úmidas de suor.

– Como, general? Faço qualquer coisa.

– Você virá comigo para a reunião de cúpula no Capitólio. Vai combater no lugar de Elliot. É você quem vai derrotar Medusa.

TOM CORREU pela arena de exercícios e alcançou Vik no meio da Batalha de Gettysburg, na guerra civil americana. O colega ergueu a baioneta para acabar com ele, mas percebeu de quem se tratava e abaixou a arma.

– Tom! Ei, companheiro. Cansou de ficar desaparecido?

– Ainda não. Corra mais rápido.

– Ah – concordou Vik. Os soldados da Confederação estavam quase sobre eles.

Os dois apressaram o ritmo, correndo pela grama. Diante deles, os soldados da União atiraram contra sua posição. Os dois exércitos os atacavam como uma amarra de aço se fechando sobre ambos.

– E então, por onde andou? – Vik gritou aquelas palavras para ser ouvido sobre o canhoneio. – Devia ouvir os rumores a seu respeito. Tem gente falando em abdução alienígena e experimentos secretos de lavagem cerebral da CIA.

– Porão. – Tom não podia contar muito mais. Não por se tratar de informações confidenciais, e sim por estar sem fôlego. Depois de dois dias dormindo pouco, quase sem nenhuma água ou comida, sendo constantemente submetido ao procedimento de extração neural, estava em péssimo estado.

Olívia tinha se oferecido para escrever uma dispensa para os exercícios, mas Tom não sabia quanto tempo lhe restava na Agulha. Queria aproveitá-lo ao máximo com os amigos.

O céu escureceu sobre a cabeça deles, e os soldados mortos da Confederação e da União se ergueram, revelando-se vampiros e

avançando para os recrutas prontos para um banho de sangue. Tom usou a baioneta para derrubar um deles, mas um par de vampiros da União pôs as mãos nele e lhe rasgou a garganta com as presas.

Sessão encerrada. Iniciando sequência de imobilidade. O corpo de Tom perdeu a sensibilidade abaixo do peito. Ele caiu na grama.

Vik caiu morto na grama ao seu lado.

– Conte-me tudo – disse ele em meio ao barulho dos disparos.

– Você nunca morre na sessão de exercícios.

– Dei uma de Beamer e me suicidei.

Dei uma de Beamer. Tom suspirou, gradualmente tomado por uma sensação sombria enquanto os vampiros passavam por cima de seu corpo para chegar aos demais recrutas. Tinha de vencer Medusa, ou seria *ele* a dar uma de Beamer: saindo do programa e tendo o processador neural removido da cabeça.

– E então, Tom?

– É uma longa história. – Uma história que ele não queria contar. Não mesmo.

Mas Vik insistiu.

– A batalha vai ser longa. Vamos lá, me conte.

Botas gastas pisotearam a grama perto da cabeça de Tom, e uma voz familiar ecoou ao seu lado:

– Timothy.

Tom abriu a boca para perguntar por que ele tinha voltado a chamá-lo pelo nome errado, mas se lembrou de que Vik não sabia que Yuri tinha sido desembaralhado. Respondeu apenas:

– E aí, cara?

– Tom estava prestes a explicar o motivo do seu desaparecimento – disse Vik. – Morra com a gente.

– Pois bem. – Yuri jogou longe o mosquete para que o vampiro mais próximo pudesse matá-lo.

Mas ele calculou mal o momento da morte. O vampiro se agarrou às suas costas largas, rasgou sua garganta e deu início à sua sequência de imobilidade. Yuri desabou como uma árvore cortada... e caiu bem em cima da barriga de Vik e Tom, deixando-os sem fôlego.

– Uf! – Tom lutou para se livrar do peso. – Puxa, Yuri, tinha que cair bem em cima da gente?

– Peço desculpas, Tim. Vou tentar me mexer. – Yuri agarrou a grama, puxando o corpo imóvel centímetro por centímetro, mas avançava muito lentamente.

– Wyatt, ajude a gente! – gritou Vik.

Perto deles, Wyatt desviou de um vampiro, que matou um plebeu atrás dela, e avançou na direção dos três.

– Tom, você voltou! – Um grande sorriso se abriu no rosto dela. – Pensamos que você tivesse caído num buraco e sumido.

– Quase isso. Estava com Blackburn. O que acha de tirar o corpo do seu namorado de cima de nós antes que a gente sufoque?

A título de desculpas, Yuri disse:

– Minha grande massa muscular faz com que eu seja pesado.

Ela puxou o braço de Yuri, arrastando-o para o lado, o bastante para tirar de cima dos colegas a maior parte do peso. Então um vampiro veio por trás e a acertou, e Wyatt caiu sobre Yuri. O peso dela compensava a diferença dos poucos centímetros que ela conseguira arrastar o grandalhão. Tom e Vik grunhiram.

– Desculpe – disse Wyatt. – Ao menos podemos ouvir uns aos outros. Por onde andou?

– Dispositivo de varredura. – Tom empurrou a massa imóvel de Yuri, mas seria impossível afastá-lo agora que Wyatt estava sobre ele. – Blackburn pensou que eu fosse o responsável pelo vazamento. Tenho uma amiga na China que conheci na internet, e isso me fez parecer suspeito. Na verdade, a amiga é Medusa.

Silêncio geral. Tom olhou ao redor e viu seus colegas boquiabertos. Mais do que qualquer outro, aquele momento o fez perceber o quanto tinha sido tolo ao ficar amigo de Medusa.

– Ouçam – disse ele –, fiquei curioso e quis me encontrar com Medusa novamente após a incursão. Disputamos partidas em jogos eletrônicos e coisas do tipo. Ah, Vik: Medusa é uma garota. Pois é, descobri isso também.

– Uma garota? – perguntou Wyatt, franzindo o cenho. – Garota tipo namorada?

As bochechas de Tom coraram.

– Não. Quero dizer... – Ele ainda não sabia ao certo como responder à pergunta. – Não! – Ele pensou naquele beijo. – Bem... talvez. Ainda não sei.

– Faz quanto tempo que vocês se encontram? – resmungou ela.

– Não muito.

– Você nunca nos contou isso.

– E daí? Por que é que tem tanta importância?

– Não tem – disse Wyatt. – Nem me importo.

– Ótimo. – Tom se distraiu. Uma nova recruta da Divisão Maquiavel passou correndo ao lado de Jenny Nguyen. A novata, que seu processador identificou como Iman Attar, apontou para eles. – Por que vocês estão todos caídos uns sobre os outros?

Jenny olhou na direção deles, e logo a chamou para seguir correndo. Sua voz chegou até eles:

– Os garotos da Divisão Alexandre são esquisitos. Aquele Vikram sentou ao meu lado no planetário outro dia...

Vik resmungou e pôs as mãos sobre o rosto. Intrigado, Tom levantou a cabeça para ver melhor. Wyatt e Yuri fizeram o mesmo.

– ...e Vikram disse: *Ops, parece que você está com tempero indiano no canto da boca.*

– Foi essa a sua cantada genial? – Pela primeira vez em dias, Tom caiu na gargalhada.

– Cale a boca – murmurou Vik.

A voz de Jenny chegou a eles em meio aos gritos e disparos.

– E eu respondi: *Você é estranho*, e me levantei para ir embora, mas ele me deu uma cabeçada.

As garotas se afastaram. Um silêncio profundo pairou no ar por um breve momento. Boquiaberto, Tom olhou para Vik. Os lábios de Wyatt estavam apertados um contra o outro, como se ela se esforçasse para não reagir.

– E então, o que estão esperando? – perguntou Vik. – Vamos acabar logo com isso.

– Não vamos rir de você, Vik – garantiu Tom. – Tenho outros assuntos para me preocupar no momento. – A voz dele estava trêmula por causa do riso contido. – Por isso, não me importo com o fato de você ser um INDIANO BEM TEMPERADO.

Yuri e Wyatt caíram na gargalhada, e Tom jogou a cabeça para trás, rindo sem parar. E, por alguns maravilhosos momentos, teve a sensação de nunca ter passado pela extração neural nem de ter nenhuma preocupação na vida.

– Obrigado. Vocês são ótimos amigos – resmungou Vik.

– Não posso acreditar que você tenha dado uma cabeçada nela depois de termos visto o que houve com Wyatt!

– É algo muito fácil de fazer, Tom!

– Talvez quando a garota está desesperada para fugir de você.

– Não leve para o lado pessoal a rejeição dela, Viktor – disse Yuri, gentil. – Talvez ela seja alérgica ao tempero indiano.

Vik ergueu o braço e deu um tapa em Yuri e outro em Tom. Tom não parava de rir. Vik preparou um tapa mais caprichado.

– Vik – repreendeu Wyatt. – Pare de se debater. Você está nos enchendo de tempero indiano.

Vik bufou, deixando clara sua frustração, e gesticulou no ar, como se pedisse que todos rissem de uma vez e acabassem com o assunto. Então, quando as gargalhadas cessaram, ele disse por fim:

– Já cansaram de rir?

– Nunca cansaremos de tempero indiano – anunciou Tom.

– Que seja. No momento, você tem *mesmo* problemas maiores para resolver.

O que restava da vontade de rir logo desapareceu. Os pensamentos de Tom voltaram aos eventos dos dois últimos dias, e um buraco escuro se abriu dentro dele.

– Estou interessado numa coisa – prosseguiu Vik. – Medusa. Conte-nos. É uma garota. E então, é bonita?

Tom ficou aliviado, porque falar sobre Medusa era muito mais agradável do que contar a respeito de Blackburn e das acusações de traição.

– Ela não me deixou ver sua verdadeira aparência – admitiu.

– Oh não, jovem Skywalker. A feiura é forte na adversária.

Wyatt lançou para ele um olhar impaciente.

– Talvez a identidade dela seja confidencial. Assim como a nossa, não?

– Acho que não. Feia. Pense bem, Tom – disse Vik –, nenhuma garota capaz de lutar tão bem pode ser bonita. Senão, haveria um gigantesco desequilíbrio no cosmos, destruindo o *continuum* espaço-tempo e fazendo o universo implodir. Além disso, ela não mostra o rosto a você. Isso é um sinal preocupante. Um alerta vermelho.

Tom fez pouco-caso da possibilidade de Medusa ser feia; afinal, ele era mesmo um idiota em perder tempo pensando naquilo quando havia problemas muito mais graves diante de si, questões que poderiam mudar sua vida para sempre.

– Bem, nada disso importa mais, Vik. Não posso voltar a ver Medusa. Fui apanhado, e agora Blackburn quer fritar meu cérebro

com o dispositivo de varredura.

Wyatt ficou boquiaberta.

– Ele viu suas lembranças?

Yuri olhou para ele, apreensivo.

Tom sabia o que os deixara preocupados.

– Ele não viu tudo – respondeu, olhando para os dois. – Mas sabe que estou escondendo algo dele e não vai parar de me perseguir até descobrir o que é.

– Então, mostre logo para ele – disse Vik. – Seja o que for, parceiro, não pode ser tão ruim assim.

Wyatt e Yuri se entreolharam, compreendendo a gravidade da situação.

– Você não entende, Vik – disse Tom. Vik não estava a par do que ocorrera: não sabia que dois de seus amigos poderiam passar dez anos na prisão se Blackburn tivesse acesso àquela lembrança. – Está tudo sob controle. Existe uma maneira de sair dessa: Marsh vai me levar à reunião de cúpula no Capitólio para que eu enfrente Medusa. Ele quer que eu combata no lugar de Elliot. Se vencê-la, ele leva meu nome à Comissão de Defesa. Se perder, tenho de escolher entre ter o cérebro frito ou ter o processador neural removido.

O silêncio de todos foi a resposta.

– Ótimo negócio – disse Vik.

– Péssimo negócio – comentou Wyatt ao mesmo tempo.

– É ótimo. Ele vai participar da reunião de cúpula! Não posso acreditar que, mesmo sendo um plebeu, Marsh vai deixar que participe – falou Vik, com um pouco de ciúme na voz. E também sem fôlego, esmagado por uma pilha de corpos.

– Não há nada de ótimo nessa situação, Vik – disse Wyatt. – Tom jamais poderá vencer Medusa. Ele nunca teve a oportunidade de treinar o bastante e, mesmo que tivesse treinado exaustivamente, nem mesmo os mais treinados foram capazes de derrotá-la.

Ela parecia tão certa do fracasso dele que Tom sentiu seu orgulho ferido.

– Ei, aprendo a me virar rápido nas simulações. É o que todos dizem. E já enfrentei Medusa em outros simuladores de batalha. Juro para vocês que sempre chego perto de vencer.

– Então, vai nessa – disse Vik. – Vença sua namoradinha virtual. Derrote-a de uma vez, Tom.

Tom deixou a cabeça cair para trás.

– Vou precisar de sorte. Ela é mais habilidosa do que eu. É mais rápida, mais esperta e, no geral, mais mortífera.

– Então, trapaceie – sugeriu Vik.

– Trapacear? – indignou-se Yuri. – Ele não precisa trapacear! Pode vencer Medusa como um guerreiro honrado.

Vik grunhiu e se voltou para Tom, como se tivesse chegado à conclusão de que Yuri fosse um caso perdido.

– Doutor, é preciso trapacear para vencer. A nobreza está na vitória.

– Vik, se eu soubesse como trapacear, faria isso sem pensar duas vezes. Não sei nem mesmo qual será a simulação militar escolhida para o nosso combate.

– Posso programar um vírus para você – disse Wyatt, parecendo animada com a possibilidade. – Um jeito de embaralhar o processador dela no meio da luta.

– A reunião de cúpula será daqui a dois dias.

Wyatt bufou.

– Já ouviu falar das minhas habilidades? Para mim, é tempo mais do que suficiente.

– To... Timothy, você está ignorando a solução óbvia – disse Yuri, mexendo o pesado corpo e esmagando Tom contra a grama. – Por que não pede a Medusa que perca intencionalmente?

Tom o encarou.

– Como é?

– Peça a Medusa que perca de propósito – repetiu Yuri.

Tom o observou por mais alguns instantes. A ideia parecia perfeitamente racional, mas, ao mesmo tempo, parecia não fazer nenhum sentido.

– Por que ela concordaria com algo assim?

– Não é óbvio? Ela gosta de você. Se souber que está prestes a ser acusado de traição, talvez ela concorde em perder. Não se trata de uma batalha real. É apenas um espetáculo para o público. Nenhum país será prejudicado com a derrota.

– Mas não posso fazer isso – disse Tom, perplexo.

– Prefere embaralhar o processador dela? – Vik sublinhou a alternativa. – Detesto admitir, Tom, mas acho que é melhor ouvir a sugestão do Androide. Opte pela chantagem emocional.

– Mas e o meu vírus... – disse Wyatt.

– Ele pode usar o vírus se a chantagem não der certo, certo? – disse Vik. – Você é mesmo sanguinária com essas coisas, hein, Bruxa Maligna?

– Pelo menos minhas mãos não são pequenas e delicadas.

– O quê? Qual é o problema com as minhas mãos? De onde você tirou isso?

Tom afastou os pensamentos da discussão entre eles. Chantagem emocional. Contra Medusa. Ele franziu o cenho, olhando para a noite escura e tempestuosa.

Não ia funcionar. Medusa gostava de competir. Não importava que tivessem se tornado amigos, e nem o beijo que haviam trocado. Só de pensar em pedir aquilo a ela, Tom se sentia um panaca. Ela nunca aceitaria.

Afinal, se as posições fossem invertidas, ele não aceitaria.

NAQUELA NOITE, Tom, Vik e Yuri acordaram às 0200. Eles encontraram Wyatt na escuridão da sala comum. Ela já tinha desligado o programa de rastreamento de transmissões da Agulha.

Com um gesto, indicou a Tom que se plugasse a uma das portas de acesso neural na parede.

– Você tem dez minutos, Tom. Não acho que devemos correr o risco de desligar o firewall da Agulha por mais tempo do que isso.

– Serei rápido – garantiu Tom.

– Boa sorte, Doutor. – Vik passou a ele o fio de conexão neural.

– Obrigado, Doutor. Vejo vocês daqui a poucos minutos. – Tom se plugou ao sistema.

A escuridão e a distância do corpo o envolveram enquanto deixava para trás o Tom real e assumia a forma de um avatar na internet. Deixou uma mensagem no fórum de mensagens e pareceu ter escolhido o momento perfeito para fazê-lo: minutos depois, recebeu uma mensagem particular de confirmação enviada por Medusa, que continha uma nova URL.

Tom entrou no programa particular dos dois, protegido por senha. Percorreu o olhar pela sala decorada que ela havia escolhido para a simulação, um ambiente que o programa identificou como Palácio de Hatfield, na Inglaterra da Renascença. Medusa ganhou vida do outro lado da sala, assumindo a forma de uma ruiva esguia de olhos escuros e sorriso superior, usando um vestido tão comprido que tocava o chão e acompanhava o rodopiar do seu corpo.

– Nada mal – disse Tom, correndo os olhos pela imagem dela. – Quem é o seu personagem?

– A Princesa Elizabeth, da dinastia Tudor. – Ela chegou mais perto.

– Podemos lutar ou tramar um plano para derrubar a Rainha Mary. Ou trocar de personagem e combater os irlandeses, escoceses e franceses... ou ainda lutar como irlandeses, escoceses e franceses

contra os ingleses. Há até uma batalha contra a Armada Espanhola mais para frente. É um programa flexível. E cheio de decapitações.

– E eu, quem sou? – Ele olhou para o próprio corpo. Usava uma roupa colante. Fez uma careta e esticou as pernas virtuais, experimentando-as. Para ele, roupas colantes não pareciam ser muito másculas.

O programa o informou que seu personagem era *Robert Dudley, o homem que a Rainha Elizabeth I da Inglaterra amou durante toda a vida*. Imaginou que aquele fosse um bom sinal. Já tinha reparado que Medusa às vezes escolhia programas e situações deliberadamente.

Ainda assim, sentia-se inquieto e ressabiado quando Medusa se aproximava dele, piscando aqueles olhos escuros enquanto o encarava em meio à cabeleira ruiva.

– Imaginei o pior quando você parou de aparecer.

Tom sentiu o estômago embrulhar.

– Aconteceu o pior – admitiu ele. – Um dos oficiais da Agulha descobriu que eu estava me encontrando com você.

O rosto dela congelou.

– Ih.

– Agora eles acham que fui eu o responsável pelo vazamento das informações.

Ela lhe deu as costas.

– E o que vai acontecer com você?

– Bem, serei... – ele procurou uma maneira de explicar o dispositivo de varredura sem revelar a verdade e escolheu dizer: – ...“interrogado” a seu respeito até perder o juízo ou serei expulso da Agulha. Para sempre.

– Acho que isso foi uma má ideia.

– E a má ideia foi ideia minha, certo? – Aquele era o grande momento. A hora de revelar que seria ele a enfrentá-la no

Capitólio, o momento de contar que ela poderia salvá-lo se fizesse um sacrifício.

Então, por que era tão difícil dizer tudo aquilo?

A única coisa que Tom conseguia pensar era em como seria humilhante implorar a ela que perdesse em seu nome. E no quanto se sentiria patético quando ela risse na sua cara, afinal, que tipo de pessoa faria um pedido como aquele? Ninguém faria algo estúpido assim. Não na vida real. Ele não sabia em qual mundo Yuri vivia, mas Tom sentia as tripas darem um nó só de pensar em implorar a Medusa que o ajudasse, sabendo que isso a faria vê-lo com outros olhos. A garota acharia ele um tonto por precisar de uma ajuda daquelas. Pedir a ela que perdesse para salvar a pele dele? Podia aproveitar para pedir a ela que doasse alguns órgãos vitais. Ela jamais aceitaria.

– Ainda podemos nos encontrar na internet, não? – perguntou Medusa, voltando-se para ele. – Depois que sair da Agulha, ninguém poderá acusá-lo de traição se nos encontrarmos.

Tom se afastou dela, sentindo-se com frio ao pensar em como seria sua vida se perdesse o processador neural e deixasse para trás a versão melhorada de si mesmo que tinha nascido na Agulha. Que tipo de pessoa seria se voltasse a ser o garoto que seguia Neil por aí? Aquele garoto feio e burro que não valia nada?

Preferia arrancar os próprios braços para não ter de mostrar a ela aquele garoto.

– Não seria boa ideia – disse Tom.

– Compreendo. – Havia algo de diferente na voz dela. – Então, depois que sair do exército, não pode se dar o trabalho de me procurar. Entendi.

Tom não estava com a cabeça boa para uma conversa daquele tipo.

– O quê? De onde você tirou isso?

– Talvez tenha sido má ideia desde o começo. – E, com isso, ela saiu do programa, deixando Tom sozinho com aquela roupa colante na Inglaterra da Renascença.

TOM ARRANCOU o fio neural e se sentou. Os amigos estavam todos acomodados em cadeiras próximas na escuridão da sala comum, atentos à reação dele.

Vik foi o primeiro a falar.

– Nada feito?

– Nada feito – confirmou Tom.

Wyatt estava sentada com os joelhos próximos do peito e parecia bastante inquieta em sua cadeira.

– Vírus, então?

Tom confirmou com a cabeça.

– Vírus.

– Já preparei a maior parte do programa para você. – Ela parecia estranhamente animada com a perspectiva enquanto se ocupava em acessar as defesas eletrônicas da Agulha, ativando-as de novo.

– Ótimo – disse Tom, sem prestar muita atenção.

É verdade que ele não tivera de fato uma oportunidade para pedir a Medusa que fizesse o sacrifício em seu nome, mas sentia que um peso havia sido tirado do seu peito, sabendo que agora ela estaria brava com ele, tendo a certeza de que aquilo nem era mais uma possibilidade. Se tivesse implorado como um fracote patético e recebido como resposta as gargalhadas dela, aquilo teria acabado com ele. Ela jamais o respeitaria depois de um pedido como esse.

– Então, o Androide estava errado – murmurou Vik. – Sinto muito, parceiro. Parece que Medusa não estava tão interessada assim em você. Mas pense por outro lado. – Ele pôs a mão no ombro de Tom.
– Agora você tem mais motivos para acabar com ela.

– Claro. Acabar com ela. – Exceto pelo detalhe de que era ela quem sempre lhe dava uma surra.

Wyatt mexia a cabeça na escuridão, digitando os toques finais para que as defesas eletrônicas da Agulha voltassem a funcionar plenamente.

– O vírus que comecei a programar é do tipo adware.

– Adware? – ecoou Tom.

– Basicamente, ele começa a usar cada vez mais a capacidade do processador até ele ficar sobrecarregado demais para se ocupar de qualquer outra tarefa. Vou ativá-lo no momento em que você o enviar a Medusa e, por isso, vou configurá-lo para que apague a si mesmo do seu processador no mesmo instante, evitando que também seja afetado. Basta descarregá-lo uma vez, no começo da luta e então vencê-la antes que ela consiga se recuperar. É bem provável que você não tenha acesso a um teclado, por isso, vou tentar usar um truque que Blackburn me mostrou, configurando-o para responder a uma interface de pensamento.

– Não tem outro jeito? – perguntou Tom. – Uma vez, Vik e eu tentamos usar a interface de pensamento para enviar mensagens diretas um ao outro na aula de programação, mas era impossível se concentrar numa única coisa de cada vez.

Vik confirmou com um gesto da cabeça.

– As perguntas de programação dele eram sempre do tipo: “Vik, como funcionam os músculos dos seios?”

Tom respondeu com uma cotovelada. Forte. Vik riu.

Yuri tinha ficado quieto durante todo esse tempo. Ao ouvir isso, levantou a cabeça.

– Músculos dos seios?

– Não, Yuri – gritou Wyatt. – Nada de músculos dos seios. Tom, vou configurar o vírus para responder a uma frase. Acha que

consegue concentrar o cérebro por tempo suficiente para pensar numa frase?

Tom deu de ombros.

– Ok, vamos a ela.

– Quando chegar a hora de enviar o vírus, quero que pense o seguinte: *Vikram pequenino e temperado*.

O sorriso de Vik sumiu na mesma hora. Apesar da seriedade da situação, Tom começou a gargalhar.

– Espere um minuto – disse Vik. – Não gostei dessa frase.

– Não pense nela cedo demais – avisou Wyatt. – Você precisa ter a nave de Medusa na mira. Concentre-se nela e pense: *Vikram pequenino e temperado*, várias vezes, até o vírus entrar em ação.

– Só isso? – disse Tom. – E quanto aos firewalls?

– Vocês dois estarão no mesmo servidor durante a reunião de cúpula e, por isso, não deve haver problema. E acredite em mim: depois que o vírus entrar em ação, vai demorar para que ela recupere o controle da nave.

– Vikram não é pequenino – declarou Vik, insistindo no assunto. – Sou mais alto do que os dois.

Wyatt o ignorou.

– Acho que o plano B vai funcionar.

Então, Yuri falou:

– Talvez seja melhor tentar o plano C. – Estava sentado no ponto mais distante de Tom, o queixo apoiado na mão e os ombros largos caídos.

Tom não sabia ao certo o que Yuri tinha em mente, mas Wyatt adivinhou. Ela se levantou num salto.

– Não, Yuri! Seu plano é péssimo.

– Nem disse qual é o meu plano.

– Já adivinhei qual é, e sei que é péssimo.

– Não vou deixar que Thomas seja prejudicado por minha causa – disse Yuri.

Vik levou um susto. Olhou para Yuri por um longo momento, então apontou para ele, olhando para Wyatt e Tom, parecendo perturbado.

– Ouviram isso? Ele disse “Thomas”.

Wyatt mordeu o lábio e olhou para Tom.

Vik reparou na reação deles.

– E então, por que não estão tão chocados quanto eu? Do que é que eu não sei?

Em vez de responder, Tom se voltou para Yuri.

– Estou em dívida com vocês. Não vou entregá-los.

– Não precisa, Tom. Vou revelar meu segredo. Vou confessar.

– Ele acabou de dizer “Tom”! Sei que vocês também ouviram – insistiu Vik.

– Se Blackburn descobrir que você voltou ao normal, Yuri, ele vai pensar que foi você a origem do vazamento – explicou Wyatt.

– Voltou ao normal? – repetiu Vik.

– Mas você estará a salvo – respondeu Yuri.

– Você não será o único prejudicado – destacou Tom, ignorando Vik, que parecia prestes a arrancar os cabelos. – Foi Wyatt quem fez seu firewall. Ela também será condenada a dez anos de prisão por traição. Eu serei preso por ajudá-la e acobertá-la. *Todos* nós perderemos os processadores neurais.

– Yuri, você já tem o processador há muito tempo – disse Wyatt, horrorizada. – Nunca sobreviverá se o removerem.

– Então, é melhor não correremos esse risco – disse Tom, olhando para os dois. – Fique quieto, Yuri.

Vik esfregava a cabeça.

– Espere aí um minuto... Deixa eu ver se entendi. Yuri não está mais embaralhado? E vocês dois sabiam disso?

– Não está mais embaralhado – disse Wyatt, levantando-se. – E daí? Qual é o problema?

– Qual é o problema? – repetiu Vik. – Por acaso você mora no mesmo mundo que a gente? Isso é um problema imenso, Wyatt!

Yuri também se levantou.

– Não sou espião, Vikram.

– Não importa, Yuri! – disse Vik. – Será que não percebem? Não entendem como tudo vai parecer? O exército é uma hierarquia. Você não pode desmontar os sistemas de segurança deles porque acha que seu namorado é digno de confiança. Não cabe a você decidir.

– Mas você não vê problema em desativar temporariamente as defesas eletrônicas da Agulha porque acha que seu amigo é digno de confiança? – apontou Wyatt.

– É diferente. Foi apenas por dez minutos, e ninguém vai descobrir. Isso que você fez a Yuri é permanente. Acha mesmo que Blackburn vai ignorar o novo software de Yuri para sempre? – Ele se voltou para Yuri. – Sei que você não é espião. Eu te conheço, cara, mas está completamente louco se acha que Blackburn não vai descobrir tudo isso!

Wyatt ergueu o teclado preso ao antebraço.

– Ao menos você não vai lembrar de nada.

Os olhos de Vik se arregalaram. Tom saltou na direção dela e a obrigou a baixar o braço.

– Não faça isso. – E, assim que se aproximou dela, Yuri o agarrou num mata-leão, prendendo-o contra o peito largo.

– Thomas, nem pense nisso – alertou.

Tom se debateu contra o imenso braço.

– Não vou encostar nela, Yuri, mas não posso deixar que use um vírus contra Vik. Ninguém vai ter o cérebro frito hoje, está bem? – Yuri relaxou o aperto, e Tom se libertou dos seus braços. Olhou para os três, ofegante. – Está bem?

Wyatt ficou encarando Vik, e Yuri não saiu de perto de Tom, pronto para entrar em ação se as coisas piorassem.

– Vik, se Yuri for preso, Wyatt e eu também seremos – disse Tom.
– Sei que você respeita a hierarquia militar, mas precisa guardar esse nosso segredo. Quer que nós três sejamos mandados para a prisão? Quer arriscar a vida de Yuri?

Vik grunhiu.

– Tom, não queria nem estar em posição de responder a uma pergunta dessas!

– Eu sei. Eu sei. Nenhum de nós quer isso. Mas a vida é cheia de escolhas difíceis, certo? Ou você fica quieto e se torna nosso cúmplice, ou acaba com nós três e vive com essa decisão. Qual vai ser a sua escolha?

Vik deu as costas a eles, passando as mãos no cabelo.

– E então, Vik? – pressionou Tom, olhando ansioso para as costas dele.

– Está bem, mas com uma condição – Vik falou, voltando a encará-los –, vou pensar numa versão masculina de “Bruxa Maligna”, e você vai ter de responder quando for chamado assim.

– Combinado – concordou Tom, aliviado por dentro. Ele sabia que aquela era a forma de Vik dizer que não os trairia. Em seguida, voltou-se para Yuri. – Espero que tenha entendido o quanto é importante manter a boca fechada. Por mim e por Wyatt. Entendeu bem?

– Sim – disse Yuri, uma ruga de preocupação entre as sobrancelhas. – Vou ficar quieto.

– Ótimo. Então, eis o que vai acontecer agora: Wyatt, você programa o vírus. Yuri, você evita fazer algo idiota, como dizer a verdade. Vik: pense num equivalente masculino de “Bruxa Maligna”.

– Já tenho algumas ideias – resmungou Vik.

– E eu tenho apenas que responder ao novo apelido. Ah, e mostrar a Marsh e à Comissão de Defesa que sou o único capaz de derrotar a maior guerreira do mundo.

Dito daquela maneira, parecia quase fácil.

NIGEL HARRISON não era burro. No dia da reunião de cúpula no Capitólio, ele compreendeu assim que Tom e Elliot embarcaram com ele no carro que não caberia a ele a tarefa de lutar contra Medusa.

– Ah. Ótimo. – O rosto delicado foi distorcido pela expressão desgostosa. – Pelo visto, isso significa que sou o substituto do substituto.

– Tom está aqui para o caso de você não conseguir derrubar Medusa, Nigel – disse Elliot. – Ele é muito bom para um plebeu.

– Mas ainda é apenas um *plebeu* – provocou Nigel. – Está no primeiro ano da aula de táticas. A ideia é deixar que ele se ligue a uma nave de verdade no espaço para enfrentar outra nave real no espaço, coisa que ele vai fazer pela primeira vez, bem na reunião de cúpula do Capitólio? Pode me explicar por que isso faz sentido, Elliot?

Seguindo a descrição feita por Nigel, aquilo não fazia muito sentido, nem mesmo para Tom. Sentiu despontar dentro de si um lento desânimo. Marsh e Elliot tinham lhe dito que ele iria de fato pilotar naves reais no espaço. Mas disseram que não seria uma batalha real, e sim algo mais parecido com um jogo. Tom tinha certeza de que poderia vencer num jogo.

Foi apenas no carro que ele se deu conta de que o jogo era real. Uma nave real. Um jogo real.

– Tom já baixou todo o conhecimento de pilotagem necessário – Elliot disse a Nigel –, e o general Marsh permitiu que ele se

conectasse a uma das naves em órbita para praticar. E ele entendeu tudo na mesma hora. Tom é dotado de um talento natural.

– Por acaso Marsh está perdendo o juízo com a idade, Raines? O que fez para convencê-lo? – gritou Nigel.

– Nada – retrucou Tom. – A ideia foi dele, não minha.

– A ideia é apoiarmos uns aos outros, Nigel – lembrou Elliot.

– E devo aceitar numa boa a ideia de ser passado para trás por um plebeu? – vociferou Nigel. – Entenderia se fosse alguém do nível superior: já treinamos um pouco com as naves. Entenderia até se Marsh tivesse escolhido alguém do nível intermediário, já que eles participam de batalhas com os membros da ComCam e já viram a ação de perto. Mas ele é um plebeu. Um plebeu! Isso eu não consigo entender.

– Não estou gostando da sua atitude, Nigel.

– E eu não gosto de pessoas que falam como se fossem orientadores de escola primária – devolveu Nigel.

– Ora, você está apenas frustrado...

Tom deixou os dois discutindo enquanto seus nervos faiscavam feito fios desencapados. Por mais que Elliot ficasse decepcionado com o fato de precisar de um substituto, ele parecia satisfeito de saber que seria um de seus próprios plebeus que ficaria responsável pela maior parte da luta. Ele tinha até assistido enquanto Tom tentava pilotar uma das naves, algo que de fato era muito semelhante às simulações aplicadas, e dito em seguida que ele tinha feito um ótimo trabalho. Mas esse era o jeito de Elliot. Provavelmente teria elogiado mesmo que Tom tivesse chocado a nave contra a lua por acidente. Mas agora Tom pensava nas palavras de Nigel. Tinha ficado tão ansioso pela oportunidade de provar seu valor que nem se ocupara de avaliar se estava mesmo pronto para aquilo. Havia pilotado aquela nave de testes em torno da lua por cerca de vinte minutos enquanto Marsh e Elliot assistiam. Não numa

batalha. Não numa simulação que envolvesse um alto nível de estresse. Sua barriga começou a doer.

– Que tipo de jogo será? – perguntou Tom, tentando acalmar os nervos.

– Uma farsa patética – respondeu Nigel, amargo.

Elliot o ignorou.

– Isso muda de ano para ano, Tom. A batalha na reunião de cúpula do Capitólio não é real. É algo mais parecido com uma partida amistosa para entreter os membros da Coalizão e proporcionar um espetáculo ao público. É provável que você e Medusa disputem algum objetivo menor. O vencedor será aquele que atingir o objetivo primeiro, e o país vencedor recebe o prestígio.

Tom olhou fixamente para ele.

– Então, se perder, afetarei o prestígio internacional do nosso país.

– Exato – disse Nigel, a voz carregada de irritação. – Mas nada de pressão.

– Não – Elliot se aproximou dele, pondo em seu ombro uma mão encorajadora. – Não pense assim, Tom. Ninguém espera que o nosso país vença esse ano.

– Ah. Isso faz com que me sinta bem melhor – disse Tom.

– Bem, é o que espero quando digo isso. Se você, ou você – com um gesto da cabeça ele indicou que incluía Nigel também; Nigel revirou os olhos, reconhecendo a insignificância daquele gesto – conseguirem derrubar Medusa, todos ficarão muito surpresos. Sabemos que Medusa é melhor do que nós. A Coalizão também sabe disso. Portanto, não se deixe afetar pela pressão. Não será o fim do mundo se perder.

Então, Elliot não sabia dos detalhes. Para Tom, seria o fim do mundo.

Se perdesse a disputa, perderia tudo: seu lugar na Agulha, o processador neural, os amigos, o futuro. Tudo.

Perto do Capitólio, Elliot deixou o carro e embarcou numa limusine, preparada para sua chegada pública e as fotos ao lado dos políticos, executivos da Nobridis e figuras da mídia.

Tom e Nigel permaneceram em silêncio enquanto o carro se aproximava do destino. Tom estava consumido demais pela ansiedade crescente para se importar com o olhar hostil de Nigel. Estavam se encaminhando para o mesmo lugar que Elliot, o Capitólio, mas chegariam pela porta dos fundos. Suas identidades e IPs não tinham sido revelados para a mídia. Como os nomes de ambos eram segredo de Estado, qualquer um dos dois poderia lutar no lugar de Elliot. Não havia risco de os russo-chineses constrangerem os americanos ao revelar ao mundo a identidade real do piloto da nave de Elliot.

O carro deles parou diante do Edifício Hart, que abrigava o senado. Tom permaneceu petrificado no banco. O passeio de carro tinha chegado ao fim cedo demais.

– Está suando frio, não está? – disse Nigel, deliciando-se.

– Cale a boca. – Tom desceu do carro empurrando o outro garoto.

O general Marsh esperava por eles no saguão.

– Ótimo, ótimo. Vamos lá, os dois. – Ele os passou apressadamente pelo detector de metais, que apitou diante da presença deles, e os conduziu pelo piso de mármore até os elevadores.

Entraram no elevador normalmente reservado para os senadores e desceram ao porão. Então embarcaram no pequeno vagão de uma ferrovia subterrânea. O vagão acelerou nos trilhos, levando-os até a entrada do porão do Capitólio.

O general observou Tom enquanto avançavam pelo túnel.

– E vocês, estão prontos para isso?

O rosto de Nigel permaneceu imóvel, a não ser pelo tique nervoso. Foi sua única resposta, pois sabia que a pergunta não tinha sido

feita a ele.

– Sim, senhor. Estou pronto. – Tom ficou feliz ao perceber que sua voz não tremeu.

Marsh os conduziu por passagens secretas nos pisos inferiores do Capitólio até chegar a uma sala oculta sob a Rotunda. Era comprida, estreita e dotada de isolamento acústico, com duas cadeiras e uma parede que servia também como tela, exibindo o interior da imensa redoma no meio do Capitólio.

Tom olhou para a imagem exibida na tela. A Rotunda era um ambiente cavernoso com a parte superior revestida de uma intrincada pintura; estátuas e telas de tinta óleo retratavam cenas da história americana do século XVIII. Uma multidão de observadores se espalhava pelo lugar, e os assentos ficavam em torno do anel central, onde Svetlana e Elliot se enfrentariam, com uma tela circular acima da cabeça, pronta para exibir a batalha espacial.

– Esta é a sala em que vocês dois ficarão. Aqui está a porta de acesso neural. – Marsh indicou um pequeno orifício na parede. – Vou passar a vocês a planta técnica do satélite. Trata-se de uma antiguidade. Está em órbita desde os primeiros dias do programa espacial, e agora nós o queremos num museu. Este ano, vocês vão concorrer com o Combatente Russo-Chinês para ver quem será o primeiro a recuperar o satélite. Nada de mísseis nem armas. Para vencer será preciso usar a astúcia. O vencedor será aquele que se apoderar do satélite e o trazer para o gramado do Smithsonian. Quando o jogo começar, Ramirez vai se plugar. Ele pilota até chegar à estratosfera, e então o sr. Harrison assume o comando. Você tem dois minutos para me impressionar, Harrison. Em seguida será a vez de Raines.

Nigel fez uma careta.

– Ótimo. Dois minutos para vencer alguém que nunca foi derrotado antes. Uma oportunidade fantástica que não foi preparada

para me prejudicar em nada.

Marsh o encarou.

– Como é, jovem?

– Nada, senhor.

Marsh girou o corpo para observar a tela e identificou os participantes da reunião de cúpula conforme eles entravam, homens e mulheres que vestiam roupas cujo valor superava aquilo que a maioria das pessoas ganhava em um ou dois anos de trabalho.

– Deem uma olhada. Esses são os poderosos do mundo. – Ele os apontou com o grosso dedo indicador. – Já conhecem o presidente Milgram, o vice-presidente Richter e o secretário de defesa, Jim Sienker. Aquele que está conversando com eles é...

– Joseph Vengerov – disse Tom, com a voz amarga.

– Isso mesmo. Fundador e diretor-executivo da Obsidian Corp. Na verdade, é a Vengerov que vocês devem agradecer pela tecnologia dos processadores neurais.

Tom tinha de agradecer a Vengerov pelo tempo que passara como fantoche de Dalton. E também pela decisão de Blackburn de fritar seu cérebro na varredura. Correu os olhos pela multidão e enfim o encontrou: o tenente Blackburn usava o uniforme completo, à margem da plateia. Observando Vengerov.

Tom sentiu um calafrio. Tinha que vencer.

– Ao lado de Svetlana Moriakova – dizia Marsh –, podem ver os representantes sul-americanos, africanos, chineses e russos. Ao lado do sr. Ramirez estão os nossos aliados: indianos, europeus, australianos e canadenses. Ah, e aqueles são os representantes da Coalizão: os Aliados Russo-Chineses, Lexicon Mobile, Harbinger, LM Lymer Fleet, Kronus Portable, Stronghold Energy e Preeminent Communications. Do outro lado estão os Aliados Indo-Americanos da Coalizão, as nossas empresas poderosas: Obsidian Corp., Nobridis, Wyndham Harks, Matchett-Reddy, Epicenter Manufacturing e...

– Dominion Agra – concluiu Tom, sentindo o ódio transbordar ao ver o sujeito alto e arrogante que caminhava entre o público.

Era incrível ver que, mesmo com as pessoas mais poderosas do mundo reunidas na Rotunda, Dalton ainda olhava para todos ao redor como se lhe pertencessem.

– Muito bem, filho – disse Marsh. – Você conhece seus amigos na Coalizão.

Não, ele conhecia seus inimigos. E Tom sabia que Dalton era um inimigo pessoal, pior do que qualquer um na Rússia ou na China. Sentiu-se invadido por pura determinação. Seria o vencedor naquele dia. Tinha de ser. Simplesmente para continuar na Agulha e esfregar esse fato na cara de Dalton.

– Acredito que já são grandes o suficiente para cuidarem de si mesmos – Marsh comentou. – Se houver algum problema, mandem uma mensagem para o tenente Blackburn. Ele está de prontidão na plateia.

– Não trouxe o teclado – disse Tom, perguntando a si mesmo como Marsh poderia esperar que ele mandasse um pedido de ajuda justamente para Blackburn. Nem que estivesse com todos os ossos do corpo fraturados e em chamas pensaria em pedir a Blackburn que viesse ajudá-lo.

– Ainda bem que eu trouxe – respondeu Nigel, arregaçando a manga para mostrar o teclado a Marsh.

O general acenou com a cabeça.

– Vejo vocês quando tudo acabar.

Depois que o general saiu da sala para se juntar aos participantes da reunião de cúpula, ordenando aos dois que prestassem atenção e se plugassem assim que a disputa tivesse início, Tom ficou na sala isolada e oculta com Nigel, observando os convidados. Nigel parecia não se importar com mais nada. Ele apenas inseria e retirava o fio

da porta de acesso na parede, com as pernas magras sempre se mexendo.

Tom o observou: o semblante ressentido e a expressão sombria.

– Sabe, talvez você não acredite, mas, no momento, preciso disso muito mais do que você.

– É mesmo? – Os olhos claros de Nigel encontraram os de Tom. – Quer dizer que sua última chance de entrar para a Companhia Camelot foi tirada de você pela segunda vez?

Tom não sabia o que responder. Torcia para que Nigel não resistisse depois de assumir o controle da nave no espaço. Nigel era um sujeito pequeno, e Tom não gostava da ideia de dar um soco nele para conseguir recuperar o fio de acesso.

Ele daria o soco se necessário, mas não queria fazê-lo.

A tela mostrou o começo da atividade na Rotunda. Nigel endireitou o corpo. Tom se voltou para ver o que acontecia. Na tela, o público da reunião de cúpula no Capitólio fez silêncio. O único som que se ouvia na sala secreta de Tom e Nigel era o zumbido dos falantes, que filtravam as vozes na Rotunda. Elliot e a garota russa, Svetlana Moriakova, alta e loira, caminharam na direção um do outro e se cumprimentaram com um aperto de mão. Depois avançaram para as estações, equipadas com controles de todo o tipo, e até volantes, permitindo que lançassem as naves eles mesmos e completassem o teatro de estarem de fato pilotando as naves no espaço. O público não sabia a respeito dos processadores neurais. Era provável que ninguém achasse muito emocionante o torpor dos combatentes reais, semelhante a um coma.

O coração de Tom acelerava. Só mais alguns minutos.

Ele se voltou para Nigel e viu que o colega não tinha se plugado. Em vez disso, segurava o fio nas mãos, encarando Tom.

– Não quero nem participar se a ideia é me tirar do combate em dois minutos. Pode assumir desde o começo.

Tom piscou, perplexo e um pouco abobalhado. Seriam apenas dois minutos a mais, mas ele tinha a sensação de ser jogado no meio do combate antes de estar pronto.

– Está falando sério?

– Sério. – Havia algo de oco na voz de Nigel. – Sabe por que Marsh quer que eu assuma primeiro? Se você perder, ainda vai parecer que ele fez tudo certo, que seguiu as regras e me deu uma chance, mas eu não correspondo à expectativa. – Os lábios dele se retorceram. – O general é um covarde. Se é o que ele quer, deveria ter pedido a você que assumisse desde o início.

De repente, Tom se viu concordando com aquilo: Marsh era um covarde. Tinha fugido às regras para trazer Tom ao programa, mas, naquele momento, não se dispunha a defendê-lo. A única chance de Tom estava em operar um milagre e vencer Medusa.

Lembrou-se das palavras que o pai dissera no dia em que se despediram: *Tom, aconteça o que acontecer, você precisa cuidar de si mesmo.*

E era o que ele faria. Venceria Medusa e, se não conseguisse, não deixaria que Marsh escapasse da responsabilidade por tê-lo trazido à Agulha e deixar Tom pilotar na reunião de cúpula do Capitólio. Ele tomou o fio das mãos de Nigel e estendeu o braço para plugá-lo. Então reparou, com o canto do olho, no sorriso sarcástico de Nigel, e no teclado que tirou de baixo da manga.

– O que você vai... – começou Tom.

Foi o único alerta que ele recebeu antes de ver a mensagem de texto que surgiu diante dos seus olhos: *Sessão encerrada. Iniciando sequência de imobilidade.* Tom perdeu a capacidade de mover o corpo do pescoço para baixo. Desabou no chão, exatamente como nos exercícios físicos.

Nigel se aproximou calmamente dele e pegou o fio de volta.

– Céus, Raines, pensou que eu ficaria de lado observando-o ser o grande herói do dia? Pensou mesmo?

Tom o encarou, chocado.

– Bem, sim. – Ele tentava se agarrar ao carpete no chão. Como sempre, o programa de imobilidade dos exercícios físicos permitia que ele usasse os braços, mas não era possível levantar nenhum peso. Não conseguia sequer arrastar o corpo.

– De jeito nenhum! – Nigel girou o corpo na direção da tela que mostrava a Rotunda. – Pensei que, depois de vaziar os nomes dos membros da ComCam, conseguiria o que mereço. Marsh seria obrigado a me usar. Não teria escolha depois que os IPs fossem revelados ao público!

As engrenagens na cabeça de Tom pareceram travar.

– Foi você.

Nigel mostrou um sorriso doentio.

– Quando a Dominion Agra estava trabalhando com você, Dalton Prestwick também me ofereceu o patrocínio, desde que eu o ajudasse a revelar ao público a identidade dos membros da ComCam. Eles devem ter imaginado o mesmo que eu: assim que todos soubessem o nome dos Combatentes atuais, o exército precisaria de mais deles, Combatentes que ainda fossem anônimos. E não seria fácil para a Dominion avançar você pela hierarquia se isso ocorresse? Eles sabiam alguns nomes e poderiam vazá-los, mas não conheciam os IPs. Pediram-me que fizesse o restante. Mas, depois que você destruiu clube, Dalton me disse que o acordo tinha sido cancelado. Mas não fazia mais diferença. Eu já tinha decidido vaziar as informações por conta própria. Enviei um e-mail criptografado cheio de termos específicos do funcionamento dos processadores neurais para convencer o embaixador chinês e uma segunda mensagem que continha a lista de nomes e os IPs. Foi

muito fácil. Disse que faria parte da ComCam, nem que fosse sem patrocinador.

Tom olhou desesperado para a imagem da Rotunda, onde Svetlana, cuja nave era na verdade comandada por Medusa, parecia estar no controle enquanto Elliot estava coberto de suor, lutando de verdade pela primeira vez na reunião de cúpula. Ele mexia com violência nos controles, levando a nave da estratosfera na direção do satélite numa trajetória direta, demonstrando muita determinação e nenhuma imaginação.

Medusa era esperta demais para fazer algo do tipo. Ela usava os jatos de propulsão para lançar destroços na direção dele, tirando-o do curso. Às vezes, apenas brincava com Elliot, ignorando por completo o satélite. Ela avançava na direção dele, prestes a se chocar contra sua nave, desviando no último instante, enquanto ele entrava em pânico e lançava a nave numa direção totalmente diferente. Então, mexendo sua nave numa espécie de provocação, ela esperava a próxima tentativa dele como se tudo aquilo a divertisse. Estava tentando abalá-lo psicologicamente. Era como um gato segurando o rato pelo rabo diante das garras. Ambos os combatentes sabiam sem sombra de dúvida quem seria o vencedor.

– Nigel, você não pode confiar em Dalton. A Dominion Agra não vai patrociná-lo. Eles vão usar você como bode expiatório! Aposto que foi isso que planejaram desde o início!

Nigel se voltou para ele, feroz.

– Você não entende mesmo, Raines! Não confio na Dominion Agra. É claro que não confio. Não sou burro; deveria fazer parte da ComCam. É claro que a Dominion Agra me deu a ideia, mas entendi que isso poderia me beneficiar também. Sabia que revelar os nomes dos Combatentes e trazer a ComCam para o conhecimento do público poderia me ajudar a ser promovido. Mesmo quando voltaram atrás na proposta, já estava convencido a fazer isso de qualquer

maneira. Mas até isso deu errado, graças à aparente necessidade que Marsh viu em promover você. Assim sendo, essa é a minha chance. Agora. Depois de hoje, o exército não terá escolha a não ser me deixar lutar.

– O que está planejando? – perguntou Tom, preocupado, olhando para o fio nas mãos de Nigel.

Nigel se voltou para a tela, observando o público com um brilho exultante nos olhos.

– Tenho uma nave espacial ao meu comando, Raines. E há algo que não se pode negar a respeito da Agulha: ela é um alvo bem fácil.

Tom o observou enquanto lhe dava as costas. Não podia estar falando sério. Não podia querer mesmo usar a nave de Elliot para atacar a Agulha Pentagonal.

– O Pentágono nem vai perceber o ataque se aproximando. Pensarão que eu... – Nigel voltou a olhar para Tom com desdém – ... bem, pensarão que você está fazendo alguma manobra bizarra. Acho que é o que acontece quando colocamos um plebeu no comando. Ainda mais um plebeu desequilibrado a ponto de arrancar a dentadas a cabeça de um escorpião. – Ele balançou a cabeça. – Posso até ouvir os comentários: *O que é que Marsh tinha na cabeça?* Dessa vez, ele vai para a corte marcial, tenho certeza.

– Não há mísseis na nave, lembra-se?

– Não vou usar mísseis. Vou fazer a nave colidir contra a Agulha. Bum. Uma grande explosão bem no quartel-general. Se isso não acabar com todos lá dentro, vai no mínimo matar boa parte deles.

Tom começou a ficar com frio. O plano podia funcionar.

– Não vai conseguir escapar impune.

– Na verdade, Tom, vou sim. – Nigel se ajoelhou com cuidado, fora do alcance dele, sorrindo de maneira provocadora. – Lembra de quando Blackburn implantou na sua cabeça a lembrança do

escorpião? Pensei que algo do tipo seria útil e, por isso, aprendi a implantar lembranças também. Assim que a Agulha estiver em chamas, vou implantar uma nova memória em nossa cabeça. Você vai se lembrar de ter destruído a Agulha para acabar com o dispositivo de varredura, e eu também vou me lembrar de você fazendo isso, apesar de minhas heroicas tentativas de impedi-lo. O público vai culpar Elliot, o exército vai culpar você, e eu serei o único herói... E, como um dos últimos combatentes sobreviventes, terei de ser promovido à ComCam. E ainda estarei com a consciência limpa... Não é perfeito?

Tom estava perplexo. Nigel era algum tipo de gênio diabólico... E tinha sido recusado pela ComCam?

– É isso mesmo, Raines – caçoou ele. – Sou muito, muito mais esperto do que você.

– Vamos lá, Nigel, espere um segundo!

Com um último sorriso de provocação, Nigel se plugou no sistema.

Tom observou enquanto ele era absorvido pelo programa, furioso com as próprias pernas inertes, os braços que se recusavam a deixá-lo se levantar. Bateu os punhos contra o chão, frustrado. Esticou o pescoço o mais que pôde para ver o rosto inerte de Nigel, e a tela acima dos Combatentes. Então dirigiu os olhos para Elliot. Percebeu o momento em que Elliot perdeu o controle da luta, pois deixou escapar o que pareceu ser um riso aliviado, e uma onda de alegria discreta tomou a expressão em seu rosto. Ele não fazia ideia de que o substituto não havia chegado para resgatá-lo, e sim para condenar todos à morte.

Tom viu a nave de Nigel mudar de trajetória na estratosfera, afastando-se por completo de Medusa. Um observador ingênuo poderia pensar que se tratasse de um recurso tático inteligente ou mesmo uma demonstração de habilidade, com a nave apontada diretamente para a atmosfera terrestre e o fogo envolvendo os

escudos térmicos. Tom ouviu alguns comentários positivos dos espectadores enquanto Nigel avançava com rapidez para a massa de terra logo abaixo.

Então, Tom percebeu num súbito e atordoante choque que Nigel tinha passado pela estratosfera e conduzia a nave à superfície a uma velocidade incrível, estabelecendo uma trajetória para Virgínia. As luzes de Washington, DC, surgiram no horizonte enquanto ele reduzia a altitude, chegando perto de Arlington. A Agulha era visível na silhueta da cidade.

Nigel ia mesmo levar o plano a cabo. Ninguém sabia que a nave era inimiga. Ninguém sabia que era preciso detê-la. Nigel ia destruir a Agulha e, com ela, tudo aquilo que Tom tinha.

Tom fez a única coisa que lhe restava. Usou a única arma que tinha.

Olhou para Nigel, cerrou os dentes, e pensou na frase *Vikram pequenino e temperado... VIKRAM PEQUENINO E TEMPERADO!*

Foi então que aconteceu. O vírus adware saiu de seu processador como uma bomba de hidrogênio sendo lançada por um bombardeiro. Uma sensação de leveza passou pelo cérebro de Tom, o vírus apagando a si mesmo enquanto o código dançava diante dos seus olhos, deixando o processador dele, atingindo o de Nigel, e entrando imediatamente em ação.

Ele saltou da cadeira como se tivesse levado um tapa de uma gigantesca mão invisível.

– *Seu computador foi infectado* – leu Nigel, enxergando algo diante dos olhos. – *Clique aqui para baixar um programa de proteção para o seu PC. Não sou um PC! Não preciso de...* – A voz dele mudou de novo, enquanto algo diferente aparecia diante de seus olhos azuis e arregalados. – *Fique milionário. Clique aqui e saiba mais.* – Sem pensar, ele tentou arrancar de si o fio neural, mas isso não interrompeu o bombardeio de anúncios. – *Conheça o*

grande segredo para eliminar aqueles quilinhos a mais. O que é isso, Raines?

– Parece que é o grande segredo para eliminar aqueles quilinhos a mais.

– Não é isso que eu quero dizer! – O rosto de Nigel pareceu se contorcer ao ver algo diferente de novo, a voz cada vez mais grave.

– Aprenda a fazer compras com os preços mais baixos. Seja pago para dar opiniões. Descubra quem está procurando por você. Parabéns, você ganhou sessões gratuitas de... Mate a mosca e ganhe centenas de... Ganhe dinheiro sem sair de casa.

A voz dele ficou cada vez mais lenta, como um trem desacelerando até parar, e os dedos magros passaram pelo cabelo escuro, puxando-o, como se esperasse que levar as mãos à cabeça pudesse deter os anúncios que o vírus de Wyatt descarregava em seu cérebro. A tela acima mostrou a nave de Nigel rodopiando sem controle, avançando na direção da Agulha.

– Ooo queeee estááááá acontecendoooo... – Nigel avançou para Tom como se estivesse atolado num pântano profundo. Lentamente, cada vez mais devagar, caminhava na direção de Tom, estendendo o braço para pegá-lo. – Raaaaainneesssss...

Ele ficou praticamente imobilizado, bem ao alcance. Tom lhe desferiu um soco.

Nigel caiu para trás, batendo a cabeça na quina da cadeira. Desabou no chão e ficou ali mesmo.

Tom não conseguia se arrastar até Nigel por causa do programa de imobilidade, que impedia os braços de suportarem o próprio peso. Por isso, agarrou a perna magra de Nigel, puxou-o para si, arrancou o fio das mãos inertes dele e plugou-o à própria porta de conexão neural.

O programa o envolveu. O cérebro de Tom foi sugado diretamente para o sistema de navegação da nave de Nigel, uma atordoante

guinada na sua consciência. Os sentidos dele se ajustaram aos sensores da máquina, e os parâmetros lógicos do computador na nave entraram em conflito com o cérebro humano de Tom. Ele forçou caminho até camadas mais profundas, ouvindo a máquina zumbir ao redor, mergulhando até o sistema de comando. Sentiu-se envolvido por cada conexão, cada fluxo de código, mesmo enquanto a imagem na tela da Rotunda exibia o alvo. Alternava entre a nave e seu corpo orgânico, dentro do qual seu coração batia forte, aterrorizado. Com os próprios olhos, viu por um átimo de segundo a cena em que todos se inquietavam e Elliot se mostrava chocado, enquanto observavam a tela na qual a nave de Tom estava em rota de colisão com a Agulha Pentagonal.

Então Tom desviou, escapando do mergulho mortal, fazendo a nave ganhar altitude novamente, passando pelas nuvens de seda até voltar à estratosfera. O céu azul logo perdeu a cor e escureceu a seu redor. Ondas de excitação subiram pela sua coluna enquanto a Terra se afastava às suas costas e as estrelas se tornavam cada vez mais brilhantes em torno da nave.

A nave de Medusa tinha se acoplado ao satélite que eles deveriam disputar. Tom observou a nave dela, que lembrava uma foice afiada, usando os sensores térmicos da própria nave, e ficou feliz que o vírus, a trapaça mais fácil, já tinha sido usado. Era assim que ele queria enfrentá-la. Aquela quase namorada, aqui-inimiga, aquela que ele idolatrava. Guerreiro contra guerreira.

Aquela seria a primeira batalha real entre os dois.

TOM PERCEBEU QUE formar a interface com uma máquina no espaço era estranhamente semelhante à interface formada com o corpo de um animal nas simulações aplicadas. Os comandos e controles foram mostrados no pensamento dele assim que se plugou. Ele sabia como tirar a potência máxima dos jatos tão bem quanto sabia erguer a perna e andar para frente... parecia algo natural. Bastava outro pensamento para fazer a nave avançar diretamente para o satélite, determinado a se acoplar a ele e dominá-lo. Teria que arrancá-lo da nave de Medusa, o que era pouco provável, ou destruí-lo. Se ela fugisse com o grande prêmio estaria tudo acabado. Se ele o destruísse, ao menos ambos perderiam.

Ela desviou bem a tempo de evitar uma colisão. Mas quando partiu em direção à Terra, ele se pôs no caminho dela e fez nova tentativa de agarrar o satélite.

Medusa usou o recurso de mensagem direta, enviando um recado para a nave dele, já que não tinha como saber o IP do adversário. *Está transformando isso num jogo de soma zero?*

Tom respondeu com outra mensagem. *O que é um jogo de soma zero?*

Você é algum tipo de idiota?

Com certeza. Um idiota desequilibrado.

Pausa. E então: *Você. Eu já devia ter desconfiado.*

Devia, é?

Ninguém mais teria corrido o risco de destruir o satélite. Medusa pareceu acenar para ele com uma das asas. Tom teve certeza de

que ela se divertia com a situação, mesmo enquanto desviava da sua outra tentativa de se chocar contra a nave dela e destruir o satélite. *Só você para fazer isso. Ah, e eu.*

Com um rápido movimento da nave, ela arremessou o satélite na direção dele. Tom desviou bem a tempo de evitar a derrota certa, perdendo ao mesmo tempo a nave e o prêmio. Mas Medusa avançava em sua direção, tendo escolhido uma estratégia diferente: destruir a nave dele e, em seguida, fugir com o satélite. Tom reorientou a nave às pressas enquanto a nave de Medusa acelerava atrás, só aguardando o momento de atacar, pairando entre as estrelas como um predador calculista.

E quem eram os idiotas que pilotaram antes de você?, foi a mensagem dela.

Tom também mudou de estratégia. Se ela havia soltado o satélite, talvez ele pudesse tentar agarrá-lo numa rápida manobra, disparando em seguida em direção à Terra. Usou a rede de satélites americanos, tentando localizar a nova posição do satélite antigo. *É uma longa história.*

Prepare-se para um desfecho trágico.

Assim que Tom voltou a se orientar, seus sensores térmicos detectaram lixo espacial: Medusa tinha girado a nave e usado a força dos motores para lançar uma massa de aço em sua direção. O coração de Tom disparou, e ele não foi capaz de desviar a tempo. O aço fez sua nave estremecer, tirando-o da trajetória e obrigando-o a manobrar para baixo a fim de escapar de outra onda de destroços estelares que ela usava como arma improvisada. Medusa ultrapassou a nave de Tom e, de repente, desacelerou, tentando atingi-lo com o jato dos seus motores. Tom conduziu a nave para baixo, fazendo com que ela se afastasse para bem longe.

Ele tentou girar a nave e escapar dos sensores dela, mas a adversária deu meia-volta e se pôs de novo em seu caminho. Ele

olhou para os dados vindos da rede de satélites indo-americana, procurando por lixo espacial que ele pudesse usar como arma. Encontrou os restos de um telescópio orbital que poderia usar para danificá-la. Mas, quando tentou empurrá-la para o objeto, usando a força dos próprios motores, ela escapou com rapidez da armadilha ao recuar para a estratosfera, usando a gravidade para sair da trajetória do objeto, e foi o próprio Tom que quase se chocou com o telescópio.

Ele tinha consciência do coração sobressaltado dentro do peito, assustado com o desastre que quase sofrera. A rede de satélites russo-chinesa devia ser mais abrangente do que a rede indo-americana. Medusa parecia saber de todos os destroços espaciais disponíveis na área, onde encontrá-los e para onde levá-lo, conhecendo também os pontos que deveria evitar.

Ele sentia o corpo distante, os dentes cerrados diante da frustração, pois seria capaz de matar alguém para poder acessar os satélites russo-chineses e ver aquilo que ela via.

Foi então que se deu conta de que também poderia acessá-los.

Talvez uma pequena trapaça não fosse algo tão ruim.

Tom se afastou ainda mais do antigo satélite que os dois disputavam e decidiu arriscar. O vírus de Wyatt já tinha sido usado, mas ele se concentrou no próprio processador neural, zumbindo em sua cabeça, parcialmente consciente do que deveria fazer. Sentiu a conexão do processador com a internet e deixou o cérebro trabalhar. Aquelas faíscas de eletricidade se juntaram aos sinais em seu cérebro, os sinais do processador neural. Abandonou a própria carne. Tanto a nave que ele controlava quanto o corpo que lhe pertencia se tornaram distantes e frios, enquanto tateava freneticamente pela internet em busca do subsistema de satélites russo-chinês que ele sabia existir em algum lugar.

Sua consciência embarcou num satélite: antigo, com sensores térmicos primitivos. Não conseguia ver Medusa, nem se orientar, e decidiu saltar para o seguinte.

Foi nesse momento que aconteceu.

Seu cérebro se fundiu ao satélite, ou tentou fazê-lo, e ele encontrou outra mente buscando o mesmo que ele. Outra consciência, outro conjunto de impulsos neurais flutuando com liberdade pelo espaço, manobrando fora do alcance de um corpo físico.

Com o choque, Tom recuou para a nave e usou os sensores eletrônicos para observar a nave de Medusa no espaço, completamente abalado com o que tinha ocorrido. Havia nele um instinto muito perturbador, que lhe dizia estar ela fazendo o mesmo que ele.

Medusa lhe mandou uma mensagem. *Você é como eu.*

Tom ficou um segundo inteiro sem poder pensar, tão atordoado que seu cérebro e seu processador neural ficaram em um silêncio completo. *Somos iguais*, foi a mensagem de resposta.

E tudo fez sentido.

Medusa era extraordinária porque era mesmo extraordinária. Era capaz de acessar satélites. Conseguia entrar nos sistemas indo-americanos com a mesma facilidade com que usava os sistemas russo-chineses. Entrava nas máquinas assim como ele fazia. Antecipava os movimentos dos adversários porque via coisas que os demais combatentes não podiam ver. Podia até formar interfaces com as naves ao redor da sua, as que estavam conectadas à internet, mas não ao cérebro dela, porque era exatamente como Tom. Ela tinha a mesma habilidade que ele.

Como se essa revelação a tivesse eletrizado, Medusa o bombardeou com uma barragem de lixo espacial, ignorando por completo o satélite – como se tivesse percebido que Tom era uma

ameaça muito maior do que jamais havia suposto. Tom desviou do lixo (satélites velhos, pedaços de rocha) com muito mais facilidade, agora sintonizado ao mesmo sistema de satélites que ela e usando a mesma vantagem, recebendo informações dos satélites russo-chineses e indo-americanos direto no processador neural.

Em certo momento, Medusa desacelerou, obrigando-o a descer na direção de uma massa de granito que orbitava a Terra. Tom manobrou tão rápido para evitar o choque que acabou lançando sua nave em um giro fora de controle. Mas então seus sensores detectaram algo diferente: o satélite. Aquele que os dois disputavam, passando bem diante do alcance de seus sensores eletromagnéticos. Usou as garras da nave e o apanhou quando se aproximou do satélite, arrastando-o consigo para o azul da Terra.

Medusa começou a persegui-lo enquanto se aproximava da atmosfera do planeta, vendo os escudos térmicos se acenderem ao redor da nave e do satélite. Tom acelerou o mais que pôde ousar, tentando abreviar a descida, sabendo que, se corresse demais, corria o risco de queimar o satélite e também a própria nave.

Medusa se tornou cada vez mais perigosa, perigosa como nunca vira antes. Com a mesma sede de sangue que Tom demonstrara antes de ter o satélite em mãos. Ela acelerou atrás da nave dele, e Tom soube que aquela seria uma luta para evitar a destruição mútua. Medusa investiu contra ele, tentando provocar uma colisão. Tom desviou para evitar o choque, vendo que acelerava rápido demais, os sensores de calor se acendendo loucamente na nave. Diminuiu a velocidade, mas continuou a descida, preso pela gravidade, bem longe de Washington, DC, puxado na direção de uma caótica massa de nuvens tempestuosas.

Medusa recuou enquanto a nave de Tom mergulhava no olho da tempestade. Nuvens escuras o envolveram, e raios iluminavam tudo ao redor. A turbulência golpeava sua nave de todos os lados. Ele

ajustou o curso, evitando os relâmpagos, a luz lampejante que poderia acabar com tudo num segundo, e tentou voltar a acessar o sistema de satélites russo-chinês para se orientar...

E encontrou a consciência de Medusa à sua espera, habitando os satélites. Ela o atacou com violência inédita, arrancando-o dos sistemas de satélites e arremessando-o de volta ao caos geral da internet. Tom sentiu-se perdido, enquanto o cérebro tropeçava no emaranhado de conexões em meio a bilhões de máquinas, e Medusa o arrastava rumo ao desconhecido.

Novas conexões piscaram ao seu redor. Tom se viu no processador neural de Elliot Ramirez.

Conseguia ver a Rotunda pelos olhos de Elliot e também sentir o choque dele quando Medusa plantou um comando em seu cérebro. Elliot parou de fingir que controlava as naves, e seu corpo passou a prescrever piruetas, como se praticasse patinação artística no meio da Rotunda. Em frente a ele, Svetlana Moriakova ficou boquiaberta diante das piruetas e saltos, enfim cedendo ao riso.

Então, Tom se concentrou em Svetlana pelos olhos de Elliot, vendo o endereço de IP dela aparecer no centro de sua visão. Isso fez com que mergulhasse na direção do processador da russa, ordenando-lhe que abrisse a boca para gritar: *Devorarei sua alma! E me banharei no seu sangue!* Ele sentiu o rosto dela corar e viu pelos olhos da jovem os espectadores se entreolhando, perplexos diante do comportamento dos dois combatentes.

Então, ao pensar em sua nave, Tom voltou a controlá-la. Bastou uma manobra violenta para se libertar da tempestade. Sentiu a consciência de Medusa em seu encalço, disputando com ele o controle da nave. Percebeu a mente dela tentando acessar as garras e fazer com que a nave dele soltasse o satélite, jogando-o no oceano e destruindo-o antes que ele pudesse vencer.

Uma ideia brotou no cérebro de Tom. Se Medusa era capaz de acessar o processador neural de Elliot, e ele era capaz de acessar o processador de Svetlana, não seria possível acessar o processador dela? Abandonou a luta de garras e tentou acessar a nave de Medusa. Assim que estabeleceu uma interface, Medusa recuou para defendê-la.

Mas Tom não acessou a nave inimiga. Aquela fora uma estratégia apenas para despistar.

Em vez disso, mergulhou na conexão entre a nave e algum processador neural, o processador de Medusa que transmitia de algum lugar na Terra. Seguiu essa pista e se viu entrando numa rede em Washington, DC. Sua consciência penetrou na rede, passando pelas barreiras eletrônicas da Embaixada Chinesa e chegando ao subsistema de vigilância, dançando entre as muitas salas da embaixada. Encontrou uma sala particular, onde havia uma garota plugada a uma porta de acesso por um fio neural. Olhou pelas lentes das câmeras enquanto o cérebro humano tentava compreender a imagem que se formava.

À primeira vista, a garota de uniforme militar era quase como tinha imaginado: cabelo escuro e comprido preso numa trança, lábios carnudos e um rosto pequeno e delicado. Mas então a câmera a focou para revelar melhor seu rosto, e Tom enfim compreendeu por que o codinome dela era Medusa.

Personagem da mitologia cuja aparência era tão horripilante que os homens morriam se olhassem para seu rosto...

O restante do rosto dela era esburacado como a superfície da lua, inchado em torno dos olhos escuros. Uma das laterais do crânio parecia estar em carne viva, de onde o couro cabeludo havia sumido, uma massa de cicatrizes. Ela devia ter sido vítima de um acidente terrível. Os lábios e o nariz eram distorcidos e envergados para baixo, como se tivessem derretido e se fundido ao restante da

face. Tom se esqueceu por completo da luta durante um instante de perplexidade, enquanto olhava para a garota desfigurada que havia se tornado sua obsessão.

Mas, depois de alguns instantes, percebeu.

Sabia como vencer.

Tom quase não teve coragem de fazê-lo. Quase. Afinal, ele tinha mesmo sede de sangue. Seria arma apenas porque ela gostava dele, e porque ela sabia que ele gostava dela. Tom tinha consciência de que cruzaria um limite e jamais poderia recuar depois daquilo.

Outra parte do cérebro de Tom, ligada à nave, sabia que estava caíndo em Washington, DC. E perdendo o controle da nave enquanto Medusa tentava se apoderar dela. Ambos despencavam rumo à superfície, e um deles seria declarado o vencedor: e ele não podia perder. Estaria perdido. Blackburn o destruiria.

Mirou diretamente no coração.

Agora entendo por que a chamam de Medusa.

Ele apontou as câmeras para ela e deixou que ela sentisse enquanto as manobrava. Na Embaixada Chinesa, a garota desfigurada voltou ao corpo humano por tempo suficiente para arregalar os olhos e ver as câmeras logo acima. Um horror selvagem tomou o rosto dela.

Tom soube que era capaz de ser o vilão de quem Marsh precisava.

Quase sentiu o grito dela naquela outra consciência que tocava a sua, um jorro cegante de fúria e humilhação atacando o âmago do seu ser. Teve a certeza de que os pensamentos dela bradavam em sua cabeça:

Você estragou tudo! VOCÊ ARRUINOU TUDO!

Tom soube o que ela pretendia fazer antes que a consciência dela o permitisse. Seria impossível desviar quando ela avançou para a nave dele num ataque final e suicida; então, ele entregou tudo nas mãos do destino e soltou as garras, deixando que a inércia levasse o

satélite na direção do gramado do Smithsonian, no momento em que a nave de Medusa se chocou contra a dele.

Os sensores queimaram e houve apenas escuridão.

Os olhos de Tom se abriram e ele arrancou o fio do tronco encefálico.

Viu-se na sala secreta com o corpo inconsciente de Nigel diante da vasta tela que mostrava o interior da Rotunda. O público estava paralisado; Elliot não patinava mais e Svetlana tinha parado de gritar, todos olhando para a tela redonda logo acima, imaginando se Tom teria destruído o satélite.

A tela passou a mostrar o gramado do Smithsonian, onde o satélite fumegante jazia, intacto, perto dos destroços das duas naves. Uma bandeira americana cruzada por uma bandeira indiana, feito duas espadas, piscou na tela, indicando o vencedor.

Tom conseguira. Ele tinha vencido.

Os representantes indo-americanos se levantaram, exultantes, e Elliot agradeceu como um ator de teatro, recebendo os aplausos.

Tom deixou a cabeça pender, repousando-a no carpete. Ficou ali sozinho, pensando na garota que havia acabado de humilhar. A garota cujo segredo ele invadira contra a vontade dela. Tinha sido a maior guerreira do mundo, como Aquiles, e ele a atingira bem no calcanhar.

Não conseguia tirar da cabeça os olhos escuros e horrorizados de Medusa.

MINUTOS DEPOIS, o general Marsh e o tenente Blackburn abriram a porta.

– Excelente trabalho, sr. Raines... – Marsh parou onde estava, visivelmente chocado quando seus olhos aquosos depararam com a cena: Tom largado no chão ao lado de uma cadeira virada, Nigel encolhido perto da parede, um fio de conexão neural estendido sobre o carpete. – O que houve?

– Esse sujeito é a fonte do vazamento, general. – Tom indicou Nigel com um gesto da cabeça. Ele olhou para o outro rosto surpreso, sentindo o estômago contrair de puro ódio por Blackburn. – Quem sabe não seja melhor colocá-lo no dispositivo de varredura e ver com os próprios olhos! Ah, ele também tentou destruir a Agulha, se é que interessa.

Blackburn e Marsh trocaram olhares surpresos.

– Não recebi nenhuma mensagem – destacou Blackburn, cujos olhos encontraram os de Tom. – Esperava receber uma mensagem direta sua caso houvesse algum problema, Raines.

– Nem tive chance de mandá-la – disse Tom, defendendo-se.

Blackburn trancou a porta e, logo em seguida, ele e Marsh começaram a trabalhar juntos. Marsh ergueu a cadeira virada e pôs Tom sentado nela, levando o dedo ao comunicador em sua orelha para falar em voz baixa com a equipe, ordenando que deixassem o corredor vazio. Blackburn se ajoelhou para sentir o pulso de Nigel e depois se voltou para Tom. Este se obrigou a ficar parado enquanto

Blackburn desativava a sequência de imobilidade. Não conseguiu agradecer ao tenente.

– A rota de saída está pronta – disse Marsh a Blackburn. – Leve Harrison para a área de detenção e volte para a plateia antes que alguém repare na sua ausência.

– Sim, senhor. – Blackburn ergueu Nigel sobre o ombro e sumiu com ele corredor afora.

Tom viu a porta se fechar, aliviado ao ver que era Nigel quem seria arrastado para o dispositivo de varredura, e não ele.

Depois da breve explicação de Tom, Marsh o parabenizou, pôs a mão no seu ombro e o instruiu a esperar ali até que o público deixasse a Rotunda. Marsh voltou a sair da sala, e Tom o viu reaparecer em meio aos espectadores do duelo, começando uma longa rodada de apertos de mão com vários executivos da Coalizão. Tom olhou para o chão, pouco interessado em acompanhar a confraternização.

Um alívio inimaginável estava em conflito com a crescente consciência daquilo que havia feito para vencer. Nem pensou em comemorar sua primeira vitória contra Medusa. Só de pensar no desfecho do duelo, já se sentia mal.

Talvez fosse por isso que teve dificuldade em abrir um sorriso triunfal quando a porta se abriu de novo, desta vez para a entrada de Dalton.

– Quem convidou você? – perguntou Tom.

– O general Marsh sabe que sou amigo da sua família. – Dalton fechou a porta com um forte chute.

Em vez de retrucar o comentário dele, Tom provocou:

– Imagino que já saiba o que houve com Nigel.

– Você me surpreende, Tom. – Dalton deu meia-volta e pôs as costas contra a porta, de braços cruzados. – Mora no Pentágono,

mas ninguém o ensinou a respeito de uma doutrina chamada destruição mútua assegurada.

– Na verdade, a major Cromwell já mencionou isso, mas nossa destruição não é mutuamente assegurada, Dalton. Meu amigo Nigel... – Tom apontou com o polegar para a cadeira vazia atrás da sua – ...contou coisas muito interessantes antes de eu o nocautear.

Dalton respirou tão fundo que Tom pôde até ouvir.

Tom sorriu para ele com uma insolência descarada.

– Pois é, ele me contou que você o convenceu a vaziar os nomes e IPs da ComCam. Acho que existe uma palavra para esse tipo de coisa. Qual é mesmo? Ah, claro: traição.

– Você não pode provar nada do que está dizendo.

– Discordo. Você tem uma ou duas horas até que o tenente Blackburn coloque Nigel no dispositivo de varredura e descubra tudo a seu respeito.

– Sim, e ele repassará as informações que descobrir aos seus superiores, que falarão com os meus superiores. Depois de uma ou duas doações para campanhas políticas, teremos uma ordem do próprio presidente Milgram para jogar o caso para baixo do tapete. – Dalton sorriu feito uma serpente. – É assim que o mundo funciona.

– Pois bem. Então vou usar o dispositivo de varredura, recuperar minha lembrança de Nigel me contando a respeito do plano da Dominion para vaziar os nomes dos combatentes, o seu plano, e colocar tudo na internet. – Ele viu Dalton fazer uma expressão de dor, como se tivesse levado um tapa. Tom sorriu. – O mundo também funciona assim.

Essa ameaça surtiu efeito. Tom viu Dalton suar, incapaz de encontrar uma resposta. Ele sabia que a internet acabaria com as esperanças de enterrar um segredo. Por mais que fosse regulamentada, havia um número muito grande de programadores e centrais de acesso para que a Coalizão conseguisse controlá-la.

Dalton se recuperou.

– Você é mesmo muito ingrato. Eu lhe ofereci a maior oportunidade da sua vida.

– Ofereceu? Não acho que esse seja o termo correto, Dalton. Se fosse isso, eu teria tido escolha.

– Eu tive de obrigá-lo. Você era teimoso demais para cooperar! Poderia ter se tornado o próximo Elliot Ramirez se tivesse aceitado trabalhar comigo.

Tom levou os olhos até a tela, mostrando o interior da Rotunda onde Elliot estava ocupado celebrando e trocando amenidades com os figurões. Mostrando a mesma expressão a todos, sem revelar nada do que sentia por dentro, fazendo o jogo. Elliot parecia capaz de fazer isso; conseguia manter o sorriso no rosto sem com isso vender a alma.

Mas Tom não seria capaz de fazer o mesmo.

Sabia agora o significado de sacrificar uma parte de si em nome da vitória. Vira o quanto aquilo era sem sentido. Talvez tivesse salvo a si mesmo, Yuri e Wyatt ao ferir Medusa no coração; mas o gosto da vitória era amargo em sua boca, e a ideia de enfrentar o mundo sorrindo para pessoas que ele desprezava o fazia se sentir péssimo. Não seria capaz disso. Engasgaria com o sorriso. Não valia a pena tornar-se alguém na vida se isso significasse abrir um buraco na própria alma para conquistar um lugar ao lado de pessoas como Dalton.

– Elliot não é má pessoa. – Até Tom ficou surpreso ao admitir isso.

– Mas eu jamais desejaria ser como ele.

– Se pensa mesmo assim, você é tão tolo quanto seu pai.

– Meu pai não é um tolo.

– Sei tudo a respeito dele, Tom. Não consegue se firmar num emprego e, por isso, convence a si mesmo de que a solução é rebelar-se contra a sociedade. Como não consegue o sucesso, finge

que não é isso que deseja. Mas eu sei como são as coisas. A realidade, nua e crua, é uma só: todos querem ser Elliot Ramirez.

Tom o encarou, surpreso ao ver que Dalton não conseguia nem mesmo imaginar que uma pessoa não desse valor às mesmas coisas que ele. Mas por que aquilo seria surpreendente? Um sujeito como Dalton jamais entenderia alguém como seu pai. Neil tinha defeitos. Muitos, muitos defeitos. Mas havia coisas que ele enxergava com perfeita clareza. Nunca acreditara na importância da imagem e do poder. Nunca aceitara ser prisioneiro de uma sociedade que era mais forte do que ele. Mesmo depois de ser derrubado de novo e mais uma vez, nunca se entregara a vida à de "servidão corporativa". Seu pai era teimoso demais, orgulhoso demais.

E, pela primeira vez, Tom percebeu que aquilo era algo admirável. Era preciso coragem para ser alguém como seu pai; era preciso coragem para trilhar o rumo que o restante da sociedade não ousava seguir. Dalton Prestwick fazia o jogo exatamente como deveria ser jogado, e sequer percebia que aquilo era uma prisão. Tinha de viver toda a vida como Dalton Prestwick. Era realmente um destino pior do que qualquer coisa que Tom pudesse fazer contra ele.

Tom se levantou. Queria apenas tirar aquele homem de sua vida. Para sempre.

– A proposta é a seguinte, Dalton. Você fica longe de mim, entendeu? Eu e você nunca mais vamos nos encontrar. Não quero vê-lo nem mesmo na Agulha. Não interfira no cérebro de mais ninguém. Nem mesmo no de Karl, por mais que ele mereça. Se eu o vir passando gel no cabelo e usando perfume, vou dizer ao Pentágono que procure programas da Dominion Agra no processador dele. E quanto ao meu pai: para você ele não existe mais. Nunca mais mencione o nome dele.

Os olhos de Dalton se estreitaram, assumindo uma expressão calculista.

– Isso é tudo?

– Se fizer tudo isso, não vou mandar uma cópia da lembrança de suas falcatruas para ninguém. Mas, se não se comportar, vou botar tudo na internet. Eu juro.

– Certo. Negócio fechado. – Ele estendeu a mão.

Tom lhe deu as costas.

– Não vou apertar sua mão, Dalton. Suma daqui.

COMO TODO o pessoal da Agulha que não fazia parte da ComCam, Tom era um segredo de Estado. Assim, esperou na sala secreta até que todo o pessoal não ligado aos indo-americanos tivesse partido. Quando restavam no Capitólio apenas os militares e os representantes das empresas indo-americanas, foi encontrá-los.

Tom foi até a Rotunda e caminhou na direção de Elliot.

– E então, como foi?

O colarinho de Elliot estava manchado de suor. Ele o desabotoou, como se estivesse sufocando com aquilo.

– Lembra-se do que eu disse sobre o desejo de travar minhas próprias batalhas? Bem, pode esquecer. Fico feliz, ou melhor, contentíssimo, de ter um substituto nesses momentos. – Ele pôs a mão no ombro de Tom. – Bom trabalho, Tom.

– Ei – disse Tom –, eu não teria vencido se você tivesse sido destruído logo no começo. Você se virou bem contra Medusa, cara. Nada mal.

Elliot lançou para ele um olhar satisfeito.

– Obrigado. Ah, e Marsh já me contou a respeito de Nigel. Você salvou o dia, não? – Ele riu. – Um dos meus plebeus, salvando a pele de todo o mundo.

– Recebi ajuda. Foi o vírus de Wyatt que derrubou Nigel. Meu plano era trapacear. Mas não tive a chance de fazer isso.

Elliot olhou para os lados e depois se aproximou dele, cravando os olhos nos de Tom.

– Aconteceu algo estranho. Não sei explicar o que foi. Posso jurar que perdi o controle do meu processador por alguns momentos. Acho que Svetlana passou pelo mesmo.

Tom tentou apresentar uma desculpa rápida que fizesse Elliot esquecer a história toda.

– Talvez tenha sido apenas um...

– Raines.

A voz vinda de trás dele fez seu coração subir até a garganta. Cada um dos seus músculos se retesou. Ele se virou devagar, sentindo o ódio ferver dentro de si, e viu o tenente Blackburn a poucos passos de distância.

Acabo de vencer na reunião de cúpula do Capitólio, Tom disse a si mesmo. Não há nada que ele possa fazer contra mim.

E foi então que se deu conta do significado daquilo: não havia mesmo nada que Blackburn pudesse fazer contra ele. E Tom percebeu que ria, tomado por uma nova sensação de poder.

– É ótimo vê-lo – disse Tom. – Estava torcendo para ter uma oportunidade de conversar com o senhor.

Blackburn piscou, desconcertado, como se não soubesse como reagir. Tom ficou satisfeitiíssimo com a reação dele.

– Algum problema? – disse Elliot, olhando para os dois, a testa franzida.

– Problema nenhum. Vejo você mais tarde, Elliot. – Tom pôs as mãos no bolso e saiu da Rotunda, encaminhando-se para o corredor pouco iluminado e ladeado por estátuas logo adiante, sabendo instintivamente que Blackburn estaria em seu encaixe.

Assim que se viram longe do alcance dos ouvidos alheios, Blackburn exigiu:

– Por acaso eu o interrompi quando estava prestes a contar a Elliot Ramirez a respeito da sua habilidade especial?

Tom se voltou para ele, sentindo a raiva pulsar em suas veias. Nunca tinha odiado ninguém tanto assim.

– Não, senhor. Não deu muito certo da última vez que tentei contar a alguém, não é?

Os olhos de Blackburn se estreitaram.

– Você nem percebe a sorte que teve por ter sido eu o primeiro a descobrir isso.

– É mesmo – concordou Tom, sarcástico. – Foi mesmo muita sorte você tentar fazer meu cérebro em pedaços. Nem imagino o que uma empresa como a Obsidian, por exemplo, poderia fazer no seu lugar. Céus, poderiam pensar em algo maligno.

– Se tivesse apenas mostrado aquela lembrança...

– Esse assunto está encerrado! – rosnou Tom. – Não estou preso ao dispositivo de varredura! – Sua voz se converteu num sussurro venenoso. – Além disso, eu sei o que quer.

– Sabe, é?

– Tudo isso envolve a Obsidian e Vengerov. Ele acabou com um grupo de adultos na Rússia e veio aqui acabar com vocês. Aposto que deve ficar furioso ao ver que ele escapou impunemente depois de ter feito isso com você, enquanto você... bem, acho que Roanoke diz tudo.

O corpo de Blackburn ficou tenso.

– Sei de toda a história de Roanoke. – Tom se recostou na parede atrás de si. Observou atentamente o rosto de Blackburn com crueldade, parecendo ter gelo nas veias. – Entenda bem, isso não teve nada a ver com Wyatt. Ela *nunca* fugou nos seus arquivos pessoais. Na verdade, senhor, o único erro que ela cometeu foi confiar no senhor. Ainda bem que o senhor logo deu um jeito nisso. – Ele deixou as palavras ecoarem, sem tirar os olhos do rosto

impenetrável de Blackburn, e depois acrescentou: – Soube de tudo por causa de *Joseph Vengerov*.

Blackburn lançou um olhar rápido para trás, na direção da Rotunda que Vengerov tinha acabado de deixar, quase como se esperasse que ele surgisse sorratamente às suas costas.

Tom sorriu.

– Pois é, meu velho amigo Joe. Estive com ele certa vez no Beringer Club. E sabe de uma coisa? Foi só isso. Não existe nenhum experimento humano em andamento, nenhuma conspiração. Nunca escondi nada do senhor. Encontrei-me com Vengerov apenas uma vez. Mas não é má ideia dar início a uma conspiração com Joe, agora que o senhor me deu essa ideia. Talvez Joe e eu tivéssemos muito a dizer um para o outro. Afinal, imagino que nada poderia irritar mais o senhor do que ver Joe mais rico e mais poderoso, coisa que com certeza aconteceria se ele se apoderasse de uma “habilidade” como a minha. É preciso admitir que seria muito fácil voltar à Rotunda e contar tudo a ele.

Blackburn deu um passo ameaçador na direção dele, e Tom permaneceu apoiado contra a parede, recusando-se a ser intimidado.

– Isso seria a coisa mais estúpida que você poderia fazer, Raines. E viveria para se arrepender disso.

– Engraçado – disse Tom, a voz áspera. – Prefiro tentar a sorte com Joe antes de ter o cérebro despedaçado por você. E o fato de saber que isso deixaria o senhor furioso só me dá mais vontade de fazê-lo.

– Moleque tolo – murmurou Blackburn entredentes. – Acha que eu não poderia invadir seu cérebro e detê-lo?

Tom deu de ombros.

– Mas, se fizesse isso, não descobriria o outro segredo. Aquele que eu estava escondendo de você. Aqui está: não sou o único capaz de

fazer isso.

Blackburn deu um passo atrás como se tivesse pisado numa cobra venenosa.

– Há outros... – ele sussurrou. – É isso mesmo. A arma está aí, e não preciso ser eu a puxar o gatilho. Qualquer um de nós pode procurar Joe e entregar nossa habilidade à Obsidian, fazendo dele o executivo do ano. É claro que você pode me deter, mas não pode deter todos nós. Sabe o que eu acho que isso significa, senhor? Que você nunca mais vai se meter comigo.

Blackburn o observou por um longo e inquietante momento, obviamente tentando descobrir se Tom iria adiante com aquilo. Deve ter visto no rosto de Tom algo de que não gostou, porque ergueu as mãos e deu um passo para trás.

– Que seja. Não há mais nada entre nós. Vou deixá-lo em paz.

Tom se sentiu incendiar. Era tudo o que queria ouvir. Só faltou arrancar a cabeça de Blackburn... Na verdade, não achava que chegaria a tal ponto.

– O que está esperando? – perguntou Blackburn, impaciente. – Suma daqui, Raines. Suma da minha frente.

Tom balançou a cabeça, com as tripas fervendo.

– Não, não é assim que funciona. Eu venci. Nós dois sabemos disso. Isso significa que é *você* quem vai sumir da *minha* frente. *Senhor*.

Blackburn ergueu as sobrancelhas ao ouvir aquilo. Então, a expressão em seu rosto mudou, e a contrariedade em seus lábios parecia dizer algo como “me pegou”. Sem dizer mais nada, ele deu meia-volta e desapareceu no corredor, o som dos passos cada vez mais distantes parecendo uma rendição, constatação que encheu o peito de Tom de um sombrio sentimento de triunfo.

Às vezes as coisas simplesmente davam certo.

TOM CONVERSOU com Olívia assim que voltou à Agulha. Ela o aconselhou a esperar até a reunião seguinte da Comissão de Defesa para recuar na história do processo. Enfim veio a decisão: a Comissão de Defesa tinha analisado as provas nas lembranças de Nigel, atribuindo oficialmente a ele a responsabilidade pelo vazamento dos nomes e IPs confidenciais. Investigações adicionais envolvendo Tom foram proibidas.

Olívia apertou a mão de Tom quando ficou sabendo da notícia.

– Vencemos.

– Você salvou minha vida – disse Tom.

– Proteger vocês é o meu trabalho. Fico feliz por finalmente ter a chance de fazê-lo.

Limpar o próprio nome foi a parte mais fácil. Muito mais difícil foi fazer o pai desistir do processo.

Neil não conhecia os detalhes específicos, e entendia apenas que o filho estava sob algum tipo de ameaça na Agulha Pentagonal, o que era o bastante para enfurecê-lo. Jamais abandonaria o processo para recuperar a custódia do filho. Tom teve de se encontrar com ele por meio de um sistema de RV apenas para acalmá-lo, e Neil insistia em ver “meu garoto, do jeito que ele é”, e não “algum tipo de avatar virtual”.

Tom esperava que o pai escolhesse algum cassino ou o centro de Las Vegas como o local da conversa, mas, quando se plugou ao sistema de RV, encontrou-o no topo do Monte Everest, olhando para os imensos cumes nevados ao redor.

O pai parecia mais velho do que se lembrava, e também menor, em meio à alvura do cenário. Girou o corpo quando ouviu os passos de Tom cada vez mais próximos, esmagando a neve sob as solas dos sapatos. Ele olhou para o filho.

– Céus, é assim que você está hoje em dia?

– Digitalizei uma imagem minha hoje mesmo. – Tom olhou para si, consciente do quanto tinha mudado. – Foi apenas um estirão de crescimento.

– Seu rosto. Veja só. – Neil chegou mais perto. – Sua pele...

Os nós dentro do peito de Tom se soltaram, pois aquele era o seu pai. Não tinha que se preocupar com a conversa. Poderia fazê-lo entender seu ponto de vista.

– Banhos diários, pai. Isso ajuda. Recebeu o dinheiro que deixei no Dusty Squanto?

– Só quero que me diga que a pessoa que você passou para trás para ter o dinheiro mereceu o que teve – respondeu Neil, melindrado.

– Pode acreditar, mereceu sim.

Os olhos do avatar de Neil se estreitaram. Ele estudou Tom com atenção.

– Sorria, Tom.

– Sorrir? – repetiu Tom.

– É. Sorria.

Confuso, Tom sorriu.

– Erga as sobrancelhas – pediu Neil, os olhos atentos.

E Tom entendeu exatamente por que Neil lhe pedia aquilo: assim como ocorrera quando vira a entrevista com Elliot na TV, deve ter reparado em algo errado no rosto de Tom, nos seus movimentos, na forma com a qual o processador neural regulava suas expressões. A última coisa que o pai precisava saber era a respeito de um computador no cérebro de Tom.

– Pai – Tom mentiu –, isso é um avatar. Se pareço diferente, é porque esta é uma imagem projetada. Não é a aparência real do meu rosto.

– Tem certeza?

– Tenho. Os megapixels distorcem as coisas. É um procedimento bastante técnico, e acho que você não quer saber dos detalhes. – Tom não compreendia os aspectos técnicos, mas mexeu a cabeça como se soubesse tudo a respeito deles.

Neil coçou o queixo.

– Você sempre odiou esses espaços de RV, não é? – disse Tom.

– O mundo real é um lugar bem feio, Tom. Mas não vou me esconder dele. Seu avô era assim: prestava mais atenção num negócio chamado World of Warcraft do que em nós. Quero saber se você tem mesmo certeza, certeza absoluta a respeito do... – ele fez um gesto vago, mas Tom entendeu a pergunta. Era a respeito do processo.

– Sim, tenho certeza de que é melhor esquecer o processo. Passei por uma situação ruim, mas tudo melhorou. No fim das contas, decidi ficar na Agulha.

Neil abaixou a voz e chegou mais perto, como se, num espaço de RV, isso fizesse alguma diferença para alguém que estivesse escutando a conversa deles.

– Tem certeza mesmo, Tom? Se o exército estiver criando algum problema para você, vou descobrir uma maneira de ajudá-lo.

– Tudo bem, pai. Tudo já foi resolvido agora. Só precisava que você me desse uma forma de pressioná-los nessa situação. Eu estava... – Ele teve dificuldade em encontrar uma maneira de explicar o ocorrido de uma maneira que Neil pudesse compreender e valorizar, sem com isso revelar nada de confidencial. – Eu estava blefando.

– Blefando, é?

– É, fazendo uma aposta alta que valeria a pena ganhar. E ganhei.

O pai o estudou longamente. Então seus lábios se abriram em um sorriso, um gesto típico de um jogador para o outro.

– Aposto que sei qual era o objetivo do seu blefe.

Tom se perguntou qual seria a teoria dele.

– Sabe, é?

Neil se aproximou dele.

– Você queria participar da tal reunião no Capitólio, não é?

Tom ficou surpreso.

– Como é?

– Está em toda parte, vídeos mostrando como vencemos este ano. Bastou assistir uma vez para saber que o piloto não era aquele tal Ramirez. Voar direto para o satélite? Quando vi isso, soube imediatamente que se tratava do meu garoto.

– Como... Como você... – Tom se calou, percebendo que já havia revelado demais.

– Já vi você jogar milhares daqueles jogos. Acha que não sei como seu cérebro funciona, Tommy?

Tom cravou os olhos no colarinho do pai. Era verdade que Neil o tinha visto jogar muitas partidas ao longo dos anos. Teria reconhecido o seu estilo.

– Eu... fiquei sabendo de algo ontem – disse Tom. – Há rodadas de promoções duas vezes por ano, certo? Fiquei sabendo que serei promovido. – Nem sabia por que, mas quis que Neil soubesse disso. – Farei parte da Companhia Intermediária. Ainda não é a Companhia Camelot, mas quem sabe isso não esteja tão longe? Talvez um dia eu seja um dos codinomes que aparecem no noticiário.

Neil olhou para o horizonte, para a paisagem banhada pela luz do sol.

– Subindo na hierarquia, não é?

Tom observou o pai, de costas para ele, esperando algum comentário sobre prestar serviços à “máquina corporativa”.

Mas Neil o surpreendeu, dizendo:

– É uma pena que eu não possa estar presente para assistir.

Tom não conseguiu falar. Não foi capaz de dizer uma única palavra.

Fitou o horizonte, como o pai, consciente da dor que sentia no peito enquanto estava ao lado dele no topo do Monte Everest. Pela primeira vez, entendeu: ainda que o pai odiasse o que ele fazia, sentia-se orgulhoso dele mesmo assim.

—Cretino limitado.

As palavras de Vik, ditas alguns dias antes enquanto esperavam em posição de sentido do lado de fora da porta que conduzia à Sala Lafayette, fizeram Tom saltar.

– O que foi agora?

– É o seu novo apelido – disse Vik.

O tão aguardado equivalente masculino de Bruxa Maligna não fazia muito sentido para Tom. Os doze plebeus em formação começaram a marchar para dentro da sala. O cérebro dele continuava tentando compreender a referência. O que ele queria dizer com “limitado”?

– Seu processador não sabe a resposta, certo? – Vik arqueou as sobrancelhas enquanto as portas se abriam diante deles. – Escolhi o nome pensando justamente nisso. E fizemos um acordo: você precisa responder sempre que for chamado.

Tom riu.

– Está bem, Vik, mas nenhum apelido no mundo pode ser pior do que Indiano Bem Temperado.

– Desejo a você uma morte lenta, Tom.

Tom riu enquanto entravam marchando na Sala Lafayette, passando pelo corredor em fila única. Na parte dianteira da sala, Marsh, Cromwell e Blackburn esperavam no palco. O restante dos recrutas fazia posição de sentido em frente aos bancos, prontos para a cerimônia.

Os olhos de Tom encontraram os de Yuri na seção dos plebeus, e o amigo respondeu com um leve sorriso. Por mais que Yuri tivesse se esforçado para se mostrar contente ao saber que todos os seus amigos seriam promovidos, aquilo obviamente o incomodava. Primeiro ele fora embaralhado, e agora, isto: mais uma confirmação de que ele não tinha a menor chance de subir na hierarquia. Tom se voltou para o palco e levou ao rosto uma expressão formal, rígida, do tipo hora-de-receber-uma-promoção. Uma rápida olhada para Vik revelou que o amigo fazia o mesmo, esforçando-se tanto para parecer sério que, na verdade, tinha cara de quem estava com prisão de ventre.

Fizeram fila diante do palco enquanto Marsh fazia um discurso sobre o patriotismo. Os olhos da major Cromwell pareceram se fechar, como se estivesse quase caindo no sono. E Blackburn se mantinha firme em sua posição, como se se preparasse para se sentar na cadeira do dentista para receber um tratamento de canal.

Os melhores músicos entre os recrutas tocaram uma marcha quando o discurso chegou ao fim, e os plebeus que receberiam promoções subiram no palco, um atrás do outro. Vik foi o primeiro a receber a promoção: um chip neural com atualizações de software preparadas por Blackburn, uma nova insígnia entregue por Cromwell e, por fim, um aperto de mão do general Marsh. Tom observou o rosto de Vik enquanto ele descia do palco em busca de algum sinal de orgulho, mas percebeu que havia algo de errado. Ele parecia estar um pouco pálido. Foi só quando os olhos de Vik encontraram Yuri na seção dos plebeus que Tom percebeu o motivo: Vik estava preocupado com a traição que haviam cometido juntos. Wyatt foi a próxima a se colocar diante de Blackburn, cujo rosto parecia petrificado. Ela evitou os olhos do tenente, que se manteve focado em um ponto acima da cabeça dela enquanto entregava em suas mãos o chip neural com novas atualizações de software. Ela ficou

tão ansiosa que quase tropeçou na hora de receber a nova insígnia de Cromwell.

O nome de Tom foi o último a ser chamado. O maxilar de Blackburn se retesou. Ele olhou para o garoto com intensidade, sem piscar, enquanto entregava o chip neural. Tom o recebeu, e decidiu que pediria a Wyatt para verificar cada pasta daquele chip, cada arquivo, antes de plugá-lo ao cérebro. Reparou na satisfação no rosto de Cromwell enquanto trocava a antiga insígnia de plebeu, na gola da túnica, pela nova: a mesma águia, mas agora com duas linhas semelhantes a flechas logo abaixo das garras, em vez de apenas uma. Marsh apertou a mão dele, cheio de orgulho.

Com o fim da cerimônia, todos aplaudiram os recém-promovidos, e Tom reparou na reação dos membros da Companhia Camelot, todos reunidos na primeira fileira. Os lábios de Karl se moviam, mostrando sua insatisfação. Então Elliot o cutucou, fazendo com que começasse a bater palmas sem nenhuma vontade.

Enquanto Heather aplaudia, o olhar dela encontrou Tom e se fixou nele... que logo percebeu não conseguir também tirar os olhos dela. Ainda havia algo de encantador na intensidade de seu olhar. Ele conseguiu afastar os olhos da garota, as orelhas cada vez mais quentes e sentindo-se um tolo. A banda tocou enquanto deixavam a sala, e os recrutas ali reunidos ficaram em posição de sentido.

Tom sentiu que podia respirar de novo ao chegar no saguão principal sob as imensas asas abertas da águia dourada. Vik vinha logo atrás dele, tenso, e Tom se virou para lhe dar uma cotovelada, na esperança de fazê-lo relaxar e devolver vida a seu rosto, esquecendo o que quer que o preocupasse.

– Vamos lá, cara. Ânimo. Os Doutores do Destino não devem se preocupar com nada.

Vik se voltou para ele, abaixando a voz até praticamente sussurrar.

– Tom, e se nos arrependermos disso?

– Como assim? Acha mesmo que Yuri é um espião maligno? – disse Tom, no mesmo volume.

– Não, é que... – Vik olhou ao redor com rapidez, conferindo mais uma vez se não havia ninguém perto deles. – Ora, Tom! Fizemos algo que não tínhamos o direito de fazer. Isso é traição.

Depois de ter sobrevivido ao dispositivo de varredura e vencido a disputa na reunião de cúpula do Capitólio, Tom tinha ficado com a sensação de ser invencível. Já havia enfrentado tudo e triunfara.

– Escute, se formos cuidadosos, ninguém saberá de nada. E, se começarem a suspeitar de algo, pediremos a Wyatt que volte a embaralhar o cérebro dele. E, se nada disso funcionar, assumirei a culpa, certo? Seu pescoço está salvo. O idiota serei eu.

Isso pareceu fazer Vik relaxar. A voz dele voltou ao volume normal.

– Ora, é claro que o idiota é você, Cretino Limitado.

– O que é um cretino limitado? – indagou Tom, cansado do apelido.

– Uma redundância. – A voz de Wyatt veio de trás deles. Ela emergiu da multidão que estava no saguão, com Yuri atrás de si. – Uma “pessoa pouco inteligente de entendimento limitado”.

Tom resmungou.

– É isso, Vik?

– O fato de você precisar que Wyatt explique tudo a você confirma minha teoria do “entendimento limitado” – argumentou Vik.

Wyatt falou:

– Está chegando o recesso geral. Será que podemos fazer algo na nossa última noite? Algo que não seja ficar por aqui?

Yuri sorriu, empolgado, encantado com a namorada.

– Seria apropriado se saíssemos para comemorar. Descobri um ritual digno das promoções, uma espécie de batismo no mar. Chama-se “wetting down”.

– Batismo de mar? – perguntou Wyatt. – Vai nos pagar alguns drinques e nos jogar na água?

O sorriso de Yuri sumiu dos lábios dele.

– Pensei em pagar um jantar a todos.

– Aceito o jantar, mas esqueça a parte do banho.

– É – disse Vik, concordando com Wyatt pela primeira vez. – Todas as empresas do mundo jogam seu lixo no Atlântico. Teríamos filhos com cinco braços.

– Eles poderiam formar bandas de uma só pessoa – Tom disse a Vik.

Ele viu as possibilidades iluminando o olhar de Vik.

Wyatt se queixou.

– Nada de jogar ninguém na água! Mas aceitamos o seu jantar, Yuri. – A voz dela mostrava que a decisão tinha sido tomada.

Os outros subiram para mudar de roupa nos quartos. Tom continuou por lá, olhando para a águia dourada, impressionado ao lembrar que a ave parecia olhar para ele no seu primeiro dia na Agulha. Ela parecia tão intimidante. Mas agora parecia menor, inexplicavelmente. Ou talvez ele é que tivesse crescido.

Uma sombra se aproximou sobre o chão de mármore atrás dele. Tom se voltou e encontrou olhos castanhos claros e um sorriso capaz de derrubar uma nave espacial.

– Heather.

– Parabéns, Tom. Eu sabia que você chegaria longe aqui.

– Ah, está falando da promoção? – Tom tocou sua nova insígnia. – Pois é, obrigado.

– Não, estou falando do seu outro feito. – Ela lhe deu uma piscadela, e ele logo entendeu que ela se referia à vitória no Capitólio. – Parece que um dia você vai se juntar a nós na ComCam.

Tom endireitou o corpo e a encarou, fascinado pela ideia. Parecia mesmo que aquele seria o seu destino, não? O olhar de Marsh no

palco, a reação dele, a amizade com Elliot, e agora isto... Ele chegaria lá. Era apenas questão de tempo.

– Vai sair com seus amigos? – Heather se aproximou. – Pensei em levá-lo a algum lugar para lhe dar os parabéns. – Ela soltou um suspiro que agitou os fios do seu cabelo. – É claro que também me pediram para conversar com você sobre futuras oportunidades com a minha patrocinadora, Wyndham Harks, mas, na verdade... – Os olhos dela se dirigiram para baixo e, em seguida, voltaram a subir, num movimento que o fez perceber o quanto seu coração batia rápido. A voz dela parecia um pouco ofegante ao dizer: – Estou apenas feliz por ter uma desculpa para ficar perto de você.

O brilho nos olhos dela, cor de âmbar, convidavam-no a fazer algo impulsivo. Tom se viu de repente com dificuldade para respirar, totalmente consciente de como ela estava perto dele... perto o bastante para sentir o cheiro do seu xampu. Coco. Ele percebeu que ela ainda tinha aquele poder: ainda era capaz de fazê-lo sentir-se como o garoto tímido daquele primeiro dia na Agulha, em êxtase com o fato de uma garota estar conversando com ele. Talvez ela nunca perdesse aquele poder.

De repente, o cérebro de Tom voltou a funcionar, e ele se viu respondendo a Heather com um aceno negativo com a cabeça.

– Sinto muito, há algo que preciso fazer.

TOM NÃO SABIA por que naquela noite seria diferente. Ele tinha se plugado ao sistema de RV todos os dias desde a reunião de cúpula no Capitólio. Não sabia ao certo por que aquilo era tão importante, aquela esperança de encontrá-la. Tinha consciência de que havia destruído qualquer chance que um dia tivera com Medusa e mesmo que não tivesse... que não tivesse visto... o fato era que a linda garota chinesa que ele construía na imaginação não existia. E ela também sabia que o sujeito que conhecera na internet não existia.

Será que algo poderia tê-la preparado para a pessoa que ele revelara ser? Nada nas conversas deles, nas batalhas que travaram, naqueles momentos em que sorriram um para o outro em meio às lâminas da espada, poderia tê-la preparado para a verdade a respeito dele: alguém capaz de fazer algo tão cruel, tão pessoal, tão baixo... simplesmente para derrotá-la?

O pensamento incomodava Tom e, por isso, ele tentava não pensar. E talvez ele se mostrasse uma pessoa melhor se a deixasse em paz depois do que ocorrera. Mas sempre que fechava os olhos, ainda a via voando, combatendo com uma ferocidade genial. E ainda se lembrava daquele beijo.

Por isso voltou à internet. Plugou-se do quarto. Talvez fosse excesso de confiança e irresponsabilidade, mas agora ele não conseguia mais temer quase nada depois do que houvera na reunião de cúpula do Capitólio. O general Marsh o tinha chamado até sua sala para lhe dar novamente os parabéns. Os membros da ComCam haviam começado a acenar para ele nos corredores, e os membros mais graduados da Divisão Alexandre tinham passado a falar com ele, como se agora fizesse parte de um clube que ele nem sabia dizer qual era. O tenente Blackburn tomava o cuidado de não incomodá-lo nas aulas, nem mesmo ao fazer demonstrações. Em vez disso, adquirira o hábito de observar Tom do outro lado do refeitório, do outro lado do saguão, sem jamais lhe dizer nada.

Assim, Tom deitou-se na cama e conferiu o fórum de mensagens, visitando em seguida as simulações que os dois costumavam frequentar. O castelo de pedra de Siegfried e Brunhilde estava vazio, sem nenhuma rainha da Islândia à espera, de espada em punho. Nenhuma sorte no RPG da rainha egípcia e do ogro. Preparado para a frustração, entrou na simulação da Inglaterra da Renascença, e se viu assumindo o personagem designado.

Estava novamente enfrentando Medusa.

A inimiga estava ao lado de um trono no centro da corte real inglesa, de costas para ele, com cortesãos virtuais ocupados com seus afazeres em todos os lados. Tom ficou diante dela, sentindo cada músculo retesar com a tensão. Ele olhou para o próprio personagem, e a simulação o informou que se tratava de Robert Devereux, Conde de Essex. Quando Medusa se voltou para ele, Tom deparou não com a linda princesa ruiva, e sim com o rosto envelhecido daquela que o programa identificou como a Rainha Elizabeth I aos sessenta e sete anos. Seus lábios finos se curvaram para baixo, e os olhos frios reluziram como pedras de ônix, escuros e duros.

Tom fechou os olhos, recebendo na cabeça uma torrente de informações.

O jovem Conde de Essex bajulava e flertava com a Rainha Elizabeth, muito mais velha. Ele se valeu da afeição da monarca e a traiu. Quando começou a perder a preferência dela, lutou contra os guardas reais e invadiu o quarto da soberana. Entrou antes de ela ter se aprontado para a corte com a maquiagem e viu o rosto envelhecido dela, o cabelo grisalho sem peruca. Toda a insinuação de interesse desapareceu num instante. Pouco depois, ela ordenou que fosse decapitado.

Ela devia ter editado aquilo. Era direto demais. Tom abriu os olhos outra vez e a contemplou, sem vacilar.

– Preciso conversar com você.

– O que você poderia ter para me dizer? – A voz dela era fria.

Estava preparado para aquilo. Mexeu os dedos, acessou um arquivo de imagem, tirado do banco de dados da Agulha. Seu personagem, o Conde de Essex, sumiu, substituído instantaneamente por outro: o Tom Raines que chegou à Agulha. O garoto baixinho e magrelo cheio de espinhas no rosto, cabelo loiro e despenteado, postura corcunda. Tom ficou parado diante dela como

aquele sujeito, o mesmo sujeito que ele tinha jurado jamais lhe mostrar, então abriu bem os braços para que ela o visse em toda a sua... bem, sua completa falta de beleza, charme e encanto.

– Esse sou eu. Está bem?

– Esse não é você. – Medusa moveu a mão enrugada de Elizabeth, e a aparência dela mudou. Um garoto que Tom quase não reconheceu surgiu no lugar.

O garoto era ele. Tom como era atualmente. Um rapaz mais alto, de pele limpa, olhos azuis e frios, que mantinha uma postura confiante controlada por um processador neural, cujos músculos tinham sido trabalhados durante os exercícios físicos, cuja autoconfiança irradiava de cada ângulo do rosto.

Tom olhou para essa outra imagem de si com a sensação de estar vendo um desconhecido.

– Quando foi que me viu?

– Usei as câmeras de segurança do Beringer Club.

Tom arqueou as sobrancelhas: era impossível que Medusa não percebesse a ironia.

– Sim, sou uma hipócrita. Isso não muda nada. – Medusa se acomodou no trono. – Você não podia fazer aquilo. Não podia me atingir daquela maneira, me ferir direto no coração daquele jeito, e agora estar aqui sendo simpático.

– Eu só queria consertar as coisas.

– Então, deixe-me odiá-lo.

Ele teve a sensação de ter levado um soco.

– Agora você me odeia?

Medusa ergueu um dedo, e Tom viu-se transformado na nova imagem de si. Ela se transformou na garota que ele vira em um relance, e Tom teve de lutar contra o impulso de desviar os olhos. E lutou também contra o impulso de observá-la fixamente. Sentiu-se preso pelos olhos que brilhavam naquele rosto destruído. Era

incapaz de imaginar como seria viver daquele jeito. Como um monstro.

– Você nunca... sabe? – Ele disse o restante de uma vez. – Nunca tentou consertar?

Por um momento de silêncio, ela apenas observou o desconforto dele.

– Oito cirurgias. Cinco enxertos de pele, dois transplantes de rosto. Depois do enxerto neural, cheguei ao limite. Já estava exausta. Não me incomodava mais até você surgir. Até você me deixar fingir que era normal.

– Sinto muito. – Foi a única coisa que ele foi capaz de pensar em dizer.

Medusa deu de ombros.

– Não posso culpá-lo.

Agora ela se afastava, caminhando para uma porta na parede mais distante. Depois que ela a transpusesse, ele nunca mais a veria novamente, Tom tinha certeza daquilo.

Ele avançou na direção dela, afoito.

– Eu tinha que vencer. Tinha. Pensaram que eu fosse um traidor e, por isso, tinha de vencer, caso contrário... perderia o processador neural e iria parar na prisão, entende? Vamos! Não... Não havia outra maneira. Não poderia ter pedido a você que perdesse para me salvar!

Ela se voltou para ele com os olhos em chamas.

– Talvez eu tivesse atendido o seu pedido.

Tom sentiu a garganta se fechar.

– Não teria, não. – Ninguém faria aquilo. Ninguém.

– Parece que você nunca vai saber a resposta. Mas devo avisá-lo, Mordred: na próxima batalha, vou lhe dar uma surra tão grande que, em seguida, vai parecer que sou bonita perto de você.

O incômodo de Tom se desfez em seu peito. Havia naquele comentário uma promessa implícita, que talvez fosse para ela uma ameaça: eles voltariam a se encontrar.

Ele sentiu os lábios formando um sorriso. Ele aceitaria o desafio. Acreditaria na promessa.

– Você pode tentar.

Os lábios de Medusa mostraram aquele sorriso desafiador e, por um segundo, ele a reconheceu; percebeu que a conhecia num nível profundo, assim como a reconhecera por trás do rosto de Brunhilde, sob o capacete de Aquiles, ou naquela nave manobrando no espaço. Em seguida, ela sumiu. A simulação escureceu ao redor dele. Tom puxou o fio neural, conservando na cabeça a imagem do perigoso sorriso de Medusa.

Um punho esmurrou a porta, e então Vik, Yuri e Wyatt entraram juntos.

– Vamos logo, cara, estamos morrendo de fome – disse Vik. – De acordo com minhas estimativas, estamos a dez minutos de cometer canibalismo.

– É verdade – Yuri bateu na cama de Tom. – E não serei eu o devorado. Estou pagando o jantar.

Vik confirmou com um gesto da cabeça.

– E não será a Wyatt, pois pareceríamos uns idiotas se matássemos e comêssemos uma garota. E não serei eu, pois foi tudo minha ideia. Portanto, só resta você, Tom. Morto por canibais indo-russos. Beamer adoraria essa.

– Indo-russos? – protestou Wyatt. – Quer dizer que eu não vou comer, é isso?

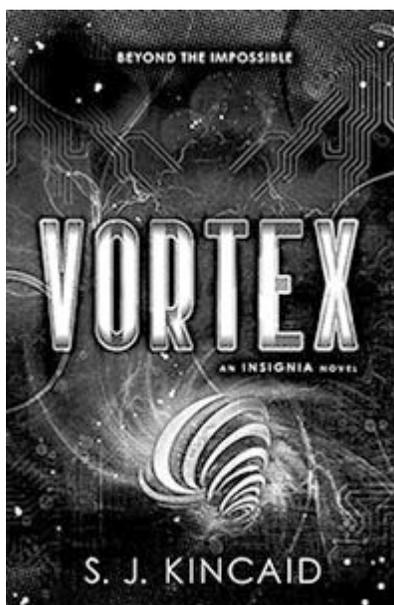
Vik ergueu as mãos, exasperado.

– Imagine, Enslow. O que está pensando? É claro que você pode dividir o Tom com a gente. Mas é que canibais indo-russo-americanos parecia bizarro demais.

Tom devolveu o olhar deles, cheio de expectativa, com o próprio sorriso. Um ano atrás ele não esperava ter um futuro. Nunca imaginara ter amigos. E com certeza não esperava ter de dizer a alguém:

– Chega, chega, ninguém vai me devorar, certo? Estou pronto. Podemos ir.

NÃO PERCA
EM BREVE
O SEGUNDO LIVRO DA TRILOGIA



[capa da edição americana]



CURTA A FANPAGE DO INSÍGNIA NO
FACEBOOK

Prêmios, conteúdo exclusivo e muito mais.

facebook.com/insigniaarmasecreta

www.vreditoras.com.br
facebook.com/vreditorasbr